

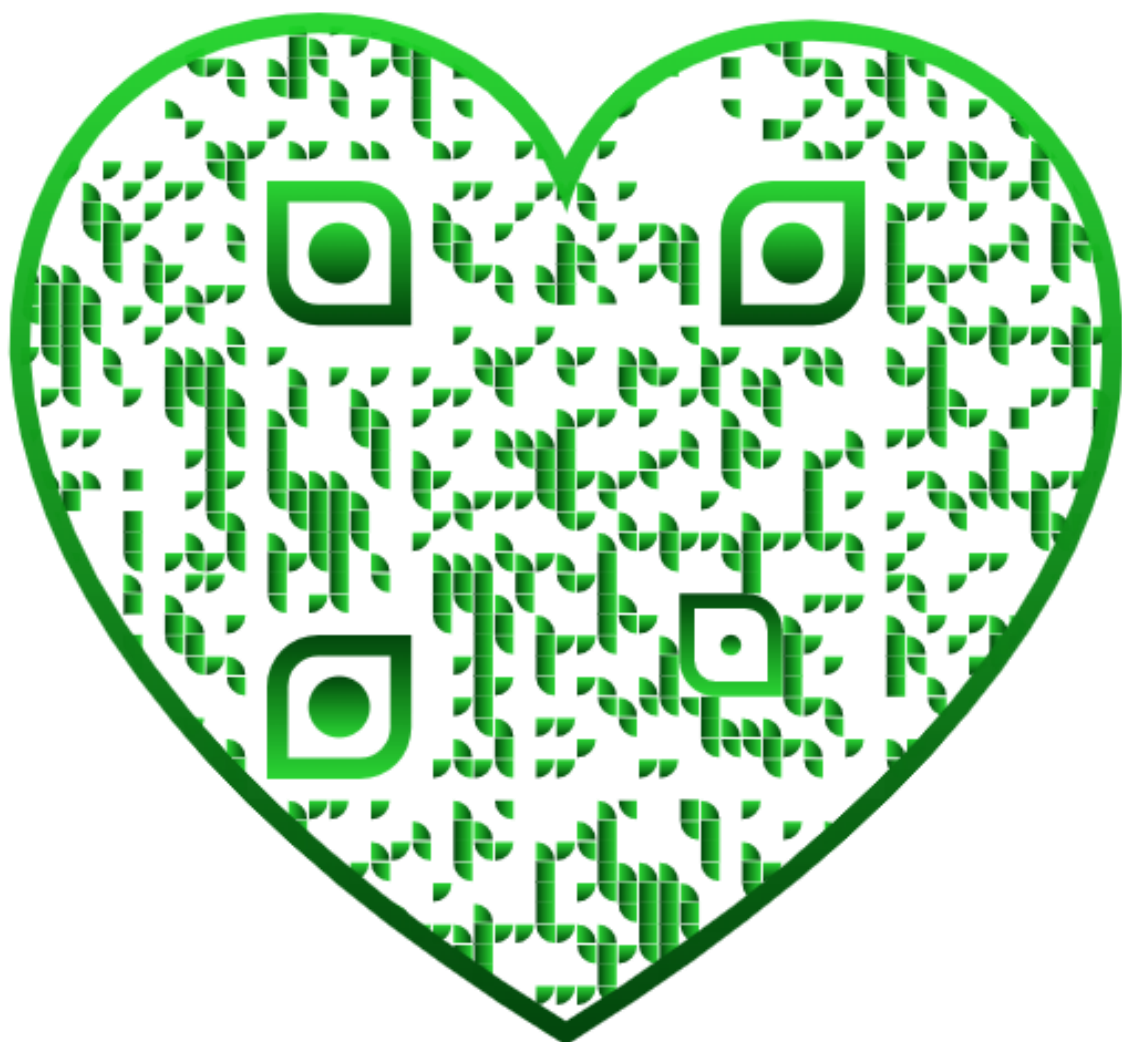
A ILHA DOS ESPÍRITOS

DA AUTORA DE A PRINCESA DE GELO

CAMILLA LÄCKBERG



D. QUIXOTE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





CAMILLA
LÄCKBERG

A ILHA
DOS
ESPÍRITOS

Fyrvaktaren (The Lost Boy)
2009

Título original: Fyrvaktaren

Título português: A Ilha dos Espíritos

O Autor: Camilla Läckberg

Tradução do inglês: Ricardo Gonçalves

Capa: Rui Garrido

Revisão: Ana Lúcia Parga

ISBN: 9789722055130

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide — Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2009, Camilla Läckberg

Publicado originalmente por Bokförlaget Forum, Suécia

Publicado em Portugal por acordo com Nordin Agency AB, Suécia

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Este livro foi traduzido segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

Para Charlie

SÓ QUANDO PÔS AS MÃOS NO VOLANTE é que percebeu que estavam manchadas de sangue. Sentiu as palmas pegajosas contra o revestimento de couro. Mas ignorou o sangue quando engrenou a marcha atrás e, precipitadamente, recuou no acesso para carros. Ouviu o ruído da gravilha a ser projetada pelos pneus em todas as direções.

Tinham uma longa viagem pela frente. Olhou de relance para o banco de trás. Sam estava a dormir, enrolado num cobertor. Devia ter-lhe colocado o cinto de segurança, mas não teve coragem de acordá-lo. Teria simplesmente de conduzir com o maior cuidado possível e aliviou imediatamente a pressão sobre o acelerador.

Era verão e a noite já começara a clarear. Naquela época do ano, a escuridão acabava praticamente antes de ter começado. Contudo, naquela noite parecia não ter fim. Tudo mudara. Os olhos castanhos de Fredrik fitavam rigidamente o teto e ela percebeu que não havia nada que pudesse fazer. Tinha de salvar-se a si mesma e de salvar Sam. Não podia pensar no sangue. Não podia pensar em Fredrik.

Havia apenas um lugar para onde poderia ir.

Seis horas mais tarde chegaram ao seu destino. Fjällbacka começava a despertar. Estacionou o carro perto do edifício da Guarda Costeira, ponderando por um momento como conseguiria levar tudo. Sam ainda estava a dormir. Tirou uma embalagem de lenços de papel do porta-luvas e limpou as mãos o melhor que pôde. Foi difícil retirar todo o sangue. Depois tirou as malas do porta-bagagem e arrastou-as rapidamente para Badholmen, a ilha com a plataforma de mergulho onde o barco estava atracado. Temia que Sam pudesse acordar, mas tinha trancado o carro para que o rapazinho não pudesse sair e cair à água. Com esforço, arrumou a bagagem a bordo e destrancou o cadeado que impedia o barco de ser roubado. Então regressou ao carro a correr, aliviada ao ver que Sam estava a dormir tão calmamente como quando o deixara. Pegou nele e levou-o, ainda envolto no cobertor, até o barco. Quando subiu a bordo, para não escorregar, manteve os olhos fixos nos pés. Cuidadosamente, colocou Sam no convés e depois rodou a chave na ignição. O motor tossiu, mas pegou à primeira. Embora não conduzisse uma lancha há muito tempo, tinha certeza de conseguir manobrá-la. Fez o barco recuar no lugar de atracação e depois começou a dirigir-se para fora do cais.

O sol brilhava, mas ainda não tivera tempo de aquecer o ar. Sentiu a tensão dissipar-se lentamente e o horror da noite perdeu um pouco do seu domínio sobre ela. Quando olhou para Sam perguntou-se se o que acontecera o marcaria para o resto da vida. Uma criança de cinco anos era um ser frágil. Quem sabe o que poderia ter sido destruído dentro dele? Faria tudo o que estivesse ao seu alcance

para que o filho recuperasse completamente daquele trauma. Afastaria o mal com um beijo, como quando Sam caiu da bicicleta e arranhou o joelho.

A rota através do mar era-lhe familiar. Conhecia cada ilha, cada skerry*. Manobrou a lancha na direção de Väderöbad, afastando-se cada vez mais da costa. As ondas foram ficando cada vez maiores e o casco do barco batia contra a superfície do mar depois de galgar cada vaga. Gostava da sensação dos salpicos da água salgada no rosto, permitindo-se fechar os olhos por alguns segundos. Quando os abriu novamente pôde ver Gråskär ao longe. O coração saltou-lhe no peito. Era o que acontecia sempre que via a ilha e avistava o pequeno chalé e o farol, branco e orgulhoso contra o céu azul. Ainda estava muito longe para ver a cor da casa, porém, na sua mente, imaginou o cinzento-claro da fachada e o branco dos caixilhos da porta e das janelas. Pensou também nas malvas rosas que cresciam ao longo da parede mais abrigada do vento. Aquele era o seu refúgio, o seu paraíso. A sua ilha: Gråskär.

øøø

Não havia um único banco da igreja de Fjällbacka que não estivesse ocupado e a capela-mor transbordava de flores. Coroas, buquês e belas fitas de seda com palavras de despedida gravadas.

Patrik quase não conseguia olhar para o caixão branco que estava no meio de um mar de flores. Reinava um silêncio assustador no interior da grande igreja de pedra. Nos funerais de pessoas de idade ouvia-se quase sempre um zumbido de vozes. Eram trocados comentários como “Ela tinha tantas dores que foi uma bênção” e outros do gênero. E todos ansiavam pelo café que seria servido na igreja depois da cerimônia. Mas hoje, nada disso se passava. Todos permaneciam em silêncio, com um aperto no coração e um sentimento não verbalizado de injustiça. Aquilo não devia ter acontecido.

Patrik aclarou a garganta e percorreu o teto com o olhar, piscando os olhos para tentar afastar as lágrimas. Apertou a mão de Erica. O fato que usava era áspero e picava, e Patrik aliviou o colarinho da camisa para se refrescar. Sentia-se a sufocar.

Os sinos na torre começaram a repicar e o som ecoou pelas paredes. Muitos dos presentes na igreja tiveram um sobressalto e olharam para o caixão. A pastora Lena saiu da sacristia e caminhou até o altar. Fora Lena quem os casara naquela mesma igreja. O casamento parecia ter acontecido noutra realidade. Na altura havia exaltação no ar, reinavam a alegria e a luz. Agora, a pastora parecia

sorumbática. Patrik tentou interpretar a sua expressão. Também estaria a pensar que tudo aquilo estava errado? Ou estaria plenamente convicta de que havia algum significado por detrás do que tinha acontecido?

As lágrimas vieram-lhe novamente aos olhos e Patrik limpou-as com as costas da mão. Erica passou-lhe discretamente um lenço. Os últimos acordes do órgão extinguiram-se, seguindo-se alguns segundos de silêncio antes de Lena começar a falar. A voz da pastora estremeceu um pouco, mas depois foi ganhando firmeza.

— A vida pode mudar num instante. Mas Deus está conosco. Hoje e sempre.

Patrik viu os lábios de Lena moverem-se, mas depressa deixou de ouvir. Não queria ouvir o que ela tinha para dizer. A ténue fé religiosa que o tinha acompanhado ao longo da vida, desde criança, tinha agora partido para sempre. Não era possível encontrar qualquer sentido no que tinha acontecido. Apertou novamente a mão de Erica.

— É com orgulho que informo que estamos cumprindo o prazo. Dentro de pouco mais de duas semanas, o Hotel Badis será reaberto em Fjällbacka com todo o esplendor.

Erling W. Larson fez um sorriso rasgado enquanto olhava para cada membro do conselho municipal, como se esperasse aplausos. Teve de contentar-se com alguns acenos de aprovação.

— Trata-se de um verdadeiro triunfo para a região — esclareceu. — A renovação completa do que podemos, com toda a propriedade, considerar um ícone histórico inestimável. Ao mesmo tempo, podemos agora oferecer às pessoas um moderno e competitivo centro de bem-estar. Ou spa, que talvez seja uma palavra mais correta para o descrever. — Com as mãos, Larson esboçou no ar um sinal de aspas para aquela palavra que era estranha para muitos suecos. — Faltam apenas uns retoques finais, convidar várias empresas para experimentar os serviços antes da abertura e, claro, tratar dos preparativos para uma festa de inauguração em grande.

— Isso são ótimas notícias. Mas tenho algumas questões a colocar. — Mats Sverin, que tinha assumido o cargo de chefe do departamento financeiro do município há um par de meses, abanou a caneta para atrair a atenção de Erling.

Erling, que detestava tudo o que tivesse que ver com trabalho administrativo e relatórios financeiros, fingiu não perceber. Dando apressadamente a reunião por terminada, retirou-se para o seu espaçoso gabinete.

Depois do fiasco de seu reality show**, ninguém esperava que Erling recuperasse o prestígio perdido, mas ali estava ele, a promover um projeto ainda maior que estava prestes a tornar-se um sucesso. Pessoalmente, nunca tivera dúvidas, nem mesmo no auge da onda de críticas negativas que choveram sobre ele. Era um vencedor nato.

Claro que aquilo tinha deixado as suas marcas e fora por isso que passara uma temporada no centro de bem-estar de Ljuset, na região de Dalecarlian, na Suécia, para recuperar. Tinha sido uma sucessão de acontecimentos auspiciosos, porque se não tivesse ido para lá nunca teria conhecido Vivianne. Aquele encontro marcara um ponto de viragem na sua vida, tanto a nível profissional como pessoal. Vivianne tinha-o conquistado como nenhuma outra mulher, e era a visão dela que Erling estava agora a materializar.

Não resistiu à tentação de pegar no telefone e ligar-lhe. Era a quarta vez que o fazia nesse dia, mas o som da voz de Vivianne fazia sempre vibrar cada fibra do seu corpo. Prendeu a respiração enquanto ouvia o sinal de chamada.

— Olá, meu amor — disse Erling quando Vivianne atendeu. — Era só para saber como estavas.

— Erling — respondeu Vivianne naquele tom de voz especial que o fazia sentir-se como um adolescente apaixonado —, estou tão bem como estava quando ligaste há uma hora.

— Ótimo — disse ele, sorrindo timidamente. — Só queria ter certeza de que estava tudo bem.

— Eu sei, e é por isso que te amo. Mas ainda temos tanta coisa para fazer antes da inauguração. E não queres que eu tenha de trabalhar à noite, pois não?

— De maneira nenhuma, meu amor. — Erling resolveu não voltar a telefonar a perturbá-la. As noites que passavam juntos eram sagradas. — Okay. Continua a trabalhar que eu vou fazer o mesmo. — Erling enviou beijos ruidosos pelo bocal antes de desligar o telefone. Depois recostou-se na cadeira, cruzou as mãos atrás da cabeça e permitiu-se alguns minutos de pausa para sonhar com as delícias que a noite traria.

O ar estava abafado dentro do chalé. Nathalie abriu todas as portas e janelas para deixar que o vento forte arejasse todas as divisões. A corrente de ar derrubou um vaso, mas Nathalie conseguiu agarrá-lo no último segundo antes de se estatelar no chão.

Sam estava deitado no pequeno quarto ao lado da cozinha. Chamavam-lhe sempre o quarto de hóspedes, apesar de ter sido o quarto dela quando era criança. Os pais dormiam no primeiro andar. Nathalie foi ver como estava o filho, aconchegando-lhe os ombros com um xaile. A seguir pegou na chave grande e enferrujada que estava sempre pendurada num prego na parte de trás da porta de entrada e saiu para as rochas. O vento fustigava-lhe a roupa e, de costas para a casa, contemplou o horizonte. Na ilha só havia mais uma construção: o farol. A minúscula cabana de pesca que havia lá em baixo, junto ao cais, era tão pequena que quase não contava.

Nathalie caminhou até o farol. Gunnar devia ter lubrificado a fechadura, pois

a chave girou com uma facilidade surpreendente. A porta rangeu quando a abriu. Só teve de dar alguns passos antes de começar a subir as estreitas escadas íngremes, segurando-se ao corrimão enquanto avançava.

A vista era tão bonita que a deixou sem fôlego. Produzia sempre aquele efeito nela. Numa direção apenas se via o mar e o horizonte distante; noutra, o arquipélago espalhava-se a seus pés, com todas as ilhas, rochas e skerries. Há anos que o farol não era utilizado. Atualmente permanecia como um monumento evocativo de tempos idos. A lâmpada tinha-se extinguido e as placas de metal e os parafusos enferrujavam lentamente por estarem expostos à água salgada e ao vento. Quando era pequena, Nathalie adorava ir para ali brincar, naquele espaço confinado que lhe parecia um quarto de brinquedos muito acima do solo. A única mobília que ali cabia era uma cama, onde os faroleiros podiam descansar durante os longos turnos de trabalho, e uma cadeira para se sentarem a vigiar as águas.

Nathalie deitou-se na cama. Um cheiro a mofo emanou da colcha, mas os sons em redor eram os mesmos de quando era criança: os gritos das gaivotas, as ondas a bater nas rochas e o gemido do próprio farol. Tudo tinha sido tão simples naquele tempo. Os pais receavam que Nathalie se fosse aborrecer na ilha, uma vez que era filha única. Mas não precisavam de ter-se preocupado. Nathalie adorava estar ali. E não tinha estado sozinha. Mas isso não lhes podia ter contado.

Mats Sverin suspirava e remexia os papéis empilhados na secretária à sua frente. Estava num daqueles dias em que não conseguia parar de pensar nela. Não conseguia parar de interrogar-se. Nesses dias, o trabalho rendia pouco. Mas agora eram menos frequentes. Tinha começado a esquecer-se; pelo menos queria pensar que assim era. Ainda podia ver o rosto dela de forma muito clara na sua mente e, em certo sentido, estava grato por isso. Ao mesmo tempo, desejava que a imagem começasse a diluir-se e desaparecesse.

Tentou voltar a centrar a atenção no trabalho. Nos dias bons gostava muito do seu trabalho. Era um desafio mergulhar nas finanças do município, com a constante necessidade de encontrar um equilíbrio entre as considerações políticas e o que era razoável em termos de mercado. Desde que ali trabalhava que gastava grande parte do tempo no Projeto Badis. Mats estava satisfeito por o velho edifício do hotel estar finalmente a ser restaurado. Como a maioria dos moradores de Fjällbacka, tanto aqueles que ainda viviam na cidadezinha como os que se tinham mudado para outras paragens, cada vez que passava pela bela estrutura lamentava o facto de a terem deixado degradar-se tanto. Mas agora o Badis tinha recuperado a sua grandiosidade.

Mats esperava que as promessas bombásticas de Erling sobre o enorme sucesso que o empreendimento iria ser fossem mais do que palavras ocas; porém, estava cético. O projeto já tinha implicado enormes despesas só com a remodelação

do edifício, e o plano de negócios proposto era baseado em cálculos demasiado otimistas. Tentara em várias ocasiões apresentar o seu ponto de vista sobre a situação, mas sem sucesso. E, embora tivesse visto e revisto os números sem encontrar nada de errado — além da enorme despesa acumulada —, tinha uma sensação desagradável de que algo não batia certo.

Olhou para o relógio e viu que estava na hora do almoço. Há muito que não tinha grande apetite, mas sabia que precisava de comer. Era quinta-feira e isso significava panquecas e sopa de ervilhas no restaurante Källaren. Com algum esforço, talvez conseguisse comer alguma coisa.

Apenas os amigos mais íntimos e familiares iriam estar presentes no funeral. As outras pessoas desapareceram silenciosamente na direção oposta, encaminhando-se para o centro da cidade. Erica segurava com força a mão de Patrik. Caminhavam atrás do caixão, e cada passo era como uma punhalada a trespassar-lhe o coração. Tentara convencer Anna a não passar por aquele martírio, mas a irmã insistira em fazer um funeral apropriado. O desejo de Anna de que tudo fosse feito como devia ser tinha-a despertado temporariamente da apatia em que mergulhara, pelo que Erica desistira de tentar convencê-la a mudar de ideias. Em vez disso, ajudara a tomar todas as providências necessárias para que Anna e Dan pudessem enterrar o filho.

Numa questão, porém, Erica recusara-se a ceder. Anna queria que todas as crianças estivessem presentes no funeral, mas Erica decidiu que os mais novos deviam ficar em casa. Apenas as duas mais velhas, as filhas de Dan, Belinda e Malin, estavam presentes. Kristina, a mãe de Patrik, estava a tomar conta de Lisen, Adrian, Emma e Maja. E dos gêmeos, claro. Erica temera que aquilo se viesse a revelar areia de mais para a camioneta da sogra, mas Kristina tinha-lhe assegurado com toda a calma que não teria qualquer problema em manter as crianças sob controle durante as duas horas que o funeral ia durar.

Erica sentiu um aperto no coração quando olhou para a cabeça quase calva de Anna, à sua frente. Os médicos haviam sido forçados a rapar quase todo o cabelo da irmã para lhe poderem perfurar o crânio de forma a aliviar a pressão que podia provocar danos cerebrais permanentes, se não fosse tratada de imediato. Uma penugem começava a despontar, mas era mais escura do que antes.

Ao contrário de Anna, gravemente ferida, e da condutora do outro carro, que tivera morte imediata, Erica tinha escapado com ferimentos miraculosamente superficiais. Apenas sofrera uma forte concussão e partira algumas costelas. Tinha sido realizada uma cesariana de emergência e os gêmeos nasceram com um peso ligeiramente abaixo do normal, mas eram fortes e saudáveis, e dois meses depois foi-lhes dada alta.

Erica quase irrompeu em lágrimas quando desviou o olhar da penugem na cabeça da irmã para o pequeno caixão branco. Além de ter sofrido ferimentos graves

na cabeça, Anna também partira a pélvis. Fora igualmente alvo de uma cesariana de emergência, mas os ferimentos do bebê eram tão extensos que os médicos tinham dado pouca esperança a Anna e a Dan. Com apenas uma semana, o recém-nascido exalava o seu último suspiro.

O funeral fora adiado porque Anna continuara internada no hospital. Só no dia anterior é que, finalmente, lhe tinham dado alta. E agora já estavam a enterrar o filho, uma criança que teria tido uma vida repleta de amor. Erica viu Dan pôr a mão no ombro de Anna enquanto colocava cuidadosamente a cadeira de rodas da mulher ao lado da sepultura. Anna afastou a mão de Dan. Era assim que reagia desde o acidente. Era como se a dor fosse tão imensa que não a conseguia repartir com mais ninguém. Dan, por outro lado, precisava de partilhar o que estava a sentir, embora não com qualquer pessoa. Tanto Patrik como Erica haviam tentado falar com ele, e todos os amigos tinham feito o que podiam. Mas Dan não queria falar da sua dor a ninguém a não ser a Anna. Mas a mulher não estava em condições de corresponder ao seu apelo.

Erica considerava a reação de Anna perfeitamente compreensível. Conhecia muito bem a irmã e estava plenamente consciente de tudo aquilo por que ela já passara. A vida tinha sido madrastra para a irmã e a morte do bebê era uma provação tal que poderia acabar por ser a gota de água. Por mais que compreendesse a situação de Anna, Erica desejava com todas as suas forças que isso não acontecesse. Anna precisava de Dan mais do que nunca e Dan precisava de Anna. Mas, por enquanto, limitavam-se a estar para ali, lado a lado, como dois estranhos, enquanto o pequeno caixão era lentamente descido para a terra.

Erica esticou o braço e pousou a mão no ombro da irmã. Anna não a afastou.

Cheia de energia por causa da inquietação, Nathalie começou a limpar a casa. Arejá-la ajudou, mas o cheiro a mofo continuava impregnado nas cortinas e nas roupas de cama. Atirou tudo para um grande cesto de roupa suja que carregou até o cais. Equipada com detergente para roupa e o velho esfregão para soalhos que estava lá em casa desde que se lembrava, arregaçou as mangas e começou o árduo trabalho de lavar a roupa à mão. De vez em quando olhava de relance para cima, em direção ao chalé, para se certificar de que Sam não tinha despertado e não saía de casa. Estava a dormir há demasiado tempo. Talvez por causa do choque. Nesse caso, o melhor seria deixá-lo dormir. Mais uma hora, decidiu, depois acordaria Sam e trataria de fazer qualquer coisa para ele comer.

De repente, Nathalie deu-se conta de que não devia haver muita comida em casa. Pendurou a roupa na corda e foi dar uma vista de olhos à despensa. Tudo o que encontrou foi uma lata de sopa de tomate Campbell e uma lata de salsichas em cerveja Bullens. Não se atreveu a olhar para as datas de validade, mas aquele gênero de enlatados durava uma eternidade. Enfim, teriam de contentar-se com

aquilo, ela e Sam.

Não estava tentada a ir à cidade. Sentia-se segura ali. Não queria falar com ninguém. Queria que a deixassem em paz. Com a lata de sopa na mão, Nathalie fez uma pausa para ponderar como devia agir. Só havia uma solução. Teria de telefonar a Gunnar. Cuidava-lhe da casa desde a morte dos pais e sem dúvida que poderia pedir-lhe ajuda. O telefone fixo já não funcionava, mas tinha rede no celular, por isso marcou o número.

— Sverin.

O nome suscitava tantas memórias que Nathalie teve um sobressalto. Demorou alguns segundos a recompor-se o suficiente para falar.

— Estou? Quem fala?

— Olá. Sou eu, Nathalie.

— Nathalie! — exclamou Signe Sverin.

Nathalie sorriu. Sempre adorara Signe e Gunnar, e o sentimento era mútuo.

— Minha querida, és mesmo tu? Estás a ligar de Estocolmo?

— Não, estou aqui na ilha. — Para sua surpresa, Nathalie sentiu as palavras a ficarem-lhe presas na garganta. Tinha dormido apenas algumas horas e a fadiga devia tê-la deixado hipersensível. Aclarou a garganta e acrescentou: — Cheguei ontem.

— Mas, minha querida, devias ter-nos avisado para podermos ter ido aí fazer a limpeza. A casa deve estar uma desgraça e...

— Não se preocupe com a limpeza — disse Nathalie, interrompendo a torrente verbal de Signe. Tinha-se esquecido de que era muito tagarela e que falava muito depressa. — Mantiveram tudo impecável por aqui. E fez-me bem limpar algumas coisas e lavar a roupa.

Signe resfolegou.

— Bem, ao menos podias ter-nos pedido ajuda. Agora não temos nada para fazer, Gunnar e eu. Nem sequer temos netos com quem nos ocuparmos. Mas Matte regressou de Gotemburgo e mudou-se para cá. Conseguiu um emprego na Câmara Municipal de Tanum.

— Que bom para vocês. Porque foi que Matte decidiu fazer isso? — Nathalie imaginou Matte. Louro, bronzeado e sempre alegre.

— Para dizer a verdade, não sei. Foi tudo muito rápido. Matte teve um acidente e, depois, tive a impressão de que... Não, não é nada. Não lighes a uma velha que fala de mais. Então, qual é a tua ideia, Nathalie? Podemos fazer alguma coisa por ti? E tens o pequerrucho contigo? Gostava muito de vê-lo.

— Sim, claro, Sam está aqui. Só que não está a sentir-se muito bem.

Nathalie calou-se. Nada a faria mais feliz do que apresentar Signe ao filho. Mas não até que se instalassem na ilha; não até se aperceber se os acontecimentos

recentes o tinham afetado.

— Por isso é que pensei em pedir a sua ajuda. Não temos muita comida por aqui e não quero obrigar Sam a levantar-se para podermos ir...

Antes que pudesse terminar a frase, Signe interrompeu-a.

— Mas é claro que temos todo o gosto em ajudar. De qualquer maneira, Gunnar vai sair com o barco esta tarde e eu posso fazer-te as compras. Basta dizer o que precisas.

— Depois posso pagar a Gunnar em dinheiro, se não se importar de comprar-me a comida.

— De maneira nenhuma. Isso não é problema, minha querida. Então, que devo adicionar à minha lista de compras?

Nathalie podia imaginar Signe a pôr os óculos de leitura, fazendo-os deslizar para baixo até a ponta do nariz enquanto procurava papel e caneta. Agradecida, Nathalie enumerou tudo o que lhe ocorreu que poderiam vir a precisar. Incluindo uma embalagem de rebuçados para Sam. Caso contrário, as coisas poderiam complicar-se no sábado. Estava sempre atento aos dias da semana e, no domingo, começava logo a contar os que faltavam para a próxima embalagem de rebuçados do sábado seguinte.

Quando terminou o telefonema, Nathalie ponderou acordar Sam. Mas algo lhe disse que devia deixá-lo dormir mais uma hora.

Ninguém estava a fazer nada de produtivo na delegacia. Ostentando uma sensibilidade que não era vulgar nele, Bertil Mellberg tinha perguntado a Patrik se queria que os colegas participassem no funeral. Patrik limitara-se a abanar a cabeça. Só tinha regressado ao trabalho há alguns dias e toda a gente andava em bicos de pés em torno dele. Até Mellberg.

Paula e o superintendente tinham sido os primeiros agentes a chegar ao local do acidente. Quando avistaram os dois carros, irreconhecíveis de tão amolgados, julgaram que ninguém sobrevivera à colisão. Espreitaram por uma das janelas e reconheceram imediatamente Erica. Pouco antes Patrik tinha sido transportado de ambulância da delegacia para o Hospital e, escassa meia hora depois, a mulher estava morta ou, pelo menos, gravemente ferida. Os médicos não tinham sido capazes de especificar qual era a extensão dos ferimentos de Erica e os bombeiros pareciam ter demorado uma eternidade a desencarcerar os passageiros.

Martin e Gösta estavam ocupados com outro caso e só souberam do acidente e do colapso de Patrik várias horas mais tarde. Nessa altura, dirigiram-se para o hospital de Uddevalla e passaram a noite inteira a calcorrear os corredores. Patrik estava nos Cuidados Intensivos e tanto Erica como a irmã, Anna, que seguia sentada ao seu lado no carro, foram operadas de urgência.

Mas agora Patrik estava de volta ao trabalho. Felizmente, não fora um ataque

cardíaco como a princípio se suspeitara. Em vez disso, tinha sofrido um espasmo vascular. Depois de quase três meses de baixa, os médicos tinham-no autorizado a regressar ao trabalho, embora com ordens rígidas para evitar o stress. Como se isso fosse possível, pensava Gösta. Com gêmeos recém-nascidos em casa e tendo em conta o que acontecera à irmã de Erica, o diabo em pessoa ficaria estressado.

— Achas que devíamos ter ido à mesma? — perguntou Martin, mexendo o café. — Patrik pode ter dito que não era preciso, mas no fundo talvez quisesse que fôssemos ao funeral.

— Não, acho que Patrik estava a ser sincero. — Gösta coçou Ernst, o cão da delegacia, atrás da orelha. — Tenho certeza de que há muita gente na igreja. Somos mais úteis por aqui.

— Como é que podes dizer uma coisa dessas? Não ouvimos um pio de ninguém durante todo o dia.

— É a bonança antes da tempestade. Em julho vais ter saudades de um dia sem bêbados, assaltos ou chatices do gênero.

— Isso é verdade — retorquiu Martin. Sempre fora o novato da delegacia, mas já não se sentia assim tão principiante. Já tinha alguns anos de experiência na Polícia e participara em várias investigações que, no mínimo, tinham sido muito difíceis. Também já era pai e sentiu-se crescer vários centímetros quando Pia deu à luz a filha de ambos.

— Viste o convite que recebemos? — Gösta pegou num biscoito Ballerina e começou a rotina habitual de separar meticulosamente a parte superior de baunilha da base de chocolate.

— Que convite?

— Parece que vamos ter a honra de fazer de cobaias naquele sítio novo que estão a construir em Fjällbacka.

— Estás a falar do Hotel Badis? — Martin despertou um pouco.

— Exato. O novo projeto de Erling. Esperemos que corra melhor do que aquele absurdo do Tanum Sempre a Abrir.

— A mim parece-me muito bem. Muitos tipos riem-se da ideia de fazer uma limpeza facial, mas eu fiz uma em Gotemburgo e foi um espetáculo. Durante várias semanas a minha pele ficou tão suave como o rabinho de um bebê.

Gösta lançou um olhar enojado ao colega. Uma limpeza facial? Só por cima do seu cadáver. Ninguém ia espalhar-lhe uma data de muco na cara.

— Bem, vamos esperar para ver o que nos oferecem. Tenho esperança de que seja alguma comezaina fina. Talvez um bufete de sobremesas.

— Duvido — disse Martin, sorrindo. — Normalmente, em sítios desses,

preocupam-se mais em pôr as pessoas em forma do que em enchê-las de comida.

Gösta pareceu ofendido. O seu peso era exatamente o mesmo de quando terminara o ensino secundário. Com um suspiro, serviu-se de outro biscoito.

Quando chegaram a casa, reinava o caos. Maja e Lisen estavam aos pulos no sofá, Emma e Adrian brigavam por causa de um DVD e os gêmeos berravam a plenos pulmões. A mãe de Patrik parecia estar com vontade de se atirar de um penhasco a qualquer momento.

— Graças a Deus que chegaram — exclamou Kristina quando entregou um bebê choroso a Patrik e outro a Erica. — Não sei o que deu a estas crianças. Parecem malucas. E eu tentei dar o biberão aos bebês, mas sempre que dava a um, o outro começava a chorar e então o primeiro distraía-se, deixava de beber o leite e também começava a chorar... — Kristina calou-se, tentando recuperar o fôlego.

— Sente-se, mãe — disse Patrik. Depois foi buscar um biberão para Anton, o gêmeos que tinha nos braços. O rosto do rapazinho estava vermelho como um tomate e chorava tão alto quanto o seu pequeno corpo permitia.

— Podes trazer também um biberão para Noel? — perguntou Erica enquanto tentava consolar o filho que berrava.

Anton e Noel ainda eram tão pequenos. Não eram como Maja, que fora grande e robusta desde o início. No entanto, já se podia dizer que eram enormes em comparação com o tamanho que tinham quando nasceram. Como pássaros minúsculos, haviam ocupado incubadoras separadas, os bracinhos ligados a vários tubos. Eram lutadores, diziam as enfermeiras no hospital. E rapidamente ganharam peso, revelando quase sempre muito apetite. Mas Erica e Patrik não podiam deixar de preocupar-se com eles.

— Obrigada. — Erica pegou no biberão que o marido lhe entregou e sentou-se numa poltrona com Noel ao colo. O bebê começou a beber avidamente o preparado. Patrik sentou-se na outra poltrona com Anton, que parou de chorar tão rapidamente como o irmão. Erica pensou que havia vantagens concretas no facto de não ter sido capaz de amamentar. Dessa forma, ela e Patrik podiam partilhar a responsabilidade em relação aos bebês. Isso não tinha sido possível com Maja, que parecia ter estado colada ao seu peito vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Como correu? — perguntou Kristina. Levantou Maja e Lisen do sofá e disse-lhes para irem lá para cima brincar no quarto de Maja. Emma e Adrian já se tinham escapulado para o primeiro andar, pelo que as duas meninas não precisaram de ser mais persuadidas.

— Correu bem. Não sei que mais hei de dizer — respondeu Erica. — Mas estou preocupada com

Anna.

— Eu também. — Patrik mudou cautelosamente de posição para ficar mais confortável. — É como se

Anna se tivesse isolado de Dan. Está a mantê-lo à distância.

— Eu sei. Tentei falar com ela. Mas depois de tudo o que passou... — Erica abanou a cabeça. Era tão terrivelmente injusto. Durante anos, Anna tinha tido uma vida que só podia ser descrita como o inferno, mas nos últimos tempos parecia ter finalmente encontrado alguma paz de espírito. E estava tão feliz com o bebê que ela e Dan esperavam. O que aconteceu foi incrivelmente cruel.

— Emma e Adrian parecem estar a lidar relativamente bem com a situação. — Kristina lançou um olhar de relance para o andar de cima, de onde se ouviam os risos alegres das crianças.

— Sim, penso que sim — disse Erica. — Neste momento acho que estão simplesmente muito felizes por ter outra vez a mãe em casa. Não tenho certeza se já interiorizaram plenamente o que aconteceu.

— Parece-me que tens razão — respondeu Kristina, olhando em seguida para o filho. — Então e tu? Não devias ficar em casa mais algum tempo até estares completamente recuperado? Ninguém vai agradecer-te por te matares a trabalhar na delegacia. O que aconteceu foi um alerta.

— Por acaso, neste momento, por lá deve estar tudo mais calmo do que por aqui — disse Erica, apontando para os gêmeos com a cabeça. — Mas eu também já lhe disse a mesma coisa.

— Sabe bem estar de volta ao trabalho, mas eu fico em casa se quiseres mesmo que fique — afirmou Patrik. Pousou o biberão vazio na mesa de café e encostou Anton ao ombro para o filho arrotar.

— Não, podes ir à vontade. Por agora está tudo controlado.

Erica estava a ser sincera. Quando Maja nasceu, tinha sentido que andava às voltas, mergulhada num espesso nevoeiro, mas agora tudo era diferente. Talvez as circunstâncias que rodearam o nascimento dos gêmeos não lhe deixassem espaço para ficar deprimida. Também ajudou terem desenvolvido uma rotina enquanto estiveram no hospital. Dormiam e comiam a horas certas, e sempre juntos. Erica não estava minimamente preocupada com a possibilidade de não conseguir cuidar dos bebês. Depois de ter estado tão perto de perdê-los, estava feliz por cada segundo que passava com eles.

Fechou os olhos, inclinou-se para a frente e pressionou o nariz contra o topo da cabeça de Noel. Por um momento, a penugem do filho fê-la pensar em Anna, por isso fechou os olhos ainda com mais força. Esperava conseguir encontrar uma maneira de ajudar a irmã, porque naquele momento sentia-se completamente impotente. Respirou fundo, inspirando o aroma reconfortante de Noel.

— Meu querido bebê — murmurou Erica. — Meu querido bebêzinho.

— Então, como está indo o trabalho? — Signe tentou fazer a pergunta num tom despreocupado enquanto empilhava rolo de carne, ervilhas, puré de batata e molho cremoso num prato. Uma enorme porção.

Desde que Matte tinha voltado para Fjällbacka que quase não tocava na comida, mesmo que a mãe lhe fizesse os pratos preferidos sempre que jantava com eles. Signe dava tudo para saber se o filho comeria o que quer que fosse quando estava sozinho no seu apartamento. Estava magro como um fuso. Graças a Deus que pelo menos parecia melhor, agora que todos os vestígios da agressão tinham desaparecido. Quando foram vê-lo ao Hospital de Sahlgrenska, Signe não tinha sido capaz de conter um grito de espanto. Matte fora brutalmente espancado. Tinha o rosto tão inchado que Signe mal conseguia dizer se era realmente o filho que estava deitado naquela cama.

— Está a correr bem.

Signe deu um pulo ao ouvir a voz de Matte. A resposta a sua pergunta demorou tanto que Signe esqueceu que a tinha feito. Matte mexeu no puré com o garfo e, em seguida, espetou um pedaço de bolo de carne. Signe percebeu que estava a prender a respiração ao vê-lo levar o garfo à boca.

— Para de olhar assim para o rapaz enquanto ele está a comer — murmurou Gunnar, que já estava a repetir.

— Desculpa — disse Signe, abanando a cabeça. — É que fico... fico tão contente por ver-te comer alguma coisa.

— Não estou prestes a morrer de fome, mãe. Estás a ver? Estou a comer. — Em jeito de desafio, Matte encheu o garfo de comida e enfiou-a rapidamente na boca antes que caísse.

— Não estão a dar-te demasiado trabalho no escritório, pois não?

Signe recebeu novo olhar irritado de Gunnar. Sabia que o marido pensava que estava a ser superprotetora, que devia deixar o filho em paz. Mas não conseguia evitá-lo. Matte era o único filho que tinha e, desde aquele dia de dezembro, quando ele nasceu, quase há quarenta anos, que Signe acordava regularmente a meio da noite com a camisa de noite encharcada em suor e a cabeça repleta de pesadelos sobre as coisas terríveis que poderiam ter-lhe acontecido. Nada na vida era mais importante para Signe do que vê-lo feliz. Sempre sentira isso. E sabia que Gunnar era tão dedicado ao filho como ela. Mas o marido estava mais escudado para calar os pensamentos nefastos que o amor por um filho sempre acarreta.

Ela, por outro lado, estava constantemente ciente de que podia perder tudo numa questão de segundos. Quando Matte era bebê, Signe sonhara que o filho tinha um problema cardíaco, por isso convenceu os médicos a fazerem-lhe um exame completo, que revelou que Matte era perfeitamente saudável. Durante o primeiro ano de vida da criança, Signe não dormia mais de uma hora seguida, porque ia-se

deixando ficar até ter certeza de que Matte ainda estava a respirar. Quando era mais crescido, e até entrar para a escola, Signe cortava-lhe a comida em bocadinhos para que não lhe ficasse presa na garganta e ele não se engasgasse. Também tinha pesadelos com carros a passarem por cima do seu corpinho delicado.

Quando Matte entrou na adolescência, os sonhos pioraram: Matte em coma alcoólico, Matte a conduzir bêbado, Matte envolvido em brigas... Às vezes, Signe dava tantas voltas na cama que acordava Gunnar. Um pesadelo febril a seguir a outro, até que se obrigava a sentar-se à espera de que Matte voltasse para casa, o olhar fixo na janela mas também no telefone. O coração dava um salto sempre que ouvia alguém na rua a aproximar-se.

As noites eram um pouco mais calmas depois de Matte se ter mudado lá de casa. O que foi bastante estranho, porque os medos de Signe deveriam ter aumentado por já não ter controle sobre o filho. Mas Signe sabia que Matte não iria correr riscos desnecessários. Era uma pessoa cautelosa — isso, pelo menos, tinha-lhe conseguido ensinar. Matte também era bondoso e nunca lhe passaria pela cabeça fazer mal a ninguém. Na mente de Signe, isso significava que também ninguém o tentaria magoar a ele.

Sorriu ao recordar todos os animais que Matte tinha trazido para casa ao longo dos anos. Feridos, abandonados ou apenas a precisarem de ser reconfortados. Três gatos, dois ouriços que tinham sido atingidos por um carro e um pardal com uma asa ferida. Para não falar da cobra que Signe encontrou por acaso quando estava prestes a guardar a roupa interior de Matte, acabada de engomar, numa gaveta do quarto do filho. Depois desse episódio, Matte teve de jurar-lhe que deixaria todos os répteis entregues à sua sorte, por mais feridos ou abandonados que pudessem estar. Relutantemente, Matte concordou.

Signe ficou surpreendida por o filho não se ter tornado veterinário ou médico. Mas Matte parecia gostar das aulas na faculdade de Economia e, ao que sabia, ele tinha realmente jeito para os números. Também parecia gostar do trabalho na câmara municipal. No entanto, havia algo nele que a preocupava. Não sabia ao certo o que era, mas os pesadelos tinham recomeçado. Acordava todas as noites banhada em suor, com fragmentos de imagens na cabeça. Sabia que algo não estava bem, mas o silêncio era a única resposta às perguntas que lhe fazia com tato. E por isso é que decidira concentrar os seus esforços em fazer com que Matte comesse. Provavelmente, tudo ficaria bem se ao menos engordasse uns quilos.

— Não queres mais um bocadinho? — sugeriu Signe quando Matte pousou o garfo. Ainda restava no prato do filho metade da enorme porção que lhe tinha servido.

— Já chega, Signe — repreendeu Gunnar. — Deixa o rapaz sossegado.

— Não faz mal — disse Matte, retribuindo-lhes um sorriso pálido.

O menino da mamãe. Matte não queria que Signe fosse repreendida por sua causa, embora ela soubesse, pelos quarenta anos que já tinha passado com o marido, que Gunnar ladrava mais do que mordia. Na verdade, seria difícil encontrar um homem mais amável. Signe sabia que o problema era dela, que se preocupava demasiado.

— Desculpa, Matte. Claro que não precisas de comer mais. — Signe dirigia-se ao filho pela alcunha que tinha desde que começara a falar, quando ainda não conseguia pronunciar o nome corretamente. Chamava Matte a si próprio e toda a gente tinha passado a fazer o mesmo. — Adivinha quem está cá de visita? — prosseguiu alegremente Signe, pegando nos pratos e começando a levantar a mesa.

— Não faço ideia.

— Nathalie.

Matte teve um sobressalto e olhou para a mãe.

— Nathalie? A minha Nathalie? Gunnar deu uma risada.

— Sabia que isso te ia despertar. Sempre tiveste uma queda por ela.

— Ei, para com isso.

De repente, Signe imaginou Matte adolescente. Uma madeixa a cair-lhe sobre os olhos enquanto lhe contava, a balbuciar, que tinha uma namorada.

— Hoje levei-lhe alguns mantimentos — disse Gunnar. — Nathalie está na Ilha dos Espíritos.

— Oh, não lhe chames isso. — Signe estremeceu. — O nome da ilha é Gråskär.

— Quando chegou Nathalie? — perguntou Matte.

— Ontem, acho eu. E trouxe o miúdo com ela.

— Quanto tempo vai lá ficar?

— Disse que não sabe. — Gunnar pôs uma pitada de rapé sob o lábio superior e recostou-se com satisfação na cadeira.

— Ela estava... estava na mesma? Gunnar assentiu.

— Claro, claro que estava exatamente na mesma, a nossa pequena Nathalie. Exatamente na mesma. Por acaso pareceu-me que tinha um olhar um bocado triste, mas talvez fosse imaginação minha. Talvez tenham discutido lá em casa, não faço ideia.

— Não especules sobre esses assuntos — repreendeu-o Signe. — Viste o miúdo?

— Não. Nathalie foi me encontrar no cais e eu não demorei muito. Por que não vais lá cumprimentá-la? — perguntou Gunnar, virando-se para Matte. — Tenho certeza de que ia ficar contente por receber uma visita lá na Ilha dos Espíritos. Desculpa, quis dizer Gråskär — acrescentou, lançando um olhar irritado a Signe.

— Isso não passa de um monte de antigas superstições sem sentido. Acho

que não devemos incentivar essas coisas — disse Signe, e um sulco profundo apareceu-lhe entre as sobrancelhas.

— Nathalie acredita nisso — afirmou calmamente Matte. — Sempre disse saber que eles estavam lá.

— Que queres dizer com “eles”? — Por mais que preferisse mudar de assunto, Signe tinha curiosidade em ouvir o que Matte ia dizer.

— Os mortos. Nathalie dizia que às vezes os via e os ouvia, mas que não eram malintencionados. Tinham simplesmente ficado por lá.

— Que horror. Bem, agora acho que está na altura da sobremesa. Fiz pudim de ruibarbo. — Signe levantou-se abruptamente. — Apesar de dizer uma data de disparates, numa coisa o teu pai tem razão: Nathalie ia ficar contente se a fosses visitar.

Matte não disse nada. Parecia estar longe, perdido em seus pensamentos.

**Pequeno recife rochoso. (N. do T)*

***O Estranho, Camilla Läckberg. (N. do T)*

FJÄLLBACKA, 1870

EMELIE ESTAVA APAVORADA. NUNCA TINHA VISTO O MAR, MUITO MENOS NAVEGADO NO QUE PARECIA SER UM BARCO MUITO INSTÁVEL. AGARRAVA-SE COM FORÇA À BORDA. SENTIA-SE A SER ARREMESSADA PARA A FRENTE E PARA TRÁS PELAS ONDAS, SEM A MAIS PEQUENA HIPÓTESE DE OFERECER RESISTÊNCIA OU DE CONTROLAR O PRÓPRIO CORPO. PROCUROU O OLHAR DE KARL, MAS O MARIDO TINHA UMA EXPRESSÃO RESOLUTA, FITANDO O QUE OS ESPERAVA LÁ AO LONGE.

AS PALAVRAS AINDA LHE ECOAVAM NOS OUVIDOS. PROVAVELMENTE, NÃO PASSAVAM DE DIVAGAÇÕES SUPERSTICIOSAS DE UMA VELHA, MAS NÃO CONSEGUIA DEIXAR DE PENSAR NELAS. A MULHER PERGUNTARA- LHE PARA ONDE IAM QUANDO ESTAVAM A CARREGAR O PEQUENO VELEIRO COM OS SEUS PERTENCES NO PORTO DE FJÄLLBACKA.

— PARA GRÅSKÄR — RESPONDERA ALEGREMENTE EMELIE. — KARL, O MEU MARIDO, É O NOVO FAROLEIRO DA ILHA.

A MULHER NÃO PARECEU IMPRESSIONADA. EM VEZ DISSO, RESFOLEGOU E, ESBOÇANDO UM SORRISO ESTRANHO, DISSE:

— GRÅSKÄR? AH, ESTOU A VER. NINGUÉM LHE CHAMA GRÅSKÄR POR ESTES LADOS.

— AI NÃO? — EMELIE TEVE A SENSACÃO DE QUE NÃO DEVIA PERGUNTAR, MAS A CURIOSIDADE FOI MAIS FORTE DO QUE ELA. — ENTÃO COMO É QUE LHE CHAMAM?

A PRINCÍPIO, A VELHA NÃO RESPONDEU. DEPOIS, BAIXOU A VOZ PARA RESPONDER:

— POR AQUI CHAMAMOS ILHA DOS ESPÍRITOS.

— ILHA DOS ESPÍRITOS? — O RISO NERVOSO DE EMELIE RESSOOU PELAS ÁGUAS NA NEBLINA MATINAL. — QUE ESTRANHO. POR QUÊ?

OS OLHOS DA VELHA BRILHARAM QUANDO FALOU.

— PORQUE SE DIZ QUE AQUELES QUE MORREM LÁ NUNCA DEIXAM A ILHA.

ENTÃO, A MULHER RODOU NOS CALCANHARES E DEIXOU EMELIE PARA ALI ESPECADA, NO MEIO DE TODOS OS SACOS E MALAS, COM UM TERRÍVEL NÓ NO ESTÔMAGO EM VEZ DA ALEGRIA E EXPETATIVA QUE A

PREENCHIAM ESCASSOS MOMENTOS ANTES.

E AGORA PARECIA ESTAR PRESTES A ENFRENTAR A MORTE A QUALQUER MOMENTO. O MAR ERA TÃO VASTO, TÃO INDOMÁVEL, E PARECIA ESTAR A ATRAÍ-LA PARA O SEU SEIO. EMELIE NÃO SABIA NADAR. SE ALGUMA DAS VAGAS —, QUE PARECIAM ENORMES, APESAR DE KARL LHE TER DITO QUE NÃO PASSAVAM DE PEQUENAS ONDAS, — VIRASSE O BARCO, EMELIE ACREDITAVA QUE SERIA PUXADA PARA BAIXO, PARA AS PROFUNDEZAS. AGARROU-SE COM MAIS FORÇA À BORDA, CRAVANDO OS OLHOS NO CHÃO, OU NO CONVÉS, COMO KARL INSISTIA EM CHAMAR-LHE.

— OLHA, GRÅSKÄR.

O TOM DE KARL EXIGIA QUE EMELIE OLHASSE, POR ISSO RESPIROU FUNDO E ERGUEU OS OLHOS, OLHANDO PARA ONDE O MARIDO ESTAVA A APONTAR. A PRIMEIRA COISA QUE LHE OCORREU FOI QUE A ILHA ERA MUITÍSSIMO BONITA. O CHALÉ, EMBORA PEQUENO, PARECIA BRILHAR À LUZ DO SOL E AS ROCHAS CINZENTAS REFULGIAM. VIU QUE CRESCIAM MALVAS NUMA DAS EXTREMIDADES DA CASA E FICOU SURPREENDIDA POR CONSEGUIREM DAR-SE NUM CENÁRIO TÃO ÁRIDO. A OESTE, A COSTA ERA MUITO ÍNGREME, COMO SE AS FALÉSIAS TIVESSEM SIDO CORTADAS AO MEIO. MAS NAS OUTRAS DIREÇÕES AS ROCHAS INCLINAVAM-SE GRADUALMENTE PARA O MAR.

DE REPENTE, AS ONDAS JÁ NÃO PARECIAM TÃO TEMÍVEIS. EMELIE CONTINUAVA A DESEJAR SENTIR TERRA FIRME DEBAIXO DOS PÉS, MAS GRÅSKÄR JÁ A TINHA ENCANTADO. ENTÃO, EMPURROU AS PALAVRAS DA VELHA SOBRE A ILHA DOS ESPÍRITOS PARA OS RECANTOS MAIS LONGÍNQUOS DA MENTE. UM SÍTIO TÃO BELO NÃO PODIA ESCONDER NENHUM MAL.

TINHA-OS OUVIDO DURANTE A NOITE. Os mesmos sussurros, as mesmas vozes que recordava da infância. Quando acordou, o relógio indicou-lhe que eram três da manhã. A princípio, Nathalie não soube o que a tinha feito despertar. Mas depois ouviu-os. Estavam a falar lá em baixo. Uma cadeira arranhou o chão. De que falariam os espíritos uns com os outros? Acerca de factos que tinham acontecido antes de morrerem? Ou sobre o que estava a acontecer agora, muitos anos depois?

Nathalie estava consciente da presença deles na ilha desde que se conseguia lembrar. A mãe tinha-lhe contado que, quando ainda era bebê, Nathalie começava subitamente a rir-se e a abanar os braços como se visse coisas que mais ninguém podia ver. À medida que foi crescendo, tornou-se cada vez mais consciente deles. Uma voz, algo que entrevia ao passar, a sensação de que havia mais alguém lá em casa. Mas eles não queriam fazer-lhe mal. Sabia-o nessa época e sabia-o agora. Permaneceu acordada durante muito tempo, ouvindo-os, até que as suas vozes acabaram por a embalar, fazendo com que voltasse a adormecer.

Quando a manhã chegou, Nathalie recordou os sons como nada mais do que um sonho distante. Preparou o pequeno-almoço para ela e para Sam, mas o filho recusou-se a comer os seus cereais preferidos.

— Por favor, meu querido, só uma colherada. Só um bocadinho, não? — Nathalie tentava persuadi-lo, mas não conseguiu que Sam comesse o que quer que fosse. Com um suspiro, largou a colher. — Sabes muito bem que tens de comer — disse, acariciando-lhe a face.

Sam não proferira uma única palavra desde que tudo acontecera. Mas Nathalie empurrou a preocupação para um canto distante da mente. Precisava de dar tempo ao filho e não podia pressioná-lo; tinha simplesmente de estar disponível para ele à medida que Sam processava as memórias, armazenando-as e substituindo-as por outras. E não havia melhor lugar para fazer isso do que ali, em Gråskär, longe de tudo, ao pé das falésias, do sol e do mar salgado.

— Sabes que mais, vamos esquecer o pequeno-almoço e, em vez disso, vamos dar um mergulho. — Nathalie não teve resposta e limitou-se a pegar nele e a levá-lo lá para fora, para o sol. Ternamente, despiu-o e levou-o até o mar, como se Sam fosse um bebê de um ano e não um rapazinho de cinco. A água estava um bocado fria, mas Sam não esboçou qualquer protesto enquanto Nathalie avançava mar adentro e ao mesmo tempo pressionava a cabeça do filho contra o peito para o proteger. Aquele era o melhor remédio. Ficariam ali até que a tempestade

amainasse. Até que tudo voltasse ao normal.

— Pensava que só vinhas segunda-feira — disse Annika, olhando para Patrik por cima dos óculos para computador. O colega tinha parado à porta do gabinete de Annika, que era também a recepção da delegacia.

— Erica expulsou-me. Argumentou que estava fartinha de ver a minha carantonha lá em casa. —

Patrik tentou esboçar um sorriso, mas a recordação do dia anterior ainda estava muito presente, pelo que o riso não se refletiu no olhar.

— Compreendo-a perfeitamente — respondeu Annika, mas a sua expressão era tão melancólica como a de Patrik. A morte de uma criança afetava toda a gente. Desde que Annika e o marido, Lennart, tomaram conhecimento de que em breve teriam em casa a muito aguardada menina chinesa que haviam adotado, ela era ainda mais sensível quando se tratava de crianças que passavam mal ou que eram maltratadas.

— Tem acontecido alguma coisa por aqui? — perguntou Patrik.

— Não, nem por isso. Só o habitual. Aquela velhota, a senhora Strömberg, telefonou pela terceira vez esta semana a dizer que o genro está a tentar matá-la. E uns miúdos foram detidos por furto na Hedemyr's.

— Ou seja, uma atividade do caraças.

— Exato. O grande tema de conversa do momento é o convite que recebemos para ir experimentar todas as maravilhas que aquele hotel novo tem para oferecer. O Badis.

— Parece-me tentador. Acho que devia oferecer-me para esse trabalho em particular.

— Seja como for, é bom ver a transformação que o Badis sofreu — disse Annika. — O edifício parecia prestes a desmoronar-se a qualquer momento.

— Sim, está excelente. Mas duvido que vá ser rentável. Deve ter custado uma fortuna restaurá-lo. E achas que as pessoas vão mesmo querer ir fazer um spa no Badis?

— Se não quiserem, Erling vai estar em maus lençóis. Tenho uma amiga que trabalha na Câmara que me disse que investiram grande parte do orçamento municipal no projeto.

— Pois calculo que sim. E fala-se muito por aí, em Fjällbacka, da festa que estão a planear para a inauguração. Isso também não vai ficar barato.

— Toda a delegacia foi convidada, caso não tenhas ouvido. Por isso, vamos ter todos de vestir-nos a rigor.

— Saíram todos? — perguntou Patrik, mudando de assunto. Não estava particularmente interessado em vestir-se a rigor para uma festa chique.

— Todos menos Mellberg. Deve estar no gabinete, como é costume. Nada

mudou, embora Mellberg afirme que regressou ao trabalho antes de a licença acabar porque a delegacia estava à beira do colapso sem ele aqui. Pelo que a Paula me contou, tiveram de encontrar um infantário antes que Leo começasse uma carreira como lutador de sumo. Ao que parece, a gota de água foi quando um dia a Rita chegou a casa mais cedo e encontrou Bertil a enfiar hambúrgueres no liquidificador para dar a Leo. Rita foi direita ao emprego e pediu ao chefe para a deixar trabalhar em part-time nos meses seguintes.

— Estás a gozar?

— Não, é tão certo como eu me chamar Annika. Portanto, agora vamos ter de lidar com ele a tempo inteiro. Pelo menos, Ernst está feliz com isso. Mellberg deixou-o aqui na delegacia enquanto estava em casa com Leo, e o pobre cão parecia que estava a definhar. Passava o tempo todo a ganhar no cesto.

— Bem, suponho que é bom saber que nada mudou — disse Patrik. Dirigiu-se para o gabinete e respirou fundo antes de entrar. Talvez o trabalho o fizesse esquecer os tristes acontecimentos do dia anterior.

Nunca mais se ia levantar. Ia simplesmente ficar ali na cama a olhar fixamente pela janela para o céu, que às vezes era azul, outras, cinzento. Por um momento, até desejou estar outra vez no hospital. As coisas tinham sido muito mais simples por lá. Tão calmas e pacíficas. Toda a gente tão carinhosa e atenciosa, falando em voz baixa e ajudando-a a comer e a lavar-se. Ali, em casa, havia demasiados ruídos a perturbá-la. Podia ouvir as crianças a brincar e os seus gritos reverberavam pela casa. De vez em quando iam espreitá-la, de olhos muito abertos. Era como se estivessem a exigir alguma coisa dela, como se quisessem algo que ela não podia dar-lhes.

— Anna, estás a dormir?

Era a voz de Dan. Teria gostado de fingir que estava a dormir, mas sabia que Dan não se deixaria enganar.

— Não.

— Preparei-te uma refeição. Sopa de tomate com pão torrado e queijo de cabra. Pensei que talvez quisesse descer para comer conosco. As crianças estão a perguntar por ti.

— Não.

— Não queres comer ou não vais descer?

Anna podia ouvir a frustração na voz de Dan, mas não se importava. Não se importava com nada. Não havia nada além de um enorme vazio dentro dela. Não havia lágrimas nem tristeza nem raiva.

— Não.

— Tens de comer. Tens de... — a voz se quebrou e Dan pôs a bandeja na mesa de cabeceira de

Anna com um estrondo, fazendo com que um pouco de sopa de tomate se entornasse.

— Não.

— Eu também perdi um filho, Anna. E as crianças perderam um irmão. Precisamos de ti. Nós...

Anna ouviu-o à procura de palavras. Mas, no seu cérebro, apenas havia espaço para uma palavra. Uma única palavra que se tinha alojado dentro do vazio. Desviou o olhar.

— Não.

Passado um momento, Anna ouviu Dan a sair do quarto. Virou-se para voltar a olhar pela janela.

Preocupava-a que o filho parecesse tão distante.

— Meu querido Sam. — Nathalie embalou-o nos braços, acariciando-lhe o cabelo. Sam ainda não tinha emitido um único som. Ocorreu-lhe que talvez o devesse ter levado a um médico, mas rapidamente descartou a ideia. Ainda não estava preparada para deixar alguém entrar no mundo deles. Se Sam tivesse simplesmente um pouco de paz e sossego, em breve voltaria a ser como era.

— Queres dormir uma sesta, meu amor?

Sam não respondeu, mas Nathalie levou-o para a cama e deitou-o. Depois fez café, verteu um pouco numa chávena com leite e saiu para se ir sentar no cais, saboreando o calor do sol no rosto. Fredrik adorava o sol. Na verdade, venerava-o. Estava sempre a protestar acerca do frio que se fazia sentir na Suécia e de como era raro o sol brilhar.

Porque teria pensado nele de repente? Tinha empurrado todos aqueles pensamentos para o fundo da sua mente. Já não tinha mais lugar nas suas vidas. Fredrik, com as suas exigências constantes e a sua necessidade de controlar tudo e todos. Sobretudo de a controlar a ela — e a Sam.

Ali, em Gråskär, não havia qualquer vestígio dele. Fredrik nunca tinha estado na ilha; era toda dela. Nunca quisera lá ir. “Que um raio me fulmine se me vou alguma vez enfiar na porra de um rochedo”, dissera das poucas vezes que lhe pedira para ir a Gråskär. Nathalie estava contente por

Fredrik se ter recusado a ir. A ilha não tinha sido manchada pela sua presença. Era um lugar puro, que lhes pertencia apenas aos dois, a ela e a Sam.

Firmou as mãos em torno da chávena de café. Os anos tinham passado tão depressa. O tempo tinha voado e, no fim, ficara atolada. Não tinha escapatória, não havia qualquer possibilidade de fuga. Não tinha mais ninguém além de Fredrik e de Sam. Para onde haveria de ter ido?

Pelo menos agora estavam finalmente livres. Sentiu a brisa salgada acariciar-lhe o rosto. Tinha conseguido. Ela e Sam. Quando o filho estivesse recuperado,

poderiam viver a sua própria vida.

Nathalie estava em casa. Depois do jantar com os pais, Matte passara a noite inteira a pensar nela. Nathalie, com os longos cabelos louros e as sardas no nariz e nos braços. Nathalie, que cheirava a mar e a verão. Depois daqueles anos todos, ainda podia sentir o calor dela nos seus braços. Era verdade o que diziam: nunca se esquece o primeiro amor. E aqueles três verões em Gråskär só poderiam ser descritos como mágicos. Tinha ido vê-la sempre que podia e, juntos, tinham-se apropriado daquela pequena ilha.

Mas de vez em quando Nathalie assustava-o. O seu riso límpido parava abruptamente e então Nathalie parecia desaparecer numa escuridão onde não podia alcançá-la. Nunca conseguia explicar os sentimentos que se apoderavam dela, por isso acabou por aprender a deixá-la em paz sempre que aquilo acontecia. Durante o último verão, a escuridão ensombrara-a mais frequentemente e Nathalie tinha-se afastado lentamente dele. Em agosto, ao acenar-lhe para se despedir quando Nathalie embarcava no comboio para Estocolmo com a sua bagagem, Matte soube que estava tudo acabado.

Desde então, nunca mais tinham falado um com o outro. No ano seguinte, quando os pais dela faleceram, um a seguir ao outro, Matte tentou telefonar-lhe, mas apenas conseguiu chegar ao gravador de chamadas. Nathalie nunca lhe devolveu o telefonema. E o chalé de Gråskär permaneceu vazio. Matte sabia que os pais iam lá ocasionalmente para cuidar da casa e que, de vez em quando, Nathalie lhes enviava dinheiro para pagar os seus esforços. Mas nunca voltara à ilha e, com o tempo, as recordações que tinha dela foram-se desvanecendo.

Agora, Nathalie tinha regressado. Sentado à secretária, Matte olhava o vazio. As suas suspeitas sobre o financiamento do projeto do spa estavam a ficar cada vez mais fortes e havia assuntos a resolver. Mas a recordação de Nathalie insistia em intrometer-se. Quando o sol da tarde começou a afundar-se atrás do edifício da câmara municipal de Tanumshede, Matte recolheu todos os documentos que tinha à frente. Precisava de ver Nathalie. Com uma passada resoluta, saiu do gabinete, fazendo uma pausa para trocar algumas palavras com Erling antes de se dirigir ao carro. A mão tremia-lhe quando rodou a chave na ignição e ligou o motor.

— Chegaste tão cedo, amor!

Vivianne foi cumprimentar Erling, dando-lhe um beijo ao de leve na face. Erling não resistiu a agarrá-la, envolvendo com os braços a cintura da mulher para puxá-la para mais perto dele.

— Então, então, tem calma. Temos de conservar a nossa energia para mais logo. — Vivianne pôs-lhe as mãos no peito para mantê-lo afastado.

— Tens certeza disso? Ultimamente, à noite, tenho-me sentido tão cansado. — Erling voltou a puxá-la para si. Para seu grande desapontamento, Vivianne

escapou-se e virou-se, começando a dirigir-se para o escritório.

— Vais mesmo ter de esperar. Tenho tanta coisa para fazer que não ia conseguir descontrair. E tu sabes como as coisas correm quando não estou descontraída.

— Okay, tudo bem.

Cabisbaixo, Erling observou-a a afastar-se. Claro que podiam esperar até mais tarde, mas há mais de uma semana que adormecia no sofá. Acordava todas as manhãs e dava por si deitado sob um cobertor com que Vivianne o tinha tapado com ternura e com uma das almofadas do sofá debaixo da cabeça. Não conseguia compreender aquilo. O mais certo era estar a trabalhar de mais. Devia mesmo começar a delegar mais tarefas nos outros.

— Mas trouxe uma guloseima para nós — disse Erling em voz alta.

— És um querido. O que é?

— Camarão dos irmãos Olsson e uma excelente garrafa de chablis.

— Que maravilha. Estou despachada por volta das oito horas; era ótimo se tivesses tudo pronto a essa hora.

— Claro, meu amor — murmurou Erling.

Pegou nos sacos de compras e levou-os para a cozinha. Aquilo ainda lhe provocava alguma estranheza. Quando estava casado com Viveca, era a mulher quem cozinhava. Mas desde que Vivianne se tinha mudado para lá, fizera com que essa responsabilidade recaísse sobre ele. Por mais voltas que desse à cabeça, Erling não percebia como aquilo tinha acontecido.

Suspirou profundamente enquanto guardava as compras no frigorífico. Então pensou no que lhe estava reservado à noite e o seu estado de espírito elevou-se. Ia certificar-se de que Vivianne ficava bem descontrada. Isso compensaria certamente o tempo que teria de perder na cozinha.

Erica respirava com dificuldade enquanto caminhava por Fjällbacka. Ter estado grávida de gêmeos e depois ter sido submetida a uma cesariana não tinha sido particularmente benéfico para o peso nem para a forma física. Mas essas coisas pareciam-lhe agora incrivelmente insignificantes. Ambos os filhos eram saudáveis. Tinham sobrevivido, e a gratidão que sentia todas as manhãs, quando começavam a chorar às seis e meia, era tão grande que ainda lhe trazia lágrimas aos olhos.

Anna tivera um destino muito pior e, pela primeira vez, Erica não fazia ideia de como aproximar-se da irmã. O relacionamento entre ambas nunca fora fácil, porém, desde crianças, Erica tinha sido a única pessoa a cuidar de Anna, soprando nas suas feridas e arranhões, limpando-lhe as lágrimas. Desta vez as coisas eram diferentes. A ferida não era um simples arranhão, antes um buraco profundo na alma da irmã. Erica tinha a sensação de que a única atitude que podia tomar era observar, impotente, como a força vital de Anna a ia abandonando. Como haveria de ajudá-la

a sarar aquela ferida? O filho de Anna tinha morrido e, por mais triste que Erica estivesse, não conseguia esconder a alegria que sentia pelos facto de os seus próprios filhos terem sobrevivido. Depois do acidente, Anna não suportava olhar para ela. Erica tinha ido ao hospital e sentara-se ao lado da cama da irmã. Mas Anna não a olhara nos olhos uma única vez.

Depois de Anna ter ido para casa, Erica não conseguira ir visitá-la. Tinha apenas telefonado algumas vezes a Dan. O amigo parecia ao mesmo tempo deprimido e resignado. Mas Erica não podia adiar a visita por mais tempo. Tinha pedido a Kristina para ir lá a casa tomar conta dos gêmeos e de Maja. Anna era sua irmã. Erica era responsável por ela.

A mão parecia de chumbo quando bateu à porta. Ouviu a barulheira das crianças no interior e, passado um momento, Emma abriu a porta.

— Tia Erica! — gritou alegremente. — Onde estão os bebês?

— Estão em casa, com Maja e a avó. Erica deu uma palmadinha no rosto de Emma. Era tão parecida com Anna em criança.

— A mamãe está triste — disse Emma, erguendo os olhos para Erica. — Está sempre a dormir e o papá diz que é porque está muito triste. Está triste porque o bebê que tinha na barriga decidiu ir para o céu em vez de vir viver aqui conosco. E eu percebo por que, porque Adrian é sempre tão barulhento e Lisen está sempre a provocar-me. Mas eu ia ser muito boazinha para o bebê. Muito boazinha.

— Eu sei que ias, minha querida. Mas pensa como o bebê deve estar divertido, lá em cima aos pulos naquelas nuvens todas.

— Como se estivesse a saltar em montes e montes de trampolins gigantes? — O rosto de Emma iluminou-se.

— É isso mesmo. Como se estivesse a saltar em montes de trampolins.

— Ah, como eu queria ter montes de trampolins grandes — disse Emma. — Só temos um, minúsculo, no jardim. Só há espaço para um de cada vez e Lisen consegue ser sempre a primeira, e eu nunca tenho vez. — Emma virou-se e dirigiu-se à sala de estar, ainda resmungando para si mesma.

Só então é que Erica se apercebeu do que Emma tinha dito. Chamara papá a Dan. Erica sorriu. Na verdade, aquilo não a surpreendeu, porque Dan adorava os filhos de Anna e estes tinham-no adorado desde o início. O filho que Dan e Anna esperavam teria unido ainda mais a família. Erica engoliu em seco enquanto seguia Emma para a sala de estar. Era como se tivesse ali explodido uma bomba.

— Desculpa a confusão — disse Dan, envergonhado. — Não consigo dar conta do recado. Parece que o dia não tem horas suficientes.

— Percebo bem o que queres dizer. Devias ver como está a nossa casa. — Erica parou à entrada da sala, olhando para o teto. — Posso ir lá acima?

— Claro, força — Dan esfregou a cara com a mão. Parecia tristíssimo e

completamente exausto.

— Eu vou contigo — disse Emma. Mas Dan agachou-se e, em voz baixa, convenceu-a a deixar Erica ir ter com Anna sozinha.

O quarto de Dan e de Anna ficava ao cimo das escadas, à direita. Erica ergueu a mão, mas depois absteve-se de bater à porta, abrindo-a antes cautelosamente. Anna estava deitada com o rosto virado para a janela. O sol de fim de tarde incidia-lhe na cabeça, fazendo brilhar o couro cabeludo e a penugem que começava a despontar. Erica sentiu uma pontada no coração. Sempre fora mais como uma mãe para Anna, mas isso mudara ao longo dos últimos anos e a ligação entre ambas evoluíra para um relacionamento normal entre duas irmãs. No entanto, de um golpe, estavam de volta aos seus antigos papéis. Anna, jovem e vulnerável; Erica, preocupada e protetora.

A respiração de Anna era calma e regular. Emitiu um leve gemido e Erica percebeu que a irmã estava a dormir. Avançou em bicos de pés até a cama e sentou-se cuidadosamente na borda, para não a acordar. Suavemente, pôs a mão na anca da irmã. Quer Anna gostasse quer não, pretendia ficar a seu lado. Eram irmãs. E amigas.

— Papai chegou! — anunciou Patrik em voz alta, ficando em seguida à espera da reação esperada. Ouviu dois pezinhos a martelar o chão e, no segundo seguinte, viu Maja virar a esquina em alta velocidade, direitinha a ele.

— Papaaaai! — a menina beijou-lhe repetidamente o rosto, como se Patrik tivesse regressado de uma viagem à volta do mundo e não apenas de mais um dia de trabalho.

— Olá, meu amor. Como está a menina pequenina do papá? — Patrik deu-lhe um grande abraço, enterrando o nariz no pescoço da filha e inalando aquele aroma especial de Maja, que fazia sempre com que o coração lhe desse um salto no peito.

— Pensava que só ias trabalhar a meio tempo. — A mãe de Patrik limpou as mãos a um pano da louça enquanto lhe lançava o mesmo olhar que Patrik recordava de quando era adolescente e chegava a casa mais tarde do que tinha prometido.

— Soube tão bem regressar ao trabalho que fiquei mais um bocado. Mas vou fazer as coisas com calma. De momento, não temos nada urgente em mãos.

— Bem, tu é que sabes. Mas tens de ouvir o teu corpo. O que te aconteceu deve ser levado a sério.

— Okay, okay. — Patrik esperava que a mãe parasse com aquela conversa. Não precisava mesmo de preocupar-se. Patrik não se conseguia esquecer do terror que o tinha dominado na ambulância, a caminho do Hospital de Uddevalla. Pensou que ia morrer, estava completamente convencido disso. Imagens de Maja, de Erica e dos dois bebês que nunca ia conseguir ver davam-lhe voltas e mais voltas na mente,

fundindo-se com a dor que sentia no peito.

Só quando acordou nos Cuidados Intensivos é que se apercebeu de que tinha sobrevivido, de que aquela tinha sido a forma de o corpo lhe dizer para levar a vida com mais calma. Mas depois fora informado do acidente de viação e uma nova dor tinha-se apoderado dele. Quando o levaram numa cadeira de rodas para ver os gêmeos, o primeiro impulso de Patrik ao chegar à porta do quarto foi dar meia-volta e desaparecer dali. Eram tão pequenos e indefesos. Os peitos minúsculos subiam e desciam com tal esforço... De vez em quando, um espasmo fazia-lhes estremecer os corpos. Não conseguia acreditar que algo tão pequeno pudesse sobreviver; não queria aproximar-se, não queria tocar-lhes. Se o fizesse, não tinha certeza se conseguiria dizer-lhes adeus.

— Onde estão os teus irmãos? — perguntou Patrik a Maja. Ainda estava com a filha ao colo e Maja tinha os braços bem apertados em torno do seu pescoço.

— Estão a dormir. Mas fizeram uma grande porcaria nas fraldas. Uma grande porcaria. A avó limpou tudo. Cheirava mesmo mal. — Maja franziu o nariz.

— Têm sido uns anjinhos — assegurou Kristina, cujo rosto se iluminou. Cada um bebeu quase dois biberões e depois adormeceram sem o mais pequeno problema. Bem, depois de sujarem as fraldas, como disse Maja.

— Vou num instante vê-los lá acima — disse Patrik. Desde que os gêmeos tinham tido alta do hospital e ido para casa, tinha-se habituado a não os perder de vista por muito tempo. Enquanto estava na delegacia, sentira um desejo tremendo de vê-los.

Subiu as escadas até o quarto. Erica e Patrik não tinham querido separar os dois meninos, por isso dormiam na mesma caminha. Naquele momento, estavam tão perto um do outro que os seus narizes se tocavam. O braço de Noel estava estendido sobre Anton, como se estivesse a protegê-lo. Patrik perguntou a si próprio quais seriam os seus papéis. Noel parecia um pouco mais exigente e era mais ruidoso do que Anton, que mostrava estar sempre satisfeito. Enquanto tivesse comida suficiente e o deixassem dormir quando estava cansado, nunca protestava e não lhe ouviam nada a não ser uma tagarelice de contentamento. Noel, por outro lado, emitia protestos sonoros se alguma coisa não lhe agradasse. Não gostava que o vestissem nem que lhe mudassem a fralda. O pior de tudo era tomar banho. A julgar pelos berros, o bebê parecia pensar que a água constituía um perigo de morte.

Patrik deixou-se ficar durante bastante tempo debruçado sobre o berço dos filhos. Noel e Anton estavam a dormir profundamente, as pálpebras a estremecer levemente. Perguntou a si próprio se estariam a sonhar a mesma coisa.

Nathalie estava sentada nos degraus à luz do sol, que se desvanecia enquanto observava o barco a aproximar-se. Sam já tinha adormecido. Lentamente, levantou-se e avançou até o cais.

— Peço autorização para ir a terra!

A voz de Matte soava familiar, embora diferente. Nathalie percebeu que o amigo tinha passado por muito desde a última vez que tinham estado juntos. De início teve vontade de gritar:

“Não, não venhas a terra! Tu já não pertences aqui.” Em vez disso, pegou no cabo que Matte lhe lançou e, com mão experimentada, fez um nó duplo para amarrar o barco. No segundo seguinte, o amigo já estava no cais. Nathalie tinha-se esquecido de como era alto. Estava habituada a ser da mesma altura da maioria dos homens, mas sempre tinha conseguido encostar a cabeça contra o peito de Matte. Fredrik estava sempre a provocá-la por causa disso, de ser pelo menos dois centímetros mais alta que ele. Nathalie via-se forçada a usar sapatos rasos sempre que iam juntos a algum lado.

Não penses em Fredrik agora. Não penses...

Nathalie deu por si nos braços de Matte. Não sabia muito bem como aquilo tinha acontecido, nem quem dera o primeiro passo. De repente, os braços dele estavam em torno dela e a sua camisola áspera arranhava-lhe a face. Sentiu-se segura, envolta no seu abraço, e inspirou aquele cheiro familiar, um cheiro que não sentia há muitos anos. O cheiro de Matte.

— Olá, Nathalie. — Matte abraçou-a ainda com mais força, como se estivesse a tentar impedi-la de cair, e conseguiu-o. Nathalie queria ficar assim para sempre, tocando tudo o que lhe havia pertencido há muito tempo mas que tinha desaparecido no caos da escuridão e do desespero. Por fim, Matte soltou-a e afastou-a um pouco enquanto lhe estudava o rosto, como se a estivesse a ver pela primeira vez.

— Estás na mesma — disse. Mas Nathalie podia ver nos seus olhos que não era verdade. Não era a mesma, era outra pessoa. Isso era evidente no seu rosto, nas linhas gravadas em redor dos olhos e da boca, e Nathalie sabia que Matte se tinha dado conta da mudança. Adorava-o por fingir o contrário. Matte fora sempre muito bom nisso, em fingir que bastava fechar os olhos com força suficiente para que as coisas más se fossem embora.

— Anda — convidou Nathalie, estendendo-lhe a mão. Matte apertou-a e, em seguida, caminharam até a casa.

— A ilha também parece estar na mesma. — O vento apoderou-se da voz de Matte, transportando-a pelas falésias.

— Sim. Nada mudou por aqui. — Nathalie queria dizer mais, mas Matte entrou. Teve de baixar-se ao transpor a porta e, então, o momento passou. Fora sempre assim com Matte. Nathalie conseguia lembrar-se de palavras que tinha guardado dentro de si e que queria dizer-lhe, mas as palavras recusavam-se a sair, deixando-a muda. E entristecendo-o. Nathalie sabia disso, que Matte ficava triste

por o excluir sempre que a escuridão se apoderava dela.

Agora também não podia deixá-lo entrar, mas podia permitir-lhe que ficasse ali com ela, na casa. Pelo menos por um tempo. Precisava da sua presença calorosa. Tinha estado congelada durante tanto tempo.

— Queres um chá? — perguntou, tirando um tacho do armário sem esperar pela resposta do amigo. Tinha de manter-se ocupada para não revelar que estava a tremer.

— Sim, vem mesmo a calhar. Onde está o teu filhote? Que idade é que já tem? Nathalie lançou-lhe um olhar inquiridor.

— Os meus pais já me fizeram o relato todo — disse Matte com um sorriso.

— Tem cinco. E já está a dormir.

— Ah! — Matte parecia desapontado, o que lhe acalentou o coração. Aquilo era importante para ela. Muitas vezes se interrogara como as coisas teriam sido se houvesse tido Sam com Matte, em vez de com Fredrik. Embora nesse caso não fosse Sam, mas outro filho diferente. E isso era impossível de imaginar.

Estava contente por Sam estar a dormir. Não queria que Matte o visse como estava. Mas, assim que Sam se sentisse melhor, apresentaria a Matte o seu tesouro, cujos olhos castanhos eram sempre tão travessos. Quem lhe dera que aquele olhar traquina voltasse, para poderem passar os três algum tempo juntos. Estava ansiosa por isso.

Permaneceram sentados em silêncio durante algum tempo, bebericando o chá quente. Era curioso sentirem-se como estranhos, saber que tinham deixado que o passar do tempo os conduzisse àquele estado. Depois começaram a falar. Não foi fácil, porque já não eram as mesmas pessoas. Lentamente, caíram num ritmo familiar que fora só deles, conseguindo eliminar tudo o que os anos tinham interposto entre os dois.

Quando Nathalie lhe pegou na mão e o conduziu ao primeiro andar, pareceu-lhe a coisa mais natural do mundo. Depois de terem feito amor, Nathalie adormeceu com os braços de Matte em torno dela e a sua respiração no ouvido. Lá fora podia ouvir o som das ondas a embater nas rochas.

Vivianne tapou Erling com um cobertor. O comprimido para dormir tinha-o posto fora de combate, como era costume. Erling tinha começado a interrogar-se por que adormecia todas as noites no sofá e Vivianne sabia que tinha de ter cuidado, mas já não conseguia estar deitada ao seu lado, sentir o corpo dele a tocar no seu. Era impossível.

Foi até a cozinha e deitou as cascas de camarão no lixo. Depois passou os pratos por água e pô-los na máquina de lavar louça. Ainda havia vinho na garrafa, pelo que deitou um pouco num copo lavado e voltou para a sala de estar.

Já faltava tão pouco... Mas Vivianne começava a ficar nervosa. Nos últimos

dias, parecia que a ficção que tão cuidadosamente tinham construído podia desmoronar-se. Bastava que uma pequena peça saísse do lugar para que tudo desse para o torto. Vivianne sabia-o. Quando era mais nova, desfrutava de um certo prazer perverso em correr riscos. Adorava a sensação de estar à beira do abismo. Mas agora já não. Era como se, quanto mais velha ficava, mais forte se tornasse o anseio por segurança, o desejo de recostar-se na cadeira e não ter de pensar. E tinha certeza de que Anders pensava o mesmo. Eram parecidíssimos e sabiam no que o outro estava a pensar sem precisarem de dizer uma palavra que fosse. Anders sempre fora assim.

Vivianne levou o copo aos lábios, mas parou por um momento quando sentiu o cheiro do vinho. O aroma fê-la recordar acontecimentos que tinha jurado esquecer. Havia sido há tanto tempo. Nessa altura era uma pessoa diferente, alguém que nunca poderia voltar a ser sob nenhuma circunstância. Agora era Vivianne.

Sabia que precisava de Anders para não voltar a cair, deslizando para dentro daquele buraco negro das recordações que a faziam sentir-se maculada e frágil.

Dando uma última olhada para Erling deitado no sofá, pegou o casaco e saiu. Erling dormia profundamente. Não notaria sua falta.

FJÄLLBACKA, 1870

QUANDO KARL SE DECLAROU, EMELIE SENTIU QUE ESTAVA NO SÉTIMO CÉU. NUNCA PENSOU QUE UMA SITUAÇÃO DAQUELAS PUDESSE REALMENTE ACONTECER, POR MAIS QUE TIVESSE SONHADO. DURANTE OS CINCO ANOS QUE TRABALHOU COMO CRIADA NA QUINTA DOS PAIS DE KARL, ADORMECIA MUITAS VEZES COM A IMAGEM DO ROSTO DELE NOS SEUS PENSAMENTOS. MAS KARL ERA COMPLETAMENTE INALCANÇÁVEL E EMELIE SABIA DISSO. AS ÁSPERAS REPREENSÕES DE EDITH TINHAM AFUGENTADO OS SEUS ÚLTIMOS SONHOS. O FILHO DO DONO DA QUINTA NÃO IA CASAR-SE COM A CRIADA. NEM QUE ELA ENGRAVIDASSE.

KARL NUNCA LHE TINHA TOCADO. MAL FALAVA COM ELA DAS POUCAS VEZES QUE ESTAVA DE FOLGA DO SEU TRABALHO NO NAVIO FAROL E IA A CASA DE VISITA. LIMITAVA-SE A TRATÁ-LA EDUCADAMENTE, SAINDO DO SEU CAMINHO QUANDO EMELIE PRECISAVA DE PASSAR. NO MÁXIMO, PERGUNTAVA-LHE COMO ESTAVA, MAS NUNCA TINHA DADO QUALQUER SINAL DE SENTIR O MESMO QUE EMELIE SENTIA. EDITH TINHA-LHE CHAMADO TOLA, DIZENDO-LHE PARA TIRAR AQUELAS IDEIAS DA CABEÇA E PARAR DE SER TÃO SONHADORA.

MAS OS SONHOS PODEM TORNAR-SE REALIDADE E AS PRECES PODEM SER OUVIDAS. UM DIA, KARL TINHA APARECIDO E PEDIRA PARA FALAR COM ELA. EMELIE FICOU ASSUSTADA, PENSANDO QUE HAVIA FEITO ALGUM DISPARATE E QUE KARL LHE IA DIZER PARA ARRUMAR OS SEUS PERTENCES E DEIXAR A QUINTA. EM VEZ DISSO, KARL OLHARA PARA O CHÃO. UMA MADEIXA DO SEU CABELO ESCURO CAÍRA-LHE SOBRE OS OLHOS E EMELIE TEVE DE CONTER-SE PARA NÃO ESTENDER A MÃO E PÔ-LA NO LUGAR. GAGUEJANDO, KARL PERGUNTOU-LHE SE EMELIE ESTARIA DISPOSTA A ENCARAR A POSSIBILIDADE DE CASAR COM ELE. EMELIE MAL PÔDE ACREDITAR NO QUE OUVIA. DEU POR SI A MIRÁ-LO DE ALTO A BAIXO PARA VER SE KARL ESTAVA A BRINCAR. MAS KARL CONTINUOU A FALAR, AFIRMANDO QUE QUERIA QUE ELA FOSSE SUA MULHER E QUE PODERIAM CASAR NO DIA SEGUINTE. OS PAIS DELE E O PASTOR JÁ TINHAM SIDO INFORMADOS, POR ISSO, SE EMELIE ACEITASSE A SUA PROPOSTA, TUDO PODIA SER TRATADO SEM MAIS

DEMORAS.

EMELIE HESITOU POR UM MOMENTO, MAS DEPOIS SUSSURROU UM “SIM”. KARL INCLINARA-SE E AGRADECERA-LHE, AO MESMO TEMPO QUE RECUAVA PARA SAIR DO QUARTO. EMELIE FICOU ALI DURANTE MUITO TEMPO, SENTINDO O CALOR A ESPALHAR-SE PELO PEITO. AGRADECEU A DEUS POR TER OUVIDO AS PRECES QUE SILENCIOSAMENTE REPETIRA TODAS AS NOITES. E DEPOIS DESATOU A CORRER AO ENCONTRO DE EDITH.

MAS EDITH NÃO REAGIU COMO EMELIE ESPERARA, COM SURPRESA E TALVEZ UM POUCO DE INVEJA. EM VEZ DISSO, FRANZIU A TESTA, JUNTANDO AS SOBRANCELHAS ESCURAS, AO MESMO TEMPO QUE ABANAVA A CABEÇA E ADVERTIA EMELIE, DIZENDO-LHE PARA TER CUIDADO. EDITH OUVIRA CONVERSAS ESTRANHAS, VOZES ALTAS E BAIXAS POR DETRÁS DE PORTAS FECHADAS DESDE QUE KARL TINHA CHEGADO A CASA DE FOLGA DO NAVIO FAROL. KARL APARECERA DE FORMA INESPERADA. PELO MENOS, NENHUMA DAS PESSOAS

QUE TRABALHAVA NA QUINTA SOUBERA DE ANTEMÃO QUE O FILHO MAIS NOVO ESTAVA A CAMINHO DE CASA. E ISSO NÃO ERA HABITUAL, DISSERA EDITH. MAS EMELIE NÃO ESTAVA A OUVI-LA. INTERPRETANDO AS PALAVRAS DA AMIGA COMO UM SINAL DE QUE ESTAVA COM CIÚMES DA FELICIDADE QUE A ESPERAVA, VIROU DECIDIDAMENTE AS COSTAS A EDITH E RECUSOU-SE A VOLTAR A FALAR COM ELA. NÃO QUERIA SABER DAQUELA CONVERSA ESTÚPIDA E DAQUELAS COSCUVILHICES. IA CASAR COM KARL.

TRANSCORRERA UMA SEMANA DESDE ENTÃO E O CASAL JÁ TINHA PASSADO UM DIA E UMA NOITE NO SEU NOVO LAR. EMELIE DAVA POR SI A ANDAR POR ALI DE UM LADO PARA O OUTRO A CANTAROLAR. ERA MARAVILHOSO TER A SUA PRÓPRIA CASA. CLARO QUE ERA PEQUENA, MAS ERA ADORÁVEL NA SUA SIMPLICIDADE E EMELIE TINHA ANDADO OCUPADÍSSIMA A VARRER E A LIMPAR DESDE O DIA EM QUE CHEGARAM. AGORA, TUDO BRILHAVA E CHEIRAVA MARAVILHOSAMENTE A SABÃO PERFUMADO. EMELIE E KARL AINDA NÃO TINHAM PASSADO MUITO TEMPO JUNTOS, PORÉM, DAÍ EM DIANTE HAVERIA MUITAS OPORTUNIDADES PARA ISSO. KARL TEVE DE TRABALHAR DURAMENTE PARA ORGANIZAR TUDO. JULIAN, QUE ERA O ASSISTENTE DO FAROLEIRO, TAMBÉM JÁ CHEGARA E, NA PRIMEIRA NOITE, ELE E KARL TINHAM-SE REVEZADO NO FAROL.

EMELIE NÃO SABIA MUITO BEM O QUE PENSAR DE PARTILHAR A ILHA COM AQUELE HOMEM. JULIAN MAL TINHA FALADO COM ELA

DESDE QUE DESEMBARCARA EM GRÅSKÄR. DEDICAVA-SE SOBRETUDO A OLHAR PARA ELA, UM OLHAR QUE EMELIE NÃO APRECIAVA DE TODO. MAS O MAIS CERTO ERA FAZÊ-LO POR SER TÍMIDO. NÃO DEVIA SER FÁCIL TER DE VIVER, ASSIM DE REPENTE, COM UMA DESCONHECIDA NUM LUGAR TÃO PEQUENO. SABIA QUE JULIAN CONHECIA KARL DOS TEMPOS QUE PASSARAM JUNTOS NO NAVIO FAROL, MAS IA DEMORAR ALGUM TEMPO A ACOSTUMAR-SE A ELA. E O QUE NÃO FALTAVA NA ILHA ERA TEMPO. EMELIE CONTINUOU A ANDAR DE UM LADO PARA O OUTRO NA COZINHA. NÃO IA DAR A KARL QUALQUER MOTIVO PARA SE ARREPENDER DE A TER ESCOLHIDO PARA SUA MULHER.

NATHALIE ESTENDEU A MÃO PARA MATTE, como sempre fizera naquele tempo. Era como se apenas tivesse passado um dia desde a última vez em que tinham estado deitados, juntos. Mas agora eram adultos. O corpo dele era mais anguloso e peludo, e Matte tinha cicatrizes que não existiam antes, tanto externa como internamente. Nathalie tinha-se deixado ficar ali deitada durante muito tempo, com a cabeça apoiada no peito dele e a correr o dedo pelas formas daquelas cicatrizes. Queria perguntar-lhe como as arranjara; porém, no seu coração, sabia que as coisas estavam ainda muito frágeis para se arriscar a fazer perguntas sobre o que acontecera durante os anos que tinham passado sem se verem.

Agora, o outro lado da cama estava vazio. Nathalie tinha a boca seca e sentia-se exausta. Solitária. Passou a mão sobre o lençol e a almofada, mas Matte tinha-se ido embora. Era como se Nathalie tivesse descoberto que perdera parte do próprio corpo durante a noite. Mas então sentiu uma centelha de esperança. Talvez Matte estivesse lá em baixo. Prendeu a respiração e pôs-se à escuta, mas não ouviu um único som. Envolvendo-se no cobertor, pôs os pés no soalho gasto. Avançou cautelosamente em bicos de pés até a janela que dava para o cais e olhou lá para fora. O barco dele tinha partido. Matte fora-se embora sem dizer adeus. Deslizou para o chão com as costas encostadas à parede e sentiu o princípio de uma dor de cabeça. Precisava de beber alguma coisa.

Vestiu-se lentamente. Era como se não tivesse pregado olho a noite inteira, embora soubesse que tinha dormido. Adormecera nos braços de Matte e dormira tão profundamente como há muito não dormia. Contudo, sentia a cabeça a latejar.

No térreo reinava o silêncio. Nathalie foi ver Sam e deu com ele acordado, embora estivesse deitado na cama e sem fazer o mais leve ruído. Sem dizer uma palavra, pegou nele e levou-o até a mesa da cozinha. Acariciou-lhe o cabelo antes de pôr água ao lume para fazer café. Tinha tanta sede. Precisava de água. Bebeu dois grandes copos antes que a sensação de secura na garganta desaparecesse. Limpou a boca com as costas da mão. O cansaço era maior, mais notório, agora que estava saciada. No entanto, Sam precisava de comer e ela também. Movendo-se mecanicamente, cozinhou alguns ovos, fez um sanduíche para si e preparou flocos de aveia para Sam.

Em seguida lançou um olhar furtivo à cômoda na entrada. Não lhe restava muito dinheiro. Era importante racioná-lo bem. Mas o cansaço que sentia e a memória do barco solitário no cais motivaram-na a dar os poucos passos que a separavam da entrada e a abrir a última gaveta da cômoda. Ansiosamente, enfiou as mãos por baixo da roupa, mas os dedos não encontraram o que procuravam. Voltou a

procurar e depois tirou toda a roupa da gaveta. Nada. Talvez não o tivesse posto naquela gaveta. Abriu as duas outras gavetas e esvaziou o conteúdo para o chão. Nada. O pânico apoderou-se dela e, de repente, compreendeu porque é que a sua mão encontrara apenas uma cama vazia quando acordou. Agora compreendia porque é que Matte se tinha ido embora. E também porque não se tinha despedido.

Deixou-se cair no chão e enrolou-se na posição fetal, abraçando os joelhos. Da cozinha ouviu a água fervente a transbordar.

— Deixa o rapaz sossegado. — Gunnar não tirou os olhos do Bohuslänningen³ quando repetiu o que andara a dizer o dia inteiro.

— Mas talvez ele queira vir jantar aqui hoje. Ou amanhã, já que é domingo. Não achas? — insistiu Signe.

Gunnar suspirou atrás do seu jornal.

— De certeza que Matte tem outras coisas para fazer no fim de semana. Ele já é crescidinho. Se quiser vir, provavelmente telefona ou aparece por cá. Não podes continuar a persegui-lo desta maneira. Além disso, Matte juntou cá no outro dia.

— Mesmo assim, acho que vou dar um toque. Para saber se está tudo bem. — Signe estendeu a mão para o telefone, mas Gunnar inclinou-se para a frente para a deter.

— Deixa-o estar — contestou Gunnar com firmeza.

Signe afastou a mão. Doía-lhe o corpo todo, tais eram as ganas de ligar para o celular de Matte, para ouvir a voz do filho e certificar-se de que estava tudo bem. Depois da tarefa que lhe tinham dado Signe tornara-se mais preocupada do que nunca. O incidente tinha confirmado o que sempre soubera — que o mundo era um lugar perigoso para Matte.

De um ponto de vista lógico, Signe sabia que devia descontrair-se; mas de que adiantava isso quando cada fibra do seu corpo gritava que tinha de protegê-lo? Matte já era crescido. Signe sabia-o. Ainda assim, não conseguia deixar de se preocupar.

Signe escapuliu-se para o corredor para telefonar de lá. Quando ouviu a mensagem de Matte no gravador de chamadas, desligou o telefone. Por que o filho não atendia o celular?

— Não sei o que fazer.

Erica deixou-se cair na cadeira. Estavam a ter um raro momento de paz no meio do caos. As três crianças estavam a dormir, por isso Erica e Patrik podiam sentar-se à mesa da cozinha, a comer sanduíches quentes e a conversar sem serem constantemente interrompidos. Mas Erica não estava a conseguir aproveitar o momento. Não conseguia parar de pensar em Anna.

— Não podes fazer grande coisa a não ser estar disponível quando precisar de ti. E, afinal de contas, Anna tem Dan. — Patrik esticou-se do outro lado da mesa

para pôr a mão sobre a mão de Erica.

— E se Anna me odiar? — perguntou Erica com voz desmaiada, à beira das lágrimas.

— Por que te odiaria?

— Porque eu tenho dois bebês e ela não tem nenhum.

— Mas a culpa não foi tua. Foi apenas... Não sei bem como dizer. O destino, talvez. — Patrik acariciou-lhe a mão.

— O destino? — Erica lançou-lhe um olhar de dúvida. — Anna sofreu bastante nas mãos do destino. Estava finalmente começando a a ser feliz e estávamos ficando tão próximas... Agora... vai me odiar. Eu sei que vai.

— Como é que foi ontem, quando foste vê-la?

Estiveram tão ocupados que ainda não tinham tido oportunidade de conversar. A chama da vela que Patrik acendera começou a tremeluzir e o rosto de Erica ora ficava iluminado ora ficava na sombra.

— Anna estava dormindo. Sentei na cama dela por um tempo. Parecia tão indefesa.

— E Dan?

— Parecia desesperado. Dá para ver que carrega um fardo muito pesado, mesmo que finja que está tudo bem. Emma e Adrian não param de fazer perguntas. Dan disse que não sabe o que responder.

— Tua irmã vai superar esta fase. Já demonstrou no passado que é uma pessoa muito forte. — Patrik soltou a mão de Erica e pegou o garfo e a faca.

— Não tenho assim tanta certeza. Quanto pode um ser humano aguentar antes de ficar completamente desfeito? Receio que Anna tenha atingido seu limite — a voz de Erica quebrou.

— Vamos ter de esperar para ver. E ajudá-la, se precisar de nós. — Patrik apercebeu-se de como aquelas palavras que ficaram a pairar no ar soavam ocas. Mas não lhe ocorria mais nada para dizer. Sabia tanto o que fazer quanto Erica. Como se defendiam as pessoas contra o destino? Como conseguia alguém seguir em frente depois de perder um filho?

Naquele momento, dois gritos vindos do primeiro andar fizeram ambos dar um pulo. Juntos, subiram para acudir aos gêmeos. Aquele era o destino deles. Sentiram-se culpados e gratos ao mesmo tempo.

— ERA DO ESCRITÓRIO DE MATTE. Ontem não apareceu e hoje também não. E não telefonou para informar por que faltaria. — De telefone na mão, Gunnar parecia congelado no lugar.

— E não atendeu o celular durante o fim de semana todo — disse Signe.

— Vou dar um salto a casa dele para ver o que se passa.

Gunnar já estava a caminho da porta, pegando no casaco de passagem. Então é assim que Signe se sente, pensou. O medo corria-lhe pelo peito como um animal selvagem. Era assim que devia ter-se sentido todos aqueles anos.

— Eu vou contigo — disse Signe com firmeza, e Gunnar sabia que de nada adiantava argumentar. Assentiu e, em seguida, esperou impacientemente que a mulher vestisse o casaco.

Fizeram toda a viagem até o apartamento de Matte em silêncio. Gunnar seguiu por estradas secundárias, sem passar pelo meio de Fjällbacka. Em vez disso, passaram pelas Sete Colinas, para onde as crianças iam andar de trenó no inverno. Matte também o tinha feito quando era menino. Gunnar engoliu em seco. Tinha de haver uma explicação lógica. Talvez estivesse com febre e não se tivesse lembrado de telefonar a dizer que estava doente. Ou talvez... Gunnar não conseguia pensar noutro assunto. Matte era sempre tão consciencioso em relação a tudo. Teria telefonado para o escritório se não estivesse capaz de ir trabalhar.

O rosto de Signe estava pálido quando se sentou ao lado do marido no lugar do morto. Olhava fixamente em frente, segurando a mala que colocara no colo. Gunnar interrogou-se porque estaria a agarrá-la com tanta força, mas teve a sensação de que, naquele momento, a mala era a tábua de salvação de Signe.

Estacionaram à frente do prédio de Matte. Entrada B. Gunnar queria correr, mas para não afligir

Signe, tentou agir com calma e forçou-se a caminhar a um ritmo normal.

— Tens as chaves? — perguntou Signe, que se tinha adiantado ao marido e já abrira a porta do prédio.

— Estão aqui. — Gunnar mostrou-lhe as chaves que Matte lhes havia dado.

— Tenho certeza de que Matte está em casa, por isso vais ver que não vamos precisar dela. Vais ver que nos vai abrir a porta, e depois...

Gunnar escutava a tagarelice incoerente de Signe, que subia rapidamente as escadas. Matte morava no último andar e estavam ambos com falta de ar quando chegaram à porta do apartamento. Gunnar teve de conter-se para não enfiar imediatamente a chave na fechadura.

— Primeiro vamos tocar a campainha. Se Matte estiver em casa vai ficar chateado se entrarmos assim sem mais nem menos. Talvez esteja acompanhado e seja por causa disso que não tem ido trabalhar.

Signe já estava tocando a campainha. Ouviram-na soar no interior. Signe insistiu. E tocou novamente. Depois puseram-se os dois à escuta, à espera de ouvirem passos a aproximar-se, os passos do Matte a dirigirem-se à porta. Mas tudo permaneceu em silêncio.

— Acho que é melhor abrir a porta. — Signe lançou um olhar urgente ao marido.

Gunnar assentiu, pôs-se à frente da mulher e começou a procurar a chave no chaveiro. Encontrou a chave certa, introduziu-a na fechadura, rodou-a e rodou também a maçaneta. A porta não se mexeu. Confuso, percebeu que a porta estava aberta e que acabara de trancá-la. Olhou para Signe. Podiam ver o pânico nos olhos um do outro. Porque teria a porta ficado destrancada se Matte não estava em casa? E, se Matte estava em casa, porque é que não tinha ido à porta?

Gunnar rodou novamente a chave e ouviu o estalido da fechadura. Com os dedos a tremer descontroladamente, abriu a porta.

Assim que pôs os olhos no vestíbulo percebeu que Signe tinha razão.

Estava indisposta. Como nunca tinha estado em toda a sua vida. O cheiro de vômito enchia-lhe as narinas. Não se lembrava bem, mas pensava ter vomitado num balde que estava ao lado do colchão. Via tudo através de uma névoa. Nathalie tentou mover-se cautelosamente. Doía-lhe o corpo todo. Semicerrou os olhos. Doeram-lhe quando tentou ver que horas eram. Que dia seria? E onde estava Sam?

Pensar em Sam deu-lhe força suficiente para se sentar. Estava deitada num colchão ao lado da cama do filho. Sam dormia. Conseguiu por fim focar suficientemente os olhos para consultar o relógio. Passava pouco da uma da tarde, o que significava que Sam estava a dormir uma sesta. Acariciou-lhe a cabeça.

De alguma forma, Nathalie devia ter conseguido cuidar dele, apesar da febre. Os instintos maternos tinham-se revelado suficientemente fortes. O alívio inundou-a, tornando a dor mais suportável. Olhou em redor. Havia uma garrafa de água pousada na cama de Sam e havia pedaços de fruta, um bocado de queijo e biscoitos espalhados pelo chão. Parecia ter-se assegurado de que o filho teria comida e água à disposição.

Havia realmente um balde ao lado do colchão e o cheiro vindo dele era repugnante. Devia ter-se apercebido de que estava muito maldisposta e levava o balde para o quarto. Devia ter vomitado tudo o que comera porque tinha o estômago vazio.

Levantou-se lentamente. Não queria acordar Sam, pelo que se forçou a não gemer muito alto. Por fim conseguiu pôr-se de pé, mas as pernas tremiam-lhe. Era

importante comer e beber alguma coisa. Não tinha fome, mas o estômago roncava de protesto. Pegou no balde, tendo o cuidado de não olhar lá para dentro enquanto o levava para fora do quarto. Servindo-se do ombro para empurrar a porta de entrada da casa, estremeceu de surpresa quando saiu para o ar frio. O tempo devia ter arrefecido enquanto estivera doente.

Sentou-se cautelosamente no cais e, desviando os olhos, despejou o conteúdo do balde no mar. Pegou numa corda e amarrou-a à pega. Depois baixou o balde e lavou-o com água do mar.

O vento açoitava-lhe o cabelo enquanto regressava a casa, os braços abraçando o peito. O corpo inteiro gritava de protesto por causa do esforço e Nathalie podia sentir o suor a escorrer-lhe pela pele. Enojada, despiu toda a roupa e lavou-se antes de vestir uma camiseta lavada e um fato de treino. Com mãos trémulas, fez uma sanduíche, serviu-se de um copo de sumo e sentou-se à mesa da cozinha. Foi preciso comer vários bocados antes que a comida lhe soubesse a alguma coisa, mas depois comeu rapidamente mais duas sanduíches. Aos poucos foi sentindo a vida a regressar-lhe ao corpo.

Nathalie olhou novamente de relance para o relógio, verificando a pequena janela que mostrava a data. Depois de fazer alguns cálculos mentais, concluiu que devia ser terça-feira. Tinha estado doente durante quase três dias. Três dias perdidos, repletos de todo o tipo de sonhos. O que fora ao certo que tinha sonhado? Tentou fixar as imagens que lhe rodopiavam na mente. Havia uma que se repetia. Nathalie abanou a cabeça, mas o movimento provocou-lhe náuseas. Comeu um bocado de uma quarta sanduíche e o estômago acalmou-se. Uma mulher. Havia uma mulher nos seus sonhos e havia algo no rosto dela. Nathalie franziu a testa. Havia algo muito familiar naquela mulher. Sabia que a tinha visto antes, embora não conseguisse recordar-se de onde fora.

Levantou-se. Sem dúvida que se lembraria, mais cedo ou mais tarde. Mas o sonho deixara-lhe uma sensação que se recusava a desfazer-se. A mulher parecia tão triste... Com o mesmo sentimento de tristeza, Nathalie entrou no quarto para ver como estava Sam.

Patrik não tinha dormido bem. A preocupação de Erica com Anna tinha-o infetado e acordara várias vezes durante a noite com pensamentos sombrios sobre como a vida podia mudar rapidamente. A sua própria experiência recente tinha-o feito perder um pouco o pé. Talvez fosse positivo que já não encarasse a vida como um facto consumado, porém, ao mesmo tempo, uma sensação insistente de desconforto tinha-se instalado dentro dele. Dava por si a comportar-se de um modo muito mais superprotetor do que antes. Não gostava de ver Erica a afastar-se de carro com as crianças. Para ser franco, teria preferido que Erica não conduzisse de todo. E sentir-se-ia muito mais seguro se a mulher e os filhos nunca mais voltassem

a sair de casa, permanecendo sempre lá dentro, bem protegidos de qualquer perigo.

Claro que Patrik percebia que tais pensamentos não eram nem saudáveis nem racionais. Mas tinha estado muito perto de perder a própria vida, bem como Erica e os gêmeos. A família estivera a segundos de desaparecer completamente.

Agarrou a borda da secretária, forçando-se a respirar calmamente. Às vezes sentia-se completamente dominado pelo pânico; pensava que talvez tivesse de aprender a viver com ele. E ia conseguir, porque, apesar de tudo, ainda tinha a sua família.

— Como é que vai isso? — perguntou Paula, aparecendo de repente à porta. Patrik respirou fundo uma vez mais.

— Tudo bem. Só estou um bocado cansado, nada mais. Os biberões durante a noite, sabes como é — acrescentou, tentando sorrir.

Paula entrou e sentou-se.

— Ah, pois. — A colega olhou-o nos olhos com uma expressão que revelava que não engolia as respostas evasivas e os sorrisos amarelos de Patrik. — O que eu queria saber era como é que tu estavas.

— Tenho altos e baixos — admitiu Patrik com relutância. — Acho que vou demorar um pouco a voltar ao normal. Mesmo que agora já esteja tudo bem. Tirando a irmã de Erica, claro.

— Como está ela?

— Péssima.

— Vai demorar o seu tempo.

— Pois é, julgo que sim. Mas Anna fechou-se completamente na sua concha. Nem sequer quer falar com Erica.

— E achas que isso é assim tão estranho? — perguntou Paula em voz baixa.

Patrik sabia que a colega tinha a capacidade de ir direta ao cerne da questão. Costumava dizer que as pessoas tinham de ouvir, e não necessariamente o que queriam ouvir. E normalmente tinha razão.

— Tu e Erica têm dois filhos que sobreviveram ao acidente. Anna perdeu o bebê. Não me parece assim tão estranho que queira isolar-se da irmã.

— É exatamente isso o que assusta Erica. Mas o que é que havemos de fazer?

— Nada. Pelo menos por enquanto. Anna tem a sua própria família, tem um marido que é o pai do bebê. Têm de reencontrar-se antes de Erica poder voltar a entrar na vida dela. Por mais duro que possa parecer, por enquanto Erica tem de manter-se afastada. Isso não significa que desista de Anna. Vai estar sempre disponível para o caso de a irmã precisar dela.

— Eu compreendo isso, mas não sei como explicá-lo a Erica. — Patrik respirou fundo outra vez. A pressão no peito tinha abrandado um pouco enquanto

falava com Paula.

— Acho que... – começou a dizer Paula, mas foi interrompida por alguém que batia à porta.

— Desculpem – disse Annika com o rosto corado. – Acabamos de receber um telefonema de

Fjällbacka. Um homem foi encontrado morto no seu apartamento. Levou um tiro.

De início, ninguém disse nada. Depois, Paula e Patrik entraram em ação e, um minuto depois, estavam a dirigir-se para a garagem. Nas suas costas ouviram Annika a bater à porta dos gabinetes de Gösta e de Martin, que teriam de levar o outro carro-patrulha. Segui-los-iam mais tarde.

— Isto é fantástico! – Erling olhou em redor, deleitado com tudo o que via no interior do novo spa Badis antes de se virar para Vivianne. – Não ficou nada barato, mas, se pensarmos na prosperidade do município, vale cada coroa investida. Acho que vai ser um grande sucesso. E, tendo em conta o dinheiro que aqui investiste, vamos ter um belo lucro depois de cobrirmos as despesas. Não estás a pagar demasiado aos funcionários, pois não? – Erling lançou um olhar de desconfiança a uma jovem vestida de branco que passava.

Vivianne deu-lhe o braço para o conduzir a uma das mesas.

— Não te preocupes. Temos tido muito cuidado com as despesas. Anders sempre foi extremamente agarrado. Foi graças a ele que lucramos tanto no spa de Ljuset e foi por isso que pudemos investir neste projeto.

— Sim, ainda bem que podemos contar com Anders – Erling sentou-se à mesa da sala de jantar para tomar um café. – É verdade, Matte conseguiu contactar-te? A semana passada referiu que havia uns assuntos que queria verificar contigo e com Anders.

Erling esticou o braço para alcançar um pãozinho, mas depois de lhe dar uma dentada voltou a pô-lo no prato.

— Que é isto?

— Pãezinhos de espelta.

— Ah! – exclamou Erling, optando por ficar-se pelo café.

— Não, Matte não me disse nada. Se calhar não era importante. Tenho certeza de que vai aparecer ou telefonar-me quando tiver oportunidade.

— Por acaso, isto é um bocado estranho. Matte não apareceu ontem no escritório, e não telefonou a justificar-se. E não o vi por lá esta manhã antes de vir para cá.

— Não deve haver motivo para preocupações – disse Vivianne, alcançando um pãozinho.

— Posso juntar-me aos pombinhos ou querem ficar a sós? – Anders tinha

aparecido sem que Erling e Vivianne se apercebessem. Ambos tiveram um sobressalto, mas depois Vivianne sorriu e puxou uma cadeira para que o irmão pudesse sentar-se ao lado dela.

Como sempre, Erling ficou espantado com as parecenças entre ambos. Eram os dois louros, tinham olhos azuis e bocas semelhantes, com os lábios em forma de arco. Mas, enquanto Vivianne era enérgica e extrovertida, com o que Erling chamaria um carisma magnético, o irmão era introvertido e calado. O contabilista típico, pensou Erling quando o conheceu durante a sua estada em Ljuset. Não é que achasse que isso fosse uma característica negativa. Com tanto dinheiro em jogo, era reconfortante ter um especialista em números como Anders a tratar das finanças.

— Sabes de Mats? Erling diz que tinha umas perguntas para nos fazer – disse Vivianne, virando-se para Anders.

— Sim, passou por lá à pressa na sexta-feira à tarde. Por quê? Erling aclarou a garganta.

— Bem, é que no final da semana passada Mats mencionou que tinha algumas dúvidas. Anders assentiu.

— Como eu disse, ele passou por lá e conseguimos esclarecer uma série de questões.

— Ah, ótimo. É bom saber que está tudo em ordem – rematou Erling, sorrindo alegremente.

UM HOMEM E UMA MULHER IDOSOS estavam à porta da entrada principal, abraçados como que a consolar-se um ao outro. Patrik presumiu que eram os pais do falecido. Tinham sido eles a encontrar o cadáver. Patrik e Paula saíram do carro-patrolha e foram ao seu encontro.

— Patrik Hedström, da polícia de Tanum. Foram os senhores que nos telefonaram? – perguntou, embora já soubesse a resposta.

— Sim, fomos nós. – As faces do homem estavam lavadas em lágrimas. A mulher mantinha a cara pressionada contra o peito do marido.

— É o nosso filho – disse sem olhar para os agentes. – Está... lá em cima...

— Vou subir para dar uma vista de olhos.

O homem fez menção de acompanhá-lo, mas Patrik deteve-o.

— Acho que é melhor esperarem os dois aqui. A ambulância vai chegar a qualquer momento e os paramédicos vão cuidar dos senhores. A minha colega Paula vai ficar convosco enquanto não aparecerem.

Patrik fez um gesto a Paula, que afastou suavemente o casal da entrada do prédio. Depois, Patrik entrou no edifício e subiu ao terceiro andar, onde encontrou uma porta escancarada. Não precisou de entrar no apartamento para saber que o homem deitado de bruços no chão do vestíbulo estava morto. Um grande buraco era visível na parte de trás da cabeça da vítima. Sangue seco e massa encefálica salpicavam o chão e as paredes. Aquele era, obviamente, o local do crime, e não adiantava fazer nada até que Torbjörn Ruud e a sua equipe de técnicos forenses inspecionassem o apartamento. Patrik decidiu que mais valia descer e ter uma conversa com os pais da vítima.

Quando saiu do edifício, Patrik dirigiu-se apressadamente ao casal. Os pais da vítima estavam ao lado de Paula e conversavam com a equipe da ambulância, que tinha acabado de chegar. Um cobertor tinha sido posto sobre os ombros da mulher, que chorava tanto que estremecia. Patrik optou por começar pelo marido, que parecia mais composto, embora também estivesse a chorar.

— Somos precisos lá em cima? – perguntou um dos tripulantes da ambulância, apontando para o edifício.

Patrik abanou a cabeça.

— Não, pelo menos por enquanto. Os técnicos forenses estão a caminho.

Por um momento, ninguém falou. O único som que se ouvia era o choro de partir o coração da mulher. Patrik aproximou-se do marido.

— Será que posso dar-lhe uma palavrinha?

— Queremos ajudar o máximo que pudermos. Não compreendemos quem

poderá ter... – a voz do homem sumiu-se, mas depois de lançar um olhar à mulher seguiu Patrik até o carro-patrulha. A mulher não parecia consciente do que estava a acontecer à sua volta.

Sentaram-se no banco traseiro do carro.

— Na porta do apartamento lê-se “Mats Sverin”. Mats é vosso filho?

— Sim, apesar de sempre lhe termos chamado Matte.

— E o senhor chama-se? – Patrik tomava notas enquanto falavam.

— Gunnar Sverin. A minha mulher chama-se Signe. Mas porque... Patrik pôs a mão sobre o braço do homem para acalmá-lo.

— Vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para apanhar quem quer que tenha feito uma coisa destas. Acha que podia responder a algumas perguntas?

Gunnar assentiu.

— Quando foi a última vez que viu o seu filho?

— Na quinta-feira à noite. Matte foi jantar conosco. Tem feito isso muitas vezes desde que regressou a Fjällbacka.

— A que horas saiu de vossa casa na quinta-feira?

— Acho que foi para casa de carro pouco depois das nove.

— Souberam alguma coisa do vosso filho desde então? Falaram com ele ao telefone ou tiveram algum outro tipo de contacto?

— Não, nada. Signe preocupa-se muito com ele e ligou-lhe durante todo o fim de semana, mas nunca conseguiu falar com Matte. E eu... eu disse-lhe que ela estava a ser uma chata, a preocupar-se sem razão, e que devia parar de incomodar o rapaz. – As lágrimas vieram-lhe novamente aos olhos. Envergonhado, Gunnar limpou-as à manga do casaco.

— Portanto, ninguém atendeu o telefone do apartamento do vosso filho? E Mats não atendeu o celular, certo?

— Sim, fomos sempre parar ao gravador de chamadas.

— E isso não era habitual?

— Não, acho que não. Signe telefona-lhe vezes sem conta, na minha opinião, mas Matte tem a paciência de um santo. – Gunnar limpou novamente os olhos à manga do casaco.

— Foi por isso que vieram cá hoje?

— Sim e não. Signe estava a ficar muito preocupada. E eu também, embora tenha fingido que não estava. Mas depois recebi um telefonema da câmara municipal a dizer que Matte não tinha aparecido no emprego... E isso não é dele, nada mesmo. O nosso filho sempre foi muito consciencioso acerca de chegar a horas e essas coisas. Nesse aspeto saiu a mim.

— Que emprego tinha na câmara municipal?

— Era chefe do departamento financeiro. Conseguiu o emprego há dois

meses depois de ter voltado para Fjällbacka. Teve sorte em conseguir aquela vaga. Não há muitos empregos para licenciados em Economia.

— Porque é que o vosso filho se mudou para Fjällbacka? Onde vivia antes?

— Em Gotemburgo – disse Gunnar, respondendo primeiro à segunda pergunta. – Na verdade não sabemos porque foi que Matte resolveu mudar-se para cá. Mas esteve envolvido num incidente terrível, não muito tempo antes de ter vindo. Foi agredido por um bando na cidade e passou várias semanas no hospital. Esse tipo de coisas pode fazer com que uma pessoa reavalie a sua vida. Seja como for, Matte mudou-se para cá, e isso deixou-nos muito felizes. Sobretudo Signe, claro. Ficou exultante.

— A polícia de Gotemburgo conseguiu apanhar o bando que o agrediu?

— Não. A polícia nunca os chegou a apanhar. Matte não fazia ideia de quem eles eram e também não teria sido capaz de identificá-los. Foi brutalmente agredido. Quando Signe e eu fomos vê-lo ao Hospital de Sahlgrenska quase não reconhecemos o nosso filho.

Patrik desenhou um ponto de exclamação na página ao lado da sua nota sobre a agressão. Precisava de descobrir mais sobre aquilo o mais depressa possível. Teria de entrar em contacto com os colegas de Gotemburgo.

— E o senhor e a sua mulher não têm ideia de ninguém que quisesse fazer mal a Matte? Algum indivíduo ou indivíduos que pudessem ter tido contas a ajustar com ele?

Gunnar abanou enfaticamente a cabeça.

— Matte nunca discutia com ninguém. Toda a gente gostava dele. E ele gostava de toda a gente.

— E como estavam as coisas a correr no novo emprego?

— Acho que Matte estava a gostar. Por acaso parecia um pouco preocupado quando estivemos com ele na quinta-feira, mas foi apenas uma vaga impressão com que fiquei. Talvez estivesse a sentir-se sobrecarregado. Seja como for, Matte nunca mencionou ter discutido com ninguém. Pelo que sei, Erling, o chefe dele, às vezes é um bocado difícil, mas Matte dizia que era inofensivo e que sabia como lidar com ele.

— E quando o vosso filho estava a viver em Gotemburgo? Consegue adiantar-me alguma coisa acerca da vida dele por lá? Amigos, namoradas, colegas de trabalho?

— Não, não posso dizer que saibamos grande coisa. Matte não falava muito da sua vida pessoal. Signe tentava sacar-lhe alguma coisa, em relação a garotas e isso, mas Matte nunca entrava em pormenores. Há uns anos ainda nos ia falando dos amigos, de vez em quando. Mas desde que começou a trabalhar no último emprego que teve em Gotemburgo que parecia afastar-se do convívio e dedicar todo o tempo

ao trabalho. Matte era assim, deixava-se absorver pelo trabalho.

— Então é o que aconteceu quando regressou a Fjällbacka? Não entrou em contacto com nenhum dos velhos amigos que tinha por aqui?

Gunnar voltou a abanar a cabeça.

— Não, Matte não parecia de todo interessado em fazer isso. Além de que já cá vivem poucos amigos dele. Muitos mudaram-se. Mas Matte parecia querer estar sozinho. E isso preocupava Signe.

— Seu filho não tem namorada?

— Acho que não. Mas é claro que nós nem sempre sabemos essas coisas.

— Nunca levou ninguém a vossa casa? – perguntou Patrik com surpresa. Interrogou-se sobre que idade teria Matte. Quando Gunnar lhe disse, percebeu que Mats Sverin era da mesma idade de Erica.

— Não, Matte nunca levou ninguém lá a casa, o que na verdade não quer dizer nada – acrescentou o velho como se tivesse lido os pensamentos de Patrik.

— Muito bem. Mas, caso se recorde de alguma coisa que possa ajudar-nos pode ligar-me para este número. – Patrik entregou o cartão de visita a Gunnar. – Seja o que for. Também vamos ter de falar com a sua mulher. E vamos precisar de falar novamente consigo. Espero que compreendam.

— Claro – respondeu Gunnar, guardando o cartão de Patrik.

Espreitou pela janela para olhar para Signe, que parecia ter parado de chorar. Os médicos deviam ter-lhe dado um sedativo.

— Lamento muito a vossa perda – disse Patrik. Então, o silêncio instalou-se entre ambos. Não havia muito mais a dizer.

Quando saíram do carro, Torbjörn Ruud e a sua equipe de técnicos forenses pararam no estacionamento. Agora, o meticuloso processo de recolha de provas ia começar.

Olhando para trás, era difícil a Nathalie entender porque não tinha adivinhado as intenções de Fredrik. Mas talvez isso não tivesse sido assim tão fácil. Exteriormente, Fredrik parecia muito polido e cortejara-a com tanto ardor que, inicialmente, Nathalie ria-se dele. Isso apenas o tinha incitado e Fredrik redobrou os esforços até ela ter acabado por ceder. Mimou-a, levou-a em viagens ao exterior, onde tinham ficado em hotéis de cinco estrelas, ofereceu-lhe champanhe e enviou-lhe tantos ramos de flores que praticamente não cabia mais nada no apartamento. Merecia luxo, dissera Fredrik. E Nathalie acreditou nele. Era como se apelasse a uma parte dela que sempre existira. Uma insegurança e um desejo de ouvir que era especial, que merecia mais do que as outras pessoas. De onde tinha vindo todo aquele dinheiro? Nathalie não conseguia recordar-se de alguma vez ter feito essa pergunta.

O vento soprava com mais força, mas Nathalie deixou-se ficar onde estava,

sentada no banco do lado sul da casa. Embora o café tivesse arrefecido, continuou a bebericá-lo. As mãos que envolviam a chávina tremiam. Ainda sentia as pernas bambas e o estômago continuava às voltas. Sabia que aquilo ia continuar por um tempo. Não era nada de novo.

Lentamente, tinha sido arrastada para o mundo de Fredrik, um mundo repleto de festas, de viagens e de pessoas e coisas bonitas. E Fredrik tinha uma bela casa. Fora morar com ele quase imediatamente, mais do que desejosa de deixar para trás seu apertado estúdio em Farsta. Como poderia continuar a viver ali depois de passar tantos dias e noites na casa enorme de Fredrik, no abastado subúrbio de Djursholm, em Estocolmo, onde tudo era novo, branco e caro?

Quando soube o que Fredrik fazia na vida e como obtinha o seu dinheiro já era tarde de mais. A sua vida estava entrelaçada com a dele. Tinham os mesmos amigos, usava o anel que lhe tinha dado e já não tinha um emprego, porque Fredrik queria que ficasse em casa e se certificasse de que tudo corria bem na frente doméstica. Mas a triste verdade é que Nathalie não tinha ficado realmente muito perturbada quando descobriu. Limitara-se a encolher os ombros, firmemente convencida de que Fredrik pertencia às esferas mais altas de um negócio desprezível; de que o namorado estava tão alto que não seria atingido pela porcaria que havia lá no fundo. Além disso, tudo aquilo lhe despertava uma certa excitação. Sentia um pontapé de adrenalina ao saber o que estava a acontecer à sua volta.

Exteriormente, era óbvio que nada daquilo era evidente. No papel, Fredrik era importador de vinho, o que em parte era verdade. A sua empresa obtinha um pequeno lucro todos os anos e Fredrik adorava visitar a vinha que comprara na Toscana. Planeava lançar a sua própria marca de vinho, um dia. Essa era a fachada que apresentava ao mundo e nunca ninguém a questionou. Às vezes, Nathalie sentava-se à mesa, a jantar com convidados das classes altas e importantes parceiros de negócios e admirava-se como era fácil enganá-los, como engoliam prontamente tudo o que Fredrik dizia. Aceitavam que as enormes quantias de dinheiro que giravam à sua volta provinham das importações. Mas talvez isso fosse apenas aquilo em que preferiam acreditar. Como ela tinha feito.

Tudo mudou quando Sam nasceu. Foi Fredrik quem insistiu que deviam ter um filho. Fredrik queria um rapaz. Nathalie tinha as suas dúvidas. Ainda se envergonhava ao recordar como receara que a gravidez lhe pudesse arruinar a figura e que ter um filho a impedisse de fazer almoços de três horas com as amigas e dedicar os dias a fazer compras. No entanto, quando Fredrik insistira, Nathalie relutantemente concordara.

Assim que a parteira lhe pôs Sam nos braços, toda a sua vida mudou. Nada mais importava. Fredrik teve finalmente o filho que tanto esperara, mas viu-se atirado para segundo plano, tal era a dedicação de Nathalie ao bebê. Fredrik não era

o gênero de homem que tolerasse ser destronado do primeiro lugar dopódio, e os seus ciúmes de Sam manifestaram-se de uma forma estranha. Proibiu a mulher de amamentar o bebê e, contra a sua vontade, contratou uma ama para cuidar de Sam. Determinada a não ser afastada daquela forma, Nathalie encarregou Elena de passar a ferro e de aspirar a casa, o que lhe permitia passar mais horas no berçário com Sam. Nada poderia interpor-se entre eles. Anteriormente, Nathalie tinha-se comportado como uma mulher estragada com mimos, mas agora mostrava uma nova confiança no seu papel como mãe de Sam.

Porém, no momento em que pegou em Sam na maternidade, a sua vida começou também a desmoronar-se. A violência já se tinha manifestado antes, quando Fredrik estava bêbado ou sob o efeito de drogas. E Nathalie acabava cheia de nódoas negras que lhe doíam durante vários dias ou com o nariz a sangrar. Nada pior do que isso.

Mas, depois de Sam nascer, a sua existência transformou-se num inferno. Naquele momento, o vento forte, combinado com as memórias, trouxe-lhe lágrimas aos olhos. As mãos tremiam tanto que entornou um bocado de café sobre as calças. Pestanejou para livrar-se tanto das lágrimas como das imagens. O sangue. Tinha havido tanto sangue. Uma recordação sobrepunha-se à outra, como dois negativos a fundirem-se num só. Sentia-se confusa. E assustada.

Abruptamente, Nathalie levantou-se. Precisava estar perto de Sam. Precisava do filho.

— Sim, este é verdadeiramente um dia triste. — Erling estava de pé à cabeceira da mesa de conferências, olhando para os colegas com uma expressão sombria.

— Como é que foi acontecer uma coisa destas? — A secretária, Gunilla Kjellin, assoou o nariz a um lenço. Lágrimas escorriam-lhe pelas faces.

— O agente que ligou não me adiantou grande coisa, mas percebi que Mats foi vítima de algum tipo de crime.

— Estás a dizer que alguém o assassinou? — perguntou Uno Brorsson, recostando-se na cadeira. Como era habitual, arregaçara as mangas da camisa axadrezada de flanela.

— Como acabei de dizer, ainda não sei mais pormenores, mas conto que a polícia nos vá mantendo informados.

— Será que isto vai afetar o projeto? — Uno repuxou o bigode, como fazia sempre que estava perturbado.

— Não vai mudar nada. Quero assegurar-vos isso a todos. Matte investiu muitas horas no Projeto Badis e teria sido o primeiro a dizer que devemos seguir em frente. Tudo vai continuar exatamente de acordo com o plano e eu vou assumir pessoalmente a chefia do departamento financeiro até que consigamos encontrar um

substituto para Mats.

— Como é que consegue estar já a falar de um substituto? – disse Gunilla, soluçando ruidosamente.

— Pronto, pronto, Gunilla. – Erling não sabia o que fazer perante tal explosão emocional que, mesmo sob aquelas circunstâncias, lhe parecia altamente imprópria. – Temos uma responsabilidade para com o município, para com os cidadãos e para com todos os que puseram o seu coração e a sua alma não só neste projeto mas em tudo o que estamos a fazer para garantir que a comunidade prospere. – Erling fez uma pausa, ao mesmo tempo surpreendido e satisfeito com a forma como tinha conseguido dar voz aos pensamentos. Depois, prosseguiu: – Por mais trágico que seja a vida de um jovem ter terminado prematuramente, não podemos simplesmente parar tudo. The show must go on, como se diz em Hollywood.

Reinava o silêncio na sala de conferências e aquela última frase soara tão bem a Erling que não pôde deixar de repeti-la. Endireitou os ombros, encheu o peito de ar e, com um forte sotaque da Suécia Ocidental, disse:

— The show must go on, meus amigos. The show must go on.

ooo

Completamente atarantados, Gunnar e Signe estavam sentados frente a frente à mesa. Estavam assim desde que um dos agentes lhes tinha simpaticamente dado boleia para casa. Gunnar teria preferido ele próprio conduzir, mas os agentes tinham feito questão. Por isso, o carro do casal ainda estava no estacionamento e Gunnar teria de ir até lá para o recuperar. Mas claro que assim poderia aproveitar para subir e visitar...

Gunnar arfou em busca de ar. Como poderia ter-se esquecido tão rapidamente? Como poderia esquecer-se por um segundo que fosse que Matte estava morto? Tinham-no visto para ali deitado de bruços sobre o tapete listrado que Signe lhe tecera. Deitado de bruços com um buraco na nuca. Como poderia esquecer a visão de todo aquele sangue?

— Queres que faça café? – Gunnar forçou-se a quebrar o silêncio. A única coisa que ouvia era o seu próprio coração e daria tudo para parar de ouvir aquelas batidas constantes que o faziam perceber que estava vivo e a respirar, ao passo que o filho estava morto.

— Vou buscar-te uma chávena. – Gunnar levantou-se, embora Signe não tivesse respondido. Continuava sob os efeitos do sedativo e estava para ali, imóvel, com um olhar vazio no rosto e as mãos cruzadas sobre o oleado que cobria a mesa.

Gunnar movia-se mecanicamente: colocou o filtro, deitou a água, abriu a embalagem de café, contou as colheradas e depois carregou no botão. Ouviu-se imediatamente um assobio e um borbulhar.

— Queres comer alguma coisa com o café? Que tal uma fatia de pão de ló? — A voz de Gunnar soava estranhamente normal. Dirigiu-se ao frigorífico e retirou de lá o pão de ló que Signe tinha feito no dia anterior. Cuidadosamente, retirou a película aderente, pousou o bolo na tábua de corte e cortou duas grossas fatias. Pô-las em pratos, colocando um deles à frente de Signe, o outro no seu lugar à mesa. Signe não reagiu, mas Gunnar não deixou que isso o preocupasse de momento. Ouvia apenas o martelar no interior do peito, brevemente abafado pelo barulho dos pratos e a chiadeira da máquina de café.

Quando o café ficou pronto, Gunnar estendeu a mão para retirar duas chávenas do armário. Os hábitos diários dos dois pareciam ter-se tornado mais arreigados com o passar dos anos e cada um tinha a sua chávena preferida. Signe tomava sempre o café numa delicada chávena branca com rosas a adornar a borda, ao passo que Gunnar preferia uma chávena de cerâmica resistente que comprara numa viagem de autocarro a Gränna. Café simples com um cubo de açúcar para ele, café com leite e dois cubos de açúcar para Signe.

— Aqui está — anunciou Gunnar, pondo a chávena de Signe ao lado do prato com a fatia de bolo.

A mulher não se mexeu. Gunnar sentiu o café queimar-lhe a garganta quando deu um golo demasiado grande e tossiu até a sensação de ardor diminuir. Deu uma dentada no bolo, mas este parecia inchar-lhe dentro da boca, formando uma grande bola de açúcar, ovos e farinha. Então,

Gunnar sentiu a bília subir-lhe pela garganta e percebeu que tinha de livrar-se daquela massa, que estava a ficar cada vez maior.

Passou a correr por Signe na direção da casa de banho, onde se pôs de joelhos, inclinando-se sobre a sanita. Viu café, bocados de bolo e bília a serem lançados na água que estava sempre verde por causa do desinfetante que Signe insistia em fixar num dos lados do interior da sanita de porcelana.

Quando o estômago estava praticamente vazio, Gunnar ouviu novamente o som do seu próprio coração. Bum, bum, bum. Inclinou-se mais uma vez para a frente e vomitou. Na cozinha, o café de Signe ia arrefecendo na chávena branca decorada com rosas.

Era de noite quando terminaram o trabalho no apartamento de Mats Sverin. Embora ainda houvesse luz lá fora, a agitação do dia tinha começado a esmorecer e o número de pessoas que passavam na rua diminuía.

— O cadáver acaba de chegar ao laboratório forense — relatou Torbjörn Ruud.

O chefe da equipe de técnicos forenses parecia cansado quando foi ter com Patrik, de celular na mão. Patrik já tinha trabalhado com Torbjörn e a sua equipe em várias investigações de homicídio e nutria um enorme respeito pelo homem de barba grisalha.

— Quanto tempo acha que demorarão a fazer a autópsia? – perguntou Patrik, massajando a ponta do nariz. Começava a sentir os efeitos do que estava a revelar-se um dia muito longo.

— Não sei. Vai ter de perguntar a Pedersen.

— Qual é a sua avaliação preliminar? – Patrik estremeceu com o vento frio que açoitava o pequeno relvado à frente do prédio. Aconchegou-se mais no blusão.

— Não é nada complicado, pelo que posso ver. Um ferimento de bala na nuca. Um tiro, que o matou instantaneamente. A bala ainda está dentro do crânio. O invólucro que encontramos indica que se tratou de uma pistola de nove milímetros.

— Encontraram alguma prova no apartamento?

— Recolhemos impressões digitais em todas as divisões, assim como algumas amostras de fibras. Isso vai dar-nos algo por onde pegar, assim que tivermos um suspeito.

— Desde que o suspeito tenha realmente deixado impressões digitais ou fibras – disse Patrik. As provas técnicas eram muito úteis, porém, pela sua experiência, sabia que era necessária uma grande dose de sorte para solucionar um caso de homicídio. As pessoas entravam e saíam, e podiam muito bem ter sido amigos ou familiares a deixar vestígios no apartamento. Se o assassino estivesse entre eles, a polícia seria confrontada com um conjunto completamente diferente de problemas no momento de tentar relacionar o autor com o local do crime.

— Não é um pouco cedo de mais para uma visão tão pessimista? – perguntou Torbjörn, dando-lhe uma cotovelada no braço.

— Desculpe – retorquiu Patrik com um sorriso. – Devo estar a ficar cansado.

— Tem tido cuidado consigo, certo? Ouvi dizer que estive às portas da morte, por assim dizer. Uma pessoa pode demorar um pouco a recuperar de uma coisa dessas.

— Não gosto muito dessa frase: “estar às portas da morte” – murmurou Patrik. – Mas tem razão. Foi definitivamente um aviso.

— Bem, fico contente por estar a prestar atenção. Ainda não é propriamente um velho decrépito e esperamos que continue na polícia por muitos e muitos anos.

— Que acha das provas que recolheu até agora? – perguntou Patrik, tentando desviar a conversa do tema da sua saúde.

— Como eu disse, recolhemos umas coisas. Agora vai ser tudo enviado para o laboratório. Os resultados vão demorar algum tempo, mas eles devem-me uns

favores, por isso, com um pouco de sorte, vou conseguir acelerar o processo.

— Ficaríamos muito gratos se obtivéssemos os resultados o mais depressa possível – Patrik estava enregelado. Estava demasiado frio para junho e o tempo continuava imprevisível. Naquele momento, parecia que estavam no início da primavera, mas durante o dia tinha estado tanto calor que ele e Erica puderam sentar-se no jardim sem ter de vestir uma camisola ou um casaco.

— Então e vocês? O Patrik e os seus colegas fizeram algum progresso? Alguém ouviu ou viu alguma coisa? – Torbjörn acenou com a cabeça na direção do prédio.

— Já batemos a todas as portas, mas até agora apenas com resultados limitados. Um dos vizinhos pensa ter ouvido um barulho na madrugada de sábado, só que estava a dormir quando o barulho o despertou, por isso não tem certeza do que era. Fora isso, nada. Mats Sverin parecia ser uma pessoa muito recatada, pelo menos quando estava em casa. Como cresceu em Fjällbacka e os pais ainda cá moram, a maioria das pessoas sabia quem ele era e estava ciente de que trabalhava na câmara municipal e isso, mas ninguém parece tê-lo verdadeiramente conhecido. Limitava-se a cumprimentar os vizinhos quando se cruzava com eles, nada mais.

— Pelo menos, a coscuvilhice está viva e de saúde em Fjällbacka – disse Torbjörn. – Com sorte, pode ser que produza algumas pistas.

— Talvez. Por enquanto, a noção que temos é que Mats Sverin vivia como um eremita, mas amanhã vamos tentar desencantar novas pistas.

— Vá para casa e descanse. – Torbjörn deu uma palmadinha amigável nas costas de Patrik.

— Obrigado, é isso mesmo que vou fazer – mentiu Patrik. Já tinha telefonado a Erica a dizer que ia chegar tarde a casa. A equipe de investigação ainda precisava de elaborar uma estratégia. E depois de algumas horas de sono estaria de volta à delegacia de manhã cedo. Sabia que devia ter aprendido a lição depois do que tinha acabado de passar, mas o trabalho estava em primeiro lugar. Era mais forte do que ele.

Erica fitava os toros a arder na lareira. Tentara não soar preocupada quando Patrik telefonou. Embora estivesse sempre a dizer a si mesma que o marido estava com muito melhor aspeto, outra vez com um pouco de cor no rosto, e mesmo sabendo que aquele era um daqueles momentos em que precisava de ficar a trabalhar até mais tarde, preocupava-a que Patrik parecesse ter esquecido a promessa de não se esforçar demasiado.

Perguntava a si própria quem seria a vítima. Patrik não lhe tinha querido adiantar muito ao telefone. Apenas dissera que um homem fora encontrado morto em Fjällbacka. Erica estava ansiosa por saber mais. Como escritora, uma curiosidade aguçada era essencial. Queria sempre descobrir a história por detrás das pessoas e

dos acontecimentos. A seu tempo, tinha certeza de que ficaria a saber tudo. Mesmo que Patrik se recusasse a contar-lhe, a notícia não tardaria a espalhar-se. Essa era ao mesmo tempo a vantagem e a desvantagem de viver numa cidade pequena como Fjällbacka.

Sempre que pensava em todo o apoio que tinha recebido depois do acidente vinham-lhe as lágrimas aos olhos. Toda a gente oferecera ajuda, desde amigos íntimos a pessoas que mal conhecia. Alguns tomaram conta de Maja e da casa, outros haviam deixado comida à porta quando ela e Patrik finalmente chegaram do hospital. E, no hospital, tinham-se praticamente afogado com todas aquelas flores, caixas de bombons e brinquedos para as crianças. Tudo enviado por pessoas da cidade. Em Fjällbacka era assim, todos se uniam para ajudar quem precisava.

Naquela noite, porém, Erica sentia-se sozinha. O seu primeiro impulso depois de falar com Patrik fora telefonar a Anna. Sentiu uma pontada no coração, como era habitual, ao aperceber-se de que não o podia fazer e, lentamente, voltou a pousar o telefone sem fios na mesa.

As crianças dormiam no andar de cima. O fogo crepitava na lareira e, lá fora, caía a noite. Durante os últimos meses, Erica sentira-se assustada muitas vezes, mas nunca sozinha. Pelo contrário, pois estava constantemente rodeada por outras pessoas. Mas não naquela noite.

Quando ouviu os bebês a chorar no primeiro andar, levantou-se rapidamente. Ia demorar algum tempo a dar o biberão aos gêmeos e a fazer com que voltassem a adormecer, mas pelo menos isso ia impedi-la de se preocupar com Patrik.

— Tem sido um dia longo, mas pensei que devíamos perder algum tempo a comparar notas e a elaborar um plano antes de irmos todos para casa descansar.

Patrik olhou para os outros. Todos pareciam cansados mas concentrados. Há muito que tinham desistido da ideia de se reunirem em qualquer outra divisão que não a cozinha da delegacia. E, nessa noite, Gösta tinha-se mostrado invulgarmente atencioso, certificando-se de que todos tinham uma chávena de café quente.

— Martin, importas-te de resumir o que descobrimos depois da ronda que fizemos pela vizinhança?

— Fomos a todos os outros apartamentos e conseguimos encontrar a maioria dos inquilinos em casa. Há apenas alguns com quem ainda precisamos de conversar. É óbvio que o nosso primeiro objetivo tem sido descobrir se alguém ouviu barulhos vindos do apartamento de Mats Sverin. Vozes altas, tiros ou qualquer outro tipo de agitação. Mas, quanto a esse ponto, viemos praticamente de mãos a abanar. A única pessoa que pode ter ouvido alguma coisa é o homem que mora no apartamento ao lado do da vítima. Chama-se Leandersson. Foi acordado na madrugada de sábado por um barulho que pode ter sido um tiro, mas a memória que tem desse ruído é muito vaga. Apenas se lembra de ter sido despertado por alguma coisa.

— E ninguém viu pessoas a entrar ou a sair? – perguntou Mellberg. Annika tomava notas furiosamente enquanto os outros falavam.

— Ninguém se recorda de alguém ter visitado Sverin desde que ele lá morava.

— E há quanto tempo é que Sverin lá morava?

— O pai disse que ele só se mudou de Gotemburgo para Fjällbacka há pouco tempo. Estou a pensar ter outra conversa com os pais amanhã, quando estiverem um pouco mais calmos. Depois peço-lhes uma data mais precisa – respondeu Patrik.

— Portanto, não obtivemos nenhuma informação útil com a ronda pela vizinhança – concluiu Mellberg, olhando para Martin como que a responsabilizá-lo por isso.

— Não, realmente não – respondeu Martin, olhando para o chefe. Apesar de ainda ser a pessoa mais nova da delegacia, Martin tinha perdido o respeito tímido que nutria por Mellberg quando entrara para a polícia de Tanumshede.

— Vamos avançar. – Patrik voltou a assumir o controle da reunião. – Falei com o pai, mas a mãe estava em estado de choque, por isso não tive coragem de falar com ela. Como referi, pretendo ir até casa deles para termos uma conversa mais prolongada. Espero descobrir muito mais, apesar de o pai,

Gunnar Sverin, afirmar que nenhum deles faz ideia de quem pudesse querer fazer mal ao filho. Aparentemente, Mats não se dava com ninguém desde que se mudou para Fjällbacka, apesar de ser de lá. Gostava que alguém fosse falar com os colegas de trabalho dele amanhã. Paula e Gösta, será que podem tratar disso?

Os colegas entreolharam-se e assentiram.

— Martin, tu vais continuar a tentar apanhar os vizinhos com quem ainda não falamos. Ah, e esqueci-me de dizer que Gunnar mencionou que o filho foi vítima de uma agressão violenta em Gotemburgo pouco antes de se ter mudado para Fjällbacka. Eu próprio vou investigar isso.

Em seguida, Patrik virou-se para o chefe. Tornara-se rotina certificar-se de que a interferência, muitas vezes prejudicial, de Mellberg numa investigação era a mínima possível.

— Bertil – disse solenemente Patrik. – Precisamos de si aqui na delegacia na sua qualidade de chefe da polícia. O Bertil é a pessoa mais indicada para lidar com os média e não há nenhuma forma de sabermos quando vai aparecer uma pista importante.

Mellberg animou-se imediatamente.

— Claro. Absolutamente. Tenho um excelente relacionamento com os média e muita experiência a lidar com eles.

— Magnífico! – exclamou Patrik sem qualquer vestígio de sarcasmo. –

Portanto, todos temos tarefas para amanhã. Annika, vamos enviar-te os nossos relatórios, porque precisamos de alguém que reúna todas as informações.

— Estarei por aqui – retorquiu Annika, fechando o bloco de notas.

— Ótimo. Agora vamos todos para casa ter com as nossas famílias e dormir umas horas.

Enquanto dizia aquelas palavras, Patrik sentiu um desejo intenso de estar em casa, com Erica e com os filhos. Já era tarde e sentia-se exausto. Dez minutos mais tarde, estava a caminho de Fjällbacka.

FJÄLLBACKA, 1870

KARL AINDA NÃO LHE TINHA TOCADO DAQUELA MANEIRA E EMELIE SENTIA-SE CONFUSA. NÃO SABIA MUITO SOBRE AQUELES ASSUNTOS, MAS ESTAVA CIENTE DE QUE SE PASSAVAM CERTAS COISAS ENTRE UM HOMEM E UMA MULHER QUE AINDA NÃO TINHAM ACONTECIDO ENTRE ELES.

DESEJOU QUE EDITH ALI ESTIVESSE E QUE NÃO SE TIVESSEM SEPARADO EM CIRCUNSTÂNCIAS TENSAS QUANDO DEIXARA A QUINTA. SE ASSIM FOSSE, TERIA CONSEGUIDO FALAR COM ELA SOBRE TUDO AQUILO OU, PELO MENOS, PODERIA TER-LHE ESCRITO A PEDIR CONSELHOS. PORQUE UMA MULHER NÃO PODIA DE TODO AVENTURAR-SE A FALAR SOBRE AQUELE GÊNERO DE ASSUNTOS COM O MARIDO. ERA ALGO QUE SIMPLEMENTE NÃO SE FAZIA. NO ENTANTO, EMELIE ACHAVA QUE REALMENTE ERA TUDO UM POUCO ESTRANHO.

A SUA ALEGRIA INICIAL EM RELAÇÃO A GRÅSKÄR TAMBÉM TINHA DIMINUÍDO. O SOL DO OUTONO TINHA SIDO SUBSTITUÍDO POR VENTOS FORTES QUE FAZIAM COM QUE O MAR SE ESMAGASSE CONTRA OS ROCHEDOS. AS FLORES TINHAM MURCHADO, DE MODO QUE NOS CANTEIROS APENAS RESTAVAM TALOS ENFEZADOS. E O CÉU PARECIA ESTAR SEMPRE ESCONDIDO POR DETRÁS DE UMA ESPESSA CAMADA CINZENTA. EMELIE PASSAVA A MAIOR PARTE DO TEMPO DENTRO DE CASA. AO AR LIVRE ESTREMECIA DE FRIO, POR MAIS CAMADAS DE ROUPA QUE VESTISSE. POR DENTRO, A CASA ERA TÃO PEQUENA QUE PARECIA QUE AS PAREDES ESTAVAM LENTAMENTE A FECHAR-SE SOBRE ELA.

ÀS VEZES APANHAVA JULIAN A OLHAR PARA ELA COM RAIVA, MAS SEMPRE QUE O OLHAVA NOS OLHOS, O HOMEM DESVIAVA O OLHAR. AINDA NÃO TINHA TROCADO UMA ÚNICA PALAVRA COM ELA, E EMELIE NÃO CONSEGUIA PERCEBER PORQUE JULIAN ERA TÃO HOSTIL. TALVEZ LHE RECORDASSE UMA MULHER QUE O TRATARA MAL. PELO MENOS, JULIAN PARECIA GOSTAR DOS SEUS COZINHADOS. TANTO ELE COMO KARL COMIAM COM PRAZER, E EMELIE TINHA DE RECONHECER QUE ERA HABILIDOSA A PREPARAR PRATOS DELICIOSOS COM O POUCO QUE HAVIA, QUE NAQUELA ÉPOCA DO ANO SE RESUMIA SOBRETUDO A CAVALA. TODOS OS DIAS KARL E JULIAN SAÍAM NO

BARCO E GERALMENTE REGRESSAVAM COM UMA GRANDE QUANTIDADE DAQUELES PEIXES PRATEADOS. EMELIE FRITAVA ALGUNS PARA O JANTAR E SERVIA-OS COM BATATAS. SALGAVA OS RESTANTES PARA QUE DURASSEM TODO O INVERNO, POIS TINHA OUVIDO QUE SE APROXIMAVAM DIAS AINDA MAIS FRIOS.

SE AO MENOS KARL LHE DIRIGISSE UMA PALAVRA AMIGA DE VEZ EM QUANDO... ISSO FARIA COM QUE A VIDA NA ILHA PARECESSE MUITO MAIS FÁCIL. MAS O MARIDO NUNCA A OLHAVA NOS OLHOS, NUNCA LHE DAVA UMA PALMADINHA CARINHOSA QUANDO PASSAVA POR ELA. ERA COMO SE ELA NÃO EXISTISSE, COMO SE KARL MAL PERCEBESSE QUE TINHA UMA MULHER. NADA TINHA CORRIDO COMO EMELIE IMAGINARA E, DE VEZ EM QUANDO, OUVIA AS PALAVRAS DE ADVERTÊNCIA DE EDITH A ECOAR-LHE NA MENTE, QUANDO LHE DISSERA PARA TER CUIDADO.

EMELIE AFASTAVA SEMPRE TAIS PENSAMENTOS ASSIM QUE SURGIAM. A VIDA ALI ERA DIFÍCIL, MAS NÃO TENCIONAVA PROTESTAR. AQUELAS ERAM AS CARTAS QUE LHE TINHAM SIDO DADAS E LERIA DE FAZER O MELHOR USO POSSÍVEL DELAS. FOI O QUE A MAE LHE ENSINARA ANTES DE MORRER E ERA ESSE O

CONSELHO QUE PRETENDIA SEGUIR. NADA ACONTECIA COMO AS PESSOAS PENSAVAM.

MARTIN ODIAVA FAZER A RONDA PELA VIZINHANÇA. Trazia-lhe memórias da infância, quando tinha sido forçado a andar de porta em porta a vender bilhetes de lotaria, meias e outras idiotices para conseguir dinheiro para excursões escolares. Contudo, era uma parte necessária do trabalho, aquilo de andar a subir e a descer escadas de prédios e a bater a todas as portas. Felizmente, tinha lidado com a maioria dos vizinhos da vítima no dia anterior. Olhou de relance a lista que sacara do bolso para ver quem faltava e decidiu começar pelo candidato mais promissor: o terceiro inquilino, que morava no mesmo andar de Mats Sverin.

A placa na porta anunciava: Grip. Martin olhou para o relógio antes de tocar a campainha. Eram apenas oito da manhã, por isso esperava apanhar o inquilino – ou inquilina – antes que saísse para o trabalho. Como ninguém abriu a porta, Martin suspirou e, em seguida, voltou a carregar na campainha. O som estridente feriu-lhe os ouvidos, mas continuava a não haver resposta. Estava prestes a dirigir-se ao andar de baixo quando ouviu o barulho de uma fechadura a ser destrancada nas suas costas.

— Sim? – a voz soou mal-humorada.

Martin apressou-se a regressar à porta do apartamento.

— Sou da polícia. Martin Molin.

A corrente de segurança estava presa, mas Martin vislumbrou uma barba espessa pela abertura da porta. E um nariz muito vermelho.

— Que deseja?

Saber que Martin era da polícia não parecia ter atenuado a hostilidade do Sr. Grip.

— Morreu um homem naquele apartamento – Martin apontou para a porta de Mats Sverin, que agora estava selada com fita da polícia.

— Pois, já ouvi dizer – a barba movia-se para cima e para baixo à entrada do apartamento. – Que tem isso que ver comigo?

— Posso entrar por alguns minutos? – perguntou Martin no tom de voz mais agradável que conseguiu convocar.

— Para quê?

— Para poder fazer-lhe algumas perguntas.

— Eu não sei de nada.

O homem começou a fechar a porta, mas Martin instintivamente enfiou o pé na abertura.

— Ou temos uma breve conversa aqui e agora ou vamos ter de perder toda a manhã, pois terei de levá-lo para a delegacia e interrogá-lo lá. – Martin sabia muito

bem que não tinha autoridade para obrigar Grip a ir até a delegacia, mas arriscou. Talvez o velhote não soubesse isso.

— Está bem. Entre – respondeu Grip, retirando a corrente de segurança e abrindo a porta.

Martin deu um passo e entrou, uma decisão que lamentou mal sentiu o fedor.

— Anda cá, meu desgraçado! Não vais lá para fora.

Martin vislumbrou algo peludo e, em seguida, o homem lançou-se para a frente e pegou no gato pela cauda. A criatura miou em protesto, mas depois permitiu que o homem lhe pegasse e o levasse para dentro de casa.

Enquanto a porta se fechava atrás dele, Martin tentou respirar pela boca para não vomitar. O lugar era abafado e cheirava a lixo, mas o cheiro predominante era a urina de gato. Não demorou muito a entender por quê. Martin ficou na entrada da sala e olhou. Havia gatos por todo o lado – deitados, sentados e em movimento. Contou-os rapidamente e calculou que havia pelo menos quinze animais. Num apartamento que não devia ter mais de quarenta metros quadrados.

— Sente-se – resmungou Grip, afugentando alguns gatos do sofá. Martin sentou-se cautelosamente na beira do sofá.

— Okay, o que é que quer saber? Não tenho o dia todo. Esta bicharada mantém-me muito ocupado. Um gato gordo e ruivo saltou para o colo do velho, enroscou-se e começou a ronronar. Tinha o pelo emaranhado e feridas nas patas traseiras.

Martin aclarou a garganta.

— Ontem, o seu vizinho, Mats Sverin, foi encontrado morto no apartamento dele. Por isso queremos saber se quem mora no prédio viu ou ouviu algo de anormal nos últimos dias.

— Não tenho nada que ver ou ouvir coisa nenhuma. Eu meto-me na minha vida e espero que todos os outros vizinhos façam o mesmo.

— Quer dizer que não ouviu nenhum barulho no apartamento do seu vizinho? Ou que não reparou em estranhos nas escadas? – insistiu Martin.

— Como acabei de dizer, eu meto-me na minha vida. – O velho acariciou o pelo emaranhado do gato.

Martin fechou o bloco de notas, decidido a desistir.

— Já agora, qual é o seu nome completo?

— O meu nome é Gottfrid Grip. E suponho que gostaria de saber como se chamam todos os outros, certo?

— Todos os outros? – perguntou Martin, olhando em redor. Havia outras pessoas a viver naquele apartamento?

— Esta chama-se Marilyn. – Gottfrid apontou para o gato que tinha ao colo. – Não gosta de mulheres. Bufa sempre que vê uma.

Martin reabriu obedientemente o bloco de notas e anotou palavra por palavra o que o velho estava a dizer. Se não servisse para mais nada, o seu relatório faria certamente os colegas darem umas boas gargalhadas.

— Aquele cinzento é o Errol, o branco com as patas castanhas chama-se Humphrey, e tenho cá o Cary, a Audrey, a Bette, a Ingrid, a Lauren e o James – Grip continuou a despejar os nomes dos gatos enquanto apontava para cada um à vez e Martin apontou os nomes de todos. Ia ter uma história e tanto quando voltasse para a delegacia.

A caminho da porta, Martin deteve-se por um momento.

— Portanto, nem o senhor nem os seus gatos ouviram nem viram nada?

— Nunca disse que os gatos não viram nada. Só disse que eu não vi nada. Mas aqui a Marilyn viu um carro no sábado de manhã bem cedo quando estava sentada à janela da cozinha. Ficou ali bufando que nem uma maluca.

— Marilyn viu um carro? De que marca era o carro que a gata viu? – perguntou Martin, mesmo que a pergunta soasse estranha.

Grip lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Acha realmente que os gatos sabem distinguir as marcas dos carros? Está maluco? – Grip bateu com o dedo na testa e abanou a cabeça, rindo-se. Quando Martin saiu para o corredor, Grip fechou a porta atrás dele e recolocou a corrente de segurança.

— Erling está? – perguntou Gösta, batendo ao de leve no batente da porta da primeira sala do corredor. Gösta e Paula tinham chegado à câmara municipal de Tanumshede.

Gunilla teve um sobressalto. Estava sentada de costas para a porta.

— Oh, pregaram-me um valente susto – disse, agitando nervosamente as mãos.

— Peço desculpa, não queria fazer isso – disse Gösta. – Estamos à procura de Erling.

— É por causa de Mats? – O lábio inferior da secretária começou a tremer. – É tão horrível – Gunilla pegou numa embalagem de lenços de papel e serviu-se de um para limpar as lágrimas que lhe vieram aos olhos.

— Sim, é por causa dele – respondeu Gösta. – Queremos falar com todos vós, mas gostaríamos de começar por Erling, se estiver por cá.

— Está no gabinete. Eu levo-vos lá.

Levantou-se e, depois de se assoar ruidosamente, acompanhou-os a um gabinete mais ao fundo do corredor.

— Erling, tem visitas – anunciou Gunilla, afastando-se para o lado.

— Olá, como estão? Há quanto tempo, não é? – disse acaloradamente Erling, levantando-se e apertando a mão a Gösta.

Depois olhou para Paula e pareceu rebuscar febrilmente a memória.

— Petronella, certo? Este meu cérebro é como uma máquina bem oleada. Nunca me esqueço de nada.

— Por acaso, chamo-me Paula – disse a agente, estendendo a mão para o cumprimentar.

Por um momento, Erling pareceu ter ficado levemente envergonhado, mas depois encolheu os ombros.

— Estamos aqui para lhe fazer algumas perguntas sobre Mats Sverin – explicou Gösta. Sentou-se numa das cadeiras reservadas às visitas à frente da secretária de Erling, o que fez com que Paula e Erling o imitassem.

— Sim, é horrível – disse Erling com uma careta estranha. – Toda a gente no escritório está muito abalada e, como é natural, queremos todos saber o que aconteceu. Têm alguma novidade para nós?

— Por enquanto não sabemos grande coisa – referiu Gösta, abanando a cabeça. – Só posso confirmar o que lhe foi dito ontem, quando lhe telefonamos. Sverin foi encontrado morto no apartamento dele e estamos a investigar a sua morte.

— Mats foi assassinado?

— Isso é algo que não podemos confirmar nem desmentir.

Gösta apercebeu-se do formalismo das suas palavras, mas sabia que ouviria das boas de Hedström se revelasse demasiadas informações, o que poderia prejudicar a investigação.

— Precisamos da sua ajuda – prosseguiu Gösta. – Pelo que sei, Sverin não veio trabalhar na segunda nem na terça-feira. Foi quando o Erling contactou os pais dele. Sverin costumava faltar ao trabalho?

— Pelo contrário. Acho que não tirou um único dia de folga desde que começou a trabalhar aqui. Tanto quanto me lembro, Mats nunca se ausentou por nenhum motivo. Nem sequer para ir ao dentista. Era pontual, dedicado, e muito consciencioso. Por isso é que fiquei preocupado quando não apareceu nem nos telefonou a avisar que não vinha.

— Há quanto tempo trabalhava aqui? – perguntou Paula.

— Há dois meses. Foi realmente uma sorte encontrar alguém como Mats. O anúncio de emprego tinha sido publicado há cinco semanas e já tínhamos entrevistado vários candidatos, mas nenhum deles tinha as qualificações que procurávamos. Quando Mats respondeu ao anúncio, receamos que tivesse habilitações a mais, mas ele garantiu-nos que era exatamente o emprego que desejava. Parecia particularmente interessado em voltar para Fjällbacka. E quem pode culpá-lo? É a pérola da costa. – Erling abriu as mãos.

— Sverin não deu nenhuma razão especial para querer regressar a Fjällbacka? – perguntou Paula, inclinando-se para a frente.

— Não, a não ser que queria fugir do stress de Gotemburgo e ter melhor qualidade de vida. E isso é precisamente o que a nossa cidade tem para oferecer. Paz, sossego e muita qualidade de vida. – Erling enunciou cuidadosamente cada sílaba, como se estivesse numa apresentação destinada a promover a cidade.

— Portanto, Sverin não disse nada sobre a sua situação pessoal? – Gösta começava a impacientar-se.

— Mats não falava da sua vida privada. Eu sabia que era de Fjällbacka e que os pais ainda moram lá. Mas, além disso, não me lembro de alguma vez ter falado da sua vida fora do escritório.

— Sverin esteve envolvido num incidente muito desagradável, pouco antes de se mudar de Gotemburgo. Foi atacado e espancado de tal maneira que foi parar ao hospital. Alguma vez mencionou isso? – perguntou Paula.

— Não, nunca – respondeu Erling, surpreendido. – Realmente, Mats tinha várias cicatrizes na cara, mas disse que as calças tinham ficado presas na roda da bicicleta e que por isso tinha caído.

Gösta e Paula trocaram olhares de perplexidade.

— Quem foi que o agrediu? Foi a mesma pessoa que... – Erling quase sussurrou aquelas perguntas.

— De acordo com os pais, foi um ato de violência gratuita. Não achamos que tenha qualquer ligação com a morte de Sverin, mas não podemos descartar essa hipótese – respondeu Gösta.

— Quer dizer que Sverin nunca falou dos anos que passou em Gotemburgo? – insistiu Paula. Erling abanou a cabeça.

— Apenas posso repetir o que já lhes disse. Mats nunca falava sobre ele próprio. Era como se a sua vida tivesse começado quando começou a trabalhar aqui.

— Não achava isso um pouco estranho?

— Por acaso, não. Julgo que ninguém pensava muito nisso. Mats não era de todo antissocial. Ria-se, dizia piadas e juntava-se às conversas sobre programas de televisão e temas de que se costuma falar durante as pausas para café. Julgo que nunca ninguém reparou realmente que Mats não falava dele. Só agora, depois do que aconteceu, é que isso me ocorreu.

— Sverin estava a fazer um bom trabalho? – perguntou Gösta.

— Mats era um excelente chefe do departamento financeiro. Como eu disse, era consciencioso, metódico e meticoloso no seu trabalho. São todas qualidades desejáveis em alguém que está encarregado das questões financeiras, sobretudo num órgão tão politicamente sensível como o nosso.

— Não tem qualquer razão de queixa dele? – perguntou Paula.

— Nenhuma. Mats era extremamente talentoso na sua profissão. E tem sido um recurso inestimável para o Projeto Badis. Já entrou em campo no final do jogo,

mas rapidamente se inteirou de tudo e nos ajudou a seguir em frente.

Gösta olhou para Paula, que abanou a cabeça. De momento não tinham mais perguntas, mas Gösta não pode deixar de pensar que Mats Sverin parecia tão anônimo e sem rosto como antes de terem começado a conversa com o seu chefe. E não conseguia deixar de se perguntar o que poderiam encontrar quando comessem finalmente a esgravatar.

A pequena casa dos Sverin situava-se à beira-mar, em Mörhult. O tempo estava mais quente, um dia magnífico de início de verão, pelo que Patrik deixou o casaco no carro. Telefonara antecipadamente a dizer que ia aparecer e, quando Gunnar abriu a porta, Patrik olhou pelo corredor até a cozinha e viu que a mesa tinha sido posta para o café. Era assim que se recebiam pessoas ali na costa. Havia sempre café e biscoitos para as visitas, fosse a ocasião alegre ou triste. Ao longo dos muitos anos que já contava na polícia, Patrik tinha engolido incontáveis litros de café ao visitar os habitantes locais.

— Entre. Vou só ver se consigo que Signe... — Sem terminar a frase, Gunnar virou-se e preparou-se para subir as escadas.

Patrik permaneceu onde estava, resolvendo esperar no vestíbulo. Mas, como Gunnar tardava, decidiu ir até a cozinha. Toda a casa parecia envolta em silêncio, de modo que Patrik tomou a liberdade de entrar na sala de estar. Era uma divisão agradável, bonita e arrumada, com elegantes móveis antigos e bibelôs por toda a parte, como era costume nas casas dos idosos. Pela sala havia fotografias emolduradas do filho. Ao olhar para elas, Patrik foi capaz de acompanhar a vida de Mats desde a infância até a idade adulta. Tinha um ar atraente, um rosto simpático. Parecia feliz. A julgar pelas fotografias, Mats Sverin tivera uma infância agradável.

— Signe já desce.

Patrik estava tão imerso nos seus pensamentos que a voz de Gunnar quase o fez deixar cair a fotografia emoldurada que tinha na mão.

— Tem fotografias muito boas do seu filho. — Cuidadosamente, Patrik recolocou a moldura na mesa e seguiu Gunnar até a cozinha.

— Sempre gostei de tirar fotografias, por isso acumulamos muitas ao longo dos anos. E agora fico contente por isso. Quer dizer, fico contente por termos uma recordação de Matte. — Envergonhado, Gunnar começou a mexer nos pratos e a encher as chávenas de café.

— Quer açúcar ou leite? Ou as duas coisas?

— Pode ser simples, obrigado — Patrik sentou-se numa das cadeiras brancas da cozinha. Gunnar pôs-lhe uma chávena à frente e depois sentou-se do outro lado da mesa.

— Mais vale começarmos. Tenho certeza de que Signe já não deve demorar — disse Gunnar, lançando um olhar preocupado na direção das escadas. Não se ouvia

um único ruído no andar de cima.

— Como está a sua mulher?

— Desde ontem que não diz nada. O médico disse que vinha cá vê-la mais logo. Signe limita-se a ficar deitada na cama, mas acho que não pregou olho a noite inteira.

— Parece que receberam muitas flores – disse Patrik, apontando para o balcão, onde grandes buquês tinham sido colocados em todo o tipo de recipientes a servir de jarras.

— Têm sido todos tão simpáticos. Ofereceram-se para vir até cá, mas nem por sombras tenho forças para ter muita gente em casa. – Gunnar deixou cair um cubo de açúcar na chávena e começou a mexer o café. Depois pegou num biscoito e mergulhou-o no café antes de lhe dar uma dentada. Parecia estar com dificuldade em engolir e teve de tomar um pouco de café para ajudar a empurrar o pedaço de biscoito.

— Ah, já chegaste. – Gunnar virou-se para olhar para Signe quando a mulher entrou na cozinha.

Não a tinham ouvido descer as escadas. Gunnar levantou-se e dirigiu-se para a mulher. Gentilmente, pôs-lhe o braço em torno dos ombros e conduziu-a à mesa como se Signe fosse uma pessoa muito idosa. Na verdade, a mulher parecia ter envelhecido vários anos desde o dia anterior.

— O médico não deve demorar. Bebe um bocado de café e come um biscoito. Tens de pôr qualquer coisa no estômago. Queres uma sanduíche?

Signe abanou a cabeça. Era a primeira vez que reagia, confirmando que tinha ouvido o que o marido dissera.

— Lamento muito – disse Patrik, não resistindo a pôr a mão sobre a mão de Signe. A mulher não a afastou, mas também não reagiu ao gesto. A mão estava mole, sem vida. – Quem me dera não ter de perturbar-vos num momento como este, tão pouco tempo depois do que aconteceu.

Como era costume, Patrik estava a ter dificuldade em encontrar as palavras certas. Desde que tinha sido pai que achava mais difícil do que nunca lidar com as pessoas que tinham perdido um filho, mesmo que já fosse adulto. Que poderia dizer a alguém a quem tinham arrancado o coração? Porque era assim que imaginava que as pessoas se deviam sentir.

— Nós compreendemos que tem de fazer o seu trabalho – disse Gunnar. – É óbvio que queremos que encontre a pessoa que... fez isto a Matte. Se houver alguma maneira de ajudarmos, pode contar conosco.

Gunnar tinha-se sentado ao lado da mulher e depois aproximou ainda mais a cadeira dela, num gesto protetor. Signe não tinha tocado no café.

— Bebe um bocadinho – disse, erguendo a chávena até os lábios da mulher.

Relutante, Signe bebeu uns golinhos de café.

— Já falamos sobre isto ontem, mas será que me podiam falar um pouco mais de Mats? Podem partilhar comigo o que quiserem, por mais insignificante que vos possa parecer.

— Matte foi sempre tão simpático, mesmo em bebê – disse Signe. A voz soou seca e áspera, como se não falasse há muito tempo. – Dormia a noite inteira, logo desde o início, e nunca nos deu nenhum problema. Mas eu preocupava-me com ele, sempre me preocupei. Estava sempre a pensar que ia acontecer uma coisa terrível.

— E tinhas razão. Devia ter-te dado ouvidos – disse Gunnar, cravando os olhos na mesa.

— Não, tu é que tinhas razão – contestou Signe, olhando para o marido. Parecia ter repentinamente despertado do seu estupor. – Desperdicei tanto tempo e tanta felicidade com as minhas preocupações, ao passo que tu estavas sempre contente e grato pelo que tínhamos, e por Matte. É impossível uma pessoa preparar-se para uma coisa destas. Eu passei a minha vida inteira a preocupar-me com tudo e mais alguma coisa, mas nunca fui capaz de me preparar para isto. Devia ter sido mais feliz. – Signe calou-se por um momento. E depois continuou: – Que deseja saber? – pegou a xícara para beber seu café sem esperar que tivessem de persuadi-la.

— Mats foi para Gotemburgo quando saiu de vossa casa?

— Sim, depois de acabar a secundária matriculou-se na faculdade de Economia. Teve notas excelentes na secundária – respondeu Gunnar, obviamente orgulhoso do filho.

— Mas vinha frequentemente a casa aos fins de semana – acrescentou Signe. Falar sobre o filho parecia estar a ter um efeito positivo nela. Agora tinha um pouco mais de cor nas faces e os olhos estavam mais límpidos.

— Claro que nos últimos anos não vinha com tanta frequência. Mas, naqueles primeiros tempos, Matte vinha a casa quase todos os fins de semana – disse Gunnar, assentindo.

— E os estudos continuaram a correr-lhe bem? – Patrik tinha decidido cingir-se a assuntos que fariam com que Signe e Gunnar se sentissem calmos e descontraídos.

— Sim, também teve muito boas notas na faculdade – respondeu Gunnar. – Nunca percebi como é que Matte tinha tão boa cabeça para os livros. A mim é que não saiu, de certeza – acrescentou com um sorriso e, por um momento, pareceu esquecer por que estavam a falar acerca daquilo. Mas não tardou a cair na realidade e o sorriso desvaneceu-se.

— Então e o que fez o vosso filho depois de terminar a licenciatura?

— O primeiro trabalho dele foi para aquela empresa de auditoria, não foi? — Signe franziu a testa e virou-se para Gunnar.

— Sim, acho que sim, mas vejam lá que não consigo lembrar-me do nome da empresa. Era uma coisa americana. Só estive lá uns anos. Aquilo não tinha muito que ver com ele. Matte disse que o trabalho envolvia demasiadas tarefas com números e muito poucas com pessoas.

— E onde é que Mats trabalhou depois disso? — perguntou Patrik. O café tinha arrefecido, mas continuou a beber pequenos golos.

— Trabalhou em vários sítios. Tenho certeza de que consigo descobrir-lhe os nomes, se quiser, mas durante os últimos quatro anos foi responsável pelas finanças de uma organização sem fins lucrativos chamada Refúgio.

— Que faz essa organização?

— É um grupo que apoia mulheres que fugiram de situações de violência doméstica, ajudando-as a reconstruir as suas vidas. Matte adorava esse trabalho. Quase não falava noutra coisa.

— Porque é que Mats saiu dessa organização?

Gunnar e Signe entreolharam-se e Patrik percebeu que os pais de Mats Sverin também já se tinham interrogado acerca disso.

— Bem, acho que teve alguma coisa que ver com a agressão. Deixou de sentir-se seguro em Gotemburgo — disse Gunnar.

— Mas afinal também não estava seguro aqui — afirmou, por seu turno, Signe.

Pois não, pensou Patrik, não estava mesmo nada seguro. Independentemente do que tivesse motivado Mats Sverin a deixar Gotemburgo, a violência tinha acabado por encontrá-lo.

— Quanto tempo estive no hospital depois da agressão?

— Três semanas, creio — respondeu Gunnar. — Foi um choque quando o fomos lá visitar.

— Mostra-lhe as fotos — disse Signe baixinho.

Gunnar levantou-se e foi à sala de estar. Regressou com uma pequena caixa nas mãos.

— Na verdade não sei porque as guardamos. Não são propriamente o tipo de fotos que gostemos de mostrar a alguém. — Os dedos calejados de Gunnar desapareceram na caixa e retiraram cuidadosamente as fotografias.

— Posso ver? — Patrik estendeu a mão e Gunnar entregou-lhe o pequeno maço. — Meu Deus! — exclamou, não conseguindo conter-se ao ver as fotografias de Mats Sverin deitado na cama do hospital. O que viu não tinha qualquer semelhança com o jovem que aparecia em todas as fotografias da sala de estar. Tinha o rosto e a cabeça completamente inchados. E a pele tinha adquirido vários tons de vermelho

com reflexos azulados.

— É verdade – disse Gunnar, desviando o olhar.

— Disseram que Matte podia ter morrido. Mas teve sorte, apesar de tudo. – Signe pestanejou para afastar as lágrimas.

— Pelo que sei, nunca apanharam os agressores, pois não?

— Nunca – disse Signe. – Acha que isto pode estar relacionado com o que aconteceu a Matte? O meu filho não conhecia de nenhum lado aqueles malvados que o agrediram. Fizeram-lhe aquilo porque Matte disse a um deles para não urinar à porta do prédio dele. Nunca os tinha visto. Porque haveriam de... – disse com voz estridente.

Gunnar acariciou-lhe o braço para a acalmar.

— Eles ainda não sabem nada. A polícia só quer descobrir o máximo possível – disse-lhe o marido.

— Exatamente – concordou Patrik. – Ainda não temos nenhuma resposta. Precisamos de construir o quadro mais completo possível de Mats e da sua vida – acrescentou, virando-se para olhar para Signe. – O seu marido disse que, tanto quanto sabem, atualmente Mats não tinha namorada. Será que não tinha mesmo?

— Não. Ou, se tinha, não queria que se soubesse. Para ser franca, já tinha quase perdido a esperança de ter um neto – disse Signe. Mas quando se apercebeu do que tinha dito, e de que agora já não havia esperança de vir a acontecer, começou a chorar.

Gunnar apertou-lhe a mão.

— Acho que havia alguém em Gotemburgo – prosseguiu Signe por entre soluços. – Matte nunca nos disse isso taxativamente, mas eu tinha a sensação de que havia uma mulher. E às vezes sentia cheiro a perfume nas roupas dele, quando nos vinha visitar. E era sempre o mesmo perfume.

— Mas o seu filho nunca mencionou um nome? – perguntou Patrik.

— Não, nunca, apesar de Signe não conseguir resistir e o ter interrogado várias vezes acerca disso – respondeu Gunnar, sorrindo.

— Bem, não percebo porque é que isso tinha de ser um segredo assim tão grande. Porque é que não a trazia cá a casa um fim de semana para que pudéssemos conhecê-la? Nós sabemos comportar-nos, se fizermos um esforço.

Gunnar abanou a cabeça.

— Como pode ver, este era um assunto bastante sensível.

— Tem a sensação de que essa mulher, quem quer que possa ter sido, continuou a fazer parte da vida de Mats depois de ele ter regressado a Fjällbacka?

— Hum... – Gunnar olhou para Signe.

— Não, não continuou – disse enfaticamente Signe. – Uma mãe sabe ver essas coisas. Quase podia jurar que Matte não tinha namorada.

— Acho que Matte nunca conseguiu esquecer Nathalie – interrompeu Gunnar.

— Como assim? Isso foi há muito tempo. Eles eram apenas crianças.

— Isso não importa. Havia algo de especial em Nathalie. Sempre pensei assim e acho que Matte... Tu viste como ele reagiu quando lhe disse que ela tinha voltado, não foi?

— Sim, mas que idade tinham eles naquela altura? Dezassete? Dezoito?

— Continuo a achar que tenho razão – insistiu teimosamente Gunnar. – E Matte ia lá visitá-la.

— Desculpem-me – disse Patrik, entrando na conversa. – Mas quem é Nathalie?

— Nathalie Wester. Ela e Matte cresceram juntos. Por acaso andaram na mesma turma da sua mulher. Tanto Matte como Nathalie.

Gunnar parecia um pouco envergonhado por admitir que conhecia Erica, mas Patrik não ficou surpreendido. Quase toda a gente se conhecia em Fjällbacka, mas as pessoas interessavam-se particularmente por Erica, pois os seus livros eram muito populares.

— Nathalie ainda vive cá?

— Não, mudou-se há muitos anos. Foi para Estocolmo e, desde aí, perderam o contacto. Mas

Nathalie tem uma ilha aqui perto. Chama-se Gråskär.

— E acha que Mats foi visitá-la à ilha?

— Pode não ter tido tempo para lá ir – respondeu Gunnar. – Mas pode telefonar a Nathalie e perguntar-lhe diretamente – acrescentou, levantando-se para ir buscar uma nota que estava afixada na porta do frigorífico. – Este é o número de celular dela. Não sei quanto tempo pensa ficar na ilha. Está lá com o filho.

— Nathalie vai muitas vezes à ilha?

— Não, na verdade ficamos um pouco surpreendidos. Quase não ia lá desde que se mudou para Estocolmo. A última vez foi há muitos anos. Mas a ilha pertence-lhe. O avô paterno comprou-a e Nathalie é a única descendente que resta, já que não tem irmãos. Temos-lhe tomado conta da casa, mas se não fizerem nada depressa em relação ao farol, não se vai aproveitar nada.

— O farol?

— Sim, há um antigo farol do século XIX na ilha. E um chalé. No passado, era onde o faroleiro vivia com a família.

— Parece ser uma vida solitária – Patrik bebeu o que restava do seu café frio, incapaz de conter uma careta.

— Solitária ou maravilhosa e tranquila. Tudo depende de como se olha para ela – disse Signe. – Mas não seria capaz de passar lá uma única noite sozinha.

— Não eras tu que estavas sempre a dizer que isso era apenas um monte de disparates e histórias de velhas? – perguntou Gunnar.

— Como assim? – A curiosidade de Patrik foi imediatamente despertada.

— Costumam chamar a Gråskär a Ilha dos Espíritos. Segundo a lenda, o nome surgiu porque aqueles que morrem por lá nunca deixam a ilha – disse Gunnar.

— Quer dizer que há lá fantasmas?

— Isso não passa de conversa fiada – resfolegou Signe.

— Bem, não importa. Vou telefonar a Nathalie. Muito obrigado pelo café e pelos biscoitos, e por se terem disponibilizado a responder às minhas perguntas. – Patrik levantou-se e arrumou a cadeira.

— Foi bom podermos falar sobre ele – disse suavemente Signe.

— Importam-se de me emprestar isto por algum tempo? – Patrik apontou para as fotografias do hospital. – Prometo não as estragar.

— Força, leve-as – disse Gunnar, entregando-lhe as fotografias. – Temos uma máquina fotográfica digital, por isso tenho as fotos no meu computador.

— Obrigado – disse Patrik, enfiando cuidadosamente as fotografias na pasta.

Signe e Gunnar acompanharam-no à porta. Quando entrou no carro, Patrik viu passar-lhe pela mente todas as imagens de Mats Sverin: em criança, quando era adolescente, e depois adulto. Decidiu ir almoçar a casa. Sentia um impulso irresistível de dar um beijo aos gêmeos.

— Como está hoje este malandrinho do seu avozinho?

Mellberg também tinha ido almoçar a casa e, assim que entrou, tirou Leo dos braços de Rita e começou a levantá-lo no ar, fazendo o neto dar gritinhos de alegria.

— É sempre a mesma coisa! Quando o avô chega a casa, já não queres saber da avó para nada. – Rita franziu a testa, mas depois despontou-lhe um sorriso na cara e deu a ambos um beijo na face.

Havia uma ligação especial entre Bertil e Leo, já que Bertil tinha estado presente no momento do nascimento do bebê, e ninguém ficava mais feliz com isso do que Rita. No entanto, ficou aliviada quando Bertil fora convencido a voltar a trabalhar a tempo inteiro. Parecera boa ideia tê-lo em casa a preencher o lugar de Paula, porém, por mais que adorasse aquele seu herói improvável, Rita não tinha ilusões quanto à sua capacidade de discernimento, que às vezes era, no mínimo, questionável.

— Que é o almoço? – Mellberg pousou cuidadosamente o menino na cadeirinha e atou-lhe o babete ao pescoço.

— Galinha com o meu molho caseiro de que tu tanto gostas.

Mellberg cantarolou de prazer. Em toda a sua vida nunca tinha comido nada mais exótico do que cabrito cozido com molho de endro, batatas e cenouras, mas Rita conseguira mudar tudo isso. Fazia um molho tão forte que quase lhe arrancava

o esmalte dos dentes, mas Mellberg adorava aquilo.

— A noite passada chegaste tarde a casa. — Rita pôs um prato na mesa com um pouco de comida sem picante que tinha feito para Leo, e Bertil começou a alimentar o neto.

— Sim, estamos outra vez a trabalhar a todo o vapor. Paula e os outros andam por aí a investigar, mas Hedström salientou, com razão, que era preciso alguém ficar na delegacia para lidar com a mídia. E ninguém está mais apto do que eu para assumir essa grande responsabilidade. — Mellberg pôs demasiada comida na boca de Leo, mas o rapazinho livrou-se logo de metade da porção, que lhe escorreu pelo queixo.

Rita reprimiu um sorriso. Era óbvio que Patrik tinha novamente conseguido dar a volta ao chefe. Gostava de Hedström. Ele sabia como lidar com Bertil: com paciência, diplomacia e um certo grau de bajulação que o levava a fazer exatamente o que ele queria. Rita fazia o mesmo, de modo a garantir que a sua vida em conjunto corria sem problemas.

— Coitadinho. Parece que andas mesmo muito ocupado — disse Rita, pondo galinha no prato de Mellberg, juntamente com uma porção generosa de molho.

Leo tinha acabado de comer, por isso Mellberg lançou-se ao seu prato. Depois de se ter servido duas vezes, o superintendente recostou-se na cadeira e deu uma palmadinha na barriga.

— Delicioso. E sei exatamente o que seria perfeito para sobremesa. Que achas, Leo, meu menino? — Mellberg levantou-se e dirigiu-se ao frigorífico.

Rita sabia que devia impedi-lo, mas não teve coragem. Deixou-o retirar do congelador três grandes barras de gelado Magnum que alegremente distribuiu pelos três. Leo quase desapareceu por detrás do enorme gelado. Se Bertil continuasse a alimentá-lo daquela maneira, o rapazinho não tardaria a ganhar em largura o que tinha em altura. Nesse dia, porém, Rita decidiu não se preocupar com isso.

FJÄLLBACKA, 1870

CHEGOU-SE UM POUCO MAIS PARA PERTO DE KARL. O MARIDO ESTAVA DEITADO NA CAMA DO LADO DA PAREDE, EM CEROULAS E CAMISA. DAÍ A DUAS HORAS TERIA DE LEVANTAR-SE PARA RENDER JULIAN NO FAROL. CAUTELOSAMENTE, EMELIE PÔS-LHE A MÃO NA PERNA, ACARICIANDO-LHE A COXA COM OS DEDOS TRÉMULOS. NÃO LHE CABIA A ELA TOMAR A INICIATIVA DAQUELA MANEIRA, MAS HAVIA ALGO QUE NÃO ESTAVA BEM. PORQUE É QUE KARL NUNCA LHE TOCAVA? O MARIDO NEM SEQUER FALAVA COM ELA. APENAS MURMURAVA UM AGRADECIMENTO PELA COMIDA ANTES DE SE LEVANTAR DA MESA. ALÉM DISSO, PARECIA ESTAR SEMPRE A OLHAR ATRAVÉS DELA, COMO SE FOSSE FEITA DE VIDRO E QUASE NÃO A VISSE. PARECIA QUE ERA INVISÍVEL.

E KARL TAMBÉM PASSAVA MUITO POUCO TEMPO EM CASA. DURANTE A MAIOR PARTE DAS HORAS DE VIGÍLIA ESTAVA NO FAROL OU A TRABALHAR NO BARCO. OU ENTÃO ESTAVA NO MAR. EMELIE PASSAVA O DIA INTEIRO COMPLETAMENTE SOZINHA NO CHALÉ E ACABAVA RAPIDAMENTE O TRABALHO DOMÉSTICO. DEPOIS FICAVA COM MUITAS HORAS PARA PREENCHER E COMEÇOU A PENSAR QUE PODERIA ENLOUQUECER. SE TIVESSE UM BEBÊ, TERIA ALGUÉM PARA LHE FAZER COMPANHIA E OUTRAS TAREFAS COM QUE OCUPAR O TEMPO. ASSIM NÃO SE IMPORTARIA QUE KARL TRABALHASSE DE SOL A SOL E NÃO SE IMPORTARIA QUE NUNCA FALASSE COM ELA. SE AO MENOS TIVESSEM UM FILHO...

MAS, DEPOIS DE TER VIVIDO NA QUINTA, EMELIE SABIA QUE TINHAM DE ACONTECER CERTAS COISAS ENTRE UM HOMEM E UMA MULHER ANTES QUE A MULHER FICASSE GRÁVIDA. COISAS QUE AINDA NÃO TINHAM ACONTECIDO. FOI POR ISSO QUE PÔS A MÃO NA PERNA DE KARL E A FEZ DESLIZAR PELO INTERIOR DA COXA DO MARIDO. O CORAÇÃO MARTELAVA-LHE O PEITO DE NERVOSISMO E DE EXCITAÇÃO QUANDO ENFIOU SUAVEMENTE A MÃO PELA ABERTURA DAS CUECAS DE KARL.

KARL SENTOU-SE NA CAMA COM UM SOBRESSALTO.

— QUE ESTÁS A FAZER? — A EXPRESSÃO DO MARIDO ERA MAIS SOMBRIA DO QUE ALGUMA VEZ TINHA VISTO E KARL AFASTOU-LHE

BRUSCAMENTE A MÃO.

— EU... EU PENSEI QUE... — EMELIE NÃO CONSEGUIA ENCONTRAR AS PALAVRAS CERTAS. COMO DEVERIA EXPLICAR O ÓBVIO? ATÉ KARL DEVIA PERCEBER QUÃO ESTRANHO ERA ESTAREM CASADOS HÁ QUASE TRÊS MESES E NUNCA SE TER APROXIMADO DELA. EMELIE SENTIU OS OLHOS MAREJADOS DE LÁGRIMAS.

— MAIS VALE DORMIR NO FAROL. NÃO VOU TER PAZ POR AQUI. — KARL PASSOU POR ELA AOS EMPURRÕES, VESTIU-SE E DESCEU APRESSADAMENTE AS ESCADAS.

EMELIE SENTIU-SE COMO SE TIVESSE LEVADO UMA ESTALADA NA CARA. ATÉ AGORA KARL TINHA-A SIMPLEMENTE IGNORADO, MAS AQUELA FORA A PRIMEIRA VEZ QUE LHE TINHA FALADO NAQUELE TOM DE VOZ. DURO, FRIO E DESDENHOSO. E OLHARA-A COMO SE ELA FOSSE UMA CRIATURA REPUGNANTE QUE RASTEJARA PARA FORA DO SEU ESCONDERIJO DEBAIXO DE UMA PEDRA.

COM AS LÁGRIMAS A ESCORRER-LHE PELO ROSTO, EMELIE ARRASTROU-SE ATÉ À JANELA E OLHOU LÁ PARA FORA. O VENTO SOPRAVA COM FORÇA POR TODA A ILHA E KARL TEVE DE LUTAR CONTRA AS RAJADAS ENQUANTO SE DIRIGIA PARA O FAROL. ABRIU BRUSCAMENTE A PORTA E ENTROU. DEPOIS, EMELIE VIU-O APARECER À JANELA DA TORRE, ONDE O FEIXE DE LUZ O TRANSFORMOU NUMA SOMBRA.

VOLTOU PARA A CAMA E CHOROU. A CASA RANGIA E GEMIA, QUASE COMO SE PUDESSE ERGUER-SE A QUALQUER MOMENTO E VOAR SOBRE AS ILHAS, EM DIREÇÃO AO CÉU CINZENTO. MAS AQUILO NÃO A ASSUSTAVA. PREFERIRIA VOAR PARA LONGE, PARA QUALQUER LUGAR QUE FOSSE, A FICAR ALI.

SENTIU ALGO A ACARICIAR-LHE A FACE NO MESMO SÍTIO ONDE AS PALAVRAS DE KARL A TINHAM ATINGIDO COMO SE LHE TIVESSE BATIDO. EMELIE SENTOU-SE, SOBRESSALTADA. NÃO ESTAVA ALI NINGUÉM. PUXOU AS COBERTAS ATÉ AO QUEIXO E OLHOU PARA OS CANTOS ESCUROS DA SALA. NÃO VIU NADA. VOLTOU A DEITAR-SE. PROVAVELMENTE ERA APENAS A SUA IMAGINAÇÃO. E O MESMO SE PASSAVA COM TODOS OS OUTROS RUÍDOS QUE OUVIRA DESDE QUE CHEGARA À ILHA. SEM MENCIONAR AS PORTAS DO ARMÁRIO, QUE ÀS VEZES ENCONTRAVA ABERTAS, EMBORA TIVESSE A CERTEZA DE AS TER FECHADO. E COM O AÇUCAREIRO, QUE DE ALGUMA FORMA SE MUDARA DA MESA DA COZINHA PARA A BANCADA. DEVIA TER INVENTADO TUDO AQUILO. SÓ PODIA SER A SUA IMAGINAÇÃO, A PAR

COM O ISOLAMENTO DA ILHA, A PREGAR-LHE PARTIDAS.

OUVIU UMA CADEIRA A ARRANHAR O CHÃO NO ANDAR DE BAIXO. EMELIE SENTOU-SE, CONTENDO A RESPIRAÇÃO. AS PALAVRAS DA VELHA ECOARAM-LHE NOS OUVIDOS, AS PALAVRAS QUE CONSEGUIRA MANTER AO LARGO DURANTE OS ÚLTIMOS MESES. NÃO QUERIA IR LÁ A BAIXO, NÃO QUERIA SABER O QUE PODERIA LÁ ENCONTRAR, O QUE TINHA ESTADO ALI NO QUARTO A ACARICIAR-LHE A FACE.

TREMENDO, EMELIE PUXOU AS COBERTAS SOBRE A CABEÇA, ESCONDENDO-SE DE TERRORES DESCONHECIDOS COMO UMA CRIANÇA. E ASSIM FICOU, BEM DESPERTA, ATÉ AMANHECER. MAS NÃO OUVIU MAIS NENHUM RUÍDO.

— QUE PENSAS DISTO TUDO? – perguntou Paula. Depois de terem comprado o almoço no supermercado Konsum, Paula e Gösta tinham-se sentado a comer na cozinha da delegacia.

— É realmente estranho – respondeu Gösta, comendo mais uma garfada do seu peixe gratinado. – Ninguém parece saber nada sobre a vida pessoal de Sverin. E no entanto toda a gente o tem em grande estima e diz que era uma pessoa muito aberta e sociável. Acho que não faz qualquer sentido.

— Também acho. Como é que alguém, tirando o que se refere a trabalho, pode manter tudo em segredo? Era natural que revelasse alguma coisa durante o café ou o almoço, não te parece?

— Bem, ao princípio tu também não falavas lá muito da tua vida. Paula corou.

— Tens razão. E acho que já percebi o que se passa. Eu mantinha-me calada porque havia uma coisa que não queria que as pessoas soubessem. Não fazia ideia de como vocês reagiriam se soubessem que eu vivia com uma mulher. Portanto, a questão é: que está Mats Sverin a tentar esconder?

— Isso é o que temos de descobrir.

Paula sentiu algo a roçar-lhe a perna. Ernst farejara a comida e agora estava sentado aos seus pés, esperando que lhe calhasse alguma coisa em sorte.

— Desculpa lá, meu rapaz, não sou a pessoa certa para pedires esmola. Só tenho aqui salada.

Ernst não se mexeu, mas mirou-a com olhar suplicante. Paula percebeu que teria de mostrar-lhe o que estava a comer. Tirou um pedaço de alface da tigela de plástico e estendeu-a. A cauda de Ernst bateu ansiosamente contra o chão, mas depois de cheirar a alface olhou desapontado para Paula e afastou-se. Em seguida foi ter com Gösta, que pegou num biscoito e o deu discretamente ao cão.

— Sabes que não estás a fazer-lhe nenhum favor – disse Paula. – O bicho vai ficar gordo e pode até adoecer se tu e Bertil não pararem de dar-lhe essas guloseimas. Se a mãe não o levasse a dar aqueles grandes passeios, o cão já teria morrido há muito tempo.

— Eu sei. Mas quando ele olha para mim daquela maneira não consigo... Paula fitou Gösta com severidade.

— Esperemos que Martin ou Patrik tenham conseguido uma pista ou outra – disse Gösta, mudando rapidamente de assunto. – Porque, neste momento, não sabemos nadinha mais do que sabíamos ontem.

— Podes crer. – Paula fez uma pausa e depois prosseguiu: – É horrível

pensar numa coisa daquelas. Ser-se morto a tiro na própria casa. Logo no sítio onde uma pessoa se sente mais segura.

— Cá para mim, foi alguém que Sverin conhecia. A porta não tinha sido forçada, por isso deve ter deixado a pessoa entrar sem problemas.

— Isso piora as coisas – disse Paula. – Caramba, ser-se morto em casa por alguém que se conhece...

— Não tem necessariamente de ser um amigo ou um conhecido. Nos últimos tempos tem vindo muita coisa nos jornais sobre pessoas que tocam a campainha a pedir para se servirem do telefone e que depois roubam a casa. – Gösta espetou o garfo no último pedaço de peixe gratinado.

— Sim, mas o alvo desses ladrões são normalmente pessoas idosas. Não uma pessoa nova e forte como Mats Sverin.

— É verdade, mas isso não significa que devamos descartar a hipótese.

— Vamos ter de esperar para ver o que Martin e Patrik descobriram. – Paula pousou os talheres e levantou-se. – Queres um café?

— Sim, se faz favor – respondeu Gösta, que deu sub-repticiamente outro biscoito a Ernst e foi recompensado com uma lambidela na mão.

— Ah, estava mesmo a precisar disto. – Erling gemia alto na estreita mesa de massagens.

Os dedos de Vivianne massajavam-lhe habilmente os músculos das costas e Erling sentiu a tensão a desaparecer gradualmente. Não era fácil lidar com todas as responsabilidades associadas ao seu cargo.

— Esta massagem é um dos serviços que vamos oferecer? – perguntou com a cara enfiada no buraco da mesa de massagens.

— Isto é uma massagem tradicional, por isso é claro que será um dos nossos serviços. Além disso, temos massagem tailandesa e um tratamento com pedras quentes. Os clientes também podem escolher entre uma massagem corporal parcial e uma massagem total. – Vivianne continuava a massajar-lhe as costas enquanto falava com voz calma, quase hipnótica.

— Excelente. Isso é excelente.

— Mais tarde ofereceremos outros tratamentos no spa para além do pacote básico. Massagens com sal e algas, luminoterapia, tratamentos faciais com algas e por aí fora. Vamos ter uma linha completa de serviços. Mas isto já tu sabes, porque vinha no prospeto.

— Pois sei, mas continua a ser música para os meus ouvidos. E quanto ao pessoal? Já estão todos a bordo? – Erling começava a sentir-se sonolento com a massagem, a iluminação suave e a voz tranquilizadora de Vivianne.

— O pessoal já está quase completamente formado. Encarreguei-me

pessoalmente dessa parte. Trouxemos para cá algumas pessoas fantásticas, novas, entusiásticas e ambiciosas.

— Excelente. Isso é excelente – repetiu Erling, soltando depois um profundo suspiro de satisfação. – Vai ser um enorme sucesso. Tenho certeza – acrescentou, fazendo uma careta quando Vivianne lhe pressionou um ponto sensível nas costas.

— Tens aqui uns nós dos grandes – disse-lhe Vivianne enquanto continuava a pressionar a zona.

— Isso dói! – exclamou Erling, que subitamente ficou completamente desperto.

— É preciso sentirmos dor para nos livrarmos da dor. – Vivianne pressionou ainda mais e Erling não conseguiu conter um lamento.

— Porque estás tão tenso? – perguntou.

— Deve ser por causa do que aconteceu a Mats – respondeu Erling com dificuldade. As costas doíam-lhe tanto que sentiu lágrimas nos olhos. A polícia foi fazer perguntas ao escritório esta manhã. Aquilo foi uma coisa medonha.

Vivianne parou abruptamente de massajar.

— Que gênero de perguntas?

Grato por ter deixado de sentir dor, pelo menos temporariamente, Erling deu um longo suspiro.

— Sobretudo acerca de Mats e de como era o comportamento dele no trabalho. Perguntaram-me o que sabíamos sobre ele e se desempenhava bem o cargo.

— Que foi que lhes disseste? – Vivianne recomeçara a massajar-lhe as costas mas, felizmente, estava a trabalhar uma zona diferente.

— Bem, não havia muito a dizer. Mats era tão reservado... Nunca chegamos verdadeiramente a conhecê-lo. Mas hoje à tarde estive a passar as contas em revista e tenho de dizer que era realmente meticoloso. Como fez um ótimo trabalho, não vou ter muita dificuldade em assumir a chefia das finanças da autarquia até conseguirmos encontrar um substituto.

— Tenho certeza de que vais fazer um excelente trabalho. – Vivianne estava agora a massajar-lhe a nuca de uma forma que lhe deixava a pele toda arrepiada. – Então e Mats não deixou nenhum ponto de interrogação?

— Não, pelo que pude ver estava tudo completamente em ordem. – À medida que os dedos de

Vivianne continuavam o seu trabalho, Erling sentiu-se novamente sonolento.

Dan estava sentado à mesa da cozinha e olhava pela janela. A casa estava mergulhada em silêncio. As crianças tinham ido para a escola ou para o infantário. Àquela hora, Dan já costumava estar na escola, mas era o seu dia de folga. Teria preferido estar a trabalhar. Nos últimos tempos, o estômago começava a doer-lhe assim que iniciava a viagem de regresso a casa, porque tudo ali lhe recordava o que tinham perdido. Não apenas o bebê, mas também a vida que tinha partilhado com Anna. Bem no fundo do seu ser, Dan tinha começado a pensar que tudo aquilo podia ter desaparecido para sempre e não sabia o que fazer. Não costumava sentir-se tão completamente desamparado como agora, e detestava aquela sensação.

Sofria por Emma e por Adrian. Os filhos de Anna não conseguiam perceber porque é que a mãe se recusava a sair da cama, porque não falava com eles nem os beijava ou porque nem sequer levantava os olhos quando lhes iam mostrar os desenhos que tinham feito. As crianças sabiam que Anna tinha tido um acidente de carro e que o irmão tinha ido para o céu, mas não podiam compreender porque é que isso fazia com que a mãe estivesse sempre deitada, imóvel, constantemente a olhar pela janela. E nada do que Dan fizesse ou dissesse poderia compensar o vazio que eles sentiam. Emma e Adrian gostavam dele, mas amavam a mãe.

Emma tornava-se mais retraída a cada dia que passava, enquanto Adrian ficava mais agressivo. Ambos estavam a reagir à sua maneira. Dan conversara com os professores no infantário por causa de Adrian ter começado a bater e a morder nas outras crianças. E a professora de Emma telefonara para falar acerca das mudanças que a menina estava a atravessar, pois tinha passado de animada e alegre a taciturna, incapaz de dizer uma palavra que fosse durante as aulas. Que havia de fazer? As crianças precisavam de Anna, não dele.

Pelo menos conseguia confortar as suas três filhas. Iam ter com ele com as suas perguntas e em busca de abraços. Andavam tristes e perturbadas, mas não como Emma e Adrian. Além disso, as filhas ficavam com a mãe, Pernilla, semana sim, semana não, e em casa da ex-mulher conseguiam escapar à tristeza que pairava como um fardo pesado sobre a sua existência.

Pernilla havia dado uma grande ajuda. O divórcio tinha tido os seus problemas, porém desde o acidente Pernilla estava a ser fantástica. Era em grande parte devido a ela que Lisen, Belinda e Malin estavam a lidar tão bem com o sucedido. Emma e Adrian não tinham mais ninguém a quem recorrer. Claro que Erica tentara ajudar, mas já tinha trabalho suficiente a cuidar dos gêmeos e não dispunha de muito tempo para os sobrinhos. Dan compreendia isso e estava grato pelos esforços de Erica.

Ou seja, Dan, Emma e Adrian tinham sido deixados sozinhos com o medo paralisante acerca do que ia acontecer a Anna. Às vezes, Dan perguntava a si próprio se Anna ia passar o resto da vida a olhar pela janela. Os dias transformar-se-

iam em semanas e estas em anos, com Anna para ali, pura e simplesmente a envelhecer. Dan sabia que eram os seus pensamentos obscuros que o faziam sentir-se assim. Os médicos tinham dito que Anna sairia gradualmente daquele estado depressivo, mas que isso demoraria o seu tempo. O problema era que Dan não acreditava neles. Havião passado vários meses desde o acidente e parecia que Anna derivava cada vez para mais longe.

Lá fora, uns chapins debicavam as bolas de sebo que as filhas tinham insistido em pendurar para os pássaros, apesar de ser quase verão. Dan observava-os com inveja, pensando como deviam ser tranquilas as vidas daqueles animais, preocupados apenas com as necessidades básicas: comer, dormir e reproduzirem-se. Sem emoções, sem relacionamentos complicados. Sem tristeza.

Então, Dan pensou em Matte. Erica tinha-lhe telefonado a contar o que acontecera. Dan conhecia bem os pais dele. Tinha ido muitas vezes pescar de barco com Gunnar e costumavam trocar histórias. Gunnar sempre falara do filho com muito orgulho. Dan também sabia quem era Matte porque tinham andado na mesma escola, embora Mats tenha estado na turma de Erica e não na dele. Mas nunca tinham sido amigos. Gunnar e Signe deviam estar a sofrer horrivelmente. Aquele pensamento fê-lo encarar a própria dor a uma nova luz. Se já se sentia tão mal por perder um filho que nunca chegara a conhecer, muito pior devia ser para Gunnar e Signe terem perdido um filho que tinham acompanhado ao longo da vida e visto tornar-se um homem.

De repente, os chapins levantaram voo. Não se afastaram juntos, antes espalhando-se para todas as direções. No segundo seguinte, Dan viu o que tinha causado aquela partida tão abrupta. O gato do vizinho tinha entrado no quintal e estava agora a olhar para a árvore. Desta vez não tivera sorte.

Dan levantou-se. Não podia ficar ali o dia todo. Tinha de tentar falar novamente com Anna, incitá-la a erguer-se do mundo dos mortos e voltar para o mundo dos vivos. Lentamente, subiu as escadas.

— Como foi, Martin? — perguntou Patrik ao mesmo tempo que se recostava na cadeira. Tinham-se reunido mais uma vez na cozinha para debater a investigação. Martin abanou a cabeça.

— Não tenho muito a relatar. Falei com a maioria das pessoas que não conseguimos encontrar ontem, mas ninguém viu ou ouviu nada. A não ser, talvez...

— O quê? — perguntou Patrik. A atenção de todos fixou-se em Martin.

— Não sei se isto tem alguma utilidade. O velhote não bate muito bem da bola.

— Desembucha.

— Okay. Há um homem chamado Grip que mora no mesmo andar de Sverin. Como eu disse, parece um bocado maluco. — Martin bateu na testa. — E o tipo tem

uma data de gatos malcheirosos no apartamento... – Martin respirou fundo. – Grip disse que um dos gatos viu um carro no sábado de manhãzinha. Mais ou menos à mesma hora em que o outro vizinho, Leandersson, foi despertado por um barulho que pode ter sido um tiro.

Gösta deu uma gargalhada.

— O gato dele viu um carro?

— Deixa lá ouvir, Gösta – disse Patrik. – Vá lá, Martin, continua. Que mais disse o velhote?

— Mais nada. Claro que eu não o levei a sério, pois o homem parecia mesmo maluco.

— As crianças e os loucos dizem sempre a verdade – murmurou Annika enquanto continuava a tomar notas.

Martin encolheu os ombros, desanimado.

— Não tenho mais nada a relatar.

— Bom trabalho – afirmou Patrik, procurando encorajar o colega. – As rondas pela vizinhança das vítimas nunca são fáceis. As pessoas ou exageram o que podem ter ouvido ou então não repararam em nada de nada.

— Sim, este trabalho seria sem dúvida muito mais fácil sem testemunhas – murmurou Gösta.

— Então e vocês os dois? – Patrik virou-se para Gösta e Paula, que estavam sentados ao lado um do outro à mesa da cozinha.

Paula abanou a cabeça.

— Nós também não temos muito a relatar. Mats Sverin não parece ter tido vida própria fora do emprego, a acreditarmos nos colegas. Mas não souberam dizer-nos grande coisa. Sverin nunca mencionou quaisquer interesses além do trabalho, nem amigos ou namoradas. No entanto, descreveram-no como simpático e sociável. Não bate mesmo nada certo.

— Sverin disse-lhes alguma coisa sobre os anos que passou em Gotemburgo?

— Não, nem uma palavra. – Gösta abanou a cabeça. – Como Paula disse, parece que nunca falava de nada além do trabalho e de coisas mais gerais, enfim, de assuntos normais.

— Os colegas estavam a par da agressão? – perguntou Patrik, que se levantou e começou a servir café a todos.

— Não propriamente – respondeu Paula. – Mats disse-lhes que tinha tido um acidente de bicicleta e que passou uns tempos no hospital por causa disso. E é óbvio que não é verdade.

— E no emprego, havia algum problema nessa frente? – Patrik voltou a pousar a cafeteira na bancada.

— Sverin parece ter sido muito bom no que fazia. Mostraram-se todos muito satisfeitos com o desempenho dele. Ao que parece, sentiam que tinha sido um grande golpe de sorte terem conseguido contratar um economista experiente de Gotemburgo. Além disso, Sverin conhecia bem a região. — Gösta ergueu a chávena e bebeu um golo, queimando a língua. — Porra, está quente!

— Então não há nenhuma pista que possamos seguir?

— Não, pelo menos pelo que descobrimos até agora — disse Paula, parecendo agora tão abatida quanto Martin.

— Bem, acho que é tudo por enquanto. Sem dúvida que voltaremos a ter oportunidade de falar com os colegas dele. Eu tive uma conversa com os pais de Mats praticamente com os mesmos resultados. É óbvio que ele também não se abria muito com eles. Mas descobri que uma das antigas namoradas dele está a viver em Gråskär, no arquipélago, e Gunnar pensa que Mats planeava ir visitá-la. Portanto, preciso de entrar em contacto com ela. — Dito isto, Patrik pôs as fotografias tiradas no Hospital de Sahlgrenska em cima da mesa. — E consegui isto dos pais de Mats.

As fotografias foram passando de mão em mão.

— Jesus! — exclamou Mellberg. — O homem levou uma valente tarefa.

— Sim. A julgar pelas fotos, temos aqui um caso de agressão agravada. É claro que pode não ter nada que ver com o homicídio, mas ainda assim acho que devemos investigar melhor o que aconteceu. Temos de solicitar os registos hospitalares de Sverin e ver o que diz o relatório da polícia. Também devíamos falar com os funcionários da organização em que Mats trabalhava nessa altura. É interessante que a missão deles seja ajudar mulheres vítimas de violência doméstica. Talvez encontremos algum motivo para o que aconteceu. O ideal era irmos a Gotemburgo conversar com todos pessoalmente.

— Isso é realmente necessário? — perguntou Mellberg. — Não há indícios de que tenha sido assassinado por causa do que aconteceu em Gotemburgo. É mais provável o homicídio estar relacionado com algo que possa ter ocorrido aqui.

— Tendo em conta o pouco que conseguimos descobrir até agora, e o secretismo em que Sverin parece ter envolvido a sua vida, acho que se justifica plenamente uma ida a Gotemburgo.

Mellberg franziu a testa enquanto refletia. Demorou algum tempo a decidir-se.

— Bem, se o Hedström insiste — acabou por concordar. — Mas espero que consiga alguns resultados. Porque parece-me que amanhã vai estar fora a maior parte do dia.

— Vamos dar o nosso melhor — retorquiu Patrik. — Estava a pensar levar a Paula comigo — acrescentou.

— E nós, que fazemos enquanto estiverem fora? — perguntou Martin.

— Tu e Annika têm de procurar nos registos públicos referências a Mats Sverin. Haverá algum casamento ou divórcio secreto na vida dele? Será que tem filhos? Terá bens? Cadastro? Tentem encontrar o que quer que seja.

— Okay, vamos tratar disso – afirmou Annika, lançando um olhar de relance a Martin.

— E, Gösta... – Patrik fez uma pausa. – Telefona a Torbjörn e descobre quando podemos entrar no apartamento de Sverin para dar uma vista de olhos por lá. Tenta pressioná-lo um bocado para acelerar as coisas com o relatório técnico. Com tão pouco por onde pegar, precisamos dos resultados o mais depressa possível.

— Certo – respondeu Gösta sem grande entusiasmo.

— Bertil, o senhor vai continuar aqui a defender o forte, okay?

— Absolutamente – disse Mellberg, endireitando-se na cadeira. – Estou pronto para o ataque.

— Ótimo. Então amanhã recomeçamos todos a investigar. – Patrik levantou-se para assinalar que a reunião estava terminada. Parecia exausto.

ØØØ

Nathalie teve um sobressalto. Algo a tinha despertado. Adormecera no sofá e estava a sonhar com Matte. Ainda podia sentir o calor do seu corpo, a sensação de tê-lo dentro dela. E conseguia ouvir a sua voz, que era tão familiar, tão reconfortante. Mas, aparentemente, Matte não sentia o mesmo por ela, e Nathalie conseguia perceber por quê. Matte amara a Nathalie de outros tempos. A pessoa em que se tinha tornado desapontara-o.

Já não tremia e as articulações tinham parado de doer-lhe. No entanto, continuava a sentir-se inquieta. Aquilo provocava-lhe um formigueiro nos braços e nas pernas, levando-a a deambular pela casa enquanto Sam olhava para ela com os olhos muito abertos.

Se ao menos tivesse conseguido explicar-lhe porque é que tudo tinha corrido tão mal. Contara parte da história a Matte enquanto estiveram sentados na cozinha a conversar. Confidenciou-lhe tudo o que teve coragem de dizer em voz alta. Mas não foi capaz de proferir as palavras que descreviam

as piores humilhações. As coisas que tinha sido obrigada a fazer e que tinham mudado a sua essência.

Sabia que já não era a mesma pessoa. E Matte notara-o. Tinha visto como estava arruinada e podre por dentro.

Nathalie sentou-se. Estava com dificuldade em respirar. Puxou os joelhos até

o queixo e pôs os braços em torno das pernas. Estava tudo tão silencioso. Porém, de repente ouviu um baque contra o chão. Uma bola. A bola de Sam. Viu a bola rolar lentamente na sua direção. Sam não tocara em nenhum dos seus brinquedos desde que tinham chegado à ilha. Ter-se-ia levantado e recomeçado a brincar? O coração de Nathalie encheu-se de esperança, até se aperceber de que isso não era possível. A porta do quarto de Sam ficava à sua direita e a bola tinha vindo da cozinha, da esquerda.

Lentamente, Nathalie levantou-se e foi até a cozinha. Por um momento ficou assustada com as sombras que se moviam pelas paredes e pelo teto, mas o medo desapareceu tão rapidamente como tinha surgido. Uma enorme sensação de calma desceu sobre ela. Não havia ali ninguém que quisesse fazer-lhe mal. Tinha certeza disso, embora não conseguisse explicar por quê.

Ouvindo uma risadinha vinda de um canto escuro da cozinha, Nathalie olhou de relance nessa direção e vislumbrou-o. Um rapaz. Mas, antes que pudesse ver melhor, o rapaz moveu-se e correu até a porta da frente. Sem pensar, Nathalie seguiu-o. Abriu a porta e sentiu uma rajada de vento no rosto, mas sabia que o rapaz queria que ela o seguisse.

Estava a correr na direção do farol. De vez em quando olhava para trás, como se quisesse certificar-se de que Nathalie vinha atrás dele. O vento despenteava o cabelo louro do rapaz, as mesmas rajadas que, de tão fortes, quase a deixavam sem fôlego enquanto corria.

Custou-lhe abrir a pesada porta do farol, mas fora por ali que o rapaz passara, por isso Nathalie tinha de entrar. Subiu a correr as escadas íngremes, ouvindo o rapaz a andar lá em cima, e ouviu as suas risadinhas.

Porém, quando chegou ao topo do farol viu que a divisão circular estava vazia. Quem quer que fosse o rapaz, tinha desaparecido.

— Como estão a correr as coisas na delegacia? — Erica chegou-se a Patrik quando se sentaram no sofá.

O marido tinha chegado a casa à hora do jantar e os filhos já estavam a dormir. Com um bocejo, Erica esticou as pernas e pousou-as na mesa de café.

— Estás cansada? — perguntou Patrik sem responder à pergunta de Erica. Acariciou-lhe o braço, mantendo os olhos fixos na televisão.

— Exausta.

— Porque é que não te vais deitar, amor? — convidou Patrik, dando-lhe distraidamente um beijo na face.

— Era o que devia fazer, mas não quero — respondeu Erica, olhando de relance para o marido. — Preciso de algum tempo como adulta, contigo e com as notícias no Rapport, para contrabalançar todas aquelas fraldas sujas, os babygrows bolsados e a tagarelice dos bebês.

Patrik virou-se para encará-la.

— Mas está tudo bem?

— Claro – respondeu Erica. – Não é nada comparado com a fase em que Maja era bebê. Mas às vezes é muita coisa ao mesmo tempo.

— No outono eu tomo conta deles para que possas recomeçar a escrever.

— Eu sei. E, antes disso, temos as férias de verão, o que vem mesmo a calhar. Foi um dia muito agitado, só isso. E o que aconteceu a Matte é mesmo horrível. Não o conhecia muito bem, mas andamos juntos na escola e também na secundária. – Erica fez uma pausa e depois continuou: – Então, como está a correr a investigação? Não respondeste à minha pergunta.

— Não temos feito grandes progressos – Patrik suspirou. – Falamos com os pais de Mats e com alguns colegas dele do trabalho, mas parece que era um solitário. Ninguém consegue dizer-nos nada sobre ele. Ou era a pessoa mais chata do mundo, ou então...

— Ou então o quê? – perguntou Erica.

— Ou então há coisas que ainda não descobrimos.

— Bem, eu não achava nada que Matte fosse chato quando andávamos na escola. Parecia até bastante extrovertido e otimista. E era muito popular. Uma daquelas pessoas que estavam destinadas a ter sucesso na vida, independentemente do que escolhessem vir a fazer.

— Também andaste com a namorada dele na escola, não foi? – inquiriu Patrik.

— Com Nathalie? Sim, andei. Mas ela... – Erica procurou as palavras certas. – Dava a impressão de que se julgava melhor do que nós. Não encaixava muito bem na turma. Não me interpretes mal, Nathalie era muito popular e ela e Matte formavam o casal perfeito. Mas sempre tive a sensação de que Matte... Como é que hei de dizer isto? Matte seguia-a para todo o lado como um cachorrinho, todo contente a abanar a cauda e felicíssimo à mais pequena atenção por parte dela. Julgo que ninguém ficou surpreendido quando Nathalie decidiu mudar-se para Estocolmo e deixou Matte para trás. Ele ficou arrasado, pelo que me apercebi, mas até ele deve ter calculado que aquilo ia acontecer. Nathalie não era garota que alguém conseguisse segurar. Percebes o que quero dizer? Isto faz algum sentido?

— Sim, percebo perfeitamente.

— Porque é que me estás a fazer perguntas sobre Nathalie? Era namorada de Matte na secundária. E, embora deteste admiti-lo, isso já foi há muito, muito tempo.

— Nathalie está cá.

Erica olhou para Patrik com espanto.

— Em Fjällbacka? Há anos que Nathalie não vem cá.

— Bem, de acordo com os pais de Mats, Nathalie e o filho estão naquela ilha

da família dela.

— A Ilha dos Espíritos? Patrik assentiu.

— Parece que é assim que lhe chamam, mas acho que os pais de Mats me disseram o verdadeiro nome.

— Gråskär – disse Erica. – Embora a maioria das pessoas por aqui lhe chame Ilha dos Espíritos. Diz-se que os mortos...

— ... Nunca deixam a ilha – Patrik terminou a frase e sorriu. – Sim, também já ouvi falar dessa superstição.

— Porque é que tens tanta certeza de que é apenas superstição? Uma vez passei a noite na ilha com os meus colegas e pelo menos metade do grupo saiu de lá convencida de que havia realmente fantasmas. A ilha tinha uma atmosfera incrivelmente assustadora e, depois de tudo o que vimos e ouvimos, nenhum de nós quis voltar a passar lá a noite.

— Não ponho muita fé em fantasias de adolescentes.

Erica acotovelou-o.

— Não sejas desmancha-prazeres. Uns quantos fantasmas sempre animam um bocado a vida.

— Sim, podemos ver o assunto por esse prisma. Seja como for, tenho de ter uma conversa com a Nathalie. Os pais de Mats pensam que ele estava a planear ir visitá-la, mas não sabem ao certo se chegou a ir até lá. Apesar de terem sido namorados há muito tempo, Mats pode ter-lhe contado alguma coisa da vida dele... – Patrik parecia estar a pensar em voz alta.

— Eu vou contigo – afirmou Erica. – Diz-me quando queres ir e podemos pedir à tua mãe para tomar conta das crianças. Nathalie não te conhece – acrescentou Erica antes de Patrik poder objetar. – Pelo menos Nathalie e eu andamos juntas na escola, apesar de nunca termos sido amigas. Se eu também for, talvez fique mais predisposta a falar.

— Okay – concordou Patrik com relutância. – Mas amanhã tenho de ir a Gotemburgo, por isso não podemos ir antes de sexta-feira.

— Perfeito – disse Erica com satisfação, aconchegando-se nos braços do marido.

FJÄLLBACKA, 1870

— ESTAVA BOM? – PERGUNTAVA EMELIE DEPOIS DE CADA REFEIÇÃO, MESMO SABENDO QUE A RESPOSTA SERIA SEMPRE A MESMA. UM GRUNHIDO DE KARL E OUTRO DE JULIAN. A ALIMENTAÇÃO ERA UM POUCO MONÓTONA NA ILHA, MAS EMELIE NÃO TINHA CONTROLO SOBRE ISSO. A MAIOR PARTE DO QUE PUNHA NA MESA VINHA DAS PESCARIAS DOS DOIS HOMENS E CONSISTIA QUASE SEMPRE EM CAVALA E SOLHA. ALÉM DISSO, COMO AINDA NÃO LHE TINHAM PERMITIDO QUE OS ACOMPANHASSE NAS SUAS VIAGENS A FJÄLLBACKA, QUE FAZIAM DUAS VEZES POR MÊS, AS COMPRAS NO MERCADO DEIXAVAM SEMPRE MUITO A DESEJAR.

— OLHA, KARL, ESTAVA AQUI A PENSAR... – EMELIE POUSOU OS TALHERES, SEM SEQUER PROVAR A COMIDA.

— SERÁ QUE DESTA VEZ PODIA IR COM VOCÊS A FJÄLLBACKA? JÁ NÃO VEJO NINGUÉM HÁ MUITO TEMPO E IA SER UMA GRANDE ALEGRIA PARA MIM PASSAR UMAS HORAS NA VILA.

— ISSO ESTÁ FORA DE QUESTÃO – DISSE JULIAN COM AQUELA EXPRESSÃO SEVERA COM QUE SEMPRE OLHAVA PARA ELA.

— ESTAVA A FALAR COM KARL – RETORQUIU CALMAMENTE EMELIE, EMBORA POR DENTRO ESTIVESSE EM PÂNICO. ERA A PRIMEIRA VEZ QUE SE ATREVIA A CONFRONTÁ-LO.

JULIAN RIU E OLHOU PARA KARL.

— OUVISTE ISTO? SERÁ QUE TENHO MESMO DE ATURAR ESTAS CONVERSAS DE UMA MULHER?

KARL FITAVA O PRATO COM AR CANSADO.

— NÃO PODEMOS TE LEVAR CONOSCO – DISSE, TENDO FICADO CLARO QUE CONSIDERAVA O ASSUNTO ENCERRADO. MAS A SOLIDÃO TINHA COMEÇADO A BULIR COM OS NERVOS DE EMELIE, POR ISSO NÃO CONSEGUIU SE CONTER.

— POR QUE NÃO? HÁ MUITO ESPAÇO NO BARCO E EU PODIA FAZER AS COMPRAS NO MERCADO PARA NÃO ESTARMOS SEMPRE COMENDO CAVALA E BATATA. NÃO SERIA BOM?

O ROSTO DE JULIAN FICOU BRANCO DE RAIVA. MANTINHA OS OLHOS FIXOS EM KARL, QUE DE REPENTE SE LEVANTOU DA MESA.

— NÃO VENS CONOSCO E NÃO SE FALA MAIS NISSO! – KARL

VESTIU O CASACO E SAIU PARA O VENDAVAL QUE AÇOITAVA A ILHA. A PORTA BATEU ATRÁS DELE.

TINHA SIDO ASSIM DESDE A NOITE EM QUE EMELIE TOCARA KARL NA CAMA, TENTANDO ATRAÍ-LO PARA UMA RELAÇÃO MAIS ÍNTIMA. A INDIFERENÇA DO MARIDO TINHA SIDO SUBSTITUÍDA POR UMA ATITUDE QUE SE ASSEMELHAVA MAIS AO MANIFESTO DESDÉM DE JULIAN. KARL IRRADIAVA UMA ANIMOSIDADE QUE EMELIE NÃO CONSEGUIA COMPREENDER NEM ALTERAR. TERIA REALMENTE FEITO UMA COISA ASSIM TÃO TERRÍVEL? SERIA ASSIM TÃO REPUGNANTE E NOJENTA? TENTOU RECORDAR O QUE SENTIU QUANDO KARL A PEDIRA EM

CASAMENTO. A PROPOSTA SURGIRA DE FORMA INESPERADA, MAS PARECERA-LHE QUE HAVIA ALGUM CALOR E DESEJO NA VOZ DELE. OU TERIA IMAGINADO ISSO POR CAUSA DOS SEUS PRÓPRIOS SENTIMENTOS E SONHOS? EMELIE OLHOU PARA BAIXO, PARA A MESA.

— JÁ VISTE O QUE FIZESTE? ESTÁS CONTENTE? – JULIAN ATIROU RUIDOSAMENTE OS TALHERES NO PRATO.

— POR QUE ME TRATAS ASSIM? QUE MAL TE FIZ? – EMELIE NÃO SABIA COMO TINHA CONVOCADO A CORAGEM, MAS SENTIA QUE TINHA PURA E SIMPLEMENTE DE PROFERIR AS PALAVRAS QUE LHE ANDAVAM A ATORMENTAR TANTO A ALMA.

JULIAN NÃO RESPONDEU. LIMITOU-SE A FITÁ-LA COM AQUELA EXPRESSÃO SOMBRIA DELE. DEPOIS LEVANTOU-SE E SEGUIU KARL PARA FORA DE CASA. POUCOS MINUTOS DEPOIS, EMELIE VIU O BARCO SAIR DO CAIS E DIRIGIR-SE PARA FJÄLLBACKA. NA VERDADE, EMELIE SABIA PERFEITAMENTE PORQUE É QUE NÃO A DEIXAVAM ACOMPANHÁ-LOS. A PRESENÇA DE UMA MULHER NÃO ERA DESEJADA NA TABERNA DE ABELA, EM FLORÖ, QUE ERA AONDE OS DOIS HOMENS OBVIAMENTE IAM PARAR NAS SUAS VIAGENS À VILA. ESTARIAM DE VOLTA ANTES DO ANOITECER, POIS REGRESSAVAM SEMPRE A TEMPO DE CUMPRIREM OS TURNOS NO FAROL.

A PORTA DO ARMÁRIO FECHOU-SE E EMELIE DEU UM SALTO NA CADEIRA. NÃO ACHAVA QUE AQUILO TIVESSE ACONTECIDO COM INTENÇÃO DE ASSUSTÁ-LA, MAS TINHA-A ASSUSTADO. A PORTA DA FRENTE ESTAVA FECHADA, POR ISSO UMA RAJADA DE VENTO NÃO PODIA TER SIDO A CAUSA. EMELIE FICOU MUITO QUIETA, ESCUTANDO E OLHANDO EM REDOR. NÃO ESTAVA MAIS NINGUÉM EM CASA. AO AGUÇAR BEM O OUVIDO, CONSEGUIU CAPTAR UM SOM ABAFADO E DISTANTE. O SOM DE ALGUÉM A RESPIRAR, LEVE E REGULAR, EMBORA

FOSSE IMPOSSÍVEL DIZER DE QUE DIREÇÃO VINHA. ERA QUASE COMO SE A PRÓPRIA CASA ESTIVESSE A RESPIRAR. EMELIE TENTOU DESCOBRIR O QUE AQUELA PESSOA DESCONHECIDA PODERIA QUERER DELA. MAS, DE REPENTE, O SOM DESAPARECEU E A CASA VOLTOU A MERGULHAR NO SILÊNCIO.

OS PENSAMENTOS DE EMELIE REGRESSARAM A KARL E A JULIAN. COM UM APERTO NO CORAÇÃO, COMEÇOU A LAVAR OS PRATOS. APESAR DE SER BOA DONA DE CASA, NADA DO QUE FAZIA PARECIA SATISFATÓRIO. SENTIA-SE TERRIVELMENTE SÓ. AO MESMO TEMPO, NÃO ESTAVA SOZINHA. TORNAVA-SE CADA VEZ MAIS DIFÍCIL IGNORAR A PRESENÇA DELES NA ILHA. EMELIE OUVIA COISAS, SENTIA COISAS, COMO AQUILO QUE OUVIRA HÁ MOMENTOS. E JÁ NÃO TINHA MEDO. ELES NÃO QUERIAM FAZER-LHE MAL.

QUANDO SE INCLINOU SOBRE OS PRATOS, COM AS LÁGRIMAS A ESCORRER PARA A ÁGUA SUJA, EMELIE SENTIU UMA MÃO NO OMBRO. UMA MÃO RECONFORTANTE. NÃO SE VIROU. SABIA QUE SE O FIZESSE NÃO IA VER NINGUÉM.

PAULA ESTENDEU OS BRAÇOS NA CAMA e a mão tocou por acaso no cabelo de Johanna. Deixou ficar a mão, embora isso a fizesse sentir-se desconfortável. Nos últimos meses, sentiam uma sensação estranha quando se tocavam. Já não era algo natural; era como se tivessem de fazer um esforço para se expressarem fisicamente. Tinham feito amor, mas fora muito estranho.

Na verdade, aquilo já acontecia há mais tempo. Se Paula quisesse ser completamente franca consigo própria, começara quando Leo nasceu. Ambas tinham ansiado por ele e lutado para o ter. Pensaram que ter uma criança fortaleceria a relação. Em certo sentido foi o que aconteceu, mas não completamente. Paula não achava que tivesse mudado muito como pessoa; Johanna, por outro lado, tinha-se entregado de alma e coração ao papel de mãe. E, ultimamente, começara a agir como se fosse, de alguma forma, superior. Parecia que Paula já não contava, ou pelo menos que Johanna contava mais, já que fora ela quem tinha dado à luz. Era a mãe biológica de Leo, que não possuía quaisquer genes de Paula. Tudo o que podia dar a Leo era o amor que sentia por ele desde que surgira no útero de Johanna. Um amor que tinha crescido mil vezes depois de Leo ter nascido e de o ter segurado nos braços. Sentia que era tanto mãe de Leo quanto Johanna. O problema é que Johanna não partilhava esse sentimento, embora se recusasse a admiti-lo.

Paula podia ouvir a mãe atarefada na cozinha enquanto falava com Leo. Tinham realmente muita sorte. Rita era uma pessoa madrugadora e não se importava nada de levantar-se cedo para que Paula e Johanna pudessem ficar mais algum tempo na cama. E agora que a investigação do homicídio estava a fazer com que fosse difícil Paula trabalhar apenas em part-time, Rita tinha entrado voluntariamente em cena para ajudar. Para espanto de todos, Bertil também se mostrara pronto para dar o seu apoio. Mas, ultimamente, Johanna começara a criticar a forma como Rita cuidava do filho. Na sua opinião, só ela sabia como cuidar de Leo.

Com um suspiro, Paula rodou as pernas para fora da cama e apoiou os pés no chão. Johanna mexeu-se, mas não acordou. Paula inclinou-se e afastou uma madeixa de cabelo do rosto de Johanna. Sempre pensara que o relacionamento delas era tão forte e estável. Mas já não era assim. E aquele pensamento assustava-a. Se perdesse Johanna, também perderia Leo. Johanna nunca ficaria em Tanumshede e Paula não conseguia imaginar-se a mudar-se dali. Gostava de viver naquela pequena cidade; o trabalho corria-lhe bem e tinha um ótimo relacionamento com os colegas. A única coisa que não a fazia feliz era a forma como as coisas tinham mudado entre si e Johanna.

Apesar de tudo, estava ansiosa por ir com Patrik a Gotemburgo. O caso

Sverin tinha-lhe despertado a curiosidade. Queria saber tudo o que houvesse para saber acerca de Mats. O instinto dizia-lhe que tinham de examinar o seu passado, e tudo aquilo que ocultara sobre a sua vida, se quisessem saber quem lhe tinha enfiado uma bala na nuca.

— Bom dia – disse Rita quando Paula entrou na cozinha.

Leo estava sentado na sua cadeirinha. Estendeu os braços na direção de Paula, que ergueu a criança, abraçando-a com força.

— Bom dia – disse, sentando-se à mesa com Leo ao colo.

— Queres o pequeno-almoço?

— Sim, se faz favor. Estou superesfomeada.

— Eu já trato disso – Rita pôs um ovo estrelado num prato e colocou-o à frente de Paula.

— Estragas-nos com mimos, mãe – impulsivamente, Paula pôs um braço em torno da cintura de Rita e apoiou a cabeça contra o corpo quente da mãe.

— Eu gosto de mimar-vos, minha querida. Sabes bem disso. – Rita retribuiu-lhe o abraço e, em seguida, beijou o topo da cabeça de Leo.

Ernst entrou na cozinha a saltitar e, com expressão esperançosa, sentou-se no chão ao lado de Paula e de Leo. Antes que alguém pudesse reagir, Leo atirou o ovo estrelado a Ernst, que o engoliu inteiro, feliz da vida. Satisfeito por ter alimentado o seu cão favorito, Leo bateu palmas de alegria.

— Ah, meu malandro! – disse Rita com um suspiro. – Este cão está a ficar tão gordo que não me surpreenderia se tivesse uma morte precoce.

Voltou a virar-se para o fogão e partiu outro ovo para dentro da frigideira.

— Então, como é que vocês se estão a dar? – perguntou Rita em voz baixa, sem olhar para a filha.

— Como assim? – perguntou Paula, embora soubesse muito bem aonde a mãe queria chegar.

— Tu e Johanna. Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem. Andamos as duas muito ocupadas no trabalho ultimamente, é só isso. – Paula olhou para Leo para que a expressão não traísse o que realmente lhe ia na alma se Rita se virasse de repente.

— Só tenho andado a cismar se... – Rita não teve tempo para terminar a frase.

— Então, há para aqui alguma coisa que se coma? – Mellberg entrou na cozinha em cuecas. Coçou preguiçosamente a barriga e sentou-se à mesa.

— Estava a dizer à mãe que ela nos estraga com mimos – afirmou Paula, aliviada por poder mudar de assunto.

— Ah, pois, isso é verdade – disse Mellberg, olhando cobiçosamente para o ovo a estrelar na frigideira.

Rita lançou um olhar inquiridor a Paula, que assentiu.

— Prefiro pão com queijo.

Rita pôs o ovo num prato. Ernst, que observava cada movimento, foi sentar-se aos pés de

Mellberg. Se tivesse sorte, talvez lhe calhasse outro ovo.

— Tenho de ir andando – disse Paula depois de engolir um grande pedaço de pão com queijo. – Hoje vou a Gotemburgo com Patrik.

Mellberg assentiu.

— Boa sorte. Passa-me esse miúdo e deixa-me pegar nele um bocadinho – disse, estendendo a mão para Leo, que não se opôs a ser transferido para o colo de Mellberg.

Pelo canto do olho, quando ia a sair da cozinha, Paula viu Leo, rápido como um relâmpago, a atirar o segundo ovo a Ernst. Aquele era mesmo o dia de sorte do cão.

Depois de pousar os gêmeos no chão, em cima de um cobertor macio, Erica dirigiu-se para o sótão. Não queria deixá-los sozinhos por mais do que alguns minutos, pelo que praticamente subiu os degraus íngremes a correr. Quando chegou ao cimo das escadas, teve de parar por um momento para recuperar o fôlego.

Depois de vasculhar um pouco, Erica localizou a caixa que procurava. Cautelosamente, desceu as escadas do sótão às arrecuas, equilibrando a caixa pesada nos braços. Os bebês não pareciam ter sentido a sua falta, por isso sentou-se no sofá e pôs a caixa no chão ao seu lado. Começou então a tirar objetos do interior e a colocá-los em cima da mesa de café. Perguntou a si própria quando teria sido a última vez que tinha olhado para tudo aquilo. Anuários escolares, álbuns de fotografias, cartas e postais antigos começaram rapidamente a empilhar-se sobre a mesa. Estava tudo coberto de pó e as cores originais tinham-se desvanecido. De repente, Erica sentiu-se velha.

Poucos minutos mais tarde, encontrou o que procurava. Um anuário escolar e um álbum de fotografias. Recostou-se nas almofadas do sofá enquanto os folheava. As fotografias dos alunos no anuário eram todas a preto e branco. Alguns dos rostos tinham uma cruz por cima, outros um círculo à volta, consoante Erica tivesse gostado ou detestado a pessoa em causa. Também havia observações rabiscadas, aqui e ali. “Giro”, “doce” e “idiota” eram alguns dos rótulos que utilizara sem grandes delicadezas. Não se orgulhava muito dos seus anos de adolescência e, quando chegou à página com a fotografia da sua turma, Erica corou. Meu Deus, tinha mesmo tido aquele aspeto? Não podia acreditar no estilo de cabelo e nas roupas que usava na altura. Obviamente que havia uma boa razão para não olhar para aquelas fotografias há muito tempo.

Respirou fundo e lançou-lhes um olhar mais atento. A julgar pelo penteado, a

fotografia devia ter sido tirada durante sua fase Farrah Fawcett. Tinha o cabelo comprido e fazia chapinha para levantar as pontas. Os óculos eram tão grandes que escondiam metade da cara e Erica enviou um agradecimento silencioso a quem quer que tenha inventado as lentes de contacto.

De repente, o estômago comprimiu-se. Havia tanta ansiedade ligada àqueles anos na escola secundária. A sensação de que não encaixava, de exclusão. A busca constante por algo que lhe permitisse ser admitida no círculo das garotas que eram consideradas legais e modernas. Erica tinha-se esforçado. Copiava-lhes os penteados, a maneira de vestir e empregava o mesmo calão das garotas da turma – das mais populares, claro. Raparigas como Nathalie. Mas nunca tinha conseguido. Também não pertencera às que se viam ao fundo. Não era uma daquelas alunas que estavam constantemente a ser intimidadas, daquelas que sabiam que eram de tal forma marginalizadas que não valia sequer a pena tentar entrar no grupo. Não, Erica tinha pertencido às massas invisíveis. Só os professores lhe tinham prestado alguma atenção, oferecendo-lhe encorajamento e aprovação. Mas isso não tinha sido grande consolo. Afinal de contas, quem é que queria ser uma marrona? Quem queria ser Erica quando podia ser Nathalie?

Olhou para Nathalie na fotografia da turma. Estava sentada à frente, com as pernas cruzadas de forma descontraída. Todos os outros se esforçavam por posar para a máquina, mas Nathalie parecia ter-se apenas sentado displicentemente na cadeira sem sequer se ter incomodado em mudar de posição para a fotografia. No entanto, era claramente o centro das atenções. O cabelo louro dava-lhe pela cintura. Era liso e brilhante, sem franja. Às vezes usava-o puxado para trás, num rabo de cavalo despretensioso. Nathalie parecia fazer tudo sem esforço. Era o original e todas as outras não passavam de meras cópias.

Na fotografia, Matte estava atrás de Nathalie. Tinha sido tirada antes de terem começado a namorar, porém, agora que já o sabia, era óbvio que iam acabar juntos. Porque Matte não olhava para a máquina fotográfica como os outros colegas. Em vez disso, o fotógrafo apanhara-o a olhar de relance para Nathalie, a contemplar os seus belos cabelos compridos. Erica recordou-se de ter pensado que Matte estava apaixonado por Nathalie, mas naquela época todos os rapazes andavam doidos por ela. Não havia qualquer razão para Matte ter sido uma exceção.

— Que bonito que ele era — murmurou Erica, estudando a fotografia. Não conseguia recordar-se de ter tido aquele pensamento na altura, provavelmente por estar tão encantada com Johan. Andava no mesmo ano, mas Johan era de outra turma e Erica tinha nutrido um amor platónico por ele durante toda a secundária. Mas agora podia ver que Matte era muito giro. Tinha o cabelo louro ligeiramente despenteado e desgrenhado e uma expressão séria bastante atraente. Era um pouco magricela, mas todos os rapazes eram assim naquela idade. Erica não tinha

recordações claras de Matte durante aqueles anos de escola. Não pertencera ao mesmo grupo. Matte era um dos rapazes mais populares, embora nunca se vangloriasse do facto. Não era como alguns dos outros que também eram considerados fixes. Esses falavam demasiado alto, eram arrogantes e andavam sempre muito preocupados consigo próprios e com o seu status naquele pequeno mundo onde eram reis. Matte, por seu lado, parecia fundir-se discretamente no grupo.

Erica pôs o anuário de lado e pegou no álbum. Estava repleto de fotografias de viagens escolares, celebrações de fim de ano e algumas festas em que os pais a tinham deixado participar. Nathalie aparecia numa série de fotografias. Sempre no centro da ação, como se a lente da máquina fotográfica a procurasse. Meu Deus, era mesmo bonita, pensou Erica, dando depois por si a desejar, maldosamente, que Nathalie fosse agora um pouco obesa e usasse um corte de cabelo simples e sem estilo como o de uma senhora de meia-idade. Havia algo nela que despertava desejo e ciúmes ao mesmo tempo. Todas as garotas queriam ser como Nathalie e a segunda melhor coisa que podiam desejar era serem incluídas no seu círculo de amigas. Erica não fora nem uma coisa nem outra. Também não aparecia em nenhuma das fotografias. Afinal de contas, era ela quem segurava a máquina e nunca ninguém lhe tinha tirado e dito que também devia ficar na fotografia. Erica era invisível, escondida por detrás das lentes enquanto tirava avidamente instantâneos de todas as cenas das quais ansiava fazer parte.

Incomodava-a ainda estar tão dominada pela amargura. Não conseguia compreender como é que as memórias daquele período tinham o poder de diminuí-la e de a fazer-se sentir como a garota que fora em tempos e não como a mulher em que se tornara. Era uma escritora bem-sucedida, casada, com três filhos maravilhosos, uma bela casa e excelentes amigos. No entanto, os velhos ciúmes tinham vindo à tona e Erica sentiu novamente o desejo de pertencer ao grupo, acompanhado pela terrível dor de saber que isso nunca aconteceria, que nunca seria suficientemente boa, por mais que tentasse.

Deitados no cobertor, os gêmeos começaram a choramingar. Aliviada por ser forçada a voltar ao presente, Erica levantou-se e foi ter com os filhos, deixando o anuário e o álbum de fotografias sobre a mesa. Decerto Patrik também lhes queria dar uma vista de olhos.

— Por onde começar? — Paula lutava contra o enjoo. Tinha começado a sentir-se maldisposta quando chegaram a Uddevalla e a sensação tinha vindo a piorar.

— Queres parar um pouco? — Patrik olhou de relance para o rosto da colega, que tinha assumido uma perturbadora tonalidade esverdeada.

— Não, além disso estamos quase a chegar — respondeu Paula, engolindo em

seco.

— Estava a pensar que devíamos começar pelo Hospital de Sahlgrenska – disse Patrik, conduzindo pelo meio do trânsito denso de Gotemburgo com uma expressão determinada. – Recebemos autorização para consultar os registos médicos de Mats e eu telefonei ao médico que tratou dele quando esteve lá internado, a dizer que estamos a caminho.

— Ótimo – disse Paula, tentando controlar as náuseas.

Dez minutos mais tarde viraram para o estacionamento do hospital e Paula saiu do carro mal este parou. Encostou-se à porta, respirando fundo várias vezes até as náuseas diminuírem. No entanto, permaneceu uma vaga sensação de desconforto. Paula sabia que não ia sentir-se melhor até que pusesse alguma comida no estômago.

— Estás pronta? Ou precisas de mais alguns minutos? – perguntou Patrik. Mas Paula viu que o colega estava tão impaciente para começar que até estava a mudar o peso do corpo de um pé para o outro.

— Já estou bem. Vamos. Sabes o caminho? – Paula acenou com a cabeça em direção ao vasto complexo hospitalar.

— Acho que sim – respondeu Patrik, encaminhando-se para a entrada principal.

Depois de se enganarem duas vezes, os dois inspetores estavam por fim a bater à porta do gabinete de Nils-Erik Lund, o médico responsável por Mats durante as semanas que passara no hospital.

— Entrem – disse alguém, e Patrik e Paula obedeceram. O médico levantou-se e contornou a secretária para os cumprimentar. – São da polícia, não são?

— Sim, falamos ao telefone de manhã cedo. Chamo-me Patrik Hedström e esta é a minha colega, Paula Morales.

Trocaram as cortesias habituais antes de se sentarem.

— Já encontrei as informações que julgo poderem ser-vos úteis – disse o Dr. Lund, empurrando uma pasta sobre a secretária.

— Obrigado. Então, do que é que se recorda de Mats Sverin?

— Tenho milhares de doentes todos os anos, por isso é impossível lembrar-me de todos. Mas, depois de analisar os registos, consegui refrescar a memória – o médico repuxou a barba branca desgrehada. – O doente chegou cá com lesões extensas. Tinha sido espancado, provavelmente por mais de um indivíduo. Vão ter de pedir mais pormenores à polícia.

— É o que vamos fazer – disse Patrik. – Mas não se iniba em dizer-nos o que pensa. Qualquer informação que possa fornecer-nos pode revelar-se útil.

— Muito bem – disse o Dr. Lund. – Não vou incomodá-los com terminologia médica, depois podem ler o processo, mas a vítima tinha recebido golpes e pontapés

na cabeça que provocaram hemorragia cerebral, assim como fratura de uma série de ossos da face, inchaços, danos nos tecidos subjacentes e uma extensa descoloração da pele. Também teve ferimentos na barriga, duas costelas quebradas e ruptura do baço. Os ferimentos eram muito graves, por isso achamos que era necessário operá-lo imediatamente. Também lhe fizemos raios X para determinar a gravidade da hemorragia cerebral.

— Acredita que os ferimentos faziam com que a vítima corresse perigo de vida? – perguntou Paula.

— O doente estava em estado crítico e estava inconsciente quando deu entrada no hospital. Tendo concluído que a hemorragia cerebral não exigia cirurgia, concentramos a nossa atenção nos ferimentos abdominais. Havia o risco de as costelas partidas perfurarem os pulmões, o que seria bastante grave.

— E conseguiram estabilizar a vítima?

— Atrevo-me a dizer que a situação foi resolvida de forma impecável. Foi uma operação rápida e eficaz, graças a um excelente trabalho de equipa.

— Mats Sverin contou-vos o que lhe tinha acontecido? Falou acerca da agressão? – perguntou Patrik.

O Dr. Lund repuxou a barba enquanto tentava recordar-se. Era de admirar que ainda lhe restasse alguma barba, pensou Patrik, tendo em conta como estava sempre a repuxá-la.

— Não, não me recordo de o ter feito.

— Parecia estar assustado? Teve a sensação de que se sentia ameaçado ou que estava a tentar esconder alguma coisa?

— Que eu me lembre, não. Mas como eu disse, tudo aconteceu há alguns meses e entretanto já passaram por aqui muitos doentes. Vão ter de perguntar isso aos agentes que estavam encarregados da investigação.

— Sabe se Sverin recebeu visitas enquanto aqui esteve internado?

— É possível que tenha recebido, mas realmente não faço a mais pequena ideia.

— Muito bem, resta-nos agradecer o tempo que nos disponibilizou – concluiu Patrik, levantando-se.

— São estas as cópias? – perguntou, apontando para a pasta que estava em cima da secretária.

— Sim, podem levá-las – disse o Dr. Lund, levantando-se também. A caminho da saída, Patrik teve repentinamente uma ideia.

— Vamos aproveitar para fazer uma visita a Pedersen? Saber se já tem alguma coisa para nós?

— Parece-me bem – respondeu Paula, assentindo. Seguiu Patrik, que agora já parecia saber por que corredores avançar. Ainda estava indisposta e com certeza que

uma visita à morgue não ia ajudá-la a melhorar.

De que adiantava continuar a viver? Signe tinha-se arrastado para fora da cama para tratar do pequeno-almoço e mais tarde tratara do almoço. Nem ela nem Gunnar tinham apetite. Signe aspirou todo o rés-do-chão, lavou a roupa de cama e fez o café que ninguém bebeu. Tinha feito tudo o que sempre fazia, mas sentia-se tão morta como Matte. Movia simplesmente o corpo pela casa, um corpo sem um objetivo, sem vida.

Sentou-se no banco da cozinha. O tubo do aspirador caiu no chão, mas nenhum dos dois reagiu. Gunnar estava sentado à mesa, onde passou o dia. Pareciam ter trocado de papéis. No dia anterior, tinha sido Gunnar quem andara pela casa, pois Signe tivera grande dificuldade em fazer com que os músculos colaborassem com o cérebro entorpecido. Agora era Gunnar quem estava para ali sentado, enquanto Signe tentava preencher o vazio no seu coração com uma atividade febril.

Signe fitou a nuca de Gunnar, reparando, como tantas vezes no passado, que Matte tinha herdado o mesmo remoinho no cabelo junto da gola da camisa. Agora, aquela característica nunca seria transmitida ao menino louro que Signe tantas vezes imaginara nos seus devaneios. Claro que também poderia ter sido herdado por uma menina. Não importava se era menino ou menina; qualquer um teria sido bem-vindo. Se lhe tivesse sido dado um neto para criar, um neto a quem oferecer doces antes do jantar e demasiados presentes no Natal. Uma criança com os olhos de Matte e a boca de outra pessoa. Porque isso era algo que Signe sempre desejara, perguntando a si própria como seria a namorada que Matte levaria lá a casa. Será que Matte encontraria alguém como a mãe, ou antes alguém que fosse exatamente o oposto? Não podia negar que tivera muita curiosidade em saber, mas prometera ser simpática para quem quer que ela fosse. Não queria ser uma daquelas sogras horrorosas que estavam sempre a meter-se na vida das noras. E teria estado pronta para tomar conta da criança sempre que fosse necessário.

Mas, com o passar dos anos, Signe tinha começado a perder as esperanças. De vez em quando ocorria-lhe que Matte podia não estar interessado em mulheres. Teria demorado algum tempo a habituar-se à ideia e teria lamentado não ter nenhum neto, mas poderia ter aceitado a situação. Tudo o que Signe queria era que o filho fosse feliz. Mas Matte nunca tinha levado ninguém lá a casa, e agora as esperanças tinham-se desvanecido para sempre. Não haveria nenhuma criança de cabelos claros com um remoinho na nuca, nenhum neto a quem pudesse dar um doce às escondidas antes do jantar. Nenhuma montanha de presentes de Natal demasiado caros e que estariam desfeitos poucas semanas depois. Nada, exceto o vazio. Os anos estendiam-se à frente deles como uma estrada deserta. Olhou de relance para Gunnar, imóvel à mesa da cozinha. Porque haveriam de continuar a viver? Porque é que ela haveria de continuar a viver?

— Querias ter ido a Gotemburgo, não era? — Annika ergueu os olhos do ecrã do computador e olhou demoradamente para Martin. Era o seu protegido na delegacia e tinham estabelecido um vínculo especial.

— Sim — admitiu Martin. — Mas este trabalho que estamos a fazer também é importante.

— Queres saber porque é que Patrik levou a Paula com ele? — perguntou Annika.

— Não interessa. Patrik pode levar quem quiser — retorquiu Martin algo carrancudo. Antes de Paula ter começado a trabalhar na delegacia, tinha sido quase sempre a primeira escolha de Patrik. Para ser franco, o motivo era que, naquela altura, não havia outra alternativa, mas Martin não podia negar que aquilo o magoava.

— Patrik acha que Paula tem andado um pouco deprimida nos últimos tempos, por isso quer que ela tenha mais alguma coisa em que pensar.

— A sério? Não tinha reparado — disse Martin, sentindo uma pontada de culpa. — Que tem a Paula?

— Não faço ideia. Ela não é propriamente uma pessoa muito faladora. Mas acho que Patrik está a fazer o mais acertado. Ela nem parece a mesma.

— Bem, só a ideia de ter de viver na mesma casa com Mellberg seria suficiente para dar cabo de mim.

— Podes crer — disse Annika com uma risada. Depois ficou outra vez séria. — Mas não me parece que seja esse o problema. Vamos ter de deixá-la em paz até lhe apetecer falar. Pelo menos agora já sabes porque foi que Patrik quis que Paula fosse com ele.

— Obrigado por me dizeres. — Martin não podia deixar de sentir-se envergonhado por ter reagido de modo tão imaturo. O importante era que o trabalho fosse feito e não quem era designado para o fazer.

— Vamos então começar? — perguntou Martin, esticando as costas. — Era excelente se já soubéssemos mais alguma coisa acerca de Sverin quando eles chegarem.

— Vamos a isso — disse Annika, começando a teclar.

— Costumas pensar nele? — Anders bebeu um golo de café. Estava a almoçar com Vivianne no restaurante Lilla Berith, um hábito quase diário para poderem livrar-se da barulheira das obras no Badis por algum tempo.

— Em quem? — perguntou Vivianne, embora soubesse exatamente a quem Anders se referia. Anders reparou como os nós dos dedos de Vivianne ficaram brancos quando agarrou a chávena de café.

— Em Olof.

Sempre o tinham chamado pelo nome próprio. Ele insistira nisso e outra

coisa não lhes teria parecido natural. Não merecia outra designação.

— Claro. De vez em quando. — Vivianne olhou para o pedaço de relva ao cimo da rua Galärbacken. A cidade tinha começado a ganhar vida. Havia mais pessoas na rua e parecia que Fjällbacka estava lentamente a descongelar, a esticar os membros e a preparar-se para a enchente de turistas. Era uma transformação drástica relativamente ao torpor que tomava conta da pequena cidade durante o resto do ano.

— Então, e o que é que achas?

Vivianne virou-se para Anders, lançando-lhe um olhar penetrante.

— O que é que te deu para começares a falar de Olof assim de repente? Olof já não existe. Não tem qualquer importância.

— Não sei bem — retorquiu Anders. — Tem qualquer coisa que ver com Fjällbacka. Não sei por que, mas sinto-me seguro aqui. Suficientemente seguro para pensar nele.

— Não te acomodes demasiado. Não vamos ficar aqui muito mais tempo — disse bruscamente Vivianne, lamentando imediatamente o tom de voz que empregou. Estava zangada com Olof, não com Anders. Mas tinha ficado chateada por Anders ter começado a falar dele. De que adiantava? Respirou fundo e decidiu responder à pergunta. Anders sempre a apoiara, sempre fora com ela a todo o lado. Vivianne dependia dele e o mínimo que podia fazer era dar-lhe uma resposta.

— Penso no quanto o odeio. — Sentiu os maxilares a cerrarem-se. — Penso no quanto Olof destruiu, no quanto me tirou a mim e a nós. Não é também nisso que pensas?

De repente, Vivianne sentiu medo. Sempre haviam partilhado o ódio por Olof. Fora o que os mantivera unidos, a razão pela qual não tinham seguido cada um para seu lado e haviam atravessado juntos os bons e os maus momentos. Sobretudo os maus.

— Não sei — disse Anders, virando-se para olhar para o mar. — Talvez esteja na altura de...

— Na altura de quê?

— De perdoar.

Lá estavam elas. As palavras que não queria ouvir, aquilo em que não queria sequer pensar. Perdoar a Olof? Depois de Olof lhes ter roubado a infância, de os ter transformado em adultos que se agarravam um ao outro como vítimas de um naufrágio? Olof fora a força motriz por detrás de tudo o que tinham feito, de tudo o que continuavam a fazer.

— Fartei-me de pensar nisso nos últimos tempos — prosseguiu Anders. — Não podemos continuar assim. Estamos a fugir, Vivianne. Mas estamos a fugir de algo de que nunca poderemos escapar, porque está aqui dentro — acrescentou, apontando para a têmpora ao mesmo tempo que a fitava com um olhar penetrante e resolutivo.

— O que é que estás a tentar dizer ao certo? Estás a começar a ter medo? — Vivianne sentiu as lágrimas a aflorarem-lhe os olhos. Anders estava a pensar abandoná-la? Traí-la como Olof tinha feito?

— É como se andássemos sempre em busca do pote de ouro no fim do arco-íris, acreditando que, se conseguíssemos encontrá-lo, Olof desapareceria. Mas nós nunca vamos encontrá-lo. Porque ele não existe.

Vivianne fechou os olhos. Recordou-se muito claramente da sujidade, dos cheiros, das pessoas que iam e vinham sem que Olof estivesse lá para protegê-los. Olof, que os odiava. Dissera-lhes isso muito claramente, que nunca deviam ter nascido, que os tinha tido como castigo para os seus pecados. Que eram repugnantes, feios e estúpidos. E que tinham sido eles e apenas eles a causa da morte da mãe.

Vivianne abriu repentinamente os olhos. Como é que Anders podia estar a falar em perdão? Ele, que se tinha interposto tantas vezes entre os dois, protegendo o corpo dela com o seu próprio corpo e sofrendo o impacto dos golpes.

— Não quero falar de Olof — afirmou com voz tensa pelo esforço de tentar conter-se. O terror subjugava-a. Que importava que Anders falasse em perdão se isso era uma coisa que nunca poderia acontecer?

— Eu adoro-te, mana — Anders acariciou-lhe suavemente a face. Mas Vivianne não o estava a ouvir. As memórias sombrias rugiam-lhe muito alto nos ouvidos.

— Bem, não estava nada à espera de visitas! — exclamou Tord Pedersen, o patologista forense, olhando para os dois inspetores por cima dos óculos.

— Pois, acredito. Pensamos que seria boa ideia se a montanha fosse a Maomé, para variar — retorquiu Patrik com um sorriso, dando um passo em frente para o cumprimentar. — Esta é a minha colega, Paula Morales. Estivemos no Hospital de Sahlgrenska a fazer algumas perguntas sobre Mats Sverin. E depois resolvemos vir até cá para saber como estão a correr as coisas.

— Receio que a vossa visita seja um pouco prematura — disse Pedersen, abanando a cabeça.

— Quer dizer que ainda não tem nada para nós?

— Só tive tempo de fazer um exame preliminar.

— E qual é a sua opinião? — perguntou Paula. Pedersen riu-se.

— Pensava que já era suficiente ter Patrik sempre à perna.

— Peço desculpa — disse Paula. Porém, pela expressão dela, Pedersen percebeu que, mesmo assim, estava à espera de uma resposta.

— Venham comigo. Vamos até o meu gabinete. — O patologista forense abriu uma porta à esquerda. Seguiram Pedersen e sentaram-se à frente da sua secretária. O patologista sentou-se do outro lado e cruzou as mãos.

— Com base num exame externo, posso dizer-vos que a única lesão óbvia é o ferimento de bala na nuca. No entanto, a vítima apresenta outras feridas cicatrizadas que parecem relativamente recentes e que provavelmente foram provocadas por uma agressão ocorrida há alguns meses.

Patrik assentiu.

— Foi por causa disso que fomos ao hospital falar com o médico. Há quanto tempo estava Sverin morto?

— Diria que há pouco mais de uma semana. A autópsia dir-nos-á mais.

— Tem alguma ideia da arma que foi utilizada? – perguntou Paula, inclinando-se para a frente.

— A bala ainda está alojada na cabeça da vítima, mas devemos ter uma resposta para a sua pergunta assim que a retirarmos. Quer dizer, desde que esteja num estado de conservação razoável.

— Mas o senhor já deve ter visto inúmeros ferimentos de bala – insistiu Paula. – Não pode arriscar um palpite? – Paula omitiu deliberadamente o invólucro vazio e o que significava. Queria ouvir a opinião pessoal de Pedersen.

— Outra agente que se recusa a desistir – disse Pedersen com uma risada, parecendo quase deleitado. – Se prometerem encarar isto como um mero palpite, diria que estamos a lidar com uma pistola de nove milímetros. – Pedersen ergueu um dedo em sinal de advertência. – Mas isto é só um palpite e eu posso estar enganado.

— Nós compreendemos – disse Patrik. – Quando vai realizar a autópsia, para que possamos dar uma vista de olhos à bala?

— Deixe-me cá ver... – Pedersen virou-se para o computador e carregou no rato. – A autópsia está agendada para a próxima segunda-feira. Por isso terão o meu relatório na quarta-feira.

— Não nos consegue isso mais cedo?

— Receio que não. Andamos terrivelmente ocupados no mês passado. As pessoas têm morrido como moscas, sabe-se lá porquê. Além disso, dois dos nossos funcionários tiveram de meter baixa de repente por tempo indeterminado. Parece que estavam esgotados. Esta profissão pode ter esse efeito em certas pessoas – era óbvio que Pedersen não se incluía nessa categoria.

— Okay, acho que não há nada a fazer. Por favor dê-me uma apitadela assim que tiver novidades. E suponho que a bala será enviada o mais depressa possível para a balística, não é?

— Claro – afirmou Pedersen, parecendo um pouco ofendido. – Podemos estar com pouco pessoal de momento, mas continuamos a desempenhar o nosso trabalho com profissionalismo.

— Eu não quis dizer o contrário. – Patrik ergueu as mãos. – Estou apenas impaciente, como de costume. Telefone-me quando o relatório estiver pronto e

prometo que não o chateio mais.

— Certíssimo — Pedersen levantou-se para se despedir. Parecia que ainda faltavam décadas para quarta-feira.

— Está então a dizer que já podemos entrar no apartamento? — Gösta parecia invulgarmente ansioso.

— E que vamos receber o seu relatório amanhã? Isso é excelente. Hedström vai gostar de saber isso.

Gösta sorriu quando desligou o telefone. Torbjörn Ruud acabara de dizer-lhe que tinham terminado a inspeção técnica e que a polícia podia agora revistar o apartamento de Mats Sverin à vontade. Gösta teve uma inspiração repentina. Seria um disparate ficar para ali sentado a girar os polegares à espera de que Patrik e Paula regressassem. Por mais que girar os polegares fosse um dos seus passatempos preferidos, enervava-o que fosse sempre Patrik a tomar todas as decisões. Sobretudo porque ele e Bertil eram os agentes mais experientes da delegacia. Gösta tinha de admitir ter um leve desejo de vingar-se de Patrik. Embora não fosse adepto de se esforçar muito no emprego, seria um prazer mostrar àqueles jovens convencidos como o trabalho devia ser feito. Gösta tomou uma decisão rápida e apressou-se até o gabinete de Mellberg. Na sua ânsia, esqueceu-se de bater à porta e, quando a abriu, deu com Bertil a despertar do que parecia ter sido uma sesta muito agradável.

— Que diabo? — Mellberg olhou em redor, atarantado, e Ernst levantou-se da sua almofada, de orelhas em pé.

— Desculpa. Pensei...

— Pensaste o quê? — gritou Mellberg, endireitando o ninho de cabelo que tinha resvalado enquanto dormia.

— Bem, sabes, acabei de falar ao telefone com Torbjörn Ruud...

— E? — Mellberg ainda estava com um ar zangado, mas Ernst já voltara a enroscar-se na sua almofada.

— Torbjörn disse que já podíamos ir ao apartamento.

— Ao apartamento de quem?

— De Mats Sverin. Eles já acabaram o trabalho por lá. Quer dizer, a equipe forense. E eu pensei... — Gösta começava a arrepender-se da sua decisão. Afinal talvez não tivesse sido um golpe de gênio. — Pensei...

— Vai direto ao assunto, porra!

— Bem, Hedström está sempre em pulgas para que se faça tudo o mais depressa possível, de preferência ontem. Por isso estava a pensar que podíamos ir lá os dois fazer a nossa própria inspeção ao local do crime. Em vez de esperarmos por Hedström.

O rosto de Mellberg iluminou-se. Estava a começar a perceber o que Gösta tinha em mente e a ideia agradou-lhe.

— Acho muito bem! Seria uma pena adiarmos isso para amanhã. E quem tem mais experiência do que nós para pôr esta investigação a andar? – disse Mellberg, exibindo um amplo sorriso.

— Era exatamente o que eu estava a pensar – disse Gösta, sorrindo também. – Está na altura de mostrar a esses jovens o que o pessoal da velha-guarda é capaz.

— Brilhante, meu amigo.

Mellberg levantou-se e dirigiu-se para a garagem. Os dois veteranos estavam prestes a entrar em ação.

Nathalie estava outra vez a dar-lhe banho. Deitou-lhe a água do mar aquecida pelo sol sobre o corpo, molhou-lhe o cabelo e tentou evitar que lhe entrasse água para os olhos. Sam não parecia estar a gostar, mas também não parecia detestar. Repousava tranquilamente nos braços dela e deixava-se lavar.

Nathalie sabia que, mais cedo ou mais tarde, Sam despertaria do seu torpor. O cérebro do filho estava a tentar processar o que tinha acontecido – uma experiência pela qual ninguém deveria ter de passar, sobretudo uma pessoa tão nova. Uma criança de cinco anos não devia ser separada do pai, mas Nathalie não tivera escolha. Fora essencial fugir; era a única saída. Porém, ela e Sam tinham pago um preço muito alto.

Sam adorava Fredrik. Não tinha visto, como Nathalie vira, o seu outro lado, nem tinha passado pelo que ela passou. Para Sam, Fredrik era um herói, incapaz de cometer erros. Idolatrava o pai, e fora sobretudo por isso que tinha sido tão difícil para ela tomar aquela decisão. Se é que se podia falar de decisão, porque não tinha tido mesmo escolha.

Apesar de tudo, doía-lhe que Sam tivesse perdido o pai. Independentemente do que Fredrik lhe tivesse feito a ela, sempre significara muito para Sam. Não tanto quanto ela, porém Fredrik era importante para o filho. E agora Sam nunca mais o voltaria a ver.

Nathalie retirou o filho da água e pousou-o na toalha que tinha estendido no cais. O pai sempre lhe dissera que o sol era bom para o corpo e para a alma, e os raios quentes pareciam realmente estar a ter um efeito restaurador. As gaivotas voavam em círculos por cima deles e Nathalie pensou que Sam poderia gostar de observá-las quando estivesse a sentir-se melhor.

— Meu filhinho querido – Nathalie acariciou-lhe o cabelo. Sam ainda era tão pequeno, tão indefeso. Parecia que ainda tinha sido ontem que era bebê e lhe cabia facilmente nos braços. Afinal de contas, talvez devesse levá-lo ao médico, mas os seus instintos maternos diziam o contrário. Sam estava seguro ali. Não precisava de hospitais nem de medicamentos, precisava de paz e de tranquilidade, e do carinho da mãe. Isso faria com que voltasse a ficar bem.

Estremeceu. Um vento frio começara a varrer o cais e Nathalie temeu que

Sam pudesse constipar-se. Levantou-se com esforço, segurando-o nos braços, e caminhou em direção à casa. Empurrou a porta com o pé e levou-o para dentro.

— Tens fome? – perguntou Nathalie enquanto vestia o filho.

Sam não disse uma palavra, mas Nathalie sentou-se numa cadeira e começou a dar-lhe cornflakes. A seu tempo, Sam voltaria para ela. O mar, o sol e o seu amor sarariam a sua alma ferida.

Erica tentava dar um passeio todas as tardes, antes de ir buscar Maja ao infantário. Os bebês precisavam de ar fresco e Erica tinha necessidade de fazer algum exercício. Manobrar o carrinho de bebê dos gêmeos era um bom treino e, na viagem de regresso, com Maja de pé na plataforma, era um verdadeiro desafio empurrar o carrinho aquele caminho todo até casa.

Nesse dia, em vez de ir diretamente pela rua Galärbacken, Erica decidiu tomar o caminho mais longo, passando pelo Badis e pela fábrica de compotas de Lorentz. No cais, por baixo do Badis, Erica parou e protegeu os olhos com a mão para poder ver melhor o velho edifício, cuja fachada, recém-pintada de branco, resplandecia à luz do sol. Ficou contente por ver o hotel restaurado. Além da igreja, o hotel termal era a característica dominante na silhueta da cidade e a primeira coisa em que as pessoas reparavam quando chegavam a Fjällbacka de barco. Durante anos, o edifício tinha-se vindo a deteriorar até parecer prestes a desmoronar-se. Agora, era novamente o orgulho de Fjällbacka.

Erica suspirou de prazer e depois riu-se, envergonhada por ficar tão emocionada ao ver as madeiras reluzentes e a pintura de um edifício antigo. Mas era mais do que isso. Tinha tantas boas recordações do Badis. Para Erica, como para a maioria dos habitantes de Fjällbacka, aquele edifício ocupava um lugar especial no coração. O Badis fazia parte da história coletiva e agora tinha sido restaurado para o presente e para o futuro. Não admirava que aquilo lhe puxasse ao sentimento.

Erica recomeçou a empurrar o carrinho, enchendo-se de coragem para o longo e íngreme caminho colina acima, passando pela estação de tratamento de águas residuais e pelo campo de minigolfe. De repente, um carro abrandou e parou ao lado dela. Erica fez uma pausa, espreitando para dentro do carro para ver quem era o condutor. Uma mulher saiu e Erica reconheceu-a de imediato, embora nunca a tivesse visto. Os coscuvilheiros locais tinham andado ocupadíssimos a espalhar rumores acerca daquela mulher desde que se mudara para a região há alguns meses. Só podia ser Vivianne Berkelin.

— Olá! – disse alegremente a mulher, aproximando-se de Erica de mão estendida. – É Erica Falck, não é?

— Sim, sou – disse Erica com um sorriso enquanto apertavam as mãos.

— Tenho andado para ir visitá-la. Li todos os seus livros e adoro-os.

Erica sentiu-se corar, o que sempre acontecia quando recebia elogios pelos

seus livros. Ainda não se tinha habituado ao facto de tanta gente ter lido algo que escrevera. Mas, depois de estar de licença de maternidade durante vários meses, era refrescante encontrar alguém que a encarava como escritora e não como a mãe de Noel, Anton e Maja.

— Admiro mesmo quem tenha a paciência de se sentar e escrever um livro inteiro.

— Se tivermos umas costas resistentes, a coisa faz-se bem – disse Erica, dando uma gargalhada. Vivianne irradiava um entusiasmo contagiante e Erica sentiu-se tomada por uma emoção que a princípio não conseguiu identificar. Então percebeu o que era. Queria que Vivianne gostasse dela.

— Ficou fantástico – disse Erica, virando-se para o Badis.

— Sim, estamos incrivelmente orgulhosos dele. – Vivianne olhou na mesma direção. – Gostava que lhe fizesse uma visita guiada?

Erica olhou de relance para o relógio. Tinha planeado ir buscar Maja um pouco mais cedo, mas a filha adorava estar no infantário, portanto não haveria mal nenhum em ir buscá-la à hora habitual. Além disso, Erica estava mortinha para saber se o interior do edifício estava tão bonito como a fachada.

— Seria excelente. Mas não sei como vou conseguir levar o carrinho até lá acima – disse, olhando para a escadaria íngreme.

— Não se preocupe, eu ajudo-a. – Vivianne dirigiu-se para os degraus sem esperar por uma resposta.

Cinco minutos mais tarde, as duas mulheres tinham manobrado o carrinho dos gêmeos até a entrada e Erica cruzava agora a porta a empurrá-lo. Na entrada, fez uma pausa, abrindo muito os olhos ao olhar em redor. Os móveis antigos e gastos tinham desaparecido todos, mas o carácter original do Badis permanecera. Enquanto inspecionava, as memórias da discoteca de verão, quando era adolescente, vieram à tona, mas agora tudo parecia muito novo e fresco. Parou o carrinho junto à parede e ergueu Noel. Estava prestes a levantar a alcofa de Anton quando ouviu Vivianne dizer baixinho:

— Posso pegar nele?

Erica assentiu e Vivianne inclinou-se, pegou suavemente em Anton e pô-lo nos braços. Os gêmeos estavam habituados a andar ao colo de tantas pessoas diferentes que nunca protestavam quando um desconhecido pegava neles. O bebê olhou para Vivianne, lançando-lhe um sorriso.

— És mesmo muito giro – tagarelou Vivianne enquanto lhe despiu cuidadosamente o casaco e lhe tirava o chapéu.

— Tem filhos? – perguntou Erica.

— Não, nunca tive essa sorte – respondeu Vivianne, desviando o olhar. – Quer tomar um chá? – perguntou enquanto carregava Anton para a sala de jantar.

— Preferia um café, se tiver. Não sou grande apreciadora de chá.

— Normalmente, não recomendamos que as pessoas envenenem o organismo com cafeína, mas vou abrir uma exceção e ver se consigo encontrar café decente.

— Obrigada. — Erica seguiu Vivianne. O café era o que a fazia andar para a frente. Bebia tanto que o mais certo era ter café em vez de sangue a fluir-lhe nas veias. — Toda a gente tem os seus vícios e a cafeína não é dos piores.

— Eu não tenho tanta certeza disso — afirmou Vivianne, mas preferiu não se alongar sobre o assunto. Provavelmente sentiu que as suas palavras caíam em saco roto.

— Volto já. Porque é que não se senta aqui? Depois já vamos conhecer os cantos à casa. — Vivianne desapareceu por uma porta basculante que, calculou Erica, conduzia à cozinha.

Por um momento interrogou-se como é que Vivianne iria conseguir fazer o café enquanto segurava o bebê. Erica tinha aprendido a fazer quase tudo servindo-se apenas de uma mão, mas isso requeria prática. Afastou o pensamento. Se precisasse de ajuda, Vivianne certamente a chamaria.

Depois de servir o café, Vivianne sentou-se à sua frente. Erica reparou que as mesas e as cadeiras também eram novas. Apesar de serem elegantes e modernas, encaixavam perfeitamente no ambiente tradicional. Todos os móveis tinham sido escolhidos por alguém com bom gosto. A vista das janelas, que se alinhavam na parede que dava para o exterior do edifício, era espetacular. Todo o arquipélago de Fjällbacka se espalhava diante delas.

— Quando é a inauguração? — Erica pegou num biscoito com aspeto algo estranho e imediatamente lamentou a escolha. Fosse do que fosse, não tinha açúcar suficiente; era demasiado saudável para se poder qualificar como um biscoito.

— Daqui a cerca de uma semana. Desde que esteja tudo pronto a tempo — respondeu Vivianne com um suspiro quando molhou um biscoito numa caneca de chá. Provavelmente era chá verde, pensou Erica, olhando com prazer para a sua bebida escura como breu.

— Vem à festa, não vem? — perguntou Vivianne.

— Adorava vir. Recebi o convite, mas ainda não decidimos. Não é fácil encontrar uma baby-sitter para três crianças.

— Tente vir. Seria ótimo. É verdade, no sábado, o seu marido e os colegas vêm cá para dar uma vista de olhos em primeira mão. Vamos deixá-los experimentar todos os serviços que oferecemos.

— A sério? — perguntou Erica com uma risada. — Patrik não me contou isso. Acho que nunca pôs os pés num spa, por isso deve ser uma experiência interessante para ele.

— Esperemos que sim. — Vivianne acariciou a cabeça de Anton. — Como

está a sua irmã? Espero que não se importe por perguntar, mas eu soube do acidente.

— Não faz mal. — Erica não gostou nada que os olhos se marejassem de lágrimas. Engoliu em seco e conseguiu controlar a voz. — Para ser franca, Anna não está muito bem. Já passou por muita coisa na vida.

Pela cabeça de Erica passou a imagem do primeiro marido de Anna. Havia tanta coisa que não podia explicar, embora houvesse algo naquela mulher que fazia com que desejasse abrir-se com ela. E, de repente, deu por si a contar a história toda a Vivianne. Normalmente nunca falava da vida de Anna, mas sentiu instintivamente que Vivianne compreenderia. Quando acabou, as lágrimas escorriam-lhe pelas faces.

— Realmente, a sua irmã não teve uma vida fácil. E precisava daquela criança — disse Vivianne baixinho, expressando exatamente o que Erica tinha pensado tantas vezes. Anna merecia aquele bebê. Merecia ser feliz.

— Não sei o que fazer. Ela não parece ver-me quando estou com ela. É como se estivesse noutro sítio, muito longe. E tenho medo de que não consiga voltar.

— A sua irmã não foi para lado nenhum. — Vivianne fez Anton saltitar no joelho. — Anda a procurar refugiar-se num sítio onde nada de mal lhe possa acontecer. Anna sabe que a Erica está lá. O melhor que tem a fazer é ir visitá-la e tocar-lhe. Esquecemo-nos de como é importante que nos toquem, mas todos precisamos disso para sobreviver. Por isso toque-lhe e diga ao marido para fazer o mesmo. Muitas vezes cometemos o erro de não querer incomodar as pessoas que estão a sofrer. Achamos que precisam de paz e sossego e de ser deixadas sozinhas. Nada poderia estar mais longe da verdade. Os seres humanos são animais de manada e precisamos de sentir a manada à nossa volta, precisamos da proximidade, do calor e do toque das outras pessoas. Por isso, certifique-se de que Anna está cercada pela sua manada. Não deixe que fique sozinha no quarto dela. Não permita que escape para esse lugar onde pode não haver qualquer sofrimento, mas onde também não há quaisquer outras emoções. Obrigue-a a sair desse lugar.

Erica ficou em silêncio por um momento. Estava a pensar no que Vivianne lhe tinha dito e percebeu que tinha razão. Não deviam ter deixado Anna afastar-se deles. Deviam ter-se esforçado mais.

— E não se sinta culpada — acrescentou Vivianne. — A dor da sua irmã não tem nada que ver com a sua alegria.

— Mas Anna deve sentir que... — disse Erica, e agora as lágrimas corriam mais do que nunca. — Deve sentir que eu tenho tudo, ao passo que ela não tem nada.

— A sua irmã sabe que o que aconteceu às duas não está relacionado. A haver algo a interpor-se entre ambas é o seu sentimento de culpa e não qualquer inveja ou raiva que Anna possa sentir por seus bebês terem sobrevivido. Isso são tudo coisas da sua mente.

— Como pode ter tanta certeza? — Erica queria acreditar em Vivianne, mas

não se atrevia. Aquela mulher nunca tinha visto a irmã, portanto, como podia dizer o que Anna estava a pensar ou a sentir? Ao mesmo tempo, havia uma aura de verdade nas suas palavras.

— Não consigo explicar como é que sei. Sei, simplesmente. Eu compreendo as pessoas. Tem de confiar em mim – disse Vivianne com firmeza. E, para sua surpresa, Erica percebeu que confiava realmente nela.

Pouco tempo depois, a caminho do infantário, Erica sentiu-se despreocupada como há muito não se sentia. Livrara-se do que a andava a impedir de voltar a aproximar-se de Anna. Tinha-se libertado daquela sensação de impotência.

FJÄLLBACKA, 1871

POR FIM, O GELO INSTALARA-SE. TINHA CHEGADO TARDE NAQUELE INVERNO, SÓ APARECENDO EM FEVEREIRO. EM CERTO SENTIDO, AQUILO FAZIA COM QUE EMELIE SE SENTISSE MAIS LIVRE. UMA SEMANA DEPOIS, O GELO SERIA SUFICIENTEMENTE ESPESSE PARA SE ANDAR SOBRE ELE E, PELA PRIMEIRA VEZ DESDE QUE CHEGARA À ILHA, SERIA POSSÍVEL IR A TERRA SOZINHA, SE QUISESSE FAZÊ-LO. ENVOLVERIA UMA LONGA CAMINHADA, ASSIM COMO UM CERTO GRAU DE RISCO, POIS DIZIA-SE QUE, POR MAIS ESPESSE QUE FOSSE O GELO, EXISTIAM FENDAS TRAIÇOEIRAS ONDE A CORRENTE FLUÍA MAIS DEPRESSA. NO ENTANTO, ERA POSSÍVEL.

POR OUTRO LADO, FAZIA-A SENTIR-SE MAIS CONFINADA, PORQUE KARL E JULIAN JÁ NÃO PODIAM FAZER AS SUAS VIAGENS REGULARES A FJÄLLBACKA. COMEÇARA A TEMER O REGRESSO DE AMBOS, QUANDO VINHAM BÊBADOS E AGRESSIVOS, PORÉM, PELO MENOS, A AUSÊNCIA DELES PERMITIA-LHE ALGUM ESPAÇO PARA RESPIRAR. AGORA PASSAVAM MAIS TEMPO AO PÉ DELA E A ATMOSFERA ERA OPRESSIVA. EMELIE TENTAVA SER AGRADÁVEL E TRATAR DAS SUAS TAREFAS DOMÉSTICAS SEM OS PERTURBAR. KARL AINDA NÃO LHE TINHA TOCADO E EMELIE NÃO TENTARA MAIS AVANÇOS. FICAVA DEITADA NA CAMA EM SILÊNCIO ABSOLUTO, PRESSIONANDO O CORPO CONTRA A PAREDE FRIA DO QUARTO. MAS O MAL JÁ ESTAVA FEITO. A AVERSÃO DE KARL POR ELA NÃO DIMINUÍRA E EMELIE SENTIA-SE CADA VEZ MAIS SOZINHA.

AGORA, AS VOZES ERAM MAIS ALTAS E COMEÇAVA A VER MAIS DO QUE O BOM SENSO LHE DIZIA SER POSSÍVEL, MAS EMELIE SABIA QUE AQUILO NÃO ERA APENAS FRUTO DA SUA IMAGINAÇÃO. OS ESPÍRITOS DAVAM-LHE UMA SENSAÇÃO DE ALÍVIO. ERAM A SUA ÚNICA COMPANHIA NAQUELA ILHA DESERTA E A TRISTEZA DELES ESTAVA EM SINTONIA COM A SUA. A VIDA NÃO LHES TINHA CORRIDO COMO PLANEARAM. COMPREENDIAM-SE UNS AOS OUTROS, MESMO QUE OS SEUS DESTINOS ESTIVESSEM SEPARADOS PELO MAIS FORTE DOS MUROS: A MORTE.

KARL E JULIAN NÃO REPARAVAM NELES DA MESMA FORMA QUE EMELIE. MAS DE VEZ EM QUANDO OS DOIS HOMENS PARECIAM

POSSUÍDOS POR UM MAL-ESTAR QUE NÃO CONSEGUIAM EXPLICAR. NESSAS OCASIÕES, EMELIE PODIA VER O MEDO NOS SEUS ROSTOS, E ISSO DEIXAVA-A SECRETAMENTE FELIZ. JÁ NÃO VIVIA PELO AMOR QUE SENTIA POR KARL, QUE NÃO ERA O HOMEM QUE JULGARA. NO ENTANTO, AGORA AQUELA ERA A SUA VIDA E NÃO HAVIA NADA QUE PUDESSE FAZER QUANTO A ISSO. APENAS PODIA REGOZIJAR-SE COM O MEDO DELE E CONFORTAR-SE COM OS ESPÍRITOS. OS ESPÍRITOS FAZIAM-NA SENTIR-SE UMA ELEITA. ERA A ÚNICA QUE SABIA QUE EXISTIAM. ERAM OS SEUS ESPÍRITOS.

PORÉM, DEPOIS DE ESTAREM RODEADOS DE GELO HÁ MAIS DE UM MÊS, EMELIE COMEÇOU A APERCEBER-SE DE QUE O MEDO TAMBÉM ERA EVIDENTE NO SEU PRÓPRIO ROSTO. O AMBIENTE TORNARA-SE MAIS TENSO. JULIAN APROVEITAVA TODAS AS OPORTUNIDADES PARA GRITAR COM ELA E DESCARREGAR NELA A FRUSTRAÇÃO POR ESTAR CONFINADO À ILHA. KARL OLHAVA-A COM FRIEZA E OS DOIS HOMENS ESTAVAM CONSTANTEMENTE A SUSSURRAR ENTRE SI. COM OS OLHOS FIXOS NELA, SENTAVAM-SE NO BANCO DA COZINHA COM AS CABEÇAS JUNTAS E MURMURAVAM. EMELIE NÃO CONSEGUIA OUVIR O QUE DIZIAM, MAS SABIA QUE NÃO ERA BOA COISA. ÀS VEZES APANHAVA TRECHOS DA CONVERSA QUANDO KARL E JULIAN PENSAVAM QUE NÃO PODIAM SER OUVIDOS. NOS ÚLTIMOS TEMPOS FALAVAM MUITO SOBRE A CARTA QUE KARL TINHA RECEBIDO DOS PAIS POUCO ANTES DE O GELO SE TER INSTALADO. AS VOZES AGITAVAM-SE QUANDO FALAVAM ACERCA DA CARTA, MAS EMELIE NÃO CONSEGUIA DESCOBRIR O QUE PODERIA DIZER. E, VERDADE SEJA DITA, TAMBÉM NÃO QUERIA VERDADEIRAMENTE SABER. A RAIVA NAS PALAVRAS DE JULIAN E O TOM RESIGNADO DA VOZ DE KARL DAVAM-LHE ARREPIOS NA ESPINHA.

EMELIE TAMBÉM NÃO COMPREENDIA PORQUE É QUE OS SOGROS NUNCA OS IAM VISITAR NEM PORQUE É QUE ELA E KARL NUNCA IAM VÊ-LOS. A CASA ONDE NASCERA FICAVA APENAS A UMA HORA DE VIAGEM DE FJÄLLBACKA. SE SAÍSSEM DE MANHÃ BEM CEDO, PODERIAM ESTAR DE REGRESSO À ILHA MUITO ANTES DE ESCURECER. MAS EMELIE NUNCA SE ATREVEU A ABORDAR O ASSUNTO. SEMPRE QUE RECEBIA UMA CARTA DOS PAIS, KARL FICAVA MAL-HUMORADO DURANTE VÁRIOS DIAS. AQUELA ÚLTIMA CARTA TINHA PROVOCADO UMA REAÇÃO PIOR DO QUE NUNCA. MAS, COMO ERA HABITUAL, EMELIE FORA RELEGADA PARA SEGUNDO PLANO, INCAPAZ DE COMPREENDER O QUE ESTAVA A ACONTECER À SUA VOLTA.

— BELA CASA — DISSE GÖSTA, varrendo o apartamento com os olhos. Embora estivesse satisfeito consigo próprio por ter tomado a iniciativa, tinha o estômago às voltas só de pensar na reação de Hedström.

— O mais certo é ser gay — afirmou Mellberg. Gösta suspirou.

— Em que é que baseias essa suposição?

— Só os gays é que têm apartamentos tão limpos e arrumados como este. Os homens de verdade têm sempre alguma porcaria, aqui e ali. E não têm, definitivamente, cortinas nas janelas — o superintendente franziu a testa enquanto apontava para as cortinas brancas como a neve. — Além disso, toda a gente disse que o tipo nunca teve nenhuma namorada.

— Eu sei, mas... — Gösta suspirou de novo e desistiu de tentar argumentar. Mellberg podia ter nascido com duas orelhas, como toda a gente, mas raramente as usava para ouvir.

— Se passares revista ao quarto, eu encarrego-me da sala de estar. Okay? — Mellberg começou a tirar livros das prateleiras.

Gösta assentiu e deu uma olhadela à sala. Era um tanto impessoal. Um sofá bege, uma mesa de centro de madeira escura com um tapete claro por baixo, uma televisão num suporte e uma estante com uma pequena seleção de livros. Pelo menos metade eram livros técnicos sobre economia e contabilidade.

— Que tipo estranho — disse Mellberg. — Não tem quase nada.

— Talvez gostasse de viver com pouca tralha — contrapôs Gösta, e depois dirigiu-se ao quarto.

Era tão limpo e ordenado como a sala de estar. Uma cama com a cabeceira branca, uma mesa de cabeceira, vários armários pintados de branco e uma cômoda.

— Há aqui uma mulher numa fotografia — gritou Gösta a Mellberg enquanto pegava numa pequena fotografia que estava encostada ao candeeiro da mesa de cabeceira.

— É boazona? Deixa-me ver. — Mellberg entrou no quarto.

— Bem, talvez bonita seja uma descrição melhor.

Mellberg olhou para a fotografia e fez uma careta para indicar que não ficara particularmente impressionado. Voltou para a sala, deixando Gösta onde estava, com a fotografia na mão a perguntar-se quem seria aquela mulher. Devia ter significado algo para Mats Sverin. Parecia ser a única fotografia em todo o apartamento e Sverin tinha-a no quarto.

Gösta recolocou a fotografia na mesa de cabeceira e começou a vasculhar a cômoda e os guarda-fatos. Apenas encontrou roupa, nada de natureza mais pessoal.

Não havia diários, cartas antigas ou álbuns de fotografias. Embora tivesse inspecionado meticulosamente todos os recantos, passado algum tempo teve de admitir que não havia nada de interesse. Era quase como se Sverin nunca tivesse existido antes de se mudar para o apartamento. A única coisa que contradizia isso era a fotografia da mulher.

Gösta voltou à mesa de cabeceira e pegou novamente na fotografia. Achava que a mulher era muito bonita. Esbelta e delicada, com longos cabelos louros que o vento agitava em torno do rosto no momento em que a fotografia fora tirada. Semicerrou os olhos e aproximou mais a fotografia enquanto estudava cada pormenor. Estava à procura de alguma pista que pudesse dizer-lhes quem era ou pelo menos onde a fotografia fora tirada. Nada tinha sido escrito no verso e a única coisa que se podia ver por detrás da mulher eram uns arbustos. Porém, quando olhou outra vez, reparou de repente que na margem direita da fotografia se podia ver uma mão. Alguém estava a querer ficar ou sair do campo de visão do fotógrafo. Era uma mão pequena. A fotografia estava demasiado tremida para ter certeza absoluta, mas parecia-lhe a mão de uma criança. Gösta pousou-a novamente. Mesmo que estivesse certo, na verdade aquilo não dizia grande coisa. Virou-se e começou a dirigir-se para a saída do quarto, mas depois mudou de ideia. Regressou à mesa de cabeceira, pegou na fotografia e guardou-a no bolso.

— Não valia mesmo a pena termos vindo — resmungou Mellberg. Estava de joelhos a espreitar para debaixo do sofá. — Afinal de contas, talvez tivesse sido preferível deixar que fosse Hedström a revistar isto. Acho que foi mesmo um completo e absoluto desperdício do nosso tempo.

— Ainda não procuramos na cozinha — disse Gösta, fingindo não ouvir as queixas de Mellberg.

Gösta começou a abrir as gavetas e os armários da cozinha, mas não encontrou nada de interesse. Os pratos pareciam ter sido comprados na IKEA e nem o frigorífico nem a despensa estavam particularmente bem abastecidos.

Gösta virou-se e encostou-se à bancada. De repente, avistou algo em cima da mesa da cozinha. Havia um cabo meio enrolado que ia desembocar numa tomada na parede. Pegou no cabo para um olhar mais atento. Era um cabo de computador.

— Sabemos se Sverin tinha um computador portátil? — perguntou em voz alta. Não obteve resposta, mas podia ouvir passos a marchar em direção à cozinha.

— Porque perguntas? — disse Mellberg.

— Porque há aqui um cabo de computador e ninguém mencionou nada sobre um computador portátil.

— Deve estar no escritório dele.

— Mas não seria natural que os colegas o referissem quando Paula e eu estivemos lá? Deviam perceber que estaríamos interessados em ver o portátil dele.

— E perguntaram-lhes? — Mellberg ergueu uma sobrancelha.

Gösta teve de admitir que não haviam perguntado. Tinham-se esquecido completamente de pedir autorização para inspecionar o computador de Sverin. Presumivelmente, o aparelho ainda estava na câmara municipal. De repente, Gösta sentiu-se um idiota, para ali de cabo na mão, por isso soltou-o.

— Mais logo vou passar pela Câmara — disse, saindo da cozinha.

— Meu Deus, como detesto esperar. Porque é que tudo tem de demorar tanto tempo? — murmurou Patrik com irritação quando virou para o estacionamento em frente à delegacia de Gotemburgo.

— Se o relatório estiver pronto na próxima quarta-feira, até terá sido muito rápido — disse Paula. Conteve a respiração, pois Patrik por pouco não atingia um poste.

— Se calhar tens razão — disse Patrik quando saiu do carro. — Mas não fazemos ideia de quanto tempo vamos demorar a obter os resultados do laboratório forense. Sobretudo os resultados da análise da balística. Se houver correspondência nos arquivos, precisamos da informação agora, não daqui a duas semanas.

— É inevitável. Além disso, não há nada que possamos fazer — disse Paula, encaminhando-se para a entrada.

Tinham telefonado a dizer que estavam a caminho, mas mesmo assim a recepcionista pediu-lhes para se sentarem e esperar. Dez minutos mais tarde, apareceu um homem musculoso e incrivelmente alto que avançou apressadamente na direção deles. Patrik calculou que devia ter quase dois metros de altura. Quando se levantou para o cumprimentar, Patrik sentiu-se como um anão em comparação com o polícia de Gotemburgo. A diferença era ainda mais notória em relação a Paula, que era tão baixa que praticamente só chegava à cintura do homem.

— Bem-vindos. Chamo-me Walter Heed. Falamos ao telefone.

Patrik e Paula apresentaram-se e foram diligentemente escoltados para fora da área de recepção. Aqueles sapatos deviam ser feitos por encomenda, pensou Patrik, olhando fascinado para os pés de

Walter. Eram como pequenos barcos. Paula acotovelou o colega. Envergonhado, Patrik fez um esforço para olhar em frente.

— Entrem. Este é o meu gabinete. Querem um café?

Ambos assentiram e Walter foi logo tirar três cafés da máquina de venda automática do corredor.

— Precisam então de informações acerca de um caso de agressão, não é? Patrik limitou-se a assentir em resposta.

— Tenho aqui o processo, mas não tenho certeza de conseguir dizer-vos grande coisa.

— Será que podia fazer-nos um breve resumo dos factos? — perguntou

Paula.

— Claro. Ora bem, deixem-me cá ver... — Walter abriu a pasta e passou rapidamente os olhos por alguns documentos. Aclarou a garganta. — Mats Sverin regressou tarde ao apartamento na Erik Dahlbergsgatan. Não tinha certeza do momento exato, mas pensava que não devia passar muito da meia-noite. Tinha saído para jantar com alguns amigos. Depois do incidente, a memória da vítima estava bastante nebulosa, porque sofreu golpes violentos na cabeça e havia falhas no que conseguia recordar. — Walter ergueu os olhos da pasta e continuou o seu relatório sem voltar a consultar o processo. — Tudo o que conseguimos sacar-lhe foi que um grupo de jovens estava à porta do prédio onde morava. Quando Sverin repreendeu um deles por estar a urinar, atacaram-no. Mas Sverin não conseguiu dar-nos uma descrição clara do grupo, nem sequer dizer-nos quantos eram. Falamos várias vezes com Mats Sverin depois de ter recobrado a consciência, porém, infelizmente, não conseguimos saber muito mais. — Walter suspirou quando fechou a pasta.

— E isso foi o mais longe que conseguiram avançar na investigação? — perguntou Patrik.

— Sim. Havia muito pouco por onde pegar. E nenhuma testemunha. Mas... — o agente hesitou e depois bebeu um golo de café.

— Mas o quê?

— É apenas especulação da minha parte... — Walter voltou a hesitar.

— Agradecemos tudo o que nos consiga adiantar — disse Paula.

— Bem, fiquei sempre com a sensação de que Sverin sabia mais do que estava a dizer. Não tenho nenhuma prova, mas quando estávamos a falar com ele, parecia estar a conter-se.

— Quer dizer que sabia quem o tinha atacado? — perguntou Patrik.

— Não faço ideia se sabia ou não. — Walter abriu as mãos. — Como eu disse, tive apenas a sensação de que estava a ocultar informações. Mas sabem tão bem como eu que há muitas razões para a vítima optar por permanecer em silêncio.

Patrik e Paula assentiram.

— Gostava de ter dedicado mais tempo ao caso e desenterrar mais informações. Mas nós simplesmente não temos recursos para isso e acabamos por ter de pôr o caso na gaveta. Percebemos que não íamos avançar a não ser que surgisse alguma pista nova.

— Podemos dizer que foi exatamente o que aconteceu agora — disse Patrik.

— Acham que há alguma ligação entre a agressão e o homicídio?

Patrik cruzou as pernas e demorou alguns segundos a analisar a pergunta antes de responder.

— Nesta fase estamos a tentar manter tudo em aberto. Mas é certamente uma possibilidade. É uma coincidência interessante que Sverin tenha sido agredido

apenas alguns meses antes de ter sido encontrado morto a tiro.

— É verdade. Bem, se houver alguma coisa que possamos fazer para ajudar, estejam à vontade. — Walter levantou-se, desenrolando o corpo altíssimo. — A nossa investigação continua em aberto e talvez consigamos ajudar-nos uns aos outros.

— Com certeza — disse Patrik, apertando-lhe a mão. — Podemos ficar com uma cópia do vosso processo?

— Já vos tinha feito uma cópia de tudo — respondeu Walter, entregando a Patrik um maço de documentos. — Sabem o caminho para a saída?

— Claro. Já agora... — Patrik virou-se quando estavam prestes a sair do gabinete. — Estávamos a pensar fazer uma visita à organização onde Sverin trabalhava. Pode indicar-nos o caminho? — Walter pegou num pedaço de papel e anotou a morada.

Walter deu-lhes algumas indicações e depois despediu-se.

— Isto não foi muito produtivo — constatou Paula quando estavam novamente sentados no carro.

— Não digas isso. O colega foi muito corajoso ao admitir que a vítima estava a ocultar informações. Precisamos de saber mais sobre a agressão a Sverin. Talvez a mudança para Fjällbacka tenha sido uma tentativa frustrada de fugir de algo em Gotemburgo.

— Ah, então é por isso que vamos começar pelo anterior emprego de Sverin — concluiu Paula, apertando o cinto de segurança.

Patrik fez o carro recuar no estacionamento e Paula fechou os olhos quando o colega quase abalroou um Volvo 740 azul que, por algum motivo inexplicável, não vira pelo retrovisor. Da próxima vez Paula faria questão de ser ela a conduzir. Os seus nervos não iam aguentar a condução de Patrik por muito mais tempo.

As crianças corriam de um lado para o outro no pátio. Madeleine fumava cigarro atrás de cigarro, mesmo sabendo que devia parar. Mas ali, na Dinamarca, parecia que toda a gente fumava.

— Mamãe, posso ir a casa de Mette? — a filha, Vilda, estava à sua frente com o cabelo despenteado e as faces rosadas de tanto ar fresco e atividade.

— Claro que podes — respondeu, beijando Vilda na testa.

Uma das melhores coisas daquele prédio era o facto de o amplo pátio estar sempre cheio de crianças, que estavam constantemente a entrar e a sair das casas umas das outras, como uma grande família. Madeleine sorriu e acendeu outro cigarro. Era estranho sentir-se tão segura. Não se sentia assim há tanto tempo que mal conseguia recordar-se de como era. Já estavam a morar ali, em Copenhaga, há quatro meses e os dias pareciam passar a um ritmo tranquilo. Madeleine até parara de se baixar quando passava por janelas. Agora passava por elas bem erguida,

mesmo quando as cortinas estavam abertas.

Eles tinham tratado de tudo. Não era a primeira vez, mas agora as coisas eram diferentes. Tinha falado pessoalmente com eles, explicara porque é que ela e os filhos tinham de desaparecer novamente. E eles tinham compreendido. Na noite seguinte, recebeu instruções para fazer as malas e dirigir-se ao carro que os esperava com o motor a trabalhar.

Tinha decidido não olhar para trás. Nem por um instante duvidara de ter tomado a decisão certa, mas às vezes não conseguia afastar a dor. Aparecia-lhe nos sonhos, acordando-a, e Madeleine ficava deitada na cama a fitar a escuridão. E então via-o — o homem em quem não podia permitir-se pensar.

O cigarro queimou-lhe os dedos e Madeleine praguejou, atirando a beata ao chão. Kevin lançou-lhe um olhar atento. Estava tão perdida nos seus próprios pensamentos que não reparara que o filho se sentara ao seu lado no banco. Estendeu a mão para lhe acariciar o cabelo e Kevin não protestou. Era um menino tão sério. O seu menino grande. Apesar de ter apenas oito anos, já tinha passado por tanta coisa.

À sua volta ouviram gritos alegres ecoando por entre os prédios. Já reparara que algumas palavras dinamarquesas tinham entrado sorrateiramente no vocabulário dos filhos. Aquilo divertia-a e assustava-a ao mesmo tempo. Deixar para trás o passado, as pessoas que haviam sido, implicava uma sensação de perda. Com o tempo, as crianças perderiam o seu próprio idioma, perderiam o sueco com sotaque de Gotemburgo. Mas Madeleine estava disposta a fazer esse sacrifício. Agora estavam em casa e não teriam de voltar a mudar-se. Poderiam ficar ali e esquecer o que tinham deixado para trás.

Acariciou o rosto de Kevin. Com o tempo, o filho voltaria a ser uma criança como as outras. E isso faria com que tudo tivesse valido a pena.

000

Maja apareceu a correr e lançou-se nos braços de Erica, como sempre fazia quando a mãe ia buscá-la ao infantário. Depois de dar um abraço e um beijo molhado à mãe, a menina estendeu as mãos para tentar acariciar os irmãos que estavam no carrinho.

— Parece que alguém gosta muito dos seus irmãos — disse Ewa, que estava à porta da sala de Maja e marcava os nomes das crianças na lista à medida que os familiares as iam buscar.

— Sim, pelo menos a maior parte das vezes. Mas de vez em quando leva uma palmadinha ou outra — disse Erica, acariciando a face de Noel.

— Não é invulgar uma criança reagir quando chegam irmãos mais novos e deixa de receber todas as atenções dos pais — Ewa inclinou-se sobre o carrinho para dizer olá aos gêmeos.

— Claro. É perfeitamente compreensível, mas as coisas têm corrido surpreendentemente bem.

— E eles dormem a noite toda? — Ewa fez cócegas aos bebês e recebeu dois sorrisos desdentados em troca.

— São os dois uns dorminhocos. O único problema é que Maja acha que é uma chatice quando estão a dormir e às vezes, quando não estamos de olhos nela, escapa-se até lá acima e acorda-os.

— Estou mesmo a ver! Maja é uma menina muito destemida e empreendedora.

— No mínimo!

Os gêmeos começaram a contorcer-se no carrinho e Erica olhou em redor para ver onde estava a filha.

— Deve estar no escorrega. — Ewa acenou com a cabeça na direção do parque infantil. — É o sítio preferido dela.

E tinha razão. Naquele preciso momento, Erica viu Maja a descer pelo escorrega com um sorriso rasgado no rosto. A filha precisou de alguma persuasão, mas lá acabou por se apoiar na plataforma do carrinho para se ir embora.

— Para casa? — perguntou Maja. Erica tinha virado à direita em vez de virar à esquerda, como sempre fazia quando se preparavam para regressar a casa.

— Não, vamos visitar a tia Anna e o tio Dan — respondeu, sendo recompensada por um grito de júbilo da filha.

— Brincar com Lisen. E Emma. Adrian não — anunciou Maja com firmeza.

— Ah não? Por que não queres brincar com Adrian?

— Adrian é um menino.

Não parecia haver necessidade de mais explicações; era óbvio que aquela seria a única informação que conseguiria de Maja. Suspirou. A divisão entre meninos e meninas começava assim tão cedo? A escolha do que uma criança devia ou não fazer, o que usava e com quem brincava? Erica sentiu-se culpada, interrogando-se se teria contribuído para isso ao ceder às exigências da filha no sentido de que todos os seus presentes fossem cor-de-rosa e estilo princesa. Todo o guarda-roupa de Maja estava repleto de roupa cor-de-rosa, porque era a única cor que estava disposta a usar, caso contrário fazia uma birra. Seria errado deixá-la tomar as suas próprias decisões?

Erica afastou os pensamentos. De momento, não tinha energia para aquelas questões. Além disso, estava a empregar todas as suas forças para empurrar o pesado carrinho. Parou por um momento na rotunda antes de prosseguir, dirigindo-se

para a esquerda pela rua Dinglevägen. Podia ver a casa de Dan e de Anna em Falkeliden, porém, de repente, parecia muito mais distante do que o habitual. Por fim, Erica chegou ao destino, mas o último troço a subir a colina quase tinha acabado com ela e, durante algum tempo, deixou-se simplesmente ficar à entrada, tentando recuperar o fôlego. A pulsação acabou por desacelerar o suficiente para que Erica conseguisse tocar a campainha e, poucos segundos depois, a porta abriu-se.

— Maja! — gritou Lisen. — E os bebês! — A garota virou-se e gritou para dentro de casa:

— Erica está aqui. E Maja e os bebês! São tão queridos!

Erica não pôde deixar de se rir com o entusiasmo de Lisen, que se afastou para deixar Maja entrar.

— O teu papá está em casa?

— Papá! — berrou Lisen em resposta à pergunta de Erica. Dan apareceu no vestíbulo, vindo da cozinha.

— Ah, que bom ver-vos — disse, estendendo os braços para dar um abraço a Maja. A menina gostava muito de Dan.

— Entrem, entrem. — Dan pousou Maja, que rapidamente desatou a correr para ir ter com as outras crianças. Pelo barulho, estavam a ver um programa infantil na televisão.

— Desculpa estar sempre a aparecer sem avisar — disse Erica enquanto pendurava o casaco. Ergueu as alcofas para fora do carrinho e seguiu Dan, que avançava à sua frente para a cozinha.

— Estamos muito satisfeitos por ter companhia — disse Dan, esfregando o rosto. Parecia terrivelmente cansado e abatido.

— Acabei de fazer café — acrescentou, olhando para Erica para ver se a amiga estava interessada.

— Desde quando é que precisas de perguntar? — respondeu Erica com um sorriso irônico. Pousou os gêmeos numa manta que tinha tirado do saco de fraldas dos bebês.

Depois sentou-se à mesa da cozinha e Dan instalou-se à sua frente após servir duas chávenas de café. Nenhum dos dois falou durante algum tempo. Conheciam-se tão bem que o silêncio nunca era desconfortável. Curiosamente, o marido da irmã já tinha sido seu namorado. Mas fora há tanto tempo, que Erica mal se conseguia recordar. O relacionamento entre ambos tinha evoluído para uma amizade calorosa e Erica não podia ter desejado melhor marido para a irmã.

— Hoje tive uma conversa interessante — acabou por dizer Erica.

— Ah foi? — inquiriu Dan, bebericando o café. Era um homem de poucas palavras, e além disso sabia que Erica não precisava de grande incentivo para

prosseguir.

Erica contou-lhe como tinha encontrado Vivianne por acaso e o que a mulher tinha dito de Anna.

— Deixamos que a Anna se afastasse de toda a gente quando devíamos ter feito o contrário.

— Não tenho assim tanta certeza disso — afirmou Dan, levantando-se para voltar a encher as chávenas. — Parece que não acerto uma.

— Pois eu acho que Vivianne tem razão. Tenho certeza. Não podemos deixar que a Anna fique simplesmente para ali deitada na cama a desperdiçar a sua vida. Se for preciso, temos de obrigá-la a ouvir-nos.

— Talvez, quem sabe — retorquiu Dan, embora parecesse cético.

— Pelo menos, vale a pena tentarmos — insistiu Erica. Baixou-se para dar uma olhadela aos gêmeos. Estavam ambos deitados na manta a abanar as mãozinhas e os pezinhos no ar. Pareciam tão contentes que Erica voltou a recostar-se na cadeira.

— Tudo vale a pena, mas... — Dan calou-se, como se não se atrevesse a dizer em voz alta o que estava a pensar, com medo de que pudesse tornar-se realidade. — Mas e se nada ajudar? E se Anna já tiver desistido?

— Anna não desiste — afirmou Erica. — Está a atravessar uma fase má, mas não vai desistir. Tens de acreditar nisso. Tens de acreditar em Anna.

Erica fitou Dan, forçando-o a olhá-la nos olhos. Anna não ia desistir, mas precisava de ajuda para dar os primeiros passos. E eles iam dar-lhe essa ajuda.

— Podes ficar de olho nos bebês? Vou lá acima ter com ela.

— Claro, eu tomo conta destes minocas — disse Dan com um sorriso sincero. Levantou-se e depois sentou-se no chão ao lado de Anton e de Noel.

Erica já estava a sair da cozinha. Subiu as escadas e abriu silenciosamente a porta do quarto. Anna estava deitada exatamente na mesma posição desde a última vez em que Erica ali estivera: de lado, a olhar fixamente pela janela. Erica não disse uma palavra, limitando-se a deitar-se ao lado dela e a pressionar o corpo contra o da irmã. Pôs o braço em volta de Anna e puxou-a para mais perto de si, sentindo o seu calor a envolver a irmã.

— Eu estou aqui, Anna — sussurrou. — Tu não estás sozinha. Eu estou aqui.

Os alimentos que Gunnar trouxera começavam a escassear, mas Nathalie hesitava em voltar a telefonar aos pais de Matte. Não queria pensar nele, no desapontamento que Matte devia ter sentido.

Nathalie pestanejou para afastar as lágrimas e decidiu esperar pelo dia seguinte para telefonar-lhes. Tinham o suficiente para se aguentarem um pouco mais, ela e Sam. O filho não comia muito. Continuava a alimentá-lo como se fosse um

bebê, enfiando-lhe bocados de comida na boca, embora a criança os deitasse fora logo em seguida.

Estremeceu, envolvendo o corpo com os braços. Apesar de não estar muito frio lá fora, era como se o vento que soprava em toda a ilha penetrasse as paredes da casa, as roupas grossas que usava, a pele e os ossos. Vestiu mais uma camisola grossa, uma que o pai usava sempre que ia pescar de barco, mas de nada adiantou. Era como se o frio viesse de dentro dela.

Os pais não teriam gostado de Fredrik. Nathalie soube-o mal o tinha conhecido, mas afastara esse pensamento. Os pais já haviam morrido, deixando-a sozinha; por isso, porque haveriam de ter o direito de influenciar a sua vida? Era isso que sentia há muito tempo: que os pais a tinham abandonado.

O pai morrera primeiro. Um dia, sofreu um ataque cardíaco em casa e caiu para nunca mais se levantar. Teve morte imediata, dissera o médico, tentando consolá-los. Três semanas depois, a mãe recebeu a sua sentença de morte. Um cancro no fígado. Sobreviveu durante meio ano mais e depois morreu durante o sono. Pela primeira vez em vários meses, estava com uma expressão pacífica, quase feliz, no rosto. Nathalie sentara-se ao lado dela quando morreu, pegando-lhe na mão e tentando sentir o que devia sentir: dor e perda. Em vez disso, só sentia raiva. Como podiam deixá-la sozinha daquela maneira? Precisava deles. Com eles sentia-se segura; sempre pudera regressar para os seus braços depois de fazer algo estúpido, algo que os fazia abanar a cabeça e dizer suavemente: “Mas, Nathalie, não se estava mesmo a ver que isto ia acontecer?” Quem iria olhar por ela agora? Quem iria controlar o seu lado selvagem?

Sentara-se no leito de morte da mãe e, num segundo, tornara-se órfã. Mas Nathalie não teve a mesma sorte de Annie, a menina órfã de um dos filmes preferidos da sua infância. Enquanto Annie tinha sido adotada por um milionário bondoso, Nathalie ficara entregue à sua própria sorte, sem ninguém que a impedisse de tomar decisões impulsivas e estúpidas ou de esticar a corda até o limite, sabendo perfeitamente que ia dar mau resultado. E, assim, Nathalie começara a namorar com Fredrik — algo que teria levado os pais a terem uma conversa séria com ela, tentando convencê-la a deixá-lo, a afastar-se da vida que a conduziria ao abismo. Mas os pais não estavam lá. Tinham-na abandonado e, bem no fundo do seu ser, Nathalie continuava furiosa com isso.

Sentou-se no sofá e puxou os joelhos para cima, envolvendo as pernas com os braços. Matte tinha conseguido aplacar aquela raiva. Por algumas horas, por uma tarde e uma noite, fugazes, e pela primeira vez desde a morte dos pais, ela não se sentira sozinha. Mas Matte tinha-se ido embora. Inclinou a cabeça sobre os joelhos e chorou. Continuava a ser a mesma pequena Nathalie abandonada que sempre fora.

— Erling está?

— Está no gabinete. Pode ir lá e bater à porta. — Gunilla ergueu-se um pouco da cadeira para indicar a porta fechada de Erling.

— Obrigado. — Gösta seguiu pelo corredor. Estava mortificado por ter de regressar para corrigir um erro. Não teria sido necessário se se tivesse lembrado de perguntar pelo computador de Mats quando ali estivera com Paula. Mas isso não tinha ocorrido a nenhum dos dois na primeira visita à câmara municipal.

— Entre! — disse imediatamente Erling quando ouviu baterem à porta. Gösta abriu-a e entrou.

— Se a polícia continuar a aparecer aqui a este ritmo, podemos dispensar a segurança. — Erling fez o seu melhor sorriso de político e apertou entusiasticamente a mão a Gösta.

— Pois bem, é que tenho uma suspeita que preciso de confirmar — murmurou Gösta quando se sentou.

— Pergunte. Faremos tudo o que pudermos para ajudar a polícia.

— Tem que ver com o computador de Mats Sverin. Acabamos de revistar o apartamento dele e julgamos que tinha um computador portátil. Estará aqui?

— O computador de Mats? Não faço a mais pequena ideia. Deixe-me ir ver.

Erling levantou-se e saiu para o corredor, entrando imediatamente no gabinete vizinho. Regressou num ápice.

— Não, não está lá. Terá sido roubado? — Erling parecia nervoso quando voltou a sentar-se atrás da secretária.

— Não sabemos. Mas gostávamos de o localizar.

— Já encontraram a pasta dele? — perguntou Erling. — É castanha, de pele. Andava sempre com ela e sei que muitas vezes guardava lá o portátil.

— Não, não encontramos nenhuma pasta.

— Isso não é nada bom. Se o computador e a pasta tiverem sido roubados, há informações confidenciais que podem cair em mãos erradas.

— Que género de informações?

— Estava a dizer que, como é óbvio, não gostaríamos de ver dados acerca das finanças municipais por aí espalhados à toa, sem qualquer tipo de controle. São dados públicos, não têm nada de secreto, porém, mesmo assim gostamos de saber como e onde são divulgados; e, com a Internet, nunca se sabe onde as coisas podem ir parar.

— Lá isso é verdade — disse Gösta.

Não podia deixar de sentir-se desapontado por o computador portátil não estar na câmara municipal. Que lhe teria acontecido? Será que Erling tinha razões para temer que tivesse sido roubado? Ou será que Mats o tinha guardado noutra sítio que não o apartamento?

— Bem, seja como for, obrigado pela sua ajuda — agradeceu Gösta,

levantando-se. — Tenho certeza de que vamos voltar a falar. E se o computador ou a pasta aparecerem, por favor contacte-nos logo, está bem?

— Com certeza — respondeu Erling, seguindo Gösta até o corredor. — Importava-se de fazer o mesmo? É muito preocupante pensar que algo que pertence ao município desapareceu assim sem mais nem menos. Sobretudo neste momento. O Projeto Badis é o maior empreendimento em que alguma vez embarcamos — Erling parou abruptamente. — Espere lá. Quando Mats saiu do gabinete, na sexta-feira, mencionou que havia algumas discrepâncias que o preocupavam. Ia falar disso com Anders Berkelin, que é o responsável pelas finanças do Badis. Podia perguntar-lhe se ele sabe alguma coisa acerca do computador. Pode ser um tiro no escuro, mas temos realmente grande urgência em recuperá-lo.

— Vamos falar com Berkelin e, assim que encontrarmos o computador, avisamo-lo.

Gösta suspirou ao deixar o edifício da câmara municipal. Parecia que aquele caso ia envolver muito trabalho, demasiado trabalho. E a temporada de golfe já começara há algum tempo.

As instalações da associação Refúgio estavam localizadas num discreto complexo de escritórios em Hisingen. Patrik passara pela entrada sem dar conta, porém, depois de dar algumas voltas, acabou por encontrá-la.

— Eles sabem da nossa vinda? — perguntou Paula quando saiu do carro.

— Não. Decidi não os avisar.

— Que queres saber desta organização? — indagou Paula, acenando para o nome impresso na placa à entrada.

— Ajuda mulheres vítimas de violência doméstica, fornecendo-lhes abrigo quando precisam de fugir. Daí o nome: Refúgio. Também as apoiam enquanto ainda estão a morar com os agressores, ajudando-as, assim como aos filhos, a sair dessa situação insustentável. Annika disse que não conseguiu descobrir muito mais do que isso. Parecem trabalhar com a máxima discrição.

— É perfeitamente compreensível — disse Paula, carregando no botão ao lado do nome na placa. — Mas isto não é exatamente um sítio fácil de encontrar, presumo que não recebam as mulheres aqui.

— Não. Provavelmente têm um espaço noutro lado qualquer.

— Sim? Refúgio... — crepitou uma voz no interfone e Paula lançou a Patrik um olhar inquiridor. Patrik aclarou a garganta.

— Chamo-me Patrik Hedström. Eu e a minha colega somos da polícia de Tanum. Gostaríamos de entrar e fazer algumas perguntas — disse, fazendo uma pausa. — Trata-se de Mats Sverin.

Silêncio. Em seguida, ouviram um zumbido e a porta abriu-se. O escritório ficava no segundo andar, por isso foram pelas escadas. Patrik reparou que a porta

dos escritórios da associação Refúgio era diferente das outras portas do edifício. Mais sólida, de aço e com uma fechadura de alta segurança. Tocaram a outra campainha e ouviram o crepitar de outro interfone.

— Sou eu, Patrik Hedström.

Alguns segundos depois a porta foi destrancada.

— Peço desculpa. Temos sempre a maior cautela com as visitas — disse da entrada uma mulher aparentando ter quarenta anos, com umas calças de ganga coçadas e uma camisola branca. Estendeu a mão. — Leila Sundgren. Sou a diretora do Refúgio.

— Patrik Hedström. E esta é a minha colega, Paula Morales. Cumprimentaram-se cortesmente.

— Entrem. Podemos ir falar para o meu gabinete. Disse que vieram por causa de Matte? — Notava-se um ligeiro nervosismo na voz de Leila.

— Vamos esperar até chegarmos ao seu gabinete — disse Patrik.

Leila assentiu e conduziu-os a uma pequena mas bem iluminada divisão. As paredes estavam cobertas de desenhos de crianças e a secretária estava arrumada, ao contrário da de Patrik. Todos se sentaram.

— Quantas mulheres apoiam por ano? — perguntou Paula.

— Damos alojamento a cerca de trinta. A procura é enorme. Pode parecer uma gota no oceano, mas infelizmente os nossos recursos são muito limitados.

— Como é que a organização é financiada? — Paula estava genuinamente interessada, por isso Patrik recostou-se na cadeira e deixou que fosse a colega a fazer as perguntas.

— Obtemos dinheiro de duas fontes: contribuições da Segurança Social e doações individuais. Mas, como mencionei, o dinheiro é escasso e desejamos sempre poder fazer mais.

— Quantos funcionários têm?

— Temos três funcionários pagos, além de um número variável de voluntários. Deixem-me enfatizar que os salários não são substanciais. Todas as pessoas que aqui trabalham aceitam receber salários muito inferiores em comparação com o que recebiam nos seus empregos anteriores. Não estamos aqui pelo dinheiro.

— Mats Sverin era um dos funcionários pagos? — interrompeu Patrik.

— Sim. Foi contratado como chefe do departamento financeiro. Trabalhou aqui durante quatro anos e fez um ótimo trabalho. No caso de Matte, o salário era risível, tendo em conta o que ganhava antes. Era um elemento dedicadíssimo da nossa equipa. E não foi preciso muito para convencê-lo a participar nesta experiência.

— Experiência? — interpelou-a Patrik.

Leila fez uma pausa, como se precisasse de um momento para formular o que queria dizer.

— O Refúgio é uma organização única — disse por fim. — Normalmente, não há homens em organizações de apoio a vítimas de violência doméstica. Até vou mais longe: é mesmo tabu um homem trabalhar neste gênero de organizações. Mas quando Mats aqui trabalhava, tivemos o mesmo número de homens e de mulheres na equipe — duas mulheres e dois homens — e isso era exatamente o que eu tinha em mente quando lancei o Refúgio. Mas nem sempre tem sido fácil.

— Como assim? — perguntou Paula. Aquilo era uma novidade para ela; nunca tivera qualquer contato com organizações de apoio a vítimas de violência doméstica.

— É uma questão extremamente polêmica e cada ponto de vista tem os seus defensores ferrenhos. Há os que insistem que os homens não devem ser incluídos por pensarem que as mulheres precisam de uma zona sem homens depois de tudo o que sofreram. Outros, como eu, acham que isso não resolve nada. Acredito que os homens têm um papel a desempenhar nestes grupos de apoio a mulheres. Afinal de contas, há homens em todo o mundo e mantê-los afastados cria uma falsa sensação de segurança. Além disso, é crucial mostrar que existe outro gênero de homens para além daqueles com que as mulheres vítimas de violência doméstica tiveram de lidar nas suas vidas. É importante mostrar que existem homens bons. É por isso que fui contra a corrente e optei por sermos a primeira organização de apoio à vítima a ter funcionários de ambos os sexos. — Leila fez uma pausa. — É claro que para isso os homens a admitir têm de ser alvo de uma verificação completa do seu passado. Precisamos de ter total confiança neles.

— E tinham confiança em Mats? — perguntou Patrik.

— Matte era amigo do meu sobrinho. Passaram muito tempo juntos durante uns dois anos, por isso estive com ele em muitas ocasiões. Disse-me que andava insatisfeito com o emprego e que estava à procura de algo diferente. Quando ouviu falar do trabalho do Refúgio, ficou entusiasmadíssimo e conseguiu convencer-me de que era a pessoa certa para o lugar. Matte queria mesmo ajudar as pessoas e aqui teve essa oportunidade.

— Por que foi embora? — perguntou Patrik, perscrutando Leila. Registou uma cintilação nos olhos da interlocutora, mas no segundo seguinte já tinha desaparecido.

— Matte queria seguir em frente e, depois de ter sido agredido, começou a pensar em voltar para casa. Não é de estranhar. Matte ficou gravemente ferido. Sabem disso, não sabem?

— Sim. Falamos com o médico no Hospital de Sahlgrenska — confirmou Patrik. Leila respirou fundo.

— Porque vieram cá fazer perguntas sobre Matte? Ele já se foi embora há vários meses.

— Alguém falou com ele depois de se ter ido embora? — perguntou Patrik, ignorando a pergunta de Leila.

— Não. Não nos dávamos fora do trabalho, de modo que perdemos o contacto depois de ele ter partido. Mas agora gostava realmente de saber porque estão a fazer todas estas perguntas — disse Leila, erguendo ligeiramente a voz e de mãos cruzadas sobre a secretária.

— Mats foi encontrado morto anteontem. Deram-lhe um tiro. Leila arfou.

— Não é possível.

— Receio que seja — disse Patrik. O rosto de Leila ficara branco e Patrik ponderou se devia ir buscar-lhe um copo de água.

A diretora do Refúgio engoliu em seco, tentando recompor-se, mas a voz estremeceu quando perguntou:

— Por quê? Têm alguma ideia do motivo?

— De momento, desconhecemos a identidade do autor do crime. — Patrik ouviu-se, como de costume, a empregar gíria da polícia, o que fazia quando a situação se tornava emocionalmente pesada.

— Há alguma ligação com... — Leila estava demasiado abalada para completar a frase.

— Por enquanto não sabemos — respondeu Paula. — Estamos simplesmente a tentar descobrir mais sobre Mats. Para saber se havia alguém na vida dele que tivesse algum motivo para matá-lo.

— Como diretora de uma organização deste género — disse Patrik —, presumo que esteja habituada a receber ameaças.

— Sim, estamos — confirmou Leila. — Embora as ameaças sejam geralmente dirigidas às mulheres e não a nós. Além disso, Matte tratou principalmente da vertente financeira da organização, por isso só contactava com algumas mulheres. E, como eu disse, já se foi embora há mais de três meses. Não consigo ver como é que...

— Não se recorda de nenhum incidente quando Mats estava aqui a trabalhar? Houve alguma situação que lhe tenha chamado a atenção, alguma ameaça dirigida especificamente à pessoa de Mats?

Patrik julgou novamente vislumbrar uma cintilação nos olhos de Leila, mas foi tão breve que presumiu tê-la imaginado.

— Não, por acaso não. Matte trabalhava sobretudo nos bastidores. Tratava dos livros de contabilidade. De débitos e créditos.

— Que contato tinha Mats com as mulheres que procuram a ajuda da sua organização? — perguntou Paula.

— Muito pouco. Tratava sobretudo de assuntos administrativos. — Leila estava atordoada pela notícia da morte de Mats e fitava Patrik e Paula com ar atônito.

— Sendo assim, julgo que, de momento, não temos mais perguntas — disse Patrik, colocando um dos seus cartões de visita na organizada secretária de Leila. — Se a Leila ou alguém da organização se recordar de alguma coisa, não hesitem em ligar-me.

Leila assentiu e pegou no cartão.

— Com certeza.

Depois despediram-se e a pesada porta de aço fechou-se por detrás deles.

— Que te parece? — perguntou Patrik em voz baixa enquanto desciam as escadas.

— Acho que ela está a esconder alguma coisa — respondeu Paula.

— Também me parece.

Patrik tinha urna expressão sombria no rosto. Iam ter de investigar melhor o Refugio.

FJÄLLBACKA, 1871

UM CLIMA ESTRANHO PAIROU SOBRE A CASA DURANTE TODO O DIA. KARL E JULIAN REVEZARAM-SE NO FAROL; PORÉM, QUANDO NÃO ESTAVAM A TRABALHAR, EVITAVAM-NA. NENHUM DOS DOIS A OLHAVA NOS OLHOS.

OS OUTROS TAMBÉM PARECIAM SENTIR ALGO SINISTRO NO AR. ESTAVAM MAIS PRESENTES DO QUE O HABITUAL, APARECENDO DE REPENTE PARA LOGO DESAPARECEREM COM A MESMA RAPIDEZ. AS PORTAS BATIAM E, DO ANDAR DE CIMA, EMELIE OUVIU PASSOS, QUE CESSARAM MAL SUBIU AS ESCADAS. QUERIAM DIZER-LHE ALGUMA COISA. EMELIE SABIA-O, EMBORA NÃO CONSEGUISSE DESCOBRIR O QUE PUDESSE SER. SENTIU VÁRIAS VEZES A RESPIRAÇÃO DE ALGUÉM CONTRA A SUA FACE E ALGUÉM A TOCAR-LHE NO OMBRO OU NO BRAÇO. O TOQUE NA PELE FORA LEVE COMO UMA PENA, MAS ASSIM QUE DEIXOU DE O SENTIR PENSOU QUE DEVIA TÊ-LO IMAGINADO. NO ENTANTO, EMELIE SABIA QUE ERA REAL — TÃO REAL QUANTO A SENSACÃO DE QUE TINHA DE FUGIR DALI.

EMELIE FITAVA O GELO COM NOSTALGIA. TALVEZ DEVESSE AVENTURAR-SE A ATRAVESSÁ-LO. ASSIM QUE O PENSAMENTO LHE OCORREU, SENTIU UMA MÃO NAS COSTAS QUE PARECIA ESTAR A EMPURRÁ-LA EM DIREÇÃO À PORTA DA FRENTE. ERA O QUE PRETENDIAM DIZER-LHE? QUE DEVIA SAIR DALI ENQUANTO AINDA PODIA? FALTAVA-LHE A CORAGEM. DEAMBULOU SEM RUMO PELA CASA. LIMPAVA, ARRUMAVA E TENTAVA NÃO PENSAR. ERA COMO SE A AUSÊNCIA DAQUELES MALÉFICOS RELANCES DOS DOIS HOMENS FOSSE MAIS AGOIRENTO E ASSUSTADORA DO QUE OS PRÓPRIOS OLHARES.

POR TODA A PARTE, EM SEU REDOR, OS OUTROS TENTAVAM CHAMAR-LHE A ATENÇÃO. QUERIAM OBRIGÁ-LA A OUVIR. MAS, POR MAIS QUE TENTASSE, EMELIE NÃO CONSEGUIA COMPREENDER. SENTIA MÃOS A TOCAR- LHE, OUVIA PASSOS A SEGUI-LA IMPACIENTEMENTE PARA ONDE QUER QUE FOSSE, MAS OS SUSSURROS AGITADOS, TODAS AQUELAS PALAVRAS EMARANHADAS UMAS NAS OUTRAS, ERAM IMPOSSÍVEIS DE DECIFRAR.

AO ANOITECER, EMELIE DEU POR SI A TREMER DESCONTROLADAMENTE. SABIA QUE KARL NÃO DEMORARIA A

COMEÇAR O PRIMEIRO TURNO NO FAROL E TINHA DE APRESSAR-SE A FAZER O JANTAR. SEM PENSAR, PREPAROU O PEIXE SALGADO. QUANDO ESCORREU A ÁGUA DAS BATATAS, AS MÃOS TREMIAM-LHE TANTO QUE QUASE SE ESCALDOU.

SENTARAM-SE À MESA E, DE REPENTE, EMELIE OUVIU UM BARULHO ENSURDECEDOR VINDO DO ANDAR DE CIMA. O RUÍDO AUMENTOU DE VOLUME, TORNOU-SE MAIS INSISTENTE. KARL E JULIAN NÃO PARECIAM OUVI-LO, MAS AGITAVAM-SE COM INQUIETAÇÃO NO BANCO DA COZINHA.

— TRAZ A AGUARDENTE — DISSE KARL COM VOZ ROUCA. ACENOU COM A CABEÇA NA DIREÇÃO DO ARMÁRIO ONDE GUARDAVAM AS BEBIDAS.

EMELIE NÃO SABIA O QUE FAZER. APESAR DE SER COSTUME REGRESSAREM DA TABERNA DE ABELA BÊBADOS QUE NEM CACHOS, RARAMENTE BEBIAM EM CASA.

— JÁ TE DISSE PARA TRAZERES A AGUARDENTE! — ROSNOU KARL, E EMELIE LEVANTOU-SE RAPIDAMENTE. ABRIU O ARMÁRIO E PEGOU NA GARRAFA, QUE ESTAVA QUASE CHEIA. POUSOU-A NA MESA E DEPOIS TIROU DOIS COPOS DO ARMÁRIO.

— TRAZ UM COPO PARA TI — DISSE JULIAN. OS OLHOS DO HOMEM BRILHAVAM DE TAL MANEIRA QUE EMELIE SENTIU UM ARREPIO NA ESPINHA.

— NÃO SEI BEM SE... — BALBUCIOU. EMELIE RARAMENTE TOCAVA EM ÁLCOOL. ESPORADICAMENTE JÁ BEBERA UM BOCADINHO DE AGUARDENTE, MAS NÃO ERA COISA QUE APRECIASSE.

IRRITADO, KARL LEVANTOU-SE E TIROU UM COPO DO ARMÁRIO, BATEU COM ELE NA MESA À FRENTE DE EMELIE, E ENCHEU-O ATÉ À BORDA.

— NÃO QUERO... — DISSE COM VOZ EMBARGADA, SENTINDO-SE TREMER MAIS DO QUE NUNCA. NINGUÉM TINHA TOCADO NA COMIDA. LENTAMENTE, LEVOU O COPO AOS LÁBIOS E BEBEU UM GOLINHO.

— BEBE TUDO ATÉ AO FIM — DISSE KARL, QUE SE TORNOU A SENTAR E SERVIU IGUAL PORÇÃO DE AGUARDENTE PARA SI E PARA JULIAN. — BEBE ISSO TUDO. JÁ!

DO ANDAR DE CIMA, O BARULHO ERA CADA VEZ MAIS ENSURDECEDOR. EMELIE PENSOU NO MANTO DE GELO QUE SE ESTENDIA ATÉ FJÄLLBACKA. O GELO TERIA SIDO CAPAZ DE CONDUZIR-LA A UM LUGAR SEGURO SE LHESS TIVESSE DADO OUVIDOS, SE SE TIVESSE ATREVIDO. MAS AGORA ESTAVA ESCURO E JÁ NÃO ERA

POSSÍVEL ESCAPAR. DE REPENTE, SENTIU UMA MÃO NO OMBRO, UM BREVE TOQUE A DIZER-LHE QUE NÃO ESTAVA SOZINHA.

EMELIE ERGUEU O COPO ATÉ À BOCA E BEBEU A AGUARDENTE DE UM TRAGO. NÃO TINHA ESCOLHA, ERA UMA PRISIONEIRA. NÃO SABIA POR QUE, MAS ERA ASSIM. ERA A PRISIONEIRA DAQUELES DOIS HOMENS.

KARL E JULIAN Esvaziaram os copos quando viram que Emelie tinha acabado o seu. Então, Julian pegou na garrafa e encheu-lhe novamente o copo até à borda. O líquido extravasou e entornou-se para cima da mesa. Não tinham de dizer uma palavra que fosse; Emelie sabia o que tinha de fazer. Enquanto enchiam os seus copos, Karl e Julian mantinham os olhos fixos nela, e Emelie apercebeu-se de que, acontecesse o que acontecesse, seria forçada a erguer o copo uma e outra vez.

Passado algum tempo, toda a cozinha parecia rodopiar e Emelie sentiu-os a despirem-na. Deixou que o fizessem. O álcool tornara-lhe os membros pesados e era incapaz de oferecer qualquer tipo de resistência. Enquanto a barulheira lá em cima aumentava a tal ponto que o som lhe enchia a cabeça, Karl deitou-se em cima dela. Então veio a dor e a escuridão. Julian agarrou-a pelos braços e a última coisa que Emelie viu foram os seus olhos. Estavam repletos de ódio.

AQUELA MANHÃ DE SEXTA-FEIRA estava excecionalmente ensolarada. Erica virou-se na cama e pôs o braço em torno de Patrik. O marido tinha chegado tarde a casa. Erica já tinha ido para a cama e só conseguira murmurar um sonolento “olá” antes de voltar a adormecer. Mas agora estava acordada e sentia um enorme desejo por ele, pelo seu corpo e por aquela intimidade que tão raramente existira durante os últimos meses. Às vezes, Erica perguntava a si própria quando a recuperariam. Aqueles anos estavam a passar demasiado depressa. Toda a gente lhe dissera que os primeiros anos das crianças eram particularmente complicados, que podiam causar muitos estragos a um casamento e que podia ser difícil para uma mulher e o seu marido sentirem-se próximos um do outro. Agora que estava no meio de tudo aquilo, Erica concordava, mas apenas em parte. Claro que as coisas tinham sido difíceis quando Maja era bebê. Mas a sua relação com Patrik não tinha piorado desde que os gêmeos nasceram. Depois do acidente, a ligação entre eles tornara-se mais forte do que nunca e Erica sabia que nada poderia separá-los. Mas tinha saudades da intimidade. Porém, era algo a que, pura e simplesmente, não conseguiam dar a volta, com todas as fraldas que tinham de ser mudadas, as refeições que tinham de ser preparadas e as viagens constantes ao infantário que Maja frequentava.

Patrik estava deitado de costas para ela. Erica aproximou-se mais do marido. Era uma das raras manhãs em que tinha acordado naturalmente e não porque havia uma criança a chorar. Pressionou mais o corpo contra o de Patrik, deslizando a mão pela cueca do marido. Começou lentamente a acariciá-lo e sentiu sua reação. Patrik ainda não se tinha mexido, mas Erica podia ouvir o ritmo da sua respiração a alterar-se e sabia que o marido estava acordado. A respiração de Patrik acelerou. Erica estava a gostar da sensação de calor que se espalhava pelo seu corpo. Patrik virou-se para olhar para ela. Quando se olharam nos olhos, Erica sentiu um formigueiro no estômago. Delicadamente, Patrik começou a beijar-lhe o pescoço. Erica soltou um leve gemido quando esticou o pescoço para que Patrik conseguisse chegar àquele ponto por detrás da orelha que era tão sensível.

As mãos começaram a explorar os corpos e Patrik tirou a cueca. Erica despiu rapidamente a T-shirt com que dormia e, com uma risadinha, despiu as cuecas.

— Há quanto tempo — murmurou Patrik enquanto continuava a mordiscar-lhe a parte de trás do pescoço, fazendo-a contorcer-se de prazer.

— Hum, acho que precisamos de um pouco mais de prática — Erica correu as pontas dos dedos pela coluna vertebral de Patrik, que a virou de costas. Estava

prestes a deitar-se em cima dela quando ouviram um som familiar vindo do quarto do outro lado do corredor.

— Buaaa! — Um som estridente logo seguido de outro e, pouco depois, o ruído de pezinhos no corredor. Maja estava à entrada do quarto com o polegar na boca e a boneca preferida debaixo do braço.

— Os bebês estão chorando — disse a criança, franzindo a testa. — Levanta, mamãe. Levanta, papai.

— Pronto, pronto, já vamos, pequenina — com um suspiro pesado, Patrik levantou-se da cama. Vestiu rapidamente umas calças de ganga e uma camiseta e dirigiu-se para o quarto dos gêmeos depois de lançar um breve olhar apologético a Erica.

Os prazeres amorosos iam ficar por ali. Erica vestiu o fato de treino, que estava no chão ao lado da cama, e depois desceu as escadas atrás de Maja, dirigindo-se à cozinha para preparar o pequeno-almoço e os biberões dos gêmeos. O corpo ainda estava morno, mas o formigueiro no estômago tinha desaparecido.

Mas quando ergueu os olhos e viu Patrik a descer as escadas com um bebê acabado de acordar em cada braço, voltou a senti-lo. Amava muito aquele homem.

— Não descobrimos nada particularmente útil — disse Patrik quando todos estavam presentes. — Por outro lado, há algumas novas questões para as quais precisamos de obter respostas.

— Quer dizer que não descobriram mais nada acerca da agressão? — perguntou Martin, parecendo desapontado.

— Não, de acordo com a polícia não houve testemunhas da agressão. A única coisa que tinham para avançar na investigação era a declaração do próprio Mats Sverin afirmando desconhecer o grupo de jovens que o agrediu.

— Não pareces muito convencido — afirmou Martin.

— Falamos acerca disso na viagem de regresso — afirmou Paula. — Ambos tivemos a sensação de que há algo mais nesta história, por isso temos de continuar a explorá-la.

— Têm certeza de que não é uma perda de tempo? — perguntou Mellberg.

— Não posso garantir nada, mas achamos que vale a pena continuar a investigar — respondeu Patrik.

— Que foi que descobriram no antigo emprego de Sverin? — perguntou Gösta.

— Também não descobrimos nada com grande interesse. Pelo menos, não diretamente. Mas também pretendemos continuar a investigar. Falamos com a diretora da organização, que pareceu ficar perturbada ao saber da morte de Mats. Mas, ao mesmo tempo, não ficou... Como é que hei de dizer isto?

— Não pareceu muito surpreendida — completou Paula.

— Mais um dos seus pressentimentos? — perguntou Mellberg, suspirando pesadamente. — Lembre-se de que esta delegacia tem recursos limitados. Não podemos correr em todas as direções e fazer o que nos apetece. Pessoalmente, acho que é um desperdício de energia continuar a farejar a vida da vítima em Gotemburgo. A minha longa experiência na polícia ensinou-me que a resposta se encontra frequentemente muito mais perto. Por exemplo, já investigamos os pais como deve ser? Acredito que esteja a par das estatísticas: a maioria dos homicídios são cometidos por um parente ou alguém próximo da vítima.

— Sim, claro, mas neste caso não considero que Gunnar e Signe Sverin estejam no topo da nossa lista de candidatos. — Patrik teve de conter-se para não revirar os olhos.

— Não me parece que os pais devam ser riscados da lista assim do pé para a mão. Nunca se sabe os segredos que uma família pode esconder.

— É verdade, mas neste caso em particular não concordo. — Patrik cruzou os braços quando se encostou à bancada da cozinha e rapidamente mudou de assunto. — Martin e Annika descobriram alguma coisa?

— Não, parece estar tudo em ordem. Não há nada de extraordinário acerca de Mats Sverin nos registos públicos. Nunca casou e não consta que tenha filhos. Depois de se ter mudado de Fjällbacka teve três moradas diferentes em Gotemburgo. A última foi na Erik Dahlbergsgatan. O contrato de arrendamento do apartamento em que morava ainda estava em nome dele, mas Sverin tinha-o subalugado a outro inquilino. Tinha dois empréstimos: um para pagar os estudos e outro para pagar o carro. Pagava ambas as prestações a tempo e horas. Tinha um Toyota Corolla há quatro anos — Martin fez uma pausa para consultar as notas. — Os registos do percurso laboral de Sverin coincidem com as informações que já tínhamos. Nunca foi condenado por qualquer tipo de crime. E isto foi o máximo que conseguimos descobrir. A julgar pelos registos públicos, Sverin parece ter levado uma vida absolutamente normal, sem nada de extraordinário a relatar.

Annika assentiu. Tinham esperado descobrir mais, mas aquilo fora tudo o que conseguiram desenterrar.

— Okay, pelo menos sabemos isso — afirmou Patrik. — Mas ainda temos de revistar o apartamento de Sverin. Quem sabe o que podemos encontrar por lá.

Gösta aclarou a garganta. Patrik lançou-lhe um olhar inquiridor.

— Sim?

— Bem, sabes... — começou Gösta a dizer.

Patrik franziu a testa. Nunca era bom sinal quando Gösta pigarreava.

— Que estás a tentar dizer? — Não tinha certeza se queria realmente saber, já que o colega estava obviamente a ter grande dificuldade em desembuchar. Quando Gösta lançou um olhar suplicante a Mellberg, Patrik sentiu um aperto no

estômago. Gösta e Bertil não eram uma boa combinação.

— O que se passa é que... Torbjörn telefonou-nos ontem quando estavam em Gotemburgo. — Gösta calou-se, engolindo em seco.

— Sim? — repetiu Patrik. Teve de se conter para não dar um passo em frente e obrigar o homem a deitar as palavras cá para fora.

— Torbjörn disse-nos que já podíamos revistar o apartamento. E nós sabemos como tu detestas perder tempo. Por isso, Bertil e eu pensamos que era boa ideia ir lá dar uma vista de olhos.

— Como? — Patrik agarrou-se à borda da bancada, forçando-se a respirar calmamente. Ainda se recordava demasiado bem da sensação de pressão no peito e sabia que não se podia deixar perturbar sob nenhuma circunstância.

— Não há qualquer razão para reagir dessa forma — disse Mellberg. — Caso se tenha esquecido, eu sou o chefe desta delegacia. O que significa que sou seu superior. A decisão de revistar o apartamento foi minha.

Embora Patrik soubesse que Bertil tinha razão, o facto não tornava a constatação mais fácil de suportar. Mellberg podia ser oficialmente o chefe da polícia, porém, na realidade, Patrik tinha assumido esse papel desde que o superintendente chegara à delegacia, depois de ter sido transferido de Gotemburgo.

— Que descobriram? — perguntou Patrik passado um momento.

— Não muito — admitiu Mellberg.

— O apartamento parecia mais uma residência temporária do que um lar — disse Gösta. — Quase não havia objetos pessoais. Na verdade, diria que não havia mesmo nenhum.

— Isso parece um pouco estranho — disse Patrik.

— O computador portátil de Sverin desapareceu — acrescentou Mellberg, enquanto coçava Ernst atrás da orelha.

— O computador portátil de Sverin?

A irritação de Patrik cresceu. Porque não tinha pensado nisso? Claro que Mats Sverin teria de ter um computador portátil e essa devia ter sido uma das primeiras coisas que devia ter perguntado aos técnicos forenses. Amaldiçoou-se a si próprio em silêncio.

— Como podem ter certeza de que o portátil desapareceu? — indagou. — Talvez esteja no escritório. Talvez Sverin não tivesse computador em casa.

— Ao que parece, Sverin só tinha um computador — disse Gösta. — E nós encontramos um cabo de um portátil na cozinha dele. Além disso, Erling confirmou que Sverin tinha um portátil que utilizava no trabalho e que, habitualmente, o levava para casa quando saía.

— Quer dizer que voltaram a falar com Erling? Gösta assentiu.

— Fui lá ontem, depois de termos acabado de revistar o apartamento. Erling

parecia preocupado por o computador ter desaparecido.

— Será que o assassino o levou? E, em caso afirmativo, por quê? — refletiu Martin. — Já agora, alguém encontrou o celular de Sverin? Ou será que também desapareceu?

Patrik praguejou novamente. Mais um pormenor que lhe tinha escapado.

— Talvez haja algo no computador de Sverin que possa revelar um motivo para o crime ou quem é o assassino — disse Mellberg. — Se conseguirmos localizar o computador, teremos o caso encerrado.

— Não vamos precipitar-nos — disse Patrik. — Não fazemos a mais pequena ideia de onde possa estar o computador ou de quem o possa ter levado. Mas temos de encontrá-lo a todo o custo, assim como o celular de Sverin. Até lá, não vamos tirar conclusões precipitadas.

— Se alguma vez o encontrarmos — disse Gösta. Em seguida, o rosto iluminou-se. — Erling disse que Sverin estava preocupado com alguma coisa nas contas. Ia encontrar-se com um homem chamado Anders Berkelin, que está encarregado das finanças do Badis. Talvez Berkelin tenha o computador. Estavam a trabalhar juntos no projeto, por isso é possível que Sverin tenha deixado o computador com ele.

— Gösta, tu e Paula vão falar com Berkelin. Martin e eu vamos ao apartamento. Quero dar uma olhadela por lá. E devemos receber o relatório de Torbjörn ainda hoje, não é?

— Exatamente — respondeu-lhe Annika.

— Muito bem. E o Bertil fica a tomar conta das operações aqui na delegacia, certo?

— Obviamente — disse Mellberg. — E não se esqueceram do que vai acontecer amanhã, pois não?

— Amanhã? — Todos se viraram para o chefe com ar inquiridor.

— O evento VIP no Badis. Fomos convidados, lembram-se? Temos de estar lá às onze da manhã.

— Será que temos mesmo tempo para isso numa altura destas? — perguntou Patrik. — Pensava que tinha sido cancelado, uma vez que temos coisas mais importantes em que pensar neste momento.

— O que é melhor para a cidade e arredores tem sido sempre a nossa prioridade — disse Mellberg, levantando-se. — Nós somos exemplo para a comunidade e a nossa participação em projetos locais é da máxima importância. Portanto, conto com todos no Badis amanhã de manhã, às onze.

Um murmúrio resignado percorreu a cozinha. Todos sabiam que era inútil discutir com Mellberg. Além disso, um par de horas gastas em mensagens e em todo o tipo de mimos para o corpo e a alma podiam fazer milagres e repor a energia que

todos precisavam para trabalhar.

000

— Malditas escadas — protestou Gösta, parando a meio da subida.

— Podíamos antes ter ido pelo outro lado e estacionado à frente do Badis — disse Paula, fazendo uma pausa para esperar pelo colega.

— Porque é que não disseste isso antes? — Gösta respirou fundo algumas vezes antes de continuar. Ainda não conseguira jogar partidas de golfe suficientes para ficar em forma. Relutantemente, também tinha de reconhecer que a idade começava a deixar as suas marcas.

— Patrik não apreciou particularmente a vossa ida ao apartamento. — Tinham evitado falar do assunto durante o caminho, mas Paula acabara por não resistir durante mais tempo.

Gösta resfolegou.

— Se bem me lembro, Hedström não é o chefe da delegacia. — Paula não respondeu, e depois de um momento de silêncio Gösta suspirou. — Okay, talvez não tivesse sido muito boa ideia ir lá sem falar primeiro com Patrik. Às vezes nós, os da velha-guarda, temos dificuldade em aceitar que agora é a nova geração que deita as cartas. Temos a experiência e a antiguidade do nosso lado, mas isso não parece significar nada.

— Acho que te subestimas, Gösta. Patrik tem sempre coisas positivas a dizer sobre ti. Já em relação a Mellberg, bem...

— A sério? — Gösta parecia agradavelmente surpreendido e Paula esperava que o colega não percebesse que estava a mentir. Gösta não contribuía grandemente para o trabalho coletivo e Patrik não era particularmente elogioso em relação ao colega. Mas Gösta era um polícia razoável e uma pessoa bem-intencionada. Não viria mal nenhum ao mundo se lhe desse um incentivo.

— Mellberg é realmente uma personagem e peras — disse Gösta, parando novamente quando chegaram ao cimo da longa escadaria. — Ora vamos lá então ver como é esta gente. Já ouvi muita coisa acerca do projeto e acho que não era qualquer pessoa que teria coragem de associar-se a Erling — acrescentou, abanando a cabeça. Depois, voltou as costas ao Badis e contemplou o mar. Mais um belo dia de início de verão. Quase não havia ondulação na baía que banhava Fjällbacka. Aqui e ali via-se alguma vegetação, mas as rochas cinzentas dominavam a paisagem. — Tudo o que posso dizer é que isto tem uma vista espetacular — disse Gösta, invulgarmente filosófico.

— É uma maravilha, não é? O Badis está mesmo num sítio imbatível. É de estranhar terem permitido que se degradasse durante tanto tempo.

— Foi uma questão de dinheiro. Dado o estado em que estava o edifício, deve ter custado milhões a restaurar. E não acho mal que o tenham feito. Agora a pergunta é: que parte da fatura é que vamos ter de pagar nos nossos impostos?

— Agora já pareces mais o velho Gösta a falar. Estava a começar a ficar preocupada. — Paula sorriu e dirigiu-se para a entrada. Estava impaciente por começar a trabalhar.

— Está aqui alguém? — Depois de entrarem, chamaram várias vezes e, passados alguns minutos, um homem alto e encaraterístico veio recebê-los. Tinha o cabelo louro com um corte certinho e os óculos de marca eram tão discretos como o proprietário, que também tinha um aperto de mão firme. Ocorreu a Paula que iria ter dificuldade em reconhecê-lo caso se deparasse com ele na rua.

— Falamos consigo ao telefone — disse Paula depois de feitas as apresentações. Sentaram-se a uma das mesas da sala de jantar, onde havia documentos espalhados ao lado de um computador portátil.

— Que belo escritório — elogiou Paula, olhando em redor.

— Também tenho um cubículo lá atrás — disse Anders Berkelin, gesticulando vagamente com a mão.

— Mas trabalho melhor aqui. Sinto-me menos apertado. Quando o Badis reabrir, provavelmente vou ter de rastejar de volta para o meu buraco. — Berkelin sorriu, mas apenas na medida certa, nem muito nem pouco.

— Queriam então fazer-me umas perguntas sobre Mats, não era? — Berkelin fechou o portátil e olhou para eles. — O que aconteceu foi terrível.

— Sim, parece que toda a gente gostava de Mats Sverin — disse Paula, abrindo o bloco de notas. — Trabalhavam juntos no projeto Badis desde o início?

— Não, só depois de Mats ter sido contratado pela câmara municipal há alguns meses. Antes disso, as coisas andavam um pouco confusas por lá, por isso tivemos de encarregar-nos da maior parte do trabalho. Mats parece ter caído do céu.

— Mas Sverin deve ter demorado algum tempo a adaptar-se. Um projeto como este deve ser uma coisa muito complicada.

— Bem, na verdade não é assim tão complicado. Há dois patrocinadores. A autarquia e nós dois — eu e a minha irmã. Dividimos as despesas de forma igual e também vamos partilhar os lucros.

— E quanto tempo calcula que vá decorrer até o empreendimento ser rentável? — perguntou Paula.

— Tentamos ser o mais realistas possível nos nossos cálculos. De nada adianta fazer castelos no ar, por assim dizer. Calculamos sejam necessários quatro anos até que o Projeto Badis atinja o break- even — respondeu Berkelin,

empregando o termo inglês.

— Break-even? — disse Gösta.

— O momento em que o diferencial entre as despesas e as receitas for igual a zero — esclareceu Paula.

— Ah, pois — murmurou Gösta, envergonhado pela sua falta de familiaridade com a língua inglesa. Apanhava uma série de termos nos torneios de golfe a que assistia no canal de desporto, mas não lhe serviam de muito fora do mundo daquele desporto.

— Que tipo de trabalho partilhava com Mats? — perguntou Paula.

— Eu e a minha irmã encarregamo-nos de todas as questões práticas do empreendimento. Coordenamos a remodelação, contratamos o pessoal; em suma, montamos o negócio. E depois cobramos à autarquia a sua parte das despesas. Mats estava encarregado de supervisionar os livros de contabilidade e de verificar se as faturas eram pagas. Além disso, mantínhamos um diálogo constante acerca das despesas e dos lucros do projeto. A autarquia também tem grande influência no projeto. — Anders puxou os óculos para cima. Era difícil ver-lhe os olhos por detrás das lentes.

— E havia divergências entre vós? — Paula tomava notas enquanto conversavam e uma página já estava quase cheia de rabiscos ilegíveis.

— Depende do que entende por divergências. — Anders cruzou as mãos sobre a mesa. — Não concordávamos em tudo, mas Mats e eu apreciávamos um diálogo positivo e construtivo, mesmo que nem sempre estivéssemos cem por cento de acordo.

— E mais ninguém tinha problemas com ele? — perguntou Gösta.

— Por causa do projeto? — Anders parecia achar a ideia absurda. — Não, absolutamente. Nada além das diferenças de opinião que tínhamos acerca de alguns pormenores. Nada que fosse tão grave a ponto de... Não, definitivamente — acrescentou Berkelin, abanando vigorosamente a cabeça.

— De acordo com Erling Larson, Mats ia passar por aqui na sexta-feira para falar sobre um assunto que o preocupava. Chegou a fazer isso? — perguntou Paula.

— Sim. Mats veio e ficou aqui muito pouco tempo. Cerca de meia hora. Mas eu acho que é exagero afirmar que estava preocupado. Havia alguns números que não batiam e as projeções precisavam ser ligeiramente ajustadas. Enfim, nada de extraordinário. Acertamos tudo rapidamente.

— Há aqui alguém que possa confirmar o que acabou de dizer?

— Não, na hora só eu estava aqui. Mats já apareceu tarde. Por volta das cinco. Acho que veio diretamente do trabalho.

— Lembra-se de Sverin ter o laptop com ele?

— Mats andava sempre com o laptop, por isso tenho quase certeza de que

sim. Sim, trouxe. Lembro que trouxe a pasta.

— E não o deixou aqui? — perguntou Paula.

— Não, se tivesse eu teria reparado. Por quê? O laptop dele desapareceu?
— Anders lançou-lhes um olhar nervoso.

— Ainda não sabemos — respondeu Paula. — Mas, se aparecer, agradecemos que entre imediatamente em contato conosco.

— Claro. Mas, como eu disse, Mats não deixou mesmo aqui. E ficaríamos muito preocupados se realmente tivesse desaparecido. Contém informações confidenciais do projeto Badis — Berkelin voltou a puxar os óculos para cima.

— Compreendo. — Paula levantou-se e Gösta tomou isso como um sinal para fazer o mesmo. — Ligue-me caso se recorde de alguma coisa — acrescentou, entregando o seu cartão de visita a Anders, que o guardou numa carteira para cartões que tirou do bolso.

— Pode ficar descansada — disse, mantendo os olhos azuis fixos nos dois agentes enquanto estes se dirigiam para a porta.

E se eles encontrassem Sam ali? Por estranho que pudesse parecer, aquele pensamento ainda não lhe tinha ocorrido. Nathalie considerara Gråskär um lugar seguro e só agora se apercebia de que poderiam encontrá-la ali, se quisessem.

Os tiros ainda estavam bem frescos na sua memória. Tinham ecoado no silêncio da noite e depois tudo ficara novamente em silêncio. E Nathalie fugira, levando Sam e deixando o caos e a devastação para trás. Tinha deixado Fredrik.

As pessoas com quem Fredrik tinha negócios poderiam facilmente localizá-la. Ao mesmo tempo, sabia que não tinha alternativa a não ser ir para a ilha e esperar até ser encontrada ou esquecida. Eles sabiam que era fraca. Aos olhos deles, não fora mais do que um acessório de Fredrik, uma bela joia, uma sombra que discretamente se assegurava de que os copos deles estavam sempre cheios e a caixa de charutos nunca estava vazia. Para eles, Nathalie não era real e agora isso poderia ser-lhe benéfico. Não havia qualquer razão para perseguir sombras.

Nathalie saiu para a luz do sol, tentando convencer-se de que estava segura. Mas as dúvidas permaneciam. Contornou a casa e, depois de dobrar a esquina, contemplou o mar, as ilhas mais além e, mais longe ainda, a península. Um dia podia aparecer um barco e, depois, ela e Sam seriam caçados como ratos numa armadilha. Nathalie sentou-se no banco, ouvindo-o ranger sob o seu peso. O vento e o sal tinham desgastado a madeira e o velho banco inclinava-se, rendido, contra a parede da casa. Havia muitas coisas na ilha que precisavam de ser consertadas. Por outro lado, algumas das flores continuavam a dar-se nos canteiros. Era das malvas que melhor se recordava. Quando era pequena e a mãe cuidava carinhosamente das flores, as malvas preenchiam todo o canteiro das traseiras. Agora, apenas alguns talos solitários haviam despontado e ainda não se sabia que cor as flores teriam. As

rosas ainda não tinham florescido, mas Nathalie esperava que as suas preferidas, as rosa-claro, tivessem sobrevivido. Todas as ervas aromáticas que a mãe plantara tinham perecido há muito. Apenas algumas farripas de cebolinho testemunhavam o facto de em tempos ter vingado ali uma pequena horta, tão deliciosamente perfumada sempre que Nathalie passava as mãos pelas ervas aromáticas.

Levantou-se e olhou pela janela. Sam estava deitado de lado, com o rosto virado para a parede. Dormia muito de manhã e Nathalie não tinha qualquer motivo para o despertar. Talvez o filho precisasse de dormir e de sonhar, para assim poder curar as suas mazelas.

Vagarosamente, voltou a sentar-se. A agitação que sentira foi-se lentamente acalmando com o som constante do mar a bater nas rochas. Estavam na ilha de Gråskär, ela era uma sombra e ninguém iria encontrá-los. Estavam seguros.

— A minha mãe não pode ir hoje? — Patrik parecia desapontado. Estava a falar ao celular e descreveu demasiado depressa a curva apertada perto de Mörhult.

— Amanhã à tarde? Bem, que remédio. Então vamos ter de lá ir amanhã. Até logo. Beijinhos. Patrik terminou a chamada e Martin lançou-lhe um olhar interrogativo.

— Estava a pensar levar Erica comigo quando fosse falar com a ex-namorada de Sverin, Nathalie

Wester. De acordo com os pais, Mats estava a planear ir visitá-la, mas não sabem se chegou a ir.

— Não podes telefonar-lhe a perguntar?

— Sim, acho que podia fazer isso. Mas costumo conseguir melhores resultados se falar com a pessoa cara a cara. Além disso, quero falar com tantas pessoas que conheciam Mats quanto for possível, mesmo que já não tenham contacto com ele há muito tempo. O tipo é um mistério. Preciso de saber mais acerca dele.

— E porque queres que Erica vá contigo? — Martin saiu com alívio do carro no estacionamento, à frente do prédio.

— Erica andou com ela na escola. E também com Mats.

— Ah, pois. Já tinha ouvido dizer. Realmente é boa ideia Erica ir contigo. Assim pode ser que

Nathalie se sinta mais à vontade.

Subiram as escadas e pararam à porta do apartamento de Mats Sverin.

— Espero que Mellberg e Gösta não tenham feito muitos estragos — disse Martin.

— A esperança é a última a morrer. — Patrik não tinha ilusões de que os colegas tivessem sido particularmente cuidadosos. Pelo menos, de certeza que Mellberg não tinha sido. Gösta, por outro lado, conseguia às vezes estar à altura e revelar-se bastante competente.

Contornaram cautelosamente as manchas de sangue seco no vestíbulo.

— Alguém vai ter de limpar isto — disse Martin.

— Receio que tenham de ser os pais de Mats a fazê-lo. Espero que consigam encontrar alguém para ajudá-los. Ninguém devia ter de limpar o sangue do próprio filho.

Patrik entrou na cozinha.

— Aqui está o cabo do computador de que Gösta falou. Gostava de saber se Gösta e Paula já encontraram o portátil. O mais certo era terem telefonado se o tivessem encontrado — Patrik estava a pensar em voz alta.

— Porque é que Sverin o haveria de ter deixado no Badis? — interrogou-se Martin. — Não, aposto que quem levou o portátil foi a pessoa que o matou.

— Seja como for, parece que Torbjörn e a sua equipe tiraram impressões digitais do cabo. Se tiverem ficado boas, talvez isso nos dê uma pista.

— Um assassino negligente, queres tu dizer?

— Felizmente parece haver muitos que se enquadram nessa categoria.

— Mas aparentemente estão a ficar cada vez mais cuidadosos, desde que começaram a aparecer aquelas séries sobre peritos forenses e investigações em locais de crime. Parece que agora qualquer ladrão de meia-tigela sabe o básico sobre impressões digitais e ADN.

— Lá isso é verdade, mas sempre haverá idiotas no mundo.

— Então esperemos estar a lidar com um idiota neste caso — Martin voltou para o vestíbulo e continuou até a sala de estar. — Já percebi o que Gösta queria dizer — acrescentou em voz alta.

Patrik ficou onde estava, no meio da cozinha.

— Sobre o quê?

— Sobre isto parecer uma residência temporária. É muito impessoal. Nada revela o que quer que seja acerca de Sverin. Não há fotografias nem bibelôs. E só há livros técnicos na prateleira.

— Como eu disse: o tipo é um mistério. — Patrik entrou na sala de estar.

— Hum, talvez fosse apenas uma pessoa muito reservada. Porque é que isso é assim tão misterioso? Algumas pessoas são mais reservadas do que outras e não acho assim tão estranho que Sverin não falasse de namoradas ou de assuntos pessoais no escritório.

— Mas o problema não é só esse — disse Patrik, percorrendo lentamente a sala. — Sverin não parece ter tido nenhum amigo. O apartamento é extremamente impessoal, como tu próprio disseste. E Sverin não contou a ninguém a tarefa diabólica que levou...

— Não tens provas dessa última afirmação, pois não?

— Não, não tenho. Mas há algo que não bate certo. Além disso, Sverin foi

encontrado morto a tiro à entrada do próprio apartamento. Quer dizer, não é coisa que aconteça a qualquer pessoa. A aparelhagem e a televisão ainda cá estão, por isso, se fosse um roubo, o ladrão era muito estúpido ou muito preguiçoso.

— O portátil desapareceu — lembrou Martin enquanto abria uma gaveta da mesa da televisão.

— Sim, mas... quanto a isso, tenho um pressentimento. — Patrik entrou no quarto e começou a olhar em redor. Tudo o que Martin tinha dito era verdade. Não havia nenhuma prova a sustentar a agitação que sentia no estômago e que lhe dizia que debaixo da superfície havia uma outra camada que tinham de trazer para a luz do dia se quisessem saber o que realmente acontecera a Mats Sverin.

Passaram uma hora a revistar tudo meticulosamente, apenas para chegar à mesma conclusão a que Gösta e Mellberg tinham chegado no dia anterior. Não havia ali nada. Era como se as divisões daquele apartamento fizessem parte da exposição de uma loja da IKEA. O problema é que até essas divisões eram mais personalizadas do que a casa de Mats Sverin.

— Vamos? — perguntou Patrik com um suspiro.

— Sim. Não há muito mais que possamos fazer por aqui. Esperemos que Torbjörn tenha encontrado alguma coisa com interesse.

Patrik trancou a porta do apartamento. Esperara encontrar uma pista que pudesse seguir. Até agora apenas tinha suspeitas vagas, e nem mesmo ele achava que lhes servissem de muito.

— Almoçamos no Lilla Berith? — perguntou Martin quando entraram no carro.

— Parece-me bem — respondeu Patrik sem entusiasmo enquanto recuava para sair do estacionamento.

Vivianne abriu a porta da sala de jantar sem fazer barulho e foi ter com Anders. O irmão não olhou para cima. Movia rapidamente os dedos pelo teclado do computador.

— Que queria a polícia? — perguntou, sentando-se à frente de Anders na cadeira onde Paula estivera sentada. Ainda estava morna.

— Fizeram perguntas sobre Mats e sobre o trabalho que fizemos juntos. Perguntaram se o computador portátil dele estava aqui. — Anders não ergueu os olhos do computador.

— Que foi que lhes disseste? — perguntou Vivianne, inclinando-se sobre a mesa.

— O mínimo possível. Disse-lhes que tínhamos uma boa relação de trabalho e que o portátil dele não estava aqui.

— Será que... — Vivianne hesitou. — Será que isso nos vai afetar de alguma forma? Anders abanou a cabeça e, pela primeira vez, olhou para a irmã.

— Se nós não deixarmos, não. Mats esteve cá na sexta-feira. Falamos durante uns minutos e resolvemos alguns assuntos. Quando acabamos, Mats foi-se embora e nenhum de nós o voltou a ver desde então. É tudo o que a polícia precisa de saber.

— Fazes com que tudo pareça tão simples — disse Vivianne. Sentia a apreensão a crescer dentro dela. Apreensão e perguntas que não se atrevia a fazer.

— E é simples — disse laconicamente Anders, não deixando que a voz revelasse qualquer emoção. Mas Vivianne conhecia muito bem o irmão. Sabia que, apesar daquele olhar firme dos seus olhos azuis por detrás dos óculos, Anders estava preocupado. Por mais que tentasse não o demonstrar.

— Será que isto vale a pena? — acabou por perguntar Vivianne. Anders olhou para a irmã com surpresa.

— Era disso que eu estava a tentar falar contigo no outro dia, mas tu não quiseste ouvir-me.

— Eu sei. — Vivianne ergueu a mão e enrolou uma madeixa de cabelo louro em torno do indicador. — Na verdade não tenho dúvidas; só queria que estivesse tudo terminado para que pudéssemos finalmente ter um pouco de paz e sossego.

— Achas que alguma vez vamos ter paz e sossego? Talvez estejamos tão lixados que nunca encontremos o que procuramos.

— Não digas isso — afirmou irritadamente Vivianne. — Anders tinha proferido as palavras proibidas que às vezes lhe vinham à mente em momentos de fraqueza; as palavras que a assaltavam quando estava deitada na cama, no escuro, quase a adormecer. — Não vamos dizer isso ou pensar numa coisa dessas — repetiu com firmeza. — Já passamos por tudo e mais alguma coisa nesta vida, tivemos de lutar por tudo, nunca nos deram nada de mão beijada. Nós merecemos isto — acrescentou, e levantou-se tão abruptamente que fez com que a cadeira tombasse com estrondo. Ela não a endireitou, encaminhando-se, em vez disso, para a cozinha em passo apressado. Precisava de ocupar o cérebro para que não começasse a empreender noutros assuntos. Com as mãos trémulas, começou a vasculhar o frigorífico e a despensa para se certificar de que tinham tudo o que era preciso para a pré-abertura do Badis no dia seguinte.

Mette, que vivia no apartamento ao lado, tinha sido muito simpática e oferecera-se para tomar conta das crianças por um par de horas. Madeleine não tinha planos específicos. Ao contrário da maioria das pessoas, a sua vida não era preenchida por todas as obrigações e tarefas que tanto desejava que fizessem parte dos seus dias. Precisava simplesmente de algum tempo para si própria.

Passeava pela Strøget, a rua de pedestre de Copenhagen, em direção à praça Kongens Nytorv. Todas as lojas estavam repletas de atraentes artigos de verão. Roupas, fatos de banho, chapéus, sandálias, bijuteria e brinquedos para a praia. Tudo

o que as pessoas normais, com vidas normais, podiam comprar sem sequer se aperceberem da sorte que tinham. Isso não queria dizer que Madeleine fosse ingrata. Pelo contrário, estava extremamente feliz por estar numa cidade estrangeira que conseguia oferecer-lhe algo que não tinha há anos: segurança. Normalmente, saber que estavam a salvo era suficiente; porém, de vez em quando, como nesse dia, Madeleine ansiava desesperadamente poder apenas ser como todas as outras pessoas. Não queria ter luxos ou comprar montes de coisas inúteis que depois mais não faziam do que atulhar os armários, mas teria gostado de poder adquirir pequenas coisas para o dia a dia, de entrar numa loja e comprar um fato de banho porque ia com as crianças à praia no fim de semana. Ou ir a uma loja de brinquedos e comprar uma capa de edredom com o Homem Aranha para Kevin, porque pensava que o filho poderia dormir melhor se partilhasse a cama com o seu super-herói preferido. Em vez disso, tinha de vasculhar os bolsos para encontrar coroas dinamarquesas suficientes para apanhar o autocarro até o centro da cidade. Não havia nada de normal nisso, mas pelo menos estava segura. Mesmo que até agora apenas o seu cérebro estivesse certo disso — não o seu coração.

Entrou numa loja da Illum e foi direita à pastelaria com o seu maravilhoso aroma a pão, bolos e chocolate. Quase se babou ao avistar os Wienerbrød com chocolate no meio. Madeleine e os filhos não passavam fome, embora os vizinhos devessem ter-se apercebido de que a situação da família não era famosa, porque às vezes lhes levavam o jantar, com a desculpa de que tinham feito demasiada comida. Mas Madeleine teria gostado de aproximar-se do balcão, apontar para os Wienerbrød e dizer ao empregado: “Três dos que têm chocolate, se faz favor.” Ou, melhor ainda: “Seis Wienerbrød com chocolate, por favor.” Assim poderiam realmente empanturrar-se, cada um deles devorando avidamente dois bolos. Depois, sentindo-se um pouco cheios, lamberiam o chocolate dos dedos. Isso seria um verdadeiro prazer, sobretudo para Vilda. A filha sempre adorara chocolate. Até gostava dos bombons recheados com licor de cereja que vinham nas caixas de bombons Aladdin, aqueles que mais ninguém queria comer. Vilda devorava-os com um sorriso encantado. Ele nunca se esquecia de levar chocolates para Vilda e Kevin.

Afastou aqueles pensamentos. Não devia pensar nele. Se o fizesse, a ansiedade aumentaria tanto que não seria capaz de respirar. Apressou-se para a saída da loja e continuou em direção a Nyhavn. Assim que viu a água, sentiu que já respirava mais facilmente. Fixou o olhar no horizonte quando passou pela bela zona do antigo porto, onde as esplanadas estavam agora cheias de clientes e os orgulhosos proprietários dos barcos ao longo das docas se atarefavam a varrê-los e a poli-los. Do outro lado do mar ficavam a Suécia e a cidade de Malmö. Dali saíam barcos quase de hora a hora, mas a viagem também podia ser feita de carro ou de comboio, através da ponte. A Suécia ficava tão perto e ao mesmo tempo tão longe... Talvez

nunca mais regressassem. Sentiu um aperto na garganta ao pensar nisso. Ficara surpreendida com as saudades que tinha da terra natal. Na verdade, não tinha ido muito longe, e a Dinamarca era enganosamente semelhante à Suécia. Mas havia tantas coisas diferentes... Além disso, os amigos e a família não estavam lá. E não havia forma de saber se voltaria a vê-los.

Virou costas ao mar, encolheu os ombros e regressou lentamente ao centro da cidade. Estava perdida nos seus pensamentos quando sentiu uma mão no ombro. O pânico apoderou-se instantaneamente dela. Tê-la-iam encontrado? Ele tinha-a encontrado? Com um grito, Madeleine virou-se, preparada para bater, arranhar e morder. Disposta a tudo. Um homem com expressão alarmada estava a olhar para ela.

— Não queria assustá-la. — O homem idoso e corpulento estava tão atarantado com a reação de Madeleine que parecia prestes a ter um ataque cardíaco. — Deixou cair o lenço e não me ouviu quando a chamei.

— Desculpe, peço imensa desculpa — balbuciou Madeleine. Então, começou a chorar, o que alarmou ainda mais o homem.

Sem dizer mais nada, desatou a correr até a paragem mais próxima para apanhar o autocarro para casa. Tinha de voltar para junto dos filhos. Tinha de sentir os braços deles em torno do pescoço e os seus corpos mornos pressionados contra o seu. Essa era a única coisa que a fazia sentir-se segura.

— O relatório da Torbjörn já chegou — disse Annika assim que Patrik e Martin transpuseram a porta da delegacia.

Patrik estava tão cheio que mal conseguia respirar. Tinha comido demasiado esparguete ao almoço no Lilla Berith.

— Onde está? — perguntou, passando apressadamente pela recepção e abrindo bruscamente a porta que dava para o corredor.

— Na tua secretária — respondeu Annika.

Patrik apressou-se na direção do gabinete com Martin na sua cola.

— Senta-te — disse Patrik, apontando para a cadeira à frente da secretária. Tombou pesadamente na sua cadeira e começou a ler os documentos que Annika ali deixara.

Martin parecia ter vontade de arrancar as folhas das mãos do colega.

— O que diz? — perguntou dois minutos depois. Mas Patrik limitou-se a acenar com a mão, indicando-lhe que esperasse, e continuou a leitura. Depois do que pareceu uma eternidade, pousou o relatório, com ar desapontado.

— Nada? — indagou Martin.

— Bem, pelo menos nada de novo. — Patrik suspirou, recostou-se e cruzou as mãos atrás da cabeça. Por um momento, nenhum dos dois falou.

— Não há nenhuma pista? — Quando Martin fez a pergunta já sabia qual

seria a resposta.

— Podes ler o relatório, mas não me parece. Curiosamente, as únicas impressões digitais que encontraram dentro do apartamento eram de Mats Sverin. Havia outras na maçaneta da porta de entrada e na campainha. Presumivelmente, algumas são de Signe e de Gunnar. E ainda recolheram um terceiro conjunto de impressões digitais na maçaneta, mas do lado de dentro, e essas poderão pertencer ao assassino. Se assim for, podemos utilizá-las para vincular um eventual suspeito ao local do crime. Mas, como essas impressões digitais não constam da nossa base de dados, por enquanto não nos servem para nada.

— Pois é, pena. Vamos ter de esperar que haja novidades no relatório da autópsia que Pedersen nos vai enviar na quarta-feira — concluiu Martin.

— Bem, não sei que novidades poderão ser essas. Isto parece ter sido muito simples. Alguém deu um tiro na nuca a Sverin e depois foi-se embora. O autor do crime nem sequer parece ter entrado no apartamento, à exceção do vestíbulo. Ou, se entrou, teve o cuidado de apagar todos os vestígios.

— Isso vem no relatório? Que as maçanetas foram limpas? — Martin parecia um pouco mais esperançoso.

— Boa ideia, mas não me parece que... — Patrik não terminou a frase, pois estava novamente a folhear o relatório. Depois de ter passado os olhos pelas páginas, abanou a cabeça. — Parece que não. Havia impressões digitais de Sverin em todas as superfícies onde seria de esperar: maçanetas, puxadores de armários, bancada da cozinha, etc. Nada parece ter sido deliberadamente limpo.

— O que indica realmente que o assassino nunca passou do vestíbulo.

— Exato. Infelizmente, isso significa que continuamos a não conseguir estabelecer se Mats conhecia ou não quem o assassinou. Quem quer que tenha tocado a campainha podia ser uma pessoa que Sverin conhecia ou alguém completamente desconhecido.

— Mas Sverin sentia-se suficientemente seguro para virar as costas a quem quer que tenha deixado entrar no apartamento.

— Não tenho tanta certeza disso. Sverin pode ter tentado fugir da pessoa que estava à entrada.

— Lá isso é verdade — concordou Martin. Fez uma pausa e depois disse: — Então e agora, que fazemos?

— Essa é a questão, não é? — Patrik endireitou as costas e passou a mão pelo cabelo. — A busca ao apartamento não produziu nenhum resultado. As conversas que tivemos com quem conhecia Sverin não nos deram nenhuma pista. E o relatório técnico também não. Além disso, é improvável que Pedersen chegue a alguma conclusão significativa. Por isso perguntas bem: que vamos nós fazer agora?

Patrik não costumava estar tão desanimado, mas a falta de pistas naquele

caso estava a protelar a investigação. Devia haver alguma coisa secreta na vida de Mats Sverin que justificasse o seu homicídio. Porque não era qualquer pessoa que levava um tiro na cabeça. Nem era qualquer pessoa que era assassinada na própria casa. Tinha de ter havido um motivo e Patrik recusava-se a desistir enquanto não descobrisse qual fora.

— Gostava que fosses comigo a Gotemburgo na segunda-feira. Temos de fazer nova visita à associação Refúgio — disse Patrik.

O rosto de Martin iluminou-se.

— Claro, com todo o gosto — afirmou enquanto se levantava. Patrik quase sentiu vergonha ao ver como o colega ficara feliz por ter sido convidado a acompanhá-lo. Apercebeu-se de que o andara a ignorar um pouco.

— Leva o relatório — disse quando Martin se dirigia para a porta. — É melhor que também o leias, para o caso de me ter escapado algum pormenor importante.

— Okay. — Martin pegou avidamente no relatório.

Depois de Martin sair do gabinete, Patrik sorriu para si mesmo. Ao menos tinha feito uma pessoa feliz.

As horas passavam com uma lentidão insuportável. Gunnar e Signe deambulavam pela casa em silêncio. Não tinham nada a dizer um ao outro, não se atreviam a abrir a boca com medo de soltar o grito aprisionado dentro deles.

Gunnar tinha tentado fazer com que Signe comesse alguma coisa. Sempre fora Signe a preocupar-se com ele e com Matte, dizendo-lhes que não estavam a alimentar-se como devia ser. Agora era Gunnar quem fazia as sanduíches e as cortava em pequenos pedaços, tentando convencê-la a comê-los. Signe fazia o melhor que podia, mas Gunnar podia ver como a comida lhe parecia inchar na boca sem que a mulher a conseguisse fazer descer pela garganta. Por fim, Gunnar não aguentou mais, já não suportava ver a sua própria expressão espelhada no rosto do outro lado da mesa da cozinha.

— Vou sair e dar uma vista de olhos ao barco. Não demoro — disse. Signe nem parecia ouvi-lo. Movendo-se lentamente, Gunnar vestiu o casaco. Caíra a tarde e o Sol estava baixo no céu.

Perguntou a si próprio se alguma vez voltaria a sentir alegria ao ver um pôr-do-sol. Se alguma vez voltaria a sentir o que quer que fosse.

O caminho que tomou através de Fjällbacka era-lhe bastante familiar, mas ao mesmo parecia-lhe muito diferente. Já nada era como dantes. Mesmo o simples ato de caminhar. Aquele movimento que achara tão natural parecia-lhe agora forçado e artificial, como se tivesse de dizer ao cérebro para pôr um pé à frente do outro. Arrependeu-se de não ter ido de carro. A viagem a pé até Mörhult ainda era relativamente longa e Gunnar reparou que as pessoas com quem se cruzava pelo

caminho estavam a olhar para ele. Algumas até mudavam de passeio quando pensavam que não as estava a ver, para não terem de lhe falar. Provavelmente não faziam ideia do que haviam de lhe dizer. E Gunnar não saberia que respostas dar, se lhe perguntassem alguma coisa; por isso, talvez fosse melhor que o tratassem como se fosse um leproso.

O barco estava atracado em Badholmen. Tinham aquele lugar no cais há muitos anos e Gunnar virou automaticamente à direita para atravessar a pequena ponte de pedra. Estava completamente perdido no seu próprio mundo e não se apercebeu de nada até quase ter chegado ao cais. O barco tinha desaparecido. Olhou em redor, aturdido. Devia estar ali. Estava sempre no mesmo sítio. Um pequeno barco a motor de madeira com uma capota de lona azul. Gunnar percorreu todo o cais até o final do pontão. Talvez tivesse atracado no lugar errado por algum motivo que não conseguia compreender. Ou talvez se tivesse soltado e derivado para o meio dos outros barcos. No entanto, o mar estava calmo, e Matte era muito cuidadoso e amarrava sempre o barco corretamente. Gunnar voltou para o lugar vazio. Depois pegou no celular.

Patrik tinha acabado de entrar em casa quando recebeu a chamada de Annika. Entalou o celular entre a orelha e o ombro direito para conseguir falar enquanto pegava em Maja, pois a filha saltitava ansiosamente ao seu lado com os braços estendidos.

— Desculpa, Annika, disseste que o barco desapareceu? — Patrik franziu a testa. — Sim, estou em casa, mas posso ir até lá dar uma vista de olhos. Não, não há problema nenhum. Vou já tratar disso.

Pousou Maja no chão para poder carregar no botão para terminar a chamada. Depois deu a mão à filha e dirigiu-se à cozinha, onde Erica estava a preparar dois biberões, incitada pelos dois bebês. Os gêmeos estavam deitados nas respetivas alcofas, em cima da mesa. Patrik inclinou-se, deu a cada um dos filhos um beijo e depois foi dar outro à mulher.

— Olá. Com quem estavas a falar? — perguntou Erica, colocando os biberões no micro-ondas.

— Com Annika. Tenho de sair outra vez, mas não me demoro. Parece que o barco de Gunnar e Signe foi roubado.

— A sério? — Erica virou-se para olhar para Patrik. — Quem é que seria capaz de fazer uma maldade dessas?

— Não faço ideia. De acordo com Gunnar, Mats terá sido a última pessoa a servir-se dele. Se é que chegou a ir visitar Nathalie, claro. Parece estranho que só tenha desaparecido o barco deles.

— Então vai lá — disse Erica, beijando-o na boca.

— Não demoro mesmo nada — respondeu Patrik, dirigindo-se para a porta.

Apercebeu-se demasiado tarde de que o mais certo era que Maja fizesse uma pequena birra ao vê-lo sair apressadamente logo depois de ter chegado a casa. Sentindo-se culpado, disse a si próprio que Erica saberia sem dúvida como lidar com a situação. Além disso, não demoraria nada.

Gunnar estava à espera dele em Badholmen, do outro lado da ponte de pedra.

— Não percebo o que aconteceu ao nosso barco — disse, levantando um pouco o boné para coçar a cabeça.

— Não pode ter-se desprendido e andar agora à deriva, ou pode? — perguntou Patrik, seguindo Gunnar até o lugar vazio.

— Não sei dizer-lhe o que aconteceu. Só sei é que o barco não está aqui — contrapôs Gunnar, abanando a cabeça. — Matte tinha sempre tanto cuidado a amarrá-lo. Foi uma coisa que lhe ensinei quando era pequeno. E, ultimamente, não temos tido mau tempo, quanto mais tempestades, por isso não acredito que o barco se tenha soltado das amarras. — Gunnar abanou novamente a cabeça, ainda mais enfaticamente. — Alguém o deve ter roubado. Mas não consigo perceber para que quereriam um barco tão velho como o nosso.

— Hum, bem, acho que ainda valeria umas coroas. — Patrik agachou-se. Percorreu o cais com o olhar e depois voltou a erguer-se. — Vou redigir um relatório quando regressar à delegacia. Mas podemos começar por falar com a Guarda Costeira. Para estarem atentos quando saírem com os barcos para fazer as rondas.

Sem dizer mais nada, Gunnar seguiu atrás de Patrik quando este começou a atravessar a ponte. Em silêncio, os dois homens percorreram a curta distância que separava os barcos dos escritórios da Guarda Costeira. Não parecia estar lá ninguém e, quando Patrik tentou abrir a porta, constatou que estava trancada. Mas então reparou que havia movimento a bordo do MinLouis, a mais pequena das embarcações da Guarda Costeira. Aproximou-se e bateu na janela. Um homem apareceu à popa e Patrik reconheceu Peter, que os tinha ajudado naquele fatídico dia no mar, quando uma garota que participava no reality show Tanum Sempre a Abrir foi assassinada.

— Olá, como é que vai isso? Posso ajudar-vos em alguma coisa? — Peter sorriu-lhes e limpou as mãos a uma toalha.

— Estamos à procura de um barco desaparecido — explicou Patrik, apontando para o lugar vazio no cais. — É o barco de Gunnar. Não está lá e não sabemos o que lhe aconteceu. Será que podias procurá-lo quando saísses com o barco?

— Claro. Eu soube o que aconteceu — disse Peter baixinho, acenando com a cabeça a Gunnar. — Os meus sentimentos. Com certeza que terei todo o gosto em ajudar. Achas que o barco se poderá ter soltado das amarras sozinho? Se assim for, não pode ter ido muito longe. E provavelmente derivaria em direção a terra e não ao

mar.

— Não, julgamos que foi roubado — disse Patrik.

— Há pessoas muito maldosas. — Peter abanou a cabeça. — É um barco a motor de madeira, não é, Gunnar? Com uma capota de lona azul ou verde?

— Sim. É azul. E diz Sophia na popa. — Gunnar virou-se para Patrik. — Quando era novo estava apaixonado por Sophia Loren. E, quando conheci Signe, achei que se parecia exatamente com ela. Por isso é que lhe dei o nome Sophia.

— Okay. Pelo menos agora sei o que procurar. Daqui a pouco já começo as minhas rondas e prometo procurar o Sophia.

— Obrigado — disse Patrik, que depois olhou para Gunnar e perguntou: — Tem certeza de que Mats foi a última pessoa a servir-se do barco?

— Bem, na verdade não posso ter certeza absoluta disso. — Gunnar hesitou. — Mas Matte disse que queria ir visitar Nathalie à ilha, por isso presumi que...

— Quando foi a última vez que viu o barco?

Peter tinha regressado à cabina do MinLouis para continuar a verificar o equipamento, pelo que

Gunnar e Patrik estavam sozinhos no cais.

— Deve ter sido na quarta-feira. Mas devíamos perguntar a Nathalie. Ainda não falou com ela?

— Estamos a planear ir lá amanhã. Nessa altura pergunto-lhe.

— Certo — disse inexpressivamente Gunnar. Depois teve um sobressalto. — Meu Deus, isso quer dizer que Nathalie ainda não sabe. Não nos lembramos de lhe telefonar. Nós não...

Patrik pôs-lhe a mão no ombro para acalmá-lo.

— Os senhores têm tido mais em que pensar. Eu conto-lhe quando formos à ilha. Não se preocupe. Gunnar assentiu.

— Posso dar-lhe boleia para casa? — perguntou Patrik.

— Sim, agradeço-lhe muito — respondeu Gunnar com um suspiro de alívio. Depois seguiu Patrik até o carro. Nenhum dos dois falou durante todo o caminho para Mörhult.

FJÄLLBACKA, 1871

O GELO COMEÇOU A QUEBRAR. O SOL DE ABRIL COMEÇAVA LENTAMENTE A DERRETER A NEVE E, NAS ILHAS, PEQUENOS TUFOS DE VERDE AVENTURAVAM-SE PARA FORA DAS FENDAS. EMELIE TINHA APENAS UMA VAGA RECORDAÇÃO DO QUE ACONTECERA. LEMBRAVA-SE DO TETO A RODOPIAR, DA DOR E DE VISLUMBRES DOS ROSTOS DELES. MAS ÀS VEZES VOLTAVA A SENTIR AQUELE TERROR DE FORMA TÃO VÍVIDA QUE TINHA DE ARFAR EM BUSCA DE AR.

NENHUM DELES TINHA FALADO DO INCIDENTE. NÃO ERA NECESSÁRIO. TINHA OUVIDO JULIAN DIZER A KARL QUE TALVEZ AGORA O PAI JÁ ESTIVESSE SATISFEITO. NÃO ERA DIFÍCIL PERCEBER QUE TODO O EPISÓDIO TINHA TIDO QUE VER COM A CARTA QUE CHEGARA, MAS ISSO NÃO DIMINUÍA NEM UM POUCO A VERGONHA E A HUMILHAÇÃO QUE EMELIE SENTIA. TINHA SIDO PRECISO QUE O SOGRO AMEAÇASSE KARL PARA ELE CUMPRIR OS SEUS DEVERES CONJUGAIS. SEM DÚVIDA QUE O VELHO COMEÇARA A INTERROGAR-SE PORQUE É QUE ELA E KARL NÃO TINHAM FILHOS.

DE MANHÃ, EMELIE ACORDARA SENTINDO-SE RÍGIDA E ENREGELADA. ESTAVA DEITADA NO CHÃO, COM O PESADO VESTIDO DE LÃ PRETO E A COMBINAÇÃO BRANCA SUBIDOS ATÉ À CINTURA. PUXOU-OS RAPIDAMENTE PARA BAIXO, MAS A CASA ESTAVA VAZIA. NÃO HAVIA LÁ MAIS NINGUÉM. COM A CABEÇA A LATEJAR E A BOCA SECA, EMELIE LEVANTARA-SE A CUSTO. SENTIU UMA DOR ENTRE AS PERNAS E, DEPOIS DE TER SAÍDO DE CASA E DE SE TER SENTADO NA LATRINA, VIU O SANGUE QUE TINHA SECADO NO INTERIOR DAS COXAS.

MUITAS HORAS DEPOIS, KARL E JULIAN REGRESSARAM DO FAROL, AMBOS AGINDO COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO. EMELIE TINHA PASSADO O DIA INTEIRO A ESFREGAR FRENETICAMENTE O SOALHO DA CASA COM SABÃO E UMA ESCOVA. NADA TINHA INTERROMPIDO O SEU TRABALHO. ATÉ OS ESPÍRITOS SE MANTIVERAM ESTRANHAMENTE SILENCIOSOS. DEPOIS COMEÇARA A PREPARAR A REFEIÇÃO DA NOITE PARA QUE ESTIVESSE PRONTA ÀS CINCO, MAS MAL PARECIA CONSCIENTE DOS SEUS MOVIMENTOS ENQUANTO DESCASCAVA AS BATATAS E FRITAVA O PEIXE. APENAS UM LEVE TREMOR NAS MÃOS, QUANDO OUVIRA OS PASSOS DOS DOIS HOMENS A

APROXIMAREM-SE DA PORTA, TRAIU AS EMOÇÕES QUE SE AGITAVAM NO SEU SEIO. KARL E JULIAN ENTRARAM, DESPIRAM OS PESADOS CASACOS NO VESTÍBULO E SENTARAM-SE À MESA SEM LHE PRESTAR QUALQUER ATENÇÃO. E FOI ASSIM QUE OS DIAS DE INVERNO PASSARAM. COM MEMÓRIAS OBSCURAS DO QUE TINHA ACONTECIDO E O FRIO A ESTENDER UM TAPETE BRANCO CONGELADO SOBRE A ÁGUA.

MAS AGORA O GELO COMEÇAVA A RACHAR E, DE VEZ EM QUANDO, EMELIE SAÍA E IA SENTAR-SE NO BANCO AO LADO DA CASA, ERGUENDO O ROSTO PARA O SOL. ÀS VEZES DAVA POR SI A SORRIR, PORQUE AGORA TINHA A CERTEZA. DE INÍCIO DUVIDARA, UMA VEZ QUE NÃO CONHECIA MUITO BEM O PRÓPRIO CORPO, MAS POR FIM DEIXOU DE TER DÚVIDAS. ESTAVA ESPERANÇOSA. A NOITE QUE RECORDAVA COMO UM PESADELO TROUXERA UMA COISA BOA. IA TER UM BEBÊ. ALGUÉM DE QUEM CUIDAR, ALGUÉM COM QUEM PODERIA PARTILHAR A VIDA NA ILHA.

EMELIE FECHOU OS OLHOS E PÔS A MÃO NA BARRIGA. O SOL CONTINUAVA A AQUECER-LHE AS FACES. SENTIU ALGUÉM APROXIMAR-SE E SENTAR-SE AO LADO DELA, MAS QUANDO EMELIE ABRIU OS OLHOS, NÃO HAVIA NINGUÉM ALI. VOLTOU A FECHAR OS OLHOS E SORRIU. ERA TAO BOM TER COMPANHIA.

O SOL DA MANHÃ ERGUIA-SE ACIMA DA LINHA do horizonte, mas Nathalie nem reparava. Estava no cais e olhava fixamente para as ilhas e para Fjällbacka, mais ao fundo.

Não queria visitas. Não queria que invadissem o mundo que ela e Sam tinham criado ali na ilha. Pertencia-lhes a eles e a mais ninguém. Mas, quando a polícia telefonara, não pôde negar-se a deixá-los desembarcar. Além disso, tinha um problema e precisava de ajuda. Já quase não havia comida e não tinha coragem para telefonar aos pais de Matte. Já que ia ter visitas, decidira pedir-lhes para lhe trazerem alguns mantimentos, apenas o essencial. Sentira-se algo descarada ao pedir aquilo a alguém que não conhecia, mas na verdade não tinha alternativa. Sam ainda não estava suficientemente recuperado para fazer a viagem até Fjällbacka e, se não pusessem alguma coisa no frigorífico e na despensa, em breve morreriam à fome. Não pensava permitir aos agentes irem além do cais. A ilha era dela, a ilha era dela e de Sam.

Matte era a única pessoa que tinha acolhido ali com gosto. Nathalie continuou a olhar para o mar e os olhos encheram-se de lágrimas. Ainda conseguia sentir os braços de Matte em torno dela, ainda sentia na pele os beijos que lhe dera. O cheiro dele, que parecia tão familiar, embora tivesse mudado, sendo agora o de um adulto e não o de um rapaz. Nathalie não soubera o que o futuro poderia trazer, o que aquele reencontro poderia significar para as vidas de ambos. Porém, por algumas horas tinha deixado em aberto uma possibilidade. Abrira uma janela e deixara entrar um pouco de luz na escuridão em que vivera durante tanto tempo.

Nathalie limpou as lágrimas com as costas da mão. Não podia dar-se ao luxo de se render ao desejo e à dor. Estava a agarrar-se à vida com quanta força tinha e não podia afrouxar o aperto. Matte tinha-se ido embora, mas Sam ainda estava ali. E Nathalie tinha de protegê-lo. Nada nem ninguém, nem mesmo Matte, era mais importante. Proteger o filho era a sua missão, a única que tinha na vida. Agora que havia outras pessoas a caminho do seu mundo, precisava de concentrar-se nisso.

Algo mudara. Nunca a deixavam em paz. Anna ainda conseguia sentir o corpo de alguém contra o seu. Alguém estava a respirar ao seu lado, irradiando calor e energia. Não queria que lhe tocassem. Tudo o que queria era desaparecer na terra de sombras, desolada mas segura, onde já morava há muito tempo. Tudo o que havia fora dela era demasiado doloroso; a pele e a alma tinham ficado demasiado sensíveis depois de todos os golpes que ela sofrera. Já não aguentava mais, era tão simples como isso.

E eles não precisavam dela. Apenas trazia desgraça a quem a rodeava.

Emma e Adrian tinham sido submetidos a desgostos por que nenhuma criança deveria ter de passar e era-lhe insuportável ver a tristeza nos olhos de Dan por causa da perda do filho.

De início pareciam compreender. Tinham-na deixado sozinha, permitido que ficasse simplesmente deitada na cama. Às vezes tentavam falar-lhe, mas desistiam tão facilmente que não era difícil perceber que sentiam o mesmo que ela. Que fora ela a causa da sua dor e que seria melhor para todos se se limitasse a ficar para ali deitada.

Contudo, depois da última visita de Erica, alguma coisa tinha mudado. Anna sentira o corpo da irmã junto do seu, sentira o calor de Erica a arrastá-la para longe das sombras, a puxá-la para mais perto da vida, a tentar fazê-la regressar. Erica não tinha dito muita coisa. O corpo da irmã falara por si, fazendo com que o calor se espalhasse através das articulações que sentia frias e congeladas, embora estivesse deitada debaixo de um cobertor. Anna tentara resistir, concentrando-se num ponto escuro bem no fundo do seu ser, um ponto que não podia ser tocado por um corpo quente.

Quando o calor do corpo de Erica desapareceu, foi substituído por outro. Fora mais fácil resistir ao corpo de Dan. A energia do marido estava tão repleta de dor que praticamente só veio reforçar a sua própria tristeza, e Anna não teve de fazer grande esforço para permanecer nas sombras. A energia das crianças era a mais difícil de manter à distância. O corpinho macio de Emma pressionado contra as suas costas, os braços que a cingiam pela cintura. Anna foi obrigada a convocar todas as suas forças para lutar contra aquela energia. E depois viera Adrian, mais pequeno e menos confiante do que Emma, embora a sua energia fosse a mais forte de todas. Não tivera de abrir os olhos para saber quem tinha vindo deitar-se junto dela. Apesar de estar deitada de lado, imóvel, com os olhos fixos no céu do lado de fora da janela, sabia de quem era o calor que a contagiava.

Queria que a deixassem em paz, deitada na cama sem ser perturbada. A ideia de que poderia não ter força suficiente para combater aquelas energias fez com que o terror se apoderasse dela.

Agora era Emma quem ali estava. O corpo da filha agitava-se ligeiramente. Devia ter adormecido, porque, da terra das sombras, Anna apercebia-se de que a respiração da filha mudara, tornando-se cada vez mais profunda. Então, Emma mudou de posição e aconchegou-se mais, como um animal em busca de conforto. Anna podia sentir que estava novamente a ser resgatada das sombras, em direção à luz que lhe penetrava em cada recanto do corpo. Tinha de manter-se concentrada naquele ponto, o ponto escuro dentro dela.

A porta do quarto abriu-se. Anna sentiu a cama a abanar quando alguém se enrolou aos seus pés. Uns bracinhos cingiram-lhe as pernas com muita força, como

se nunca as quisessem soltar. O calor de Adrian infiltrou-se nela, fazendo com que lhe fosse cada vez mais difícil permanecer nas sombras. Consegua resistir ao calor de um dos filhos de cada vez, mas não dos dois ao mesmo tempo, uma vez que as suas energias se combinavam e se tornavam muito mais poderosas. Lentamente, Anna sentiu-se a perder o controle à medida que era arrastada para a realidade daquele quarto, para a realidade da vida.

Com um suspiro profundo, virou-se. Olhou para o rosto adormecido da filha, para aqueles traços familiares que não tinha sido capaz de encarar durante tanto tempo. E, pela primeira vez, caiu num sono profundo, com uma mão em concha sobre o rosto da filha e com a ponta do nariz pressionada contra Emma. Adrian também tinha adormecido, enroscado aos seus pés como um cachorrinho. A força que exercia sobre as suas pernas afrouxou lentamente à medida que relaxava. E ali ficaram, os três, adormecidos.

Erica chorava de riso quando entraram no barco.

— Estás dizendo que tomaste banho de algas? — Limpou os olhos com as costas da mão e depois deu nova gargalhada, tendo um ataque de soluços ao ver a expressão ofendida de Patrik.

— E então? Os homens também não podem ter uns mimos de vez em quando? Pelo que me tens dito, já experimentaste muitas coisas estranhas. Lembro perfeitamente de teres contado, não há muito tempo, que te besuntaram de lama e te enrolaram em plástico num spa. — Patrik fez o barco recuar para fora do cais em Badholmen.

— Sim, mas... — Erica sucumbiu a novo ataque de riso.

— Acho que estás sendo muito preconceituosa e antiquada — disse Patrik, olhando a mulher. — Um banho de algas é realmente uma coisa super-saudável para um homem. Tira as toxinas do corpo e, como os homens têm obviamente mais dificuldade em livrar-se dessas coisas, mais ainda se justifica o tratamento.

Erica agarrava a barriga, tão dominada pelo riso que nem conseguia falar. Patrik decidiu ignorar a mulher e concentrar-se em manobrar o barco para fora do porto. É claro que exagerava um pouco para brincar com Erica, mas a verdade é que ele e os colegas tinham realmente apreciado os tratamentos termais do Badis.

A princípio Patrik estava extremamente cético em enfiar-se numa banheira cheia de algas. Mas depois constatou que aquilo não cheirava tão mal como imaginara e a água estava agradavelmente morna. Quando se sentou e se inclinou para a frente, enquanto as costas eram massajadas com algas, Patrik converteu-se. E não podia negar que a pele parecia nova quando saiu da banheira. Mais macia, mais suave e com um novo brilho. Mas quando estava a contar tudo aquilo a Erica, a mulher começara a dar gargalhadas histéricas. Até a mãe, que tinha ido tomar conta de Maja e dos gêmeos, se tinha rido do seu entusiástico relato.

O vento soprava agora com mais força. Patrik fechou os olhos, sentindo as rajadas contra o rosto. Não havia muitos outros barcos no mar, porém, daí a poucas semanas haveria dezenas a entrar e a sair do porto.

Erica parou finalmente de rir e a sua expressão tornou-se séria. Abraçou Patrik quando ele se sentou ao leme e encostou-lhe a cabeça ao ombro.

— Como é que Nathalie reagiu quando lhe telefonaste?

— Não ficou lá muito satisfeita — respondeu Patrik. — Não parecia muito interessada em receber visitas. Mas quando lhe disse que, se preferisse, podia ir à delegacia falar conosco, decidi que era melhor irmos nós à ilha.

— Disseste-lhe que eu ia contigo? — Uma onda fez o barco de madeira inclinar-se e Erica abraçou-se mais firmemente à cintura de Patrik.

— Sim. Disse-lhe que éramos casados e que tu também gostarias de a rever. Não houve grande reação da parte dela, mas pareceu-me que não se importava que viesse.

— Que esperas descobrir quando falarmos com Nathalie? — Erica soltou Patrik e foi sentar-se junto dele no banco.

— Para ser franco, não faço ideia. Ainda não sabemos se Mats foi visitá-la na sexta-feira. Acho que é isso que quero descobrir. E também temos de contar-lhe o que lhe aconteceu.

Patrik corrigiu o rumo para deixar passar uma lancha que ia na direção deles a toda a velocidade.

— Idiotas — rosnou Patrik, olhando irritadamente para o barco quando este passou demasiado perto.

— Não podias ter-lhe perguntado pelo telefone? — Erica também fitava o barco que se afastava rapidamente. Não reconheceu os ocupantes. Um grupo de jovens no final da adolescência. Provavelmente uma primeira leva de turistas, do gênero dos que em breve encheriam Fjällbacka.

— Sim, podia ter feito isso. Mas prefiro fazer as minhas perguntas cara a cara. Assim obtenho resultados mais produtivos. O que quero, realmente, é formar uma imagem mais clara de quem era Mats. Por enquanto, o teu ex-colega parece mais uma daquelas figuras de cartão em tamanho real, plana e unidimensional. Parece que ninguém sabe nada sobre ele, nem mesmo os pais. O apartamento onde vivia parece um quarto de hotel. Quase não há objetos pessoais. E depois há a questão da agressão... Preciso de saber mais sobre isso.

— Mas, pelo que percebi, Matte e Nathalie não falaram durante anos.

— Isso é o que os pais dele dizem, mas não sabemos ao certo se foi o que aconteceu. Seja como for, Nathalie parece ter sido uma pessoa importante na vida de Mats e, se foi realmente visitá-la, talvez lhe tenha contado algo que nos possa ser útil. Nathalie pode ter sido uma das últimas pessoas a vê-lo com vida.

— Okay, já percebi a ideia — disse Erica, embora parecesse ter dúvidas. Tinha resolvido ir com Patrik por pura curiosidade. Estava ansiosa por saber como os anos tinham mudado Nathalie e em que gênero de pessoa se tornara.

— Aquilo deve ser Gråskär — disse Patrik, semicerrando os olhos. Erica esticou o pescoço para escrutinar a ilha que se aproximava.

— Sim, é mesmo. O farol é maravilhoso. — Erica protegeu os olhos com a mão para ver melhor.

— Acho que não estou lá muito interessado no aspeto da ilha — afirmou Patrik, embora não fizesse ideia do que o levava a dizer aquilo. Mas depois teve de concentrar-se para atracar o barco no pequeno cais.

Uma mulher alta e esbelta encontrava-se ali à espera deles. Estendeu a mão para o cabo que Erica lançou para terra.

— Olá — disse Nathalie, estendendo a mão para os ajudar a desembarcar.

É lindíssima, embora seja demasiado magra, pensou Patrik ao pegar na mão de Nathalie. Os ossos eram claramente visíveis sob a pele e, embora parecesse ser uma pessoa naturalmente elegante, devia ter perdido bastante peso recentemente, porque as calças de ganga lhe estavam demasiado largas e tinha de usar o cinto bem apertado para as prender.

— O meu filho não está a sentir-se bem. Está a dormir ali em casa, por isso estava a pensar que podíamos tomar um café e conversar aqui no cais — Nathalie apontou para um cobertor que estendera sobre as pranchas de madeira.

— Tudo bem, por mim não há qualquer problema — disse Patrik, sentando-se. — Espero que não seja nada grave.

— Não, está só constipado. Têm filhos? — Nathalie sentou-se à frente de Patrik e de Erica e começou a servir café de uma garrafa térmica. O cais estava relativamente protegido do vento, o sol brilhava e o ar estava quente. Era um lugar agradável para se tomar um café.

— Oh, sim, sem dúvida — respondeu Erica com uma risada. — Temos Maja, que está quase a fazer dois anos, e Noel e Anton, que são gêmeos e já têm quase quatro meses.

— Deves ter muito trabalho com eles — Nathalie sorriu, mas o sorriso não lhe alcançou os olhos. Passou a Erica um prato de biscoitos.

— Receio que isto seja tudo o que tenho para vos oferecer.

— Ah, é verdade — disse Patrik, levantando-se. — Trouxe-lhe as compras.

— Muito obrigada. Espero não lhe ter dado muito trabalho. Como Sam está doente, optei por não ir com ele à cidade fazer compras. Da última vez, Signe e Gunnar ajudaram-me, mas não queria estar sempre a incomodá-los.

Patrik tinha saltado para o barco e estava agora a pousar dois sacos cheios de mantimentos do supermercado Konsum no cais.

— Quanto lhe devo? — Nathalie pegou na carteira, que estava pousada ao lado dela.

— Ficou tudo em mil coroas, não foi nada barato — disse Patrik, desculpando-se. Nathalie extraiu duas notas de quinhentas coroas da carteira e entregou-as.

— Obrigada — voltou a dizer.

Patrik limitou-se a assentir e sentou-se em cima do cobertor.

— Uma pessoa deve sentir-se muito isolada por aqui — disse Patrik, contemplando a pequena ilha. O farol elevava-se sobre eles, lançando a sua longa sombra sobre as rochas.

— Não, eu adoro — disse Nathalie, bebendo um golo de café. — Há anos que não vinha cá e Sam nunca tinha visto a ilha. Pensei que estava na altura de a conhecer.

— Por que agora? — perguntou Erica, esperando não parecer demasiado intrometida.

Nathalie não olhou para ela. Em vez disso, fixou os olhos num ponto distante no horizonte. As pequenas rajadas de vento que os atingiam despenteavam-lhe o cabelo comprido, que ela afastava impacientemente do rosto.

— Tenho uns assuntos em que pensar, por isso pareceu-me natural vir até aqui, onde não há mais nada além de pensamentos e tempo.

— E fantasmas, ao que consta! — disse Erica, alcançando um biscoito. Nathalie não se riu.

— Estão a pensar porque é que chamam Ilha dos Espíritos a Gråskär, não é?

— Sim. Mas tu já deves ter descoberto se há alguma verdade nos rumores. Lembro-me de termos aqui passado a noite uma vez quando eu andava na secundária. Ficamos todos muito assustados. Achas que se justifica chamarem-lhe Ilha dos Espíritos?

— Talvez.

Era óbvio que Nathalie não queria continuar a falar acerca daquilo, por isso Patrik respirou fundo antes de abordar o assunto que não podia ser adiado por mais tempo. Quando explicou calmamente o que tinha acontecido, Nathalie começou a tremer. Olhou para Patrik, incrédula. Não disse uma palavra, mas estava a tremer descontroladamente, como se pudesse quebrar-se em mil pedaços diante dos olhos deles.

— Ainda não sabemos exatamente quando Mats foi morto, por isso estamos a tentar descobrir o máximo possível acerca dos seus últimos dias. Gunnar e Signe disseram que ele estava a planear vir aqui vê-la na sexta-feira.

— Sim, Matte esteve cá. — Nathalie virou-se para olhar para a casa. Patrik teve a sensação de que o fazia sobretudo para que não lhe visse a expressão.

Quando se virou para encará-los, Nathalie ainda parecia atordoada, mas tinha parado de tremer. Erica inclinou-se impulsivamente para frente para pôr a mão na mão de Nathalie. Havia nela uma fragilidade e uma vulnerabilidade que lhe despertou os instintos protetores.

— Foste sempre muito simpática — disse Nathalie, retirando depois a mão sem olhar para Erica.

— Portanto, na sexta-feira passada... — insistiu cautelosamente Patrik.

Nathalie teve um sobressalto, dando a sensação de que um véu lhe descera sobre os olhos.

— Matte chegou ao final da tarde. Não sabia que ele vinha. Há anos que não o via.

— Quando foi a última vez que se encontraram? — perguntou Erica, incapaz de resistir a olhar de relance para a casa. Receava que o filho de Nathalie pudesse acordar e saísse. Como também tinha filhos, sentia que se tinha tornado mãe de todas as crianças do mundo.

— Despedimo-nos quando me mudei para Estocolmo. Tinha dezanove anos, julho. Foi há uma vida — disse Nathalie, rindo-se. Uma risada breve e amarga.

— E mantiveram o contacto?

— Não. Bem, talvez alguns postais no início. Mas ambos sabíamos que não era boa ideia. Por que prolongar a dor, fingindo que estava tudo na mesma? — Nathalie afastou novamente algumas madeixas de cabelo louro do rosto.

— De quem foi a decisão de se separarem? — perguntou Erica, incapaz de conter a curiosidade. Tinha-os visto juntos tantas vezes, tinha vislumbrado a luz dourada que parecia irradiar de ambos. O casal de ouro.

— Na verdade nunca chegamos a utilizar a palavra separação. Mas eu decidi ir-me embora. Não podia ficar aqui. Precisava de ver o mundo. Ver coisas, fazer coisas, conhecer novas pessoas. — Nathalie deu outra risada. De novo aquele riso amargo, que nem Erica nem Patrik compreendiam.

— Ora bem, na sexta-feira passada, quando Mats veio cá, como foi que a Nathalie reagiu? — perguntou Patrik, querendo continuar o interrogatório, embora não tivesse certeza de que fosse levar a algum lado. Nathalie parecia tão frágil. Pensou que podia parti-la ao meio se dissesse alguma coisa errada. E, em última análise, aquilo poderia não ter nada que ver com o caso.

— Fiquei surpreendida. Mas Signe já me tinha dito que Matte tinha regressado a Fjällbacka, por isso pensei que talvez pudesse aparecer por cá.

— Foi uma boa surpresa? — perguntou Erica, estendendo a mão para a garrafa térmica para voltar a encher a chávena.

— A princípio, não. Bem, não sei. Não sou muito dada à nostalgia. Matte pertencia ao passado. Ao mesmo tempo... — Nathalie parecia perder-se nos

próprios pensamentos. — Ao mesmo tempo, talvez nunca o tenha deixado. Não sei. Seja como for, deixei-o entrar em casa.

— Aproximadamente que horas eram quando Mats chegou? — perguntou Patrik.

— Hum... julgo que chegou por volta das seis. Não tenho certeza. O tempo não é muito importante por aqui.

— Quanto tempo ficou? — Patrik mudou de posição, fazendo uma careta. O corpo não gostava de estar sentado numa superfície tão dura por muito tempo. Estava ansioso por outro belo banho de algas morno.

— Matte foi-se embora algumas horas depois, nessa mesma noite — a dor estava tão claramente gravada no rosto de Nathalie como se a tivesse manifestado aos gritos.

De repente, Patrik sentiu-se desconfortável. Que direito tinha de fazer aquelas perguntas? Que direito tinha de andar a bisbilhotar uma coisa que devia ser do foro privado, algo que tinha acontecido entre duas pessoas que em tempos se tinham amado? Mas obrigou-se a prosseguir. Imaginou o corpo deitado de borco no vestíbulo, com um buraco enorme na cabeça, uma poça de sangue no chão e a parede salpicada de sangue. Enquanto o assassino andasse a monte, a polícia tinha mesmo de bisbilhotar. Os homicídios e o direito à privacidade eram duas coisas que não combinavam.

— Quer dizer que não faz ideia das horas a que Mats se foi embora? — perguntou suavemente Patrik. Nathalie mordeu o lábio. Tinha os olhos brilhantes por causa das lágrimas.

— Não, Matte saiu enquanto eu estava a dormir. Pensei que... — Nathalie engoliu em seco várias vezes, parecendo estar a tentar manter a compostura, como se não quisesse perder o controle à frente deles.

— Tentou ligar-lhe? Ou telefonou a Signe e a Gunnar a perguntar-lhes? — insistiu Patrik.

O Sol tinha-se deslocado lentamente enquanto conversavam e as longas sombras do farol foram-se aproximando.

— Não — Nathalie recomeçou a tremer.

— Será que Mats lhe disse alguma coisa enquanto cá esteve, algo que possa dar-nos uma pista? Algo que nos possa revelar quem o poderia querer ver morto?

Nathalie abanou a cabeça.

— Não, não posso acreditar que alguém pudesse querer fazer mal a Matte. Ele era... Bem, tu sabes, Erica. Matte estava exatamente na mesma. Era gentil, atencioso, carinhoso. Era exatamente a mesma pessoa de antigamente — olhou para baixo, passando a mão pelo cobertor.

— Pois, nós sabemos que toda a gente gostava de Mats e que era muito boa

pessoa — disse Patrik. — Ao mesmo tempo, há certas partes da vida dele que queríamos conhecer melhor. Por exemplo, Mats foi vítima de uma agressão pouco antes de regressar a Fjällbacka. Contou-lhe alguma coisa sobre isso?

— Não muito. Eu vi as cicatrizes e perguntei-lhe o que tinha acontecido. Mas Matte apenas comentou que tinha estado no lugar errado à hora errada e que tinha sido atacado por um bando de garotos.

— Falou-lhe do emprego que teve em Gotemburgo? — Patrik tivera esperança de saber mais informações sobre a agressão que pudessem explicar a sensação desconfortável que sentia. Não teve essa sorte. Só havia becos sem saída.

— Matte disse que adorava esse emprego, mas que o achava extenuante. Ter de falar com todas aquelas mulheres que tinham sido agredidas e que estavam tão desgraçadas... — a voz sumiu-se e Nathalie virou-se novamente para olhar para a casa.

— Mats contou-lhe mais alguma coisa que devamos saber? Sentia-se ameaçado por alguém em particular?

— Não. Só disse que aquele emprego tinha significado muito para ele. Mas que acabara por desgastá-lo. Matte já não tinha forças para continuar a fazer aquilo. Por isso, depois de ter estado no hospital, decidiu regressar a Fjällbacka.

— Permanentemente, ou só por algum tempo?

— Acho que não sabia. Disse-me que estava a viver um dia de cada vez. A tentar curar o corpo e a alma.

Patrik assentiu e, em seguida, hesitou antes de fazer a pergunta seguinte.

— Contou-lhe se havia alguma mulher na vida dele? Ou mais do que uma?

— Não, e eu também não lhe perguntei. Matte também não me fez perguntas acerca do meu marido. Quem amávamos nesse momento ou quem tínhamos amado no passado não tinha importância naquela noite.

— Compreendo — disse Patrik. — É verdade, o barco desapareceu — acrescentou como quem não quer a coisa.

Nathalie pareceu confusa.

— Que barco?

— O barco de Signe e de Gunnar. O que Mats utilizou para vir até aqui.

— Desapareceu? Quer dizer que foi roubado?

— Não sabemos. Não estava amarrado no cais quando Gunnar foi até lá para ver se estava tudo em ordem.

— Matte deve tê-lo levado para ir para casa — disse Nathalie. — De que outro modo chegaria a Fjällbacka?

— Quer dizer que veio mesmo até cá na lancha. Ninguém lhe terá dado boleia?

— Quem faria isso? — perguntou Nathalie.

— Não sei. Tudo o que sabemos ao certo é que o barco desapareceu e não fazemos ideia de onde possa estar.

— Bem, Matte utilizou-o para vir até aqui e também deve ter regressado a Fjällbacka nele. — Nathalie voltou a passar a mão sobre o cobertor.

Patrik olhou para Erica, que estava estranhamente calada enquanto ouvia a conversa.

— Acho que está na hora de irmos — disse, levantando-se. — Obrigado por ter concordado em encontrar-se conosco, Nathalie. Lamentamos muito a sua perda.

Erica também se levantou.

— Gostei de voltar a ver-te, Nathalie.

— Eu também, Erica — disse Nathalie, abraçando-a desajeitadamente.

— Espero que o teu filho melhore. Telefona-nos se precisares de alguma coisa ou se pudermos ajudar-te de alguma maneira. Se a constipação dele piorar, podemos mandar cá o médico para que o veja.

— Se precisar de alguma coisa, eu telefono — Nathalie seguiu-os até o barco. Patrik ligou o motor e estava prestes a partir quando parou abruptamente.

— Lembra-se se Mats trazia uma pasta?

Nathalie franziu a testa enquanto pensava. Em seguida, o rosto iluminou-se.

— Uma pasta castanha. De pele?

— Exatamente — disse Patrik. — Também desapareceu.

— Esperem aqui. — Nathalie rodou nos calcanhares e correu até a casa. Poucos minutos depois saiu com um objeto na mão. Quando se aproximou do cais, Patrik viu o que era. A pasta. Conteve a respiração.

— Matte esqueceu-se aqui dela. Não lhe mexi. Espero não ter causado nenhum problema por não ter dito nada — disse, ajoelhando-se no cais para poder entregar a pasta a Patrik.

— Não, estamos muito contentes por a ter encontrado. Obrigado. — Patrik já só pensava no que a pasta poderia conter.

Depois de se terem afastado do cais e tomado o rumo de Fjällbacka, Patrik e Erica viraram-se para acenar a Nathalie, que retribuiu o aceno. A sombra do farol já se estendia até o cais. Parecia que ia engoli-la de um trago.

— PODEMOS SAIR E PROCURAR UM POUCO? — Gunnar estava no cais e custava-lhe falar com voz firme.

Peter ergueu os olhos do que estava a fazer e parecia prestes a dizer que não. Mas então acabou por ceder.

— Okay, podemos fazer uma pequena viagem ao largo. Mas hoje é domingo e não posso demorar muito a chegar a casa.

Gunnar permaneceu em silêncio, olhando em frente, os olhos como dois buracos negros. Com um suspiro, Peter entrou na cabina para ligar o motor. Ajudou Gunnar a subir a bordo, deu-lhe um colete salva-vidas e, com mãos treinadas, conduziu o barco para fora do porto. Depois de terem percorrido alguns metros, reduziu a velocidade.

— Por onde quer começar? Nós já procuramos nesta zona mas não vimos nada.

— Não sei — Gunnar espreitou pelo para-brisas. Não podia limitar-se a ficar em casa à espera. Não suportava ver Signe sentada imóvel na sua cadeira na cozinha. Tinha deixado de cozinhar, de fazer bolos e de varrer. Tinha deixado de fazer todas as coisas que faziam dela a pessoa que era. Então e ele? Quem era ele, agora que Matte tinha morrido? Não fazia ideia. A única coisa que sabia com toda certeza era que precisava de algum objetivo naquela vida que sentia ter perdido todo o significado.

Tinha de encontrar o barco. Isso era algo que poderia fazer, algo que o levaria para longe de casa, para longe do silêncio e de tudo o que lhe lembrava o filho, para longe da casa onde Matte tinha crescido. A pegada no cimento do acesso para carros que Gunnar tinha feito quando Matte tinha cinco anos. A marca de dentes bem visível na cómoda do vestíbulo, que ali ficara depois de Matte ter entrado em casa a correr demasiado depressa, escorregando no tapete e batendo com toda a força com os dentes da frente na gaveta, deixando duas mossas inconfundíveis na madeira. Todas essas pequenas coisas que mostravam que Matte ali tinha estado, que Matte tinha sido deles.

— Siga em direção a Dannholmen — disse Gunnar. Na verdade, não fazia ideia de onde deveriam procurar o barco. Não havia nada que lhes dissesse que poderia ser encontrado naquela direção. Mas era um lugar tão bom como qualquer outro para começarem as suas buscas.

— Então, como estão as coisas a correr lá em casa? — perguntou cautelosamente Peter enquanto se concentrava em manobrar o barco. De vez em quando, lançava um olhar em redor para ver se a corrente tinha arrastado a lancha

para alguma margem.

— Tudo bem, obrigado — disse Gunnar.

Era mentira, porque as coisas não estavam mesmo nada bem. Mas que haveria de dizer? Como poderia descrever o vazio que preenchia um lar depois da perda de um filho? Às vezes ficava surpreso ao constatar que ainda respirava. Como poderia continuar a viver e a respirar quando Matte tinha desaparecido para sempre?

— Está tudo bem — repetiu.

Peter limitou-se a assentir. Era assim que todos reagiam. As pessoas não faziam a mais pequena ideia do que dizer. Proferiam as frases obrigatórias, as palavras que eram esperadas delas em tal situação e tentavam ser simpáticas. Ao mesmo tempo, agradeciam à sua boa estrela não terem sido elas a sofrer tal perda. Gratos por os próprios filhos, os seus entes queridos, estarem vivos. Era assim e não havia volta a dar. Era uma reação natural nos seres humanos.

— O barco não podia ter-se soltado das amarras, pois não? — Gunnar não tinha certeza se estava a falar com Peter ou consigo mesmo.

— Não me parece. Se isso tivesse acontecido, teria ido à deriva para o meio dos outros barcos. Não, acho que alguém o deve ter levado. O valor dos barcos de madeira antigos tem vindo a subir, por isso talvez tenham encomendado o serviço a alguém. Se for esse o caso, não vamos encontrá-lo por aqui. Os ladrões costumam levá-los para um sítio onde possam ser içados para fora da água e depois levados num reboque para barcos.

Peter virou à direita, passando por Småsvinningarna.

— Vamos até Dannholmen. Depois vamos ter de dar meia-volta e regressar. Senão a minha família vai começar a ficar preocupada.

— Certo — disse Gunnar. — Podemos procurar mais um bocado amanhã? Peter olhou para Gunnar.

— Claro. Apareça por volta das dez e vamos outra vez procurá-lo. Mas só se não houver nenhuma chamada de emergência.

— Ótimo. Lá estarei — disse Gunnar enquanto continuava a escrutinar as ilhas.

Mette tinha-os convidado para jantar, como era frequente, fingindo que era a vez dela, embora Madeleine nunca retribuísse os convites. Entrava no jogo, mas sentia uma pontada de humilhação porque nunca podia convidar Mette. Imaginava-se a dizer-lhe casualmente: “Queres ir lá jantar a casa hoje à noite com os teus filhos? Não vou fazer nada de extraordinário.” Mas não podia fazê-lo. Não podia dar-se ao luxo de convidar Mette e os três filhos para jantar. A comida mal chegava para ela e para Kevin e Vilda.

— De certeza que não há problema? — perguntou quando se sentava à mesa

da movimentada cozinha de Mette.

— Claro que não. Tenho de fazer muita comida para os meus três porquinhos, por isso, mais três não vão fazer nenhuma diferença. — Mette repuxou ternamente o cabelo do filho do meio, Thomas.

— Não faças isso, mamãe — disse Thomas, irritado, mas Madeleine percebia que a criança gostava daqueles mimos.

— Queres um bocadinho de vinho? — Sem esperar pela resposta da vizinha, Mette serviu-lhe um copo de vinho tinto de uma embalagem com uma pequena torneira.

Mette virou-se e mexeu as panelas no fogão. Madeleine bebeu um golo de vinho.

— Estão de olho nos pequenos? — perguntou Mette em voz alta para a outra divisão. Duas vozes responderam “sim”. Os dois filhos mais novos de Mette, uma menina de dez anos e Thomas, que tinha treze, estavam a tomar conta de Kevin e de Vilda, que se pegavam a eles como ímanes. O filho mais velho, um rapaz de dezassete anos, já raramente parava em casa.

— O mais certo é que os meus filhos estejam a chatear os teus — disse Madeleine, bebendo mais um pouco de vinho.

— Nada disso. Eles adoram-nos, sabes muito bem disso. — Mette limpou as mãos à toalha, serviu-se de um copo de vinho e sentou-se frente a Madeleine.

Em termos de aparência, não podia haver duas mulheres menos parecidas, pensou Madeleine, imaginando brevemente as duas como se fosse uma observadora imparcial. Ela era baixa e loura, com uma constituição mais de criança do que de mulher. Mette parecia aquela famosa estátua de pedra representando uma mulher voluptuosa que Madeleine recordava das aulas de Educação Visual. Alta e curvilínea, com um cabelo ruivo, forte, que parecia ter vida própria. Os olhos verdes estavam sempre a brilhar, embora Mette também já tivesse tido contratempos na vida e o mais natural fosse que aquele brilho se tivesse extinguido há muito tempo. Mette parecia ter propensão para escolher homens fracos que rapidamente se tornavam dependentes dela e depois se limitavam a ficar para ali a pairar, cheios de exigências, como filhotes com a boca muito aberta à espera de comida. Mette acabava por fartar-se, como tinha dito a Madeleine. Mas não demorava muito até que o próximo pássaro bebê fosse parar à sua cama. Por isso é que cada um dos filhos tinha um pai diferente e, se não fosse pelo facto de todos terem herdado o cabelo ruivo de Mette, seria impossível dizer que eram irmãos.

— Então, como te estão a correr as coisas, minha querida? — perguntou Mette, fazendo o copo rodar entre os dedos.

Madeleine sentiu-se congelar. Embora Mette lhe tivesse confiado tudo, partilhando abertamente a sua vida e os seus defeitos, Madeleine nunca tinha ousado

fazer o mesmo. Estava tão habituada a viver no medo, sempre com receio de dizer demasiado... Por essa razão, mantinha toda a gente a uma distância segura. Ou melhor, quase toda a gente.

Mas, naquele momento, num domingo à noite, na cozinha com Mette, com as panelas a borbulhar no fogão e o vinho a aquecê-la por dentro, não conseguiu conter-se. Começou a contar a sua história. Quando as lágrimas lhe afloraram aos olhos, Mette chegou a cadeira para mais perto dela e abraçou-a. Na segurança do abraço de Mette, contou-lhe tudo. Mesmo sobre ele. Apesar de se ter mudado para outro país, de ter agora outra vida, ele continuava muito perto.

FJÄLLBACKA, 1871

O ÓDIO QUE KARL SENTIA POR ELA PARECIA CRESCER, COMO CRESCIA O BEBÊ QUE EMELIE CARREGAVA NO VENTRE. E AGORA APERCEBIA-SE DE QUE ERA REALMENTE ÓDIO O QUE O MARIDO SENTIA, APESAR DE NÃO COMPREENDER O QUE O MOTIVAVA. QUE TINHA ELA FEITO? SEMPRE QUE OLHAVA PARA ELA, OS OLHOS DE KARL ESTAVAM REPLETOS DE REPUGNÂNCIA. AO MESMO TEMPO, EMELIE PENSAVA CONSEGUIR VER O DESESPERO NO SEU OLHAR. ERA COMO O OLHAR DE UM ANIMAL CAPTURADO. COMO SE TIVESSE SIDO CAÇADO E NÃO CONSEGUISSE LIBERTAR-SE, COMO SE FOSSE TÃO PRISIONEIRO QUANTO ELA. MAS, POR ALGUMA RAZÃO, KARL VIRARA A SUA RAIVA CONTRA ELA, APARENTEMENTE COMO SE A ENCARASSE COMO O SEU CARCEREIRO. A ATITUDE DE JULIAN NÃO MELHORAVA A SITUAÇÃO. O CARÁTER SOMBRIO DAQUELE HOMEM PARECIA INFLUENCIAR KARL, CUJA INDIFERENÇA INICIAL, QUE A PRINCÍPIO PODERIA TER SIDO CONFUNDIDA COM UMA AMABILIDADE DISTRAÍDA, TINHA AGORA DESAPARECIDO COMPLETAMENTE. EMELIE ERA O INIMIGO.

GRADUALMENTE, EMELIE TINHA-SE HABITUADO ÀS PALAVRAS DURAS DE AMBOS. KARL E JULIAN QUEIXAVAM-SE DE TUDO O QUE FAZIA. A COMIDA ESTAVA DEMASIADO QUENTE OU DEMASIADO FRIA. AS PORÇÕES ERAM MUITO PEQUENAS OU EXCESSIVAS. A CASA NÃO ESTAVA SUFICIENTEMENTE LIMPA, E A ROUPA NUNCA ERA LAVADA OU REMENDADA AO GOSTO DELES. NUNCA APROVAVAM NADA. NO ENTANTO, EMELIE PODIA BEM COM AS CRÍTICAS DOS DOIS; DESENVOLVERA UMA ARMADURA CONTRA ELAS. AS AGRESSÕES FÍSICAS, PORÉM, CUSTAVAM-LHE MAIS A ACEITAR. NO PASSADO, KARL NUNCA BATERA, MAS DEPOIS DE EMELIE LHE TER DITO QUE ESTAVA GRÁVIDA, A SUA VIDA NA ILHA MUDOU. FOI FORÇADA A APRENDER A VIVER COM A DOR DAS BOFETADAS E DOS SOCOS. E KARL TAMBÉM PERMITIA QUE JULIAN LHE LEVANTASSE A MÃO. FICOU CHOCADA. NÃO ERA AQUELA A NOTÍCIA QUE TANTO AGUARDAVAM?

SE NÃO FOSSE PELO FILHO QUE ESPERAVA, EMELIE TER-SE-IA ATIRADO AO MAR. O GELO JÁ TINHA DESAPARECIDO HÁ MUITO TEMPO E O VERÃO ESTAVA A CHEGAR AO FIM. SEM OS PONTAPÉS QUE SENTIA NO VENTRE A INSTÁ-LA A CONTINUAR A VIVER, A DAR-LHE FORÇA,

EMELIE TER-SE-IA DIRIGIDO SEM HESITAR À ESTREITA COSTA DA ILHA E ENTRADO NA ÁGUA, DEIXANDO-SE LEVAR PELAS PERIGOSAS CORRENTES ATÉ AO HORIZONTE, PARA QUE DEPOIS O MAR A ENGOLISSE. MAS A CRIANÇA DAVA-LHE TANTA ALEGRIA... DEPOIS DE CADA PALAVRA RÍSPIDA, DE CADA GOLPE, EMELIE REFUGIAVA-SE NA VIDA QUE CRESCIA DENTRO DELA. O BEBÊ ERA A SUA TÁBUA DE SALVAÇÃO. A MEMÓRIA DAQUELA NOITE EM QUE A CRIANÇA FORA CONCEBIDA ERA ALGO QUE EMPURRARA PARA UM CANTO LONGÍNQUO DA MENTE. AQUILO JÁ NÃO TINHA QUALQUER IMPORTÂNCIA. A CRIANÇA MOVIA-SE DENTRO DO SEU VENTRE, A SUA CRIANÇA.

DEPOIS DE TER ESFREGADO O SOALHO DE MADEIRA COM SABÃO, EMELIE LEVANTOU-SE COM GRANDE ESFORÇO. TODOS OS TAPETES ESTAVAM PENDURADOS LÁ FORA, A AREJAR COM A BRISA DO MAR. LAVARA-OS

BEM LAVADOS NA PRIMAVERA. DURANTE TODO O INVERNO, EMELIE GUARDARA AS CINZAS DA LAREIRA PARA AJUDAR NA LAVAGEM. PORÉM, POR CAUSA DA GRAVIDEZ E DO CANSAÇO QUE SENTIU DURANTE TODA A PRIMAVERA E VERÃO, RESOLVERA SIMPLEMENTE AREJAR OS TAPETES. A CRIANÇA DEVERIA NASCER EM NOVEMBRO. TALVEZ TIVESSE FORÇAS PARA OS LAVAR NA ALTURA DO NATAL, SE TUDO CORRESSE BEM.

EMELIE ALONGOU AS COSTAS DORIDAS E ABRIU A PORTA DA FRENTE. CONTORNOU A CASA E DEPOIS PERMITIU-SE FAZER UMA PAUSA E DESCANSAR POR UM MOMENTO. AQUELE SÍTIO DA ILHA ENCHIA-A DE ORGULHO E ALEGRIA: O JARDIM QUE TINHA TÃO CUIDADOSAMENTE CULTIVADO NAQUELE AMBIENTE AUSTERO E DESOLADO. ANETO, SALSA E CEBOLINHO FORAM CRESCENDO ENTRE AS MALVAS E AS DICENTRAS. O PEQUENO JARDIM ERA TÃO DOLOROSAMENTE BELO NO MEIO DAQUELE CENÁRIO CINZENTO E ESTÉRIL, QUE EMELIE SENTIA UMA PONTADA DE CADA VEZ QUE DOBRAVA A ESQUINA E O AVISTAVA. AQUELE PEQUENO PEDAÇO DE TERRA ERA SEU, TINHA-O CRIADO SOZINHA. TUDO O RESTO NA ILHA PERTENCIA A KARL E A JULIAN. OS DOIS HOMENS ESTAVAM SEMPRE EM MOVIMENTO. QUANDO NÃO ESTAVAM A FAZER OS SEUS TURNOS NO FAROL OU A DORMIR, MARTELAVAM, CONSTRUÍAM E SERRAVAM. NÃO ERAM PREGUIÇOSOS — EMELIE TINHA DE ADMITI-LO —, MAS TODA AQUELA ATIVIDADE TINHA ALGO DE FRENÉTICO, O MODO COMO LUTAVAM RESOLUTAMENTE CONTRA O VENTO E A ÁGUA DO MAR QUE IMPIEDOSAMENTE DESTRUÍAM TUDO O QUE TINHAM ACABADO DE

CONCERTAR.

— A PORTA ESTÁ ABERTA. — KARL DOBROU A ESQUINA, ATURDINDO-A DE TAL MODO QUE EMELIE LEVOU A MÃO À BARRIGA. — QUANTAS VEZES JÁ TE DISSE PARA FECHARES A PORTA? É ASSIM TÃO DIFÍCIL DE PERCEBER?

ESTAVA ZANGADO. EMELIE SABIA QUE O MARIDO TINHA ESTADO A FAZER O TURNO DA NOITE NO FAROL E A FADIGA TORNAVA-LHE OS OLHOS MAIS ESCUROS DO QUE ERAM NA REALIDADE. ASSUSTADA, ENCOLHEU-SE DIANTE DO SEU OLHAR.

— DESCULPA, PENSEI QUE...

— PENSASTE? ÉS UMA ESTÚPIDA. NEM SEQUER ÉS CAPAZ DE FECHAR A PORTA. NÃO FAZES MAIS NADA A NÃO SER PERDER TEMPO, EM VEZ DE FAZERES O QUE DEVIAS. JULIAN E EU TRABALHAMOS QUE NEM ESCRAVOS, DIA E NOITE, ENQUANTO TU DESPERDIÇAS O TEU TEMPO NISTO — KARL DEU UM PASSO EM FRENTE E, ANTES QUE EMELIE PUDESSE REAGIR, ARRANCOU PELA RAIZ UMA MALVA QUE ESTAVA A DESPONTAR.

— NÃO, KARL! NÃO FAÇAS ISSO! — EMELIE NÃO PAROU PARA PENSAR. TUDO O QUE PODIA VER ERA O TALO PENDENTE DO PUNHO FECHADO DO MARIDO, COMO SE KARL ESTIVESSE LENTAMENTE A ESTRANGULÁ-LO. AGARROU-LHE O BRAÇO E TENTOU TIRAR-LHE A FLOR.

— QUE ESTÁS TU A FAZER, MULHER? — ROSNOU KARL.

TINHA O ROSTO PÁLIDO E EMELIE VIU AQUELA ESTRANHA MISTURA DE ÓDIO E DESESPERO NOS OLHOS DELE QUANDO KARL ERGUEU A MÃO PARA LHE BATER. ERA COMO SE ELE ESTIVESSE À ESPERA DE QUE O GOLPE FOSSE ALIVIAR O SEU TORMENTO, PORÉM FICAVA SEMPRE DESAPONTADO. SE AO MENOS EMELIE SOUBESSE O MOTIVO DA AGONIA DO MARIDO E PORQUE PARECIA SER ELA A SUA CAUSA.

DESSA VEZ, EM VEZ DE RECUAR, EMELIE ENCHEU-SE DE CORAGEM E VIROU O ROSTO PARA RECEBER A BOFETADA QUE SABIA ESTAR A CAMINHO. MAS A MÃO DE KARL PAROU NO AR. EMELIE OLHOU PARA ELE COM

SURPRESA E DEPOIS SEGUIU O OLHAR ESGAZEADO DO MARIDO, QUE ESTAVA CRAVADO NO MAR E EM FJÄLLBACKA, MAIS AO FUNDO.

— VEM AÍ ALGUÉM... — DISSE EMELIE.

JÁ VIVIA NAQUELA ILHA HÁ QUASE UM ANO E NUNCA TINHAM TIDO VISITAS. ALÉM DE KARL E DE JULIAN, EMELIE NÃO TINHA VISTO

UMA ALMA DESDE O DIA EM QUE ENTRARA NO BARCO QUE A LEVARIA A GRÅSKÄR.

— PARECE QUE É O PASTOR. — KARL BAIXOU A MÃO QUE SEGURAVA A MALVA. OLHOU PARA A FLOR, COMO QUE A PERGUNTAR-SE COMO LHE TINHA IDO PARAR À MÃO. ENTÃO DEIXOU-A CAIR E LIMPOU NERVOSAMENTE AS MÃOS ÀS CALÇAS.

— POR QUE É QUE HAVERIA O PASTOR DE VIR AQUI?

EMELIE REPAROU NO MEDO NOS OLHOS DO MARIDO E, POR UM MOMENTO, NÃO PÔDE DEIXAR DE TER PRAZER NISSO. MAS DEPOIS AMALDIÇOOU-SE POR SE SENTIR ASSIM. KARL ERA O SEU MARIDO E A BÍBLIA DIZIA QUE A MULHER DEVIA HONRAR O SEU MARIDO. INDEPENDENTEMENTE DO QUE FIZESSE, DE COMO A TRATASSE, EMELIE TINHA DE OBEDECER ÀQUELE MANDAMENTO.

O BARCO QUE TRANSPORTAVA O PASTOR APROXIMOU-SE. QUANDO ESTAVA APENAS A ALGUMAS CENTENAS DE METROS DO CAIS, KARL ERGUEU A MÃO PARA O SAUDAR E DESCEU PARA RECEBER O VISITANTE. O CORAÇÃO DE EMELIE MARTELAVA-LHE O PEITO. SERIA BOM OU MAU O PASTOR TER APARECIDO DE FORMA TÃO INESPERADA? PÔS A MÃO PROTETORA SOBRE A BARRIGA. TAMBÉM SENTIA O MEDO A AGITAR-SE ALI DENTRO.

PATRIK ESTAVA ABORRECIDO POR NÃO TER conseguido fazer muita coisa no dia anterior. Embora fosse domingo, tinha ido à delegacia e elaborado um relatório sobre o barco desaparecido. Depois verificara se fora posto à venda no site Blocket ou nalguma outra lista de anúncios classificados online. Mas não encontrou nada. Mais tarde falou com Paula e pediu-lhe para passar em revista o conteúdo da pasta de Sverin. Dera uma rápida vista de olhos ao interior, só para se certificar de que o computador portátil estava lá, junto com um punhado de documentos. Pela primeira vez tinham tido a sorte do seu lado naquela investigação. A pasta também continha um celular.

Na segunda-feira de manhã, ansioso por fazer progressos nesse mesmo dia, Patrik convocou Martin e depois encaminharam-se os dois para o carro, para fazerem a viagem até Gotemburgo.

— Por onde começamos? — perguntou Martin. Seguia no lugar do morto, como de costume, embora tivesse dado o seu melhor para tentar persuadir Patrik a deixá-lo conduzir.

— Pelos escritórios da Segurança Social, acho eu. Liguei para lá na sexta-feira e disse-lhes que devíamos chegar por volta das dez da manhã.

— Então e o Refúgio? Já tens mais perguntas para fazer à diretora?

— Espero que consigamos descobrir um pouco mais acerca deles na Segurança Social. Com sorte, talvez nos possam dar uma pista.

— E a ex-namorada de Sverin? Ele disse-lhe alguma coisa? — Martin não tirava os olhos da estrada, agarrando-se instintivamente à pega por cima da porta quando Patrik fez uma manobra arriscada para ultrapassar um camião TIR.

— Não. Ficamos na mesma. Mas já foi bom ter-nos dado a pasta, claro. E isso pode vir a revelar-se uma descoberta produtiva, mas não saberemos até Paula examinar todo o conteúdo. Não vamos mexer no portátil, uma vez que não fazemos ideia da senha. Vamos ter de enviá-lo aos peritos informáticos.

— Como é que Nathalie reagiu à morte de Sverin?

— Ficou muito abalada. Vê-se que é uma mulher muito fragilizada. Mas não é uma pessoa fácil de decifrar.

— Não é aqui que saímos? — Martin apontou para uma saída e Patrik praguejou enquanto virava o volante tão bruscamente que o veículo que seguia atrás quase os abalroou.

— Caramba, Patrik — disse Martin, pálido como cera.

Dez minutos mais tarde chegaram ao edifício da Segurança Social e foram imediatamente conduzidos ao gabinete do diretor, que se apresentou como Sven

Barkman. Após as cortesias habituais, todos se sentaram a uma mesa de conferências redonda. Barkman era um homem baixo e franzino, com um rosto delgado. Uma pera enfatizava-lhe ainda mais o queixo proeminente. Patrik imaginou imediatamente o Professor Girassol de As Aventuras de Tintin, pois a semelhança era impressionante. Mas a voz do homem não correspondia ao seu aspeto, o que surpreendeu os dois agentes. Barkman tinha uma voz grave e profunda que parecia encher a sala. Poderia ter sido um bom cantor, e, quando Patrik olhou em redor, confirmou essa impressão. Uma série de fotografias, certificados e prêmios testemunhavam que Sven Barkman pertencia a um coro. Patrik não reconheceu o nome do grupo, mas era evidente que tinha muito sucesso.

— Creio que têm algumas perguntas acerca da associação Refúgio, não é? — perguntou Sven, inclinando-se para a frente. — Posso perguntar por quê? Somos extremamente cautelosos e exigentes em relação às organizações de solidariedade social com as quais temos ligações; é natural que fiquemos um pouco preocupados quando a polícia nos vem fazer perguntas sobre elas. Além disso, o Refúgio tem uma abordagem invulgar, como já devem ter tido conhecimento. E, para ser franco, fiscalizamos o trabalho deles um pouco mais pormenorizadamente do que as atividades de outras organizações.

— Refere-se ao facto de haver homens e mulheres a trabalhar no apoio às vítimas de violência doméstica?

— Sim. Essa não é a norma. Leila Sundgren arriscou realmente o pescoço com esta sua experiência, mas nós a apoiamos.

— Não há qualquer motivo para alarme. Um ex-funcionário do Refúgio foi assassinado e nós estamos a tentar descobrir mais sobre a vida dele. Como fez parte do Refúgio até há quatro meses e tendo em conta o gênero de trabalho que desempenhava, estamos a investigar mais aprofundadamente a organização. Mas não temos nenhum motivo para crer que haja qualquer irregularidade.

— Folgo em sabê-lo. Ora bem, vamos lá então ver... — Sven começou a folhear os documentos que tinha em cima da secretária enquanto cantarolava baixinho. — Sim, bem... hum... ah, pois é verdade. — Sven continuou a falar com os seus botões enquanto Patrik e Martin esperavam pacientemente. — Certo, agora já tenho uma ideia mais clara. Só precisava de refrescar a memória. Trabalhamos com o Refúgio há cinco anos, ou cinco anos e meio, para ser exato. E suponho que, uma vez que se trata de uma investigação de homicídio, devo ser o mais preciso possível — disse Sven com uma risada grave e cadenciada. — O número de casos que lhes entregamos aumentou acentuadamente. Claro que a princípio fomos cautelosos, porque tivemos de ter certeza de que a nossa colaboração com a organização estava a funcionar corretamente. Durante o ano passado encaminhamos quatro mulheres para o Refúgio. Ao todo, diria que a organização apoia cerca de trinta mulheres por

ano — Sven ergueu os olhos, aparentemente à espera de uma pergunta acerca do que acabara de dizer.

— Pode explicar-nos o processo? Que tipo de casos vão parar ao Refúgio? Parece ser uma medida extrema e suponho que primeiro tentem outras soluções — disse Martin.

— Tem toda a razão. Trabalhamos intensivamente com diferentes casos deste tipo e as organizações como o Refúgio são um último recurso. Às vezes descobrimos muito cedo que há problemas no seio de determinada família. Mas há casos em que demoramos bastante tempo a identificar os sinais de alarme.

— O que seria um caso típico?

— É difícil responder a essa pergunta. Vou dar-vos um exemplo. Digamos que recebemos uma chamada de uma escola a falar de uma criança que parece não estar bem. O nosso passo seguinte é acompanhar a situação através de várias medidas, incluindo uma visita à família, para avaliar a situação. Verificaríamos igualmente se não havia documentação que não tivéssemos valorizado antes.

— Documentação? — perguntou Patrik.

— Sim. A criança pode ter passado diversas vezes pelo hospital e, quando se confronta essa informação com os relatórios da escola, começa a emergir um padrão. Depois juntamos o máximo de informações possível. De início, tentamos trabalhar com a família na sua situação atual, o que nem sempre é bem-sucedido. Como eu disse, ajudar uma mulher e os seus filhos a fugir é um último recurso. Infelizmente, é mais frequente do que desejaríamos.

— Como é que funciona, na prática, quando a Segurança Social tem de recorrer a grupos como o Refúgio?

— Contatamo-los diretamente, em vez de enviar um relatório por escrito — respondeu Sven. — Leila Sundgren é o nosso principal contacto no Refúgio. Costumamos encontrar-nos pessoalmente para lhe fornecer os antecedentes relativos ao caso e debater a situação da mulher em questão.

— O Refúgio já recusou algum caso? — perguntou Patrik, mudando de posição. A cadeira em que estava sentado era extremamente desconfortável.

— Isso nunca aconteceu. Como há crianças no abrigo, o Refúgio não aceita mulheres viciadas em drogas ou que tenham problemas psicológicos graves. Mas nós sabemos isso, portanto não lhes encaminhamos esse tipo de casos. Encontramos outros abrigos para essas mulheres. Por isso, não, a associação nunca se recusou a albergar nenhuma mulher.

— Que acontece a partir do momento em que o Refúgio aceita tomar conta do caso? — perguntou Patrik.

— Primeiro vamos falar com a mulher e deixamos uma pessoa para contato. Como é óbvio, o mais discretamente possível. A ideia é ficarem seguras e que

ninguém possa encontrá-las.

— E mais tarde? Costumam ter problemas no vosso serviço? Imagino que alguns homens ficam muito irritados quando descobrem que a mulher e os filhos desapareceram — disse Martin.

— Sim, mas não desaparecem para sempre. Isso seria ilegal. Não se pode esconder uma criança do pai, porque o pai tem o direito de contestar tais atos. Mas recebemos a nossa quota-parte de ameaças aqui no escritório e, de vez em quando, temos de contactar a polícia. Até agora não aconteceu nada de grave. E faço figas para que não venha a acontecer.

— E como fazem o acompanhamento do caso? — insistiu Martin.

— O caso continua conosco e mantemo-nos permanentemente em contacto com a organização em questão. O nosso objetivo é chegar a uma solução pacífica. Na maioria dos casos, isso não é possível, mas temos algumas histórias de sucesso.

— Já ouvi falar de casos em que as mulheres receberam a ajuda deste tipo de organização para fugirem do país. Sabe alguma coisa sobre isso? Já houve alguma mulher que tivesse desaparecido? — perguntou Patrik.

Sven contorceu-se um pouco na cadeira.

— Sei a que se refere. Também leio os jornais. Já houve alguns casos em que as mulheres com quem trabalhamos desapareceram, mas não temos forma de provar que foram ajudadas a fazê-lo por uma determinada organização. Só podemos assumir que encontraram uma maneira de sair do país por conta própria.

— Podemos falar off the record por um momento?

— Off the record, acho mesmo que recebem ajuda de algumas organizações. Mas, como não temos nenhuma prova, não há nada que possamos fazer quanto a isso.

— Alguma das mulheres cujo caso entregaram ao Refúgio desapareceu? Por um momento, Sven não respondeu. Então, respirou fundo e admitiu:

— Sim.

Patrik decidiu deixar cair o assunto. Provavelmente seria mais produtivo perguntar diretamente no Refúgio. A Segurança Social parecia funcionar sob a máxima “Quanto menos soubermos, melhor”. E tinha dúvidas de que Sven Barkman os pudesse ajudar mais.

— Agradecemos o tempo que nos disponibilizou. A menos que haja alguma pergunta que queiras fazer. — Patrik olhou para Martin, que abanou a cabeça.

No regresso ao carro, Patrik sentiu-se abatido. Não fazia ideia de que havia tantas mulheres a ser forçadas a fugir de casa. A única estatística que lhe fora fornecida tinha que ver com os casos que envolviam a associação Refúgio e isso era apenas a ponta do icebergue.

Erica não conseguia parar de pensar em Nathalie. Por um lado, a ex-colega

era a mesma pessoa, mas por outro tinha mudado muito. Era uma pálida cópia de si mesma e estava terrivelmente preocupada com alguma coisa. A aura dourada que a envolvera na escola tinha desaparecido, embora Nathalie continuasse tão bela e completamente inacessível como dantes. Era como se algo dentro dela se tivesse esfumado. Erica tinha dificuldade em descrevê-lo. Apenas sabia que o encontro com Nathalie a deixara triste.

Empurrou o carrinho, parando várias vezes na Galärbacken.

— Mamãe cansada? — perguntou Maja, que seguia alegremente empoleirada na plataforma do carrinho dos gêmeos. Os bebês tinham acabado de adormecer e, com sorte, assim permaneceriam por mais uma hora.

— Sim, a mamãe está cansada — respondeu Erica à filha. Respirava com tanta dificuldade que podia ouvir uma chiadeira vinda do peito.

— Anda, mamãe — disse Maja, saltitando na plataforma para encorajar a mãe.

— Obrigada, querida. — Erica ganhou coragem para empurrar o carrinho durante a última parte do percurso, diante da loja de tecidos.

Depois de deixar Maja no infantário, Erica ia a caminho de casa quando lhe ocorreu uma ideia. A sua curiosidade tinha sido despertada pela visita a Gråskär. A longa sombra do farol e a expressão de Nathalie quando falavam sobre a ilha e os seus fantasmas tinham deixado Erica a cismar. Porque não tentar descobrir um pouco mais?

Virando o carrinho, Erica começou a caminhar em direção à biblioteca. Não tinha nada para fazer o dia todo e podia perfeitamente aproveitar enquanto os gêmeos estavam a dormir para pesquisar um pouco. Pelo menos isso parecia-lhe mais produtivo do que ficar sentada no sofá a ver Oprah ou Rachel Ray⁵.

— Olá, bons olhos te vejam! — May, a bibliotecária, sorriu quando Erica parou o carrinho do lado de dentro da entrada principal, tendo o cuidado de o afastar um pouco para o lado para não estorvar quem entrava ou saía. Por sorte, a biblioteca estava completamente deserta. Como tal, não precisava de disputar o espaço com mais ninguém.

— E trouxeste os teus gêmeos adoráveis — disse May, inclinando-se para olhar para dentro do carrinho. — São mesmo lindos. E portam-se bem?

— Como anjinhos — respondeu Erica com sinceridade. Porque realmente não podia queixar-se. Não lhes davam os problemas que Maja dera quando era bebê. Provavelmente por causa da sua própria atitude. Quando os meninos acordavam a meio da noite e começavam a chorar, sentia apenas gratidão em vez de medo. Além disso, as crianças raramente faziam birras e acordavam apenas uma vez por noite, quando tinham fome.

— Bem, conheces os cantos à casa, por isso estás à vontade. Chama-me se

precisares de alguma ajuda. Estás a trabalhar num novo livro? — perguntou May, olhando para Erica com expectativa.

Para grande alegria de Erica, a cidade inteira tinha orgulho nos seus livros e seguia a sua obra com grande interesse.

— Não, ainda não comecei outro. Vim aqui pesquisar um pouco sobre um assunto em que tenho andado a matutar.

— A sério? Qual é o tema?

Erica riu-se. Os habitantes de Fjällbacka não eram conhecidos pela sua timidez. O seu princípio orientador parecia ser: “Se não perguntar, nunca vai descobrir.” E Erica não tinha quaisquer problemas com essa atitude. Ela própria era mais curiosa do que a maioria das pessoas, como Patrik nunca deixava de salientar.

— Estava a pensar procurar livros sobre o arquipélago. Queria ler qualquer coisa sobre a história de Gråskär.

— A Ilha dos Espíritos? — disse May, dirigindo-se às estantes ao fundo da sala. — Quer dizer que estás interessada em histórias de fantasmas? Nesse caso, devias ter uma conversa com Stellan, de Nolbotten. E Karl-Allen Nordblom sabe muito sobre o arquipélago.

— Obrigada. Primeiro vou ver o que consigo descobrir por aqui. Tinha interesse em encontrar livros sobre fantasmas, acerca da história dos faróis e coisas do género. Achas que tens algum sobre estes temas?

— Hum... — May estudava as estantes. Tirou um volume, folheou-o rapidamente e voltou a colocá-lo na estante. Tirou outro, passou os olhos pelo índice e pô-lo debaixo do braço. Passados alguns minutos, May encontrou quatro livros que entregou a Erica.

— Estes podem ser-te úteis. Não vai ser fácil encontrar livros especificamente sobre Gråskär, mas podes falar com o pessoal do Museu de Bohuslän — disse May enquanto tomava o seu lugar por detrás do balcão da biblioteca.

— Vou começar por estes — disse Erica, apontando para os quatro livros que tinha na mão. Depois de certificar-se de que os gêmeos ainda estavam a dormir, sentou-se e começou a ler.

— O que é isso? — os colegas de turma tinham-se reunido em torno deles no pátio da escola e Jon sentiu a emoção de ser o centro das atenções.

— Fui eu que o encontrei. Acho que são doces — disse Jon, segurando orgulhosamente o saco. Melker deu-lhe um empurrão.

— Qual é a tua? Encontrámo-lo os dois.

— Tiraste isso de um contentor? Bem, que nojo! Deita isso fora, Jon — Lisa franziu o nariz e depois afastou-se.

— Mas isto está dentro de um saco — disse Jon, abrindo-o cuidadosamente.

— Além disso, estava num caixote do lixo e não num contentor.

As garotas eram tão patéticas. Quando era mais novo, Jon tinha brincado muito com as garotas, mas desde que andava na escola que as coisas tinham mudado e agora pareciam-lhe seres completamente diferentes. Como se tivessem sido dominadas por extraterrestres. Passavam o tempo em grande algazarra e a dar risadinhas.

— As garotas são tão parvas — disse em voz alta, e todos os outros rapazes que se aglomeravam em seu redor concordaram. Sabiam perfeitamente o que Jon queria dizer. Os doces não tinham qualquer problema só por estarem num caixote do lixo.

— Além disso estão dentro de um saco — exclamou Melker, como um eco do que Jon tinha dito. Todos os rapazes assentiram.

Tinha esperado pela hora de almoço para recuperar o saco. Os doces eram proibidos na escola, por isso aquele achado parecia particularmente emocionante — parecia alcaçuz branco em pó como o que vinha numas latas em forma de disco de hóquei. O facto de terem descoberto sozinhos os doces que alguém deitara fora fazia-os sentirem-se aventureiros, como Indiana Jones. Jon, ou melhor, Jon, Melker e Jack seriam os heróis do dia. Agora era apenas uma questão de decidir quanto teriam de partilhar com os outros, a fim de manterem o estatuto de heróis. Os outros rapazes ficariam zangados se não tivessem direito a nada. Mas se lhes dessem demasiado, não sobraria o suficiente para os três.

— Todos podem provar. Cada um pode pôr o dedo no saco três vezes — acabou por decidir Jon. — Mas nós começamos, porque fomos nós que encontramos o saco.

Melker e Jack lamberam solenemente os indicadores e, em seguida, enfiaram as mãos no saco. Os dedos ficaram cobertos de pó branco e, com ar satisfeito, enfiaram-nos na boca. Será que aquilo tinha um gosto salgado, como o alcaçuz em pó? Ou amargo, como aquelas gomas redondas? Ficaram muitíssimo desapontados.

— Não sabe a nada. Achas que é farinha? — perguntou Melker, afastando-se.

Jon olhou com desânimo para o saco. Lambeu o dedo como os outros tinham feito e enfiou-o bem dentro do saco de pó. Esperando que Melker não tivesse razão, enfiou o dedo na boca. Não sabia a nada. Absolutamente nada. Mas Jon sentiu um leve formigueiro na língua. Furioso, lançou o saco para um caixote do lixo e dirigiu-se para a escola. Tinha uma sensação estranha na boca. Deitou a língua de fora e limpou-a à manga da camisa, mas isso não ajudou. O coração começou a bater muito depressa. Jon estava a transpirar e as pernas não pareciam querer obedecer-lhe. Pelo canto do olho, viu que Melker e Jack tinham caído ao chão. Deviam ter tropeçado em alguma coisa, ou então estavam só a brincar. Então, Jon sentiu o chão

a aproximar-se rapidamente. E tudo ficou escuro mesmo antes de atingir o passeio.

Paula lamentava que Patrik não a tivesse levado com ele a Gotemburgo em vez de Martin. Por outro lado, assim podia examinar o conteúdo da pasta de Mats Sverin em paz e sossego. Tinha enviado imediatamente o portátil aos técnicos informáticos, que percebiam cem vezes mais de computadores do que ela e saberiam como lidar adequadamente com o aparelho.

— Soube que encontraram a pasta — disse Gösta, enfiando a cabeça pela porta entreaberta do gabinete de Paula.

— Pois foi. Tenho-a aqui. — Paula apontou para a pasta de pele castanha em cima da secretária.

— Já tiveste oportunidade de examiná-la? — Gösta entrou, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da colega.

— Bem, ainda não fiz muito mais do que tirar o portátil de Sverin da pasta e enviá-lo aos técnicos informáticos.

— Bem pensado. É melhor que sejam eles a tratar disso. Mas temo que ainda demorem algum tempo a dizer-nos alguma coisa — acrescentou Gösta com um suspiro.

— Quanto a isso, não podemos fazer grande coisa. Não queria correr o risco de destruir os dados sendo eu a fazê-lo sozinha. Mas dei uma olhadela ao celular. Não demorou muito. Sverin quase não tinha números guardados e só há registo de chamadas da câmara municipal e dos pais. Não há fotos nem mensagens de texto gravadas.

— Um tipo bem estranho, esse Sverin — comentou Gösta. Em seguida, apontou para a pasta. — Então, vamos dar uma vista de olhos ao resto?

Paula puxou a pasta para si e começou cautelosamente a esvaziá-la. Espalhou todo o conteúdo sobre a secretária, à frente dos dois. Quando teve certeza de que a pasta estava completamente vazia, pousou-a no chão. Estavam agora a olhar para várias esferográficas, uma calculadora de bolso, cliques, um pacote de pastilhas elásticas Stimorol e um espesso maço de documentos.

— Vamos dividi-los? — Paula pegou nos documentos, lançando um olhar interrogativo ao colega. — Fico com metade e tu ficas com o resto, pode ser?

— Tudo bem — respondeu Gösta, alcançando a sua parte dos documentos. Pôs os papéis no colo e começou a folheá-los enquanto cantarolava baixinho para si próprio.

— Será que não podias levá-los para o teu gabinete?

— Ah, sim, claro. — Gösta levantou-se e foi para o seu gabinete, que ficava mesmo ao lado.

Quando ficou sozinha, Paula começou a ler os documentos. Franzia cada vez mais a testa à medida que ia virando as páginas. Depois de meia hora de leitura

intensa, levantou-se e foi até o gabinete de Gösta.

— Percebes alguma coisa disto?

— Não, nem uma palavra. É apenas um monte de números e termos que não consigo decifrar. Vamos ter de pedir a alguém para nos ajudar com isto. Mas a quem?

— Não sei — disse Paula. Esperava apresentar as suas descobertas a Patrik quando o colega chegasse de Gotemburgo. Mas os termos financeiros utilizados nos documentos não significavam nada para ela.

— Não podemos perguntar a ninguém da câmara municipal, porque provavelmente são parte interessada. Do que precisamos é de um estranho que esteja disposto a dar uma vista de olhos e a explicar-nos o que tudo isto significa. Podíamos enviar os documentos à divisão de crimes económicos, claro, mas então teríamos de ficar à espera da resposta.

— Receio não conhecer nenhum economista.

— Nem eu — disse Paula, tamborilando na ombreira da porta.

— Que tal Lennart? — sugeriu de repente Gösta com um ar satisfeitiíssimo.

— Qual Lennart?

— O marido de Annika. Não é economista?

— Tens razão — disse Paula, parando de tamborilar. — Anda. Vamos pedir a Annika para falar com ele — acrescentou, recolhendo os documentos e dirigindo-se à recepção com Gösta na sua cola.

— Annika? — Paula bateu ao de leve na porta aberta. Annika fez girar a sua cadeira e sorriu ao ver Paula.

— Sim? Posso ajudar-te com alguma coisa?

— O teu marido é economista, não é?

— Sim, Lennart é economista — respondeu Annika, confusa. — É o diretor financeiro da Extra-Film.

— Achas que Lennart poderia ajudar-nos? Isto estava na pasta de Mats Sverin — Paula sacudiu o maço de documentos. — São documentos financeiros. Gösta e eu estamos completamente à nora e precisamos de ajuda para descobrir o que dizem e se têm algum interesse para a investigação. Achas que Lennart estaria disposto a dar-lhes uma vista de olhos?

— Posso perguntar-lhe. Se ele concordar, quando precisariam da ajuda dele?

— Hoje mesmo! — responderam Gösta e Paula ao mesmo tempo. Annika riu-se.

— Vou telefonar-lhe. Tenho certeza de que não vai haver problema. Só precisam de fazer chegar os documentos ao escritório dele.

— Posso levar lá agora mesmo — disse Paula.

Esperaram enquanto Annika falava com o marido. Tinham-se encontrado

várias vezes com Lennart, quando passava pela delegacia para visitar Annika, e era impossível não gostar daquele homem. Media quase dois metros e era a pessoa mais simpática que se podia imaginar. Após muitos anos de tentativas sem sucesso para terem um filho, Annika e Lennart tinham descoberto que podiam adotar uma bebê chinesa, de modo que ambos tinham agora um brilho novo nos olhos.

— Okay. Lennart disse que lhe podes ir lá levar os documentos. De momento não está muito ocupado, por isso prometeu dar-lhes uma vista de olhos imediatamente.

— Excelente! Obrigada! — Paula lançou-lhe um sorriso rasgado e até mesmo Gösta conseguiu esboçar um leve sorriso, que lhe transformou completamente o rosto quase sempre sombrio.

Paula apressou-se para a saída e entrou no carro. Demorou apenas alguns minutos a chegar ao escritório de Lennart e a entregar os documentos, e fez toda a viagem de regresso a assobiar alegremente. Mas parou abruptamente de assobiar quando estacionou à frente da delegacia. Gösta estava do lado de fora, à sua espera. E, a julgar pela expressão do colega, algo tinha acontecido.

ooo

Leila abriu a porta vestindo as mesmas calças de ganga coçadas com que os tinha recebido da última vez, assim como uma camisola igualmente folgada, embora desta vez fosse cinzenta em vez de branca. Em torno do pescoço tinha uma comprida corrente de prata com um amuleto em forma de coração.

— Entrem — disse a diretora do Refúgio, conduzindo-os ao seu gabinete. Estava tão arrumado como da última vez que ali tinham estado e Patrik perguntou a si próprio como é que algumas pessoas conseguiam manter tudo tão organizado. Por mais que tentasse fazê-lo, era como se sorrateiramente entrassem gremlins no gabinete e desarrumassem tudo mal desviava os olhos.

Leila apertou a mão a Martin e apresentou-se antes de se sentarem. Martin lançou um olhar interessado aos desenhos das crianças nas paredes.

— Já descobriram quem matou Matte? — perguntou Leila.

— Estamos a explorar várias linhas de investigação, mas por enquanto não temos nada a relatar — disse evasivamente Patrik.

— Mas, uma vez que estão cá outra vez, calculo que julguem que a morte dele tem algo que ver conosco — disse Leila. Os dedos brincaram com o colar, traindo a agitação que sentia.

— Como eu disse, não fizemos grandes progressos. Estamos a investigar

diferentes pistas potenciais — afirmou calmamente Patrik. Estava habituado a que as pessoas ficassem nervosas quando ia falar com elas. Isso não significava necessariamente que tivessem alguma coisa a esconder. A mera presença de um agente da polícia era suficiente para provocar ansiedade. — Só queríamos fazer-lhe mais algumas perguntas e dar uma vista de olhos à documentação sobre as mulheres a quem deram abrigo enquanto Mats cá esteve a trabalhar.

— Não sei bem se posso concordar com isso. É uma informação sensível. Se divulgar essas informações, isso pode causar problemas às mulheres em questão.

— Compreendo, mas as informações estarão seguras conosco. E estamos a investigar um homicídio, portanto temos o direito de ver os documentos.

Leila fez uma pausa para refletir acerca das palavras de Patrik.

— Com certeza — disse por fim. — Mas preferia que os documentos não saíssem do escritório. Se estiverem dispostos a consultá-los aqui, então dou-vos acesso a tudo o que temos.

— Certo. Muito obrigado — respondeu Martin.

— Acabamos de ter uma reunião com Sven Barkman — disse Patrik.

Leila recomeçou imediatamente a remexer o colar. Inclinou-se em direção aos dois agentes enquanto falava.

— Estamos completamente dependentes de um bom relacionamento com a Segurança Social. Espero que não o tenham induzido a pensar que há alguma suspeição em relação à nossa organização. Já estamos numa posição muito difícil e algumas pessoas consideram-nos pouco ortodoxos.

— Não se preocupe, deixamos muito claro o propósito da nossa visita e enfatizamos que não há qualquer suspeição em relação ao Refúgio.

— Fico contente por sabê-lo — disse Leila, embora ainda parecesse pouco à vontade.

— Sven adiantou que a Segurança Social vos encaminha cerca de trinta casos por ano a partir das várias delegações. Concorda com este número?

— Sim, creio que foi esse o número que lhes forneci da última vez que aqui estiveram. — Leila cruzou as mãos sobre a secretária e a sua voz assumiu um tom mais profissional.

— Na sua opinião, quantos desses casos acabam por revelar-se... como hei de dizer... problemáticos?

Martin tinha feito a pergunta bruscamente mas com pertinência e Patrik tomou nota mentalmente para não se esquecer de dar mais margem de manobra ao colega naquelas situações.

— Suponho que esteja a referir-se aos homens que aparecem por aqui?

— Sim.

— Por acaso, nenhum. É raro os homens que agridem as mulheres ou os

filhos terem consciência de estar a agir mal. Aos olhos deles, a mulher é que é a culpada. É tudo uma questão de poder e controle. E, a ameaçarem alguém, as ameaças recaem sobre as mulheres, não sobre os centros de acolhimento.

— Mas há alguns homens que o fazem, não é? — insistiu Patrik.

— De facto há uns quantos todos os anos. Mas temos sobretudo conhecimento desses casos pelos funcionários da Segurança Social.

Patrik deteve-se num dos desenhos afixados na parede por detrás de Leila, mesmo sobre a cabeça da diretora. Uma figura gigantesca ao lado de duas mais pequenas. A figura grande tinha presas e um olhar zangado. Não conseguia compreender como é que alguém era capaz de bater numa mulher, quanto mais numa criança... Só de pensar que alguém poderia ser capaz de fazer mal a Erica ou aos filhos ficava com o estômago às voltas. Patrik aferrou-se aos braços da cadeira.

— Como lida com os seus casos? Vamos começar por aí.

— Conversamos com os assistentes sociais e eles resumem-nos o caso. Às vezes, a mulher vem falar conosco antes de dar entrada no centro. É frequente vir acompanhada por alguém da Segurança Social. Noutros casos vem de táxi ou é trazida por uma amiga.

— E que acontece depois? — perguntou Martin.

— Depende. Às vezes é suficiente que a mulher permaneça conosco por um tempo até a situação acalmar e depois os problemas ficam resolvidos. Noutras situações, quando achamos que é demasiado perigoso a mulher permanecer na mesma zona, temos de levá-la para outro centro de acolhimento. Podemos também oferecer apoio jurídico no sentido de manter o paradeiro da mulher desconhecido. Algumas dessas mulheres passaram anos a viver num estado de terror permanente. Podem apresentar muitos dos sintomas dos prisioneiros de guerra. Por exemplo, podem ser completamente incapazes de agir. Nesse caso, intervimos e ajudamo-las a tratar das questões práticas.

— E as questões psicológicas? — Patrik fitou o desenho da figura grande e escura com presas. — Também conseguem ajudar as mulheres quanto a isso?

— Não tanto quanto gostaríamos. É uma questão de recursos. Mas temos um bom relacionamento com vários psicólogos que nos oferecem os seus serviços. A nossa principal preocupação é conseguir apoio psicológico para as crianças.

— Recentemente têm aparecido muitas notícias nos jornais sobre mulheres que receberam ajuda para fugir do país e que são depois acusadas de sequestrar os filhos. Tem conhecimento de algum desses casos? — Patrik estudou atentamente Leila, mas a diretora do Refúgio não pareceu incomodada.

— Como eu disse, estamos dependentes de uma boa relação de trabalho com a Segurança Social. Não podemos dar-nos ao luxo de ir por esse caminho. Oferecemos o apoio que é permitido por lei. Claro que há mulheres que resolvem

agir por sua conta e desaparecem por iniciativa própria. Mas isso não é atitude que o Refúgio promova ou esteja disposto a apoiar.

Decidiu deixar cair aquele assunto. Leila pareceu suficientemente convincente, por isso Patrik sentiu que não iria muito mais longe se continuasse a pressioná-la.

— Então e os poucos casos que vos trazem problemas? São esses que vos fazem levar as mulheres para um centro de acolhimento diferente? — perguntou Martin.

Leila assentiu.

— Exatamente.

— De que problemas é que estamos a falar? — Patrik sentiu o celular a vibrar no bolso. Quem quer que estivesse a tentar contactá-lo teria de esperar.

— Já tivemos casos em que os homens descobriram onde fica a nossa sede. Seguindo os nossos funcionários, por exemplo. Cada vez que há algum problema, aprendemos alguma coisa com a experiência e melhoramos as nossas medidas de segurança. Mas nunca devemos subestimar quão obcecados podem ser esses homens.

O celular continuava a vibrar e Patrik pôs a mão sobre o bolso para silenciar o ruído.

— Mats Sverin esteve especificamente envolvido em algum desses incidentes?

— Não. Fazemos questão de insistir que nenhum dos membros da nossa equipe se envolva demasiado em nenhum caso concreto. Estabelecemos um sistema que pressupõe que, passado algum tempo, a mulher seja acompanhada por outra pessoa.

— Isso não dá às mulheres uma maior sensação de insegurança? — O celular recomeçara a vibrar e Patrik estava a ficar irritado. Seria assim tão difícil perceber que de momento não podia atender a chamada?

— Talvez, mas é importante, pois permite-nos manter o distanciamento. As relações pessoais e o envolvimento só iriam aumentar o risco para as mulheres. É para o bem delas que trabalhamos desta forma.

— E qual é o grau de segurança da nova morada, quando as mulheres são levadas para outro sítio? — Martin mudara de rumo depois de lançar um olhar interrogativo a Patrik.

Leila suspirou.

— Infelizmente, não dispomos de recursos na Suécia para fornecer a segurança de que essas mulheres necessitam. Como eu disse, costumamos levá-las para um centro de acolhimento noutra cidade e mantemos os seus dados pessoais em completo sigilo. Também entregamos às mulheres, em colaboração com a polícia,

um dispositivo que emite um sinal de alarme.

— E como funcionam esses dispositivos? Nunca trabalhamos com isso em Tanumshede.

— Estão ligados à central de emergência da polícia. Se alguém pressiona o botão, a polícia é imediatamente notificada. Ao mesmo tempo, o altifalante do telefone a que esteja associado é ativado e assim a polícia pode ouvir o que está a acontecer em casa da vítima.

— Então e os aspetos legais? A guarda dos filhos, por exemplo? As mulheres não têm de comparecer no tribunal? — perguntou Patrik.

— Isso pode ser tratado por um representante legal; é fácil de resolver — Leila esticou a mão para compor um caracol atrás da orelha. Tinha o cabelo cortado à page.

— Gostaríamos então de consultar os casos mais problemáticos com que lidaram quando Mats esteve aqui a trabalhar — disse Patrik.

— Okay. Mas os casos não estão classificados individualmente e nem tudo está acessível. Apenas conservamos os documentos durante um ano e quando as mulheres se vão embora dos centros de acolhimento enviamos a maior parte da papelada à Segurança Social. Vou buscar tudo o que temos. Podem consultá-los à vontade para ver se descobrem alguma coisa — Leila ergueu um dedo em sinal de advertência. — Como eu disse, não gostaria que saísse nada deste gabinete, por isso vão ter de tomar notas. — A diretora do Refúgio levantou-se e dirigiu-se para os arquivadores.

— Aqui está — disse, colocando cerca de vinte pastas à frente dos dois agentes. — Agora vou sair para almoçar, e assim podem consultar os arquivos à vontade sem serem incomodados. Volto daqui a uma hora, para o caso de terem alguma pergunta.

— Obrigado — disse Patrik, lançando um olhar desanimado à pilha de arquivos. Aquilo ia demorar e

Patrik e Martin nem sequer sabiam do que estavam à procura.

Erica não conseguiu ficar muito tempo na biblioteca, pois os gêmeos decidiram fazer apenas uma breve sesta. Mas ao menos já tinha material por onde começar a pesquisa. Quando escrevia sobre crimes reais, Erica tinha de passar longas horas a fazer pesquisas meticolosas, o que achava tão interessante como o verdadeiro processo de escrita. E agora queria continuar a investigar as lendas da Ilha dos Espíritos.

Teve de forçar-se a pôr de lado todos os pensamentos sobre Gråskär, porque assim que virou o carrinho para o acesso para carros da sua casa em Sälvik os gêmeos desataram a chorar muito alto. Estavam com fome. Erica entrou apressadamente em casa e preparou rapidamente dois biberões, sentindo-se culpada

pela alegria de não ter de os amamentar.

— Pronto, pronto. Mais devagar, meu querido — disse a Noel.

Era sempre o mais voraz dos dois. Às vezes bebia goladas tão grandes que quase sufocava. Anton, por outro lado, era mais lento e demorava o dobro do tempo a beber um biberão inteiro. Ali sentada, com um biberão em cada mão a alimentar dois bebês ao mesmo tempo, Erica sentia-se a Super Mamãe. Ambos os meninos tinham o olhar fixo nela e Erica estava quase vesga de tentar olhar para os dois à vez. Tanto amor ao mesmo tempo.

— Pronto, já se sentem melhor? Açam que a vossa mamãe já pode tirar o casaco? — disse Erica com uma risada quando descobriu que ainda estava calçada e de casaco vestido.

Pousou cada criança na sua respetiva alcofa, pendurou o casaco no vestíbulo, descalçou-se e levou os bebês para a sala. Depois sentou-se no sofá e apoiou os pés em cima da mesa de café.

— A mamãe já vai fazer alguma coisa. Mas primeiro precisa passar um tempinho com a Oprah.

Os meninos pareceram ignorá-la.

— É muito chato quando a mana mais velha não está em casa, não é?

A princípio, Erica tinha deixado Maja ficar em casa tanto quanto lhe fosse possível, mas passado algum tempo percebeu que a filha estava a dar em doida. Maja precisava de estar com outras crianças e tinha saudades do infantário. Era uma grande mudança em relação ao terrível período em que deixar Maja no centro parecia o início de uma guerra mundial em miniatura.

— Porque não vamos buscá-la mais cedo hoje? O que é que os meninos pensam acerca disso? — Erica interpretou o silêncio dos gêmeos como concordância. — A mamãe ainda nem sequer tomou o seu café — disse, levantando-se. — E os meninos sabem como fica a mamãe quando não toma o seu café.

“Un poco loco”, como o papá costuma dizer. Não é que devamos prestar muita atenção a tudo o que o papá diz, claro.

Erica riu-se e foi até a cozinha para preparar um café. A luz do atendedor de chamadas estava a piscar. Não tinha reparado antes. Alguém se dera realmente ao trabalho de deixar uma mensagem, por isso Erica carregou no botão para reproduzi-la. Quando ouviu a voz na máquina, deixou cair a colher de café e levou a mão à boca.

— Olá, mana. Sou eu. Anna. A não ser que tenhas outras irmãs, claro. Estou um bocado abananada e tenho o penteado mais horroroso do mundo. Mas estou aqui. Acho. Bem, quase. E sei que estiveste cá e que andas preocupada comigo. Não posso prometer que... — A voz divagava. Era rouca e parecia diferente, pois havia nela um laivo de dor. — Só queria dizer-te que já estou aqui.

Clique.

Erica não se mexeu durante alguns segundos. Em seguida, deixou-se cair lentamente para o chão e começou a chorar. Ainda estava a segurar a cafeteira com muita força.

— Não tens de ir trabalhar daqui a pouco? — Rita lançou um olhar severo a Mellberg enquanto mudava a fralda a Leo.

— Vou ficar a trabalhar em casa até a hora do almoço.

— Ah, vais ficar a trabalhar em casa... — disse Rita, olhando de relance para a televisão, onde estava a passar um programa sobre pessoas que construíam máquinas a partir de sucata e depois entravam em competições com elas.

— Estou a retemperar as minhas forças. Isso também é importante. Nós, os polícias, com o trabalho que temos, se não abrandarmos um bocado estamos tramados. Mellberg pegou em Leo e ergueu-o muito alto, fazendo o rapazinho gritar de tanto rir.

Rita cedeu. Não conseguia se zangar com Bertil. Claro que via o que outros viam: que ele era um brutamontes, que era incrivelmente inconveniente e que às vezes não conseguia ver além do próprio nariz. Além disso, Mellberg nunca queria fazer mais do que o estritamente necessário. Mas, ao mesmo tempo, Rita via o outro lado de Bertil. Como sorria de orelha a orelha quando Leo estava por perto, como nunca hesitava em mudar uma fralda ou levantar-se a meio da noite quando o bebê estava a chorar. Como a tratava como uma rainha e a olhava como se ela fosse uma dádiva de Deus à humanidade. Até se tinha entusiasticamente dedicado a aprender a dançar salsa, a paixão da vida de Rita. Bertil nunca seria o rei da pista de dança, mas conseguia conduzi-la razoavelmente, sem lhe magoar muito os pés. Rita também sabia que Bertil amava incondicionalmente Simon, o filho. Simon, que em breve faria dezassete anos, tinha entrado na vida de Mellberg apenas alguns anos atrás, porém, sempre que o seu nome surgia em conversa, o orgulho brilhava nos olhos de Bertil. Fazia questão de estar sempre em contacto com o filho e estava sempre disponível para o ajudar. Por todas estas razões, Rita amava tanto Bertil Mellberg que às vezes sentia que o coração ia explodir.

Foi até a cozinha. Quando começou a preparar o almoço, voltou a preocupar-se com Paula e Johanna. Reparara que as coisas não estavam a correr bem entre elas. Ficava triste ao ver a expressão infeliz no rosto de Paula. Suspeitava de que a filha ainda não sabia realmente qual era o problema. Johanna tinha-se fechado, afastando-se de todos eles e não apenas de Paula. Talvez lhe custasse viver assim, com tanta gente na mesma casa. Rita conseguia compreender que Johanna não gostasse particularmente de partilhar o apartamento com a sua mãe e o namorado, para não falar dos dois cães. Ao mesmo tempo, era muito prático tê-los aos dois ali em casa, uma vez que tomavam conta de Leo durante o dia, quando Paula e Johanna

estavam a trabalhar.

Contudo, devia ser complicado, pelo que Rita concluiu que devia incentivá-las a procurarem o seu próprio apartamento. Mas, enquanto mexia o guisado, sentiu uma pontada no coração ao pensar que já não poderia ir buscar Leo ao berço pela manhã, quando ia ao quarto dele e dava pelo menino ali sentado, bem desperto e a sorrir-lhe. Limpou as lágrimas. Devia ser da cebola que descascara; não podia pôr-se para ali a chorar a meio do dia. Engoliu em seco e rezou para que elas resolvessem as coisas por si. Depois de provar o guisado, Rita acrescentou mais uma pitada de malagueta em pó. Se não conseguisse aquecê-la dos pés à cabeça, sabia que não tinha posto o suficiente.

O celular de Bertil, que estava sobre a mesa da cozinha, começou a tocar. Rita aproximou-se para olhar para o visor. Era da delegacia. Provavelmente estavam a perguntar-se onde estaria Bertil, pensou Rita enquanto levava o aparelho para a sala de estar. Bertil estava sentado no sofá, a dormir profundamente com a cabeça inclinada para trás e a boca aberta. Leo estava enroscado a dormir em cima da sua grande barriga. Com a pequena mão pousada na face de Bertil, a criança inspirava e expirava profunda e calmamente, o que fazia com que o peito subisse e descesse ao mesmo tempo que o do avô. Rita desligou o celular. A delegacia teria de esperar. De momento, Bertil tinha coisas mais importantes a fazer.

— Já soube que sábado foi um grande sucesso — disse Anders, lançando a Vivianne um olhar inquisitivo. A irmã parecia cansada e Anders perguntou a si próprio se se aperceberia de como aquilo a estava a desgastar. Talvez o passado os tivesse finalmente alcançado. Mas sabia que não adiantava dizer nada, pois Vivianne não queria ouvir. Era muitíssimo teimosa e determinada, e era por isso que a irmã, e possivelmente também ele próprio, tinham sobrevivido. Anders sempre estivera dependente dela. Vivianne tinha tomado conta dele, feito tudo por ele. Mas Anders interrogava-se se as coisas não estariam a começar a mudar, se não estariam lentamente a trocar de papéis.

— Como estão a correr as coisas com Erling? — perguntou. Vivianne fez uma careta.

— Bem, se ele não dormisse que nem uma pedra, acho que não o ia conseguir suportar — respondeu com um sorriso triste.

— Estamos quase lá — disse Anders na tentativa de consolá-la, mas percebeu que a irmã não estava a ouvi-lo. Vivianne sempre tivera uma espécie de luz interior e, mesmo que mais ninguém reparasse, Anders percebia que se estava a extinguir.

— Achas que vão encontrar o portátil? Vivianne teve um sobressalto.

— Não. A aparecer, já o teriam encontrado.

— Talvez tenhas razão.

Nenhum dos dois falou por um momento.

— Tentei ligar-te ontem — disse Vivianne, hesitante. Anders sentiu o corpo tenso.

— Ah foi?

— Não atendeste a noite toda.

— Devo ter desligado o celular — disse evasivamente Anders.

— Durante toda a noite?

— Estava cansado, por isso tomei um banho e estive a ler um bocado. Também passei algum tempo a dar uma vista de olhos aos relatórios.

— Ah, pois — respondeu Vivianne, embora Anders percebesse que a irmã não acreditava nele.

Nunca tinham tido segredos um para o outro, mas isso também tinha mudado. Ao mesmo tempo, sentiam-se mais próximos um do outro do que nunca. Anders estava a ter dificuldade em descobrir o que queria. Agora que a meta estava ao alcance deles, nada daquilo parecia tão claro como anteriormente e os pensamentos mantinham-no acordado durante a noite, fazendo-o dar voltas e mais voltas na cama. Já nada parecia tão simples como dantes.

Como é que ia dizer-lhe aquilo? Muitas vezes, as palavras estavam na ponta da língua, mas quando abria a boca não saía nada. Não podia fazer aquilo. Devia tanto a Vivianne. Ainda podia sentir o cheiro dos cigarros e do álcool, ouvir o tilintar dos copos e as pessoas a gemerem como animais. Ele e Vivianne iam esconder-se, muito encolhidos, debaixo da cama dela. A irmã abraçava-o e, embora não fosse muito maior do que ele, Vivianne parecia um gigante que emanava uma segurança que o protegeria de todo o mal.

— Ouvi dizer que aquilo de sábado foi um grande sucesso! — exclamou Erling quando saiu da casa de banho, limpando as mãos molhadas às calças. — Acabei de falar com Bertil, que quase fez um poema acerca da experiência. Tu és fantástica. Sabes isso, não sabes?

Sentou-se ao lado de Vivianne e pôs-lhe o braço em volta dos ombros com um olhar possessivo. Depois deu-lhe um beijo molhado na face e Anders viu como a irmã teve de conter-se para não se afastar. Em vez disso, Vivianne sorriu docemente e bebeu um golo de chá da caneca que tinha à frente.

— A única reclamação foi sobre a comida — um sulco profundo apareceu na testa de Erling. — Bertil não ficou particularmente entusiasmado com o que foi servido. Não sei se os outros partilham a opinião dele, mas ele é o chefe, claro, e nós devemos dar ouvidos aos nossos clientes.

— Qual era o problema da comida? — perguntou Vivianne. O tom era gélido, mas Erling não reparou.

— Parece que havia demasiados vegetais, assim como algumas coisas

estranhas, pelo que percebi. E também não havia muito molho. Por isso Bertil sugeriu que oferecêssemos um menu mais tradicional, capaz de agradar a mais gente. Por outras palavras, comida saborosa e simples — o rosto de Erling iluminou-se de entusiasmo, como se antecipasse uma ovação de pé.

Vivianne, no entanto, tinha atingido o seu limite. Levantou-se e fitou Erling.

— Dito dessa maneira, parece que o tempo que passaram no spa foi um completo desperdício de tempo. Pensava que compreendias a minha filosofia, a minha visão do que é importante para o corpo e para a alma. A nossa preocupação aqui é a saúde e servimos comida que forneça energia positiva e força, não lixo que provoca ataques cardíacos e cânceros. — Vivianne rodou nos calcanhares e afastou-se apressadamente. A longa trança oscilava em sincronia com os seus passos.

— Valha-me Deus — disse Erling, claramente surpreendido com a reação à sua sugestão. — Parece que desta vez pus mesmo a pata na poça.

— Pois, se calhar pôs mesmo — retorquiu secamente Anders. Erling podia fazer e dizer o que quisesse. Em breve não faria a mais pequena diferença. Então, a preocupação voltou a dominá-lo. Ia ter de falar com Vivianne. Ia ter de contar-lhe.

— Então e de que é que estamos mesmo à procura? — perguntou Martin olhando para Patrik, que se limitou a abanar a cabeça.

— Não sei mesmo. Acho que temos de seguir os nossos instintos, ler todo o material que está nas pastas e ver se há alguma pista que valha a pena seguirmos.

Folhearam os documentos em silêncio.

— Que maldição — praguejou Patrik passado algum tempo. Martin assentiu.

— E isto é só do ano passado. Ou nem tanto. E o Refúgio é apenas um dos muitos centros de acolhimento para vítimas de violência doméstica. Não fazemos mesmo a mais pequena ideia do que acontece na vida de algumas mulheres. — Martin fechou cuidadosamente uma pasta, pô-la de lado e abriu outra.

— Não consigo compreender... — disse Patrik, verbalizando o pensamento que lhe andava a ocupar a mente desde que tinham chegado ao Refúgio.

— Sacanas de merda! — praguejou Martin. — E parece que isto pode acontecer a qualquer uma. Não conheço Anna muito bem, mas parece-me uma pessoa que sabe muito bem o que quer e é difícil acreditar que acabou nas garras de alguém como o ex-marido.

— Podes crer. — Patrik fez uma careta ao pensar em Lucas. Graças a Deus que Anna e os filhos já tinham ultrapassado tudo aquilo, mas aquele homem tinha conseguido causar-lhes muita dor antes de morrer. — É difícil perceber como é que uma mulher permanece junto de um homem que lhe bate.

Martin colocou outra pasta à sua frente e respirou fundo.

— Como será para as pessoas que trabalham aqui e têm de lidar com estas situações diariamente? Talvez não seja assim tão estranho que Sverin se tenha

fartado e quisesse voltar para Fjällbacka.

— Compreendo porque é que estabeleceram aquela regra, aquilo de o pessoal não se envolver demasiado, e porque mudam constantemente a pessoa que assiste cada mulher. Caso contrário, seria praticamente impossível não se envolverem pessoalmente.

— Achas que pode ter sido o que aconteceu a Mats? — perguntou Martin. — Será que a agressão está relacionada com alguém daqui? Leila usou a palavra “obcecados”. Talvez um dos homens tenha pensado que Sverin era mais do que apenas uma pessoa de contacto e tenha decidido dar-lhe um apertão.

Patrik assentiu.

— Também já pensei nisso. Mas, nesse caso, quem poderia ter sido? — interrogou-se, apontando para a pilha de pastas sobre a mesa. — Leila afirma não saber nada sobre isso e eu acho que, nesta fase, não adianta tentar pressioná-la.

— Podíamos falar com os outros membros da equipa. Talvez até pudéssemos falar com umas quantas mulheres. Imagino que continuem a circular muitos rumores e, se o que estamos a teorizar realmente aconteceu, as notícias rapidamente se espalhariam.

— Hum... talvez tenhas razão — disse Patrik. — Mas gostava de ter factos concretos antes de começarmos a aprofundar a investigação no Refúgio.

— Como é que vamos conseguir mais informação? — Martin passou impacientemente as mãos pelo cabelo ruivo curto, deixando-o todo em pé.

— Acho que devemos falar com os vizinhos do prédio onde Mats morava. A agressão deu-se à porta do prédio, portanto talvez alguém tenha visto alguma coisa, mas nunca tenha informado a polícia. E agora temos os nomes das mulheres por quem Mats era responsável, por isso, com sorte, teremos um motivo para cá voltar.

— Okay. — Martin baixou a cabeça e continuou a ler.

Fecharam a última pasta quando Leila entrou de rompante no gabinete. Pendurou o casaco e a mala num cabide.

— Encontraram alguma coisa com interesse?

— Ainda não temos certeza. Mas pelo menos temos os nomes das mulheres com quem Mats lidava. Obrigado por nos ter deixado consultar os arquivos. — Patrik juntou as pastas numa pilha muito bem ordenada e em seguida Leila recolocou-as no arquivador.

— De nada. Espero que não tenham dúvidas de que estamos dispostos a fazer tudo o que for possível para colaborar convosco. — Leila encostou-se à prateleira que continha grossos dossiês.

— Muito obrigado — disse Patrik. Dito isto, os dois agentes levantaram-se.

— Nós gostávamos muito de Matte. Era uma pessoa sem um pinga de maldade. Tenham isso em mente enquanto trabalham neste caso.

— Vamos fazer isso — afirmou Patrik, apertando a mão a Leila. — Pode ter certeza de que vamos fazer isso.

— Por que ninguém atende o maldito telefone? — disse irritadamente Paula.

— Mellberg também não atende? — perguntou Gösta.

— Não. Nem Patrik. Também já liguei a Martin, mas vai logo parar ao gravador de chamadas. Deve ter o celular desligado.

— Mellberg não me surpreende muito. O mais certo é estar em casa a dormir. Mas, normalmente, conseguimos apanhar o Hedström.

— Deve estar ocupado. Bem, vamos resolver isso nós mesmos e mais tarde informamos. — Paula entrou no estacionamento do Hospital de Uddevalla e parou o carro.

— Calculo que estejam nos Cuidados Intensivos — disse Paula, apressando-se para a entrada do hospital.

Dirigiram-se ao elevador e esperaram impacientemente que os levasse até o andar certo.

— Que coisa desagradável — comentou Gösta.

— Sim, imagino a preocupação dos pais. Onde é que as crianças terão conseguido aquela porcaria? Por amor de Deus, só têm sete anos!

Gösta abanou a cabeça.

— Não faço ideia.

— Vamos ter de perguntar-lhes.

Quando chegaram à enfermaria, Paula interpelou o primeiro médico que viu.

— Desculpe. Somos da polícia e viemos cá por causa das crianças da escola de Fjällbacka. O homem alto de bata branca assentiu.

— São meus doentes. Venham comigo. — O médico começou a andar em grandes passadas e Paula e

Gösta quase tiveram de correr para acompanhá-lo.

Paula tentou respirar pela boca. Detestava hospitais e todos os seus cheiros. Evitava-os a todo o custo, porém, dada a profissão que escolhera, tinha de visitar hospitais com muito mais frequência do que gostaria.

— Os miúdos vão ficar bem — disse o médico alto por cima do ombro. — A escola reagiu rapidamente e havia uma ambulância nas proximidades, por isso foram trazidos relativamente depressa e conseguimos controlar a situação.

— Estão acordados? — perguntou Paula. Arfava um pouco enquanto marchava pelo corredor, o suficiente para se lembrar de que devia voltar para o ginásio. Não tinha feito muito exercício nos últimos tempos. Para não falar da apetitosa comida de Rita.

— Sim, estão acordados, e todos os pais autorizaram que falassem com eles. — O médico parou à porta de um quarto que ficava quase ao fundo do corredor.

— Deixem-me entrar primeiro e falar com os pais. Do ponto de vista médico, não há nada que os impeça de falar com os rapazes. Calculo que queiram saber onde encontraram a cocaína.

— Tem certeza de que era cocaína? — perguntou Paula.

— Sim. Fizemos algumas análises ao sangue que o confirmaram. — O médico abriu a porta e entrou. Paula e Gösta andavam para a frente e para trás no corredor enquanto esperavam. Passados alguns minutos, a porta abriu-se e vários adultos com ar sombrio saíram com os rostos lavados em lágrimas.

— Somos da polícia de Tanum — explicou Paula, apertando a mão a todos. Gösta fez o mesmo, parecendo conhecer alguns dos pais.

— Sabem onde os nossos filhos encontraram a droga? — perguntou uma das mães, limpando os olhos com um lenço. — Pensamos que estão seguros na escola e depois acontece... — A voz começou a vacilar e a mulher encostou-se ao marido, que lhe pôs o braço em torno dos ombros.

— Os vossos filhos não vos disseram nada acerca do que aconteceu?

— Não, acho que estão demasiado envergonhados. Dissemos-lhes que não os vamos castigar, mas ainda não conseguimos que nos contassem nada. Mas também não quisemos pressioná-los demasiado — disse um dos pais. Embora parecesse composto, tinha os olhos vermelhos.

— Não se importam de que falemos com eles a sós? Prometemos que não os vamos assustar — disse Paula com um sorriso. Sabia que não parecia particularmente ameaçadora. Quanto a Gösta, parecia um velho cão bondoso e tristonho. Paula não conseguia imaginar que alguém pudesse ter medo deles e, aparentemente, os pais achavam o mesmo, pois assentiram.

— Porque não vamos todos beber um café enquanto os senhores agentes falam com eles? — sugeriu o pai com os olhos avermelhados. Os outros pareceram achar uma boa ideia. O pai virou-se para Paula e Gösta e disse: — Vamos para aquela sala de espera. E depois gostaríamos que nos dissessem o que descobriram.

— Claro que dizemos — afirmou Gösta, dando uma palmadinha no ombro do homem.

Paula e Gösta entraram no quarto. Os rapazes estavam deitados lado a lado. Três pequenas criaturas lamentáveis enfiadas nas suas camas de hospital.

— Olá! — disse Paula, e os três retribuíram timidamente a saudação. Paula interrogou-se por que rapaz deveriam começar. Quando dois deles lançaram olhadelas ansiosas ao terceiro rapaz, que tinha cabelo escuro e encaracolado, decidiu começar por ele.

— Chamo-me Paula — disse, puxando uma cadeira para junto da cama e fazendo sinal a Gösta para fazer o mesmo. — E tu, como te chamas?

— Jon — respondeu com voz débil o rapaz, embora não se atrevesse a olhá-

la nos olhos.

— Como te sentes?

— Bem — respondeu, brincando nervosamente com o cobertor.

— Que coisa horrível, não foi? — Paula estava completamente concentrada em Jon, mas viu pelo canto do olho que os outros dois rapazes estavam a escutar atentamente.

— Ahã — fez o rapaz, olhando para Paula. — És mesmo polícia? Paula riu-se.

— Sim, sou. Não pareço?

— Bem, nem por isso. Eu sei que as senhoras podem ser polícias, mas tu és tão baixinha. — Jon sorriu timidamente.

— As polícias baixinhas também fazem falta. E se precisarmos de entrar num espaço muito pequeno, por exemplo? — perguntou Paula. Jon assentiu, como se aquela fosse uma explicação perfeitamente razoável.

— Queres ver o meu crachá da polícia?

Jon assentiu com entusiasmo e os outros rapazes esticaram o pescoço para ver melhor.

— Talvez também possas mostrar-lhes o teu crachá, Gösta, para que os amigos de Jon possam dar- lhe uma vista de olhos.

Gösta sorriu, levantou-se e dirigiu-se à cama do lado.

— Ena! O teu crachá parece igualzinho aos que aparecem na televisão — disse Jon, estudando-o por um momento. Depois devolveu-o a Paula.

— Aquela coisa que encontraram é muito perigosa. Percebes isso, não percebes? — perguntou Paula, tentando não parecer demasiado severa.

— Hum — Jon baixou novamente os olhos e recomeçou a brincar com o cobertor.

— Mas ninguém está zangado convosco. Nem os vossos pais nem os vossos professores. E nós também não.

— Pensávamos que era um saco com doces.

— Realmente parece um bocado aquele pó que vem nas gomas parecidas com discos voadores, não é? — retorquiu. — Eu, provavelmente, teria cometido o mesmo erro.

Gösta voltou a sentar-se e Paula esperou que o colega fizesse algumas perguntas, mas Gösta parecia preferir deixá-la conduzir a conversa. Paula sempre tivera jeito para lidar com crianças.

— O papá diz que é droga — disse Jon, repuxando um fio do cobertor.

— Sim, é verdade. Sabes o que são drogas?

— Veneno. Só que não mata.

— Não é verdade. As drogas podem matar uma pessoa. Mas tens razão, são

um veneno. É por isso que é importante que nos ajudem a descobrir de onde veio aquele pó, para podermos evitar que qualquer outra pessoa seja envenenada. — Paula falava num tom calmo e amigável e Jon começou a ficar mais descontraído.

— De certeza que não estão zangados conosco? — Jon olhou Paula nos olhos. O lábio inferior tremia-lhe.

— Absoluta. Palavra de honra — respondeu Paula, esperando que a expressão não estivesse irremediavelmente fora de moda. — E os teus pais também não estão zangados. Estão é preocupados, só isso.

— Ontem estávamos perto dos apartamentos — disse Jon. — Estávamos a atirar bolas de tênis na parede. Há lá uma fábrica. Pelo menos acho que é uma fábrica. Com muros altos e sem janelas, sem vidros que se possam partir. É por isso que costumamos ir brincar para lá. Depois, a caminho de casa, estávamos à procura de garrafas para vendermos. Nos caixotes do lixo que há à porta do prédio. E depois encontramos o saco. Pensamos que era um saco de doces — o fio desprendeu-se do cobertor, deixando um buraco minúsculo no tecido.

— Por que não provaram os doces ontem? — perguntou Gösta.

— Porque achamos que era muito legal termos encontrado tantos doces e quisemos levar o saco para a escola para mostrar a todo mundo. Parecia mais legal provar quando estivessem todos lá. Íamos ficar com a maior parte para nós, claro. Mas também queríamos partilhar com eles.

— Em que caixote do lixo encontraram o saco? — perguntou Paula. Conhecia a fábrica a que

Jon dissera, mas queria ter cem por cento de certeza.

— No estacionamento. Vimos quando passamos pelo portão do lugar onde estávamos jogando tênis.

— Há um bosque e a colina à direita?

— Sim, é essa.

Paula olhou de relance para Gösta. O caixote do lixo onde os rapazes haviam encontrado a cocaína era o que estava à porta do prédio de Mats Sverin.

— Obrigada, meninos. Ajudaram-nos muito — disse Paula enquanto se levantava. Sentiu um aperto no estômago. Talvez aquele fosse o desenvolvimento pelo qual tanto tinham esperado.

FJÄLLBACKA, 1871

O PASTOR ERA GRANDE E GORDO, E AGARROU COM GRATIDÃO A MÃO QUE KARL LHE ESTENDEU PARA AJUDÁ-LO A SUBIR PARA O CAIS. EMELIE FEZ UMA TÍMIDA REVERÊNCIA. NUNCA TINHA IDO À MISSA NA VILA. ESTAVA CORADA E COM ESPERANÇA DE QUE O PASTOR NÃO PENSASSE QUE NÃO IA À IGREJA POR FALTA DE VONTADE OU DE FÉ.

— É REALMENTE UM SÍTIO MUITO ISOLADO. MAS É LINDÍSSIMO — ACRESCENTOU O PASTOR. — MAS NÃO VIVE AQUI UMA OUTRA PESSOA?

— JULIAN — RESPONDEU KARL. — NESTE MOMENTO ESTÁ A FAZER O SEU TURNO NO FAROL. SE DESEJAR, POSSO IR CHAMÁ-LO.

— SIM, AGRADEÇO-LHE QUE VÁ CHAMÁ-LO. — SEM ESPERAR QUE O CONVIDASSEM, O PASTOR COMEÇOU A DIRIGIR-SE À CASA. — JÁ QUE CONSEGUI FINALMENTE VIR A ESTA ILHA, APROVEITO PARA CONHECER TODOS OS HABITANTES. — O PASTOR RIU-SE E SEGUROU A PORTA PARA QUE EMELIE ENTRASSE. KARL ENCAMINHAVA- SE JÁ PARA O FAROL.

— QUE CASA TÃO BONITA E LIMPA — DISSE O PASTOR, OLHANDO EM REDOR.

— É UMA CASINHA MUITO HUMILDE, MUITO SIMPLES — DISSE EMELIE, DANDO POR SI A ESCONDER AS MÃOS DEBAIXO DO AVENTAL. ESTAVAM MUITO ÁSPERAS POR ANDAR CONSTANTEMENTE A LAVAR O CHÃO. MAS NÃO PODIA NEGAR QUE TINHA FICADO FELIZ COM AS PALAVRAS ELOGIOSAS DO PASTOR.

— NÃO HÁ NENHUMA RAZÃO PARA DESPREZAR O QUE É HUMILDE E SIMPLES. PELO QUE POSSO VER, KARL DEVE CONSIDERAR-SE SORTUDO POR TER UMA MULHER TÃO INTELIGENTE — DISSE O PASTOR, SENTANDO-SE NO BANCO DA COZINHA.

EMELIE ESTAVA TÃO ENVERGONHADA QUE NÃO SABIA O QUE DIZER, POR ISSO COMEÇOU A FAZER CAFÉ.

— POSSO OFERECER-LHE UM CAFÉ? — INTERROGOU-SE SE TERIA ALGUMA COISA PARA O ACOMPANHAR E APERCEBEU-SE LOGO DE QUE HAVIA APENAS AS ROSCAS SIMPLES QUE TINHA COZIDO NO FORNO. PORÉM, DADO O INESPERADO DA VISITA, TERIAM DE SERVIR.

— NUNCA RECUSO UMA CHÁVENA DE CAFÉ — RESPONDEU O

PASTOR, SORRINDO.

EMELIE COMEÇAVA A SENTIR-SE MENOS NERVOSA. NÃO PARECIA SER DAQUELES PASTORES SEVEROS. NÃO COMO O PREGADOR BERG, DA SUA ANTIGA IGREJA. A SIMPLES IDEIA DE TER DE SENTAR-SE À MESA COM BERG FEZ COM QUE LHE TREMESSEM OS JOELHOS.

A PORTA ABRIU-SE E KARL ENTROU. MESMO ATRÁS DELE ESTAVA JULIAN, COM UMA EXPRESSÃO CAUTELOSA NO ROSTO. EVITOU OLHAR O PASTOR NOS OLHOS.

— PORTANTO, ESTE É JULIAN? — O PASTOR CONTINUAVA A SORRIR, MAS JULIAN LIMITOU-SE A ACENAR COM A CABEÇA, QUANDO APERTARAM BREVEMENTE A MÃO. KARL E JULIAN SENTARAM-SE À FRENTE DO PASTOR

ENQUANTO EMELIE PUNHA A MESA.

— ESPERO QUE ESTEJA A TER CUIDADO PARA QUE A SUA MULHER NÃO TRABALHE DE MAIS, AGORA QUE ESTÁ NESTE ESTADO ABENÇOADO. JÁ PERCEBI QUE É UMA EXCELENTE DONA DE CASA. DEVE ESTAR MUITO ORGULHOSO DELA.

A PRINCÍPIO, KARL NÃO RESPONDEU. MAS DEPOIS DISSE:

— SIM, EMELIE É MUITO EFICIENTE.

— MUITO BEM. AGORA VEM SENTAR-TE CONNOSCO — DISSE O PASTOR PARA EMELIE, DANDO UMA PALMADINHA NO ASSENTO AO SEU LADO.

EMELIE FEZ O QUE O PASTOR DISSE, MAS NÃO CONSEGUIA DEIXAR DE OLHAR PARA AS VESTES NEGRAS E PARA O COLARINHO BRANCO. NUNCA TINHA ESTADO TÃO PERTO DE UM PREGADOR. TERIA SIDO IMPENSÁVEL SENTAR-SE AO LADO DO VELHO BERG A CONVERSAR E A BEBER UMA CHÁVENA DE CAFÉ. AS MÃOS TREMIAM ENQUANTO SERVIA O CAFÉ, ENCHENDO A SUA CHÁVENA EM ÚLTIMO LUGAR.

— A SUA VISITA É UMA GRANDE SURPRESA PARA NÓS — DISSE KARL. ESTAVA CLARAMENTE A INTERROGAR-SE ACERCA DO PROPÓSITO DA VISITA DO PASTOR.

— SIM, BEM, VOCÊS NÃO TÊM PROPRIAMENTE IDO À IGREJA COM REGULARIDADE — DISSE O PASTOR, BEBERICANDO O CAFÉ. PÔS TRÊS TORRÕES DE AÇÚCAR NA CHÁVENA E EMELIE PENSOU QUE O CAFÉ DEVIA TER FICADO HORRIVELMENTE DOCE.

DE REPENTE, KARL PARECIA UM SER INSIGNIFICANTE E DESAJEITADO E, NESSE MOMENTO, EMELIE NÃO CONSEGUIU COMPREENDER PORQUE TINHA TANTO MEDO DELE. ENTÃO RECORDOU

AQUELA NOITE E PÔS A MÃO NA BARRIGA.

— É VERDADE QUE NÃO TEMOS IDO À IGREJA TÃO FREQUENTEMENTE COMO DEVÍAMOS — DISSE JULIAN, INCLINANDO A CABEÇA. AINDA NÃO TINHA OLHADO O PASTOR NOS OLHOS. — MAS EMELIE LÊ-NOS A BÍBLIA TODAS AS NOITES, POR ISSO ESTA NÃO DEIXA DE SER UMA CASA CRISTÃ.

EMELIE OLHOU ALARMADA PARA JULIAN. IRIA REALMENTE FICAR PARA ALI A MENTIR AO PASTOR? ERA VERDADE QUE ERAM LIDAS PASSAGENS DA BÍBLIA NAQUELA CASA, MAS SÓ ELA É QUE AS LIA PARA SI, SEMPRE QUE TINHA ALGUM TEMPO LIVRE. NEM JULIAN NEM KARL TINHAM ALGUMA VEZ MOSTRADO QUALQUER INTERESSE PELAS ESCRITURAS SAGRADAS. DE FACTO, ATÉ JÁ TINHAM ZOMBADO DELA EM VÁRIAS OCASIÕES POR LER A BÍBLIA.

O PASTOR ASSENTIU.

— ALEGRO-ME POR OUVIR ISSO. SOBRETUDO NUM LUGAR COMO ESTE, TÃO ESTÉRIL, INACESSÍVEL E DISTANTE DA CASA DO SENHOR. AQUI, UMA PESSOA TEM DE BUSCAR CONSOLO E ORIENTAÇÃO NA BÍBLIA. POR ISSO FICO FELIZ POR SABER QUE O FAZEM. ASSIM AINDA ME AGRADARIA MAIS VÊ-LOS NA IGREJA. SOBRETUDO TU, MINHA QUERIDA EMELIE — DISSE, DANDO UMA PALMADINHA NO JOELHO DE EMELIE E FAZENDO-A DAR UM SALTO NA CADEIRA. JÁ ERA SUFICIENTEMENTE ENERVANTE ESTAR SENTADA TÃO PERTO DE UM PREGADOR; AGORA SER TOCADA POR ELE ERA MAIS DO QUE PODIA SUPORTAR. EMELIE TEVE DE CONTER-SE PARA NÃO SE LEVANTAR DE ROMPANTE, TAL ERA O MEDO QUE SENTIA.

— TIVE UMA CONVERSA COM A TUA TIA. ESTAVA UM POUCO PREOCUPADA POR NÃO TER TIDO NOTÍCIAS

TUAS. E, AGORA QUE EMELIE ESTÁ GRÁVIDA, SERIA BOM QUE O MÉDICO A VISSE PARA TERMOS A CERTEZA DE QUE ESTÁ TUDO A PROGREDIR COMO DEVE SER. — O PASTOR LANÇOU UM OLHAR SEVERO A KARL, QUE TAMBÉM EVITOU O SEU OLHAR.

— CLARO — MURMUROU, OLHANDO PARA A MESA.

— ÓTIMO. ENTÃO ESTÁ DECIDIDO. DA PRÓXIMA VEZ QUE FORES A FJÄLLBACKA LEVAS EMELIE CONTIGO E DEIXAS O MÉDICO EXAMINÁ-LA. A TUA QUERIDA TIA TAMBÉM VAI APRECIAR A VOSSA VISITA, KARL. — O PASTOR PESTANEJOU E DEPOIS PEGOU NUMA ROSCA. — MUITO SABOROSA — COMENTOU, COM MIGALHAS A CAÍREM-LHE DOS LÁBIOS.

— OBRIGADA. — EMELIE NÃO ESTAVA APENAS A AGRADECER-LHE O ELOGIO AOS BISCOITOS. GRAÇAS AO PASTOR, IA TER

OPORTUNIDADE DE IR À VILA E DE VER OUTRAS PESSOAS. TALVEZ KARL TAMBÉM A DEIXASSE IR À IGREJA DE VEZ EM QUANDO. ISSO FARIA COM QUE FOSSE MUITO MAIS FÁCIL TOLERAR A VIDA NA ILHA.

— BEM, ACHO QUE KARLSSON JÁ DEVE ESTAR A FICAR FARTO DE ESPERAR POR MIM. TEVE A GENTILEZA DE ME TRAZER ATÉ AQUI NO SEU BARCO, MAS TENHO A CERTEZA DE QUE ESTÁ ANSIOSO POR VOLTAR PARA CASA. QUERO AGRADECER-LHE O CAFÉ E ESTES BISCOITOS DELICIOSOS. — O PASTOR LEVANTOU-SE E EMELIE RAPIDAMENTE O IMITOU PARA O DEIXAR PASSAR.

— E ESTA? AS NOSSAS BARRIGAS SÃO QUASE DO MESMO TAMANHO — DISSE O PASTOR.

EMELIE SENTIU-SE CORAR DE VERGONHA. MAS DEPOIS NÃO PÔDE DEIXAR DE SORRIR. GOSTAVA DAQUELE PREGADOR E QUASE TINHA VONTADE DE SE AJOELHAR E BEIJAR-LHE OS PÉS DE GRATIDÃO POR SE TER APERCEBIDO DE QUE ELA PRECISAVA DE IR A FJÄLLBACKA.

— SUPONHO QUE JÁ OUVIRAM O QUE AS PESSOAS DIZEM ACERCA DESTA ILHA, NÃO É VERDADE? — PERGUNTOU O PASTOR COM UMA RISADA QUANDO KARL E EMELIE O ACOMPANHARAM ATÉ AO CAIS. JULIAN TINHA MURMURADO UMA DESPEDIDA APRESSADA E VOLTARA PARA O FAROL.

— COMO ASSIM? — PERGUNTOU KARL, AJUDANDO O PASTOR A ENTRAR NO BARCO.

— DIZ-SE QUE HÁ FANTASMAS AQUI. MAS É SÓ CONVERSA FIADA, CLARO. OU JÁ OS VIRAM? — O PASTOR DEU NOVA RISADA, FAZENDO COM QUE A GORDURA DAS BOCHECHAS ESTREMECESSE.

— NÓS NÃO ACREDITAMOS NESSAS COISAS — DISSE KARL, LANÇANDO O CABO QUE TINHA ACABADO DE DESATAR.

EMELIE NÃO DISSE UMA PALAVRA. MAS, QUANDO SE DESPEDIU, PENSOU NAQUELES QUE ERAM OS SEUS ÚNICOS VERDADEIROS COMPANHEIROS NA ILHA. NÃO PODIA FALAR DELES AO PASTOR. E, ALÉM DISSO, NINGUÉM ACREDITARIA NELA.

ENQUANTO CAMINHAVA DE REGRESSO A CASA, EMELIE VIU-OS PELO CANTO DO OLHO. NÃO TINHA MEDO DELES. NEM MESMO DEPOIS DE LHE TEREM COMEÇADO A APARECER. SABIA QUE NÃO LHE DESEJAVAM MAL NENHUM.

— OLÁ, ANNIKA. Paula tem estado a tentar ligar-me, mas agora não atende o telefone. — Patrik estava parado à entrada do Refúgio, pressionando um dedo contra a orelha esquerda enquanto encostava o celular ao ouvido direito. O barulho do trânsito era tão alto que tinha dificuldade em ouvir o que Annika estava a dizer.

— O quê? A escola? Espera, não te ouço bem. Cocaína? Okay, já percebi. No Hospital de Uddevalla.

— O que aconteceu? — perguntou Martin.

— Três alunos da escola primária de Fjällbacka encontraram um saco de cocaína e comeram um bocado — disse Patrik com ar sombrio enquanto se dirigiam ao carro.

— Caramba! Como é que as crianças estão?

— Estão no hospital, mas parece que estão fora de perigo. Gösta e Paula estão lá com eles.

Patrik sentou-se ao volante e Martin ocupou o lugar do morto. Afastaram-se com Martin a olhar pensativamente pela janela.

— Alunos da primária? Pensamos sempre que as crianças estão seguros na escola, sobretudo em Fjällbacka, que não tem os problemas de uma cidade grande. E afinal não estão. As pessoas vão ficar assustadíssimas com uma coisa destas.

— Pois, as coisas agora são diferentes de quando éramos crianças. Ou, pelo menos, de quando eu era criança — disse Patrik com um sorriso irônico. Na verdade, não havia muita diferença de idades entre os dois.

— Acho que posso dizer o mesmo em relação aos meus tempos de escola — retorquiu Martin. — Mas nós já utilizávamos calculadoras em vez de ábacos.

— Ah, ah, ah. Que piada.

— Antes, as coisas eram tão simples, nós brincávamos no parquinho, jogávamos bola. As crianças têm que ser crianças. Hoje em dia, parece que todos estão com pressa de crescer. Querem fumar e trepar, beber e fazer tudo e mais alguma coisa. E querem fazer isso tudo antes do secundário.

— É verdade — disse Patrik, sentindo um pico de ansiedade no peito. Num abrir e fechar de olhos, Maja estaria a começar a escola. E Martin tinha razão: as coisas tinham mudado muito desde que andara na escola. Nem queria pensar nisso. Queria que a filha continuasse a ser criança o máximo de tempo possível. E, de preferência, que continuasse a viver em casa dos pais até ter quarenta anos. — Mas não acho que a cocaína seja assim tão vulgar — acrescentou, sobretudo para tentar tranquilizar-se a si próprio.

— Pois não, aquilo foi o cúmulo do azar. Ainda bem que as crianças estão livres de perigo. Podia ter sido muito, mas muito pior.

Patrik assentiu.

— Vamos ao hospital? — perguntou Martin, mas Patrik virou para o centro de Gotemburgo em vez de se dirigir à E6.

— Acho que Paula e Gösta conseguem resolver o assunto sozinhos. Vou telefonar a Paula para certificar-me disso. Já que estamos aqui, gostava de ter uma conversa com o inquilino de Mats e com os outros vizinhos do prédio onde morava. Parece um desperdício de tempo voltar cá mais tarde quando podemos tratar disto agora.

Patrik telefonou a Paula e, alguns minutos depois, desligou a chamada.

— Têm a situação sob controle, por isso vamos manter o nosso plano. Podemos parar no hospital a caminho de casa, se ainda lá estiverem.

— Ótimo. Paula descobriu onde as crianças encontraram a droga?

— Num caixote do lixo à porta do prédio onde Mats Sverin vivia. Por um momento, Martin não disse nada. Mas depois perguntou:

— Achas que isto pode estar está relacionado com o caso?

— Quem sabe? — Patrik encolheu os ombros. — A cocaína pode pertencer a qualquer pessoa que more no prédio. Mas é sem dúvida interessante ter sido encontrada à porta do prédio de Sverin.

Martin inclinou-se para ler as placas das ruas.

— Vira aqui. Erik Dahlbergsgatan. Qual é o número da porta?

— Quarenta e oito. — Patrik travou a fundo para evitar atropelar uma velhota que estava a atravessar vagarosamente a rua. Esperou impacientemente que a mulher chegasse ao passeio para voltar a carregar no acelerador.

— Acalma-te — disse Martin, apoiando-se à porta.

— Cá estamos — afirmou Patrik, ignorando o comentário. — Número quarenta e oito.

— Espero que haja alguém em casa. Talvez devêssemos ter telefonado antes de vir.

— Vamos tocar a campainha e rezar para termos sorte.

Era um belo edifício antigo de tijolo. Os apartamentos deviam ter todos ornamentos antiquados em estuque e soalhos de madeira.

— Como se chama o inquilino? — perguntou Martin quando chegaram à porta. Patrik pegou num pedaço de papel que tinha no bolso.

— Jonsson. Rasmus Jonsson. E o apartamento fica no primeiro andar.

Martin assentiu e apertou um botão do interfone. A placa ao lado do botão ainda dizia Sverin. Martin foi quase imediatamente recompensado por um estalido.

— Sim?

— Somos da polícia. Gostaríamos de conversar com você. Podemos entrar?

— Martin falou o mais claramente possível no interfone.

— Qual é o assunto?

— Quando abrir a porta explicamos. Pode nos deixar entrar?

O interfone emitiu um clique e, em seguida, ouviu-se um zumbido na porta de entrada do prédio.

Subiram um lance de escadas, inspecionando as placas com nomes nas portas.

— É aqui — disse Martin, apontando para uma placa à esquerda.

Tocou a campainha. Quando ouviram passos se aproximando no interior, deram ambos um passo atrás. A porta se abriu, mas a corrente de segurança ainda estava trancada. Um jovem na casa dos vinte anos olhou para eles com desconfiança.

— É Rasmus Jonsson? — perguntou Patrik.

— Quem quer saber?

— Como já dissemos, somos da polícia. Queremos falar sobre Mats Sverin, a pessoa que sublocou este apartamento.

— Ah, querem? — O tom de voz de Rasmus denotava descaramento e a corrente de segurança ainda não tinha sido retirada.

Patrik sentiu a irritação crescer dentro dele e depois lançou um olhar fulminante ao jovem.

— Ou nos deixa entrar para que possamos ter uma conversa amigável e tranquila ou vou ter que fazer algumas ligações e seu apartamento vai ser revistado de cima a baixo enquanto passa o resto do dia, e talvez parte de amanhã, na delegacia.

Martin olhou de relance para o colega. Patrik não costumava fazer ameaças tolas. Não tinham nenhuma razão para revistar aquele apartamento nem para levar Jonsson para interrogatório.

Por alguns segundos, ninguém falou. Em seguida, o jovem soltou a corrente de segurança.

— Fascistas de merda! — praguejou Rasmus Jonsson, recuando para o vestíbulo.

— Sábia decisão — disse Patrik.

Havia um cheiro forte de maconha no apartamento, o que explicava por que o jovem estava tão relutante. Quando entraram na sala de estar, Patrik e Martin viram pilhas de literatura anarquista e cartazes contra o sistema afixados nas paredes. Estavam claramente em território inimigo.

— Não fiquem muito à vontade. Estou estudando e não tenho tempo para essas merdas. — Rasmus sentou-se numa pequena mesa repleta de livros e

cadernos.

— Estudando o quê? — perguntou Martin. Não viam muitos anarquistas em Tanumshede, por isso estava realmente curioso.

— Ciência política — respondeu Rasmus. — Para conseguir compreender melhor como é que chegamos a este maldito estado e entender como podemos mudar a sociedade. — Rasmus parecia estar falando com alunos do primário e Patrik olhou-o com ar divertido. Perguntou a si mesmo se a vida e a passagem do tempo acabariam por mudar os ideais daquele jovem.

— Mats Sverin sublocou este apartamento a você?

— Por que pergunta? — interrogou Rasmus. O sol brilhava através da janela da sala de estar e Patrik percebeu que estava a olhar para alguém que tinha exatamente o mesmo tom de cabelo ruivo de Martin. Mas Rasmus tinha deixado a barba crescer, por isso a impressão que causava era ainda mais intensa.

— Repito: está sublocando este apartamento de Mats Sverin? — Patrik falou calmamente, mas começava a perder a paciência.

— Sim, é isso — admitiu Rasmus com relutância.

— Lamento informá-lo de que Mats Sverin está morto. Foi assassinado.

Rasmus fitou Patrik.

— Assassinado? Que diabos está dizendo? E o que isso tem a ver comigo?

— Nada, espero. Mas tentamos descobrir mais sobre Mats e a vida dele.

— Na verdade, não o conheço, por isso não posso ajudar.

— Deixe que nós decidimos isso — afirmou Patrik. — Sublocou o apartamento mobiliado?

— Sim. Tudo o que tem aqui é dele.

— Sverin não levou nada?

Rasmus encolheu os ombros.

— Acho que não. Pôs todos os objetos pessoais em sacolas, como fotos e coisas assim, e depois jogou tudo no lixo. Disse que queria se livrar daquelas tralhas antigas todas.

Patrik olhou em volta. Tal como em Fjällbacka, parecia não haver objetos pessoais no apartamento. Ainda não faziam ideia do motivo, porém, pelo visto, Mats Sverin queria começar de novo. Patrik virou-se novamente para Rasmus.

— Como conseguiu o apartamento?

— Por um anúncio. Sverin precisava alugá-lo rapidamente. Parece que tinha sido agredido e queria sair de Gotemburgo.

— Sverin contou alguma disso? — interrompeu Martin.

— De quê?

— Da agressão — disse pacientemente Martin. A fonte do cheiro adocicado que pairava no apartamento tornava obviamente tudo um pouco nebuloso para o

jovem estudante.

— Não, não mesmo... — Rasmus hesitou, o que despertou o interesse de Patrik.

— Mas...?

— Mas o quê? — Rasmus começou a oscilar a cadeira da mesa para um lado e para o outro.

— Se souber algo sobre a agressão que Mats sofreu, gostaríamos de ouvir.

— Eu não colaboro com a polícia. — Os olhos de Rasmus se estreitaram.

Patrik teve de respirar fundo duas vezes para se acalmar. Aquele cara estava realmente mexendo com seus nervos.

— Minha oferta se mantém. Uma conversa calma e agradável conosco ou então chamamos as tropas, e isso significa que o apartamento será revistado enquanto você dá um passeio até a delegacia.

Rasmus parou de oscilar a cadeira. Suspirou.

— Não vi nada pessoalmente, por isso não têm nada contra mim. Mas deviam ter uma conversa com o velho Pettersson, lá em cima. O homem parece ter visto muito.

— Por que esse Pettersson não disse nada à polícia?

— Vai ter de perguntar a ele. Só sei que dizem aqui no prédio que o velho sabe alguma coisa. — Rasmus apertou os lábios e os dois agentes perceberam que dali não sairia mais nada.

— Obrigado pela ajuda — disse Patrik. — Aqui está meu cartão, no caso de lembrar mais alguma coisa.

Rasmus olhou de relance para o cartão que Patrik lhe estendeu e depois segurou-o entre o polegar e o indicador, como se cheirasse mal. Em seguida jogou-o descaradamente no cesto de papéis.

Patrik e Martin estavam aliviados por sair para o hall e deixar para trás o cheiro enjoativo de maconha.

— Que sujeito desagradável. — Martin abanou a cabeça.

— Tenho certeza de que a vida vai acabar por dar-lhe uma lição — disse Patrik, esperando não estar ficando tão cínico quanto parecia.

Subiram e tocaram a campainha ao lado da placa que dizia F. Pettersson. Um homem de idade abriu a porta.

— O que querem? — Parecia tão irritado como Rasmus. Patrik perguntou a si mesmo se haveria algo na água do edifício que afetava o humor daquela gente. Pareciam ter acordado todos com o pé esquerdo.

— Somos da polícia e gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas sobre um ex-inquilino chamado Mats Sverin. Morava no apartamento embaixo do seu. — A paciência de Patrik estava prestes a se esgotar, farto de anarquistas mal-humorados e

velhos rabugentos. Teve de fazer grande esforço para manter a calma.

— Mats? Ah, sim, era um rapaz bem estranho — disse o homem, sem demonstrar intenção de deixá-los entrar.

— Foi agredido na porta do prédio antes de se mudar.

— A polícia já esteve aqui fazendo perguntas sobre isso.

O homem se apoiou na bengala. Pressentindo indecisão, Patrik avançou um passo.

— Temos motivo para acreditar que o senhor sabe mais do que disse à polícia.

Pettersson olhou para baixo e depois fez sinal com a cabeça para que entrassem.

— Entrem — disse, arrastando-se pelo corredor para o interior do apartamento.

A casa de Pettersson não só era muito mais luminosa do que a do andar de baixo como estava decorada de forma muito mais agradável, com móveis clássicos e quadros nas paredes.

— Sentem-se — disse o velho, apontando a bengala para o sofá da sala de estar.

Patrik e Martin fizeram o que Pettersson disse e se apresentaram. Ficaram sabendo que o primeiro nome do homem era Folke.

— Receio não ter nada para oferecer em termos de bebida — disse Folke num tom muito menos agressivo do que antes.

— Não faz mal. Além disso estamos com pressa — afirmou Martin.

— Como eu dizia... — Patrik aclarou a garganta. — Pelo que sabemos, o senhor tem informações acerca do que aconteceu a Mats Sverin na noite em que foi agredido.

— Hum... não tenho assim tanta certeza — disse Folke.

— É importante que desta vez nos diga a verdade. Mats foi assassinado. — A expressão de espanto do velho deu a Patrik uma momentânea satisfação mesquinha.

— Não pode ser!

— Infelizmente, aconteceu. E se tem alguma coisa a dizer da agressão, gostaria de ouvir agora.

— Não é bom me envolver. Nunca se sabe do que aqueles caras são capazes — disse Folke, pousando a bengala no chão. Cruzou as mãos no colo, parecendo repentinamente muito velho e frágil.

— Que quer dizer com “aqueles tipos”? De acordo com a declaração que Mats prestou à polícia, foi atacado por um bando de jovens arruaceiros.

— Jovens arruaceiros! — resfolegou Folke. — Aqueles caras não eram

jovens arruaceiros! Não, aquilo era gente com quem nunca devemos nos misturar. Não compreendo como é que um rapaz simpático como Mats se relacionava com eles.

— Que quer dizer com isso, senhor Pettersson? — perguntou Patrik. De repente, começou a falar em tom mais formal com o idoso.

— Motoqueiros.

— Motoqueiros? — Martin olhou para Patrik, surpreso.

— Do tipo que aparecem nos jornais. Como os Hell's Angels e os Ladrões, ou como diabos se chamam.

— Bandidos — disse Patrik, ao mesmo tempo que uma profusão de pensamentos rodopiava em sua mente. — Se entendi bem, não foram jovens que agrediram Mats, mas um bando de motoqueiros?

— Sim, foi isso que eu disse. É surdo, filho?

— Por que mentiu à polícia, afirmando não ter visto nada? Disseram que não havia testemunhas do incidente. — Patrik não conseguia esconder a frustração. Se ao menos tivessem sabido disso desde o início.

— É melhor não se meter com aquela gente — insistiu teimosamente Folke. — Não tinha nada a ver comigo. Eu não gosto de me envolver na vida dos outros.

— Então foi por isso que disse que não tinha visto nada? — Era uma das coisas que mais custava a aceitar: pessoas que viam as coisas e depois encolhiam os ombros.

— É preferível não se meter com aqueles caras — repetiu Folke, sem conseguir olhá-los nos olhos.

— O senhor viu alguma coisa que possa dar uma pista sobre a identidade deles? — perguntou Martin.

— Tinham uma águia nas costas. Uma grande águia amarela.

— Obrigado — disse Martin, levantando-se para apertar a mão do velho. Após um momento de hesitação, Patrik fez o mesmo.

Pouco tempo depois, estavam a caminho de Uddevalla. Ambos profundamente absortos em seus pensamentos.

Erica não podia esperar mais tempo. Depois de se recompor, telefonou a Kristina e pediu-lhe para tomar conta dos filhos. Mal ouviu a porta do carro da sogra bater, vestiu o casaco, saiu apressadamente de casa e conduziu na direção de Falkeliden. Quando lá chegou, permaneceu sentada no carro durante alguns minutos. Talvez devesse manter-se afastada por um tempo e deixá-los em paz. A breve mensagem que Anna deixara no gravador de chamadas do telefone era um pouco confusa. Podia ter interpretado mal o que a irmã tinha dito.

Erica aferrava-se ao volante com o motor desligado. Não queria confundir as coisas. Já houvera ocasiões no passado em que Anna a tinha acusado de invadir o

seu espaço e de tentar intrometer-se nos seus assuntos pessoais. E muitas vezes tinha razão. Quando estavam a crescer, Erica tinha querido compensar o que achava ser falta de amor por parte da mãe. Mas agora pensava de outro modo e Anna também. Elsy amara-as, mas não tinha sido capaz de o demonstrar. E as duas irmãs tinham-se tornado mais chegadas ao longo dos últimos anos, sobretudo depois do que Anna passara com Lucas.

Naquele momento, Erica não sabia ao certo o que fazer. Afinal de contas, Anna tinha a sua própria família. Dan e os filhos. Talvez precisassem de a ter só para si. De repente, Erica viu a irmã à janela da cozinha. Passou a flutuar como um fantasma e depois virou-se e espreitou para o carro da Erica. Ergueu a mão e fez-lhe sinal para que entrasse.

Erica abriu repentinamente a porta do carro e apressou-se a subir os degraus. Dan abriu a porta antes que pudesse tocar a campainha.

— Entra — disse o amigo, e Erica viu milhares de emoções diferentes no rosto de Dan.

— Obrigada. — Hesitante, Erica entrou, despiu o casaco e, com uma estranha sensação de reverência, foi até a cozinha.

Anna estava sentada numa cadeira à mesa da cozinha. Não passara o tempo todo na cama; Erica já a tinha visto ali em baixo depois do acidente. Mas nunca parecera verdadeiramente presente. Agora sim.

— Ouvi a mensagem que me deixaste no telefone — disse Erica, sentando-se à frente da irmã.

Dan serviu a todos uma chávena de café e depois retirou-se discretamente para ir ter com as crianças barulhentas que estavam na sala de estar, para que as duas irmãs pudessem conversar em paz.

A mão de Anna tremeu um pouco quando levou a chávena aos lábios. Parecia quase transparente. Frágil. Mas o seu olhar era firme.

— Estava com tanto medo — disse Erica, sentindo as lágrimas a aflorar aos olhos.

— Eu sei. Eu também estava com medo. Com medo de voltar.

— Mas por quê? Quer dizer, eu compreendo. Percebo que... — Erica esforçava-se por encontrar as palavras certas. Como poderia expressar por palavras a dor de Anna quando na verdade não fazia a mais pequena ideia do que a irmã tinha sentido.

— Estava escuro. E doía menos ficar no escuro do que estar aqui com vocês.

— Mas agora... — A voz de Erica tremia. — Agora estás aqui, não é?

Anna assentiu suavemente e bebeu mais um golo de café.

— Onde estão os gêmeos?

Erica não sabia o que dizer, mas Anna parecia entender a sua hesitação.

Sorriu.

— Estou muito ansiosa por vê-los. A quem saem? São muito parecidos? Erica olhou para a irmã, ainda insegura de como reagir.

— Na verdade não são mesmo nada parecidos. Nem um bocadinho. Noel é mais barulhento. Deixa muito claro quando quer alguma coisa e é tão determinado! Teimoso como nunca vi. Anton é quase o oposto. Nunca berra para pedir nada e parece pensar que a vida é uma coisa extraordinária. Ou seja, está feliz da vida. Agora a quem saem é que não sei muito bem.

Anna fez um sorriso mais rasgado.

— Estás a gozar comigo, não? — Acabas de descrever-te a ti própria e a Patrik. E, já agora, o feliz da vida é ele.

— Não, mas... — começou Erica a dizer, mas depois calou-se quando percebeu que o que Anna tinha dito era verdade. De facto descrevera-se a si própria e a Patrik, embora soubesse que o marido nem sempre era tão calmo no trabalho como quando estava em casa.

— Gostava de conhecê-los — disse novamente Anna, olhando fixamente para Erica. — Não há nenhuma ligação com o que aconteceu comigo e tu sabes disso. Os gêmeos não tiveram culpa de o meu filho ter morrido.

Erica não conseguiu conter as lágrimas. Ainda não estava convencida de que Anna aceitasse que não havia qualquer ligação; levaria tempo a acreditar nisso, mas a culpa que carregara durante os últimos meses começava lentamente a dissipar-se.

— Posso trazê-los cá quando quiseres. Quando te sentires preparada para os ver.

— Porque não vais buscá-los agora mesmo? Se não der muito trabalho, claro — disse Anna. Tinha-lhe voltado um pouco de cor ao rosto.

— Podia telefonar a Kristina a pedir-lhe para os vir cá trazer de carro. Anna assentiu.

Alguns minutos mais tarde, Erica tinha combinado tudo com a sogra, que traria os meninos a casa da irmã.

— É difícil — disse Anna. — Sinto que a escuridão continua a pairar.

— Pelo menos agora estás aqui. — Erica pôs a mão sobre a mão da irmã. — Vim cá ver-te quando estavas deitada na cama, lá em cima, e foi horrível. Parecia que só estava lá a tua concha vazia.

— E devia ser mais ou menos isso. Quase entro em pânico quando me apercebo de que, em parte, ainda estou assim. Sinto-me uma concha frágil e não sei como vou voltar a ficar preenchida. Sinto um vazio tão grande. Aqui. — Anna pôs a mão na barriga, acariciando-a suavemente.

— Lembras-te de alguma coisa do funeral?

— Não. — Anna abanou a cabeça. — Lembro-me de que era importante

fazermos um funeral, que parecia ser algo necessário. Mas não me lembro do funeral em si.

— Não faz mal — disse Erica, levantando-se para voltar a encher as chávenas.

— Dan disse que a ideia de se revezarem para se deitarem na cama ao meu lado foi tua.

— Bem, não foi bem minha. — Erica sentou-se novamente e contou à irmã o que Vivianne lhe dissera.

— Manda-lhe cumprimentos e agradece-lhe por mim. Se não tivesse sugerido isso, era capaz de ainda estar para ali deitada no escuro. E o mais certo era ter-me afundado ainda mais. Tanto que talvez nunca mais conseguisse regressar.

— Quando a vir, digo-lhe.

A campainha tocou e Erica inclinou-se para trás, esticando o pescoço para poder ver o vestíbulo.

— Devem ser Kristina e os gêmeos.

Tinha razão. Dan abriu a porta a Kristina. Erica levantou-se e foi até o vestíbulo para dar uma ajuda, reparando com satisfação que os filhos estavam os dois bem despertos.

— São uns anjinhos — disse Kristina, lançando um olhar de relance à cozinha.

— Não quer entrar? — convidou Dan, mas Kristina abanou a cabeça.

— Não, agora acho que vou para casa. Assim ficam mais à vontade.

— Obrigada — disse Erica, abraçando a sogra. Agora já gostava de Kristina, embora a simpatia da sogra para com os outros não fosse realmente o seu forte.

— Não custou nada. Fico feliz por poder ajudar. Sabes disso. — Depois, Kristina saiu apressadamente de casa de Dan e de Anna.

Erica pegou nas duas alcofas e levou os gêmeos para a cozinha.

— Esta é a vossa tia Anna — disse, enquanto pousava cuidadosamente os gêmeos no chão ao lado da cadeira da irmã. — E estes são o Noel e o Anton.

— Bem, pelo menos quanto à paternidade, não há dúvida nenhuma. — Anna sentou-se no chão ao lado dos bebês e Erica imitou-a.

— Muita gente disse que são a cara chapada de Patrik. Mas nós não conseguimos notar parecenças nenhuma.

— São maravilhosos — disse Anna. A voz tremeu e, de repente, Erica temeu não ter feito bem em levar os filhos lá a casa para a irmã os conhecer. Talvez fosse demasiado cedo. Talvez lhe devesse ter dito que não.

— Está tudo bem — disse Anna, como se pudesse ler os pensamentos de Erica. — Posso pegar-lhes?

— Claro que podes — respondeu Erica. Sentiu a presença de Dan por detrás

delas. O amigo estava sem dúvida a prender a respiração, como ela. Dan também não tinha certeza de aquilo ser o mais acertado a fazer.

— Primeiro vamos pegar na pequena Erica — disse Anna com um sorriso enquanto erguia Noel. — Então tu és teimoso como a tua mamãe, não és? Vais ser uma carga de trabalhos para ela, não vais?

Anna abraçou Noel, roçando o nariz no pescocinho do bebê. Pousou-o e pegou em Anton, repetindo o mesmo processo. Depois embalou-o nos braços.

— São uma maravilha, Erica. — Anna olhou para a irmã por cima da cabecinha careca de Anton. — São simplesmente maravilhosos.

— Obrigada — disse Erica. — Obrigada.

— Que descobriram? — perguntou ansiosamente Patrik ao entrar com Martin na sala de espera do hospital.

— Bem, já te disse quase tudo ao telefone — respondeu Paula. — Os miúdos encontraram um saco com pó branco num caixote do lixo perto do prédio. Aquele que fica em frente ao edifício da Tetra Pak.

— Okay. E temos o saco? — perguntou Patrik quando se sentou.

— Está mesmo aqui. — Paula apontou para um saco de papel castanho que estava em cima da mesa.

— E, antes que perguntes, sim, manipulamos com os cuidados apropriados. Mas, infelizmente, muita gente mexeu antes de chegar aqui. Crianças, professores e funcionários do hospital.

— Vamos ter de fazer uma análise cuidadosa. Podes tratar de o enviar para o laboratório forense? E depois temos de recolher impressões digitais de todas as pessoas que possam ter-lhe mexido. Começa por pedir aos pais autorização para recolher impressões digitais das crianças.

— É para já — disse Gösta, assentindo.

— Como estão as crianças? — perguntou Martin.

— De acordo com os médicos, passaram um mau pedaço. Aquilo podia ter acabado muito mal, mas felizmente não ingeriram muito pó, apenas uma pequena amostra. Ou estaríamos agora no necrotério e não aqui.

Aquele pensamento era tão terrível que ninguém falou por alguns instantes. Patrik olhou de relance para o saco de papel.

— Também devíamos verificar se tem impressões digitais de Mats Sverin.

— Achas que o homicídio dele pode estar relacionado com a droga? — Paula franziu a testa, recostando-se no sofá duro. Estava a ter dificuldade em encontrar uma posição confortável, de modo que voltou a inclinar-se. — Descobriram algo em Gotemburgo que possa indicar isso?

— Não, não descobrimos nada nesse sentido. Temos mais alguns dados com que trabalhar, mas estou a pensar explicar tudo mais logo, na nossa reunião habitual

na delegacia — Patrik levantou-se. — Martin e eu vamos a Fjällbacka falar com alguns dos professores. Podes certificar-te de que o saco é enviado para o laboratório, Paula? Diz-lhes que é urgente.

Paula sorriu.

— O mais certo é assumirem logo que é urgente, uma vez que vai da tua parte.

Nathalie sentia-se um pouco desconfortável desde que Erica e Patrik a tinham visitado. Deveria chamar o médico? Sam ainda não tinha emitido um único som desde que chegara à ilha. Ao mesmo tempo, confiava nos seus instintos. O filho apenas precisava de tempo. Tempo para curar a alma, não o corpo, que era a única coisa que o médico se daria ao trabalho de examinar.

Mal se atrevia a pensar naquela noite. Era como se o cérebro desligasse de cada vez que aquelas memórias terríveis começavam a infiltrar-se lentamente na sua mente. Por isso, como poderia esperar que a alminha de Sam conseguisse lidar com aquilo? Tinham partilhado o mesmo terror. E Nathalie perguntava a si própria se não partilhariam agora o medo de que tudo aquilo os pudesse alcançar ali. Tentou acalmá-lo, dizendo-lhe que estavam a salvo na ilha. Que nenhum dos maus os iria encontrar ali. Mas não tinha certeza se o tom de voz jogava com as palavras. Porque ela própria não acreditava no que estava a dizer.

Se ao menos Matte... A mão tremia-lhe só de pensar nele. Matte teria sido capaz de protegê-los. Não lhe quisera contar tudo naquela tarde e noite que tinham passado juntos. Mas contara-lhe um bocadinho, o suficiente para Matte saber porque é que já não era a mesma pessoa. Sabia que devia ter-lhe contado toda a história. Se ao menos tivessem tido mais tempo, ter-lhe-ia confidenciado tudo.

Nathalie soluçou, mas depois respirou fundo, tentando recuperar a compostura. Não queria que Sam visse o seu desespero. O filho precisava de sentir-se seguro. Só assim conseguiria apagar da memória o som dos tiros, só assim apagaria as imagens do sangue e do pai. Cabia-lhe a ela fazer com que o filho recuperasse completamente. Matte não poderia ajudá-la.

Demoraram algum tempo a recolher todas as impressões digitais de que precisavam. Dois conjuntos continuavam em falta: os tripulantes da ambulância estavam a trabalhar e só regressariam mais tarde. Mas Paula tinha a sensação de que estavam a perder tempo a juntar todas aquelas impressões digitais. O instinto dizia-lhe que era mais importante determinar se havia impressões digitais de Sverin no saco. E precisavam de o saber rapidamente.

Paula bateu à porta do gabinete.

— Entre — Torbjörn Ruud olhou para cima quando a agente entrou.

— Olá. Sou Paula Morales, da polícia de Tanum. Já nos encontramos algumas vezes. — Subitamente, Paula sentiu-se algo insegura. Normalmente era

rigorosíssima em relação a seguir os procedimentos adequados, afinal de contas as regras existiam por um motivo. No entanto, tinha ido ali pedir a Torbjörn para ignorar todos os protocolos. Na sua opinião, tratava-se de um daqueles momentos em que era preciso contornar um pouco as regras.

— Ah, sim, eu lembro-me de si. — Torbjörn fez-lhe sinal para que se sentasse. — Como está a correr a investigação? Pedersen já deu notícias?

— Não, esperamos receber o relatório da patologia forense na quarta-feira. De resto, não temos muito por onde pegar, porque não fizemos tantos progressos como esperávamos...

Paula calou-se, perguntando-se como formular o seu pedido.

— Hoje houve um incidente — disse por fim. — Ainda não sabemos se está relacionado com o homicídio... — Paula pousou o saco de papel na secretária.

— Que é que está aí dentro? — perguntou Torbjörn, estendendo a mão para o saco mas afastando-a antes de lhe tocar.

— Cocaína — disse-lhe Paula.

— Onde encontraram isso?

Paula informou-o rapidamente acerca do que tinha acontecido e do que os rapazes lhes tinham contado.

— Não é todos os dias que me põem um saco de cocaína em cima da secretária — disse Torbjörn, estudando Paula.

— Pois, acredito — retorquiu Paula, sentindo-se a corar. — Mas sabe bem como é o processo. Se enviássemos o saco para o laboratório forense, íamos demorar uma eternidade a obter os resultados. E tenho a sensação de que isto pode ser muito importante. Por isso queria saber se não podia ser um pouco flexível nesta situação. Se pudesse ajudar-me a descobrir apenas uma coisa, eu depois tratava de todas as formalidades. E assumo toda a responsabilidade, claro.

Torbjörn ficou em silêncio por alguns instantes.

— O que é exatamente que quer que eu faça? — perguntou por fim, embora não parecesse muito convencido.

Paula disse-lhe o que queria e Torbjörn assentiu.

— Okay, desta vez vamos abrir uma exceção. Mas, se acontecer alguma coisa, a Paula vai ter de assumir a responsabilidade, como disse. E, no final, tem de certificar-se de que nada pareça ter sido feito por baixo da mesa.

— Tem a minha palavra — disse Paula, sentindo uma onda de excitação. Tinha razão, estava convencida disso. Agora, apenas restava prová-lo.

— Certo, então venha comigo — disse Torbjörn, pondo-se de pé. Paula apressou-se a segui-lo. Ia ficar a dever-lhe um enorme favor.

— Espero não te ter ofendido hoje — disse Erling. Não se atreveu a olhá-la nos olhos.

Vivianne remexia a comida com o garfo e não respondeu. Como sempre, quando caía em desgraça, Erling sentia todo o corpo a retorcer-se de desconforto. Não devia mesmo ter repetido o que Bertil tinha dito sobre a comida servida no Badis. Que ideia fora a dele? Vivianne sabia o que estava a fazer e não devia ter interferido no trabalho dela.

— Meu amor, não estás zangada comigo, pois não? — perguntou Erling, acariciando-lhe as costas da mão.

Vivianne não reagiu e Erling não fazia ideia do que fazer a seguir. Normalmente conseguia dar-lhe a volta, mas Vivianne parecia demasiado mal-humorada para reconciliações.

— Parece que há uma série de pessoas que aceitaram o convite para a inauguração de sábado. Todas as celebridades de Gotemburgo vão estar presentes. Celebidades a sério, não apenas aquelas personalidades de segunda como Robinson-Martin, do Survivor. E consegui contratar os Arvingarna6.

Vivianne franziu a testa.

— Mas eu pensava que os Garage é que iam tocar na inauguração.

— Vão ter de contentar-se em fazer a primeira parte. Não íamos dizer que não aos Arvingarna, pois não? Além disso, vão atrair uma grande multidão. — Erling estava a começar a esquecer as suas preocupações. O Projeto Badis costumava ter esse efeito sobre ele.

— Mas só vamos receber o nosso dinheiro na próxima quarta-feira. Espero que percebas isso. — Vivianne ergueu os olhos do prato e parecia estar menos zangada.

Encantado, Erling continuou por esse caminho.

— Isso não é problema. A câmara municipal cobrirá as faturas até lá e a maioria dos fornecedores concorda em esperar pelo pagamento, uma vez que já garantimos o dinheiro. Portanto, não precisas de preocupar-te.

— Ainda bem. Claro que é Anders quem se encarrega de todos esses assuntos, portanto presumo que tenha sido informado.

Nesse momento, um pequeno sorriso começou a bailar-lhe nos lábios e Erling sentiu um formigueiro no estômago. Depois do almoço, quando estava ansiosíssimo por causa da gafe, um plano começara a tomar forma na sua mente. Não percebia porque não tinha pensado nisso antes. Mas, felizmente, era um homem de ação e sabia como fazer as coisas sem muita preparação prévia.

— Minha querida — começou a dizer Erling.

— Hum... — disse Vivianne, dando mais uma garfada no guisado vegetariano que tinha preparado.

— Tenho de fazer-te uma pergunta...

Vivianne parou de mastigar e ergueu os olhos para olhar para o namorado.

Por um momento, Erling pensou ter visto um lampejo de medo, mas aquilo desapareceu imediatamente, por isso julgou estar a imaginar coisas. Provavelmente era apenas nervosismo.

Com esforço, Erling ajoelhou-se ao lado da cadeira de Vivianne e extraiu uma pequena caixa do bolso do casaco. A etiqueta na tampa dizia Nordholms Gold & Watches. Não era preciso ser um gênio para adivinhar o que estava lá dentro.

Erling aclarou a garganta. Aquele era um grande momento. Pegou na mão de Vivianne e, com voz solene, disse:

— Gostava de aproveitar esta ocasião para lhe perguntar se me daria a enorme honra de casar comigo — o que parecera tão elegante na sua mente parecia agora simplesmente pomposo. Erling tentou novamente: — Bem, quer dizer, estava a pensar que devíamos casar-nos.

Aquilo não tinha soado nada melhor e Erling podia ouvir o coração a martelar-lhe o peito enquanto esperava a resposta de Vivianne. Na verdade, tinha quase certeza de qual seria a resposta, mas não podia ter certeza absoluta. Às vezes as mulheres eram muito caprichosas.

Vivianne manteve-se em silêncio durante mais tempo do que seria de esperar e os joelhos de Erling começaram a doer. A caixa tremia-lhe na mão e sentia a coluna cada vez mais tensa.

Por fim, Vivianne respirou fundo e respondeu:

— Sim, claro, devíamos casar-nos, Erling.

Aliviado, Erling tirou o anel da caixa e enfiou-o no dedo da namorada. Não tinha sido caro, mas Vivianne não ligava muito às coisas materiais, por isso, porque haveria ele de gastar montes de dinheiro num anel? E conseguira-o por um preço excelente, pensou com satisfação. Nessa noite contava tirar bom partido do dinheiro que gastara. Era preocupante pensar que não faziam amor há tanto tempo, mas hoje iriam comemorar.

Levantou-se, as costas a estalar, e voltou a sentar-se. Com uma expressão triunfante, ergueu o copo na direção de Vivianne para um brinde e a noiva fez o mesmo. Por um segundo, Erling pensou ter visto outra vez aquele olhar estranho nos olhos dela, mas afastou a ideia e bebeu outro golo de vinho. Nessa noite não tencionava de todo adormecer no sofá.

— Estão cá todos? — perguntou Patrik. A questão era puramente retórica. Conseguia ver perfeitamente quem estava presente. A ideia era tentar silenciar o burburinho que se ouvia na cozinha.

— Estamos cá todos — respondeu Annika.

— Ora bem, há umas quantas coisas que precisamos de rever. — Patrik pegou no grande bloco que utilizavam para tomar notas nas reuniões.

— Antes de mais: os rapazes continuam a melhorar e não parecem ter sofrido

nenhuma lesão permanente.

— Graças a Deus — disse Annika, aliviada.

— Antes de falarmos da descoberta da cocaína, gostava de passar em revista os outros acontecimentos de hoje. Paula, em que pé está a análise ao conteúdo da pasta de Sverin?

— Ainda não temos nenhuma novidade — respondeu Paula com vivacidade. — Mas estamos à espera de saber alguma coisa muito em breve.

— Havia um monte de documentos financeiros dentro da pasta — esclareceu Gösta depois de olhar de relance para Paula. — Não entendíamos quase nada do que diziam, por isso entregamos a Lennart, o marido de Annika, que vai dar uma olhada antes de enviarmos aos peritos.

— Ótimo — respondeu Patrik. — Quando é que Lennart acha que nos pode dizer alguma coisa sobre os documentos?

— Depois de amanhã — disse Paula. — Quanto ao celular, não tinha nada de interesse. Enviei o computador portátil aos técnicos informáticos, mas só Deus sabe quando nos enviarão um relatório.

— Eu sei que é frustrante, mas não há nada que possamos fazer quanto a isso. — Patrik cruzou os braços. Começou a tomar notas no grande bloco. Em letras enormes, podia agora ler-se: Lennart, quarta-feira.

— Que disse a antiga namorada de Sverin? Tinha alguma novidade para nós? — perguntou Mellberg. Todos se sobressaltaram e Patrik olhou para o chefe com espanto. Pensava que Mellberg não estava a prestar a mais pequena atenção ao decorrer da investigação.

— Mats foi à ilha vê-la na sexta-feira à tarde, mas foi-se embora algures durante a noite — respondeu Patrik, acrescentando aquela informação ao bloco. — Isso reduz o intervalo temporal em que pode ter ocorrido o homicídio. O mais cedo que pode ter ocorrido é na madrugada de sábado, o que também encaixa com o barulho que o vizinho ouviu. Espero que o relatório de Pedersen nos ajude a estabelecer com mais rigor a hora da morte.

— A garota pareceu-lhe suspeita? Será que isto não passou de uma briga entre namorados? — prosseguiu Mellberg. Ernst, que estava deitado aos pés do superintendente, reagiu ao tom de voz do dono, erguendo a cabeça com curiosidade.

— “Suspeita” não seria a palavra que eu empregaria para descrever Nathalie, mas parecia um pouco ausente. Ela e o filho estão atualmente a viver na ilha. Parece que não falava com Mats há muitos anos, o que confere com o que os pais dele nos disseram. O mais provável é que, naquela noite, Nathalie e Mats tenham estado a reviver os velhos tempos.

— Porque é que Mats se foi embora a meio da noite? — perguntou Annika, virando-se automaticamente para Martin, que parecia sentir-se insultado. Agora era

um homem de família, mas em tempos tivera uma vida amorosa bastante ativa. O alvo dos seus afetos tinha tendência para mudar de semana a semana e às vezes os colegas ainda gozavam com ele por causa disso. Martin voltara as costas àquele tipo de vida no momento em que Pia entrara em cena e nunca se arrependeu dessa decisão.

Agora Martin recordava os velhos tempos com relutância.

— Não vejo nada de estranho nisso. Às vezes só queremos evitar toda aquela conversinha na manhã seguinte — todos olharam para ele com ar divertido e Martin encolheu os ombros. — Que foi? Os homens são assim — disse, corando e fazendo com que as sardas do rosto se destacassem ainda mais.

Patrik não pôde deixar de sorrir, mas depois forçou-se a ficar outra vez sério.

— Independentemente do motivo, agora sabemos que Mats foi para casa na madrugada de sábado. Mas a questão é: o que aconteceu ao barco em que fez a viagem? Mats deve ter regressado nele a Fjällbacka.

— Já viste os anúncios no Blocket? — Gösta pegou num biscoito e mergulhou-o no seu café.

— Verifiquei todos os anúncios ontem, mas até agora nada — respondeu Patrik. — Foi lançado um alerta por causa do barco desaparecido e pedi à Guarda Costeira para estarem atentos.

— Parece uma estranha coincidência o barco ter desaparecido ao mesmo tempo que Mats foi morto.

— Pois parece. Já alguém revistou o carro dele? — Paula endireitou-se na cadeira e olhou para Patrik.

O colega assentiu.

— Torbjörn e a sua equipe já examinaram o carro de Sverin. Estava estacionado em frente ao prédio onde ele morava. Mas não encontraram nada.

— Estou vendo — disse Paula, recostando-se novamente na cadeira. Pensou que lhes podia ter escapado algo, mas Patrik tinha claramente a situação sob controle.

— Que foi que descobriram em Gotemburgo? — perguntou Mellberg enquanto dava um biscoito a Ernst às escondidas.

Patrik e Martin trocaram olhares.

— Bem, acabou por revelar-se uma viagem muito produtiva. Queres contar a todos a nossa reunião na Segurança Social, Martin?

Sempre que Patrik decidia deixar o colega mais novo assumir a liderança o efeito era imediato. O rosto de Martin iluminava-se. Fez um relatório claro e conciso da reunião que tinham tido com Sven Barkman e das informações que este lhes fornecera acerca do Refúgio e da colaboração da associação com a Segurança Social. Depois de lançar um olhar inquiridor a Patrik, Martin passou a descrever a

visita de ambos aos escritórios do Refúgio.

— Tanto quanto sabemos, Mats não foi alvo de ameaças por estar a trabalhar na organização. Pelo menos, a diretora do Refúgio afirma não ter conhecimento de nenhuma. Depois permitiu-nos consultar a documentação relativa às mulheres que receberam a ajuda do Refúgio durante o último ano em que Sverin lá trabalhou. Estamos a falar de cerca de vinte casos.

Patrik assentiu e Martin prosseguiu:

— Sem mais informações, é impossível determinar se um ou mais desses casos podem ter interesse e merecer uma investigação mais aprofundada. Mas nós tomamos notas e assentamos os nomes das mulheres de que Mats se encarregava, para podermos continuar a investigar. Já agora, não posso deixar de dizer que foi incrivelmente deprimente consultar aqueles processos. Muitas daquelas mulheres estavam a viver um inferno que nem nos passa pela cabeça... É muito difícil de descrever. — Algo perturbado, Martin calou-se. Patrik compreendia plenamente a reação do colega. Também ele fora afetado pelas vidas infernais que tinham vislumbrado naqueles processos.

— Estamos a pensar falar com os outros membros da equipe do Refúgio — disse Patrik. — E talvez também com algumas das mulheres que receberam ajuda da associação enquanto Mats lá trabalhava. Mas pode não ser necessário. Temos agora uma declaração de uma testemunha que nos pode fornecer uma pista potencial — fez uma pausa dramática, reparando que todos estavam completamente focados nele. — Desde o início que senti que havia qualquer coisa que não batia certo em relação à agressão a Mats. Por isso, Martin e eu aproveitamos a oportunidade e fomos até o prédio onde a vítima morava em Gotemburgo. Como sabem, a agressão ocorreu à porta do prédio e nós conseguimos falar com um vizinho. Queríamos confirmar o que Sverin declarou acerca dos adolescentes que o espancaram. Porém, de acordo com o vizinho que testemunhou o incidente, a agressão foi levada a cabo por um bando de arruaceiros muito mais velhos. O termo que o vizinho de Mats empregou foi “motoqueiros”.

— Porra! — praguejou Gösta. — Por que Sverin mentiria sobre isso? E por que o vizinho não disse nada antes?

— Quanto ao vizinho, é a história de costume. Teve medo e não quis se envolver. Ou seja, falta de coragem cívica.

— E Sverin? Por que não disse a verdade? — insistiu Gösta.

Patrik abanou a cabeça.

— Talvez também estivesse com medo. Talvez seja simples assim. Mas esses bandos de motoqueiros não são conhecidos por atacarem pessoas aleatoriamente na rua, por isso deve haver um motivo para a agressão.

— O vizinho recordava-se de algum sinal que os identificasse? — perguntou

Paula.

— Uma águia — respondeu Martin. — O vizinho disse que tinham uma águia nos blusões. Por isso deve ser bastante fácil descobrir que bando era.

— Entre em contacto com os nossos colegas de Gotemburgo. Tenho certeza de que podem ajudar- vos com isso — disse Mellberg. — Confirma-se o que eu tenho andado a dizer. Esse Sverin não era flor que se cheire. Se andava metido com esses tipos, não é surpresa nenhuma que tenha ido parar à morgue com uma bala na cabeça.

— Eu não iria tão longe — disse Patrik. — Não fazemos ideia se Mats se dava com eles e, até agora, não há nenhuma indicação de que estivesse envolvido em algum tipo de atividade criminosa. Pensei que devíamos começar por perguntar à diretora do Refúgio se reconhece esse bando de motoqueiros em particular e se a sua organização teve algum contacto com eles. E, como Bertil sugeriu, devemos também falar com os nossos colegas de Gotemburgo. Diz, Paula?

Paula tinha levantado a mão.

— Bem, o que acontece é o seguinte — começou hesitantemente a dizer. — Hoje decidi acelerar um pouco as coisas. Em vez de enviar o saco de papel para o laboratório, levei-o diretamente a Torbjörn Ruud. Sabem que os resultados do laboratório costumam demorar a chegar. As coisas vão parar ao fim da fila e...

— Sim, nós sabemos. Continua — disse Patrik.

— Tive uma conversa com Torbjörn e pedi-lhe um... favor... — Paula contorceu-se desconfortavelmente na cadeira, receosa da reação de Patrik. — Para ser franca, pedi-lhe para fazer uma rápida comparação entre as impressões digitais no saco e as impressões de Sverin — Paula respirou fundo.

— Continua — voltou a dizer Patrik.

— Torbjörn descobriu que coincidiam. Havia impressões digitais de Mats no saco de papel com a cocaína.

— Eu sabia! — Mellberg ergueu um pouco o braço e cerrou o punho num gesto de triunfo. — Posse de droga e associação criminosa. Sempre soube que esse Mats tinha algo a esconder.

— Continuo a achar que devemos proceder com cautela — disse Patrik, embora não parecesse tão seguro de si como antes.

Os pensamentos rodopiavam-lhe na mente e tentava encontrar lógica em tudo aquilo. Até certo ponto, tinha de concordar com Mellberg. Mas a imagem que formara de Mats Sverin depois de falar com os pais, os colegas de trabalho e Nathalie não encaixava com aquela nova informação. Ainda que sempre tivesse tido a sensação de que algo não batia certo, não podia aceitar a avaliação que Bertil fazia de Mats.

— Torbjörn tem certeza absoluta?

— Sim, está cem por cento certo. O saco vai agora ser enviado para o laboratório e a sua conclusão será formalmente confirmada. Mas Torbjörn tem certeza de que Mats Sverin pegou naquele saco.

— Isso muda tudo. Precisamos de descobrir junto dos traficantes locais conhecidos se tinham alguma coisa que ver com Mats. Mas tenho de dizer que isto não parece... — Patrik abanou a cabeça.

— Tretas! — resfolegou Mellberg. — Estou convencido de que quando começarmos a bisbilhotar, não tardaremos a encontrar o nosso assassino. Um bom e velho homicídio relacionado com droga. Não deve ser muito difícil de resolver. Provavelmente, esse Mats devia dinheiro a alguém.

— Hum... — murmurou Patrik. — Nesse caso, porque é que ia atirar o saco para um caixote do lixo perto do apartamento onde morava? Ou terá sido outra pessoa a fazer isso? Seja como for, é preciso investigar. Martin e Paula, podem ir falar com os suspeitos do costume amanhã?

Paula assentiu enquanto Patrik começava a escrever no bloco. Sabia que Annika tomava sempre notas naquelas reuniões, mas aquele bloco enorme permitia-lhe ter uma imagem mais abrangente do caso.

— Gösta e eu vamos falar com os colegas de Mats, e desta vez vamos fazer perguntas mais específicas.

— Específicas?

— Como por exemplo, se ouviram ou observaram algo que possa explicar porque é que Mats terá pegado num saco de cocaína.

— Queres dizer que vamos perguntar-lhes se Mats era viciado em droga? — Gösta não parecia muito entusiasmado.

— Ainda não sabemos isso — afirmou Patrik. — Só vamos ter o relatório de Pedersen depois de amanhã. Até então, não fazemos a mais pequena ideia do tipo de substâncias que podem ter sido encontradas no organismo de Mats.

— Podíamos perguntar aos pais dele — sugeriu Paula.

Patrik engoliu em seco. Não era tarefa que lhe agradasse particularmente, mas sabia que a colega tinha razão.

— Sim, também temos de falar com eles. Gösta e eu tratamos disso.

— Então e eu? — perguntou Mellberg.

— Gostava mesmo que o senhor, sendo o chefe da polícia, continuasse a defender aqui o forte — respondeu Patrik.

— Certo. Se calhar é melhor assim. — Mellberg levantou-se, visivelmente aliviado, e Ernst imitou imediatamente o dono. — Agora, todos temos de fazer o nosso sono de beleza. Amanhã vai ser um dia agitado, mas não tardaremos a solucionar este caso. Sinto-o nos ossos. — Mellberg esfregou as mãos, mas não houve grande reação por parte dos subordinados.

— Okay, ouviram o que Bertil disse. Vão para casa e vejam se dormem bem. Recomeçaremos amanhã de manhã.

— Então e a pista de Gotemburgo? — perguntou Martin.

— Primeiro vamos começar por esta ponta. Depois a investigamos quando tivermos mais informações. Mas não amanhã. Isso significa que, provavelmente, iremos outra vez a Gotemburgo na quarta-feira.

Terminaram a reunião e Patrik dirigiu-se ao carro. Passou toda a viagem de regresso a casa absorto nos seus pensamentos.

FJÄLLBACKA, 1871

JÁ ESTAVAM NO INÍCIO DO OUTONO QUANDO FOI AUTORIZADA A DEIXAR GRÅSKÄR PELA PRIMEIRA VEZ. O BARCO BALANÇOU DE FORMA ALARMANTE, TAL COMO TINHA ACONTECIDO QUANDO EMELIE FORA PARA A ILHA. MAS DESTA VEZ NÃO SENTIU PÂNICO. TINHA VIVIDO MUITO PERTO DO MAR E FAMILIARIZARA-SE COM OS SONS E COM AS MUDANÇAS QUE NELE SE PRODUZIAM CONSTANTEMENTE. SE NÃO FOSSE PELO FACTO DE O MAR A TER MANTIDO PRESA NA ILHA, PROVAVELMENTE TERIA APRENDIDO A APRECIÁ-LO. E AGORA AS ONDAS ESTAVAM A TRANSPORTÁ-LA PARA O PORTO.

A SUPERFÍCIE DO MAR ERA LISA COMO UM ESPELHO E EMELIE NÃO PÔDE RESISTIR À TENTACÃO DE BAIXAR O BRAÇO E PASSAR OS DEDOS PELA ÁGUA AO LADO DO BARCO. TEVE DE INCLINAR-SE SOBRE A BORDA PARA CHEGAR À ÁGUA ENQUANTO PROTEGIA A BARRIGA COM A OUTRA MÃO. KARL IA AO LEME. PARECIA TÃO DIFERENTE, AGORA QUE ESTAVA LONGE DE GRÅSKÄR E DA SOMBRA DO FAROL. ERA TÃO BONITO. EMELIE NÃO PENSAVA NISSO HÁ MUITO TEMPO. O BRILHO MALDOSO NOS OLHOS DO MARIDO FAZIA-O PARECER FEIO. MAS, AO VER KARL NAQUELE MOMENTO, ASSIM DE OLHOS POSTOS NO MAR À SUA FRENTE, EMELIE CONSEGUIU PERCEBER PORQUE É QUE EM TEMPOS O MARIDO A ATRAÍRA TANTO. TALVEZ A ILHA O TENHA MUDADO, PENSOU EMELIE. TALVEZ HAJA ALGUMA COISA NA ILHA QUE O TENHA TORNADO MALDOSO. AFASTOU IMEDIATAMENTE TAIS PENSAMENTOS. QUE IDIOTA QUE ERA. MAS AS PALAVRAS DE ADVERTÊNCIA DE EDITH AINDA LHE ECOAVAM NA MENTE.

FOSSE COMO FOSSE, ESTAVAM A DEIXAR A ILHA PARA TRÁS, MESMO QUE FOSSE APENAS POR ALGUMAS HORAS. EMELIE IA VER OUTRAS PESSOAS, AJUDAR A COMPRAR OS MANTIMENTOS DE QUE PRECISAVAM E TOMAR UM CAFÉ COM A TIA DE KARL, QUE OS CONVIDARA PARA SUA CASA. TAMBÉM TINHA UMA CONSULTA MARCADA NO MÉDICO. NÃO ESTAVA PREOCUPADA. SABIA QUE ESTAVA TUDO BEM COM A CRIANÇA, QUE LHE DAVA ANSIOSAMENTE PONTAPÉS NO VENTRE. NO ENTANTO, SERIA UMA BÊNÇÃO QUE O MÉDICO O CONFIRMASSE.

EMELIE FECHOU OS OLHOS E SORRIU. A SENSAÇÃO DO VENTO

BATENDO NA PELE ERA MUITO AGRADÁVEL.

— SENTA COMO DEVE SER — DISSE KARL, FAZENDO-A DAR UM PULO.

EMELIE LEMBROU-SE MAIS UMA VEZ DA PRIMEIRA VIAGEM DE BARCO. ERA RECÉM-CASADA, ESTAVA CHEIA DE EXPETATIVAS. NESSE TEMPO, KARL AINDA A TRATAVA GENTILMENTE.

— DESCULPA — DISSE, BAIXANDO OS OLHOS. NA VERDADE, EMELIE NÃO SABIA DE QUE ESTAVA SE DESCULPANDO.

— E NÃO VALE A PENA FICAR DE CONVERSA FIADA QUANDO CHEGARMOS. — A VOZ ERA FRIA. ERA NOVAMENTE O KARL DA ILHA. O HOMEM FEIO DE OLHOS MALDOSOS.

— SIM, KARL. — EMELIE MANTEVE OS OLHOS BAIXOS, FITANDO O CONVÉS DO BARCO. A CRIANÇA DENTRO DELA DEU UM PONTAPÉ COM TANTA FORÇA QUE EMELIE ARFOU EM BUSCA DE AR.

DE REPENTE, JULIAN LEVANTOU-SE DE ONDE ESTAVA SENTADO, À SUA FRENTE, E SENTOU-SE AO LADO DELA. DEMASIADO PERTO. E ENTÃO AGARROU-LHE O BRAÇO.

— OUVISTE O QUE KARL DISSE. NADA DE CONVERSAS. NÃO FALAS DA ILHA OU DE OUTRAS COISAS COM QUE NINGUÉM TEM NADA QUE VER. — OS DEDOS AFUNDARAM-SE MAIS NO BRAÇO DE EMELIE, QUE FEZ UM ESGAR.

— ESTÁ BEM — DISSE EMELIE. A DOR FEZ COM QUE OS OLHOS SE ENCHESSEM DE LÁGRIMAS.

— AGORA SENTA-TE QUIETINHA NO BARCO. É FÁCIL CAIR AO MAR — DISSE JULIAN EM VOZ BAIXA. EM SEGUIDA SOLTOU-LHE O BRAÇO E LEVANTOU-SE. VOLTOU PARA O SEU LUGAR E VIROU-SE PARA OLHAR NA DIREÇÃO DE FJÄLLBACKA, QUE AGORA SE MATERIALIZAVA À FRENTE DELES.

TREMENDO, EMELIE PÔS AS MÃOS SOBRE A BARRIGA. DE REPENTE, SENTIU SAUDADES DAQUELES QUE DEIXARA PARA TRÁS NA ILHA. AQUELES QUE ERAM OBRIGADOS A FICAR, INCAPAZES DE SAIR DE LÁ PARA TODO O SEMPRE. PROMETEU A SI MESMA QUE IA REZAR POR ELES. TALVEZ DEUS OUVISSE AS SUAS PRECES E MOSTRASSE MISERICÓRDIA PARA COM AS POBRES ALMAS PENADAS.

QUANDO O BARCO ATRACOU PERTO DO MERCADO, EMELIE PESTANEJOU PARA AFASTAR AS LÁGRIMAS E SENTIU UM SORRISO ESPALHAR-SE PELOS LÁBIOS. FINALMENTE ENCONTRAVA-SE DE NOVO NO MEIO DE OUTRAS PESSOAS. AINDA ERA POSSÍVEL DEIXAR GRÅSKÄR.

MELLBERG ASSOBIAVA ENQUANTO CAMINHAVA na direção da delegacia. Sentia que ia ser um belo dia. Fizera alguns telefonemas na noite anterior e agora tinha meia hora para preparar tudo.

— Annika! — chamou assim que entrou na recepção.

— Eu estou aqui. Não há necessidade de gritar.

— Importa-se de preparar a sala de conferências?

— A sala de conferências? Não sabia que tínhamos isso aqui na delegacia — a secretária tirou os óculos para computador, que ficaram suspensos no fio que usava ao pescoço.

— Bem, bem, a Annika sabe do que estou a falar. A única divisão que tem espaço para uma data de cadeiras.

— Uma data de cadeiras? — Annika começava a sentir-se desconfortável. Não augurava nada de bom que Mellberg tivesse aparecido tão cedo e tão animado.

— Sim. Filas de cadeiras. Para a imprensa.

— A imprensa? — perguntou Annika, sentindo o desconforto provocar-lhe um nó no estômago. Que estaria aquele homem a tramar?

— Sim, a imprensa. Vou dar uma conferência de imprensa e os jornalistas precisam de ter onde sentar-se. — Mellberg tagarelava como uma criança.

— Patrik tem conhecimento disso? — Annika olhou de relance para o telefone.

— Hedström em breve ficará ao corrente se se decidir a vir trabalhar hoje. Já passam dois minutos das oito — disse Mellberg, ignorando o facto de ele próprio raramente aparecer na delegacia antes das dez. — A conferência de imprensa está marcada para as oito e meia. Daqui a menos de meia hora. E, como eu estava a dizer, precisamos de preparar a sala.

Annika olhou novamente para o telefone, mas depois percebeu que Mellberg não ia deixá-la em paz enquanto não se levantasse e começasse a levar cadeiras para a única divisão da delegacia onde se poderia realizar uma conferência de imprensa. Esperava que, se o fizesse, Mellberg fosse para o seu gabinete. Assim poderia ligar a Patrik a avisá-lo do que estava prestes a acontecer.

— Que se passa? — perguntou Gösta da entrada da sala onde Annika começava a dispor as cadeiras.

— Parece que Mellberg vai dar uma conferência de imprensa aqui. Gösta coçou a cabeça e olhou em redor.

— Hedström sabe disso?

— Foi exatamente o que perguntei a Bertil. E não, é evidente que não sabe.

Isto é uma das ideias brilhantes de Mellberg e eu não consegui apanhar Patrik para o avisar.

— Avisar de quê? — Patrik apareceu à entrada por detrás de Gösta. — Que aconteceu?

— Vai haver uma conferência de imprensa daqui a... — Annika olhou para o relógio — ...dez minutos.

— Estás a gozar, não estás? — disse Patrik. Porém, pela expressão de Annika, percebeu que não era brincadeira.

— Esse maldito... — Patrik virou-se e foi direito ao gabinete de Mellberg. Depois ouviram uma porta a abrir-se, seguindo-se o ruído de vozes agitadas antes de a porta voltar a fechar-se.

— Ai, ai, ai — disse Gösta, coçando novamente a nuca. — Acho que vou para o meu gabinete — dito isto, desapareceu tão depressa que Annika perguntou a si própria se o colega tinha realmente estado ali ou se fora apenas uma miragem.

Resmungando para si mesma, Annika continuou a dispor as cadeiras, apesar de naquele momento desejar ser uma mosca na parede do gabinete de Mellberg. Ouvia vozes a subir e a descer de tom por detrás da porta, mas não percebeu uma única palavra. Em seguida, a campainha tocou e Annika correu para abrir a porta da delegacia.

Um quarto de hora mais tarde, os jornalistas já estavam todos na sala. Ouvia-se um murmúrio abafado de vozes. Alguns deles conheciam-se, outros não. Tinham chegado jornalistas do Bohuslänningen, do Strömstads Tidning e dos outros jornais locais. Até a estação de rádio local estava representada, assim como os vespertinos — os “pesos pesados”, que não eram visitantes frequentes da zona. Annika mordeu nervosamente o lábio. Mellberg e Patrik ainda não tinham aparecido, por isso questionou-se se deveria dizer alguma coisa ou limitar-se a esperar para ver o que acontecia. Optou pela última hipótese, embora continuasse a lançar olhares à porta do gabinete de Mellberg. Por fim, a porta abriu-se e o superintendente saiu apressadamente, vermelho como um tomate e com o cabelo em desalinho. Patrik estava à porta com as mãos nas ancas e, apesar da distância, Annika podia ver a sua expressão de raiva. Quando Mellberg veio na sua direção a todo o gás, Patrik entrou no seu gabinete e fechou a porta, fazendo abanar as fotografias penduradas na parede do corredor.

— Puto arrogante — murmurou Mellberg ao passar por Annika. — Quem é que ele pensa que é? Vir aqui dizer-me como fazer as coisas? — O superintendente estacou, respirou fundo e compôs o ninho de cabelo. Depois entrou na sala.

— Estão todos aqui? — perguntou Mellberg com um largo sorriso, enquanto o grupo murmurava afirmativamente.

— Ótimo. Então vamos começar. Como eu vos disse ontem à noite, a

investigação sobre o homicídio de Mats Sverin tomou um novo rumo — o superintendente fez uma pausa, mas ninguém parecia ainda ter perguntas. — Os senhores da imprensa local provavelmente já sabem que ocorreu aqui ontem um incidente grave. Três rapazes foram levados para as Urgências do Hospital de Uddevalla.

Alguns jornalistas assentiram.

— Os rapazes encontraram um saco com pó branco. Pensaram que eram doces, por isso provaram o conteúdo. Mas afinal o pó era cocaína e os rapazes ficaram maldispostos. Foram levados de ambulância para o hospital. — Mellberg parou novamente, endireitando as costas. Estava nas suas sete quintas. Adorava conferências de imprensa.

O jornalista do Bohuslänningen levantou a mão e Mellberg acenou bruscamente com a cabeça.

— Onde é que os rapazes encontraram o saco?

— Em Fjällbacka, num caixote do lixo à porta de um prédio perto da Tetra Pak.

— Sofreram alguma lesão permanente? — Um jornalista de um dos vespertinos fez a pergunta sem antes pedir para intervir.

— Os médicos dizem que os rapazes vão recuperar completamente. Felizmente não ingeriram muita quantidade.

— Acha que foi algum toxicodependente desta zona, já identificado pela polícia, que deitou fora o saco? Ou existirá uma ligação entre a droga e o homicídio? Deu a entender que talvez existisse uma ligação, nas suas observações iniciais — interrompeu o jornalista do Strömstads Tidning.

Mellberg estava a gostar da forma como a tensão aumentava gradualmente na assistência. Todos percebiam que o superintendente tinha uma notícia em primeira mão para eles e que planeava aproveitar ao máximo o momento. Depois de fazer uma pausa, disse:

— O saco estava num caixote do lixo mesmo à entrada do prédio onde morava Mats Sverin. — Mellberg percorreu lentamente os jornalistas com os olhos. Todos os olhares estavam fixos nele. — E identificamos as impressões digitais de Sverin no saco.

Um murmúrio ergueu-se na sala.

— Caramba — disse o jornalista do Bohuslänningen. Várias mãos se ergueram.

— Então acha que se tratou de uma situação de tráfico de droga que correu mal? — O jornalista do GT tomava notas rapidamente enquanto o seu fotógrafo disparava incessantemente. Mellberg disse a si próprio para encolher a barriga.

— Não queremos dizer demasiado neste momento, mas sim, essa é uma das

teorias em que estamos a trabalhar.

O superintendente gostava de ouvir a sua própria voz. Se tivesse feito escolhas diferentes na vida, talvez pudesse ter sido porta-voz da polícia de Estocolmo. Podia ter sido ele a aparecer na televisão quando a política sueca Anna Lindh* foi assassinada, ou ter estado sentado no sofá de um talk-show matinal a discutir o assassinio de Palme**.

— Há algum indício de que haja drogas envolvidas no homicídio? — perguntou o jornalista do GT.

— Não posso revelar isso — respondeu Mellberg. Era tudo uma questão de dosear as guloseimas que lançava aos jornalistas. Nem muitas nem poucas.

— Já investigaram o passado de Sverin? Descobriram algum sinal de que fosse toxicodependente? — Agora tinha sido o jornalista do Bohuslänningen a conseguir lançar uma pergunta.

— Também não posso falar acerca disso.

— Já receberam o relatório da autópsia? — insistiu o jornalista do GT. Os colegas menos perspicazes começavam a lançar-lhe olhares furiosos.

— Não. Esperamos o resultado ainda esta semana.

— Têm algum suspeito? — O jornalista Göteborgs-Posten conseguira por fim fazer-se ouvir.

— Por enquanto, não. Muito bem, acho que isto é o máximo que podemos dizer-vos de momento. Têm todos os dados que vos pudemos fornecer e vamos manter-vos informados no decurso da investigação. Mas, na minha opinião, estamos em vias de dar um passo decisivo na resolução deste caso.

As palavras de Mellberg motivaram uma enchente de perguntas, mas o superintendente limitou-se a abanar a cabeça. Teriam de contentar-se com as poucas migalhas que lhes dera. Praticamente a flutuar quando regressou ao gabinete, Mellberg congratulou-se por um trabalho bem feito. A porta de Patrik estava fechada. Que grande invejoso, pensou Mellberg com o rosto repentinamente ensombrado. Hedström devia perceber quem comandava as operações naquela delegacia e quem tinha mais experiência naqueles assuntos. E, se isso não lhe agradasse, então que procurasse emprego noutro sítio.

Mellberg sentou-se na cadeira, apoiou os pés na mesa e cruzou as mãos atrás da cabeça. Não havia dúvida de que estava a merecer uma pequena sesta.

— Por quem devemos começar? — perguntou Martin quando saiu do veículo. Estavam no estacionamento junto ao prédio.

— Que tal Rolle? Martin assentiu.

— Claro. Já não temos uma conversa com ele há algum tempo. Dar-lhe um pouco de atenção não lhe vai fazer mal.

— Só espero que seja coerente.

Subiram as escadas e, quando estavam à porta do apartamento de Rolle, Paula tocou a campainha. Ninguém respondeu, por isso carregou novamente na campainha, desta vez mais com insistência. Um cão começou a ladrar.

— Merda! É o pastor-alemão dele. Esqueci-me do cão — Martin abanou a cabeça, inquieto. Não gostava de cães de grande porte, sobretudo se os donos fossem toxicodependentes.

— É uma cadela, mas não é perigosa. Já estive várias vezes ao pé dela. — Paula tocou novamente a campainha e desta vez ouviram passos a aproximar-se. A porta abriu-se um pouco.

— Sim? — perguntou Rolle, desconfiado. Paula deu um passo atrás para que o homem pudesse vê-la bem. Aos pés de Rolle, a cadela ladrava alto e estava com ar de querer saltar pela estreita abertura. Martin avançou até as escadas que conduziam ao andar de cima e subiu dois degraus, embora não tivesse conseguido explicar porque é que aquele gesto o fazia sentir-se mais seguro.

— Paula. Da polícia de Tanum. Já nos encontramos algumas vezes.

— Certo. Estou a reconhecê-la — disse o homem, embora não tenha feito qualquer movimento para retirar a corrente de segurança e deixá-los entrar.

— Gostávamos de entrar por um momento. Só queremos ter uma pequena conversa consigo.

— Uma pequena conversa? Ah, pois, já ouvi essa antes — Rolle não se mexeu.

— A sério. Não viemos cá para o deter — disse calmamente Paula.

— Okay. Okay, entrem lá. — Rolle abriu a porta.

Martin fitou o pastor-alemão. Rolle estava a segurá-lo pela coleira.

— Olá, cadelinha. — Paula ajoelhou-se para coçar a parte de trás das orelhas da cadela, que finalmente parou de ladrar, deixando-se acariciar. — És uma linda menina. Pronto, está tudo bem. Gostas disto, não é? — Paula continuou a coçar-lhe as grandes orelhas, para óbvio deleite da cadela.

— É uma boa cadela, a minha Nikki — disse Rolle, largando a coleira.

— Anda, Martin. — Paula fez um gesto para que o colega se aproximasse. Ainda não completamente convencido, Martin desceu as escadas para se juntar a Paula e a Nikki. — Deixa-a dizer-te olá. É muito meiguinha.

Martin obedeceu com relutância. Começou a acariciar a cadela e foi recompensado com uma lambidela na mão.

— Estás a ver? Ela gosta de ti — disse Paula.

— Hum — disse Martin, um pouco envergonhado. Assim ao perto a cadela não parecia tão perigosa.

— Agora precisamos de ter uma conversa com o teu dono — disse Paula, levantando-se. Nikki olhou para ela por um momento antes de sair disparada para

dentro do apartamento.

— Gosto da sua decoração — disse Paula, olhando em volta quando entraram no apartamento.

Rolle tinha um estúdio alugado e era evidente que a limpeza não era uma prioridade. O mobiliário consistia numa estreita cama de madeira com lençóis desemparelhados, uma televisão antiga no meio da sala, um sofá muito velho e sujo e uma mesa de café periclitante. Todo o conteúdo da sala parecia ter sido recuperado do lixo e provavelmente era mesmo esse o caso.

— Vamos sentar-nos na cozinha — disse Rolle, adiantando-se para lhes indicar o caminho.

Martin sabia que, de acordo com os registos policiais, o homem tinha trinta e um anos, mas parecia pelo menos dez anos mais velho. Alto, ligeiramente curvado e com cabelos gordurosos que chegavam ao colarinho da camisa axadrezada, tinha umas calças de ganga cobertas de nódoas e rasgadas em vários sítios — o resultado de muito uso, não um ditame da moda.

— Não tenho nenhum aperitivo para vos oferecer — disse sarcasticamente Rolle, estalando os dedos na direção de Nikki para fazê-la deitar-se no chão aos seus pés.

— Não faz mal — disse Paula. A julgar pela quantidade de pratos e chávenas empilhados no lavatório e na bancada, não teria havido louça lavada mesmo que Rolle lhes quisesse oferecer um café.

— Então, que querem de mim? — Rolle suspirou profundamente e começou a roer a unha do polegar direito. Já tinha roído algumas unhas até o sabugo e as pontas dos dedos pareciam inflamadas.

— Que sabe acerca do tipo que vive ali em frente? — perguntou Paula, olhando-o com firmeza.

— Que tipo?

— De quem acha que estamos a falar? — perguntou Martin, que deu por si a fazer sinal a Nikki para ir antes deitar-se ao lado dele.

— O tipo que levou um tiro na cabeça? É dele que estão a falar? — Rolle aguentou calmamente o olhar de Paula.

— Bom palpite. Então?

— Então o quê? Não sei nada acerca disso. Já vos tinha dito.

Paula lançou um olhar inquiridor a Martin, que assentiu. Fora ele quem falara com Rolle, quando tinham andado a fazer a ronda pela vizinhança logo a seguir ao homicídio.

— Desde que falamos, soubemos de uma série de coisas. — De repente a voz de Paula assumira um tom mais frio. Martin pensou que não gostaria de vê-la zangada. Podia ser baixinha, mas era mais dura do que a maioria dos tipos que

conhecia.

— Ah foi? — O tom de Rolle era indiferente, mas Martin percebeu que o homem estava a ouvi-la atentamente.

— Já ouviu dizer que uns rapazes encontraram um saco de cocaína lá fora? — perguntou Paula. Rolle parou de roer o dedo mindinho.

— Coca? Onde?

— Num saco de papel, ali, naquele caixote do lixo. — Paula acenou com a cabeça na direção do caixote do lixo verde, visível pela janela da cozinha.

— Coca num saco de papel? — repetiu Rolle com um brilho nos olhos.

Devia ser o sonho de qualquer toxicodependente, pensou Martin, encontrar um saco de droga num caixote do lixo. Seria como ganhar a lotaria.

— Sim. E os rapazes provaram-na. Foram parar às urgências. Podiam ter morrido — disse Paula. Rolle passou nervosamente a mão pelo cabelo gorduroso.

— Que grande porra! As crianças não deviam mexer em coisas dessas.

— Os miúdos têm sete anos. Pensaram que era um saco de doces.

— Mas vão ficar bem, não vão?

— Sim, vão ficar bem. E espero que nunca mais toquem nessas merdas. Nas merdas que o Rolle anda para aí a vender.

— Eu nunca venderia nada disso a crianças. Vocês conhecem-me, por amor de Deus. Nunca daria nada disso a miúdos.

— Também achamos que não. Como eu disse, as crianças encontraram a droga no caixote do lixo. — Paula suavizou um pouco o tom de voz. — Mas há uma ligação entre o tipo que foi assassinado e o saco de cocaína.

— Que ligação?

— Isso não interessa. — Paula acompanhou as palavras com um gesto da mão. — O que nós queremos saber é se você teve algum contacto com ele, se sabe alguma coisa. E não, não vamos detê-lo por isso, caso tenha tido — prosseguiu antes de Rolle ter tempo de falar. — Estamos a investigar um homicídio e isso é muito mais importante. Mas, se nos ajudar agora, isso pode vir a beneficiá-lo no futuro.

Rolle parecia estar a refletir sobre o que Paula tinha dito. Depois encolheu os ombros e suspirou.

— Infelizmente, não tenho nada para vos comunicar. Via o tipo de passagem, de vez em quando, mas nunca falei com ele. Não parecíamos ter muito que dizer um ao outro. Mas, se o que estão a referir é verdade, talvez tivéssemos mais em comum do que eu pensava — acrescentou Rolle, rindo-se.

— E o nome dele nunca foi mencionado pelos seus outros contatos? — interrompeu Martin. Nikki tinha-se mudado para perto dele e Martin estava a coçar-lhe o pescoço.

— Não — disse Rolle com relutância. Provavelmente teria gostado de ganhar

alguns pontos na consideração da polícia, mas era evidente que não sabia de nada.

— Caso ouça alguma coisa, ligue-nos, okay? — Paula tirou um cartão de visita do bolso e entregou-o a Rolle, que voltou a encolher os ombros e, em seguida, enfiou o cartão no bolso de trás das calças de ganga manchadas.

— Claro. Não preciso de acompanhar-vos à porta, pois não? — Rolle sorriu ao estender a mão para um recipiente de rapé que estava em cima da mesa. Quando a manga da camisa subiu, os agentes puderam ver as marcas da agulha na dobra do braço. Rolle era viciado em heroína e não em cocaína.

Nikki acompanhou-os à saída e Martin afagou-a antes de fechar a porta atrás deles.

— Um já está. Faltam três — disse Paula, começando a descer as escadas.

— É muito divertido passar o dia com um bando de drogados — disse Martin, seguindo a colega.

— Se tiveres sorte, pode ser que conheças mais alguns cães. Nunca vi ninguém a mudar tão depressa do terror puro à paixão total.

— Era uma cadela simpática — murmurou Martin. — Mas por acaso não gosto muito de cães grandes.

Erica sentia que lhe tinham tirado um peso dos ombros. No fundo, sabia que havia um longo caminho pela frente e que Anna podia cair outra vez naquele mundo de escuridão de um momento para o outro. Nada era certo. Ao mesmo tempo, Anna era uma lutadora. Já o provara no passado, erguendo-se do atoleiro graças à sua força de vontade, e Erica estava convencida de que a irmã seria capaz de voltar a fazê-lo desta vez.

Patrik também ficou satisfeito quando Erica lhe contou os progressos que Anna estava a fazer. Nessa manhã, quando ia a sair para o trabalho, Patrik estava a assobiar e Erica esperava que o bom humor do marido durasse. Desde que Patrik se sentira mal e fora parar ao hospital que Erica mantinha uma vigilância apertada sobre os seus humores — talvez apertada demais. Tinha medo de que pudesse acontecer alguma coisa. Patrik era o seu melhor amigo, o seu adorado marido e o pai dos seus filhos maravilhosos. Erica não queria que ele pusesse tudo isso em perigo matando-se a trabalhar. Recusava-se a deixá-lo fazer isso.

— Olá. Cá estamos nós outra vez — disse Erica, empurrando o carrinho para dentro da biblioteca.

— Olá — disse alegremente May. — Não acabaste o que estiveste a fazer ontem, pois não?

— Não. Há mais alguns livros de referência que queria consultar. Pensei fazer isso agora, enquanto os gêmeos estão a dormir.

— Okay. Eu estou por aqui, se precisares de alguma coisa.

— Obrigada — respondeu Erica, ocupando uma mesa.

Não era fácil descobrir o que procurava. Pegou num bloco para poder anotar referências a outras fontes que fossem aparecendo enquanto fazia as suas consultas. Quase todas acabaram por revelar-se infrutíferas, conduzindo-a a outras ilhas e zonas da Suécia. Ocasionalmente, porém, Erica lá encontrava algumas pepitas úteis, como acontecia em todos os seus projetos de pesquisa.

Inclinou-se para a frente para dar uma espreitadela ao carrinho. Os gêmeos estavam a dormir pacificamente. Esticando as pernas, Erica voltou a mergulhar na leitura. Há muito tempo que não lia histórias de fantasmas. Quando era criança, tinha devorado as histórias mais assustadoras que encontrava. Lera de tudo, desde os contos de Edgar Allan Poe às sagas nórdicas. Talvez fosse por isso que tinha começado a escrever livros sobre casos de homicídios reais. Eram quase como uma extensão dos contos assustadores da sua infância.

— Podes fazer cópias de qualquer coisa que queiras levar contigo — disse May, sempre prestável. Erica assentiu e levantou-se. Tinha encontrado várias páginas que queria ler com mais atenção em casa. Sentia um familiar formigueiro no estômago. Adorava aprofundar informações e montar o puzzle, peça a peça. Depois de passar vários meses a pensar exclusivamente nos bebês, estava a gostar de ter um projeto mais adulto com que ocupar a mente. Tinha dito à editora que não ia começar a trabalhar num novo livro pelo menos nos próximos seis meses, decisão que pretendia manter. No entanto, precisava de ocupar o cérebro até lá e aquela pesquisa parecia ser um bom começo.

Depois de ter enfiado um maço de fotocópias no saco de fraldas dos bebês, Erica dirigiu-se vagarosamente para casa. Os gêmeos ainda estavam a dormir. A vida era maravilhosa.

ØØØ

— Sacana de merda. Dane-se ele... — A linguagem de Patrik não costumava ser tão grosseira, mas

Gösta compreendia perfeitamente seu mau humor. Mellberg tinha-se realmente excedido.

Patrik bateu com tanta força com a mão no painel que Gösta deu um salto no banco.

— Olha o teu coração. Não deves entrar em stress.

— Okay, tens razão — disse Patrik, obrigando-se a respirar fundo duas vezes para se acalmar.

— Ali. — Gösta apontou para um lugar de estacionamento. — Então, como

é que vamos abordar isto? — perguntou. Deixaram-se ficar sentados no carro por mais um momento.

— Não há motivo para estarmos com rodeios — respondeu Patrik. — Seja como for, vai aparecer tudo nos jornais.

— Sim, mas temos de nos concentrar nisto, independentemente do que Mellberg fez.

Patrik parecia ao mesmo tempo surpreendido e um pouco envergonhado quando olhou de relance para Gösta.

— Tens razão. O que está feito, feito está e precisamos de continuar com o trabalho que temos em mãos. Sugiro que comecemos por Erling e que falemos depois com os outros colegas de trabalho de Mats. Temos de descobrir se algum deles se apercebeu de algum sinal de que Mats poderia consumir droga.

— Como por exemplo? — Gösta esperava que a pergunta não parecesse demasiado idiota, mas realmente não sabia aonde Patrik queria chegar.

— Bem, por exemplo, se Mats estava a comportar-se de modo estranho ou a exhibir outros sinais invulgares. Parece ter sido uma pessoa certinha, mas talvez os colegas se recordem de algo que não encaixe no padrão.

Patrik saiu do carro e Gösta seguiu-o. Não haviam telefonado antes para saber quem estava a trabalhar na câmara municipal, porém, quando falaram com a recepcionista, constataram que tinham tido sorte. Todos os funcionários estavam presentes.

— Podemos falar com Erling primeiro? — disse Patrik, fazendo com que a pergunta soasse mais como uma ordem do que como um pedido.

A jovem recepcionista assentiu, parecendo um pouco alarmada.

— O presidente não tem reuniões agendadas — disse, enquanto apontava para o corredor. Gösta já sabia onde encontrar o gabinete de Erling.

— Bom dia — disse Patrik da entrada.

— Ah, bom dia! — Erling levantou-se e aproximou-se para os cumprimentar. — Entrem, entrem. Como vai isso? Já fizeram algum progresso? Soube do que aconteceu ontem àqueles rapazes. Meu Deus, o mundo está a enlouquecer — acrescentou, sentando-se à secretária.

Os dois agentes trocaram olhares e Patrik começou.

— A questão é que parece haver uma ligação... — disse, aclarando a garganta, sem saber como continuar. — Temos razões para acreditar que há uma ligação entre Mats Sverin e a cocaína que os rapazes encontraram.

Fez-se silêncio absoluto no gabinete enquanto Erling os fitava e os dois agentes esperavam calmamente pela sua reação. A surpresa de Erling parecia genuína.

— Eu... mas... como... — balbuciou, limitando-se depois a abanar a cabeça.

— Não suspeitava de nada deste gênero? — perguntou Gösta para tentar ajudar Erling.

— Não, de todo. Isso nunca nos passou pela cabeça... Nunca na vida. — Para variar, Erling não sabia o que dizer.

— Quer dizer que não notou nenhum sinal de haver algum problema com Mats? Alterações de humor, atrasos na chegada ao trabalho ou dificuldade em cumprir os compromissos? Talvez uma mudança na aparência? — Patrik estudou-o atentamente, mas Erling parecia realmente surpreso.

— Não. Como eu disse antes, Mats era o expoente máximo da estabilidade. Talvez um pouco reservado em relação a certos temas de conversa, mas nada mais. — Erling teve um sobressalto. — Poderá ter sido esse o motivo? Mats terá sido morto por causa de problemas de droga? Talvez afinal não fosse assim tão estranho que nunca falasse da sua vida pessoal.

— Não temos certeza. Mas é possível que tenha sido esse o motivo.

— Isso é terrível. Caso se venha a saber que tínhamos uma pessoa assim a trabalhar na nossa equipa, isso seria desastroso.

— Lamento ter de lhe dizer isto — afirmou Patrik, praguejando, embora desta vez para si próprio —, mas Bertil Mellberg deu há pouco uma conferência de imprensa sobre esta situação. Por isso, o assunto vai mesmo ser tornado público ainda hoje.

Nem de propósito, a recepcionista apareceu à porta com as faces coradas e uma expressão preocupada.

— Não sei o que aconteceu, Erling, mas os telefones enlouqueceram. Há uma data de jornalistas a tentar contactá-lo e o Aftonbladet e o GT querem entrevistá-lo com urgência.

— Valha-me Deus — disse Erling, limpando a testa perlada de gotas de suor.

— O único conselho que lhe posso dar é que diga o mínimo possível — afirmou Patrik. — Lamento muito que a imprensa tenha sido envolvida nesta fase inicial da investigação. Infelizmente, não pude fazer nada para o impedir — acrescentou em tom amargo. Mas Erling parecia alheado de tudo para além da sua própria situação.

— Claro que vou ter de atender as chamadas — disse o presidente, movimentando nervosamente a cadeira para a frente e para trás. — Vou lidar com a situação, mas um toxicodependente a trabalhar para o município... Como diabo é que vou explicar uma coisa destas?

Patrik e Gösta aperceberam-se de que não iam conseguir mais nada com interesse para a investigação por parte de Erling, por isso levantaram-se.

— Gostávamos de falar com os seus colaboradores — disse Patrik.

Erling ergueu os olhos, embora não estivesse realmente focado nos dois

agentes.

— Sim, claro. Vão falar com eles. Agora, se me dão licença, tenho mesmo de atender estas chamadas. — Erling limpou a testa com um lenço.

Patrik e Gösta saíram e bateram à porta do gabinete ao lado.

— Entre — chilreou Gunilla. O tom animado da secretária dava a entender que não fazia ideia do que estava a acontecer.

— Podemos dar-lhe uma palavrinha? — perguntou Patrik.

Gunilla assentiu alegremente. Mas depois a sua expressão mudou.

— Meu Deus, eu para aqui a rir-me e se calhar os senhores vieram cá por causa de Mats. Já descobriram alguma coisa?

Os dois agentes trocaram olhares, sem saberem como dizer-lhe o que queriam saber. Depois sentaram-se.

— Temos mais algumas perguntas — começou a dizer Gösta. Estava enervado porque, na verdade, não sabiam o suficiente para fazer as perguntas adequadas.

— Está bem. Perguntem à vontade — disse Gunilla, voltando a sorrir.

Era evidente que se tratava de uma pessoa permanentemente otimista e positiva, pensou Gösta. Do gênero que não gostaria de ter por perto às sete da manhã, antes de ter bebido a sua primeira chávena de café. Felizmente que a falecida mulher partilhava o seu mau humor matinal, para poderem resmungar para si mesmos em paz e sossego.

— Ontem, várias crianças da escola foram parar ao hospital depois de provarem um bocado de cocaína que haviam encontrado — disse Patrik. — Talvez já tenha ouvido falar disto.

— Sim, foi horrível. Mas ouvi dizer que o incidente vai ter um final feliz.

— Sim, é verdade. Os rapazes estão bem. Mas parece que há certas ligações entre o incidente e a nossa investigação.

— Ligações? — perguntou Gunilla com os alegres olhos de esquilo a saltitarem entre Patrik e Gösta.

— Sim. Encontramos uma ligação entre Mats Sverin e a cocaína. — Patrik percebeu que estava a falar num tom demasiado formal, o que sempre acontecia quando se sentia desconfortável. E aquela não era uma situação agradável. Mas era melhor que os colegas de Mats soubessem daquilo agora em vez de o verem pesgado nos jornais mais tarde.

— Não compreendo.

— Bem, pensamos que Mats pode ter consumido cocaína. — Gösta olhou para o chão.

— Mats? — A voz de Gunilla soou um pouco estridente. — Não podem estar a falar a sério. Mats não faria isso.

— Não sabemos nada sobre as circunstâncias — explicou Patrik. — Por isso é que estamos aqui. Para perceber se alguém notou alguma coisa estranha em Mats.

— Alguma coisa estranha? — repetiu Gunilla. Patrik podia ver que a secretária começava a ficar perturbada. — Mats era o homem mais simpático que se possa imaginar. Não consigo de todo imaginar que ele... Não, não consigo mesmo.

— Quer dizer que não havia nada no comportamento dele que tenha achado estranho? Nada de que se tenha apercebido? — Patrik estava completamente às aranhas.

— Mats era uma pessoa excecional. É impensável que andasse metido em drogas. — Gunilla bateu com a caneta na mesa para enfatizar cada sílaba.

— Lamento muito, mas temos de fazer estas perguntas — desculpou-se Gösta. Patrik acenou com a cabeça e levantou-se. Gunilla fez um ar zangado aos dois agentes enquanto estes saíam do gabinete.

Uma hora mais tarde, Patrik e Gösta conseguiram finalmente deixar o edifício da câmara municipal. Tinham conversado com os outros membros da equipe e todos tinham reagido da mesma forma. Ninguém conseguia imaginar Mats Sverin metido na droga.

— Isto confirma o que eu sinto. E nunca conheci o homem — disse Patrik quando já estavam outra vez sentados no carro.

— Concordo, e o pior ainda está para vir.

— Eu sei — disse Patrik enquanto conduzia o carro para fora do estacionamento e se dirigia para Fjällbacka.

Ele tinha-os encontrado. Madeleine sabia-o. Assim como sabia que não tinha outro sítio para onde ir. Esgotara todas as vias de fuga possíveis. Tinha sido tão fácil dar cabo de tudo mais uma vez. Bastou um postal — sem qualquer mensagem, nem o nome do remetente, mas enviado da Suécia — para destruir as suas esperanças no futuro.

A mão de Madeleine tremeu quando virou o postal depois de estudar o lado que estava em branco à exceção do seu nome e da nova morada. Não eram necessárias quaisquer palavras: a imagem no cartão dizia tudo. A mensagem não poderia ser mais clara.

Lentamente, Madeleine caminhou até a janela. No pátio, Kevin e Vilda brincavam, sem saberem que as suas vidas estavam prestes a mudar novamente. Agarrou com força o cartão até ficar úmido do suor dos seus dedos. Madeleine tentava raciocinar para tomar uma decisão. Os filhos pareciam tão felizes a brincar com as outras crianças... O desespero tinha desaparecido gradualmente dos olhos de Kevin e de Vilda, embora um laivo de medo permanecesse. Tinham visto muita coisa e isso era algo que Madeleine nunca conseguiria desfazer, por mais amor que lhes dedicasse. E agora estava tudo estragado. Aquela parecia ser a única opção, uma

última oportunidade de uma vida normal. Deixar para trás a Suécia, deixá-lo para trás a ele e a tudo o resto. Como poderia dar-lhes uma sensação de segurança, agora que lhe tinham tirado a última tábua de salvação que lhe restava?

Madeleine encostou a testa à janela. Sentiu o frio da vidraça na pele. Observou Kevin, que ajudava a irmã a subir ao escorrega. Pôs as mãos no traseiro de Vilda, apoiando-a e dando-lhe um pequeno empurrão ao mesmo tempo. Talvez tivesse agido mal ao fazer de Kevin o homem da família. O filho tinha apenas oito anos. Mas tinha assumido aquele papel com toda a naturalidade e tomado conta das miúdas, como ele dizia. Tinha crescido com aquela responsabilidade, encontrado segurança no seu papel. Kevin ergueu a mão para afastar uma madeixa de cabelo dos olhos. Era muito parecido com o pai, se bem que tivesse o coração de Madeleine. A sua fraqueza, como ele costumava dizer quando lhe batia.

Lentamente, Madeleine começou a bater com a testa na janela. O desespero consumia-a. Agora, nada restava do futuro que tinha planeado. Batia com a cabeça no vidro cada vez com mais força, reparando como aquela sensação familiar de dor lhe trazia uma estranha calma. Deixou cair o postal e a imagem da águia com as asas abertas deslizou para o chão. Lá fora, Vilda deslizava pelo escorrega com um sorriso encantado.

**Anna Lindh (1957-2003). Política social-democrata esfaqueada em Estocolmo por um homem com perturbações mentais. (N. do T.)*

***Olof Palme (1927-1986). Primeiro-ministro assassinado a tiros em Estocolmo. O homicídio continua por solucionar. (N. do T.)*

FJÄLLBACKA, 1871

— ENTÃO, COMO ESTÃO INDO AS COISAS LÁ NA ILHA? DEVE SER UM SÍTIO TERRIVELMENTE SOLITÁRIO.

— DAGMAR LANÇOU UM OLHAR PENETRANTE A EMELIE E A KARL, QUE ESTAVAM RIGIDAMENTE SENTADOS NO SOFÁ À SUA FRENTE. A PEQUENA E DELICADA XÍCARA DE CAFÉ PARECIA COMPLETAMENTE DESLOCADA NA MÃO ÁSPERA DE KARL, MAS EMELIE CONSEGUIA SEGURÁ-LA COM UMA CERTA ELEGÂNCIA ENQUANTO DAVA GOLINHOS NAQUELA BEBIDA QUENTE.

— COMO PODERIA SER DE OUTRA FORMA? — RESPONDEU KARL SEM OLHAR PARA EMELIE. — OS FARÓIS ESTÃO SEMPRE EM LOCAIS ISOLADOS. MAS ESTÁ TUDO A CORRER BEM. E TENHO A CERTEZA DE QUE A TIA SABE DISSO, NÃO É?

EMELIE ESTAVA ENVERGONHADA. PENSOU QUE KARL FALAVA COM DEMASIADA BRUSQUIDÃO COM DAGMAR. AFINAL DE CONTAS, ERA A TIA DELE. EMELIE TINHA SIDO ENSINADA A RESPEITAR OS MAIS VELHOS E, ASSIM QUE CONHECERA DAGMAR, GOSTARA INSTINTIVAMENTE DA MULHER. ALÉM DISSO, MAIS DO QUE NINGUÉM, DAGMAR DEVIA COMPREENDER A SUA SITUAÇÃO, UMA VEZ QUE TAMBÉM TINHA SIDO CASADA COM UM FAROLEIRO. O MARIDO, TIO DE KARL, TINHA TRABALHADO NUM FAROL DURANTE MUITOS ANOS. ENQUANTO O PAI DE KARL HERDARIA E ADMINISTRARIA A QUINTA, AO IRMÃO MAIS NOVO TINHA SIDO DADA RÉDEA SOLTA PARA ESCOLHER O SEU PRÓPRIO CAMINHO. O TIO TINHA SIDO O HERÓI DE KARL, AQUELE QUE O INSPIRARA A FAZER DO MAR E DOS FARÓIS O SEU SUSTENTO. UMA VEZ, QUANDO AINDA FALAVA COM ELA, KARL CONTOU. MAS AGORA ALLAN, O TIO DE KARL, ESTAVA MORTO E DAGMAR MORAVA SOZINHA NUMA PEQUENA CASA JUNTO AO PARQUE BRAND, EM FJÄLLBACKA.

— CLARO QUE SEI COMO É — DISSE DAGMAR. — E TU SABIAS NO QUE TE ESTAVAS A METER, DEPOIS DE OUVIR AS HISTÓRIAS DE ALLAN. AGORA, SE EMELIE TAMBÉM SABIA É OUTRA HISTÓRIA.

— EMELIE É MINHA MULHER, POR ISSO NÃO TEM NADA QUE DIZER OU DEIXAR DE DIZER ACERCA DISSO. EMELIE SENTIU-SE NOVAMENTE ENVERGONHADA PELO COMPORTAMENTO DO MARIDO E

OS OLHOS

MAREJARAM-SE DE LÁGRIMAS. MAS DAGMAR LIMITOU-SE A ERGUER AS SOBRANCELHAS EM RESPOSTA À OBSERVAÇÃO DE KARL.

— O PASTOR DISSE QUE ÉS UMA BOA DONA DE CASA — DISSE, VIRANDO-SE PARA EMELIE.

— OBRIGADA. FICO CONTENTE POR O PASTOR PENSAR ASSIM — AFIRMOU EMELIE BAIXINHO, INCLINANDO A CABEÇA PARA ESCONDER O RUBOR. BEBEU OUTRO GOLINHO DE CAFÉ, SABOREANDO-O. RARAMENTE PODIA DESFRUTAR DE UMA BOA CHÁVENA DE CAFÉ FORTE. NORMALMENTE, KARL E JULIAN COMPRAVAM MUITO POUCA QUANTIDADE DE CAFÉ QUANDO IAM A FJÄLLBACKA. PREFERIAM GASTAR O DINHEIRO NA TABERNA DE ABELA, PENSOU COM AMARGURA.

— E QUE TAL O HOMEM QUE TE ESTÁ A AJUDAR? TRABALHA BEM? É ESFORÇADO? ALLAN E EU TIVEMOS

TODO O TIPO DE GENTE A AJUDAR-NOS. ALGUNS HOMENS QUE POR LÁ PASSARAM NÃO ERAM NADA DE JEITO.

— JULIAN FAZ UM BOM TRABALHO — DISSE KARL, POUSANDO A CHÁVENA NO PIRES COM TANTA FORÇA QUE ESTE ABANOU. — NÃO É VERDADE, EMELIE?

— SIM — MURMUROU EMELIE, EMBORA NÃO SE ATREVESSE A OLHAR PARA DAGMAR.

— ONDE É QUE O DESENCANTASTE, KARL? ESPERO QUE TE TENHA SIDO RECOMENDADO, PORQUE NUNCA PODEMOS FIAR-NOS NOS ANÚNCIOS DOS JORNAIS.

— JULIAN TINHA EXCELENTES REFERÊNCIAS E RAPIDAMENTE PROVOU SER UMA PESSOA COM VALOR.

EMELIE OLHOU PARA O MARIDO, SURPREENDIDA. KARL E JULIAN TINHAM TRABALHADO JUNTOS DURANTE ANOS NUM FAROL. SOUBERA-O POR TÊ-LOS ESCUTADO FALAR DISSO. POR QUE KARL NÃO TINHA MENCIONADO ESSE FATO À TIA? IMAGINOU OS OLHOS FURIOSOS DE JULIAN. O ÓDIO DAQUELE HOMEM, QUE IA AUMENTANDO CADA VEZ MAIS, E ESTREMECEU AO PENSAR NISSO. DE REPENTE, PERCEBEU QUE DAGMAR OLHAVA PARA ELA.

— ENTÃO TENS UMA CONSULTA COM O DR. ALBREKTSON, NÃO É, EMELIE? — PERGUNTOU A TIA DE KARL.

EMELIE ASSENTIU.

— O MÉDICO VAI ME VER LOGO MAIS. PARA TERMOS CERTEZA DE QUE ESTÁ TUDO BEM COM O MENINO. OU A MENINA.

— PARA MIM VAI SER MENINO — DISSE DAGMAR, E HAVIA CALOR GENUÍNO NOS SEUS OLHOS QUANDO CONTEMPLOU A FORMA ARREDONDADA DA BARRIGA DE EMELIE.

— A SENHORA TEM FILHOS? KARL NÃO ME CONTOU — DISSE EMELIE. NÃO ESTAVA HABITUADA A QUE A SUA GRAVIDEZ FOSSE ALVO DE ATENÇÕES E ESTAVA ANSIOSA POR FALAR SOBRE O MILAGRE QUE ESTAVA A ACONTECER DENTRO DO SEU CORPO, SOBRETUDO COM ALGUÉM QUE TINHA PASSADO PELA MESMA EXPERIÊNCIA. MAS RECEBEU IMEDIATAMENTE UMA COTOVELADA PUNGENTE DO MARIDO.

— NÃO SEJAS TÃO CURIOSA — DISSE KARL, IRRITADO.

DAGMAR TRANQUILIZOU-A COM UM GESTO DA MÃO, MAS OS OLHOS ENCHERAM-SE DE TRISTEZA QUANDO RESPONDEU:

— POR TRÊS VEZES CARREGUEI A MESMA ALEGRIA QUE AGORA CARREGAS. MAS DE CADA VEZ O BOM DEUS TEVE OUTROS PLANOS. TODOS OS MEUS BEBÊS ESTÃO LÁ EM CIMA, NO CÉU. — DAGMAR ERGUEU OS OLHOS E, APESAR DA TRISTEZA, PARECIA TER FÉ QUE DEUS DECIDIRA O QUE ERA MELHOR.

— LAMENTO MUITO, EU... — EMELIE NÃO SABIA O QUE DIZER. FICOU CONSTERNADA POR DESCONHECER O QUE TINHA ACONTECIDO A DAGMAR.

— ESTÁ TUDO BEM, MINHA QUERIDA — DISSE A MULHER. NUM IMPULSO, DAGMAR INCLINOU-SE PARA A FRENTE E POUSOU A MÃO SOBRE A MÃO DE EMELIE.

AQUELE GESTO AMÁVEL, O PRIMEIRO EM TANTO TEMPO, QUASE FEZ EMELIE DESATAR A CHORAR. PORÉM, O OLHAR DESCARADAMENTE DESDENHOSO DE KARL OBRIGOU-A A CONTROLAR-SE. OS TRÊS FICARAM EM SILÊNCIO DURANTE ALGUM TEMPO. EMELIE PODIA SENTIR O OLHAR DA IDOSA CRAVADO NELA, COMO SE CONSEGUISSE VER O CAOS E A ESCURIDÃO. DAGMAR NÃO TIROU A MÃO, QUE ERA MAGRA E SECA, MARCADA POR DÉCADAS DE TRABALHO DURO. MAS EMELIE ACHOU QUE ERA BELA — TÃO BELA COMO O ROSTO DELGADO DA MULHER, COM TODOS OS SEUS SULCOS E RUGAS, REVELANDO UMA VIDA BEM VIVIDA E REPLETA DE AMOR. EMELIE SUSPEITAVA QUE OS CABELOS GRISALHOS DE DAGMAR, MUITO BEM APANHADOS NA NUCA, AINDA CAIRIAM EM ENCANTADORAS E GROSSAS TRANÇAS ATÉ À CINTURA QUANDO TIRASSE OS GANCHOS.

— COMO NÃO CONHECES BEM A VILA, ESTAVA A PENSAR IR CONTIGO AO MÉDICO — ACABOU POR DIZER DAGMAR, LARGANDO A MÃO DE EMELIE.

KARL PROTESTOU IMEDIATAMENTE.

— EU POSSO FAZER ISSO. SEI ONDE É O CONSULTÓRIO DO MÉDICO. NÃO PRECISA SE INCOMODAR.

— NÃO É INCÓMODO NENHUM. — DAGMAR LANÇOU UM OLHAR RÍSPIDO A KARL. EMELIE VIU QUE UMA ESPÉCIE DE LUTA PELO PODER ESTAVA A DECORRER ENTRE ELES E, POR FIM, KARL CEDEU.

— ENTÃO ESTÁ BEM, SE A TIA INSISTE — DISSE, POUSANDO A DELICADA CHÁVENA DE PORCELANA. — ASSIM APROVEITO PARA IR TRATAR DE ALGUNS ASSUNTOS MAIS IMPORTANTES.

— SIM, FAZ ISSO — DISSE DAGMAR, CONTINUANDO A OLHAR PARA O SOBRINHO SEM PESTANEJAR. — NÓS VAMOS DEMORAR CERCA DE UMA HORA E DEPOIS PODES VIR TER AQUI CONNOSCO. PORQUE SUPONHO QUE NÃO QUEIRAS IR AO MERCADO SEM A TUA MULHER, NÃO É?

DAGMAR FORMULOU A FRASE COMO UMA PERGUNTA, MAS KARL CORRETAMENTE A ENTENDEU COMO UMA ORDEM, PELO QUE RESPONDEU COM UM LEVE ACENO DE CABEÇA.

— MUITO BEM. — DAGMAR LEVANTOU-SE E FEZ SINAL A EMELIE PARA QUE A SEGUISSE. — VAMOS LÁ ENTÃO AS DUAS, A VER SE NÃO NOS ATRASAMOS. E VAMOS DEIXAR KARL IR TRATAR DAS COISAS DELE.

NÃO SE ATREVIA A OLHAR PARA O MARIDO. KARL TINHA PERDIDO AQUELA PROVA DE FORÇA E EMELIE SABIA QUE IA PAGAR POR ISSO MAIS TARDE. MAS, QUANDO SEGUIU DAGMAR PARA A RUA E SE DIRIGIU DEPOIS PARA A PRAÇA, AFASTOU TODOS ESSES PENSAMENTOS. QUERIA APROVEITAR O MOMENTO, INDEPENDENTEMENTE DO PREÇO QUE TERIA DE PAGAR. TROPEÇOU NUMA PEDRA DA CALÇADA, MAS A MÃO DE DAGMAR AGARROU-LHE IMEDIATAMENTE O BRAÇO. EMELIE APOIOU-SE NA VELHA MULHER E SENTIU-SE SEGURA.

— PATRIK E GÖSTA DISSERAM ALGUMA COISA? — perguntou Paula, parando à porta de Annika.

— Não, ainda não — respondeu a secretária. Ia começar a dizer mais qualquer coisa, mas Paula já estava a caminho da cozinha, ansiosa por beber um café numa chávena lavada, depois de ter passado a manhã inteira nas casas imundas dos toxicodependentes. Por precaução, deu um salto à casa de banho para lavar cuidadosamente as mãos. Quando se virou, Martin estava à entrada, à espera para fazer o mesmo.

— As grandes mentes pensam da mesma maneira — disse com uma gargalhada.

Paula secou as mãos e deu um passo para o lado, para dar espaço a Martin no lavatório.

— Também queres uma chávena de café? — perguntou por cima do ombro enquanto se dirigia para a cozinha.

— Claro, obrigado — respondeu Martin em voz alta, para sobrepor a voz ao barulho da água a jorrar da torneira.

O recipiente de café estava vazio, mas a placa de aquecimento por baixo estava em brasa. Paula praguejou, desligou a máquina de café e começou a esfregar o fundo do recipiente para retirar as borras negras.

— Cheira aqui a queimado — disse Martin quando entrou na cozinha.

— Um idiota qualquer bebeu o café todo e esqueceu-se de desligar a máquina. Espera uns minutos que já faço mais.

— Também já bebia um cafezinho — disse Annika atrás deles. Foi até a mesa da cozinha e sentou-se.

— Como é que vai isso? — perguntou Martin quando se sentou ao lado de Annika e lhe pôs o braço em torno dos ombros.

— Quer dizer que não sabem da novidade?

— Qual novidade? — Paula estava a encher o filtro de café com uma colher.

— Esta manhã isto esteve animadíssimo.

Paula virou-se para lhe lançar um olhar inquiridor.

— Que aconteceu?

— Mellberg deu uma conferência de imprensa.

Martin e Paula trocaram olhares, como que para se certificarem de que tinham ouvido o mesmo.

— Uma conferência de imprensa? — perguntou Martin, recostando-se na cadeira. — Só podes estar a gozar.

— Não. Parece que Bertil teve essa ideia brilhante a noite passada e telefonou aos jornais e às estações de rádio. E todos morderam o isco. Tivemos casa cheia. Até o GT e o Aftonbladet apareceram.

Paula pousou o suporte para o filtro de café com um estrondo.

— Terá enlouquecido? Que raio de ideia foi essa? — Paula sentiu a pulsação a acelerar e forçou-se a respirar fundo. — Patrik já sabe?

— Ah, sim, podes crer que já sabe. Estiveram trancados no gabinete de Mellberg durante algum tempo. Não consegui ouvir grande coisa, mas a linguagem que estavam a utilizar não era propriamente para crianças.

— Não me admira nada — disse Martin. — Por que diabo foi Mellberg fazer uma coisa dessas? Presumo que se tenha explorado a ideia da cocaína, certo?

Annika assentiu.

— É prematuro falar acerca disso. Ainda não sabemos nada — disse Paula com ar desanimado.

— Tenho certeza de que foi isso que Patrik tentou salientar — afirmou Annika.

— Como é que correu a conferência de imprensa? — Paula apertou finalmente o botão da máquina e sentou-se quando o café começou a pingar para o recipiente.

— Bem, foi o circo do costume. Não me admirava nada que os jornais de amanhã pusessem a notícia na primeira página.

— Maldição! — exclamou Martin.

Por um momento, ninguém disse nada.

— Então e como vos correu o dia aos dois? — perguntou Annika, decidindo mudar de assunto. Já não podia ouvir falar de Bertil Mellberg.

— Não há muito a relatar. — Paula levantou-se e deitou café em três canecas. — Conversamos com alguns dos suspeitos do costume, tipos que estão envolvidos no tráfico de droga aqui na zona, mas não descobrimos nenhuma ligação a Mats.

— Não consigo mesmo imaginá-lo a dar-se com tipos como Rolle e os amigos dele. — Agradecido, Martin pegou na caneca de café fumegante que Paula lhe entregou.

— Também me custa a imaginar isso — disse Paula. — Ainda assim, valia a pena tentarmos. Não é que se venda ou compre muita cocaína por estas bandas. Consome-se sobretudo heroína e anfetaminas.

— Lennart já te disse alguma coisa? — perguntou Martin. Annika abanou a cabeça.

— Não. Assim que ele tiver alguma novidade, eu digo-vos. Sei que passou umas horas de volta dos documentos ontem à noite, por isso deve ter feito algum

progresso. Ah, e disse-me que na quarta- feira já deve ter alguma resposta.

— Ótimo — disse Paula, bebendo mais um golo de café.

— Quando é que Patrik e Gösta voltam? — perguntou Martin.

— Não faço ideia — respondeu Annika. — Iam primeiro à câmara municipal. Depois queriam encontrar-se com os pais de Mats em Fjällbacka, por isso ainda devem demorar um bocado.

— Espero que consigam falar com os pais antes de os tipos dos jornais lhes começarem a telefonar — disse Paula.

— Eu não contaria muito com isso — afirmou Martin com ar sombrio.

— Maldito Mellberg — disse Annika.

— Sim, maldito Mellberg — murmurou Paula.

Ficaram os três sentados em silêncio, fitando o tampo da mesa.

Depois de passar duas horas a ler e a fazer consultas na Internet, Erica percebeu que estava sentada há demasiado tempo. Ainda assim, a pesquisa tinha-se revelado bastante produtiva. Descobriu muito sobre Gråskär, sobre a sua história e as pessoas que lá viveram. E acerca daqueles que, segundo a lenda, nunca deixavam a ilha. Não importava que não acreditasse em fantasmas. Os relatos fascinavam-na e uma parte dela queria realmente acreditar nisso.

— Precisamos de um pouco de ar fresco, não acham? — disse para os gêmeos, que estavam deitados lado a lado na manta que pusera no chão.

Era sempre muito trabalhoso vestir os dois bebês e ao mesmo tempo arranjar-se a si própria para saírem, mas agora começava a ser mais fácil, pois bastava vestir-lhes casacos mais leves. Às vezes soprava um vento frio, por isso Erica decidiu jogar pelo seguro e pôr um gorro quente a cada um. Pouco tempo depois estavam fora de casa. Erica ansiava pelo dia em que poderia finalmente livrar-se daquele carrinho desajeitado. Era pesado e difícil de manobrar, mesmo que lhe proporcionasse muito do exercício de que tanto precisava. Embora soubesse que era ridículo preocupar-se com os quilos a mais que ganhara durante a gravidez, nunca aprendera a contentar-se com o corpo que tinha. Detestava ser tão superficial, tão previsível como uma garota, mas aquela vozinha dentro da sua cabeça continuava a sussurrar-lhe que não era suficientemente boa. E parecia mais difícil livrar-se daquela imagem negativa que tinha de si própria do que de qualquer outra coisa.

Estugou o passo e sentiu-se a começar a transpirar. Não havia muitas pessoas na rua, mas foi acenando a quem ia encontrando pelo caminho, trocando algumas palavras aqui e ali. Muitos perguntavam por Anna, mas Erica apenas lhes dava breves respostas. Parecia demasiado pessoal falar acerca dos progressos — ou da falta deles — da irmã. Ainda não queria dividir a sensação de calor que carregava no coração. Ainda era uma sensação demasiado frágil.

Depois de passar a fila de cabanas de pesca, que parecia um colar de contas vermelhas, Erica fez uma pausa para olhar para cima, para o Badis. Queria ter uma breve conversa com Vivianne para lhe agradecer o conselho que lhe dera acerca de Anna, mas subir o íngreme lance de escadas parecia uma tarefa intransponível. Depois de pensar por um momento, concluiu que podia tomar o caminho alternativo. Era à mesma uma subida, mas seria mais fácil do que ir pelas escadas. Decidida, virou o pesado carrinho e conduziu-o até a rua seguinte. Quando finalmente chegou ao topo da colina íngreme, Erica arfava tanto que pensou que os pulmões iam rebentar. Mas pelo menos tinha conseguido e agora bastava seguir o caminho que conduzia ao Badis.

— Olá? — chamou, dando um par de passos no interior do hotel. Os gêmeos tinham ficado no carrinho que Erica deixara do lado de fora da entrada. Não ia dar-se ao trabalho de os tirar dali sem saber se Vivianne estava.

— Olá! — Vivianne apareceu ao virar da esquina e o rosto iluminou-se quando viu Erica. — Estava a passar por aqui e resolveu dar cá um salto?

— Espero não incomodar. Se estiver atarefada, por favor diga-me. Só viemos dar um passeio, eu e os meus filhos.

— Não incomoda nada. Entre. Quer tomar alguma coisa? Onde estão os gêmeos? — Vivianne olhou em redor e Erica apontou para o carrinho.

— Deixei-os no carrinho porque não tinha certeza se a Vivianne cá estava.

— Ultimamente tenho a sensação de que passo aqui vinte e quatro horas por dia — disse Vivianne, rindo-se. — Consegue trazer os seus bebês para dentro, sozinha, enquanto eu vou preparar alguma coisa para bebermos?

— Claro que sim. Não tenho outro remédio — disse Erica com um sorriso enquanto saía para ir buscar os filhos. Havia algo em Vivianne que fazia com que as outras pessoas se sentissem bem na sua presença. Erica não sabia o que era, mas parecia sentir-se mais forte ao pé daquela mulher.

Pôs as alcofas em cima da mesa e sentou-se.

— Calculei que não estivesse muito interessada em chá verde, por isso fiz um bocado daquela zurrapa de que a Erica gosta.

Vivianne piscou-lhe o olho e pôs uma chávena à frente de Erica, que aceitou com gratidão o café escuro como breu. Lançou um olhar desconfiado ao conteúdo pálido da chávena de Vivianne.

— Acredite, é uma questão de hábito — disse Vivianne, bebendo um golinho. — O chá verde tem toneladas de antioxidantes. Ajudam o organismo a prevenir o cancro. Entre outras coisas.

— A sério? — perguntou Erica, bebendo o seu café. Por mais saudável que fosse o chá, não passava sem cafeína.

— Como tem passado a sua irmã? — perguntou Vivianne, acariciando a

bochecha de Noel.

— Melhor, obrigada — respondeu Erica com um sorriso. — Foi por isso que passei cá. Queria agradecer-lhe o conselho que me deu. Acho que ajudou bastante.

— Ainda bem. Há muitos estudos que demonstram o efeito curativo do toque humano.

Noel começou a choramingar. Depois de lançar um olhar inquiridor a Erica, Vivianne tirou-o da alcofa e segurou-o nos braços.

— Ele gosta de si — disse Erica ao ver que o filho se tinha acalmado instantaneamente. — Nem sempre é assim tão fácil agradar-lhe.

— São os dois maravilhosos. — Vivianne esfregou o nariz no narizinho de Noel, que tentou agarrar-lhe o cabelo com os punhos rechonchudos. — Neste momento deve estar a pensar se se atreve ou não a perguntar-me porque é que eu não tenho filhos.

Erica assentiu, envergonhada.

— Simplesmente nunca tive essa sorte — disse Vivianne, esfregando as costas de Noel. Erica viu um brilho e olhou para a mão de Vivianne.

— Espere lá. Está noiva? Isso é fantástico! Parabéns!

— Obrigada. Sim, é ótimo. — Vivianne fez um leve sorriso e depois desviou o olhar.

— Desculpe dizer isto, mas não parece muito entusiasmada.

— Estou cansada — disse Vivianne, empurrando a trança por cima do ombro para que Noel não pudesse alcançá-la. — Andamos a trabalhar noite e dia, por isso é difícil entusiasmar-mos com o que quer que seja. Mas claro que estou muito feliz.

— Então talvez agora... — Erica apontou para Noel, mas imediatamente se apercebeu de que estava a ser ligeiramente metediza. Ao mesmo tempo, não se conseguia conter. Havia tanta nostalgia no rosto de Vivianne quando olhava para os bebês.

— Vamos ter de esperar para ver o que acontece — disse Vivianne. — Porque não me fala do seu trabalho? Sei que está de licença de maternidade e completamente ocupada com os seus bebês, mas já começou a pensar num novo livro?

— Ainda não. Mas tenho-me entretido a fazer uma pesquisa acerca de uns assuntos que me interessam. Só para me distrair. Assim não encho completamente o cérebro com tagarelice de bebês.

— Então e qual é o tema da pesquisa? — Vivianne fazia Noel saltitar devagar no joelho e a criança parecia estar a gostar do movimento. Erica contou-lhe a viagem a Gråskär, falou de Nathalie e do nome pelo qual a ilha era conhecida em Fjällbacka.

— Ilha dos Espíritos — disse Vivianne, pensativa. — Normalmente há um fundo de verdade nessas lendas antigas.

— Bem, acho que não acredito muito em fantasmas e espíritos — disse Erica com uma gargalhada.

— Há muitas coisas que não conseguimos ver, mas que, não obstante, existem — declarou Vivianne, olhando para Erica com uma expressão solene.

— Está a dizer que acredita em fantasmas?

— Eu não lhes chamaria fantasmas. Sabe, depois de passar tantos anos a trabalhar nesta área da saúde, a experiência diz-me que há mais qualquer coisa além do corpo, do físico. Uma pessoa é composta de energias e a energia nunca desaparece, apenas se transforma.

— Teve alguma experiência? Com fantasmas, ou o que queira chamar-lhes? Vivianne assentiu.

— Muitas vezes. É uma parte natural da nossa existência. Portanto, se dizem isso de Gråskär, o mais certo é ter um fundo de verdade. Devia conversar com Nathalie. Tenho certeza de que já os viu ou sentiu manifestarem-se lá na ilha. Desde que seja receptiva a esse tipo de coisas, claro.

— Como assim? — Erica estava fascinada por aquele assunto, escutando avidamente cada palavra de

Vivianne.

— Algumas pessoas são mais receptivas a essas coisas — coisas que nós não podemos perceber através dos nossos sentidos normais. Tal como algumas pessoas conseguem ouvir ou ver melhor do que outras, alguns de nós são mais perspicazes do que outros. Mas toda a gente tem o potencial para desenvolver essa capacidade.

— Sou muito cética em relação a isso. Mas adorava que me provassem que não tenho razão.

— Então volte a Gråskär. — Vivianne piscou-lhe o olho. — Parece haver muitos deles por lá.

— Fantasmas à parte, a ilha tem uma história interessante. Gostava de debater o assunto com Nathalie e descobrir o que ela sabe. Mesmo que não saiba nada, pode ser que tenha curiosidade em conhecer o passado da ilha. E eu podia contar-lhe o que descobri até agora.

— Já vi que a Erica não tem muito jeito para pôr de lado os seus outros interesses enquanto está de licença de maternidade — disse Vivianne com um sorriso.

Erica tinha de concordar. Desempenhar o papel de mãe a tempo inteiro não era o seu forte. Estendeu a mão para Anton. Sem dúvida que Nathalie ia gostar de saber mais sobre a ilha e a sua história. Para não falar dos fantasmas.

Gunnar olhou para o telefone que tocava. Era um telefone antiquado, com marcador e um pesado auscultador pousado no descanso. Matte tinha tentado convencê-los a substituí-lo por um telefone sem fios. Até lhes tinha oferecido um no Natal, há uns anos, mas continuava na caixa, algures na cave. Gostavam do telefone antigo, ele e Signe. E agora também já não fazia diferença.

Gunnar continuou a fitar o telefone. Lentamente, o cérebro processou que aquele tom estridente significava que devia pegar no auscultador e atender.

— Estou? — disse Gunnar, escutando atentamente o que a voz do outro lado estava a dizer. — Não pode ser. Você é parvo ou quê? Como se atreve a dizer uma coisa... — Incapaz de continuar a conversa, o pai de Mats desligou o telefone com estrondo.

Um momento depois, a campainha tocou. Ainda abalado com o telefonema, Gunnar foi até o vestíbulo e abriu a porta. O flash de uma máquina fotográfica atingiu-o em cheio e foi alvo de uma enchente de perguntas. Gunnar bateu rapidamente com a porta, rodou a chave na fechadura e encostou-se aos painéis de madeira do vestíbulo. Que estava a acontecer? Ergueu os olhos para as escadas. Signe descansava no quarto. Interrogou-se se teria sido acordada por aquela barulheira. Que lhe ia dizer se descesse as escadas? O que lhe tinham perguntado não fazia qualquer sentido. Era completamente absurdo.

A campainha voltou a tocar. Gunnar cerrou os olhos, sentindo-se exausto. Ouviu uma conversa qualquer lá fora, mas não conseguia perceber uma palavra que fosse. Tudo o que percebia pelo tom era que não era uma troca de palavras amigável. Em seguida ouviu uma voz familiar.

— Gunnar, somos nós. Patrik e Gösta, da polícia. Pode fazer o favor de deixar-nos entrar?

Gunnar visualizou Matte na sua mente. Primeiro vivo, depois deitado no chão do vestíbulo no meio de uma poça de sangue e com a parte de trás da cabeça desfeita. Abriu os olhos, virou-se e abriu a porta. Patrik e Gösta entraram.

— Que é que está a acontecer? — perguntou Gunnar. A voz soou-lhe estranha e distante.

— Podemos sentar-nos? — Sem esperar por uma resposta, Patrik virou-se para a cozinha.

A campainha tocou novamente, ao mesmo tempo que o telefone. Dois ruídos penetrantes. Patrik levantou o auscultador, pousou-o novamente e depois tirou-o do

descanso.

— Não sei desligar a campainha — disse Gunnar, completamente aturdido.

Gösta e Patrik trocaram um olhar sobre a cabeça do pai de Mats e, em seguida, Gösta regressou ao vestíbulo. Saiu e fechou apressadamente a porta atrás de si. Gunnar ouviu novamente vozes iradas e uma rápida troca de palavras. Momentos depois, Gösta estava de volta.

— Acho que consegui calá-los por um bocado — disse Gösta, conduzindo suavemente Gunnar à cozinha.

— Também precisamos de falar com Signe — afirmou Patrik com uma expressão algo embaraçada. Gunnar ficou ainda mais nervoso. Se ao menos soubesse o que se estava a passar...

— Vou chamá-la — disse, virando-se.

— Já aqui estou. — Signe descia as escadas e parecia ter acabado de se levantar. Estava em roupão e tinha o cabelo em pé de um dos lados. — Quem é que não para de tocar a campainha? E o que é que os senhores estão aqui a fazer? Já descobriram alguma coisa? — Signe cravou os olhos em Patrik e em Gösta.

— Vamos todos sentar-nos na cozinha — disse Patrik. Signe parecia agora tão inquieta como Gunnar.

— Que aconteceu? — A mulher de Gunnar desceu os últimos degraus e encaminhou-se para a cozinha.

— Sentem-se — disse Patrik.

Gösta puxou uma cadeira para Signe e depois todos se sentaram. Patrik aclarou a garganta. Gunnar teve vontade de tapar os ouvidos com as mãos; não suportava ouvir mais acerca do que aquela voz insinuara ao telefone. Quando Patrik começou a falar, Gunnar olhou para a mesa. Não passava de um monte de mentiras, mentiras incompreensíveis. Mas apercebeu-se do que estava prestes a acontecer. As mentiras seriam impressas a preto e branco e tornar-se-iam verdades. Olhou de relance para Signe e viu que a mulher também compreendia. Quanto mais o agente falava, mais vazia se tornava a sua expressão. Nunca tinha visto ninguém morrer, mas era isso que estava a testemunhar naquele momento. E não havia nada que pudesse fazer. Não fora capaz de proteger Matte e agora estava paralisado enquanto observava a mulher a desaparecer.

Sentiu um frenesi dentro da cabeça. Um rugido encheu-lhe os ouvidos e achou estranho que nenhum dos outros tivesse reagido. O ruído aumentava a cada minuto que passava, até já não conseguir ouvir o que os agentes estavam a dizer. Apenas se apercebia de que os lábios deles se mexiam. Sentiu os próprios lábios a mexerem-se, formando as palavras necessárias para dizer-lhes que precisava de ir à casa de banho. Sentiu as pernas a erguerem-se e depois a conduzi-lo ao corredor. Era como se alguém se tivesse apoderado dele e lhe estivesse a manipular o corpo.

E Gunnar obedeceu, para não ouvir as palavras que não queria ouvir, para ficar longe daquela expressão vazia nos olhos de Signe.

Enquanto cambaleava pelo corredor, continuou a ouvir as vozes dos agentes ao fundo. Passou pela casa de banho e chegou a uma porta que ficava ao lado da porta de entrada. A mão mexeu-se como se tivesse vontade própria, rodando a maçaneta para a abrir. Gunnar tropeçou, mas depois recuperou o equilíbrio e, lentamente, passo a passo, desceu as escadas.

A cave estava envolta em trevas, mas Gunnar não tencionava ligar a luz. A escuridão combinava com aquele rugido e impulsionava-o para a frente. Às apalpadelas, abriu o armário ao lado da caldeira. Não estava trancado como devia estar, mas isso não importava. Se estivesse trancado, Gunnar tê-lo-ia arrombado.

Sentiu a forma familiar da coronha na mão. Afinal de contas, tinha andado a caçar alces com aquela arma há pouco tempo, no início do ano. Sem pensar, Gunnar tirou um cartucho da caixa. Não precisaria de mais do que um, por isso não havia necessidade de perder tempo a carregar mais. Introduziu-o na câmara, que produziu um clique estranhamente audível no meio do ruído ensurdecedor que ia crescendo a cada momento.

Então, Gunnar sentou-se na cadeira junto da bancada de trabalho. Sem hesitar, o dedo localizou o gatilho. Teve um sobressalto ao sentir o aço a arranhar-lhe os dentes, porém, depois disso, apenas pensou que aquilo era o mais acertado. Era o que tinha de fazer.

Gunnar puxou o gatilho. O rugido cessou.

Mellberg sentia uma pressão estranha no peito. Era diferente de tudo o que sentira antes e tinha começado no momento em que Patrik telefonara de Fjällbacka. Uma pressão desconfortável que se recusava a desaparecer.

Ernst estava a gemer no cesto. À sua maneira canina, parecia sentir o mal-estar do dono. Levantou-se, sacudiu o corpo enorme por um momento e depois patinhou até Mellberg e deitou-se aos seus pés. Aquilo ajudou um pouco, mas a sensação desagradável permanecia. Como poderia saber que aquilo ia acontecer? Que o homem se ia enfiar na cave, meter o cano da espingarda de caça na boca e estourar os miolos? De certeza que ninguém estava à espera de que ele conseguisse prever uma coisa daquelas! Por mais que tentasse agarrar-se a elas, as justificações recusavam-se a enraizar-se na sua consciência.

Mellberg levantou-se abruptamente e Ernst teve um sobressalto quando a sua almofada desapareceu repentinamente.

— Anda, meu velho, vamos para casa. — Mellberg tirou a trela do cabide e prendeu-a à coleira de

Ernst.

Reinava um silêncio sinistro quando saíram para o corredor. Estavam todos

escondidos nos seus gabinetes, por detrás de portas fechadas, mas o superintendente podia sentir as suas censuras através das paredes. Tinha-as visto nos olhos deles. E, talvez pela primeira vez na vida, foi forçado a fazer um exame de consciência. Uma voz interior dizia-lhe que talvez tivessem razão.

Ernst puxou a trela e Mellberg apressou-se a sair para a rua e para o ar fresco. Afastou a imagem de Gunnar deitado numa maca fria, à espera da autópsia. Tentou igualmente não pensar na mulher — ou melhor, na viúva, pois agora era esse o seu estado civil. Hedström tinha dito que Signe parecia completamente alheada e que não emitira um único som quando o tiro soou na cave. Patrik e Gösta tinham acorrido ao andar de baixo e, quando voltaram para a cozinha, descobriram que Signe não se mexera. Fora levada para o hospital para observação, mas a expressão nos seus olhos disse a Hedström que a mulher não voltaria a estar verdadeiramente viva. Já tinha testemunhado aquilo algumas vezes no decorrer da carreira. Pessoas que pareciam viver, que respiravam e se mexiam, mas que, apesar disso, estavam completamente vazias por dentro.

Mellberg respirou fundo antes de abrir a porta de casa. Estava à beira do pânico. Desejou poder livrar-se da pressão que sentia no peito, desejou que tudo voltasse ao normal. Não queria pensar no que tinha feito ou deixado de fazer. Nunca tinha sido muito bom a lidar com as consequências dos seus atos e nunca se tinha incomodado muito quando as coisas davam para o torto. Até agora.

— Olá? — De repente, Mellberg ansiou desesperadamente ouvir a voz de Rita e sentir-se envolvido pela calma da companheira, que sempre o fazia sentir-se tão bem.

— Olá, meu querido. Estou na cozinha.

Mellberg desprendeu a trela de Ernst e descalçou-se. Depois seguiu o cão, que correu para a cozinha, abanando o rabo. Señorita, a cadela de Rita, foi ao encontro de Ernst, abanando a cauda com satisfação, e depois os dois animais cheiraram-se.

— O jantar está pronto daqui a uma hora — disse Rita, de costas para Mellberg.

Vinha um cheiro delicioso do fogão. Bertil abriu caminho por entre os cães, que pareciam ocupar sempre imenso espaço, e foi abraçar Rita. O corpo roliço da namorada era morno e familiar, e Mellberg abraçou-o com força.

— Ena, porque é que eu mereço um abraço tão bom? — perguntou Rita, sorrindo e virando-se para pôr os braços em volta do pescoço do namorado. Bertil fechou os olhos, apercebendo-se de como era feliz e de como raramente pensava nisso. Aquela mulher, que estava agora nos seus braços, era tudo o que tinha sonhado e nem por um segundo conseguia entender como é que chegara a pensar que a vida de solteiro era a melhor coisa do mundo.

— Então, que se passa? — Rita afastou os braços para poder vê-lo melhor.
— Diz-me o que aconteceu.

Mellberg sentou-se à mesa da cozinha e deixou que as palavras lhe jorrassem da boca. Não se atreveu a olhar para Rita.

— Olha, Bertil — disse Rita, agachada ao lado dele —, parece-me que desta vez não procedeste muito bem.

Curiosamente, foi bom que Rita não tentasse confortá-lo com desculpas. Afinal de contas, ela tinha razão. Não tinha sido boa ideia contactar os jornais. Mas nunca poderia ter imaginado que ia acontecer uma coisa daquelas.

— Que vês em mim? — perguntou por fim Mellberg. Olhou-a nos olhos, como se quisesse ver qual era a resposta de Rita e não apenas ouvir as palavras. Não era costume esforçar-se para se ver a si mesmo através dos olhos de outra pessoa. Como achava aquilo desconfortável e embaraçoso, sempre tentara ao máximo não o fazer, mas não podia evitá-lo por mais tempo. E agora não queria mesmo evitá-lo. Por Rita, Mellberg queria ser uma pessoa melhor, um homem melhor.

Rita olhou para ele sem se mover durante muito tempo e depois acariciou-lhe a face.

— Vejo alguém a olhar para mim como se eu fosse a oitava maravilha do mundo. Um homem que tem tanto amor para dar que faria qualquer coisa por mim. Vejo alguém que ajudou a trazer o meu neto ao mundo e que está sempre disposto a ajudar quando é preciso. Alguém que sacrificaria a própria vida por um menino que pensa que o avô Bertil é a melhor coisa do mundo. Vejo alguém que tem mais preconceitos do que qualquer outra pessoa que alguma vez conheci, mas que está sempre pronto a pô-los de lado quando a vida lhe prova que não tem razão. E vejo um homem que tem os seus defeitos e falhas, e talvez uma ideia demasiado boa de si próprio, mas que neste momento está a sofrer porque sabe que fez uma coisa estúpida. — Rita pegou-lhe na mão e apertou-a. — Aconteça o que acontecer, tu és a pessoa ao lado de quem quero acordar todas as manhãs e, para mim, não podias ser mais perfeito.

A panela no fogão começou a transbordar, mas Rita não ligou nenhuma. Mellberg sentiu a pressão no peito começar a diminuir. E, em seu lugar, havia agora espaço para uma sensação inteiramente nova. Uma sensação de profunda gratidão.

O desânimo permanecia. Perguntou a si própria se alguma vez se livraria das saudades persistentes de alguém que sabia que nunca mais voltaria a tocar. Nathalie mexia-se com inquietação debaixo das cobertas. A noite ainda era uma criança e ainda era cedo para estar deitada, mas Sam estava a dormir e Nathalie tentara ler um bocado. No entanto, meia hora depois, apenas tinha conseguido virar a página uma vez e mal conseguia lembrar-se do livro que tinha nas mãos.

Fredrik não gostava que Nathalie lesse. Considerava a leitura uma perda de tempo, e quando dava por ela embrenhada num livro, tirava-o bruscamente das mãos e lançava-o no fundo do quarto. Nathalie sabia o que estava por detrás daquele comportamento. Fredrik nunca tinha lido um livro na vida e não suportava a ideia de que Nathalie fosse mais culta e soubesse mais do que ele, ou que tivesse acesso a outros mundos. Ele é que era o esperto e o mundano; o papel de Nathalie naquela relação era ser bonita e manter a boca fechada, sem fazer perguntas nem expressar qualquer opinião. Num jantar que uma vez deram em casa, Nathalie cometera o erro de envolver-se numa discussão dos homens acerca da política externa americana. As opiniões que expressou deixavam claro que sabia do que estava a falar e isso enfureceu Fredrik. O marido manteve a calma até os convidados saírem. Depois, Nathalie pagou um preço bem alto por ter falado. Na altura estava no terceiro mês de gravidez.

Fredrik tinha-lhe roubado tanta coisa. Aos poucos, tinha-lhe controlado os pensamentos, o corpo, a autoestima. Não podia permitir que também lhe levasse Sam. O filho era a sua vida e sem ele Nathalie não era nada.

Pousou o livro na cama e virou-se com a cara para a parede. Quase ao mesmo tempo, sentiu que alguém se sentava na beira da cama e lhe punha a mão no ombro. Nathalie sorriu e fechou os olhos. Alguém estava a cantarolar uma canção de embalar; a voz era agradável mas fraca, pouco mais do que um sussurro. Ouviu uma risada infantil. Um rapazinho brincava no chão, aos pés da mãe, e ouvia a canção, como Nathalie. Desejou poder ficar ali para sempre. Ali estavam a salvo — ela e Sam. A mão no ombro era suave e reconfortante. A voz continuava a cantar e Nathalie teve vontade de se virar para olhar para a criança. Em vez disso, sentiu as pálpebras a ficarem pesadas.

A última coisa que viu, na fronteira entre o sonho e a realidade, foi o sangue nas mãos.

— Estás a dizer que Erling te deixou sair sem protestar? — Anders beijou Vivianne na face quando a irmã entrou.

— Problemas na câmara municipal — explicou Vivianne, aceitando agradecida o copo de vinho que o irmão lhe oferecia. — Além disso, Erling sabe que temos muito que fazer antes da inauguração.

— Okay. Vamos tratar disso primeiro? — perguntou Anders. Sentou-se à mesa da cozinha, que estava coberta de papéis.

— Às vezes nada parece fazer sentido — disse Vivianne, sentando-se à frente do irmão.

— Mas tu sabes porque é que estamos a fazer isto.

— Sim, sei — disse Vivianne, olhando para o vinho no copo. Anders reparou de repente no anel que a irmã usava.

— Que é isso?

— Erling pediu-me em casamento. — Vivianne ergueu o copo e bebeu um grande golo de vinho.

— A sério?

— Sim — respondeu. Que mais havia de dizer?

— Já recebemos confirmações relativamente aos convites que enviamos? — Pressentindo que estava na altura de mudar de assunto, Anders pegou em várias listas de nomes que tinham sido agraphadas umas às outras.

— Sim, o limite era sexta-feira passada.

— Ótimo. Pelo menos essa parte está controlada. E a comida?

— Já compramos tudo. O cozinheiro parece bom e já temos empregados de mesa suficientes.

— Não achas que isto é um bocado absurdo? — perguntou Anders repentinamente, voltando a pousar as listas de convidados na mesa.

— Como assim? — perguntou por seu turno Vivianne. Um sorriso despontou-lhe nos lábios. — Qual é o mal de nos divertirmos um bocado?

— Sim, mas isto envolve uma carga de trabalhos. — Anders apontou para todos os papéis sobre a mesa.

— Que culminará numa noite fabulosa. Um grand finale. — Vivianne ergueu o copo num brinde ao irmão e bebeu o resto do vinho. Subitamente, o sabor e o cheiro deixaram-na maldispota. As imagens que lhe passaram pela mente eram claras e distintas, apesar de terem chegado de tão longe.

— Já pensaste no que eu disse? — perguntou Anders, lançando-lhe um olhar inquiridor.

— Em quê? — Vivianne fingiu não perceber.

— Sobre Olof.

— Já te disse: não quero falar dele.

— Não podemos continuar assim. — A voz de Anders era suplicante e Vivianne não conseguia compreender por quê. Que queria ele? Só sabiam fazer aquilo. Continuar a andar para a frente. Era assim que viviam desde que se tinham livrado dele — e do fedor a vinho tinto, do fumo dos cigarros e dos cheiros estranhos dos homens. Ela e Anders tinham feito tudo juntos, por isso Vivianne não conseguia compreender a ideia do irmão quando dizia que não podiam continuar assim.

— Ouviste as notícias?

— Sim. — Anders levantou-se e começou a pôr a mesa para o jantar. Juntou todos os documentos num monte que depois colocou numa das cadeiras da cozinha.

— E o que é que achas?

— Não acho nada — respondeu Anders, pondo dois pratos em cima da

mesa.

— Fui a tua casa naquela sexta-feira à noite, depois de Matte ter vindo ao Badis. Erling estava a dormir e eu precisava de falar contigo. Mas tu não estavas em casa. — Pronto, já o tinha dito, já tinha dado voz ao que a andava a atormentar. Vivianne olhou para Anders, rezando por alguma reação que pudesse aliviar-lhe a mente. Mas o irmão não queria olhar para ela. Não se mexeu, embora continuasse ali parado, de olhos fixos na mesa.

— Não me lembro mesmo do que estava a fazer nessa noite. Talvez tenha ido dar um passeio.

— Foi depois da meia-noite. Quem é que vai dar um passeio a essa hora?

— Tu andavas na rua.

Vivianne sentiu as lágrimas a picarem-lhe os olhos. Anders nunca tivera segredos para ela. Nunca haviam tido segredos um para o outro. Pelo menos até aquele momento. E aquilo assustava-a como nada a assustara antes.

Patrik enterrou o rosto no cabelo dela e ficaram assim no vestíbulo durante algum tempo.

— Já soube — acabou por dizer Erica.

Os telefones tinham começado a tocar em Fjällbacka assim que se soubera e agora já toda a gente estava ao corrente. Gunnar Sverin tinha descido até a cave da sua casa e suicidara-se com um tiro.

— Meu amor. — Erica reparou que Patrik respirava de modo estranho e entrecortado, e quando por fim se afastou dela, Erica viu as lágrimas nos olhos do marido.

— Que aconteceu? — perguntou.

Pegou-lhe na mão e conduziu-o até a cozinha. As crianças estavam a dormir e não se ouvia mais nada a não ser as vozes abafadas da televisão na sala de estar. Erica empurrou-o gentilmente para uma cadeira à mesa da cozinha e começou a preparar a sanduíche preferida do marido: torrada com manteiga, queijo e caviar, que Patrik gostava de mergulhar no chocolate quente.

— Não tenho fome — resmungou Patrik.

— Tens de comer — disse Erica na sua melhor voz maternal enquanto continuava a preparar-lhe a comida.

— Aquele sacana do Mellberg. Foi ele quem começou isto tudo — acrescentou por fim Patrik, limpando os olhos à manga da camisa.

— Eu vi as notícias. Foi Mellberg quem...

— Sim.

— Desta vez excedeu-se mesmo. — Erica mexeu o cacau O'boy num tacho com leite. Depois acrescentou mais uma colher de açúcar.

— Assim que ouvimos o tiro na cave, soubemos logo o que tinha acontecido.

Gösta e eu. Gunnar disse que ia à casa de banho, mas nós não fomos confirmar para termos certeza. Devíamos ter pensado... — As palavras pareceram ficar-lhe presas na garganta e uma vez mais Patrik teve de limpar os olhos à manga.

— Toma — disse Erica, dando-lhe uma folha de rolo de cozinha.

Doía-lhe ver Patrik a chorar, porque era muito raro acontecer. Erica daria tudo para o ver outra vez alegre. Preparou duas sanduíches e serviu-lhe uma grande e fumegante chávena de chocolate quente.

— Vá, agora tens de comer — disse com firmeza, pondo tudo na mesa à frente do marido.

Patrik sabia que de nada adiantava resistir. Relutantemente, mergulhou uma das sanduíches no cacau até a torrada começar a amolecer. Então deu-lhe uma grande dentada.

— Como está Signe? — perguntou Erica, sentando-se ao lado dele.

— Eu já estava preocupado com ela antes de isto ter acontecido. — Patrik estava com dificuldade em engolir um segundo pedaço de sanduíche. — E agora... não sei. Deram-lhe um sedativo e está a ser observada no hospital. Mas não me parece que alguma vez volte a ser a mesma pessoa. Perdeu tudo o que tinha. — Mais lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Patrik, e Erica levantou-se para ir buscar mais uma folha de rolo de cozinha.

— Que vais fazer agora?

— Vamos continuar a investigar o caso. Amanhã, Gösta e eu vamos a Gotemburgo para seguir uma pista. E o patologista forense vai enviar o relatório da autópsia de Mats. Temos de continuar a trabalhar como de costume. Ou melhor, temos de trabalhar ainda mais.

— E os jornais?

— Não podemos impedi-los de escrever o que quiserem. Mas uma coisa é certa: ninguém na delegacia vai ter nada para lhes dizer. Nem sequer Mellberg. Se ele falar com algum jornalista, juro que vou expor o assunto ao comando da polícia em Gotemburgo. E há muitas outras coisas que lhes poderia contar sobre ele.

— Sim, eu também faria isso — disse Erica. — Queres ficar aqui mais um bocado ou vamos deitar-nos?

— Vamos deitar-nos. Gostava de me enfiar debaixo do edredão contigo e abraçar-te. Achas que posso fazer isso? — Patrik pôs-lhe o braço em volta da cintura.

— Sem dúvida.

FJÄLLBACKA, 1871

ERA UMA SENSACÃO ESTRANHA SER EXAMINADA PELO MÉDICO. EMELIE NUNCA TINHA ESTADO DOENTE NA VIDA E NÃO ESTAVA ACOSTUMADA AO TOQUE DAS MÃOS DE UM ESTRANHO NO SEU CORPO. MAS A PRESENÇA DE DAGMAR TEVE UM EFEITO CALMANTE SOBRE ELA, E, DEPOIS DO EXAME, O MÉDICO ASSEGURARA-LHE QUE TUDO PARECIA ESTAR BEM. ERA MAIS DO QUE CERTO QUE EMELIE IA DAR À LUZ UMA CRIANÇA SAUDÁVEL.

QUANDO SAÍRAM DO CONSULTÓRIO, EMELIE SENTIU-SE IMENSAMENTE FELIZ.

— ACHAS QUE VAI SER MENINO OU MENINA? — PERGUNTOU DAGMAR. — AS DUAS MULHERES FIZERAM UMA BREVE PAUSA PARA RECUPERAR O FÔLEGO E DAGMAR PÔS SUAVEMENTE A MÃO NA BARRIGA DE EMELIE.

— MENINO — DISSE EMELIE.

ESTAVA COMPLETAMENTE SEGURA. NÃO ERA CAPAZ DE EXPLICAR PORQUE É QUE SABIA QUE ERA UM MENINO QUE ESTAVA A DAR PONTAPÉS ENÉRGICOS DENTRO DELA. MAS SABIA.

— UM RAPAZINHO. ACHO QUE TENS RAZÃO.

— SÓ ESPERO QUE ELE NÃO... — EMELIE CONTEVE-SE E PAROU A MEIO DA FRASE.

— SÓ ESPERAS QUE NÃO SAIA AO PAI, NÃO É?

— SIM — SUSSURROU EMELIE, SENTINDO TODA A ALEGRIA DESAPARECER. A IDEIA DE IR SENTADA NO BARCO COM KARL E JULIAN PARA VOLTAREM À ILHA FEZ COM QUE TIVESSE VONTADE DE FUGIR.

— KARL NÃO TEM TIDO UMA VIDA FÁCIL. O PAI FOI SEMPRE MUITO DURO COM ELE.

EMELIE TEVE VONTADE DE PERGUNTAR A DAGMAR O QUE QUERIA DIZER COM AQUILO, MAS NÃO SE ATREVEU. EM VEZ DISSO, AS LÁGRIMAS COMEÇARAM A ESCORRER-LHE PELO ROSTO E SENTIU-SE ENVERGONHADA QUANDO AS LIMPOU APRESSADAMENTE À MANGA. DAGMAR OLHOU-A COM EXPRESSÃO SOLENE.

— A TUA CONSULTA NÃO CORREU BEM — AFIRMOU. EMELIE OLHOU PARA DAGMAR, CONFUSA.

— MAS EU PENSAVA QUE O DOUTOR TINHA DITO QUE ESTAVA

TUDO BEM.

— NÃO, NÃO CORREU MESMO NADA BEM. ALIÁS, A SITUAÇÃO É TÃO GRAVE QUE VAIS TER DE PASSAR O RESTO DA GRAVIDEZ NA CAMA. E TENS DE ESTAR PERTO DO MÉDICO, PARA O CASO DE PRECISARES DE AJUDA. NEM PENSAR EM FAZER UMA VIAGEM DE BARCO.

— OH, MAS... — EMELIE COMEÇOU A PERCEBER AONDE DAGMAR ESTAVA A QUERER CHEGAR, EMBORA MAL SE ATREVESSE A ACREDITAR NO QUE OUVIA. — POIS NÃO, A CONSULTA NÃO CORREU BEM. MAS ONDE É QUE EU IA...

— EU TENHO UM QUARTO VAGO. O MÉDICO ACHOU QUE SERIA BOA IDEIA FICARES A MORAR COMIGO PARA QUE ALGUÉM PUDESSE CUIDAR DE TI.

— OH, SIM — DISSE EMELIE, E AS LÁGRIMAS VIERAM-LHE NOVAMENTE AOS OLHOS. — MAS ISSO NÃO SERIA MUITO INCÓMODO? NÃO PODEMOS PAGAR-LHE.

— NÃO É PRECISO PAGAREM NADA. SOU UMA VELHA A VIVER SOZINHA NUMA CASA GRANDE E ADORARIA TER ALGUMA COMPANHIA. E SERIA UMA GRANDE ALEGRIA AJUDAR A TRAZER UMA CRIANÇA AO MUNDO.

— A CONSULTA NÃO CORREU BEM — REPETIU EMELIE, HESITANTE, QUANDO SE APROXIMARAM DA PRAÇA.

— NÃO, NADA BEM. O DOUTOR DISSE QUE PRECISAS DE IR JÁ PARA A CAMA. CASO CONTRÁRIO, AS COISAS PODEM ACABAR MUITO MAL.

— SIM, FOI ISSO QUE ELE DISSE — RETORQUIU EMELIE, MAS SENTIU LOGO O CORAÇÃO A MARTELAR-LHE O PEITO QUANDO VIU KARL AO LONGE.

O MARIDO AVISTOU-AS E APRESSOU-SE NA SUA DIREÇÃO COM AR IMPACIENTE.

— A CONSULTA DEMOROU MUITO TEMPO. AINDA TEMOS MUITO QUE FAZER E, NÃO TARDA, TEMOS DE NOS PÔR A CAMINHO DA ILHA.

NORMALMENTE, KARL NÃO COSTUMAVA TER TANTA PRESSA EM VOLTAR, PENSOU EMELIE. PELO MENOS QUANDO IA COM JULIAN À TABERNA DE ABELA. AÍ JÁ NÃO IMPORTAVA SE CHEGASSEM TARDE. DE REPENTE, JULIAN APARECEU ATRÁS DE KARL E, POR UM MOMENTO, APODEROU-SE DELA UMA TAL SENSACÃO DE PÂNICO QUE EMELIE PENSOU QUE PODIA CAIR MORTA ALI MESMO. NESSE MOMENTO, SENTIU DAGMAR DAR- LHE O BRAÇO.

— ISSO ESTÁ FORA DE QUESTÃO — DISSE DAGMAR COM VOZ CALMA E FIRME. — O MÉDICO MANDOU-A FAZER REPOUSO ABSOLUTO. E FOI MUITO INSISTENTE EM RELAÇÃO A ISSO.

KARL ESTAVA PERPLEXO. OLHOU PARA EMELIE, QUE QUASE PODIA VER O TORVELINHO DE PENSAMENTOS QUE LHE PASSAVA PELA CABEÇA, COMO RATOS A CORRER. SABIA QUE O MARIDO NÃO ESTAVA MINIMAMENTE PREOCUPADO COM ELA. ESTAVA APENAS A TENTAR PESAR AS CONSEQUÊNCIAS DO QUE A TIA TINHA ACABADO DE DIZER-LHES. EMELIE NÃO DISSE UMA ÚNICA PALAVRA. BALANÇAVA UM POUCO PARA A FRENTE E PARA TRÁS, PORQUE OS PÉS E AS COSTAS DOÍAM-LHE DEPOIS DE TANTO ANDAR.

— MAS ISSO NÃO VAI PODER ACONTECER — DISSE POR FIM KARL, E EMELIE SABIA QUE OS RATOS AINDA CORRIAM DESENFREADAMENTE PELA MENTE DO MARIDO. — QUEM VAI TRATAR DO TRABALHO DOMÉSTICO?

— ORA, ORA, TENHO A CERTEZA DE QUE VOCÊS OS DOIS CONSEGUEM DAR CONTA DO RECADO — AFIRMOU DAGMAR. — COZEM UMAS BATATAS, FRITAM UNS ARENQUES E VÃO VER QUE SE ARRANJAM MUITO BEM SOZINHOS. ACHO QUE NÃO VÃO MORRER À FOME.

— MAS PARA ONDE VAI EMELIE? NÓS TEMOS DE ESTAR NO FAROL, POR ISSO NÃO POSSO FICAR AQUI. E NÃO PODEMOS DAR-NOS AO LUXO DE LHE ALUGAR UM QUARTO. ONDE É QUE VAMOS ARRANJAR DINHEIRO PARA ISSO? — O ROSTO DE KARL ESTAVA FICANDO VERMELHO DE RAIVA E JULIAN OLHAVA FURIOSAMENTE PARA EMELIE.

— A TUA MULHER PODE FICAR EM MINHA CASA — DISSE DAGMAR. — VAI SER MUITO BOM PARA MIM TER COMPANHIA E RECUSO-ME A ACEITAR UM ÚNICO ÖRE EM TROCA. TENHO CERTEZA DE QUE TEU PAI VAI ACHAR QUE ISTO É UM EXCELENTE ACORDO, MAS POSSO FALAR COM ELE, SE QUISER.

KARL FITOU A TIA POR ALGUNS SEGUNDOS E DEPOIS DESVIOU O OLHAR.

— NÃO, ACHO QUE ASSIM ESTÁ TUDO MUITO BEM MURMURou. — OBRIGADO. É MUITO ATENCIOSO DE SUA PARTE.

— NÃO TENS NADA QUE AGRADECER. BEM, VAMOS PARA CASA, QUE VOCÊS AINDA TÊM COMPRAS PARA FAZER E DEPOIS IR EMBORA.

EMELIE NÃO OUSOU OLHAR SEQUER DE RELANCE PARA O MARIDO. MAS NÃO PÔDE DEIXAR DE SENTIR UM SORRISO BAILANDO

EM SEUS LÁBIOS. GRAÇAS A DEUS QUE NÃO PRECISAVA VOLTAR PARA A ILHA.

— PARECE QUE TAMBÉM NÃO CONSEGUISTE DORMIR a noite passada — disse Gösta, reparando nos círculos escuros sob os olhos de Patrik. Gösta também tinha olheiras.

— Pois não, não consegui — concordou Patrik.

— Já deves estar muito habituado a esta estrada — disse Gösta, olhando de relance na direção de

Torp, pois estavam novamente a caminho de Gotemburgo.

— Hum, hum.

Gösta percebeu a deixa e inclinou-se para ligar o rádio em vez de tentar manter uma conversa com o colega. Uma hora mais tarde, depois de ter ouvido demasiada música pop inútil, chegaram finalmente à cidade.

— Quando falaste com ele ao telefone, pareceu-te disposto a ajudar-nos? — perguntou Gösta. Sabia por experiência própria que a colaboração entre os distritos policiais dependia muitas vezes de quem os chefiava. Se se deparassem com um tipo mal-humorado, seria quase impossível obterem qualquer informação.

— Parecia simpático — disse Patrik quando avançou, à frente de Gösta, para a recepção. — Patrik

Hedström e Gösta Flygare. Estamos aqui para falar com Ulf Karlgren.

— Sou eu — trovejou uma voz por detrás deles, e um homem robusto com um blusão de couro preto e botas de cowboy aproximou-se. — Estava a pensar que podíamos ir para o refeitório. O meu gabinete é muito apertado e o café lá é melhor.

— Claro — disse Patrik. Não pôde deixar de olhar aquele polícia improvável de alto a baixo. Era evidente que Ulf Karlgren não ligava nenhuma ao uniforme regulamentar, o que se tornou ainda mais evidente quando Patrik vislumbrou a camiseta desbotada que o colega usava por baixo do blusão. Ostentava o logótipo AC/DC no peito.

— Sigam-me.

Ulf avançava em grandes passadas a caminho do refeitório. Patrik e Gösta davam o seu melhor para o acompanhar. Repararam que o homem tinha um longo rabo de cavalo que compensava a escassez de cabelo no topo da cabeça. E puderam ver claramente a silhueta de uma caixa de rapé no bolso de trás das calças.

— Olá, meninas! Hoje estão mais bonitas do que nunca. — Ulf piscou o olho às mulheres por detrás do balcão, que se riram alegremente. — Então, que têm hoje para me tentar? Sabem que tenho de ter cuidado com a minha figura! — Ulf deu uma palmadinha na barriga, que se evidenciava perfeitamente por baixo da camiseta, e Patrik deu por si a pensar em Mellberg. Mas as semelhanças não iam além da

barriga. Ulf era uma pessoa significativamente mais atraente.

— Cada um de nós vai comer uma fatia de bolo princesa — disse Ulf, apontando para a bandeja com um enorme bolo verde de maçapão.

Patrik começou a protestar, mas Ulf fez um gesto a indicar que não adiantava reclamar.

— Têm de pôr um bocado de carne nesses ossos — disse o polícia de Gotemburgo, colocando as fatias na bandeja. — E três cafés. Assim já ficamos bem.

— Olhe, não precisa de... — disse Patrik quando Ulf tirou um cartão de crédito da carteira muito usada.

— Não se preocupe com isso. Hoje é por minha conta. Venham, vamos sentar-nos.

Patrik e Gösta seguiram-no até a mesa e sentaram-se. O alegre Ulf de repente pôs-se sério.

— Queriam perguntar-me umas coisas acerca de um bando de motoqueiros, não é?

Patrik assentiu. Resumiu o que tinha acontecido e o que tinham descoberto até o momento. Em seguida, explicou que uma testemunha tinha visto Mats Sverin a ser agredido por vários tipos que pareciam motoqueiros com águias nas costas.

Ulf assentiu.

— Parece credível. Pela sua descrição, poderíamos estar a falar dos IE.

— IE? — Gösta já tinha acabado de comer a sua fatia de bolo. Patrik não conseguia perceber onde o colega punha tudo o que comia. Era magro como um galgo.

— Illegal Eagles. — Ulf tinha posto quatro cubos de açúcar na chávena e mexia lentamente o café. — São o principal bando desta zona. Mais beras, feios e cruéis do que todos os outros.

— Merda!

— Se são eles que estão envolvidos, aconselho-vos a proceder com cautela. Tivemos alguns confrontos bastante desagradáveis com esse bando.

— No que é que esses IE estão metidos? — perguntou Patrik.

— Droga, prostituição, proteção de delinquentes, extorsão. Tudo. Seria mais fácil dizer-vos no que eles não estão metidos.

— Cocaína?

— Sem dúvida. Mas também passam heroína, anfetaminas e, até certo ponto, esteroides anabolizantes.

— Já teve oportunidade de verificar se Mats Sverin esteve relacionado com alguma investigação policial por estas bandas? — perguntou Patrik.

— O nome dele nunca veio à baila. — Ulf abanou a cabeça. — O que não significa necessariamente que não tenha estado envolvido em alguma coisa, apenas

que o nome dele nunca chegou ao nosso conhecimento.

— Ele não encaixa propriamente no perfil. Quer dizer, como membro de um bando — disse Gösta, inclinando-se para trás com ar satisfeito.

— O núcleo duro do grupo é constituído por motoqueiros, mas há todo o tipo de gente em torno deles, sobretudo quando se trata de droga. Algumas das nossas investigações conduziram-nos às classes sociais mais abastadas.

— Seria possível entrar em contacto com esse bando? — Patrik bebeu o resto do café. Ulf levantou-se imediatamente para lhe ir buscar outro.

— A segunda chávena é de borla — declarou quando voltou a sentar-se. — Como eu estava a dizer, não recomendo um contacto direto com estes senhores. Tivemos uma série de experiências desagradáveis com eles. Por isso, se pudessem começar a explorar outro ângulo, por exemplo, falar com pessoas ligadas a esse tal Sverin, aconselhava-os a fazerem isso.

— Compreendo — disse Patrik. — Quem é o chefe dos IE?

— Stefan Ljungberg. É um neonazi que fundou o bando há dez anos. Já esteve dentro uma série de vezes depois de ter feito dezoito anos. Antes disso estava num centro de detenção para delinquentes juvenis. Está a ver o género, não é?

Patrik assentiu, embora na verdade nunca se tivesse deparado com tal espécie. Em comparação, os criminosos da sua área pareciam incrivelmente brandos.

— O que é que os levaria a ir a Fjällbacka para meter uma bala na cabeça de alguém? — perguntou Gösta.

— Ocorre-me uma série de cenários prováveis. Tentar sair do bando é normalmente a melhor maneira de acabar com uma bala na cabeça, embora esse não pareça ser o caso; portanto, temos de considerar outras possibilidades. Talvez tenham sido enganados numa transação de droga, talvez estivessem com medo que alguém desse com a língua nos dentes. Se assim for, talvez devamos interpretar a agressão como um aviso. Mas isto é tudo pura especulação. Vou perguntar aos meus colegas se ouvirem falar de alguma coisa mais concreta. Recomendo igualmente que falem com pessoas próximas de Sverin. Muitas vezes sabem mais do que os próprios pensam.

Patrik tinha dúvidas. Esse tinha-se revelado o maior problema da investigação até o momento. Ninguém parecia saber muito acerca de Mats Sverin.

— Obrigado pelo tempo que nos dispensou — disse Patrik, levantando-se. Ulf apertou-lhe a mão e sorriu.

— Tudo bem. Foi um prazer ajudar-vos. Se tiverem mais perguntas, deem-me uma apitadela.

— Tenho certeza de que isso vai acontecer — disse Patrik. Havia tantas coisas que pareciam lógicas naquela pista em particular. Mas, ao mesmo tempo, havia outras que não batiam certo. Por mais voltas que desse, não conseguia

deslindar aquele caso. Além disso, continuava a não fazer ideia de quem realmente era Mats Sverin. E era difícil para Patrik concentrar-se plenamente naquele caso, pois o som do tiro do dia anterior não parava de ecoar-lhe na mente.

— Que vamos fazer agora? — Martin estava à porta do gabinete de Paula.

— Não sei — sentia-se tão desanimada como Martin parecia estar.

Os acontecimentos do dia anterior tinham deixado marcas em todos eles. Ninguém vira Mellberg. Trancara-se no gabinete e, se calhar, tinha sido melhor assim. Da forma como as coisas estavam no momento, seria difícil para os colegas esconder o seu desprezo. Felizmente para Paula, que também não tinha visto Bertil Mellberg em casa. Quando chegara, na noite anterior, Mellberg já tinha ido deitar-se. E, quando ele saíra de casa nessa manhã, Paula ainda estava a dormir. Ao pequeno-almoço, Rita tentara falar com ela sobre o que tinha acontecido, mas Paula deixara bem claro que não estava com disposição para tocar no assunto. E Johanna nem sequer tentara abordá-lo. Virara-lhe simplesmente as costas quando Paula se foi enfiar na cama. O muro entre ambas estava a ficar cada vez mais alto. Só de pensar nisso Paula sentia a boca secar, como se estivesse em pânico. Teve de beber um golo do copo de água que tinha na secretária. Não tinha forças para pensar em Johanna.

— Não há nada que possamos fazer enquanto eles estão em Gotemburgo? — perguntou Martin, que depois entrou e se sentou.

— Lennart deve dizer-nos alguma coisa hoje — disse Paula. Não tinha dormido bem e, por mais que compreendesse a impaciência de Martin, estava demasiado cansada para tomar alguma iniciativa. Mas Martin continuava ali sentado, fixando-a com olhar inquiridor.

— Vamos telefonar a Lennart para saber se já leu os documentos todos? — sugeriu Martin, tirando o celular do bolso.

— Não, não. Lennart vai telefonar assim que acabar de ler tudo. Tenho certeza.

— Okay. — Martin guardou o celular no bolso. — Então o que é que havemos de fazer enquanto esperamos? Patrik não deixou instruções. Não podemos ficar para aqui a olhar para ontem, pois não?

— Não sei. — Paula sentia-se cada vez mais irritada. Porque haveria de ser ela a decidir? Não era muito mais velha do que Martin; além disso, o colega estava a trabalhar na delegacia há muito mais anos, embora Paula tivesse a vantagem da experiência adquirida na polícia de Estocolmo. Respirou fundo. Não era justo descarregar em Martin a frustração que sentia.

— Pedersen deve entregar o relatório da autópsia hoje. Acho que devemos começar por isso. Posso ligar-lhe a saber se já está pronto.

— Okay. Talvez assim tenhamos alguma coisa em que trabalhar. — Martin

parecia um cachorrinho satisfeito por ter acabado de receber uma festa na cabeça e Paula não pôde deixar de sorrir. Era impossível ficar irritada com Martin por muito tempo.

— Vou ligar-lhe agora mesmo.

Martin observou a colega a marcar o número. Pedersen devia estar sentado ao lado do telefone, porque atendeu ao primeiro toque.

— Bom dia. Fala Paula Morales, de Tanumshede... Já o tem? Ah, ótimo. — Paula esticou o polegar na direção de Martin. — Claro. Envie-nos o relatório por fax. Mas será que podia resumi-lo pelo telefone? — Paula abanou a cabeça e tomou algumas notas no bloco que tinha em cima da secretária.

Martin esticou o pescoço, tentando ler o que a colega tinha escrito, mas depois desistiu.

— Hum... estou a ver... Okay. — Paula ouviu um pouco mais e tomou mais algumas notas. Depois desligou lentamente o telefone. Martin fitou-a.

— Que disse Pedersen? Alguma coisa que nos possa ser útil?

— Nem por isso. Confirmou sobretudo o que já sabíamos — respondeu Paula, olhando para as anotações. — Disse que Mats Sverin foi baleado na nuca com uma pistola de nove milímetros. Um tiro. Provavelmente teve morte instantânea.

— Então e quanto à hora da morte?

— Essa é a boa notícia. Pedersen conseguiu determinar que Mats morreu pouco depois da meia-noite, ou seja, nas primeiras horas da madrugada de sábado.

— Isso interessa-nos. Que mais?

— Não havia qualquer vestígio de substâncias tóxicas no sangue.

— Nada?

Paula abanou a cabeça.

— Não. Nem sequer nicotina.

— Mesmo assim, Mats pode ter sido traficante.

— É verdade. Mas realmente isto dá que pensar... — Paula voltou a olhar para as notas. — A parte mais interessante será ver se a bala coincide com alguma arma que tenhamos nos registos. Se houver alguma ligação a qualquer outro crime, vai ser muito mais fácil encontrar a arma. E também o assassino, esperemos.

De repente, Annika apareceu à entrada do gabinete de Paula.

— A Guarda Costeira ligou. Encontraram o barco.

Paula e Martin trocaram olhares. Não precisaram de perguntar a Annika de que barco estava a falar.

Tinha embalado tudo. Mal recebeu o postal, Madeleine soube o que tinha de fazer. Já não adiantava tentar fugir. Estava ciente do perigo que os esperava, mas era igualmente perigoso ficar ali. Talvez ela e os filhos tivessem uma hipótese se regressassem voluntariamente.

Madeleine teve de sentar-se na mala para a fechar. Só tinha conseguido levar uma mala para a Dinamarca. Teve de enfiar uma vida inteira nela. Contudo, estava cheia de esperança quando embarcou no comboio para Copenhagen, com as crianças e aquela única mala. Sentira tristeza e saudades de tudo o que estava a deixar para trás, mas ao mesmo tempo felicidade e esperança no futuro.

Percorreu o estúdio simples com o olhar. Um sítio sombrio, com apenas uma cama onde as crianças tinham dormido e um colchão no chão para ela. O apartamento não parecia grande coisa, mas por um breve período de tempo tinha sido o paraíso. Um lugar seguro, que era só deles. Até se ter transformado numa armadilha. Não podiam ficar ali. Mette emprestara-lhe dinheiro para os bilhetes sem fazer nenhuma pergunta. Talvez tenha comprado uma sentença de morte para os três, mas que alternativa tinha?

Lentamente, Madeleine levantou-se, pegou no postal e enfiou-o na mala de mão muito usada. Tinha vontade de rasgá-lo em mil pedaços, enfiá-los na sanita e vê-los desaparecer. Mas sabia que tinha de guardar o poscomo um lembrete. Para que não mudasse de ideias.

Os filhos estavam em casa de Mette. Tinham ido para lá depois de terem estado a brincar no pátio e Madeleine estava grata por poder ter um pouco mais de tempo para si antes de ter de lhes dizer que iam regressar a casa. Essa palavra não tinha um significado positivo para os filhos. Cicatrizes, tanto internas como externas, eram as únicas coisas que alguma vez tinham recebido na sua pretensa “casa”. Madeleine esperava que os filhos soubessem que os amava, que nunca faria nada que os prejudicasse, mas também que percebessem que não tinha outra opção. Se fossem encontrados ali, presos naquela coelheira, nenhum deles seria poupado. Sabia que seria assim. A única hipótese dos coelhos era voltarem para a raposa de livre vontade.

Estava na altura de partir. Não podia continuar a adiar o inevitável. Reafirmando a si própria que os filhos iriam compreender, Madeleine pegou na mala. Só queria acreditar verdadeiramente nisso.

000

— Já soube o que aconteceu a Gunnar — disse Anna.

Ainda parecia um passarinho frágil, e Erica deu o seu melhor para sorrir. — Não penses nessas coisas. Já tens muito com que preocupar-te.

Anna franziu a testa.

— Não sei. Por estranho que pareça, é bom sentir pena de outra pessoa além

de mim própria.

— E deve ser horrível para Signe. Agora está sozinha.

— Como está Patrik? — Anna dobrou as pernas quando se sentou no sofá. As crianças encontravam-se na escola e no infantário e os gêmeos estavam a dormir a sesta matinal, no carrinho, à porta da casa.

— Ontem Patrik estava muito perturbado — respondeu Erica, pegando num bolo de canela.

Belinda, a filha mais velha de Dan, tinha feito os bolos. Começara a dedicar-se à pastelaria por ter tido um namorado que apreciava garotas com dotes culinários. O namorado já passara à história, mas Belinda continuava a gostar de fazer bolos e parecia realmente ter um talento natural para aquela arte.

— Meu Deus, estão deliciosos. — Erica revirou os olhos.

— Eu sei. Belinda é uma excelente pasteleira. E Dan diz que tem sido maravilhosa para os outras crianças.

— Sim, Belinda começou logo a ajudar quando foi preciso.

Belinda tinha um ar algo feroz, com o cabelo pintado de preto, as unhas igualmente pintadas de preto e uma maquilhagem pesada. Mas quando Anna se isolara, tinha posto os irmãos mais novos, incluindo Adrian e Emma, debaixo da sua asa.

— O que aconteceu não foi culpa de Patrik — disse Anna.

— Pois não, eu sei. E tentei dizer-lhe isso. A responsabilidade é de Mellberg, mas Patrik sente-se sempre responsável, vá-se lá saber por quê. Ele e Gösta estavam em casa de Gunnar quando ele se suicidou. Patrik acha que devia ter percebido os sinais de alarme e tentado detê-lo.

— Que sinais de alarme? — resfolegou Anna. — Ninguém anuncia de antemão que está a pensar matar-se. Houve vários momentos em que eu... — Anna calou-se e olhou de relance para Erica.

— Tu nunca farias uma coisa dessas, Anna. — Erica chegou-se para mais perto da irmã e olhou-a nos olhos. — Já passaste por tanta coisa, por mais do que a maioria das pessoas, e se tivesses de te matar já o terias feito há muito tempo. Não és pessoa para isso.

— Como podes ter tanta certeza?

— Sei, porque não te foste enfiar na cave, meter uma espingarda na boca e puxar o gatilho.

— Nós não temos espingardas cá em casa — disse Anna.

— Não te faças de parva. Sabes bem o que quero dizer. Tu nunca te atiraste para a frente de um carro nem cortaste os pulsos, nem tomaste uma data de comprimidos para dormir e essas coisas. Nunca fizeste nada disso porque és uma pessoa muito forte.

— Não tenho certeza de ser forte — murmurou Anna. — Acho que deve ser preciso muita coragem para puxar o gatilho.

— Na verdade, não. Exige apenas um momento de coragem. Depois está tudo acabado e os que cá ficam é que têm de limpar a porcaria, por assim dizer. Na minha opinião, isso não é coragem. É covardia. Gunnar não estava a pensar em Signe naquele momento. Se tivesse pensado, não teria feito o que fez. Teria mostrado mais coragem se ficasse com ela, para se poderem ajudar um ao outro. Tudo menos escolher a saída dos covardes. E tu nunca optaste por essa saída.

— Bem, de acordo com aquela mulher que ali está, podemos resolver todos os nossos problemas se fizermos ioga, se não comermos carne e se respirarmos fundo cinco vezes por dia. — Anna estava a apontar para o televisor, onde uma entusiasmada guru da saúde versava sobre a única forma de nos mantermos felizes e saudáveis.

— Como é que alguém pode encontrar a felicidade sem comer carne? — perguntou Erica. Anna não pôde deixar de dar uma gargalhada.

— És mesmo parva — disse, dando uma cotovelada a Erica.

— Olha quem fala! Tu é que pareces uma doente que acaba de ter alta do manicômio.

— És tão mazinha. — Anna atirou uma almofada a Erica com toda a força que tinha.

— Faço tudo o que for preciso para te ver rir — disse Erica baixinho.

— Acho que era apenas uma questão de tempo — disse Petra Janssen. A bÍlis ameaçava aflorar-lhe à garganta, porém, como tinha cinco filhos, ao longo dos anos Petra tinha desenvolvido grande tolerância para cheiros repugnantes.

— Sim, não é surpresa nenhuma. — Konrad Spetz, parceiro de longa data de Petra, parecia estar com mais dificuldade em acalmar as náuseas que sentia.

— Os tipos dos estupefacientes devem estar a chegar.

Saíram do quarto. O fedor seguiu-os, mas na sala de estar do andar de baixo respirava-se melhor. Uma mulher na casa dos cinquenta anos estava sentada numa cadeira a soluçar enquanto um dos colegas mais novos de Petra e Konrad tentava consolá-la.

— Foi ela que o encontrou? — Petra apontou para a mulher.

— Sim. É a empregada de limpeza dos Wester. Normalmente vem cá uma vez por semana, mas como iam de férias, só precisava de vir de quinze em quinze dias. Quando cá chegou hoje encontrou... bem... — Konrad aclarou a garganta.

— Já localizamos a mulher e o filho? — Petra fora a última a chegar ao local. Aquele deveria ter sido o seu dia de folga e estava com a família no parque de diversões de Gröna Lund quando recebeu o telefonema.

— Não. De acordo com a empregada, a família tinha feito as malas para ir

para Itália. Iam passar lá o verão inteiro.

— Temos de contactar as companhias de aviação. Se tivermos sorte, vamos dar com eles na praia a bronzear-se — disse Petra, mas a sua expressão era sombria. Sabia muito bem quem estava deitado na cama do andar de cima e o gênero de pessoas com quem se dava. Parecia altamente improvável que a mulher e o filho estivessem a apanhar banhos de sol. Era muito mais provável que estivessem mortos na floresta, algures. Ou no fundo da baía de Nybroviken.

— Já pus uma pessoa a investigar isso.

Petra assentiu com satisfação. Trabalhava com Konrad há mais de quinze anos e a sua relação funcionava melhor do que muitos casamentos. Porém, em termos de aparência, formavam um par no mínimo estranho. Com mais de um metro e oitenta e um corpo muito bem constituído, uma vez que fora moldado por cinco gravidezes, Petra elevava-se acima de Konrad, que além de baixo era também franzino. O colega tinha um ar estranhamente assexuado, o que levava Petra a questionar-se se Konrad saberia como se faziam os bebês. Fosse como fosse, durante todos aqueles anos a trabalhar juntos, nunca lhe ouvira a mais pequena menção a uma vida amorosa, com um homem ou uma mulher. E Petra nunca abordara esse assunto. O que tinham em comum era um intelecto aguçado, um sentido de humor seco e um grande empenho no que faziam. E tinham conseguido manter esse empenho apesar de todas as reorganizações infligidas por chefes que eram meras nomeações políticas, não fazendo a mais pequena ideia do que constituía um bom trabalho policial.

— Temos de lançar um alerta em relação à mulher e ao filho e falar com os rapazes dos estupefacientes — acrescentou.

— Rapazes e garotas — corrigiu Petra. Konrad suspirou.

— Okay, Petra. Rapazes e garotas.

Petra tinha cinco filhas, de modo que os direitos das mulheres eram um assunto delicado. Konrad sabia que Petra considerava as mulheres superiores aos homens, mas nunca tinha tido a infeliz ideia de perguntar-lhe se isso não era uma discriminação ao contrário. Era suficientemente inteligente para manter a opinião que tinha sobre o assunto para si próprio.

— O caos em que aquele quarto está. — Petra abanou a cabeça.

— Parece que foram disparados vários tiros. A cama está cheia de buracos de bala e Wester também.

— Que os terá feito pensar que isto valia a pena? — Petra deixou o olhar passear pela sala de estar bem iluminada e depois abanou novamente a cabeça. Claro que esta é uma das casas mais bonitas que alguma vez vi, e sem dúvida que viviam bem, mas deviam ter percebido que, mais cedo ou mais tarde, ia tudo dar para o torto. Agora está para ali, a apodrecer na própria cama, deitado em lençóis de

seda e com o corpo crivado de buracos de bala.

— É daquelas coisas que uns meros assalariados como eu e tu nunca vamos entender. — Konrad levantou-se das almofadas branquíssimas do sofá e dirigiu-se para o vestíbulo. — Parece que a equipe dos estupefacientes está à porta.

— Ótimo — disse Petra. — Vamos lá ouvir o que os rapazes têm para nos dizer.

— E as garotas — acrescentou Konrad, sem conseguir esconder um sorriso.

— Que fazer? — perguntou Gösta com ar resignado. — Não me parece boa ideia falar com esses tipos.

— Não — admitiu Patrik. — Provavelmente devíamos deixar isso para último recurso.

— Então e agora? Suspeitamos que os IE foram responsáveis pela agressão e, possivelmente, pelo homicídio, mas não nos atrevemos a falar com eles. Que ricos polícias que nós somos! — Gösta abanou a cabeça.

— Vamos voltar ao sítio onde Mats estava a trabalhar quando ocorreu a agressão. Até agora só falamos com Leila, mas acho que devemos descobrir o que os outros membros da equipe do Refúgio têm para dizer. A meu ver, essa é a única maneira de avançarmos com a investigação neste momento.

— Patrik ligou a ignição e seguiram na direção de Hisingen.

Deixaram-nos entrar de imediato, mas Leila parecia um pouco irritada quando os viu aparecer no gabinete.

— Vejamos, nós queremos mesmo ajudar, mas não sei do que estão à espera ao vir aqui outra vez — a diretora do Refúgio abriu as mãos. — Já partilhamos convosco toda a documentação que aqui temos e respondemos a todas as vossas perguntas. A questão é que não sabemos pura e simplesmente mais nada.

— Gostava de falar com o seu pessoal. Há mais duas pessoas a trabalhar aqui, não é verdade? — A voz de Patrik era amigável mas firme. Sabia que era inoportuno aparecerem assim sem mais nem menos, porém, ao mesmo tempo, o Refúgio era o único sítio onde poderiam recolher mais informações. Era óbvio que Mats tinha sido muito dedicado àquela organização e à sua missão, por isso, talvez fosse o lugar indicado para descobrirem mais acerca dele.

— Okay, podem ir sentar-se na sala do pessoal — disse Leila com um suspiro, apontando para a porta à direita do gabinete. — Vou pedir a Thomas para ir falar convosco e que chame a Marie quando acabarem. — Leila compôs um caracol por detrás da orelha. — Depois disso, gostava que nos deixassem continuar a trabalhar em paz. Compreendemos que a polícia precisa de investigar o homicídio e temos muita pena da família de Matte, mas o nosso trabalho é muito importante e não há mais nada que vos possamos dizer. Nos quatro anos em que Matte trabalhou aqui nunca falou muito sobre a sua vida pessoal e nenhum de nós faz a mais

pequena ideia de quem poderia querer matá-lo.

Além disso, Matte foi morto quando já não trabalhava no Refúgio.

Patrik assentiu.

— Compreendo. Depois de falarmos com os outros membros da equipe tentaremos deixar-vos em paz.

— Não quero parecer pouco colaborante, mas fico muito contente por ouvir isso. — Leila saiu para falar com a sua equipe enquanto Patrik e Gösta se instalaram na sala do pessoal.

Pouco depois, entrou um homem alto, de cabelo escuro, na casa dos trinta. Patrik já o tinha visto de passagem nas visitas anteriores, mas apenas haviam trocado algumas palavras.

— Quer dizer que o Thomas trabalhou com Mats? — Patrik inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e cruzando as mãos.

— Sim, comecei a trabalhar no Refúgio pouco tempo depois de Mats, por isso já lá vão quase quatro anos.

— Dava-se com Mats fora do trabalho? — perguntou Patrik.

Thomas abanou a cabeça. Tinha olhos castanhos e uma postura calma. Respondeu sem qualquer hesitação.

— Não, Matte era uma pessoa muito reservada. Não faço a mais pequena ideia de quem eram os amigos dele à exceção do sobrinho de Leila. Mas parece que perderam logo o contacto quando Matte se foi embora.

Patrik suspirou. Era o mesmo que toda a gente dizia sobre Mats.

— Estava a par de algum problema que Mats pudesse ter? Pessoal ou aqui no trabalho? — interrompeu Gösta.

— Não, nada disso — respondeu imediatamente Thomas. — Matte era sempre... Matte. Incrivelmente calmo e estável. Nunca se deixava perturbar. Eu teria notado se alguma coisa estivesse mal — acrescentou, olhando para Patrik sem pestanejar.

— Como lidava ele com as situações com que se deparam na vossa atividade?

— Todos os que trabalhamos aqui acabamos por ficar profundamente afetados pelas vidas das pessoas com quem nos cruzamos. Ao mesmo tempo, é importante mantermos a distância; caso contrário, nunca conseguiríamos continuar a fazer este tipo de trabalho. Matte lidava muito bem com tudo isso. Era afetuoso e compassivo, mas não se deixava envolver muito.

— Porque veio trabalhar para aqui? Parece que o Refúgio é o único centro de acolhimento de mulheres vítimas de violência doméstica que emprega homens. E Leila explicou que os funcionários do sexo masculino tiveram de passar por um processo de triagem cuidadosa — disse Patrik.

— Sim, Leila já teve muitos problemas por causa de mim e de Matte. Talvez já saibam que Matte conseguiu este trabalho através do sobrinho de Leila. A minha mãe é uma das melhores amigas de Leila e eu conheço-a desde criança. Quando voltei para a Suécia, depois de fazer trabalho voluntário na Tanzânia, Leila perguntou-me se eu queria trabalhar aqui. Nunca me arrependi da minha decisão, nem por um segundo. Mas é uma grande responsabilidade. Se cometer erros, isso só vai pôr mais lenha na fogueira e ajudar os que se opõem ao trabalho de homens nestes centros de acolhimento.

— Mats teve mais contacto do que é habitual com alguma vítima em particular? — Patrik estudou o rosto de Thomas para ver se o homem estaria a ocultar alguma coisa, mas a sua expressão mantinha-se calma como sempre.

— Não, isso é estritamente proibido, sobretudo por causa do que acabei de dizer. Temos de manter uma relação profissional com as mulheres e com as suas famílias. Essa é a regra número um.

— E Mats seguia essa regra? — perguntou Gösta.

— Todos nós a seguimos — disse Thomas, parecendo ofendido. — Uma organização como esta depende da sua boa reputação. O mais pequeno passo em falso poderia ser desastroso. Por exemplo, a Segurança Social pode deixar de trabalhar conosco. E, a longo prazo, isso iria prejudicar as próprias pessoas que estamos a tentar ajudar. Como eu tenho tentado explicar, nós, os homens, temos uma responsabilidade acrescida. — O tom de Thomas era cada vez mais áspero.

— Temos mesmo de fazer estas perguntas — disse Patrik, tentando acalmar as coisas. Thomas assentiu.

— Eu sei. Desculpem a minha irritação. É muito importante que nada ensombre o nosso trabalho. E sei que Leila está profundamente preocupada com o efeito que tudo isto pode ter na organização. Mais cedo ou mais tarde alguém poderá pensar que não há fumo sem fogo e então tudo começará a desmoronar-se. Leila arriscou muito para fundar o Refúgio e para geri-lo à sua maneira.

— Nós compreendemos. Ao mesmo tempo, temos de fazer algumas perguntas incômodas. Como esta, por exemplo... — Patrik fez uma pausa e depois prosseguiu. — Percebeu algum sinal de que Mats consumia ou traficava droga?

— Droga? — Thomas fitou-o. — Eu li os jornais desta manhã. Ficamos indignados com as parvoíces que escreveram. É uma perfeita loucura. A ideia de que Matte poderia estar metido nesse tipo de coisas é um absurdo.

— Alguma vez se deparou com os IE? — Patrik forçou-se a seguir em frente, embora sentisse cada vez mais que estava a mexer numa ferida aberta.

— Está a falar dos Illegal Eagles? Sim, lamento informá-lo que já me cruzei com eles.

— Temos uma testemunha que diz que foram alguns membros desse bando

de motoqueiros que mandaram Mats para o hospital. E não um bando de miúdos, como Mats afirmou.

— Está a dizer que foram os IE que o agrediram?

— Foi o que nos disseram — afirmou Gösta. — Alguma vez teve qualquer tipo de relacionamento com eles?

Thomas encolheu os ombros.

— Temos ajudado algumas mulheres ligadas a membros desse bando, mas nunca tivemos problemas com eles que não tenhamos tido com os outros namorados ou maridos idiotas das vítimas.

— Mats era a pessoa de contacto de alguma dessas mulheres?

— Não, pelo menos que me lembre. A agressão deve ter sido um caso de violência fortuita. O mais certo é que Matte estivesse no sítio errado à hora errada.

— Essa também era a versão dele do incidente. O sítio errado à hora errada.

Patrik deu-se conta do ceticismo com que dissera aquelas palavras. Thomas devia saber que um bando de criminosos como aquele não agredia ninguém sem motivo. Porque estaria a tentar convencê-los do contrário?

— Bem, por agora é tudo. Pode dar-nos o seu contacto telefónico, para lhe ligarmos se tivermos mais alguma pergunta para lhe fazer? Assim não teríamos de estar sempre a vir aqui incomodar-vos — disse Patrik com um sorriso irónico.

— Claro. — Thomas rabiscou seu número de telefone num papel e entregou-o. — Também querem falar com Marie?

— Sim. Não se importa de chamá-la?

Os dois polícias tiveram uma breve conversa enquanto esperavam. Gösta parecia ter acreditado em tudo o que Thomas lhes dissera, achando que era completamente fiável. Patrik tinha as suas dúvidas. Thomas parecera uma pessoa honesta e franca, e respondera a todas as perguntas. No entanto, por várias vezes Patrik pensara ter detetado alguma hesitação, embora fosse mais uma sensação do que alguma coisa que tenha verdadeiramente observado.

— Olá. — Uma mulher jovem entrou na sala do pessoal e cumprimentou os dois agentes com um aperto de mão. Tinha a palma da mão ligeiramente fria e transpirada, e manchas vermelhas no pescoço. Ao contrário de Thomas, Marie parecia muito nervosa.

— Há quanto tempo trabalha aqui? — começou Patrik.

Marie brincava com a saia. Era bonita e fazia lembrar uma boneca. Nariz pequeno e arrebitado, cabelo louro comprido que estava constantemente a cair-lhe para os olhos, rosto em forma de coração e olhos azuis. Patrik calculou que tivesse cerca de vinte e cinco anos, mas não tinha certeza. Quanto mais velho ficava, mais dificuldade tinha em calcular a idade das pessoas que eram mais novas do que ele. Talvez fosse o seu instinto de sobrevivência, uma forma de poder continuar a

imaginar-se com vinte e cinco anos.

— Comecei a trabalhar no Refúgio há cerca de um ano. — As manchas vermelhas no pescoço ficaram mais brilhantes e Patrik reparou que, de vez em quando, Marie engolia em seco.

— Gosta do seu trabalho? — Patrik queria que Marie se descontraísse, que baixasse a guarda. Gösta estava recostado na cadeira, a escutar. Parecia ter decidido deixar as perguntas para Patrik.

— Sim, gosto muito de trabalhar aqui. É um trabalho tão importante. Claro que também é difícil, mas de uma forma importante, se é que me percebe. — Marie tropeçava nas palavras e parecia estar a ter dificuldade em formular os pensamentos.

— Qual era a sua opinião sobre Mats como colega?

— Matte era muito doce. Toda a gente gostava dele. — Todos os membros da nossa equipa. E as mulheres também. Sentiam-se seguras com ele.

— Alguma vez Mats se envolveu demasiado com alguma das mulheres?

— Não, não, essa é a regra número um. Nunca nos podemos envolver pessoalmente. — Marie abanou vigorosamente a cabeça, fazendo esvoaçar os cabelos louros.

Patrik lançou um rápido olhar a Gösta, para ver se o colega também achava que aquilo parecia ser um tema sensível para Marie. Mas o rosto de Gösta tinha ficado rígido de repente. Patrik olhou novamente para ele. Que diabo se passava?

— Eu... eu preciso de... Será que podia dar-te uma palavrinha? Em privado?

— Gösta estendeu a mão para dar um puxão na manga de Patrik.

— Claro. Vamos... — Patrik apontou para a porta e Gösta assentiu.

— Dá-nos licença por um momento? — perguntou Patrik. Marie parecia aliviada por aquela interrupção.

— Que se passa? Estávamos a começar a chegar a algum lado — disse Patrik quando saíram para o corredor.

Gösta estudou os sapatos. Depois de aclarar a garganta um par de vezes, olhou para Patrik com uma expressão perturbada no rosto.

— Acho que fiz uma coisa muito estúpida.

FJÄLLBACKA, 1871

AQUELE ACABOU POR SER O MOMENTO MAIS MARAVILHOSO DA VIDA DE EMELIE. SÓ QUANDO O BARCO QUE TRANSPORTAVA KARL E JULIAN TINHA DEIXADO FJÄLLBACKA E SE DIRIGIA PARA GRÅSKÄR É QUE PERCEBEU O QUE A VIDA NA ILHA LHE TINHA FEITO. PELA PRIMEIRA VEZ EM MUITO TEMPO SENTIA QUE PODIA RESPIRAR.

E DAGMAR ESTAVA CONSTANTEMENTE A MIMÁ-LA. ÀS VEZES, EMELIE FICAVA CONSTRANGIDA POR SER TÃO BEM TRATADA E POR TER TÃO POUCO QUE FAZER. TENTARA AJUDAR NAS LIMPEZAS, A LAVAR A LOUÇA E A COZINHAR, PORQUE QUERIA SER ÚTIL E NÃO UM FARDO. MAS DAGMAR NÃO QUERIA SEQUER OUVIR FALAR NISSO, INSISTINDO QUE EMELIE TINHA DE DESCANSAR. POR FIM, ACABOU POR RENDER-SE A UMA VONTADE MAIS FORTE DO QUE A SUA. E TINHA DE ADMITIR QUE ERA MARAVILHOSO DESCANSAR E NADA MAIS. AS COSTAS E AS ARTICULAÇÕES DOÍAM-LHE E A CRIANÇA QUE CARREGAVA NO VENTRE ESTAVA CONSTANTEMENTE A DAR PONTAPÉS. ACIMA DE TUDO, EMELIE SENTIA-SE MUITO CANSADA. À NOITE CHEGAVA A DORMIR DOZE HORAS SEGUIDAS E DEPOIS AINDA FAZIA UMA SESTA A SEGUIR À REFEIÇÃO DO MEIO-DIA, SEM QUE MESMO ASSIM SE SENTISSE COMPLETAMENTE DESPERTA DURANTE O DIA.

ERA MARAVILHOSO TER ALGUÉM A CUIDAR DELA. DAGMAR FAZIA CHÁ E UMAS ESTRANHAS INFUSÕES QUE, DIZIA, SERVIAM PARA LHE DAR FORÇAS. TAMBÉM CONVENCEU EMELIE A COMER AS COISAS MAIS ESTRANHAS, A FIM DE LHE FORTALECER O CORPO. NADA DAQUILO PARECIA AJUDAR MUITO, PORQUE CONTINUAVA A SENTIR-SE EXAUSTA, MAS PERCEBIA QUE DAGMAR FAZIA AQUILO PORQUE GOSTAVA DE SENTIR-SE ÚTIL. POR ISSO, EMELIE COMIA E BEBIA ALEGREMENTE TUDO O QUE A TIA DE KARL LHE IA PONDO À FRENTE.

O QUE MAIS LHE AGRADAVA ERAM AS NOITES QUE PASSAVAM JUNTAS. FICAVAM SENTADAS NA SALA A CONVERSAR ENQUANTO FAZIAM ROUPA PARA O BEBÊ EM TRICÔ E CROCHÊ. EMELIE NUNCA TINHA DEDICADO MUITO TEMPO A ESSAS COISAS ATÉ TER IDO PARA CASA DE DAGMAR. COMO EMPREGADA DOMÉSTICA NUMA QUINTA, TINHA TIDO OUTROS AFAZERES. MAS DAGMAR ERA HABILIDOSA COM A AGULHA E AS LINHAS E ENSINOU A EMELIE TUDO O QUE SABIA. AS

ROUPAS DE BEBÊ E AS MANTAS IAM-SE ACUMULANDO. DAGMAR E EMELIE TINHAM FEITO PEQUENOS GORROS, CAMISINHAS, MEIAS E TUDO O QUE UM RECÉM-NASCIDO PUDESSE PRECISAR. A MAIS BELA DE TODAS ERA A COLCHA DE RETALHOS À QUAL AS DUAS DEDICAVAM UM BOCADINHO TODAS AS NOITES. EM CADA QUADRADO BORDAVAM O PADRÃO QUE LHES VINHA À CABEÇA. OS PREFERIDOS DE EMELIE ERAM OS QUADRADOS COM MALVAS. AO VÊ-LOS, SENTIA UMA PONTADA NO CORAÇÃO. PORQUE, POR ESTRANHO QUE PARECESSE, ÀS VEZES EMELIE TINHA SAUDADES DE GRÅSKÄR. NÃO DE KARL OU DE JULIAN — DELES NÃO SENTIA A MAIS PEQUENA FALTA. MAS A ILHA TORNARA-SE UMA PARTE DELA.

UMA NOITE, EMELIE TENTOU FALAR A DAGMAR DA ILHA, DAQUELES QUE NELA HABITAVAM E DO FACTO DE NUNCA SE TER SENTIDO SOZINHA. MAS AQUELE ERA O ÚNICO ASSUNTO DO QUAL NÃO PODIA FALAR COM DAGMAR. A EXPRESSÃO DA VELHA MULHER ENDURECERA E DAGMAR DESVIARA OS OLHOS DELA PARA QUE EMELIE PERCEBESSE QUE NÃO QUERIA OUVIR O QUE LHE ESTAVA A DIZER. TALVEZ ISSO NÃO FOSSE ASSIM TÃO ESTRANHO. ATÉ A EMELIE SOAVA ESTRANHA A DESCRIÇÃO DAQUELA EXPERIÊNCIA, MAS TUDO PARECERA TÃO NATURAL QUANDO ESTAVA NA ILHA. QUANDO ESTAVA ENTRE ELES.

HAVIA OUTRO ASSUNTO DE QUE NUNCA FALAVAM. EMELIE TENTARA FAZER PERGUNTAS SOBRE KARL, A SUA INFÂNCIA E O PAI DELE. MAS, ASSIM QUE O FAZIA, APARECIA LOGO A MESMA EXPRESSÃO SEVERA NO ROSTO DE DAGMAR. A ÚNICA COISA QUE DIZIA ERA QUE O PAI DE KARL SEMPRE EXIGIRA MUITO DOS FILHOS E QUE KARL O TINHA DESAPONTADO. DAGMAR DISSE QUE NÃO SABIA TODOS OS PORMENORES E QUE, PORTANTO, NÃO QUERIA FALAR ACERCA DISSO. COMO TAL, EMELIE TINHA DESISTIDO DE PERGUNTAR. EM VEZ DISSO, DEIXAVA-SE ENVOLVER NO ABRAÇO TRANQUILO DA CASA DE DAGMAR E, À NOITE, TRICOTAVA PEQUENAS MEIAS PARA A CRIANÇA CUJA CHEGADA SE APROXIMAVA RAPIDAMENTE. GRÅSKÄR E KARL TERIAM DE ESPERAR. PERTENCIAM A UM OUTRO MUNDO, A UM OUTRO TEMPO. NAQUELE MOMENTO, AS ÚNICAS COISAS QUE EXISTIAM ERAM O SOM DAS QUATRO AGULHAS DE TRICÔ E OS FIOS BRANCOS QUE RESPLANDECIAM À LUZ FRACA DOS CANDEEIROS DE PARAFINA. EM BREVE VOLTARIA PARA A VIDA NA ILHA. AQUILO NÃO PASSAVA DE UM SONHO BREVE E FELIZ.

— ONDE É QUE O ENCONTRASTE? — Paula apertou a mão a Peter e subiu a bordo do navio da Guarda Costeira.

— Recebemos uma chamada acerca de um barco encalhado numa enseada.

— Como é que não o encontraram antes? Já tinham andado por aí à procura dele — disse Martin enquanto examinava entusiasticamente o navio da Guarda Costeira. Sabia que o MinLouis podia dar quase trinta nós¹⁰. Talvez conseguisse persuadir Peter a aumentar a velocidade quando estivessem mais afastados da costa.

— Há muitas enseadas aqui no arquipélago — disse Peter, manobrando o barco para longe do cais com mão firme. — Encontrá-lo foi pura sorte.

— E tens certeza de que é o barco que procuramos?

— Ainda não, mas quando o vir vou reconhecer se for o barco de Gunnar.

— Como é que vamos levá-lo para Fjällbacka? — Paula estava a olhar pela janela. Tinha passado muito pouco tempo no mar. Era de uma beleza de cortar a respiração. Virou-se e olhou para Fjällbacka, que agora estava por detrás deles e se afastava rapidamente.

— Vamos rebocá-lo. Pensei que era melhor irmos lá primeiro para termos certeza de que é o barco certo. E também achei que poderiam querer examinar o local onde foi encontrado.

— Provavelmente não há muito para ver — retorquiu Martin. — Mas é bom passar algum tempo no mar — acrescentou. Lançou uma olhadela ao acelerador, mas não se atreveu a formular o pedido. Havia por ali mais barcos e podia ser perigoso ir mais depressa, por mais que desejasse que acelerassem.

— Tens de vir comigo um dia destes. Assim posso mostrar-te a potência dele — disse Peter com um sorriso divertido, como se pudesse ler a mente de Martin.

— Isso seria fantástico! — O rosto pálido de Martin iluminou-se e Paula abanou a cabeça. Os rapazes e os seus brinquedos.

— Ali — disse Peter, virando a estibordo. E lá estava ela. Uma lancha de madeira enfiada numa pequena fenda. Não aparentava estar danificada, mas parecia estar presa.

— É mesmo o barco de Gunnar. Tenho certeza — disse Peter. — Quem quer ser o primeiro a ir a terra?

Martin olhou para Paula, que fingiu não ter ouvido a pergunta. Era uma mulher da cidade, da capital. Andar para ali aos tropeções no meio das rochas afiadas era algo que preferia deixar para Martin. O colega subiu à proa, pegou no cabo de amarração e esperou o momento certo. Peter desligou o motor e depois ajudou Paula a desembarcar. Paula quase caiu depois de escorregar numas algas,

mas conseguiu manter o equilíbrio. Martin nunca mais deixaria de provocá-la se caísse à água.

Movendo-se com cautela, os três encaminharam-se para a lancha. Quando chegaram perto, confirmaram que não apresentava quaisquer danos.

— Como é que o raio do barco veio aqui parar? — Martin coçou a cabeça.

— Parece que andou à deriva — disse Peter.

— Poderá ter vindo à deriva até aqui desde o porto de Fjällbacka? — perguntou Paula. Porém, pela expressão de Peter, percebeu que fizera uma pergunta disparatada.

— Não — respondeu.

— Ela é de Estocolmo — explicou Martin, e Paula lançou-lhe um olhar fulminante.

— Estocolmo também tem um arquipélago. Martin e Peter olharam o barco com ceticismo.

— Uma floresta inundada — disseram em uníssono.

Paula contornou o barco. Às vezes as pessoas que viviam na costa oeste eram tão tacanhas. Se ouvisse mais alguém dizer “Ahhh, tu és do avesso da Suécia”, daria uma tarefa ao indivíduo em questão.

Peter voltou a embarcar no MinLouis e Martin amarrou um cabo de reboque à lancha de Gunnar. Então, fez um gesto para indicar a Paula que se aproximasse.

— Ajuda-me a empurrar — disse, começando a empurrar o barco para fora da fenda.

Paula começou a caminhar cuidadosamente pelas rochas afiadas, aproximando-se do barco para dar uma ajuda a Martin. Depois de uma boa dose de esforço, conseguiram soltar o Sophia, que deslizou suavemente para a água.

— Está feito — disse Paula, regressando ao navio da Guarda Costeira. De repente, os pés resvalaram nas rochas, sentiu-se a escorregar e caiu. Ficou instantaneamente encharcada. Merda, os colegas não iam parar de gozar com ela por muito tempo.

Agora estavam constantemente com ela. Faziam-na sentir-se segura, mesmo que apenas os visse pelo canto do olho. Às vezes Nathalie pensava que o rapaz se parecia um pouco com Sam, com o seu cabelo encaracolado e aquele brilho travesso nos olhos. Só que aquele rapaz era louro e Sam era moreno. Porém, como Sam, mantinha o olhar fixo na mãe.

Nathalie sentia mais do que via a mulher. E ouvia-a. A bainha do vestido a roçar o soalho, as suaves admoestações dirigidas à criança, os avisos sempre que via algo que podia ser perigoso. Era uma mãe superprotetora, como Nathalie. Ocasionalmente, a mulher tentara falar com ela. Havia qualquer coisa que lhe queria dizer, mas Nathalie recusava-se a ouvir.

O rapaz gostava de estar no quarto de Sam. Às vezes parecia que Sam estava a falar com ele, mas Nathalie não tinha certeza. Não se atrevia a aproximar-se para escutar, porque não queria perturbá-los se estivessem realmente a conversar. Aquilo enchia-a de esperança. Com o tempo, Sam também voltaria a falar com ela. Embora representasse a segurança para o filho, Nathalie compreendia que Sam também a associava a todas as coisas terríveis que vivera.

De repente, Nathalie deu por si a tremer, embora a casa estivesse aquecida. E se afinal não estivessem a salvo ali? Talvez um dia vissem um barco a aproximar-se da ilha, como Nathalie tanto temia. Um barco repleto do mesmo mal que tinham tentado deixar para trás.

Ouviu vozes vindas do quarto do filho. O medo que sentia esfumou-se tão depressa como tinha aparecido. O menino louro estava a conversar com Sam e parecia que o filho estava a responder. O coração de Nathalie saltou-lhe no peito de alegria. Era tão difícil saber o que estava certo. Tudo o que podia fazer era seguir o instinto, que se baseava no amor por Sam — e o instinto estava constantemente a dizer-lhe para lhe dar mais tempo. Para deixar que o filho curasse ali as mazelas em paz e sossego.

Não vai aparecer nenhum barco. Sentada à mesa da cozinha e olhando pela janela, Nathalie repetiu aquelas palavras para si mesma como um mantra. Não vai aparecer nenhum barco. Sam estava a falar e isso devia significar que estava prestes a voltar para ela. Ouviu novamente a voz do menino. Sorriu. Estava contente por Sam ter um amigo.

Patrik observava Gösta a remexer o bolso do casaco.

— Podes explicar-me o que se está a passar?

Passado um momento, Gösta pareceu encontrar o que procurava. Tirou qualquer coisa do bolso e entregou-a a Patrik.

— Que é isto? Ou melhor, quem é esta mulher? — Patrik olhava para a fotografia que tinha na mão.

— Não faço ideia. Mas encontrei-a no apartamento de Sverin.

— Onde?

Gösta engoliu em seco.

— No quarto dele.

— Podes explicar-me como é que foi parar ao teu bolso?

— Pensei que poderia ter interesse, por isso trouxe-a. Mas entretanto esqueci-me dela — respondeu Gösta num tom submisso.

— Esqueceste-te disto? — Patrik estava tão irritado que, por um segundo, tudo ficou escuro diante dos seus olhos. — Como é que te podes ter esquecido de uma coisa destas? Não temos falado noutra coisa além do pouco que sabemos de Mats e de como tem sido difícil descobrir quem é que o homem conhecia.

Gösta pareceu encolher-se ali no corredor.

— Entendo isso, mas pelo menos agora estou mostrando. Antes tarde do que nunca, certo? — disse, tentando esboçar um sorriso.

— E não fazes ideia de quem é? — perguntou Patrik, detendo-se a estudar atentamente a fotografia.

— Zero. Mas deve ser alguém que foi importante para Sverin. E ocorreu-me que... Pensei nisso quando estávamos... — Gösta acenou com a cabeça em direção à sala onde Marie os esperava.

— Vale a pena tentar — disse Patrik. — Mas a nossa conversa acerca disto não fica por aqui. Garanto.

— Eu sei. — Gösta olhou para o chão, mas parecia aliviado com as tréguas, embora fossem apenas temporárias.

Regressaram à sala de pessoal. Marie parecia tão nervosa como quando saíram. Patrik foi direto ao assunto.

— Quem é esta mulher? — perguntou, colocando a fotografia em cima da mesa à frente de Marie. Patrik viu os olhos da mulher abrirem-se muito.

— Madeleine... — respondeu com ar assustado. Tapou a boca com a mão.

— Quem é Madeleine?

Patrik bateu com o dedo na fotografia, a fim de obrigar Marie a continuar a olhar para ela. A mulher não respondeu, mudando de posição na cadeira, inquieta.

— Isto é uma investigação de homicídio e todas as informações que tiver podem ajudar-nos a descobrir quem matou Mats. Também é isso que quer, não é?

Marie encarou-os com uma expressão infeliz. As mãos tremiam-lhe e a voz vacilou quando finalmente começou a dizer-lhes o que sabia sobre Madeleine.

Quando a equipe de técnicos forenses chegou ao local para levar a cabo uma análise aprofundada ao barco, Paula e Martin regressaram à delegacia. Paula envergava umas enormes calças impermeáveis e uma camisola polar cor de laranja da Guarda Costeira, que Peter lhe emprestara. Preparava-se para fulminar com o olhar quem quer que imaginasse sequer fazer algum tipo de comentário sarcástico. Quando se sentou no carro, ligou o ar condicionado. A água do mar estava gelada e ela continuava a tremer de frio.

O volume do rádio estava no máximo, por isso quase não ouviram o celular de Martin a tocar. O jovem agente baixou o volume antes de atender.

— Isso é excelente! Podemos ir lá agora? Estamos a caminho da delegacia, por isso podemos passar por lá. — Martin terminou a chamada e virou-se para Paula. — Era Annika. Lennart já deu uma vista de olhos a todos os documentos, por isso podemos ir ter com ele quando quisermos.

— Perfeito — respondeu Paula, parecendo um pouco mais animada.

Um quarto de hora mais tarde estacionaram à frente dos escritórios da Extra-

Film. Lennart estava a almoçar, sentado à secretária, quando entraram, mas pôs logo de lado a sanduíche e limpou as mãos a um guardanapo. Lançou um olhar surpreendido à indumentária de Paula, mas sabiamente decidiu não comentar.

— Fico contente de os ver — disse.

O marido de Annika irradiava calor, como a mulher. Paula pensou que a filha adotiva de ambos não fazia ideia da sorte que tinha por ter Annika e Lennart como pais.

— É tão linda — disse Paula, apontando para a fotografia da menina, que Lennart tinha afixado no quadro de avisos.

— É mesmo. — Lennart fez um sorriso rasgado e depois um gesto para que se sentassem nas cadeiras reservadas às visitas, à frente da secretária. — Não sei se vale realmente a pena sentarem-se. Estive a consultar todos estes documentos com o maior cuidado possível, mas não há realmente muito a dizer. As finanças parecem estar em ordem e não encontrei nada que me despertasse a atenção. Não sabia ao certo o que deveria tentar encontrar mas, pelo que vejo, a autarquia tem investido muito dinheiro no projeto e também negociou cláusulas de pagamento muito alargadas. Mas não há nada que tenha feito soar o alarme aqui na minha melhor ferramenta financeira — disse o marido de Annika, afagando a barriga.

Martin ia fazer um comentário, mas Lennart prosseguiu:

— Os Berkelin, ou seja, Vivianne e Anders, são responsáveis por uma grande fatia das despesas e, de acordo com os documentos, o financiamento que conseguiram deve chegar na segunda-feira. Enfim, receio não ter podido ajudar-vos grande coisa.

— Não, claro que ajudou. Pelo menos é bom saber que a autarquia está a fazer bom uso do nosso dinheiro — Martin levantou-se.

— Bem, até agora, tudo bem. Mas tudo depende de serem ou não capazes de atrair clientes. Caso contrário, o projeto vai sair bastante caro aos contribuintes.

— Nós, pelo menos, gostamos muito do Badis.

— Pois, Annika contou-me que passaram um bom bocado no spa. E que Mellberg foi tratado como um rei.

Paula e Martin riram-se.

— Gostávamos de o ter visto. Dizem as más-línguas que lhe fizeram um tratamento com ostras. Mas vamos ter de limitar-nos a imaginar Mellberg coberto de conchas de ostras — disse Paula.

— Bem, já vos disse tudo o que sei. — Lennart entregou-lhes a pilha de documentos. — E repito: lamento não vos ter podido ajudar mais.

— A culpa não é sua. Vamos ter de continuar a investigar — disse Paula, embora não conseguisse esconder o desapontamento. A descoberta do barco de Gunnar tinha-os animado bastante, mas a euforia não durara muito tempo. Parecia

muito improvável que o barco fosse capaz de fornecer novas pistas para a investigação.

— Deixo-te na delegacia e depois vou a casa mudar de roupa — disse Paula quando se aproximaram da delegacia. Depois lançou-lhe um olhar de advertência. Martin assentiu, mas Paula sabia que, assim que cruzasse a porta da delegacia, o colega se deleitaria a contar pormenorizada e exageradamente a história do seu mergulho involuntário.

Paula estacionou à frente do prédio onde morava e subiu apressadamente as escadas até o apartamento. Ainda se sentia gelada, como se a água fria lhe tivesse chegado aos ossos. As mãos tremiam-lhe quando enfiou a chave na fechadura, mas depois lá conseguiu abrir a porta.

— Está alguém em casa? — perguntou, esperando ouvir a voz alegre da mãe vinda da cozinha.

— Olá — ouviu. Era a voz de Johanna, vinda do quarto. Entrou, surpreendida por a namorada já ter regressado do trabalho àquela hora.

Passava-se qualquer coisa. Algo que tinha mantido Paula acordada durante a noite, ouvindo a respiração de Johanna. Apesar de perceber que a namorada estava bem desperta, não se atrevera a dizer nada. Não tinha certeza de querer saber o que a andava a incomodar. Johanna estava sentada na cama com um olhar tão abatido que Paula teve vontade de dar meia-volta e fugir dali. Um monte de pensamentos passou por sua cabeça. Uma série de cenários potenciais materializaram-se repentinamente no seu cérebro, mas Paula não queria ver como nenhum deles se desenrolava. Mas agora estavam as duas ali, cara a cara, num apartamento vazio e sem a agitação habitual por detrás da qual se podiam esconder. Não havia nenhum cão a correr de um lado para o outro. Nem Rita a cantar alto na cozinha e a brincar com Leo. Nem Mellberg a gritar obscenidades para a televisão. Apenas silêncio. E elas.

— Que diabos é isso que vestiu? — perguntou por fim Johanna, olhando Paula de alto a baixo.

— Caí na água — respondeu Paula, olhando para a horrível camisa de lã, tão larga que quase lhe chegava aos joelhos. — Só vim em casa mudar de roupa.

— Por que não faz isso e depois falamos? Não posso ter uma conversa séria contigo vestida assim.

— Johanna sorriu ironicamente, o que fez com que Paula sentisse uma guinada no estômago. Adorava o sorriso de Johanna, mas ultimamente não o via muito.

— Podes fazer um chá enquanto eu mudo de roupa? Depois podemos sentar na cozinha e conversar.

Johanna assentiu e saiu da sala. Os dedos de Paula estavam entorpecidos de

frio e de medo quando vestiu umas calças de ganga e uma camiseta branca. Então, respirou fundo e foi até a cozinha. Aquela não era conversa que quisesse ter, mas não tinha alternativa. Tudo o que podia fazer era fechar os olhos e mergulhar de cabeça.

Detestava mentir-lhe. Vivianne tinha sido tudo para ele durante tanto tempo e assustava-o estar, pela primeira vez, preparado para sacrificar o que os unia. Anders respirava a custo enquanto caminhava pela encosta íngreme e estreita que conduzia a Mörhult. Tivera de ir apanhar um pouco de ar fresco e de estar longe de Vivianne. Não havia outra maneira de encarar aquilo.

Às vezes o passado parecia tão perto. Por vezes, Anders tinha outra vez cinco anos e estava deitado debaixo da cama, ao lado de Vivianne, com as mãos a tapar os ouvidos enquanto a irmã o abraçava com muita força. Debaixo daquela cama tinham aprendido muito sobre a sobrevivência. Mas Anders já não se contentava simplesmente em sobreviver. Queria viver e não sabia se Vivianne o estava a ajudar ou a estorvá-lo.

Um carro passou por ele a alta velocidade e Anders teve de saltar para a berma. O Badis estava por detrás dele, ao fundo. O seu grande projeto. E o último. Era Erling quem estava a fazer com que tudo fosse possível. E, agora, o pobre diabo até tinha pedido Vivianne em casamento.

Erling telefonara a convidar Anders para jantar nessa noite, para comemorar o noivado. De alguma forma, Anders duvidava de que a irmã estivesse ao corrente desses planos. Sobretudo porque aquele chefe da polícia gordo e a namorada com quem vivia também tinham sido convidados. Anders tinha declinado o convite, dando uma desculpa esfarrapada. A combinação Erling e Bertil Mellberg não parecia a receita para uma noite agradável. E, dadas as circunstâncias, seria estranho estar a comemorar.

A estrada começava a descer. Anders não sabia ao certo para onde estava a ir, não importava que direção escolhia. Pontapeou uma pedra que rolou colina abaixo até que desapareceu numa vala. Era exatamente como se sentia naquele momento. Como se estivesse a rolar cada vez mais depressa por uma encosta abaixo. A única questão era: a que vala é que iria parar? Aquilo estava fadado a acabar mal, porque não havia nenhuma boa alternativa. Tinha passado a noite em claro a tentar descobrir uma solução, uma solução de compromisso. Mas não havia nenhuma, como não houvera meio- termo nos tempos em que estavam deitados debaixo da cama, com as cabeças encostadas às ripas do estrado.

Deixou-se ficar no cais, à frente da pequena ponte de pedra. Não havia cisnes à vista. Tinham-lhe dito que os cisnes costumavam construir os ninhos à direita da ponte e que todos os anos tinham um novo bando de filhotes, vivendo precariamente ao lado da estrada. Diziam que os cisnes acasalavam e ficavam juntos

a vida inteira. E também era isso que Anders queria. Até agora, a única mulher da sua vida era a irmã. Não como amante, claro, mas Vivianne sempre fora a sua parceira, a pessoa junto da qual iria viver até o fim dos seus dias.

Agora, tudo tinha mudado. Anders precisava de tomar uma decisão, mas não fazia ideia de como o poderia fazer. Sobretudo porque ainda era capaz de sentir as ripas de madeira contra a cabeça e o abraço protetor de Vivianne, e porque sabia que a irmã sempre tinha sido a sua defensora e a sua melhor amiga.

Quase tinham perdido a batalha pela sobrevivência. O álcool e o fedor tinham estado presentes mesmo quando a mãe ainda era viva. Mas, ao mesmo tempo, houvera pequenas ilhas de amor, momentos a que se tinham agarrado. Quando a mãe optou por desaparecer, quando Olof a encontrou no quarto com um frasco de comprimidos vazio no chão, os últimos vestígios da infância deles desapareceram. Olof culpou-os e foram ambos severamente castigados. Sempre que as assistentes sociais apareciam, Olof recompunha-se e conquistava-as com os seus olhos azuis, mostrando-lhes a casa e os filhos, que ficavam a olhar silenciosamente para o chão enquanto as senhoras se deleitavam na presença de Olof. De alguma forma, sabia sempre com antecedência quando planeavam aparecer por lá, por isso o apartamento estava sempre limpo e arrumado quando faziam as suas visitas supostamente inesperadas. Se os odiava tanto, porque não os tinha entregado para adoção? Anders e Vivianne haviam passado horas sem conta a imaginar os novos pais que poderiam ter tido se Olof os deixasse ir.

Era mais do que certo que queria mantê-los por perto para poder vê-los sofrer. Mas, no final, Anders e Vivianne venceriam. Embora tivesse morrido há anos, Olof continuou a servir-lhes de incentivo. Estavam determinados a provar-lhe que iam conseguir ter sucesso na vida. E o sucesso estava agora ao seu alcance. Não podiam simplesmente desistir e admitir que Olof tinha razão quando dizia que não passavam de inúteis que não chegariam a lado algum.

Ao longe, Anders podia ver a família de cisnes a aproximar-se. Os filhotes seguiam vacilantes atrás dos pais imponentes. Eram singelos, com as suas penas cinzentas e felpudas, mas nada comparados às aves elegantes que acabariam por se tornar. Ter-se-iam, ele e Vivianne, tornado grandes e belas aves? Ou eram ainda pequenas crias de cisne cinzentas, almejando ser diferentes?

Anders virou-se e caminhou lentamente colina acima. Fosse o que fosse que decidisse, teria de ser rápido a agir.

— Sabemos da existência de Madeleine — disse Patrik quando se sentou à frente de Leila sem esperar que a diretora do Refúgio o convidasse.

— Desculpe?

— Sabemos da existência de Madeleine — repetiu calmamente Patrik. Gösta tinha-se sentado na cadeira ao lado dele, mas estava a olhar para o chão.

— Estou a ver. Mas o que... — começou Leila a dizer, parecendo nervosa.

— Disse que estava disposta a colaborar conosco e que nos contaria tudo o que soubesse. Agora sabemos que isso não era inteiramente verdade e gostaríamos de uma explicação. — Patrik fez com que a voz soasse o mais severa possível, o que pareceu surtir efeito.

— Não me pareceu que... — Leila engoliu em seco. — Não pensei que fosse relevante.

— Não acredito nisso. Além do mais, não lhe cabe a si decidir o que pode ser relevante ou não. — Patrik fez uma pausa e continuou: — Que pode contar-nos sobre Madeleine?

Por um momento, Leila permaneceu em silêncio. Em seguida, levantou-se abruptamente e dirigiu-se à estante. Enfiou a mão por detrás de uma fila de livros e tirou de lá uma chave. Voltando a sentar-se à secretária, baixou-se e abriu a gaveta.

— Tomem — disse secamente, pondo uma pasta em cima da secretária.

— Que é isto? — perguntou Patrik. Gösta inclinou-se para frente, igualmente curioso.

— É o processo de Madeleine. É uma das mulheres que precisavam de um tipo de apoio que o Estado já não podia oferecer.

— Que quer dizer com isso? — Patrik começou a folhear os documentos.

— Que a apoiamos de um modo que não é considerado legal. — Leila olhou resolutamente para os dois agentes. Todos os vestígios de nervosismo tinham desaparecido e parecia que a diretora os estava a desafiar a protestar. — Algumas das mulheres que vêm ter conosco já tentaram tudo. E então nós também tentamos tudo. Mas essas mulheres e os seus filhos são ameaçados por homens que se estão nas tintas para a lei, deixando-nos indefesos. Não temos nenhuma maneira de proteger estas mulheres de forma legal, por isso ajudamo-las a fugir. A sair do país.

— Como era a relação de Madeleine e Mats?

— Na altura não sabia, mas depois descobri que tinham um caso. Passamos muito tempo a tentar resolver a situação de Madeleine e dos filhos. Durante esse tempo devem ter-se apaixonado, o que era estritamente proibido, claro. Mas, como eu disse, na altura não estava a par da relação deles, por isso... — Leila abriu as mãos. — Quando descobri fiquei incrivelmente decepcionada. Matte sabia como era importante para mim provar que os homens são necessários neste tipo de organizações. E sabia que o Refúgio estava na mira de muita gente, muita gente que

esperava que falhássemos. Não consigo compreender como foi capaz de trair o Refúgio desta maneira.

— E depois, que aconteceu? — perguntou Gösta, tirando o processo das mãos de Patrik. Leila pareceu ficar sem ar.

— As coisas foram piorando. O ex-marido de Madeleine estava sempre a descobrir onde ela e os filhos tinham sido alojados. A polícia envolveu-se, mas não serviu de nada. Por fim, Madeleine não conseguia aguentar mais e concluímos que a situação era intolerável. Para continuarem vivos, teriam de sair da Suécia. Deixar a casa, a família, os amigos, tudo.

— Quando tomaram essa decisão? — perguntou Patrik.

— Madeleine veio falar comigo logo depois de Matte ter sido agredido e pediu-nos que a ajudássemos. Nós já tínhamos chegado mais ou menos à mesma conclusão.

— Que pensava Mats acerca disso? Leila olhou para o tampo da secretária.

— Não lhe dissemos nada. Foi tudo organizado enquanto estava no hospital. Quando voltou ao trabalho, Madeleine já havia partido.

— Foi nessa altura que descobriu que Mats e Madeleine estavam a ter um caso? — Gösta recolocou o processo na secretária.

— Sim. Matte estava inconsolável. Implorou e suplicou para que lhe dissesse para onde tinham ido. Mas eu não podia fazer isso. Matte teria posto Madeleine e os filhos em perigo se alguém descobrisse onde estavam.

— Alguma vez suspeitou de uma ligação entre toda esta situação e a agressão a Mats? — Patrik abriu a pasta e apontou para algo que estava escrito numa das páginas.

Leila brincou nervosamente com um clipe antes de responder.

— Claro que isso me ocorreu. Mas Matte garantiu-me que não havia qualquer ligação. E não havia muito que pudéssemos fazer.

— Temos de falar com Madeleine.

— Isso é impossível — disse Leila, abanando a cabeça. Seria demasiado perigoso.

— Vamos tomar todas as precauções necessárias. Mas temos de falar com ela.

— Estou a dizer-lhe que é impossível.

— Compreendo que queira proteger Madeleine e prometo não fazer nada que possa pô-la em perigo. Espero que possamos resolver este assunto fácil e rapidamente, para que isto... — Patrik apontou para a pasta sobre a mesa — possa ficar só entre nós. Se não, vamos ter de informar os nossos superiores.

Leila cerrou os dentes, mas sabia que não tinha alternativa. Com um simples telefonema, Patrik e

Gösta poderiam dar cabo de todo o trabalho que o Refúgio estava a tentar levar a cabo.

— Vou ver o que posso fazer. Mas vai demorar algum tempo. Talvez até amanhã.

— Não há problema. Ligue-nos assim que souber alguma coisa.

— Tudo bem, mas com uma condição: fazemos as coisas à minha maneira. Há vidas de muitas outras pessoas envolvidas, não apenas a de Madeleine e dos filhos.

— Sim, nós compreendemos isso — afirmou Patrik. Os dois agentes levantaram-se e, mais uma vez, saíram do Refúgio para regressarem a Fjällbacka.

— Bem-vindo, bem-vindo! — exclamou Erling, fazendo um sorriso rasgado quando lhes abriu a porta. Estava contente por Bertil Mellberg e a namorada terem conseguido aparecer para celebrar a ocasião. Gostava genuinamente de Mellberg, cuja atitude pragmática perante a vida era muito semelhante à sua. Aquele homem era uma pessoa com quem era fácil lidar.

Depois de ter apertado entusiasticamente a mão a Mellberg, Erling beijou Rita na face. Resolveu jogar pelo seguro e beijou-a também na outra face. Não tinha certeza do que se costumava fazer nas terras do sul, mas certamente que não falharia muito se lhe desse um par de beijos. Vivianne apareceu para cumprimentar os convidados e ajudá-los a despir os casacos. Mellberg entregou à anfitriã um ramo de flores e uma garrafa de vinho. Vivianne agradeceu-lhe efusivamente, como mandava a etiqueta, e levou as oferendas para a cozinha.

— Entrem, entrem — disse Erling, fazendo-lhes sinal para que o seguissem. Como sempre, estava ansioso por mostrar-lhes o seu lar. Vira-se forçado a lutar muito para manter a casa depois do divórcio, mas tinha valido a pena.

— Que bela casa — disse Rita, olhando em redor.

— O Erling trata-se bem — referiu Mellberg, dando-lhe uma palmada nas costas.

— Não posso queixar-me — retorquiu Erling, entregando um copo de vinho a cada um dos convidados.

— Então, o que é o jantar? — perguntou Mellberg. O almoço no Badis ainda estava fresco na sua mente, por isso, se lhes estivesse reservada uma refeição de sementes e nozes, poderiam sempre passar pela rulote de cachorros-quentes a caminho de casa.

— Não se preocupe, Bertil. — Vivianne piscou o olho a Rita. — Esta noite fiz uma exceção por sua causa e planeei uma refeição rica em hidratos de carbono. Mas acho que também há para lá alguns legumes.

— Acho que vou sobreviver — disse Bertil com uma gargalhada algo exagerada.

— Vamos sentar-nos? — Erling pôs o braço em torno de Rita e conduziu-a até a espaçosa e bem iluminada sala de jantar. Não podia negar que a ex-mulher tinha bom gosto em termos de decoração. Por outro lado, tinha sido ele a pagar aquilo tudo, portanto o resultado podia ser considerado obra sua, e era isso mesmo que costumava dizer.

Os aperitivos foram rapidamente despachados e o rosto de Mellberg iluminou-se ao ver que o prato principal consistia em porções substanciais de lasanha. Só quando estavam a comer a sobremesa, e depois de alguns puxões que Erling lhe deu debaixo da mesa, é que Vivianne mostrou o anel que usava na mão esquerda.

— Ai, ai. Isso é mesmo o que parece ser? — exclamou Rita.

Mellberg semicerrou os olhos na tentativa de ver o motivo de todo aquele alarido e depois lá reparou no objeto que luzia no anelar de Vivianne.

— Estão noivos? — Mellberg pegou na mão de Vivianne e estudou cuidadosamente o anel. — Erling, seu grande malandro. Deve ter dado uma pequena fortuna por isto.

— As coisas boas custam dinheiro. Mas Vivianne vale cada coroa que paguei por ele.

— Fantástico — disse Rita, sorrindo calorosamente. — Parabéns aos dois.

— Pois. E agora temos de comemorar. Não tem nada mais forte para podermos brindar à vossa felicidade? — Mellberg olhou desdenhosamente para o copo de Baileys que Erling lhes servira para acompanhar a sobremesa.

— Hum... Vou ver se consigo desencantar um uísque. — Erling levantou-se e abriu o grande armário de bebidas. Pôs duas garrafas em cima da mesa e depois tirou quatro copos de uísque do armário, distribuindo-os pela mesa.

— Este é uma verdadeira joia. — Erling apontou para uma das garrafas. — Um Macallan com vinte e cinco anos. E não foi barato, garanto-lhe.

Erling deitou uma porção de uísque em dois dos copos e, em seguida, estendendo a mão sobre a mesa, colocou um no seu lugar e outro no de Vivianne. Então, pôs a rolha na garrafa e, com mil cuidados, devolveu o uísque caro ao armário das bebidas.

Mellberg olhou para Erling, espantado.

— Então e nós? — Não pôde deixar de perguntar. Rita parecia estar a pensar no mesmo, embora não o tenha dito em voz alta.

Erling regressou à mesa e abriu displicentemente a segunda garrafa. Era um Johnnie Walker Red Label, um uísque que Mellberg sabia custar duzentas e quarenta e nove coroas na loja estatal de bebidas.

— Seria um desperdício servir-vos o uísque caro — disse Erling. — Não seriam capazes de apreciá-lo como deve ser.

Com um sorriso alegre, Erling serviu as bebidas e entregou os copos a Mellberg e a Rita. Os convidados olharam em silêncio para o seu Johnnie Walker e depois para o conteúdo dos copos de Vivianne e de Erling. Tinham uma cor completamente diferente. Vivianne parecia ter vontade de rastejar para debaixo do tapete.

— Skål! E skål para nós, minha querida! — Erling ergueu o copo num brinde. Ainda mudos de surpresa, Mellberg e Rita imitaram-no.

Pouco tempo depois, desculparam-se e foram-se embora. Que sacana mesquinho, pensou Mellberg enquanto seguiam de táxi para casa. Fora um rude golpe numa amizade tão promissora.

A plataforma estava deserta quando desembarcou do comboio. Ninguém sabia que estavam a chegar. A mãe ficaria em estado de choque quando aparecessem, mas Madeleine não podia avisá-la da sua chegada. Já ia ser suficientemente arriscado ficar em casa dos pais. Teria preferido não os envolver, mas não tinham outro sítio para onde ir. Madeleine teria de acabar por falar com algumas pessoas para lhes explicar a situação, e prometera a si própria pagar os bilhetes de comboio a Mette. Detestava estar em dívida para com quem quer que fosse, mas fora a única forma de regressarem à Suécia. Tudo o resto teria de esperar.

Não se atrevia a pensar no que ia acontecer a seguir. Ao mesmo tempo, uma sensação de calma tinha invadido Madeleine. Era estranhamente reconfortante estar encurralada a um canto, sem possibilidade de ir a lado nenhum. Tinha desistido e, na verdade, isso era um alívio. Era tão incrivelmente cansativo fugir e lutar... E Madeleine já não tinha medo. Só os filhos a faziam hesitar, mas ia fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para que ele compreendesse e lhe perdoasse. Ele nunca tinha tocado nos filhos. Kevin e Vilda iam ficar bem, independentemente do que acontecesse.

Pelo menos era disso que queria convencer-se. Caso contrário, estava perdida.

Apanharam o elétrico número três na praça de Drottningtorget. Tudo era muito familiar. As crianças estavam tão cansadas que mal conseguiam manter os olhos abertos. Mesmo assim, tinham o rosto colado aos vidros e olhavam lá para fora.

— Ali está a prisão. Não é a prisão, mamãe? — perguntou Kevin.

Madeleine assentiu. Sim, tinham acabado de passar pela prisão de Härlunda. Madeleine percorreu mentalmente as próximas paragens de elétrico: Solrosgatan, Sanatoriegatan e depois saíam na Kålltorp. Por pouco não perderam a paragem, porque Madeleine se esquecera de carregar no botão. No último segundo lembrou-se e o elétrico abrandou e parou para os deixar sair. O céu de verão ainda estava claro àquela hora, mas os postes de iluminação tinham acabado de ligar-se. Havia luzes

acesas na maioria das janelas, incluindo o apartamento dos pais. O coração batia-lhe cada vez mais depressa à medida que se aproximava. Ia voltar a ver a mãe. E o pai. Sentir os abraços deles e observar a alegria estampada nos seus rostos quando avistassem os netos. Caminhava cada vez mais depressa e os filhos corriam expectantes atrás dela, ansiosos por visitar os avós que não viam há tanto tempo.

Chegaram finalmente à porta do apartamento. A mão de Madeleine tremia quando tocou a campainha.

FJÄLLBACKA, 1871

ERA UM BEBÊ LINDÍSSIMO E O PARTO TINHA SIDO SURPREENDENTEMENTE FÁCIL. ATÉ A PARTEIRA O DISSERA QUANDO O ENVOLVEU NUMA MANTA E O DEITOU NO PEITO DA MÃE. UMA SEMANA DEPOIS, EMELIE CONTINUAVA IMENSAMENTE FELIZ E SENTIA A ALEGRIA AUMENTAR A CADA MINUTO QUE PASSAVA.

DAGMAR ESTAVA TÃO FELIZ QUANTO ELA. SE EMELIE PRECISAVA DE ALGUMA COISA, A TIA DE KARL APARECIA IMEDIATAMENTE PARA A AJUDAR E TRATAVA DO BEBÊ COM A MESMA EXPRESSÃO DE REVERÊNCIA COM QUE IA À IGREJA AO DOMINGO. A CRIANÇA ERA UM MILAGRE QUE AS DUAS PARTILHAVAM.

O BEBÊ DORMIA NUM CESTO AO LADO DA CAMA DE EMELIE, QUE PASSAVA HORAS A OLHAR PARA ELE ENQUANTO DORMIA COM A MÃOZINHA ENCOSTADA À FACE. SEMPRE QUE OS LÁBIOS TREMIAM, EMELIE IMAGINAVA QUE AQUILO ERA UM SORRISO, UMA EXPRESSÃO DE ALEGRIA POR ESTAR NESTE MUNDO.

AS ROUPAS E AS MANTAS QUE EMELIE E DAGMAR TINHAM PASSADO TANTAS HORAS A CONFECIONAR ESTAVAM AGORA A TER BOM USO. AS DUAS MULHERES TINHAM DE MUDAR A ROUPA AO BEBÊ VÁRIAS VEZES AO DIA E O MENINO ESTAVA SEMPRE LIMPO E BEM ALIMENTADO. EMELIE TINHA A SENSACÃO DE QUE ELA, DAGMAR E O BEBÊ ESTAVAM A VIVER NUM PEQUENO MUNDO À PARTE, SEM TRISTEZAS NEM PREOCUPAÇÕES. ATÉ JÁ TINHA DECIDIDO O NOME DA CRIANÇA. CHAMAR-SE-IA GUSTAV, COMO O PAI DE EMELIE. NEM SEQUER PENSARA EM PERGUNTAR PRIMEIRO A KARL. GUSTAV ERA O FILHO DELA E SÓ DELA.

KARL NÃO A VISITARA UMA ÚNICA VEZ DESDE QUE ESTAVA A MORAR COM DAGMAR. MAS EMELIE NÃO TINHA DÚVIDAS DE QUE, ENTRETANTO, O MARIDO E JULIAN JÁ TINHAM VINDO A FJÄLLBACKA, COMO ERA COSTUME. APESAR DE SER UM ALÍVIO NÃO TER DE O VER, EMELIE FICAVA MAGOADA POR NÃO SIGNIFICAR MAIS PARA KARL.

TENTARA FALAR COM DAGMAR ACERCA DISSO, MAS A MULHER TINHA-SE FECHADO EM COPAS COMO SEMPRE FAZIA QUANDO O NOME DE KARL VINHA À BAILA. MURMURARA NOVAMENTE QUE KARL NÃO TINHA TIDO UMA VIDA FÁCIL E QUE NÃO QUERIA ENVOLVER-SE NOS

ASSUNTOS DA FAMÍLIA. POR FIM, EMELIE DESISTIRA. NUNCA COMPREENDERIA O MARIDO, PORÉM, FOSSE COMO FOSSE, TERIA DE SUPORTAR A SUA SORTE. O PASTOR DISSERA “ATÉ QUE A MORTE OS SEPRE” E ERA ASSIM QUE TERIA DE SER. AGORA, PELO MENOS, EMELIE TINHA ALGO MAIS ALÉM DOS OUTROS, QUE FORAM O SEU CONSOLO NA ILHA. AGORA TINHA ALGO QUE ERA REAL.

TRÊS SEMANAS DEPOIS DO NASCIMENTO DE GUSTAV, KARL FOI BUSCÁ-LA. NEM SEQUER OLHOU PARA O FILHO. LIMITOU-SE A FICAR ESPECADO NO VESTÍBULO COM AR IMPACIENTE E DISSE-LHE PARA ARRUMAR AS SUAS COISAS. QUANDO ACABASSEM DE COMPRAR OS MANTIMENTOS, PARTIRIAM PARA A ILHA E EMELIE E O BEBÊ IAM COM ELES.

— O MEU PAI DISSE ALGUMA COISA ACERCA DO BEBÊ? EU ESCREVI-LHE, MAS NÃO RECEBI NENHUMA RESPOSTA — DISSE KARL, OLHANDO PARA DAGMAR. PARECIA ANGUSTIADO E AO MESMO TEMPO ANSIOSO, COMO UM MIÚDO DA ESCOLA A QUERER AGRADAR. O CORAÇÃO DE EMELIE SUAVIZOU-SE UM POUCO AO VER KARL TÃO INSEGURO. DESEJOU SABER MAIS ACERCA DELE PARA CONSEGUIR COMPREENDER O QUE ESTAVA A SENTIR.

— O TEU PAI RECEBEU A TUA CARTA E ESTÁ FELIZ DA VIDA. — DAGMAR HESITOU. — COMO SABES, ANDAVA PREOCUPADO.

DAGMAR E KARL TROCARAM UM OLHAR QUE EMELIE NÃO CONSEGUIU DECIFRAR. ESTAVA ALI PARADA, COM GUSTAV NOS BRAÇOS.

— O PAI NÃO TEM MOTIVOS PARA SE PREOCUPAR — DISSE KARL COM HOSTILIDADE. — MANDE-LHE OS MEUS CUMPRIMENTOS, SE FAZ FAVOR.

— ESTÁ BEM. MAS TENS DE PROMETER QUE VAIS TRATAR BEM A TUA FAMÍLIA. KARL OLHOU PARA O CHÃO.

— CLARO QUE SIM — DISSE, VIRANDO-SE LOGO EM SEGUIDA. — DAQUI A UMA HORA TENS DE ESTAR PRONTA PARA IRMOS EMBORA — ACRESCENTOU, FALANDO PARA EMELIE POR CIMA DO OMBRO.

EMELIE FEZ QUE SIM COM A CABEÇA, SENTINDO UM NÓ NA GARGANTA. NÃO TARDARIA A REGRESSAR A GRÅSKÄR. ABRAÇOU GUSTAV COM MUITA FORÇA.

— LEILA CONSEGUIU ENCONTRÁ-LA? — perguntou Gösta. Ainda parecia estar meio dormindo.

— Não disse. Pediu apenas para irmos ao escritório do Refúgio o mais depressa possível.

Patrik praguejou. Havia muito trânsito e tinha de estar constantemente mudando de pista. Quando chegaram ao Refúgio, em Hisingen, saiu do carro e abanou a camisa. Estava empapada em suor.

— Entrem — disse Leila em voz baixa quando os foi receber à porta. — Vamos sentar-nos na sala de pessoal. É mais confortável do que o meu escritório. Fiz café e sanduíches, para o caso de não terem tido tempo para tomar o pequeno-almoço.

Mal tinham tido tempo para comer alguma coisa antes da viagem até Gotemburgo, por isso Patrik e

Gösta pegaram cada um num pão e sentaram-se.

— Espero que Marie não tenha problemas por causa do que disse — afirmou Patrik. Esquecera-se de o mencionar no dia anterior e quando se foi deitar não conseguiu dormir. Temia que aquela pobre garota nervosa pudesse perder o emprego por lhes ter falado de Madeleine.

— De forma alguma. Eu assumo toda a responsabilidade. Devia ter sido eu a dizer-vos, mas a minha principal preocupação era a segurança de Madeleine.

— Compreendo — disse Patrik. Continuava chateado por terem perdido tanto tempo, mas percebia porque é que Leila tinha agido daquela forma. Além disso, não era rancoroso.

— Já conseguiu contactá-la? — perguntou, acabando de comer a sanduíche. Leila hesitou.

— Receio que tenhamos perdido o rastro a Madeleine.

— Perderam-lhe o rastro?

— Sim. Nós a ajudamos a fugir para o exterior. Se calhar não vale a pena estar a contar-vos todos os pormenores, mas fazemos as coisas de modo a garantir a máxima segurança das vítimas. Seja como for, Madeleine e os filhos foram instalados num apartamento no exterior. Mas agora... agora parece que foram embora.

— Foram-se embora?— repetiu Patrik.

— Sim. De acordo com o nosso colega que foi até lá, o apartamento está vazio e a vizinha diz que

Madeleine e os filhos se foram embora ontem. E não pareciam planear

regressar.

— Para onde poderão ter ido?

— Suspeito que tenham voltado para a Suécia.

— Porque haveriam de fazer uma coisa dessas? — perguntou Gösta, estendendo a mão para outra sanduíche.

— Madeleine pediu dinheiro emprestado à vizinha para comprar bilhetes de comboio e não tinha mais para onde ir.

— Mas por que voltar, sabendo o que a espera aqui? — Gösta estava a falar com a boca cheia, projetando uma chuva de migalhas para o colo.

— Não faço ideia — Leila abanou a cabeça e os dois agentes viram o olhar de desespero no seu rosto. Estava claramente muito perturbada. — Têm de compreender que se trata de uma questão psicológica extremamente complexa. Poderão perguntar porque é que uma mulher não deixa o marido da primeira vez que é agredida, mas é mais complicado do que isso. Acaba por criar-se uma relação de interdependência entre o agressor e a vítima e, às vezes, a mulher não se comporta de uma forma muito racional.

— Acha que Madeleine voltou para o marido? — perguntou Patrik com ceticismo.

— Não sei. Talvez já não aguentasse mais o isolamento e tivesse saudades da família. Apesar de lidarmos há anos com estas situações no nosso centro, nem sempre compreendemos como as mulheres pensam. E têm de ser elas a decidir o que é melhor para as suas vidas. São livres para o fazer.

— Como é que vamos encontrá-la? — Patrik estava a sentir-se completamente impotente. Mais outra porta que se fechava nas suas caras. Tinha de falar com Madeleine. Aquela mulher podia ser a chave de tudo.

Por um momento, Leila não respondeu. Depois disse:

— Eu começaria pelos pais. Vivem em Kålltorp. Madeleine pode ter ido para lá.

— Tem a morada? — perguntou Gösta.

— Tenho. Mas... — Leila fez uma pausa. — Estão a lidar com pessoas extremamente perigosas. Madeleine e a família podem não ser os únicos em risco. Vocês também podem correr perigo.

Patrik assentiu.

— Seremos discretos.

— Também pensam falar com ele? — perguntou Leila.

— Sim, receio que isso seja inevitável. Mas primeiro é melhor falarmos com os nossos colegas aqui de Gotemburgo para sabermos qual será a melhor abordagem.

— Tenham cuidado. — Leila entregou a Patrik um papel com uma morada.

— Vamos ter cuidado — disse, embora não estivesse tão confiante como tentara soar. Agora estavam a entrar em águas profundas e a única coisa a fazer era nadar o melhor que podiam.

— Já falaram com as companhias de aviação? — perguntou Konrad.

— Sim — respondeu Petra. — Não saíram do país. Pelo menos não com os nomes verdadeiros.

— Há muitas maneiras de conseguir identidades e passaportes falsos.

— Se for esse o caso, vamos demorar algum tempo a encontrá-los. Primeiro devemos investigar todas as outras possibilidades. Depois saberemos se se confirma o cenário mais provável. — Estavam sentados nas suas secretárias, à frente um do outro, e Petra trocou um olhar com Konrad. Nenhum deles precisava de ser mais específico do que aquilo. As imagens que visualizavam eram suficientemente nítidas.

— Seria uma crueldade do caracas matarem uma criança de cinco anos — disse Konrad. Ao mesmo tempo, sabia que aquela gente se movia em círculos onde a vida humana não significava nada. Matar uma criança podia ser impensável para alguns deles, mas não para todos. O dinheiro e a droga conseguiam transformar as pessoas em animais.

— Falei com algumas amigas dela. Pelo que percebi, não tinha muitas e nenhuma afirma ser muito chegada. Mas todas dizem a mesma coisa: Nathalie, Fredrik e o filho iam passar o verão na casa que têm na Toscana. E ninguém tinha qualquer razão para pensar que não tivessem ido. — Petra bebeu um golo da garrafa de água que tinha sempre em cima da secretária.

— De onde é que ela é? — perguntou Konrad. — Será que está em casa de algum familiar? Pode ter acontecido alguma coisa que a tenha impedido de ir com o filho para Itália. Problemas conjugais. Ou então talvez tenha sido ela que o matou.

— Algumas das tais amigas deram a entender que não era um casamento particularmente feliz, mas não acho que devamos tirar conclusões precipitadas nesta fase. Sabes se as balas já foram enviadas para os técnicos? — Petra bebeu mais um pouco de água.

— Sim, e deram-lhes a máxima prioridade. A divisão de estupefacientes anda a investigar esse tipo e a organização que está por detrás dele há muito tempo, por isso puseram o caso no topo da lista.

— Ótimo — disse Petra, levantando-se. — Vou descobrir onde para a família de Nathalie enquanto tu trataas dos tipos da balística. Diz-me logo que saibas se têm alguma coisa por onde pegarmos.

— Okay — disse Konrad com ar divertido. Há muito que se habituara a que Petra agisse como se fosse a chefe, embora tivessem os dois o mesmo posto. Mas Konrad não se importava, uma vez que não estava ali para competir. Sabia que a

colega lhe dava ouvidos e que respeitava a sua capacidade de discernimento e as suas opiniões, e isso era o mais importante. Pegou no telefone para ligar para a balística.

— Tens certeza de que esta é a morada certa? — Gösta olhou de relance para Patrik.

— Absoluta. E ouvi barulho lá dentro.

— Então acho que Madeleine está cá — sussurrou Gösta. — Senão abriam-nos a porta. Patrik assentiu.

— Mas a questão é: que vamos fazer agora? Têm de deixar-nos entrar de livre vontade — disse, fazendo uma pausa para pensar. Depois pegou no bloco de notas e na caneta. Escreveu algumas linhas e rasgou a folha. Em seguida, baixou-se e enfiou o papel por debaixo da porta, juntamente com o cartão de visita.

— Que é que escreveste?

— Sugeri um ponto de encontro. Espero que Madeleine concorde — respondeu Patrik enquanto começava a descer as escadas.

— Achas que não vai antes fugir? — Gösta teve de apressar-se para acompanhar o colega.

— Não me parece. Disse-lhe que queríamos falar com ela acerca de Mats.

— Espero que tenhas razão — referiu Gösta quando entraram no carro. Para onde vamos?

— Para a reserva natural de Delsjön — respondeu Patrik, arrancando com um solavanco.

Deixaram o veículo no estacionamento e caminharam até uma área de piqueniques na orla da floresta. Depois esperaram. Era muito bom estar no campo para variar e aquele dia de início de verão estava magnífico, agradavelmente quente e ensolarado, e sem uma única nuvem no céu. Os pássaros cantavam e ouvia-se o restolhar das folhas das árvores.

Passaram cerca de vinte minutos até verem uma mulher esguia a caminhar na sua direção. Tinha os ombros curvados e olhava ansiosamente em redor.

— Aconteceu alguma coisa a Matte? — Madeleine tinha uma voz surpreendentemente amenizada.

— Porque não nos sentamos? — Patrik apontou para o banco ao lado do qual se encontravam.

— Digam-me o que aconteceu — pediu, deixando-se cair no banco. Patrik sentou-se ao lado dela. Gösta preferiu ficar um pouco afastado e deixar que fosse Patrik a fazer a conversa.

— Somos da polícia de Tanumshede — disse-lhe Patrik. A expressão de Madeleine provocou-lhe um aperto no estômago. Sentia-se completamente idiota por não ter percebido que teriam de dar a notícia da morte de Mats. Ia ter de dizer

àquela mulher que alguém que tinha claramente significado muito para ela tinha morrido.

— Tanumshede? Mas por quê? — Madeleine tinha as mãos no colo e cerrou repentinamente os punhos, lançando-lhe um olhar suplicante. — Matte é dessa zona, mas...

— Mats mudou-se para Fjällbacka, onde nasceu, depois de a Madeleine ter desaparecido. Conseguiu por lá um emprego e subalugou o apartamento onde morava aqui em Gotemburgo. Mas Mats... — Patrik hesitou, mas depois prosseguiu: — Mats foi baleado há quase duas semanas. Lamento muito, mas Mats está morto.

Madeleine arfou em busca de ar. Os grandes olhos azuis encheram-se de lágrimas.

— Pensava que o iam deixar em paz. — Madeleine escondeu o rosto nas mãos e soluçou. Patrik afagou-lhe desajeitadamente as costas.

— Sabia que o seu ex-marido e os amigos tinham agredido Mats?

— Claro que sabia. Nunca acreditei naquela história absurda de ter sido um bando de adolescentes a atacá-lo.

— E foi por isso que decidiu fugir? — perguntou suavemente Patrik.

— Pensava que o iam deixar em paz, uma vez que eu já me tinha ido embora. Antes da agressão, tinha esperança de que tudo se resolvesse. Pensava que nos poderíamos esconder algures na Suécia. Mas quando vi Mats no hospital... percebi que ninguém que estivesse ligado a nós estaria seguro se cá ficássemos. Tivemos de desaparecer.

— Por que voltou? O que aconteceu?

Madeleine apertou os lábios e Patrik compreendeu que estava determinada a não responder àquela pergunta.

— Fugir não serve de nada. Se Matte está morto... isso só prova que tenho razão — disse Madeleine, levantando-se.

— Podemos fazer alguma coisa para ajudá-la? — perguntou Patrik, que também se levantou. Madeleine virou-se. Ainda tinha os olhos marejados de lágrimas, mas a expressão era vazia.

— Não, não há nada que vocês possam fazer. Nada.

— Quanto tempo é que vocês os dois estiveram juntos?

— Isso depende do ponto de vista — disse com voz trémula. — Mas durou cerca de um ano. Não era permitido, por isso mantivemos tudo em segredo. Também tivemos de ter cuidado por causa de... — Madeleine não terminou a frase, mas Patrik compreendeu o que queria dizer. — Matte era tão diferente em relação ao que eu estava habituada. Tão gentil e afetuoso. Nunca sonharia em fazer mal a ninguém. E isso era... novo para mim — acrescentou, rindo-se com amargura.

— Há mais uma coisa que tenho de perguntar-lhe — disse Patrik. Mal

conseguia olhar para Madeleine. — Sabe se Mats estava envolvido em alguma coisa relacionada com droga? Cocaína?

Madeleine fitou-o.

— Porque é que está a perguntar-me isso?

— Foi encontrado um saco de cocaína num caixote do lixo, à entrada do prédio onde Mats morava, em Fjällbacka. Com as impressões digitais dele.

— Deve haver algum engano. Matte nunca tocara em drogas. Mas sabe tão bem como eu quem tem acesso a essas coisas — disse Madeleine em voz baixa. As lágrimas começaram novamente a escorrer por seu rosto. — Desculpe, mas agora tenho de ir para casa ver meus filhos.

— Fique com o meu cartão e ligue-me se houver alguma coisa que possamos fazer. O que quer que seja.

— Está bem — disse, embora ambos soubessem que nunca iria ligar. — O que pode fazer por mim é apanhar a pessoa que assassinou Matte. Nunca devia ter... — Madeleine desatou a correr, chorando.

Patrik e Gösta ficaram a vê-la afastar-se.

— Não lhe fizeste muitas perguntas — disse Gösta.

— Está-se mesmo a ver quem é que Madeleine acha que assassinou Mats.

— Sim. E não estou com grande vontade de fazer o que temos de fazer a seguir.

— Eu sei — disse Patrik, sacando o celular do bolso. — Mas é melhor telefonar a Ulf. Vamos precisar de ajuda.

— Esse é o eufemismo do ano — murmurou Gösta.

Quando o telefone tocou, Patrik sentiu um mal-estar persistente. Por uma fração de segundo, visualizou mentalmente uma imagem cristalina de Erica e dos filhos. Então, Ulf atendeu.

— O jantar de ontem correu bem? — perguntou Paula. Para variar, ela e Johanna estavam em casa ao mesmo tempo à hora do almoço. Como Bertil também tinha aparecido para desfrutar de uma refeição caseira, estavam todos reunidos à mesa da cozinha.

— Bem, depende do ponto de vista — respondeu Rita com um sorriso, que revelava claramente as covinhas nas faces roliças. Apesar de dançar muito, continuava rechonchuda. Aos olhos de Paula, a mãe era lindíssima e, pelo que via, Bertil sentia o mesmo.

— Aquele sacana mesquinho serviu-nos uísque barato — murmurou Mellberg. Em condições normais, o superintendente gostava de beber Johnnie Walker e nunca sonharia em gastar o seu dinheiro numa garrafa de uísque caro. Mas por que raio é que Erling lhes mostrara o melhor que tinha se não tencionava oferecê-lo aos convidados?

— Que nojo — comentou Johanna. — O uísque barato dá cabo de uma pessoa.

— Erling serviu a si próprio e a Vivianne uísque caro e a nós deu-nos do barato — esclareceu Rita.

— Que falta de educação — disse Paula com espanto. — Nunca pensei que Vivianne fosse assim.

— E acho que não é. Pareceu-me uma pessoa muito simpática e julgo que estava envergonhadíssima. Mas deve haver algo em Erling que a atrai, porque, qual não foi o nosso espanto, anunciaram que estão noivos.

— Essa é boa! — Paula tentou imaginar Erling e Vivianne juntos, mas não conseguiu. Seria difícil encontrar um par mais incompatível. Bem, a mãe e Bertil também entravam nessa categoria, porém, por incrível que pudesse parecer, Paula começara a vê-los como uma combinação perfeita. Nunca tinha visto a mãe tão feliz e isso era a única coisa que importava. Por esse mesmo motivo, ainda era mais difícil dizer a Rita o que ela e Johanna tinham de dizer-lhe.

— Que bom tê-los a todos em casa — disse Rita enquanto servia a sopa fumegante de uma grande panela que colocara em cima da mesa.

— Sim, sobretudo porque parece que vocês as duas não andam a dar-se muito bem ultimamente. — Mellberg deitou a língua de fora a Leo, fazendo-o dar gritinhos de tanto rir.

— Olha que ele engasga-se — disse Rita, e Mellberg parou imediatamente com as suas palhaçadas. Tinha um medo de morte que pudesse acontecer alguma coisa a Leo, que era o seu menino de ouro.

— Mastiga a comida como deve ser para o teu avozinho Bertil — disse.

Paula não pôde deixar de sorrir. Mellberg podia ser o homem mais irritante que alguma vez conhecera, mas perdoava-lhe tudo quando via a maneira como olhava para Leo. Em seguida, aclarou a garganta, plenamente consciente de que o que estava prestes a dizer cairia que nem uma bomba.

— Bem, realmente as coisas têm andado um bocado frias entre nós nos últimos tempos. Mas, ontem, Johanna e eu tivemos oportunidade de falar e...

— Não vão separar-se, pois não? — perguntou Mellberg. — Seria impossível encontrares outra. Não há muitas lésbicas por aqui e o mais provável era não conseguires arranjar uma nova namorada.

Paula revirou os olhos e pediu paciência a Deus. Contou de dez até zero e depois disse:

— Não vamos separar-nos. Mas nós... — começou a dizer, lançando um olhar de relance em busca do apoio de Johanna.

— Não podemos continuar a morar aqui — disse Johanna.

— Não podem continuar a morar aqui? — Rita olhou para Leo e os olhos

encheram-se de lágrimas. — Mas para onde vão? Como é que vão... E o Leo? — A voz de Rita quebrou e as palavras teimavam em não sair pela ordem certa.

— Não podem voltar para Estocolmo. Espero que não estejam com ideias de fazer isso — disse Mellberg. — Leo não pode crescer numa cidade como Estocolmo. Percebem isso, não é? Pode acabar por tornar-se um delinquente, um toxicodependente ou coisa do gênero.

Paula absteve-se de salientar que tanto ela como Johanna tinham crescido em Estocolmo sem que nada de mal lhes acontecesse. Sabia que não adiantava discutir certos assuntos com Mellberg.

— Não, nós não vamos voltar para Estocolmo — apressou-se a dizer Johanna. — Estamos bem aqui. Mas pode ser difícil encontrar um apartamento nesta zona, por isso vamos ter de procurar em Grebbestad e também em Fjällbacka. Claro que o melhor seria se conseguíssemos encontrar algum nas proximidades. Mas, ao mesmo tempo...

— Ao mesmo tempo, temos mesmo de mudar-nos — completou Paula. — A mãe e o Bertil têm sido um apoio incrível e têm sido fantásticos para o Leo, mas precisamos de ter a nossa própria casa — disse, apertando a mão de Johanna debaixo da mesa. — Por isso vamos ter de contentar-nos com o que conseguirmos arranjar.

— Mas Leo precisa de estar com os avós todos os dias. Está habituado a isso. — Mellberg parecia ter vontade de arrancar a criança da cadeirinha, abraçá-la e nunca mais a largar.

— Vamos fazer o que pudermos, mas temos de mudar-nos o mais depressa possível. Depois logo se vê o que acontece.

O silêncio desceu sobre a mesa e só Leo estava alegre como era habitual. Rita e Mellberg trocaram olhares preocupados. Paula e Johanna iam mudar-se e levar Leo com elas. Podia não ser o fim do mundo, mas sem dúvida que parecia.

Era impossível esquecer o sangue. O vermelho parecia tão berrante em contraste com o branco da seda. Nathalie estava aterrorizada como nunca tinha estado na vida. E os anos que passara com Fredrik tinham sido pródigos em episódios assustadores — episódios nos quais, mesmo agora, Nathalie se recusava a pensar, empurrando-os sem hesitar para o subconsciente. Tentou antes concentrar-se em Sam e no amor que ele lhe tinha.

Naquela noite, Nathalie ficara para ali a olhar para o sangue como se estivesse congelada. Depois entrara em ação, movendo-se com uma determinação que desconhecia possuir. Já tinha feito as malas. Estava em camisa de noite e, apesar do medo que sentia, teve tempo para vestir apressadamente o jeans e uma camiseta. Sam podia ir de pijama. Pegou o filho no colo e levou-o para o carro depois de ter posto a bagagem no porta-malas. Sam não estava dormindo, mas não

disse uma palavra.

Tudo parecera tão tranquilo. Apenas se ouvia o leve murmúrio do pouco trânsito noturno. Não se atrevera a pensar no que Sam poderia ter visto, em como isso o poderia ter afetado ou no que significava o silêncio do filho. Normalmente, Sam gostava de conversar com ela, mas não dissera uma única palavra. Nem uma.

Nathalie recolheu as pernas e pôs os braços em torno dos joelhos quando se sentou no cais. Estava surpreendida por não se sentir inquieta depois de estar há duas semanas na ilha. Mas os dias pareciam ter passado a correr. Ainda não tinha decidido o que fazer nem pensara no que o futuro poderia trazer-lhes. Quem sabe se ainda tinham um futuro? Nathalie não tinha maneira de saber se ela e o filho iriam estar na mira das pessoas com quem Fredrik se dava, nem se seria seguro continuarem ali escondidos. Teria preferido afastar-se completamente do mundo e ficar em Gråskär para sempre. Isso era fácil de fazer no verão, porém, quando o inverno chegasse, não seriam capazes de permanecer ali. E Sam precisava de amigos e de outras pessoas. Pessoas reais.

Porém, antes que Nathalie pudesse tomar qualquer decisão, Sam tinha de melhorar. Por enquanto, o sol brilhava e o som do marulhar das ondas contra as rochas nuas embalava-os durante a noite. Estavam seguros à sombra do farol. Tudo o resto podia esperar. E, com o tempo, a recordação do sangue acabaria por desaparecer.

— Como te sentes, amor? — Anna sentiu Dan a abraçá-la por trás e teve de esforçar-se para não o afastar. Emergira da escuridão e conseguia novamente olhar para os filhos, passar tempo com eles e sentir o amor que tinha por eles. Mas ainda se sentia morta por dentro sempre que Dan lhe tocava ou lhe lançava aquele olhar suplicante.

— Estou bem — disse Anna, libertando-se dos braços de Dan. — Só um bocado cansada, mas vou tentar ficar levantada mais algum tempo. Preciso de voltar a treinar os músculos.

— Quais músculos?

Anna tentou rir-se da piada, como sempre costumava fazer quando Dan gozava com ela. Mas apenas conseguiu fazer um esgar.

— Podes ir buscar as crianças? — perguntou-lhe, fazendo uma careta quando se baixou para apanhar um carrinho do chão da cozinha.

— Eu faço isso — disse Dan, baixando-se rapidamente para apanhar o brinquedo.

— Eu conseguia — disse bruscamente Anna, irritada, arrependendo-se imediatamente do tom de voz quando viu a expressão magoada de Dan. Que se passava com ela? Porque teria aquele buraco vazio no peito, no sítio onde tudo o que sentia por Dan costumava estar?

— Não quero que exageres, é só isso. — Dan acariciou-lhe a face. Sentiu o frio da mão do marido na pele e esforçou-se novamente para não a afastar. Porque estaria a reagir assim quando sabia que Dan a amava tanto e era o pai da criança que tanto ambicionara ter? Teriam os seus sentimentos por Dan desaparecido quando o filho dera o último suspiro?

Anna sentiu-se repentinamente exausta. Não aguentava pensar nisso agora. Só queria ser deixada em paz para poder descansar até os filhos chegarem a casa e sentir o coração ficar repleto do amor que sentia por eles. Um amor que tinha sobrevivido.

— Podes então ir buscá-los? — murmurou, e Dan assentiu. Não se atreveu a encará-lo, porque sabia que os olhos do marido estariam repletos de tristeza. — Tenho de deitar-me e descansar um bocado. — Anna virou-se e, lentamente, subiu as escadas.

— Te amo, Anna — disse Dan em voz alta na direção das escadas. Anna não respondeu.

— Tem alguém aqui? — perguntou Madeleine quando entrou.

O apartamento estava invulgarmente silencioso. Será que os filhos estavam a dormir? Não seria muito estranho se estivessem. Tinham chegado tarde a noite passada e Kevin e Vilda tinham-se levantado de manhã bem cedo, entusiasmados por estarem em casa dos avós.

— Mãe? Pai? — interpelou Madeleine, baixando a voz. Descalçou-se e pendurou o casaco de verão. Ficou parada por um momento frente ao espelho do corredor. Não queria que vissem que estava a chorar. Já estavam suficientemente preocupados. Mas tinha sido uma alegria imensa ver os pais. Na noite anterior tinham-lhe aberto a porta em pijama e com ar perplexo. Mas, depois, a expressão cautelosa nos rostos dos pais dera lugar a grandes sorrisos. Era tão bom estar novamente em casa, mesmo sabendo que a sensação de segurança era uma ilusão e apenas temporária.

Estava tudo num caos. Matte estava morto e Madeleine percebia agora que, bem no fundo do seu ser, tinha albergado a esperança de que, de alguma forma, encontrariam uma maneira de ficarem juntos.

Ainda frente ao espelho, compôs o cabelo por detrás da orelha e tentou ver-se a si mesma como Matte a tinha visto. Tinha-lhe dito que era linda. Não conseguia compreender aquilo, mas sabia que Matte estava a falar a sério. Podia vê-lo nos seus olhos sempre que Matte olhava para ela. E Matte tinha tantos planos para o futuro de ambos... Embora tivesse sido ela quem tomara a decisão de fugir, continuara a acreditar que um dia os seus planos seriam realizados. Os olhos de

Madeleine ficaram outra vez marejados de lágrimas. Olhou para o teto para impedir que lhe escorressem pelas faces. Piscou os olhos para afastar as lágrimas e respirou fundo. Para bem dos filhos, tinha de recompor-se e fazer o que precisava de ser feito. Aquele não era o momento de chorar a morte de Matte.

Virou-se e dirigiu-se para a cozinha. Era aí que os pais passavam a maior parte do tempo. A mãe a tricotar e o pai sentado à mesa a fazer palavras cruzadas, embora nos últimos tempos se dedicasse mais ao sudoku.

— Mãe? — chamou Madeleine quando entrou na cozinha. Parou abruptamente.

— Olá, minha querida. — Aquela voz, sempre tão suave mas sempre com um toque de desprezo. Jamais se livraria daquela voz.

A mãe tinha os olhos transidos de terror. Estava sentada numa cadeira, de frente para Madeleine, com o cano de uma pistola apontado à têmpora direita. Tinha o tricô ao colo. O pai de Madeleine ocupava o lugar habitual, perto da janela, e um braço musculoso em volta do pescoço certificava-se de que não se mexia.

— Temos estado a falar dos velhos tempos, os meus sogros e eu — disse calmamente Stefan. Madeleine viu-o a pressionar a arma ainda mais contra a têmpora da mãe. — É bom voltar a ver-te. Já lá vai algum tempo.

— Onde estão as crianças? — perguntou Madeleine. A voz pouco mais era do que um grasnar, porque tinha a boca completamente seca.

— Estão num lugar seguro. Pobres crianças. Deve ter sido traumatizante estar nas mãos de uma psicótica e não poderem ver o pai. Mas agora vamos recuperar o tempo perdido. —

Stefan sorriu e os dentes brilharam entre os lábios.

— Onde estão Kevin e Vilda? — Madeleine quase tinha esquecido de quanto o odiava. E do medo que tinha dele.

— Já disse que estão seguros. — Stefan encostou ainda mais a pistola na cabeça da mãe de Madeleine e a mulher fez um esgar de dor.

— Estava pensando em ir te ver. Por isso é que voltamos à Suécia — disse. — Percebi que tinha cometido um erro. Voltei para remediar as coisas.

— Recebeste o postal?

Era como se Stefan não tivesse ouvido uma palavra do que Madeleine tinha dito. Não conseguia compreender como é que alguma vez o achara atraente. Estava tão apaixonada por Stefan, convencida de que se parecia com uma estrela de cinema, com aquele cabelo louro, os olhos azuis e as feições tão perfeitas. Ficou lisonjeada por Stefan a ter escolhido quando podia ter tido qualquer mulher que quisesse. Madeleine tinha apenas dezassete anos e muito pouca experiência de vida. Stefan tinha-a cortejado e inundado de elogios. O outro lado dele — os ciúmes e a necessidade de controlar tudo — apenas se revelara mais tarde. E então já era tarde

de mais. Estava grávida de Kevin e a sua autoestima estava tão dependente da opinião e da atenção de Stefan que não conseguia deixá-lo.

— Recebi — respondeu Madeleine, sentindo-se subitamente muito calma. Já não tinha dezassete anos e tinha conhecido um homem que a amara. Imaginou o rosto de Matte e soube que devia ser forte em memória dele. — Eu vou contigo. Mas deixa os meus pais em paz. — Madeleine abanou a cabeça na direção do pai, que estava a tentar levantar-se. — Tenho de resolver isto. Não devia ter-me ido embora, foi um erro da minha parte. Agora vamos ser uma família.

De repente, Stefan deu um passo em frente e golpeou-a na cara com a pistola. Madeleine sentiu o aço a bater-lhe com força na face e caiu de joelhos. Pelo canto do olho, viu Stefan a forçar o pai a sentar-se novamente na cadeira. Desejou fervorosamente que os pais não tivessem de se ver envolvidos naquilo.

— Isso é o que vamos ver, minha puta. — Stefan agarrou-a pelos cabelos e começou a arrastá-la para fora da cozinha. Madeleine esforçou-se para se levantar. A dor era terrível; era como se lhe estivessem a arrancar todo o couro cabeludo. Ainda a segurar-lhe no cabelo, Stefan virou-se e apontou a arma para a cozinha.

— Vocês não vão dizer uma palavra que seja acerca disto. Não vão fazer porra nenhuma. Senão, esta é a última vez que vêm a vossa filha. Percebem? — Stefan encostou a pistola à têmpora de Madeleine e olhou primeiro para a mãe e depois para o pai.

Os dois assentiram em silêncio. Madeleine não se atreveu a olhar para eles. Se o fizesse, perderia toda a coragem, perderia a imagem mental que tinha de Matte, a imagem que lhe dizia para ser forte, independentemente do que pudesse acontecer. Manteve os olhos fixos no chão quando sentiu uma sensação de queimadura nas raízes dos cabelos. Sentiu o cano frio da pistola contra a pele e, por um momento, interrogou-se se sentiria a bala a perfurar-lhe o cérebro ou se a luz simplesmente se extinguiria.

— As crianças precisam de mim. Precisam de nós. Podemos ser outra vez uma família — disse

Madeleine, tentando manter a voz firme.

— Isso é o que vamos ver — repetiu Stefan. O tom de voz do ex-marido assustava-a mais do que os violentos puxões no cabelo, mais do que a arma que ele lhe apontava à cabeça. — Isso é o que vamos ver.

Em seguida, Stefan arrastou-a para a entrada do apartamento.

— Tudo aponta para Stefan Ljungberg e os amigos — disse Patrik.

— Quer dizer que a mulher regressou a Gotemburgo? — perguntou Ulf.

— Sim, e os filhos também.

— Isso não é nada bom. Devia ter ficado o mais longe possível desse tipo.

— Madeleine não quis dizer-nos porque regressou.

— Pode haver mil razões. Já vi isto acontecer muitas vezes. Começam a ter saudades de casa, da família e dos amigos. Ou então a vida depois de fugirem não lhes corre como tinham imaginado. Às vezes, o homem encontra-as e ameaça-as, e elas decidem que mais vale voltarem para ele.

— Sabe que há organizações como o Refúgio que por vezes dão um tipo de apoio às vítimas que não é necessariamente legal? — perguntou Gösta.

— Sim, mas optamos por fechar os olhos a essas coisas. Ou melhor, optamos por não desperdiçar recursos com essas situações. Essas organizações intervêm quando o Estado falha. Não podemos proteger essas mulheres e os filhos delas como deve ser, por isso... Enfim, que havemos de fazer? — Ulf abriu as mãos. — Quer dizer que Madeleine acha que o ex-marido pode ser responsável pelo homicídio que estão a investigar?

— Sim, Madeleine parecia pensar isso — disse Patrik. — E nós temos provas suficientes que apontam nesse sentido, portanto gostávamos de ter uma conversa com Stefan.

— Como eu lhe disse, isso não vai ser fácil. Por um lado, porque não queremos pôr em risco as investigações policiais em curso sobre os IE e as suas atividades. Por outro, porque, se for possível, é preferível ficar longe desses tipos.

— Eu compreendo isso — afirmou Patrik. — Mas uma vez que as pistas que estamos a seguir apontam para Stefan Ljungberg, acho que seria negligência não falar com ele.

— Sabia que ia dizer isso — Ulf suspirou. — Vamos fazer o seguinte: eu levo um dos meus melhores agentes e vamos os quatro ter uma conversa com Stefan. Não é um interrogatório, não vai ser uma coisa agressiva que possa provocá-lo. Apenas uma conversa. Vamos fazer tudo com jeitinho e ver o que conseguimos descobrir. Que lhe parece?

— Tudo bem. Também não temos grande alternativa, pois não?

— Ótimo. Mas vamos ter de esperar até amanhã de manhã. Têm onde ficar esta noite?

— Acho que podemos ficar com o meu cunhado. — Patrik lançou um olhar inquiridor a Gösta, que assentiu. Depois Patrik sacou o celular para ligar a Göran, o irmão de Erica.

Erica ficou desapontada quando Patrik telefonou a dizer que só ia para casa no dia seguinte, mas rapidamente lhe passou. Era uma enorme diferença de atitude se comparada com o tempo em que Maja tinha a idade dos gêmeos! Nessa altura, se Patrik lhe tivesse telefonado a dizer que estava atrasado, teria entrado em pânico só de pensar que teria de passar uma noite inteira sozinha com o bebê. Ia sentir falta de Patrik ao seu lado na cama, mas não estava preocupada por ter de tomar conta dos três filhos sozinha. As coisas pareciam ter acalmado e Erica estava contente por,

desta vez, poder desfrutar dos seus bebês como nunca tinha sido possível com Maja. Isso não significava que amasse menos a filha, nem pensar. Apenas se sentia mais calma e mais confiante com os gêmeos.

— O papai vem para casa amanhã — disse Erica a Maja, que não respondeu. Estava a ver Bolibompa na televisão e não teria notado se estivessem a cair bombas lá fora.

Erica dera o biberão aos gêmeos e mudara-lhes as fraldas. Contentes e saciados, tinham adormecido no berço que partilhavam. E, pela primeira vez, as divisões do rés-do-chão estavam razoavelmente limpas e arrumadas. Tivera uma explosão de energia e fizera uma limpeza geral à casa depois de regressar do infantário. Mesmo agora, ainda se sentia enérgica e um pouco inquieta.

Erica foi até a cozinha, preparou uma chávena de chá e descongelou alguns bolos no micro-ondas. Depois de ponderar o que fazer, pegou na pilha de papéis sobre Gråskär e sentou-se ao lado de Maja com o chá, os bolos e as histórias de fantasmas. Não tardou a ficar profundamente embrenhada no mundo dos fantasmas. Queria mostrar tudo aquilo a Nathalie.

— Não devias ir para casa com tuas filhas? — perguntou Konrad, olhando para Petra. Pela janela do gabinete, na sede da polícia de Estocolmo, na Kungsholmen, podiam ver que a iluminação de rua já estava ligada.

— Pelle fica com elas esta noite. Tem trabalhado até tão tarde nos últimos tempos que vai fazer-lhe bem passar algum tempo em casa.

O marido de Petra tinha um café em Söder e os dois tinham de estar constantemente a fazer malabarismo para conseguirem coordenar a vida quotidiana. Às vezes, Konrad perguntava a si próprio como é que Petra e Pelle haviam conseguido ter cinco filhos, uma vez que era raro estarem em casa ao mesmo tempo.

— Já fizeste algum progresso? — Konrad esticou as costas. Tinha sido um longo dia de trabalho e os músculos começavam a doer-lhe.

— Os pais dela morreram e não tem irmãos. Vou continuar a procurar, mas Nathalie não parece ter muita família.

— Não consigo deixar de questionar-me como é que Nathalie acabou metida com um tipo como Fredrik — disse Konrad. Virou a cabeça de um lado para o outro para aliviar a tensão no pescoço.

— Não acho assim tão difícil de perceber, tendo em conta o gênero de pessoa que ela é — disse secamente Petra. — Nathalie é uma daquelas mulheres que vivem da sua beleza e cujo único objetivo na vida é encontrar um homem que as sustente. Não querem saber de onde vem o dinheiro e passam os dias nas compras, em tratamentos de beleza e em longos almoços com as amigas no Sturehof*.

— Caramba — disse Konrad —, parece que alguém está a ser um bocadinho tendencioso.

— Eu estrangularia pessoalmente uma das minhas filhas que acabasse assim. Cá para mim, quem se mete naquele mundo só se pode culpar a si próprio. É o preço que se paga quando se opta por fechar os olhos e ignorar que aquele dinheiro tresanda.

— Não te esqueças de que também há uma criança envolvida nesta história — lembrou Konrad. A expressão da colega suavizou-se de imediato. Petra era dura, mas também era mais sentimental do que a maior parte das pessoas, sobretudo quando se tratava de crianças em risco.

— Sim, eu sei. — Petra fez uma careta. — É por isso que ainda estou aqui sentada, apesar de já serem dez da noite e, provavelmente, Pelle já estar em casa a ver uma nova versão do motim na Bounty. Podes ter certeza de que não é por estar preocupada com a mulher de um rico qualquer. — Petra continuou a teclar ao computador por alguns instantes e depois encerrou a sessão.

— Pronto, pronto. Enviei alguns questionários, mas não me parece que consigamos fazer mais progressos esta noite. Temos uma reunião com a equipe dos estupefacientes às oito da manhã para analisarmos o caso em conjunto. Agora é melhor irmos dormir umas horinhas para estarmos despertos e de olho vivo amanhã.

— Parece-me boa ideia. — Konrad levantou-se. — Espero que amanhã seja um dia mais produtivo.

— Caso contrário, teremos de recorrer aos média para nos ajudarem — disse Petra, com um olhar de repulsa.

— Tenho certeza de que já souberam da história. — Konrad deixara de se chatear com os jornalistas que se intrometiam no trabalho da polícia. E não tinha uma ideia tão tendenciosa dos jornalistas como Petra. Umas vezes, os média ajudavam, outras estorvavam. Fosse como fosse, os jornalistas estariam sempre a rondar e Konrad sabia que não servia de nada lutar contra moinhos de vento.

— Boa noite, Konrad — disse Petra, afastando-se apressadamente pelo corredor.

— Boa noite — respondeu Konrad, desligando a luz.

**Famoso restaurante de frutos do mar na praça Stureplan, no centro de Estocolmo. (N. do T.)*

FJÄLLBACKA, 1873

A VIDA NA ILHA TINHA MUDADO, EMBORA MUITA COISA PERMANECESSE NA MESMA. KARL E JULIAN CONTINUAVAM COM O MESMO BRILHO MALICIOSO NOS OLHOS SEMPRE QUE OLHAVAM PARA EMELIE E, DE VEZ EM QUANDO, SOLTAVAM UMA OBSERVAÇÃO MAL-INTENCIONADA. MAS EMELIE NÃO SE IMPORTAVA, PORQUE AGORA TINHA GUSTAV. DEDICAVA TODA A ATENÇÃO ÀQUELE FILHO MARAVILHOSO; DESDE QUE PUDESSE ESTAR COM O BEBÊ, CONSEGUIRIA SUPORTAR QUALQUER COISA. PODERIA VIVER EM GRÅSKÄR ATÉ AO DIA DA SUA MORTE SE A DEIXASSEM FICAR COM GUSTAV. NADA MAIS IMPORTAVA. AQUELA IDEIA ENCHIA-A DE CALMA, ASSIM COMO A FÉ QUE TINHA EM DEUS. CADA DIA QUE PASSAVA NAQUELA ILHA DESOLADA OUVIA A PALAVRA DE DEUS COM MAIS CLAREZA. PASSAVA TODO O TEMPO LIVRE A ESTUDAR A BÍBLIA E A SUA MENSAGEM PREENCHIA-LHE DE TAL MODO O CORAÇÃO QUE CONSEGUIA ALHEAR-SE DE TUDO O RESTO.

PARA SUA GRANDE TRISTEZA, DAGMAR FALECEU APENAS DOIS MESES DEPOIS DE ELA TER REGRESSADO À ILHA. TINHA MORRIDO DE UMA FORMA TÃO TERRÍVEL QUE EMELIE MAL CONSEGUIA PENSAR NISSO. UMA NOITE, ALGUÉM LHE ENTRARA EM CASA, SEM DÚVIDA PARA ROUBAR O POUCO QUE A VELHA SENHORA TINHA. NO DIA SEGUINTE, UMA AMIGA DE DAGMAR TINHA DADO COM ELA MORTA, ASSASSINADA. OS OLHOS DE EMELIE ENCHIAM-SE DE LÁGRIMAS QUANDO PENSAVA NO DESTINO CRUEL DA AMIGA. ÀS VEZES, AQUELE PENSAMENTO ERA INSUPORTÁVEL. QUEM PODERIA SER TÃO MAU E TER TANTO ÓDIO DENTRO DE SI A PONTO DE MATAR UMA VELHA MULHER QUE NUNCA FIZERA MAL A NINGUÉM?

À NOITE, OS ESPÍRITOS SUSSURRAVAM UM NOME. ELES SABIAM E QUERIAM QUE EMELIE OUVISSE O QUE ESTAVAM A DIZER. MAS EMELIE NÃO QUERIA SABER, NÃO QUERIA OUVIR. TINHA IMENSAS SAUDADES DE DAGMAR. TERIA SIDO RECONFORTANTE SABER QUE A AMIGA ESTAVA LÁ LONGE, EM FJÄLLBACKA, EMBORA NÃO A PUDESSE TER IDO VISITAR, UMA VEZ QUE OS DOIS HOMENS NÃO LHE PERMITIAM QUE OS ACOMPANHASSE QUANDO IAM ATÉ LÁ DE BARCO COMPRAR MANTIMENTOS. MAS AGORA DAGMAR TINHA DESAPARECIDO E EMELIE

E GUSTAV ESTAVAM OUTRA VEZ SOZINHOS.

NO ENTANTO, ISSO NÃO ERA INTEIRAMENTE VERDADE. QUANDO VOLTOU PARA GRÅSKÄR COM GUSTAV NOS BRAÇOS, OS ESPÍRITOS ESTAVAM NAS ROCHAS À SUA ESPERA. FORAM DAR-LHE AS BOAS-VINDAS. AGORA CONSEGUIA VÊ-LOS SEM FAZER QUALQUER ESFORÇO. GUSTAV TINHA DEZOITO MESES. A PRINCÍPIO, EMELIE NÃO TINHA A CERTEZA SE O FILHO TAMBÉM OS CONSEGUIA VER, MAS AGORA ESTAVA CONVENCIDA DE QUE CONSEGUIA. ÀS VEZES, GUSTAV RIA-SE MUITO ALTO E ABANAVA AS MÃOZINHAS, COMO SE LHES ESTIVESSE A ACENAR. A PRESENÇA DELES FAZIA O FILHO FELIZ E A ALEGRIA DE GUSTAV ERA A ÚNICA COISA QUE IMPORTAVA NO MUNDO DE EMELIE.

A VIDA DE EMELIE NA ILHA PODIA PARECER MUITO MONÓTONA, JÁ QUE TODOS OS DIAS ERAM MUITO SEMELHANTES, MAS NUNCA SE SENTIRA MAIS FELIZ. O PASTOR VIERA FAZER-LHES OUTRA VISITA. EMELIE TIVERA A SENSACÃO DE QUE ESTAVA PREOCUPADO E QUERIA VER COMO ESTAVAM AS COISAS. MAS O PASTOR NÃO PRECISAVA DE PREOCUPAR-SE. O ISOLAMENTO, QUE ANTES A INQUIETARA TANTO, JÁ NÃO A INCOMODAVA. TINHA TODA A COMPANHIA DE QUE PRECISAVA E A VIDA TINHA UM PROPÓSITO. QUEM PODERIA PEDIR MAIS? O PASTOR VOLTARA PARA CASA COM UMA SENSACÃO DE ALÍVIO. TINHA VISTO A CALMA ESTAMPADA NO SEU ROSTO, E A BÍBLIA, MUITO LIDA, ESTAVA ABERTA EM CIMA DA MESA DA COZINHA. ACARICIARA O ROSTO DE GUSTAV E DERA-LHE UM REBUÇADO PARA A TOSSE. “QUE BELO MENINO”, DISSERA, ENCHENDO EMELIE DE ORGULHO.

KARL, POR SEU LADO, IGNORAVA COMPLETAMENTE GUSTAV. ERA COMO SE O FILHO NÃO EXISTISSE. TAMBÉM TINHA DEIXADO DE VEZ DE DORMIR NO QUARTO. AGORA DORMIA NUMA DIVISÃO DO RÉSDO-CHÃO, AO PASSO QUE JULIAN DORMIA NO BANCO DA COZINHA. KARL QUEIXAVA-SE DE QUE O MENINO CHORAVA DE MAIS, MAS EMELIE SUSPEITAVA DE QUE NÃO PASSAVA DE UMA DESCULPA PARA NÃO PARTILHAR A CAMA COM ELA. EMELIE NÃO SE IMPORTAVA NEM UM BOCADINHO. DORMIA AO LADO DE GUSTAV, COM O BRACINHO RECHONCHUDO DO FILHO EM VOLTA DO PESCOÇO E O ROSTO ENCOSTADO AO SEU. NÃO PRECISAVA DE MAIS. ALÉM DISSO, TAMBÉM TINHA DEUS.

PASSARAM UMA NOITE AGRADÁVEL com Göran. Durante a maior parte das suas vidas, Erica e Anna não souberam que tinham um irmão, mas Göran não tardou a afeiçoar-se às irmãs mais novas. Tanto Patrik como Dan tinham o cunhado em grande estima. A mãe adotiva, Märta, que jantou com eles, era uma mulher maravilhosa que rapidamente se tornara parte da família.

— Estão prontos? — perguntou Ulf quando Patrik e Gösta chegaram ao estacionamento à frente do quartel-general da polícia de Gotemburgo.

Sem esperar por uma resposta, Ulf apresentou-lhes o colega, Javier. Era ainda mais alto do que Ulf, se é que isso era possível, e estava em muito melhor forma. Não parecia muito falador e apertou-lhes as mãos em silêncio.

— Querem ir atrás de nós? — Ulf encolheu-se ao volante de um carro da polícia descaracterizado.

— Claro, desde que não vá muito depressa. Não conheço muito bem os caminhos por aqui — disse

Patrik, dirigindo-se depois com Gösta para o seu próprio veículo.

— Vou conduzir com tanto cuidado como um instrutor de condução — disse Ulf, rindo-se.

Cruzaram a cidade e entraram numa zona menos urbanizada. Vinte minutos mais tarde já quase não havia prédios.

— Estamos mesmo no campo — disse Gösta, olhando em redor. — Será que vivem na floresta?

— Talvez não seja assim tão estranho viverem tão longe. Deve haver uma série de atividades que não querem que os vizinhos vejam.

— Lá isso é verdade.

Ulf abrandou e virou para um acesso para carros à frente de uma grande vivenda. Vários cães desataram a correr na direção dos carros, ladrando alto.

— Merda! Não gosto de cães — disse Gösta, olhando pelo para-brisas. Deu um salto quando um dos cães de grande porte, um rottweiler, começou a ladrar à sua porta.

— Cão que ladra não morde — disse Patrik, desligando o motor.

— Isso pensas tu — retorquiu Gösta, sem fazer qualquer movimento para abrir a porta.

— Anda. — Patrik saiu do carro, mas estacou quando três cães o cercaram, mostrando os dentes e rosnando.

— Chama os cães — gritou Ulf. Passado um minuto, um homem saiu pela porta da frente.

— Por quê? Os cães estão a fazer o trabalho deles. A manter os visitantes indesejados afastados. — O homem cruzou os braços com um sorriso divertido.

— Vá lá, Stefan. Só queremos ter uma pequena conversa contigo. Chama lá a porra dos cães.

Stefan riu-se, levou a mão aos lábios e assobiou. Os cães pararam de ladrar. Correram para o dono e deitaram-se aos seus pés.

— Satisfeito?

Patrik não pôde deixar de notar que o líder dos IE era muito bem parecido. Se não fosse pela frieza dos seus olhos, até se poderia dizer que era bonito. A roupa que usava prejudicava essa impressão: calças de ganga coçadas, camiseta manchada, colete preto de motoqueiro e tamancos de madeira.

Mais homens começaram a aparecer, todos eles com a mesma expressão cautelosa e hostil.

— Então, que querem? Estão em propriedade privada — disse Stefan. Seguia cada movimento dos agentes.

— Queremos ter uma conversa contigo, nada mais — repetiu Ulf, erguendo as mãos. — Não estamos aqui para arranjar problemas.

Houve um momento de pausa enquanto Stefan considerou aquelas palavras. Ninguém mexeu um músculo.

— Tudo bem, entrem — disse-lhes por fim Stefan, encolhendo os ombros, como se dissesse que se estava nas tintas. Virou-se e caminhou em direção à casa.

Ulf, Javier e Gösta fizeram o que Stefan disse e, com o coração a martelar-lhe o peito, Patrik imitou-os.

— Sentem-se. — Stefan apontou para várias poltronas junto a uma pequena mesa de vidro muito suja. O líder dos IE sentou-se num pomposo sofá de couro, esticando os braços sobre o encosto. A mesa estava coberta de latas de cerveja, caixas de piza e pontas de cigarro, apenas algumas delas no cinzeiro.

— Não tivemos tempo para arrumar a casa — disse Stefan com um sorriso. Mas depois ficou logo sério. — Que querem?

Ulf olhou de relance para Patrik, que aclarou a garganta. Patrik estava nervoso, para empregar um eufemismo, por se encontrar no quartel-general de um bando de motoqueiros. Mas agora não havia volta a dar.

— Somos da polícia de Tanumshede — disse, observando, horrorizado, que a voz lhe tremia. Não muito, mas o suficiente para pôr um brilho divertido nos olhos de Stefan. — Temos algumas questões relativas a uma agressão que ocorreu em fevereiro. Na rua Erik Dahlbergsgatan. O homem que foi atacado chamava-se Mats Sverin.

Patrik fez uma pausa. Stefan continuou a fitá-lo.

— E?

— De acordo com uma testemunha, Mats Sverin foi agredido por alguns homens que usavam o emblema deste clube nas costas.

Stefan riu-se com desdém e olhou para os seus homens, que estavam ao fundo da sala, de olho nos agentes, e que também se desataram a rir.

— Então é o que é que esse tipo diz acerca disso? Qual era o nome dele? Max?

— Mats — corrigiu Patrik. Era óbvio que os motoqueiros estavam a gozar com ele, mas Patrik ainda não sabia o suficiente para poder ter o prazer de tirar aquele sorriso presunçoso da cara de Stefan Ljungberg.

— Oh, peço desculpa. O que é que Mats tem a dizer? Disse que fomos nós?

— Stefan esticou ainda mais os braços. Parecia ocupar todo o sofá. Um dos cães aproximou-se e deitou-se aos seus pés.

— Não — respondeu relutantemente Patrik. — Não, não disse.

— Ah, bom. — Stefan sorriu.

— Parece-me um pouco estranho que não tenham perguntado quem é este homem de quem estamos a falar — disse Ulf, tentando atrair o cão para junto de si. Gösta olhou para o colega de Gotemburgo como se este fosse louco, mas o cão levantou-se e aproximou-se de Ulf, que lhe coçou as orelhas.

— Lolita ainda não aprendeu a odiar o cheiro a polícia — disse Stefan. — Mas vai aprender. Agora, em relação a esse tal Mats, bem, eu não consigo lembrar-me de toda a gente. Sou um homem de negócios e falo com uma série de pessoas.

— Mats trabalhava para uma organização chamada Refúgio. Isto diz-lhe alguma coisa?

Quanto mais tempo se encontravam ali sentados, mais a aversão de Patrik por aquele homem crescia. Estava a achar aquela charada frustrante. Stefan sabia exatamente do que estavam a falar. Teria sido preferível levá-lo para a delegacia para que a testemunha da Erik Dahlbergsgatan pudesse identificá-lo. Embora não tivessem nenhuma prova de que Stefan participara na agressão a Mats Sverin, Patrik estava convencido de que o homem estava implicado. Tendo em conta o caráter pessoal da situação, Patrik não achava que Stefan tivesse delegado a tarefa aos seus capangas.

— Refúgio? Não, nunca ouvi falar nisso.

— É estranho. Porque eles conhecem-no. Muito bem, até. — Patrik sentia-se a ferver por dentro.

— A sério? — disse Stefan com ignorância fingida.

— Como está Madeleine? — perguntou Ulf. Lolita estava agora deitada de costas para que Ulf lhe pudesse afagar a barriga.

— Sabem como são as gajas. Andamos um bocado desavindos, mas nada que não possa ser resolvido.

— Desavindos? — perguntou laconicamente Patrik. Ulf lançou-lhe um olhar de advertência.

— Madeleine está em casa? — perguntou.

Javier não tinha dito uma palavra. Irradiava força muscular e Patrik percebeu porque é que Ulf resolvera trazê-lo.

— De momento, não — respondeu Stefan. — Mas tenho certeza de que vai ter pena de não vos ter encontrado. As gajas adoram visitas.

Parecia completamente calmo e Patrik teve de conter-se para não lhe dar um soco na cara.

Stefan levantou-se. Lolita pôs-se instantaneamente de pé e aproximou-se do dono. Foi encostar-se às pernas de Stefan, como que a pedir desculpa por ter saído de junto dele. Stefan inclinou-se para acariciá-la.

— Já acabaram? É que tenho mais que fazer.

Patrik ainda tinha mil perguntas a fazer. Acerca da cocaína, de Madeleine, do Refúgio e do homicídio. Mas Ulf lançou-lhe novo olhar de advertência e acenou com a cabeça em direção à porta. Patrik percebeu que as outras perguntas teriam de esperar.

— Espero que o tipo esteja bem. Esse que foi agredido. Essas coisas às vezes acabam mal. — Stefan estava à porta, à espera de que os polícias saíssem.

Patrik fitou-o.

— Mats está morto. Foi assassinado com um tiro — disse com o rosto tão perto de Stefan que conseguiu sentir o cheiro desagradável a cerveja e a cigarros no seu hálito.

— Morto a tiro?

O sorriso desapareceu e, por uma fração de segundo, Patrik viu um olhar de surpresa genuína no rosto de Stefan.

— Então, a casa ainda estava de pé quando chegaste ontem à noite? — Konrad olhou para Petra através das lentes pequenas e redondas dos óculos.

— Sim, estava — respondeu Petra, embora não parecesse estar a ouvir. A atenção da agente estava voltada para o ecrã do computador. Passado um momento, rolou a cadeira para trás e virou-se para Konrad. — Encontrei uma coisa nos registos. A mulher de Wester tem uma propriedade em Bohuslän, no arquipélago ao largo de... — Petra inclinou-se para ler o que estava escrito no ecrã. — Fjällbacka.

— Fjällbacka é um sítio fantástico. Passei lá duas férias de verão.

Petra olhou para Konrad com espanto. Não sabia bem por que, mas nunca conseguira imaginar o colega de férias. Teve de conter-se para não lhe perguntar com quem tinha ido a Fjällbacka.

— Onde é que isso fica? — perguntou Petra. — Parece que Nathalie Wester é proprietária de uma ilha inteira. Chama-se Gråskär.

— Entre Uddevalla e Strömstad — respondeu Konrad. Estava a consultar os registos telefónicos de Fredrik Wester, tanto as chamadas feitas como as recebidas. Era uma tarefa maçadora, mas tinha de ser feita e os telefones podiam ser minas de ouro para as investigações criminais. Porém, Konrad duvidava de que encontrassem alguma coisa através dessa fonte. Aqueles tipos eram demasiado espertos para deixarem rastro. Provavelmente utilizavam um cartão recarregável e deitavam-no fora se detetassem algum perigo. Mas valia a pena tentar e Konrad era conhecido pela sua tenacidade. Se a pista estivesse à espreita naquela lista interminável de telefonemas, encontrá-la-ia.

— Ainda não consegui encontrar o número de celular dela — disse Petra. — Por isso, se calhar era mais rápido entrar em contato com a polícia de lá. Quer dizer, se é que há lá polícia. Não é propriamente uma grande cidade. Talvez só haja polícia em Gotemburgo.

— Tanumshede — disse Konrad, sem deixar de introduzir números de telefone no computador para compará-los com a lista. — A delegacia mais próxima é a de Tanumshede.

— Tanumshede? Como é que sabes?

— Apareceu uma grande história nos jornais há uns dias sobre um homicídio relacionado com droga por essas bandas. — Konrad tirou os óculos e esfregou a ponta do nariz. Depois de olhar por muito tempo para a letra pequena da lista, os olhos começavam a doer-lhe.

— Ah, quer dizer que essas merdas não acontecem só aqui na capital.

— Não. Acredites ou não, também há vida fora de Estocolmo. Sei que pode parecer estranho, mas é um facto — afirmou Konrad.

Petra nascera em Estocolmo e sempre vivera na capital. Raramente se aventurava para norte de

Uppsala ou para sul de Södertälje.

— A sério? — perguntou. — E tu, de onde és? — acrescentou sarcasticamente. Ao mesmo tempo, apercebeu-se de como era estranho não saber, uma vez que trabalhavam juntos há quinze anos. Mas aquilo nunca tinha vindo à baila.

— Gnosjö — respondeu Konrad, sem tirar os olhos da lista de telefones. Petra ficou a olhar para o colega.

— Em Småland? Mas não tens sotaque.

Konrad encolheu os ombros. Petra estava prestes a fazer outra pergunta, mas conteve-se. Tinha acabado de saber onde Konrad tinha nascido e onde passava as férias. Era informação mais do que suficiente para um dia.

— Gnosjö — repetiu com espanto. Depois pegou no telefone. — Vou ligar aos nossos colegas de

Tanumshede.

Konrad limitou-se a assentir. Estava profundamente embrenhado no mundo dos números.

— Pareces cansado, amor — disse Erica a Patrik, dando-lhe um beijo. Segurava um bebê em cada braço. Patrik beijou os filhos na cabeça.

— Sim, estou um bocado estoirado. Está tudo bem contigo? — perguntou com ar culpado.

— Por acaso está. — Erica ficou surpreendida ao ouvir-se dizer aquilo, mas era verdade. Tudo tinha corrido bem. Maja estava no infantário e os gêmeos tinham acabado de beber os biberões, por isso estavam ambos satisfeitos.

— A viagem valeu a pena? Como estão Göran e Märta? — perguntou enquanto pousava os gêmeos numa manta que estava no chão. — Há café, se quiseres.

— Obrigado. Apetece-me mesmo um café. — Patrik seguiu Erica até a cozinha. — Não posso demorar-me. Tenho de voltar para a delegacia.

— Senta-te por alguns minutos e descontraí-te — disse Erica, obrigando-o praticamente a sentar-se numa cadeira de cozinha. Pôs-lhe uma chávena de café à frente, que Patrik bebeu com satisfação.

— Olha, até fiz uns bolos. — Erica pôs um prato de bolos, ainda quentes do forno, em cima da mesa.

— Ena, não posso acreditar. Parece que estás a transformar-te numa verdadeira dona de casa — disse

Patrik. Porém, pelo olhar de Erica, deu-se conta de que a piada não lhe tinha agradado.

— Okay, conta-me o que descobriste — disse Erica, juntando-se ao marido à mesa.

Patrik resumiu-lhe o que tinha acontecido em Gotemburgo. Notava-se alguma resignação na voz.

— E Göran e Märta estão bem. Estão a pensar vir visitar-nos um fim de semana destes. O rosto de Erica iluminou-se.

— Isso era excelente! Vou telefonar a Göran esta tarde para combinarmos uma data. — Depois, Erica ficou muito séria. — Estive a pensar numa coisa. Já alguém disse a Nathalie o que aconteceu a Gunnar?

Patrik olhou para a mulher, apercebendo-se de que Erica tinha razão. Tinham de contar-lhe.

— Não, pelo menos julgo que não. A menos que Nathalie tenha telefonado a Signe.

— Signe ainda está no hospital. Parece que não está nada bem. Patrik assentiu.

— Okay, eu telefono a Nathalie assim que puder.

— Ótimo. — Erica sorriu. Depois levantou-se, afastou a chávena de café de Patrik e sentou-se ao seu colo, virada para ele. Passou-lhe os dedos pelo cabelo e beijou-o suavemente nos lábios.

— Tive saudades tuas.

— Hum, eu também tive saudades tuas — disse Patrik, envolvendo-lhe a cintura com os braços.

Da sala de estar podiam ouvir os gêmeos a tagarelar alegremente e Patrik viu um brilho familiar nos olhos de Erica.

— Será que a minha doce mulher está com disposição para me acompanhar lá acima?

— Com certeza, meu amo e senhor. Seria um prazer.

— Então estamos à espera de quê? — Patrik levantou-se tão abruptamente que Erica quase lhe caiu do colo. Pegou-lhe na mão e conduziu-a até as escadas. Porém, mal pôs o pé no primeiro degrau, o celular tocou. Estava plenamente decidido a ignorá-lo, mas Erica deteve-o.

— Amor, tens de atender essa chamada. Pode ser da delegacia.

— Eles que esperem — afirmou Patrik. — Porque isto não vai demorar muito tempo, acredita — acrescentou. Puxou outra vez a mão de Erica, mas não teve grande sorte.

— Não me parece que isso seja um bom argumento para vender o produto — disse com um sorriso. —

E sabes muito bem que tens mesmo de atender o celular.

Patrik suspirou. Sabia que Erica tinha razão, por mais desapontado que estivesse.

— Terei outra oportunidade? — perguntou Patrik, dirigindo-se ao vestíbulo para tirar o celular do bolso do casaco.

— Será um prazer, meu amo e senhor — disse Erica fazendo uma vênia.

Patrik riu-se quando atendeu o celular. Adorava mesmo aquela mulher e as suas maluquices.

Mellberg estava preocupado. Era como se toda a sua vida dependesse da resolução daquele assunto. Rita fora dar um passeio com Leo, e Paula e Johanna tinham ido trabalhar. Bertil tinha dado uma escapadela até casa para ver o canal de desporto. Mas pela primeira vez na vida foi incapaz de concentrar-se no que estava a acontecer na televisão. Em vez disso, deu por si a prestar atenção a todos os pensamentos que se acumulavam na mente.

De repente, Mellberg teve um sobressalto. Caramba, tinha a solução. Estava mesmo à frente do nariz. Saiu apressadamente de casa e desceu as escadas até o escritório que havia no rés-do-chão. Alvar Nilsson estava sentado à secretária.

— Olá, Mellberg!

— Olá. — Bertil fez-lhe um grande sorriso.

— Que aconteceu? Vieste cá fazer-me companhia? — Alvar abriu a gaveta de cima da secretária e tirou uma garrafa de uísque.

Mellberg travou uma batalha silenciosa consigo mesmo, mas a contenda acabou como habitualmente.

— Sim, que se lixe — respondeu, sentando-se. Alvar deu-lhe um copo.

— Tenho de falar contigo sobre um assunto. — Mellberg rodou o uísque no copo, detendo-se a contemplar o líquido que tanto apreciava, antes de começar a beber.

— Ah tens? Em que posso ajudar-te?

— As miúdas decidiram que querem morar sozinhas.

Alvar parecia divertido. As “miúdas” já passavam ambas dos trinta.

— Isso costuma acontecer. — Alvar recostou-se na cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça.

— O problema é que Rita e eu não queremos que elas se mudem para muito longe.

— Compreendo. Mas, de momento, é difícil encontrar apartamentos em Tanumshede.

— Foi exatamente por isso que pensei em ti. — Mellberg inclinou-se e fixou os olhos em Alvar.

— Eu? Sabes como estão as coisas por aqui. Todos os apartamentos do prédio estão ocupados. Nem um cubículo vos consigo arranjar.

— Mas há um apartamento muito agradável de três assoalhadas mesmo por baixo do nosso. Alvar lançou-lhe um olhar de surpresa.

— Mas o único apartamento de três assoalhadas do prédio é... — Alvar calou-se por um momento e depois abanou a cabeça. — Nem por sombras. Não, isso é impossível. Bente nunca concordaria. — Alvar esticou o pescoço e olhou nervosamente em direção à divisão ao lado, onde a secretária norueguesa e amante secreta costumava trabalhar.

— Isso não é problema meu. Mas pode passar a ser um problema teu. — Mellberg baixou a voz. — Não me parece que a tua mulher, Kerstin, apreciasse este pequeno... caso que vocês têm.

Alvar fulminou Mellberg com o olhar e o superintendente sentiu um desconforto momentâneo. Se tivesse cometido um erro, Alvar podia corrê-lo do escritório a pontapé. Prendeu a respiração. Então Alvar começou a rir-se.

— Caramba, Mellberg, não fazes a coisa por menos. Mas não vamos permitir que uma mulher se intrometa na nossa amizade. Vamos resolver isto. Tenho alguns contatos e tenho certeza de que posso pôr Bente noutro sítio. Que tal mudarem-se

daqui a um mês? Mas não tenciono pagar pinturas nem obras. Vão ter de ser vocês a suportar essas despesas. Combinado? — Alvar estendeu a mão.

Mellberg suspirou de alívio e apertou-a.

— Sabia que podia contar contigo — disse. Sentiu o estômago a borbulhar de alegria. Leo podia estar prestes a mudar-se, mas ficaria apenas um andar abaixo. Bastava descer as escadas para ver o miúdo sempre que quisesse.

— Acho que devemos comemorar com outra bebida. Que te parece? Mellberg estendeu o copo.

Reinava uma atividade febril no Badis, mas Vivianne sentia-se como se estivesse a mover-se em câmara lenta. Havia tanta coisa para tratar, tantas decisões a tomar. Mas não podia parar de pensar nas respostas evasivas de Anders. O irmão estava a esconder-lhe algo e isso tinha aberto um abismo entre eles, tão extenso e profundo que Vivianne mal conseguia ver o outro lado.

— Onde devemos pôr as mesas de bufete? — A empregada de mesa estava a lançar-lhe um olhar inquiridor e Vivianne foi forçada a prestar atenção.

— Ali, à esquerda. Numa única fila, para que as pessoas possam ter acesso de ambos os lados.

Tudo tinha de estar devidamente organizado. Os lugares à mesa, a comida, a secção de spa, os tratamentos. Todos os quartos tinham de estar impecáveis, com flores e cestas de fruta para os convidados de honra. E o palco tinha de estar pronto para os músicos. Nada podia ser deixado ao acaso.

A voz de Vivianne começava a falhar à medida que ia respondendo a perguntas vindas de todas as direções. De vez em quando reparava no anel que lhe luzia no dedo e tinha de lutar contra o impulso de arrancá-lo e atirá-lo contra a parede. Não podia perder o controle agora que estavam tão perto do objetivo, e a vida estava finalmente prestes a tomar um novo rumo.

— Olá. Que posso fazer para ajudar?

Anders estava com péssimo aspeto. Parecia não ter dormido. Tinha o cabelo desgrenhado e olheiras profundas.

— Passei a manhã toda a telefonar-te. Onde é que te meteste? — Vivianne estava assustadíssima. Aquele pensamento recusava-se a deixá-la em paz. Não acreditava verdadeiramente que Anders fosse capaz de uma coisa daquelas, mas não tinha certeza absoluta. Como é que alguém podia saber ao certo o que ia na cabeça de outra pessoa?

— Estava desligado. Precisava de dormir — respondeu Anders sem a olhar nos olhos.

— Mas... — Vivianne calou-se. Era inútil. Depois de tudo o que tinham partilhado, Anders decidira excluí-la. Nenhuma palavra podia expressar a mágoa que sentia.

— Por favor certifica-te de que há bebidas suficientes — pediu Vivianne. — E copo para todos. Agradeço-te que trates disso.

— Claro. Sabes bem que faria qualquer coisa por ti — disse Anders. Por um instante, era outra vez o mesmo de sempre. Depois, o irmão virou-se e dirigiu-se para a cozinha.

Eu sabia, pensou Vivianne. As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. Limpou-as à manga e começou a caminhar em direção às salas de spa. Não podia ir-se abaixo. Teria de deixar isso para mais tarde. Agora tinha de assegurar-se de que havia óleo de massagem e esfoliante de ostras suficiente.

— Recebemos um telefonema dos nossos colegas da divisão de crimes violentos, em Estocolmo. Estão a tentar localizar Nathalie. — Patrik viu o espanto estampado nos rostos dos colegas. Devia ter feito a mesma expressão quando atendera o celular em casa, há menos de meia hora, e Annika lhe dissera a mesma coisa.

— Por quê? — perguntou Gösta.

— O marido dela foi encontrado morto. Foi assassinado e os nossos colegas temiam que Nathalie e o filho também pudessem estar mortos. Parece que Fredrik Wester era um dos pesos pesados do narcotráfico sueco.

— Estás a gozar — disse Martin.

— Eu também não queria acreditar. Mas parece que a divisão de estupefacientes andava a investigá-lo há muito tempo. Foi encontrado morto a tiro há uns dias na própria cama. Pensam que o cadáver já estava lá há algum tempo, talvez há duas semanas.

— Mas porque é que ninguém o encontrou mais cedo? — perguntou Paula.

— Parece que a família tinha feito as malas e estavam todos para ir de férias para a casa que tinham em Itália. Iam lá passar o verão. Por isso, toda a gente assumiu que tinham ido mesmo.

— Então e Nathalie? — perguntou Gösta.

— Como eu disse, a princípio os colegas de Estocolmo recearam que Nathalie e Sam pudessem vir a ser encontrados mortos num bosque qualquer, com uma bala na cabeça. Quando lhes confirmei que os dois estão cá, a polícia de Estocolmo concluiu que Nathalie deve ter fugido com o filho, tentando escapar a quem lhe matou o marido. Nathalie pode mesmo ter testemunhado o homicídio e, nesse caso, fez bem em fugir. Mas não se pode descartar a possibilidade de ter sido ela a disparar sobre Fredrik.

— Que vai acontecer agora? — perguntou Annika, com ar preocupado.

— Dois dos agentes encarregados da investigação vêm cá amanhã. Querem falar com Nathalie o mais depressa possível. Vamos esperar que cheguem.

— E se Nathalie e o filho correrem perigo? — perguntou Martin.

— Até agora não aconteceu nada e amanhã teremos reforços. Espero que os nossos colegas saibam lidar com esta situação.

— Sim, se calhar é melhor deixar que seja Estocolmo a tratar disso — concordou Paula. — Mas serei a única pessoa a pensar...

— Que há uma ligação entre os homicídios de Fredrik Wester e de Mats Sverin? Bem, também já tinha pensado nisso — disse Patrik. Estivera praticamente convencido da identidade do autor do crime, mas aquela nova informação mudava tudo.

— Então, como é que correu em Gotemburgo? — perguntou Martin como se pudesse ler a mente de Patrik.

— Bem e mal. — Patrik contou-lhes o que tinha acontecido durante os dois dias em que estivera com Gösta em Gotemburgo. Quando terminou, fez-se silêncio entre todos na cozinha, com exceção de Mellberg, que se riu por algo que lhe passou pela cabeça. O superintendente exalava um cheiro suspeito a uísque.

— Antes não tínhamos nenhuma pista, agora temos duas plausíveis — disse Paula.

— Sim, e é por isso que é extremamente importante não ficarmos presos a nenhuma teoria em particular. Temos de continuar a trabalhar. Amanhã chegam os agentes de Estocolmo e então poderemos falar com Nathalie. Também estou à espera que Ulf me telefone de Gotemburgo para me sugerir a melhor forma de procedermos com os IE. E depois temos de considerar as provas técnicas. Ainda não descobriram o número de série da pistola que terá disparado a bala? — indagou Patrik.

Paula abanou a cabeça.

— Isso deve demorar algum tempo. O barco também está a ser examinado, mas ainda não obtivemos nenhuma resposta.

— E o saco de cocaína?

— Há algumas impressões digitais que ainda não foram identificadas.

— Estava a pensar no barco. Temos de consultar um especialista nas correntes do arquipélago, alguém que possa dizer-nos em que direção o barco teria ido se estivesse à deriva, até onde poderia ter ido e assim por diante. — Patrik olhou em redor e, por fim, fixou o olhar em Gösta.

— Eu trato disso. — Gösta parecia cansado.

— Ótimo.

Martin ergueu a mão.

— Sim?

— Paula e eu conversamos com Lennart sobre os documentos que foram encontrados na pasta de

Mats.

— Que disse Lennart?

— Infelizmente, tudo parece estar em ordem. Embora isso talvez até seja uma boa notícia. Enfim, depende do ponto de vista. — Martin corou.

— Lennart não conseguiu encontrar qualquer irregularidade — esclareceu Paula. — Isso não significa necessariamente que não haja alguma; porém, de acordo com os documentos na posse de Mats, não parece haver nada suspeito.

— Muito bem. Que sabemos acerca do computador portátil?

— Isso vai demorar mais uma semana — disse Paula. Patrik suspirou.

— Parece que vamos ter muito que esperar, mas precisamos de continuar a trabalhar com o que temos. Daqui a pouco vou sentar-me a rever o que descobrimos até agora. Assim fico com uma ideia de onde estamos e se nos esquecemos de alguma coisa. Gösta, tu tratas do barco. Martin e Paula... — Patrik fez uma breve pausa. — Gostava que comesçassem a desenterrar tudo o que conseguirem acerca das atividades dos IE e também acerca de Fredrik Wester. Os nossos colegas de Gotemburgo e de Estocolmo prometeram ajudar-nos. Lembrem-me de vos dar os contatos e depois peçam-lhes toda a informação relevante. Podem dividir o trabalho entre os dois como acharem melhor.

— Certíssimo — disse Paula.

Martin assentiu e depois levantou novamente a mão.

— E o Refúgio? Vamos denunciá-los?

— Não — respondeu Patrik. — Decidimos não fazer isso. A nosso ver, não há nenhum motivo para isso.

Martin parecia aliviado.

— É verdade, como descobriste a namorada de Sverin?

Patrik lançou um olhar para Gösta, que cravou os olhos no chão.

— Trabalho policial meticoloso. E um pressentimento. - Patrik bateu palmas.

- Okay, ao trabalho.

FJÄLLBACKA, 1875

OS DIAS TRANSFORMARAM-SE EM SEMANAS E OS MESES TRANSFORMARAM-SE EM ANOS. EMELIE TINHA-SE INSTALADO, ADAPTANDO-SE AOS RITMOS CALMOS DE GRÅSKÄR. SENTIA-SE COMO SE VIVESSE EM HARMONIA COM A ILHA. SABIA EXATAMENTE QUANDO AS MALVAS IAM FLORESCER, QUANDO O CALOR DO VERÃO DARIA LUGAR AO FRIO DO OUTONO, QUANDO O GELO SE FORMAVA E QUANDO COMEÇAVA A QUEBRAR. A ILHA ERA O SEU MUNDO E, NESSE MUNDO, GUSTAV ERA REI. ERA UMA CRIANÇA FELIZ E TODOS OS DIAS EMELIE SE SURPREENDIA COM A ALEGRIA QUE O FILHO ENCONTRAVA NO CENÁRIO DELIMITADO QUE EMOLDURAVA A SUA VIDA.

KARL E JULIAN JÁ MAL FALAVAM COM ELA. VIVIAM VIDAS SEPARADAS, MESMO QUE TODOS PARTILHASSEM AQUELE ESPAÇO TÃO CONFINADO. AS PALAVRAS DURAS TAMBÉM TINHAM DIMINUÍDO. ERA COMO SE EMELIE JÁ NÃO FOSSE UMA PESSOA E, COMO TAL, NÃO HAVIA MOTIVO PARA ALBERGAR QUALQUER RANCOR EM RELAÇÃO A ELA. EM VEZ DISSO, OS DOIS HOMENS PARECIAM CONSIDERÁ-LA UM SER INVISÍVEL. EMELIE FAZIA TUDO O QUE ERA PRECISO FAZER, PORÉM, FORA ISSO, KARL E JULIAN NÃO LHE PRESTAVAM QUALQUER ATENÇÃO. ATÉ GUSTAV ACEITAVA AQUELE ESTRANHO ESTADO DE COISAS. NUNCA TENTOU APROXIMAR-SE DE KARL OU DE JULIAN. ERAM MENOS REAIS PARA ELE DO QUE OS ESPÍRITOS. E KARL NUNCA CHAMAVA O FILHO PELO NOME. NAS POUCAS OCASIÕES EM QUE O MENCIONOU, REFERIU-SE SEMPRE A GUSTAV COMO “O RAPAZ”.

EMELIE SABIA EXATAMENTE QUANDO É QUE O ÓDIO NOS OLHOS DOS DOIS HOMENS SE TINHA TRANSFORMADO EM INDIFERENÇA. FORA POUCO TEMPO DEPOIS DE GUSTAV TER FEITO DOIS ANOS. KARL TINHA VOLTADO DE UMA VIAGEM A FJÄLLBACKA COM UMA EXPRESSÃO QUE EMELIE TIVERA DIFICULDADE EM DECIFRAR. O MARIDO ESTAVA COMPLETAMENTE SÓBRIO. NÃO TINHAM IDO À TABERNA DE ABELA, O QUE ERA VERDADEIRAMENTE INVULGAR. PASSARAM-SE VÁRIAS HORAS SEM QUE KARL PROFERISSE UMA PALAVRA QUE FOSSE E EMELIE TENTOU ADIVINHAR O QUE ESTAVA A ACONTECER. POR FIM, O MARIDO PÔS UMA CARTA EM CIMA DA MESA DA COZINHA.

— O MEU PAI MORREU — DISSE KARL. E ERA COMO SE NAQUELE

MOMENTO KARL ESTIVESSE FINALMENTE LIVRE. EMELIE DESEJOU QUE DAGMAR LHE TIVESSE CONTADO MAIS ACERCA DA RELAÇÃO DE KARL COM O PAI, MAS AGORA ERA TARDE DE MAIS. NÃO HAVIA NADA A FAZER QUANTO A ISSO E EMELIE ESTAVA GRATA POR KARL A DEIXAR A ELA E A GUSTAV EM PAZ.

À MEDIDA QUE CADA ANO PASSAVA, FICAVA MAIS CLARO PARA EMELIE QUE DEUS ESTAVA PRESENTE EM TUDO O QUE HAVIA EM GRÅSKÄR. SENTIA-SE REPLETA DE GRATIDÃO POR LHE SER PERMITIDO VIVER NAQUELE LUGAR ONDE PODIAM SENTIR O ESPÍRITO DE DEUS NO MOVIMENTO DA ÁGUA E OUVIR A SUA VOZ NAS RAJADAS DO VENTO. CADA DIA NA ILHA ERA UMA DÁDIVA, E GUSTAV ERA UM RAPAZINHO MUITO ANIMADO. EMELIE SABIA QUE O ORGULHO DE TER EM TÃO GRANDE CONTA O FILHO ERA QUASE PECAMINOSO,

UMA VEZ QUE GUSTAV TINHA SIDO FEITO À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA. MAS, DE ACORDO COM A BÍBLIA, GUSTAV TAMBÉM FORA FEITO À IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS, PORTANTO EMELIE ESPERAVA QUE ESSE PECADO LHE FOSSE PERDOADO. GUSTAV ERA TÃO ADORÁVEL, COM OS SEUS CABELOS LOUROS ENCARACOLADOS, OLHOS AZUIS E AQUELAS PESTANAS COMPRIDAS QUE REPOUSAVAM NAS SUAS BOCHECHAS QUANDO DORMIA A SEU LADO DURANTE A NOITE. GUSTAV ESTAVA CONSTANTEMENTE A FALAR COM EMELIE E COM OS ESPÍRITOS. ÀS VEZES, EMELIE ESCUTAVA-O COM UM SORRISO NO ROSTO. DIZIA TANTAS COISAS SÁBIAS E OS ESPÍRITOS TINHAM MUITA PACIÊNCIA PARA ELE.

— POSSO IR LÁFORA, MAMÃE?

GUSTAV PUXOU-LHE O VESTIDO E OLHOU PARA CIMA, PARA A MÃE.

— SIM, PODES IR. VAI LÁ. — EMELIE INCLINOU-SE E BEIJOU O FILHO NA FACE. MAS TEM CUIDADO PARA NÃO CAÍRES À ÁGUA.

EMELIE OBSERVOU-O A CORRER PORTA FORA. NÃO ESTAVA VERDADEIRAMENTE PREOCUPADA. SABIA QUE GUSTAV NÃO ESTAVA SOZINHO. OS ESPÍRITOS E DEUS OLHAVAM POR ELE.

SÁBADO CHEGOU COM O MAIS BELO TEMPO IMAGINÁVEL. Sol radioso, um céu azul-claro e apenas uma ligeira brisa. Toda a cidade palpitava de expectativa. Aqueles que tinham tido a sorte de receber um convite para a inauguração dessa noite haviam passado grande parte da semana a angustiar-se sobre que roupa e que penteado usar. Todos aqueles que eram alguém na comunidade local iam lá estar e dizia-se que também apareceriam várias celebridades de Gotemburgo.

Mas Erica tinha outros assuntos em que pensar. Nessa manhã, decidira que seria melhor se alguém contasse pessoalmente a Nathalie o que tinha acontecido a Gunnar, em vez de lho dizer pelo telefone. Além disso, já estava a pensar ir ter com Nathalie para dar-lhe as informações que desenterrara acerca da história de Gråskär. Seria uma pequena surpresa. Agora que tinha uma baby-sitter, resolveu fazer a viagem até a ilha.

— De certeza que se arranja por aqui durante tanto tempo? — perguntou à sogra. Kristina resfolegou.

— Com estes anjinhos? Não há problema nenhum — respondeu. Tinha Maja ao colo e os gêmeos dormiam nas suas alcofas.

— Vou estar fora durante bastante tempo. Primeiro vou ver Anna e depois sigo para Gråskär.

— Promete que tens cuidado. Essa ideia de ires até a ilha de barco sozinha não me agrada muito. — Maja começava a contorcer-se e Kristina pô-la no chão. A menina deu um par de beijos molhados aos irmãos e depois desatou a correr para ir brincar.

— Não se preocupe. Eu sei manobrar um barco — disse Erica, rindo-se. — Ao contrário do seu filho.

— Lá isso é verdade — retorquiu Kristina, embora ainda parecesse preocupada. — A propósito, tens certeza de que Anna já está suficientemente forte para fazer uma coisa dessas?

O mesmo pensamento ocorrera a Erica quando Anna telefonara a pedir-lhe para a acompanhar à campa do filho. Mas depois percebeu que tinha de deixar a irmã tomar as suas próprias decisões.

— Sim, acho que sim — respondeu Erica, soando mais confiante do que se sentia.

— Pois eu acho que ainda é muito cedo para isso — afirmou Kristina, pegando em Noel, que tinha começado a choramingar. — Mas espero que tenhas razão.

Eu também, pensou Erica enquanto se dirigia ao carro para ir ter com a irmã ao cemitério. Por mais reservas que tivesse, prometera ir com Anna e agora já não podia voltar atrás.

A irmã estava à espera junto ao grande portão de ferro, ao pé do quartel dos bombeiros. Parecia tão débil. O cabelo curto fazia-a parecer ainda mais frágil, e Erica teve de conter-se para não abraçar Anna e embalá-la como se fosse um bebê.

— Tens certeza de que estás preparada para isto? — perguntou suavemente Erica. — Se preferires, podemos ir lá noutro dia.

Anna abanou a cabeça.

— Não, eu estou bem. E quero mesmo ir. Na altura estava tão alheada que quase não consigo lembrar-me do funeral. Tenho de ver a campa dele.

— Tudo bem. — Erica deu o braço a Anna e percorreram as duas o caminho de gravilha.

Não poderiam ter escolhido um dia mais belo. Ouvia-se o ruído abafado do trânsito que passava ali perto; porém, fora isso, reinavam a calma e a paz. O sol fazia as lápides reluzirem e muitas das campas estavam bem cuidadas e tinham flores frescas deixadas pelos familiares dos mortos. De repente, Anna parou e Erica acenou com a cabeça na direção da campa.

— Está ao lado de Jens. — Erica apontou para uma grande pedra arredondada de granito onde estava gravado um nome: Jens Läckberg. Jens tinha sido um bom amigo do pai e Erica e Anna recordavam-se dele dos tempos de criança como um homem com uma barriga impressionante e sempre alegre, sociável e espirituoso.

— Que bonito — disse Anna. Não havia emoção na sua voz, mas a expressão não deixava dúvidas quanto à dor que sentia. Tinham escolhido uma lápide semelhante, uma peça naturalmente arredondada de granito. E a gravação também fora feita da mesma maneira. Dizia “Pequenino”, e a data. Nada mais.

Erica sentiu um nó na garganta, mas forçou-se a conter as lágrimas. Tinha de ser forte por Anna. A irmã oscilou um pouco ao fitar a pedra, que era tudo o que lhe restava da criança que tanto quisera ter. Agarrou a mão de Erica e apertou-a com força. As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. Então virou-se para a irmã.

— Que vai acontecer? Como serão as coisas daqui para a frente? — Sem dizer uma palavra, Erica pôs os braços em torno dos ombros de Anna e abraçou-a com força.

— Rita e eu temos uma sugestão. — Mellberg puxou a namorada para mais perto de si. Paula e Johanna olharam-nos, interrogando-se qual seria.

— Bem, não sabemos ao certo quais são os vossos planos — disse Rita, parecendo um pouco mais hesitante do que Mellberg. — Disseram que precisam de uma casa só vossa... e, bem, o que nós gostávamos de saber é se estão a pensar

mudar-se para muito longe.

— Como assim? — perguntou Paula, olhando para a mãe.

— O que nós queremos saber é se seria suficiente mudarem-se para o andar de baixo. — Mellberg olhou para Paula e Johanna, expectante.

— Mas não há nenhum apartamento vago aqui no prédio — disse Paula.

— Há um. Pelo menos vai haver, para o mês que vem. O apartamento de três assoalhadas por baixo deste pode ser vosso logo que seque a tinta no contrato de arrendamento.

Rita estudou cuidadosamente Paula e Johanna para tentar perceber no que estavam a pensar. Tinha ficado muito feliz quando Bertil lhe falara do apartamento, embora não soubesse ao certo quanto é que a filha e a namorada precisavam de distanciar-se deles.

— Claro que não vamos estar constantemente a bater-vos à porta — assegurou-lhes Rita.

Mellberg olhou para Rita, surpreendido. Será que não os deixariam entrar e sair quando lhes apetecesse? Mas decidiu não comentar. O mais importante era que aceitassem a oferta.

Paula e Johanna entreolharam-se. Em seguida, ambas sorriram e começaram a falar ao mesmo tempo.

— Esse apartamento de três assoalhadas é fantástico. Tem muita luz e tem janelas viradas para dois lados. E a cozinha foi remodelada há pouco tempo. E aquela pequena divisão que Bente usa como closet podia ser o quarto de Leo, e... — de repente calaram-se.

— Mas onde é que Bente vai morar? — perguntou Paula. — Não sabia que estava a pensar mudar-se. Mellberg encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Presumo que tenha encontrado outro sítio. Alvar não mencionou isso quando falei com ele. Mas disse que vão ter de pintá-lo e fazer algumas obras à vossa custa.

— Não há problema — disse Johanna. — Até vai ser divertido. Vai ficar um brinquinho, não vai amor? — Os olhos brilhavam e Paula inclinou-se para beijá-la nos lábios.

— E assim podemos continuar a ajudar a criar Leo — interveio Rita. — Bem, damo-vos a ajuda que quiserem, claro. Não queremos ser intrometidos.

— Vamos precisar de muita ajuda — disse Paula para a tranquilizar. — E achamos que é maravilhoso que Leo tenha o avô Bertil tão perto. Desde que tenhamos o nosso próprio apartamento, vai correr tudo bem.

Paula virou-se para Mellberg, que tinha Leo ao colo.

— Obrigada, Bertil — disse.

Para sua surpresa, Mellberg ficou um pouco envergonhado.

— Ora essa. — Mellberg encostou o rosto à nuca de Leo, o que fazia sempre com que ele desse uma risadinha. Então, ergueu os olhos e mirou as mulheres à sua volta, à mesa da cozinha. Uma vez mais Bertil Mellberg sentiu-se profundamente grato por ter aquela nova família.

Anders deambulava pelo edifício. As pessoas andavam atarefadas de um lado para o outro, tratando de todos os preparativos de última hora. Sabia que devia dar uma ajuda, porém, o que estava prestes a fazer paralisava-o. Queria fazê-lo, mas ao mesmo tempo não queria. A questão era se teria coragem suficiente para lidar com as consequências dos seus atos. Ainda não estava convencido, mas em breve deixaria de ter tempo para matutar naquilo. Em breve teria de tomar uma decisão.

— Sabe onde está Vivianne? — perguntou-lhe uma funcionária quando passou por ele, acelerada. Anders apontou para a sala contígua. — Obrigada. Esta noite vai correr às mil maravilhas.

Toda a gente se apressava, porém, no meio daquele alvoroço, Anders tinha a sensação de estar a mover-se debaixo de água.

— Ora aqui está o meu futuro cunhado — disse Erling, pondo-lhe o braço em torno dos ombros. Anders teve de lutar contra o impulso de se afastar. — Vai ser fantástico. As celebridades chegam por volta das quatro, para que tenham tempo de se instalar nos seus quartos. Às seis abrimos as portas aos outros convidados.

— Não se fala noutra coisa em Fjällbacka.

— Isso não me surpreende. É o evento mais importante nesta zona desde... — Erling não terminou a frase, mas Anders sabia o que o presidente queria dizer. Já ouvira falar do reality show Tanum Sempre a Abrir e do fiasco que havia sido.

— Então, onde está a minha rolinha? — Erling esticou o pescoço e olhou em volta.

Anders apontou novamente para a sala ao lado e Erling saiu disparado ao encontro da noiva. Não havia dúvida de que Vivianne estava a ser muito procurada naquele dia. Anders dirigiu-se à cozinha, sentou-se numa cadeira ao canto e esfregou as têmporas. Sentia que uma valente dor de cabeça estava a caminho. Encontrou a caixa de primeiros socorros e tomou duas aspirinas. Em breve, pensou. Em breve ia decidir-se.

Erica ainda podia sentir o nó na garganta quando manobrou a lancha para fora do porto. O motor tinha arrancado à primeira e Erica gostava de ouvir aquele som tão familiar. O barco tinha sido o bebê do pai. Mesmo que Erica e Patrik não fossem tão cuidadosos como o pai tinha sido, tentavam mantê-lo em bom estado de conservação. A cobertura de madeira precisava de ser lixada e envernizada. Estava a começar a descascar em vários sítios. Se conseguisse convencer Patrik a tomar conta dos filhos, tencionava ser ela própria a fazer aquilo. Como escrever livros é um trabalho sedentário, de vez em quando Erica gostava de fazer algo que exigisse

mais força muscular. E tinha mais jeito para as coisas práticas do que Patrik, apesar de isso não querer dizer grande coisa.

Olhou para a direita para ver o Badis de relance. Esperava que pudessem ir à inauguração, nem que fosse só por um bocadinho, mas ainda não tinha decidido. De manhã, Patrik parecera-lhe muito cansado e Erica não sabia se Kristina conseguiria aguentar as crianças durante tanto tempo.

Fosse como fosse, Erica estava cheia de vontade de ir a Gråskär. Quando fora à ilha com Patrik sentira-se cativada pela atmosfera. Agora que tinha lido sobre a ilha ainda estava mais fascinada. Vira uma data de fotografias do arquipélago e não havia dúvida de que o farol de Gråskär era um dos mais bonitos. Não se surpreendia por Nathalie gostar de lá estar, embora pessoalmente achasse que daria em doida depois de alguns dias sem ver outras pessoas. Então pensou no filho de Nathalie e esperou que já estivesse melhor. Devia ter melhorado, uma vez que Nathalie não havia telefonado a pedir ajuda.

Pouco tempo depois, Gråskär materializou-se no horizonte. Nathalie não parecera muito entusiasmada quando Erica telefonou; porém, depois de alguma persuasão, concordou com a visita. Erica estava convencida de que Nathalie ia gostar de saber mais acerca do passado da ilha.

— Consegues atracar o barco sozinha? — gritou Nathalie do cais.

— Sim, claro. Desde que não tenhas o teu cais em grande estima. — Erica sorriu para mostrar que estava a brincar e atracou o barco sem qualquer dificuldade. Desligou o motor e lançou o cabo a Nathalie, que o amarrou cuidadosamente.

— Olá — disse Erica ao desembarcar.

— Olá — Nathalie sorriu, mas não a olhou nos olhos.

— Como está o Sam? — perguntou a olhar para a casa.

— Melhor — respondeu Nathalie. Parecia mais magra desde a última vez que Erica a vira e o contorno da clavícula era visível através da camiseta que usava.

— Trouxe-te uns bolos acabados de fazer — disse Erica, tirando um saco do barco. — Oh, não, esqueci-me de perguntar se precisavas de mantimentos. — Erica ficou irritada consigo própria. Devia ter perguntado aquilo quando telefonou. Provavelmente Nathalie não quisera voltar a incomodá-la com tal pedido, uma vez que não se conheciam muito bem.

— Não, não te preocupes. Trouxeram-me muita coisa da última vez e posso sempre pedir a Gunnar e a Signe, embora não queira incomodá-los numa altura destas.

Erica hesitou, mas ainda não tinha coragem de dar a notícia a Nathalie. Ia esperar que se sentassem.

— Pensei que podíamos tomar café na cabana de pesca. Está um dia magnífico.

— Sim, não está tempo para se ficar dentro de casa. — Erica seguiu Nathalie até a cabana de pesca, onde havia duas chávenas de café sobre uma mesa castigada pelo tempo, com bancos de ambos os lados. Havia utensílios de pesca pendurados nas paredes, ao lado de brilhantes bolas de vidro azuis e verdes que eram utilizadas como flutuadores. Nathalie pegou numa garrafa térmica e encheu as chávenas.

— Como é que consegues viver num sítio tão isolado? — perguntou Erica.

— Habituo-nos — respondeu Nathalie em voz baixa, contemplando o mar. — Além disso, não estou completamente sozinha.

Erica teve um sobressalto e olhou para Nathalie com curiosidade.

— O que quero dizer é que tenho Sam comigo — acrescentou Nathalie.

Erica riu-se para si própria. Tinha mergulhado tão profundamente nas histórias sobre Gråskär que começara a acreditar nelas.

— Quer dizer que essa coisa da Ilha dos Espíritos é apenas uma lenda?

— Acho que já ninguém acredita nessas antigas histórias de fantasmas — respondeu Nathalie, olhando novamente para o mar.

— Bem, o nome dá à ilha um certo fascínio.

Erica tinha posto todas as informações que recolhera sobre Gråskär numa pasta que retirou da mala e passou a Nathalie por cima da mesa.

— Pode ser uma pequena ilha, mas tem um passado muito colorido. E aconteceram aqui algumas situações bastante dramáticas.

— Sim, já ouvi falar disso. Os meus pais sabiam muito sobre a ilha, mas receio nunca ter prestado muita atenção ao que disseram sobre esse assunto. — Nathalie abriu a pasta. Uma leve brisa agitou as folhas.

— Está tudo por ordem cronológica — disse Erica, que ficou em silêncio enquanto Nathalie folheava as fotocópias.

— Encontraste tanta coisa. É incrível — disse Nathalie, corando.

— Gostei muito de fazer a pesquisa. Preciso de fazer mais do que mudar fraldas e alimentar bebês a berrar. — Erica apontou para um artigo no qual Nathalie se tinha detido. — Esse é o incidente mais misterioso da história da ilha. Uma família inteira desapareceu de Gråskär sem deixar rastro. Ninguém sabe o que lhes aconteceu nem para onde foram. Encontraram a casa como a família a tinha deixado.

Erica percebeu que parecia demasiado entusiasmada, mas achava o incidente muitíssimo intrigante. Os mistérios sempre lhe tinham despertado a imaginação e aquela era uma história de suspense da vida real.

— Olha o que diz aqui — disse Erica num tom mais contido. — O faroleiro Karl Jacobsson, a mulher Emelie, o filho Gustav e o ajudante de faroleiro Julian Sontag viveram vários anos nesta ilha. E depois desapareceram, pura e simplesmente, como se se tivessem esfumado. Nunca encontraram nenhum corpo e não havia uma única pista acerca do que lhes possa ter acontecido. Também não

havia qualquer motivo para acreditar que tivessem deixado a ilha de livre vontade. Não havia nada de nada. Não é estranho?

Nathalie olhou para o artigo com uma expressão estranha.

— Sim — disse. — Muito estranho.

— Não os tens visto por aí à espreita, pois não? — perguntou Erica com ar divertido. Mas Nathalie não respondeu. Continuou simplesmente a fitar o artigo. — Que será que aconteceu? — prosseguiu Erica. — Talvez alguém tenha vindo até cá de barco, assassinado toda a família, fazendo depois desaparecer os cadáveres. O barco deles ainda estava no cais.

Nathalie murmurou para si mesma enquanto corria o dedo sobre a folha. Era algo sobre um rapazinho louro, mas Erica não conseguiu perceber que mais estava a dizer. Virou-se para olhar para a casa.

— Não tens medo que Sam possa acordar e não saber onde estás?

— Sam adormeceu pouco antes de tu chegares. Normalmente dorme bastante — disse Nathalie com ar distraído.

Nenhuma delas falou durante algum tempo, até que, de repente, Erica se lembrou do outro motivo da sua visita. Respirou fundo e disse:

— Tenho uma coisa para te contar. Nathalie ergueu os olhos

— É sobre Matte? Já sabem quem...

— Não, ainda não, apesar de terem encontrado algumas pistas. Mas o que tenho para te dizer não tem que ver com Matte.

— O que foi? Diz-me. — A mão de Nathalie ainda repousava no topo do artigo. Erica respirou fundo e contou-lhe o que tinha acontecido a Gunnar.

— Não. Isso não pode ser verdade. Mas por quê? — Nathalie parecia mal conseguir respirar.

Com o coração apertado, Erica falou-lhe da cocaína que os rapazes tinham encontrado, das impressões digitais de Matte no saco e do que acontecera depois da conferência de imprensa.

Nathalie começou a abanar a cabeça.

— Não, não, não. Não pode ser. Isso não cabe na cabeça de ninguém — disse, e depois virou-se.

— É o que toda a gente diz. E sei que Patrik também não queria acreditar. Mas tudo aponta nesse sentido e também pode explicar porque é que Matte foi assassinado.

— Não — repetiu Nathalie. — Matte odiava drogas. Odiava tudo o que tivesse que ver com drogas — acrescentou, cerrando os maxilares. — Coitada. Pobre Signe.

— Sim, deve ser terrível perder o filho e o marido em poucas semanas — murmurou Erica.

— Como está ela? — Os olhos de Nathalie estavam repletos de empatia e tristeza.

— Não sei ao certo. Só sei que está no hospital e parece que não está muito bem.

— Pobre Signe — repetiu Nathalie. — Tanta desgraça. Tantas tragédias — acrescentou, para depois descer os olhos para o artigo que estava em cima da mesa.

— É verdade. — Erica não sabia mais o que dizer. — Achas que eu podia subir ao farol? — perguntou por fim para mudar de assunto.

Nathalie teve um sobressalto, como se tivesse estado perdida em pensamentos.

— Oh... com certeza. Só tenho de ir buscar a chave — respondeu, afastando-se apressadamente em direção à casa.

Erica levantou-se e encaminhou-se para o farol. Quando chegou à base, inclinou a cabeça para trás para olhar para cima. A tinta branca resplandecia ao sol. Ouviam-se gaivotas a grasnar, esvoaçando sobre o farol.

— Aqui está. — Nathalie arfava um pouco quando se aproximou. Estendeu-lhe uma grande chave enferrujada.

A chave não rodava bem na fechadura, porém Nathalie acabou por conseguir abrir a pesada porta, que rangeu e gemeu nos gonzos. Erica entrou e começou a subir as escadas estreitas e sinuosas, com Nathalie no seu encalço. A meio do caminho, Erica já respirava com dificuldade, mas quando chegou ao cimo viu que valera a pena o esforço. A vista era espetacular.

— Ena! — exclamou.

Nathalie assentiu com orgulho.

— Sim. É incrível, não é?

— Mas imagina passar uma data de horas seguidas neste espaço apertado — disse Erica, olhando em redor.

Nathalie aproximou-se e pôs-se ao lado dela, tão perto que os ombros das duas mulheres quase se tocaram.

— É um trabalho solitário. Como estar nos confins do mundo. — Nathalie parecia muito distante, embrenhada nos seus pensamentos.

Erica cheirou o ar. Notou um cheiro estranho, mas que ao mesmo tempo lhe parecia familiar. Sabia que já o tinha sentido, mas não conseguia recordar-se de onde. Nathalie tinha dado um passo em frente para olhar pela janela circular para o mar aberto. Erica também se aproximou.

O cérebro estava a trabalhar febrilmente para identificar aquele cheiro. Então apercebeu-se de onde o sentira antes. Os pensamentos continuaram a rodopiar-lhe na mente e, lentamente, as peças começaram a encaixar.

— Importas-te de esperar aqui enquanto eu vou num instante ao barco buscar

a minha máquina fotográfica? Gostava de tirar algumas fotos.

— Tudo bem — disse relutantemente Nathalie. Avançou até a pequena cama e sentou-se.

— Ótimo. — Erica desceu apressadamente as escadas e depois percorreu a grande velocidade a colina onde ficava o farol. Porém, em vez de ir até o cais, Erica correu em direção à casa. Tentava dizer a si própria que aquilo não passava de uma das suas ideias malucas, mas, ao mesmo tempo, precisava de ter certeza.

Depois de lançar um olhar ao farol, rodou a maçaneta e abriu a porta da frente do chalé.

No dia anterior, Madeleine tinha-os ouvido do andar de cima. Não sabia que eram polícias até

Stefan aparecer e lhe ter dito. Enquanto lhe batia.

Arrastou o corpo maltratado até a janela. Com grande esforço, levantou-se e olhou lá para fora. O pequeno quarto tinha um teto inclinado e a única luz vinha da janela estreita. Lá fora, Madeleine viu terrenos agrícolas e bosques.

Não se tinham dado ao trabalho de vendá-la, por isso sabia que estava na quinta. Aquele era o quarto dos filhos quando ali ficavam. Agora, a única recordação da presença deles era um carrinho que Kevin deixara a um canto.

Encostou as mãos contra a parede e sentiu o relevo do papel que a cobria. Era ali que tinha estado o berço de Vilda. A cama de Kevin costumava estar encostada à parede, ao fundo do quarto. Parecia ter passado uma eternidade desde esses tempos. Mal conseguia lembrar-se de ali ter estado. Tinha sido uma vida de terror, mas pelo menos tinha os filhos.

Perguntou a si própria onde estariam naquele momento, para onde Stefan os teria levado. Provavelmente estavam em casa de uma das famílias que viviam fora da quinta. Uma das outras mulheres devia estar a tomar conta deles. As saudades dos filhos eram quase piores do que a dor física. Visualizou-os mentalmente: Vilda a descer pelo escorrega, no pátio da casa de Copenhagen, enquanto Kevin observava com orgulho a coragem da irmãzinha. E aquela madeixa sempre a cair-lhe para os olhos. Madeleine perguntou-se se alguma vez voltaria a vê-los.

Por entre soluços, sentou-se no chão e enrolou-se na posição fetal. Todo o corpo parecia um enorme hematoma. Stefan tinha descarregado nela toda a raiva que sentia. Enganara-se. Enganara-se redondamente ao pensar que seria mais seguro voltar para a Suécia e pedir-lhe perdão. Assim que o viu na cozinha dos pais, Madeleine compreendeu. Não haveria perdão e fora idiota em pensar o contrário.

Pobres pais. Deviam estar preocupadíssimos e o mais certo era estarem a discutir se deviam ou não entrar em contacto com a polícia. O pai seria a favor. Diria que era a única opção. Mas a mãe opor-se-ia, aterrorizada por isso poder significar o fim, receosa de perder toda a esperança. O pai tinha razão, mas deixaria

que a mãe levasse a melhor, como sempre. Ninguém iria ali salvá-la.

Enrolou-se ainda mais, tentando moldar o corpo numa pequena bola. Mas o mais leve movimento provocava-lhe dores, por isso forçou os músculos a relaxar. Ouviu uma chave a girar na fechadura. Ficou completamente imóvel, tentando impedi-lo de entrar apenas com a força do pensamento. A mão áspera agarrou-lhe o braço e puxou-a até os seus pés.

— Levanta-te, grande puta!

Parecia que o braço estava a ser arrancado da articulação, como se algo se tivesse partido no ombro.

— Onde estão as crianças? Posso vê-las?— implorou. Stefan olhou-a com desprezo.

— Isso querias tu, não era? Assim podias levar os meus filhos e voltar a fugir. Ninguém, mas ninguém mesmo vai levar os meus filhos para longe de mim. — Stefan arrastou-a para fora do quarto e escadas abaixo.

— Perdoa-me. Por favor, perdoa-me — disse Madeleine por entre soluços. Tinha a cara cheia de sangue, sujidade e lágrimas.

Os homens de Stefan estavam todos reunidos no rés-do-chão. O núcleo duro. Madeleine conhecia- os a todos: Roger, Paulo, Lillen, Steven e Joar. Agora olhavam para ela em silêncio, enquanto Stefan a arrastava pela sala. Tinha dificuldade em concentrar-se. Um olho estava tão inchado que quase não o conseguia abrir e o sangue de um corte na testa toldava a visão do outro. No entanto, Madeleine sabia exatamente o que ia acontecer. Podia vê-lo nos rostos dos homens — alguns deles olhavam-na friamente, enquanto outros a miravam com pena. Joar, que sempre fora o mais simpático para ela, desviou repentinamente o olhar para o chão. Foi então que Madeleine compreendeu. Pensou que podia lutar, tentar resistir, tentar fugir. Mas para onde iria? Era impossível. Apenas conseguiria prolongar a agonia.

Em vez de reagir, seguiu aos tropeções atrás de Stefan, que continuava a agarrar-lhe o braço com força. Caminharam pelo campo por detrás da casa, na direção do bosque. Convocou mentalmente imagens de Kevin e de Vilda. Recém-nascidos, deitados no seu colo. E muito mais tarde, a rirem-se enquanto brincavam no pátio da casa na Dinamarca. Optou por não recordar o tempo intermédio, quando o olhar dos filhos se ia enchendo de interrogações e de resignação a cada dia que passava. Era para essa vida que iam agora voltar e Madeleine não suportava pensar nisso. Tinha falhado. Devia tê-los protegido, mas tornara-se desleixada e fraca. Agora estava prestes a receber o castigo e aceitava-o. Desde que os filhos fossem poupados.

Tinham entrado no bosque. Os pássaros cantavam e as copas das árvores filtravam a luz do sol. Madeleine tropeçou numa raiz e quase caiu, mas Stefan puxou-a pelo braço e obrigou-a a continuar. Mais adiante avistou uma clareira e, por

um momento, viu o rosto de Matte. O rosto bonito e gentil de

Matte. Amara-a muito e também ele fora castigado.

Quando chegaram à clareira, Madeleine viu o buraco no chão. Um buraco retangular com cerca de um metro e meio de profundidade. A pá ainda lá estava, despontando de um monte de terra.

— Caminha até a borda — ordenou Stefan, soltando-lhe o braço.

Madeleine obedeceu. Deixara de ter vontade própria. Estava à beira do buraco, toda a tremer. Quando olhou para baixo viu vários vermes gordos a tentar enfiar-se mais e mais na terra úmida e escura. Com um último esforço, virou-se lentamente para ficar cara a cara com Stefan. Pelo menos seria forçado a olhá-la nos olhos.

— Acho que vou enfiar-te a bala mesmo entre os olhos. — Stefan ergueu a pistola, segurando o braço direito esticado, e Madeleine sabia que não estava a mentir. Era um excelente atirador.

Alguns pássaros levantaram voo das árvores, assustados ao ouvir o disparo. Mas depressa voltaram a instalar-se nos ramos e o chilrear misturou-se com o sussurro do vento.

Era incrivelmente maçador peneirar aqueles documentos: relatórios de autópsias, conversas com vizinhos das vítimas, notas tomadas durante a investigação. Depois de três horas naquilo, Patrik apercebeu-se com desânimo de que ainda só ia a meio. Quando Annika enfiou a cabeça pela abertura da porta, agradeceu a interrupção.

— Os detetives de Estocolmo já chegaram. Trago-os para aqui ou vais recebê-los na cozinha?

— Na cozinha — respondeu Patrik, levantando-se. As costas estalaram e lembrou a si próprio que devia levantar-se e esticar-se de vez em quando. Não podia dar-se ao luxo de ter problemas nas costas numa altura daquelas, sobretudo porque só há pouco tempo voltara ao trabalho, depois de ter estado de baixa.

Encontrou-se com os detetives no corredor e cumprimentou-os. A mulher, que era alta e loura, apertou-lhe a mão com tanta força que Patrik pensou que os ossos iam partir-se. O homem, baixo e de óculos, tinha um aperto de mão mais suave.

— Petra e Konrad, não é? Penso que podíamos sentar-nos na cozinha. Que tal correu a viagem? Conversaram um pouco mais enquanto ocupavam os seus assentos e Patrik pensou que aqueles dois formavam um par estranho. No entanto, pareciam perfeitamente à vontade um com o outro e Patrik suspeitou que deviam trabalhar juntos há muitos anos.

— Precisamos de falar com Nathalie Wester — disse por fim Petra, farta de conversa fiada.

— Como eu disse, ela está cá. Na ilha dela. Estive com ela há uma semana.

— E ela não falou no marido? — Petra cravou os olhos em Patrik, que se sentiu como se estivesse a ser interrogado.

— Não, nunca disse nada dele. Fomos à ilha falar com ela por causa de um antigo namorado que foi encontrado morto em Fjällbacka.

— Nós lemos a notícia nos jornais — disse Konrad. Virou-se para olhar para Ernst, que tinha entrado na cozinha. — É a vossa mascote?

— Sim, acho que se pode dizer isso.

— É uma grande coincidência — prosseguiu Petra. — Nós encontramos o marido, morto a tiro, e vocês o antigo namorado, também morto a tiro.

— Também já pensei nisso. Mas nós já temos um possível suspeito.

Patrik resumiu aos colegas o que tinham descoberto acerca de Stefan Ljungberg e dos Illegal

Eagles. Tanto Petra como Konrad ficaram surpreendidos quando Patrik mencionou o saco de cocaína encontrado no caixote do lixo.

— Mais uma ligação — disse Petra.

— A única coisa que sabemos é que Sverin mexeu no saco da droga. Petra desvalorizou os protestos de Patrik com um gesto.

— Por pouco que seja, temos de investigar isso. Fredrik Wester traficava sobretudo cocaína e as suas operações não se cingiam a Estocolmo. Com Nathalie como ligação, talvez tenham entrado em contacto um com o outro e começado a fazer negócios.

Patrik fez uma careta.

— Não sei... Mats Sverin não era exatamente o tipo de pessoa para...

— Receio que aqui não haja um tipo específico de pessoas — disse Konrad. — Já vimos de tudo: jovens da classe alta, mães de crianças pequenas e até mesmo um pastor.

— Ah, pois, aquele tipo — riu-se Petra. De repente, parecia menos intimidatória.

— Pois, eu compreendo — disse Patrik, sentindo-se um verdadeiro saloio. Sabia que era um novato em relação aos crimes relacionados com droga e podia estar enganado. Tinha de confiar na experiência dos colegas de Estocolmo em vez de prestar atenção aos instintos.

— Vamos ouvir o que vocês já descobriram e depois pomo-vos ao corrente da nossa investigação — disse Petra.

Patrik assentiu.

— Okay. Quem quer começar?

— Força. — Konrad pegou num papel e numa esferográfica. Ernst deitou-se no chão, decepcionado. Patrik fez uma pausa para aclarar as ideias e depois, de

memória, contou aos colegas o que tinha descoberto até o momento. Enquanto Konrad tomava notas, Petra ouvia-o atentamente de braços cruzados.

— Bem, basicamente é isto — concluiu Patrik. — Agora é a vossa vez.

Konrad pousou a esferográfica e fez-lhe um resumo da investigação. Não tinham trabalhado muito tempo no caso, mas já haviam reunido uma grande quantidade de informações sobre Fredrik Wester e a organização de tráfico de droga de que fizera parte. Konrad acrescentou que tinham passado em revista uma série de dados no dia anterior, depois de Martin Molin ter telefonado. Patrik já sabia, mas queria ouvir tudo da boca dos colegas.

— Como pode ver, estamos a trabalhar em estreita colaboração com os nossos colegas da divisão de estupefacientes nesta investigação. — Konrad ajeitou os óculos.

— Sim, parece-me bem — murmurou Patrik. Uma ideia começava a tomar forma na sua mente. — Já confrontaram as balas com a base de dados da polícia?

Konrad e Petra abanaram a cabeça.

— Ontem falei com os tipos da balística — disse Konrad —, mas ainda estavam a começar.

— Ainda não recebemos um relatório, mas...

Petra e Konrad fitaram-no. De repente, Petra percebeu onde Patrik queria chegar.

— Se pedíssemos ao laboratório para comparar as balas destes dois casos...

— Provavelmente obteríamos os resultados mais depressa — completou Patrik.

— Gosto da sua forma de pensar. — Petra olhou de relance para Konrad. — Podias telefonar-lhes? Dás-te bem com os tipos da balística. Já comigo não têm andado muito contentes nos últimos tempos, por causa da...

Konrad parecia saber exatamente o que Petra queria dizer, porque interrompeu-a e pegou no celular. — Vou ligar-lhes agora mesmo.

— Isso. Entretanto, vou buscar as informações de que precisam. — Patrik saltou da cadeira e dirigiu-se rapidamente ao seu gabinete. Regressou com um documento que pôs em cima da mesa, à frente de Konrad.

O detetive de Estocolmo conversou um pouco ao celular e depois fez o pedido. Escutou, acenou com a cabeça e um sorriso despontou-lhe no rosto.

— Isso é fantástico. Fico a dever-vos uma. Obrigado. — Konrad terminou a conversa com uma expressão de satisfação. — Falei com um dos tipos que conheço por lá. Vai fazer uma comparação imediatamente. Quando acabar volta a ligar.

— Incrível — disse Patrik, visivelmente impressionado.

Petra parecia imperturbável. Estava habituada à capacidade de Konrad para fazer pequenos milagres.

Anna saíra do cemitério e regressara lentamente a casa. Erica oferecera-se para levá-la, mas ela queria andar um bocado. Falkeliden ficava perto e precisava de pôr as ideias em ordem. Dan devia estar em casa à espera dela. Ficara magoado quando Anna lhe disse que queria visitar a campa com Erica e não com ele. Mas, naquele momento, não tinha forças para levar em consideração os sentimentos do marido. Quase não era capaz de deslindar as próprias emoções.

A inscrição na lápide ficar-lhe-ia gravada no coração para sempre. Pequenino. Talvez devessem ter encontrado um nome de verdade, depois do que aconteceu. Mas isso também não lhe parecia acertado. Era assim que lhe chamavam quando estava na barriga dela e fora tão amado por todos. Por isso, sempre lhe chamariam Pequenino. Nunca ia crescer, nunca seria nada além daquele ser minúsculo que jamais pegara sequer ao colo.

Anna estivera inconsciente durante muito tempo, e quando despertou já era tarde de mais. Dan tinha pegado nele e embrulhara-o numa pequena manta. Conseguira tocar no bebê e dizer-lhe adeus. Mesmo sabendo que Dan não tinha culpa, magoava-a que o marido tivesse tido essa experiência e ela não. No fundo do seu ser, também estava zangada com ele por não os ter protegido, a ela e ao Pequenino. Sabia que estava a ser ridícula e irracional. Fora ela a decidir entrar no carro e Dan não estava presente quando ocorreu o acidente. Não havia nada que ele pudesse ter feito. Mesmo assim estava zangada por Dan não ter sido capaz de protegê-la de situações perigosas.

Talvez se tivesse deixado embalar por uma falsa sensação de segurança. Depois de tudo o que tinha passado, depois de todos aqueles anos terríveis com Lucas, convencera-se de que a vida mudara, definitivamente, para melhor. Que a sua vida com Dan seria uma estrada longa e direita, sem solavancos inesperados ou curvas. Anna não tinha planos mirabolantes nem grandes sonhos. Tudo o que queria era uma vida normal numa casa geminada em Falkeliden, com convidados para jantar, os pagamentos da hipoteca, o futebol dos filhos e as sempiternas pilhas de sapatos no vestíbulo. Seria pedir muito?

De certa forma, havia considerado Dan como a pessoa que lhe poderia garantir esse tipo de vida. Dan era tão firme e estável, sempre calmo e com a capacidade de ver para além de todos os problemas que surgiam. Apoiou-se nele em vez de se apoiar nos próprios pés. Mas Dan tinha-se ido abaixo e Anna não sabia como poderia perdoá-lo por isso.

Abriu a porta de casa e entrou. Todo o seu corpo lhe doía após a caminhada e os braços pesavam quando os ergueu para tirar o cachecol. Dan olhou-a de relance da cozinha e dirigiu-se a ela, parando à porta. Não disse uma palavra, limitando-se a olhá-la com expressão suplicante. Anna desviou os olhos.

— Vou deitar-me — murmurou.

Anders fazia as malas lentamente. Gostara de estar naquele pequeno apartamento, onde acabara por se sentir em casa. Não era uma sensação frequente para os dois irmãos. Tinham vivido em muitos sítios diferentes, e quando começavam a criar raízes e a fazer amigos, estava outra vez na altura de mudar de casa. Tinham de embalar os pertences quando as pessoas passavam a fazer perguntas, quando os vizinhos e os professores começavam a preocupar-se com eles e quando as senhoras da Segurança Social finalmente se apercebiam da falsidade por detrás dos encantos de Olof.

Em adultos, ele e Vivianne haviam feito a mesma coisa. Era como se os dois carregassem uma sensação de insegurança, como se aquilo estivesse nos seus ossos. Estavam constantemente em movimento, de um sítio para o outro, como faziam quando Olof era vivo.

Olof já tinha morrido há bastante tempo, mas a sua sombra continuava presente. O padrão repetia-se. As coisas eram diferentes mas, de alguma forma, iguais.

Anders fechou a tampa da mala. Decidira sofrer as consequências. Bem no fundo do seu ser já sentia saudades de Vivianne, mas era impossível fazer uma omeleta sem partir alguns ovos, como a irmã gostava de dizer. Embora soubesse que Vivianne tinha razão, aquela omeleta em particular ia demorar anos a fazer e Anders não sabia se conseguiria prever os resultados. Mas ia dizer-lhe. Não adiantava começar algo novo sem admitir o que tinha feito. Passara muitas noites sem dormir para chegar àquela conclusão e agora já se decidira.

Anders olhou em redor. Sentia-se ao mesmo tempo aliviado e aterrado. Era preciso ter coragem para ficar em vez de fugir novamente. Ao mesmo tempo, esse era o melhor caminho a tomar. Ergueu a mala da cama e depois pousou-a no chão. Não havia tempo para remoer mais naquilo. Tinha de ir para o Badis. Tinha de ajudar Vivianne a garantir que a festa de inauguração seria um grande sucesso. Era o mínimo que podia fazer por ela.

O tempo não passara tão devagar como Patrik chegara a temer. Tinham debatido ambos os casos enquanto esperavam a chamada da balística e Patrik sentiu as veias cheias de adrenalina. Apesar de Paula e Martin serem agentes altamente qualificados, percebeu que os colegas de Estocolmo tinham uma mentalidade completamente diferente. Acima de tudo, invejava o trabalho de equipe de Petra e Konrad. Percebia-se que tinham sido feitos um para o outro. Petra era impaciente e estava constantemente a ter novas ideias e a disparar sugestões. Konrad era mais diplomático e introspetivo e conseguia tecer sempre comentários perspicazes aos desabafos de Petra.

Quando o celular de Konrad tocou, os três deram um salto nas cadeiras. O agente de Estocolmo atendeu.

— Sim? Okay. Hum... A sério?

Petra e Patrik olharam para ele. Estaria a dizer tão pouco só para atormentá-los? Por fim, Konrad desligou a chamada e recostou-se na cadeira. Continuaram ambos a olhar para ele até que, finalmente, Konrad falou:

— Coincidem. As balas coincidem.

Por um momento, fez-se total silêncio na cozinha.

— E os tipos da balística têm certeza? — perguntou então Patrik.

— Cem por cento. Não há dúvida nenhuma. Foi utilizada a mesma arma em ambos os homicídios.

— C’um caraças. — Petra tinha um sorriso rasgado no rosto.

— Agora ainda é mais importante falar com a viúva do Wester. Deve haver alguma ligação entre as vítimas e é possível que tenha que ver com a cocaína. Tendo em conta o gênero de pessoas que podem estar envolvidas, não me sentiria muito segura se estivesse no lugar de Nathalie.

— Vamos até lá? — perguntou Petra, levantando-se.

Patrik estava tão absorto nos próprios pensamentos que mal ouviu o que a colega tinha dito. As vagas suspeitas que tivera começavam a formar um padrão.

— Primeiro preciso de verificar umas informações. Podem esperar uma ou duas horas antes de irmos até a ilha?

— Sim, claro — disse Petra, mas era óbvio que estava impaciente.

— Ótimo. Façam como se estivessem em vossa casa ou, se preferirem, deem um passeio pela cidade. Se tiverem fome, recomendo a comida do Tanums Gestgiveri.

Os colegas de Estocolmo assentiram.

— Então vamos almoçar. Tem é de dizer-nos onde fica — disse Konrad.

Depois de lhes ter explicado como encontrar o restaurante, Patrik respirou fundo e voltou para o seu gabinete. Era importante não se precipitar. Precisava de fazer vários telefonemas, por isso começou por Torbjörn. Não tinha certeza de conseguir localizá-lo, uma vez que era sábado, mas Torbjörn atendeu o celular. Patrik disse-lhe brevemente o que tinham descoberto acerca das balas e depois pediu-lhe se podia comparar as impressões digitais não identificadas que havia no saco de cocaína com as outras que tinham encontrado tanto no interior como no exterior da porta do apartamento de Sverin. Também o avisou de que lhe ia enviar uma nova impressão digital para comparar com as outras. Torbjörn começou a fazer perguntas, mas Patrik cortou-lhe o pio. Explicaria tudo mais tarde.

A próxima tarefa na lista era localizar um relatório. Patrik sabia que estava algures na pilha de papelada que tinha sobre a secretária, por isso começou a folhear os documentos. Por fim encontrou-o. Leu cuidadosamente o breve e estranho relatório e em seguida dirigiu-se ao gabinete de Martin.

— Preciso da tua ajuda — disse, e pôs o relatório em cima da mesa de Martin. — Lembras-te de mais alguma coisa acerca disto?

Martin olhou para Patrik, surpreendido, mas depois abanou a cabeça.

— Não, receio que não. Mas acho que não vou esquecer essa testemunha tão depressa.

— Podias voltar lá e fazer-lhe mais algumas perguntas?

— Claro. — Martin parecia estar a rebentar de curiosidade.

— Mas gostaria que fosses lá agora — disse Patrik ao ver que Martin não fazia nenhum movimento para se levantar.

— Pronto, está bem. — Martin levantou-se. — Quando descobrir mais alguma coisa telefono-te — disse por cima do ombro. Mas depois estacou. — Não podias ao menos dizer-me porque...

— Vai lá. Mais logo falamos.

Já tinha resolvido dois assuntos. Faltava um. Patrik dirigiu-se à carta náutica pendurada na parede do corredor. Depois de tentar desprender um pionés, perdeu a paciência e arrancou o mapa da parede, rasgando vários cantos. Em seguida levou-o até o gabinete de Gösta.

— Já falaste com o tipo que conhece as correntes do arquipélago perto de Fjällbacka? Gösta assentiu.

— Sim. Dei-lhe todas as informações e ele ia dar-lhe uma vista de olhos. Não é uma ciência exata, mas pode ser que nos dê uma pista.

— Telefona-lhe e dá-lhe mais esta informação. — Patrik pôs a carta náutica na mesa de Gösta e mostrou-lhe aquilo a que estava a referir-se.

Gösta ergueu uma sobrancelha.

— Isto é urgente?

— Sim. Telefona-lhe agora mesmo e pede-lhe uma opinião rápida. Só precisa de dizer-nos se é possível. Ou razoável. Depois vai ao meu gabinete contar-me o que ele disse.

— É para já. — Gösta pegou no telefone.

Patrik regressou ao seu gabinete e sentou-se à secretária. Estava sem fôlego, como se tivesse estado a correr, e o coração martelava-lhe o peito. Os pensamentos continuavam a girar-lhe na mente. Mais pormenores, mais perguntas, mais especulações. Ao mesmo tempo, Patrik sentia que estava no caminho certo. Mas tudo o que podia fazer de momento era esperar. Olhou pela janela e tamborilou no tampo da secretária. Sobressaltou-se com o toque estridente do celular.

Atendeu e escutou atentamente.

— Obrigado por ligar, Ulf. Mantenha-me informado, okay? — depois desligou.

O coração estava outra vez a bater descompassadamente. Agora de raiva.

Aquele desgraçado tinha encontrado Madeleine e os filhos. O pai ganhara coragem para telefonar à polícia a contar que o ex-marido da filha tinha entrado à força em sua casa e tinha levado Madeleine e as crianças. Desde aí nunca mais tinham sabido deles. Patrik percebeu que quando estivera na quinta com Ulf, provavelmente já não estavam lá. Ou estariam algures na propriedade, fechados a sete chaves e a precisar de ajuda? Cerrou os punhos, sentindo-se impotente. Ulf garantira-lhe que fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para encontrar Madeleine, mas não parecia esperançoso.

Uma hora mais tarde, Konrad e Petra apareceram à porta.

— Já podemos ir? — perguntou Petra.

— Ainda não. Há mais uma pista que temos de desbravar. — Patrik não sabia bem como explicar aquilo. Ainda havia tanta coisa obscura e nebulosa.

— Qual? — Petra franziu a testa. Era óbvio que não queria perder mais tempo.

— Vamos reunir-nos na cozinha. — Patrik levantou-se e foi chamar os outros. Depois de hesitar por um momento, também bateu à porta de Mellberg.

Quando já estavam todos na cozinha, Patrik apresentou Petra e Konrad. Em seguida, aclarou a garganta e, lentamente, começou a explicar a sua teoria, tendo o cuidado de incluir os pontos onde ainda havia grandes lacunas. Quando terminou, por um momento fez-se silêncio. Depois Konrad perguntou:

— Qual teria sido o motivo? — Parecia esperançoso e cético ao mesmo tempo.

— Não sei. Isso é o que ainda temos de descobrir. Mas a teoria tem cabimento, apesar de existirem algumas lacunas que têm de ser preenchidas.

— Que fazemos agora? — perguntou Paula.

— Falei com Torbjörn e disse-lhe que lhe íamos enviar uma nova impressão digital o mais depressa possível, para que possa compará-la com as impressões digitais que havia na porta e no saco de papel. Se corresponderem, tudo o resto será mais fácil. Então teremos um vínculo ao homicídio.

— Aos homicídios — corrigiu Petra. Parecia ter dúvidas, mas ao mesmo tempo mostrava-se impressionada.

— Quem vai conosco? — perguntou Konrad, olhando para os outros. Estava a levantar-se, pronto para sair.

— Eu vou convosco. Deve ser suficiente — respondeu Patrik. — Meus colegas ficam a trabalhar nas novas pistas.

No preciso momento em que saíram da delegacia e foram acolhidos pelo sol radioso, o celular de Patrik tocou. Quando viu que era a mãe esteve para não atender, mas depois acabou por carregar no botão verde. Impaciente, ouviu as preocupações de Kristina. Não conseguia localizar Erica, embora lhe tivesse ligado

várias vezes para o celular. Quando lhe disse aonde Erica tinha ido, Patrik parou abruptamente. Sem se despedir da mãe, desligou a chamada e virou-se para Petra e Konrad.

— Temos de ir. Já!

Erica abriu a porta e quase caiu para trás. Teve vontade de vomitar e percebeu que tinha acertado. Cheirava a carne podre. Um fedor nauseabundo e incrivelmente desagradável que, depois de já se ter sentido, era impossível de confundir com qualquer outra coisa. Entrou, tapando o nariz e a boca com o braço para tentar minimizar o cheiro. Mas era impossível. Era tão penetrante que parecia infiltrar-se por todos os poros, como tinha aderido à roupa de Nathalie.

Olhou em redor com os olhos cheios de lágrimas por causa do mau cheiro. Cautelosamente, avançou mais alguns passos no interior da pequena casa. Tudo estava calmo e pacífico. Apenas se ouvia o som distante do mar. As náuseas ameaçaram dominá-la, mas Erica lutou contra o desejo de fugir para o ar fresco.

De onde estava, podia abarcar com o olhar todo o rés-do-chão, onde não viu mais nada além de coisas do dia a dia. Uma camisola pousada nas costas de uma cadeira, uma chávena de café em cima da mesa, ao lado de um livro aberto... Nada que pudesse explicar o cheiro nojento e enjoativo que pairava como um cobertor sobre toda a casa.

Viu uma porta fechada. Erica receava abri-la, mas agora que tinha ido até ali, sabia que tinha de fazê-lo. As mãos tremiam e, de repente, as pernas pareciam gelatina. Queria virar-se e desatar a correr lá para fora, enfiar-se no barco e ir para casa, para o aroma perfumado do cabelo dos seus bebês. Mas, em vez disso, aproximou-se. Viu a mão direita tremendo a esticar-se e a segurar a maçaneta da porta. Continuava a hesitar em rodá-la, não se atrevendo a ver o que havia no interior daquela divisão.

Uma súbita rajada de vento atingiu-lhe as pernas e fê-la virar-se. Mas já era tarde de mais. De repente, tudo ficou escuro.

Os convidados de honra conversavam alegremente ao saírem dos autocarros vindos de Gotemburgo. Tinha sido servido espumante durante a viagem para Fjällbacka e agora estavam todos animadíssimos.

— Vai ser fantástico. — Anders pôs o braço em torno dos ombros da irmã enquanto esperavam para receber os convidados.

Vivianne sorriu sem alegria. Aquilo era o princípio, mas era também o fim. E não conseguia aproveitar o momento presente, uma vez que só o futuro importava. Um futuro que já não lhe parecia tão certo como noutros tempos.

Estudou o perfil de Anders quando ele estava à porta do Badis. Havia algo de diferente nele.

Sempre fora capaz de lê-lo como a um livro aberto, porém Anders tinha-se

retirado para um lugar onde era incapaz de alcançá-lo.

— Que dia esplêndido, minha querida. — Erling beijou-a nos lábios. Estava com ar repousado. Na noite anterior, Vivianne tinha-lhe dado o comprimido para dormir às sete, por isso Erling dormira treze horas seguidas. Agora praticamente saltitava no seu fato branco. Depois de lhe dar outro beijo, afastou-se à pressa.

Os convidados começaram a entrar no edifício.

— Bem-vindos. Espero que tenham uma estada agradável no Badis. — Vivianne distribuía apertos de mão, sorria e repetia as palavras de boas-vindas vezes sem conta. Parecia ter saído de um conto de fadas, com um vestido branco até os tornozelos e a cabeleira espessa apanhada numa grande trança, como era costume.

Depois de todos terem entrado, Vivianne ficou sozinha com Anders por um momento, o sorriso desapareceu e a expressão tornou-se séria. Virou-se para o irmão.

— Dizemos sempre tudo um ao outro, não é? — perguntou em voz baixa. Estava ansiosa por ouvi-lo dizer o que queria ouvir. Queria realmente acreditar nele. Mas Anders desviou o olhar e não disse uma palavra.

Vivianne estava prestes a repetir a pergunta, mas um convidado atrasado estava a aproximar-se da entrada, de modo que fez o sorriso mais caloroso possível. Por dentro sentia-se gelada.

— Por que sua mulher foi à ilha? — perguntou Petra.

Patrik conduzia para Fjällbacka o mais depressa a que se atrevia. Falou-lhes dos livros que Erica escrevia e disse-lhes que ela ultimamente começara a fazer pesquisas sobre Gråskär, por pura distração.

— Provavelmente queria mostrar a Nathalie o que descobriu.

— Não há nenhuma razão para pensar que possa correr perigo — disse Konrad, que estava sentado no banco de trás e tentava tranquilizar Patrik.

— Pois, eu sei — afirmou Patrik. Ao mesmo tempo, o instinto dizia-lhe que tinha de chegar a Gråskär o mais depressa possível. Telefonara a Peter, que prometeu ter o navio da Guarda Costeira pronto a partir quando chegassem.

— Continuo intrigado quanto ao motivo da viagem da sua mulher — disse Konrad.

— Com sorte, não tardaremos a descobrir, se é que Patrik tem razão, claro. — Petra não parecia completamente convencida.

— Ou seja, como disse, de acordo com uma testemunha, Mats Sverin tinha uma mulher no carro com ele quando chegou a casa na noite em que foi assassinado. E a testemunha é de confiança? — Konrad inclinou-se para enfiar a cabeça entre os bancos dianteiros. Lá fora, a paisagem passava a alta velocidade, mas Petra e Konrad não pareciam particularmente preocupados.

Patrik ponderou o que devia contar-lhes. A verdade é que o velho Grip não

era a testemunha de maior confiança do mundo. Para começar, afirmara que fora a sua gata a ver a mulher. Essa foi a primeira coisa que ocorreu a Patrik quando soube que as balas correspondiam. No relatório, Martin escrevera que Grip tinha dito que a gata estava à janela, a bufar para o carro e, algumas linhas acima, dizia: “Marilyn não gosta de mulheres. Bufa quando vê uma.” Martin não percebera a ligação e Patrik também não quando leu o relatório pela primeira vez. Porém, combinada com os outros dados que foram surgindo, aquela informação foi o suficiente para Patrik mandar Martin ter outra conversa com Grip. Dessa vez Martin conseguiu que o homem admitisse que fora vista uma mulher a sair do carro à frente do prédio, na madrugada de sábado. Depois de hesitar um pouco, também havia confirmado que se tratava do carro de Sverin. Infelizmente, Grip continuara a insistir que a gata é que tinha presenciado a cena e Patrik achou que, por enquanto, era preferível omitir esse último pormenor.

— A testemunha tem certeza — disse, na esperança de que isso satisfizesse os colegas. O importante era chegar junto de Erica o mais depressa possível e ter uma conversa com Nathalie. Tudo o resto podia esperar. Além disso, tinham o barco. De acordo com o especialista com quem Gösta contactara, não era apenas possível, mas muito provável que o barco de Sverin tivesse ido à deriva de Gråskär até a enseada onde o encontraram encalhado.

Na mente de Patrik, uma cadeia plausível de eventos começara a desenrolar-se. Mats fora visitar Nathalie e, por algum motivo, a mulher tinha-o depois acompanhado no barco até Fjällbacka. Tinham ido de carro até o apartamento de Mats, onde Nathalie o baleara. Mats confiara em Nathalie, por isso não hesitara em virar-lhe as costas. Então, Nathalie regressara ao porto, levava o barco dos Sverin até Gråskär e deixara-o ali sem o amarrar, fazendo com que fosse à deriva até o local onde foi mais tarde encontrado. Isso era claro como a água. Só que Patrik ainda não fazia ideia das razões de Nathalie para querer matar Mats e possivelmente também o próprio marido. E porque é que teriam deixado Gråskär e regressado a Fjällbacka a meio da noite? Será que tinha tido alguma coisa que ver com a cocaína? Teria Mats estado envolvido em algum negócio com o marido de Nathalie? Será que a impressão digital não identificada no saco pertencia a Nathalie?

Acelerou a fundo. Cruzaram Fjällbacka a alta velocidade e Patrik só abrandou um pouco para não atropelar um homem idoso que atravessava a rua perto da praça Ingrid Bergman.

Estacionou o carro no porto, junto ao navio da Guarda Costeira, e saiu apressadamente. Ficou aliviado ao ver que Peter já tinha ligado o motor. Konrad e Petra trotaram atrás dele e saltaram para bordo.

— Não se preocupe — disse Konrad. — Por enquanto ainda só estamos a especular e não há nenhum motivo para acreditar que a sua mulher possa estar em

perigo, mesmo que a sua teoria esteja correta.

Apoiado à balaustrada do navio, Patrik olhou para o colega. Afastavam-se do porto a todo o gás, mais depressa do que era normalmente permitido.

— Não conhece Erica. Tem uma certa propensão para meter o nariz em coisas que não lhe dizem respeito. Mesmo as pessoas que não têm nada a esconder acham que faz demasiadas perguntas. Digamos que é mesmo muito persistente.

— Parece que é cá das minhas — disse Petra, contemplando fascinada o arquipélago que estavam a atravessar.

— Além disso, não atende o celular — acrescentou Patrik.

Ninguém disse uma palavra durante o resto da travessia. Viram o farol à distância e Patrik sentiu um aperto no estômago quando se aproximavam da ilha. Não conseguia parar de pensar no outro nome de Gråskär, o nome pelo qual era conhecida entre os habitantes de Fjällbacka: Ilha dos Espíritos. E não conseguia deixar de pensar no que o motivara.

Peter diminuiu a velocidade e manobrou o barco para o cais, para junto da lancha de madeira que pertencia a Erica e a Patrik. Não havia ninguém à vista, vivo ou morto.

Tudo ia ficar bem. Estavam juntos. Ela e Sam. E os espíritos olhavam pelos dois.

Nathalie cantarolava na água com Sam nos braços. Cantava-lhe sempre aquela canção quando o filho era mais novo e não conseguia dormir. Sam estava ao seu colo e parecia muito leve, porque a água ajudava a suportá-lo. Algumas gotas salpicaram-lhe o rosto e Nathalie limpou-as cuidadosamente. O filho não gostava de água na cara. Quando se sentisse melhor ia ensiná-lo a nadar. Já tinha idade para aprender a nadar e andar de bicicleta, e os dentes de leite não tardariam a cair-lhe. Depois ficaria com um grande espaço entre os dentes, mostrando que já tinha deixado para trás os primeiros anos da infância.

Fredrik sempre fora impaciente com Sam e sempre exigira demasiado do filho. Afirmava que Nathalie o estragava com mimos, que não queria que ele crescesse. Fredrik não tinha razão. Claro que queria que o filho crescesse, mas Sam tinha de o fazer ao seu próprio ritmo.

Depois tentara afastá-la de Sam. Naquela sua voz arrogante, Fredrik dissera que o filho ficaria melhor com outra mãe. Aquela recordação começou a enraizar-se e Nathalie cantarolou mais alto para a afastar. Mas aquelas palavras terríveis já lhe tinham penetrado a alma, abafando a música. A outra mulher seria melhor, dissera-lhe Fredrik. Seria a nova mãe de Sam e acompanhá-los-ia, a ele e a Sam, a Itália. Nathalie não seria mais a mãe de Sam. Iria desaparecer.

O rosto de Fredrik revelara uma tal satisfação presunçosa que Nathalie não duvidara por um momento que o marido ia fazer aquilo. Como o odiava. A raiva

começou a crescer algures dentro dela e, em seguida, apoderou-se de todo o seu corpo antes que conseguisse detê-la. Fredrik teve o que mereceu. Já não podia fazer-lhes mais mal. Tinha visto a sua expressão rígida. Tinha visto o sangue.

Agora, ela e Sam poderiam viver em paz ali na ilha. Nathalie olhou para o rosto do filho. Sam estava a dormir. Ninguém ia levá-lo para longe dela. Ninguém.

Patrik pediu a Peter que esperasse no barco e depois desembarcou com Konrad e Petra. Olharam para a mesa da cabana de pesca aberta e viram que alguém tinha estado ali a tomar café. Quando passaram por ela, um bando de gaivotas levantou voo de um prato cheio de bolos.

— Devem estar na casa — disse Petra, olhando atentamente em redor.

— Venham. — Patrik estava impaciente, mas Konrad pegou-lhe suavemente no braço.

— Acho que a partir de agora temos de agir com cautela.

Patrik compreendeu que o colega tinha razão. Dirigiu-se para a casa devagar, embora lhe apetecesse correr. Quando chegaram, bateram à porta. Como ninguém foi abrir, Petra inclinou-se para a frente e bateu com mais força.

— Está alguém? — perguntou.

Continuava a não se ouvir um único ruído no interior. Patrik rodou a maçaneta e a porta abriu-se. Avançou um passo e depois quase chocou com Konrad e Petra ao recuar, tal era o cheiro.

— Merda! — praguejou, pondo a mão sobre o nariz e a boca. Teve de engolir várias vezes em seco para não vomitar.

— Merda! — repetiu Konrad por detrás dele. Também devia estar a lutar contra as náuseas. Só Petra parecia imperturbável, e Patrik olhou-a com espanto.

— Não tenho grande olfato — disse-lhe a colega.

Patrik avançou e avistou imediatamente a pessoa deitada no chão.

— Erica? — Patrik correu até a mulher e caiu de joelhos. Com o coração apertado, estendeu a mão para tocar-lhe. Erica mexeu-se e soltou um gemido.

Patrik repetiu o nome da mulher várias vezes e Erica virou lentamente a cabeça para olhar para ele. Só então pôde ver a ferida que a mulher tinha na têmpora. Com esforço, Erica ergueu a mão para tocar-lhe e abriu muito os olhos quando viu o sangue nos dedos.

— Patrik? Nathalie... ela... — Erica começou a soluçar e Patrik acariciou-lhe a face.

— Ela está bem? — perguntou Petra.

Patrik tranquilizou-a com um gesto. Em seguida, Petra e Konrad subiram ao primeiro andar para ver o que havia lá em cima.

— Parece estar vazio — disse Petra quando voltaram a descer as escadas. — Já viu ali? — perguntou, apontando para a porta fechada por detrás de Erica.

Patrik abanou a cabeça, por isso Petra contornou-os cautelosamente e abriu a porta.

— Maldição. Venham ver. — Petra fez-lhes sinal, mas Patrik preferiu ficar onde estava e deixar que fosse Konrad a ir ter com a colega.

— Que está a ver? — indagou Patrik, olhando de relance para a porta parcialmente aberta que não lhe permitia ver o que havia no interior.

— Seja o que for, este cheiro vem deste quarto. — Konrad saiu com a mão a tapar a boca e o nariz.

— Um cadáver? — Por um momento, Patrik pensou que devia ser Nathalie quem ali estava, mas logo lhe ocorreu um pensamento que o fez ficar branco como a cal. — É o filho? — sussurrou.

Petra também saiu do quarto.

— Não sei. Não está ali ninguém. Mas a cama está toda desarrumada e tresanda. Até eu consigo sentir o cheiro.

Konrad assentiu.

— Deve ser o filho dela. Estivemos aqui com Nathalie há uma semana e calculo que o corpo esteja aqui há mais tempo do que isso.

Erica esforçava-se para se sentar e Patrik pôs-lhe o braço em torno da cintura para a apoiar.

— Temos de encontrá-los — disse, olhando para Erica. — Que aconteceu aqui?

— Estávamos no farol. Reparei no cheiro na roupa de Nathalie e comecei a questionar-me. Depois vim até aqui para verificar. Nathalie deve ter-me atingido na cabeça... — A voz de Erica sumiu-se.

Patrik ergueu os olhos para Konrad e para Petra.

— Eu não disse? Está sempre a meter o nariz em tudo. — Patrik sorriu, mas estava com ar preocupado.

— Não viu a criança? — perguntou Petra, de cócoras. Erica abanou a cabeça e depois fez uma careta de dor.

— Não, não cheguei a abrir a porta. Mas têm de encontrá-los — disse, repetindo o que Patrik tinha dito. — Eu estou bem. Vão procurar Nathalie e Sam.

— Vamos levá-la para o barco — disse Patrik.

Ignorando os protestos de Erica, os três transportaram-na até o cais. Depois puseram-na cuidadosamente no barco onde estava Peter.

— De certeza que estás bem? — Patrik não queria deixar Erica quando olhou para a ferida ensanguentada que a mulher tinha na cabeça e ao ver como estava pálida.

Erica fez um gesto a indicar-lhe que não havia problema.

— Vai lá. Já te disse que estou bem. Relutantemente, Patrik virou-se.

— Para onde acham que eles foram?

— Devem estar do outro lado da ilha — respondeu Petra.

— Sim, porque o barco ainda está aqui — confirmou Konrad.

Começaram a caminhar sobre as rochas. A ilha parecia tão deserta como quando chegaram e, além do marulhar das ondas e dos guinchos das gaivotas, não se ouvia um único som.

— Podem estar no farol. Patrik inclinou-se para trás para poder observar a torre.

— Talvez, mas acho que devemos revistar a ilha primeiro — disse Petra. Protegeu os olhos com a mão para tentar ver através dos painéis de vidro no topo do farol, mas também não viu ninguém a mover-se lá em cima.

— Vêm ou não? — perguntou Konrad em voz alta.

O ponto mais alto da ilha ficava a curta distância e os três policiais foram lançando olhares para a esquerda e para a direita enquanto caminhavam. Quando chegassem ao topo do morro poderiam avistar quase toda a ilha, mas moviam-se com cautela. Não sabiam qual era o estado de espírito de Nathalie. Além disso, a mulher tinha uma arma. A questão era saber se estava disposta a utilizá-la. O cheiro enjoativo do cadáver ainda se agarrava às suas narinas. Todos tinham o mesmo pensamento, mas nenhum ousou verbalizá-lo.

Chegaram ao cimo da colina.

Tinham vindo de barco, como Nathalie pensara. Ouvira vozes vindas do cais, vozes vindas da casa. A sua rota de fuga da ilha estava bloqueada. Não conseguia chegar ao barco para fugir. Tinham- nos apanhado.

Nathalie tinha pensado que Erica estava do seu lado, mas depois tentara intrometer-se no mundo deles. Por isso fora forçada a agir e fizera o mais acertado. Protegia Sam, como prometera no momento em que no hospital lhe puseram o filho nos braços. Prometera-lhe que nada de mal lhe aconteceria. Durante muito tempo fora uma covarde e não conseguira cumprir a promessa. Mas desde aquela noite mantinha-se forte. Tinha resgatado Sam.

Lentamente, avançou mar adentro. As calças de ganga pesavam-lhe e arrastavam-na para a frente. Sam estava com um ar tão doce, repousando tranquilamente nos seus braços.

Alguém se aproximou dela, avançando ao seu lado dentro de água. Pelo canto do olho, Nathalie viu a mulher a segurar as pesadas saias. Passado um momento, deixou a saia cair e esta ficou a flutuar na água em torno dela. A mulher tinha os olhos fixos em Nathalie. Os lábios moviam-se, mas Nathalie recusava-se a ouvir. Se o fizesse, não conseguiria proteger Sam por mais tempo. Fechou os olhos para fazer com que a mulher se fosse embora, mas quando os voltou a abrir não pôde deixar de olhar novamente na direção dela, como se algo estivesse a obrigá-la a

olhar.

Agora, a mulher carregava uma criança nos braços. Há pouco não estava lá. Nathalie tinha certeza disso. Porém, naquele momento a criança também estava a olhar para ela com os olhos muito abertos, suplicantes. Estava a falar com Sam. Nathalie teve vontade de tapar os ouvidos com as mãos e gritar para calar as vozes do menino e da mulher. Mas as mãos estavam a segurar Sam e o grito estava preso na garganta. A camisa começava a ficar molhada e Nathalie arfou quando a água fria lhe chegou à barriga. A mulher estava a andar muito perto dela. Falava ao mesmo tempo que o rapazinho — a mulher para Nathalie e o menino para Sam. Contra a sua vontade, Nathalie começou a ouvir o que estavam a dizer. As vozes abriam caminho à força, como a água salgada lhe ensopava a roupa e lhe atingia a pele.

Tinham chegado ao fim da estrada, ela e Sam. A qualquer momento aquelas pessoas iam encontrá-los e terminar o que tinham começado. De repente, recordou-se do sangue a salpicar a parede e a colorir o rosto de Fredrik. Abanou a cabeça para fazer as imagens desaparecerem. Seriam sonhos, fantasias? Ou eram reais? Já não sabia. Apenas se lembrava da sensação gelada de ódio e de pânico. E daquele medo enorme que se apoderara dela e lhe deixara apenas as reações mais primitivas e furiosas.

Quando a água lhe chegou às axilas, Nathalie sentiu Sam mais leve nos seus braços. A mulher e o menino estavam muito perto. As suas vozes ressoavam nos ouvidos de Nathalie, que percebeu claramente o que diziam. Fechou os olhos e cedeu por fim. Tinham razão. Aquela certeza preencheu-a e fez com que todo o medo desaparecesse. Nathalie sabia que a mulher e o rapazinho não lhes queriam mal e deixou-se ali ficar, enlevada pela calma que se apoderou dela.

Julgou ter ouvido outras vozes lá ao fundo. Vozes que a chamavam, que queriam algo e que estavam a tentar fazer com que lhes prestasse atenção. Nathalie ignorou-as. Eram menos reais do que as vozes que continuavam a ressoar-lhe nos ouvidos, que ainda não se tinham calado.

— Deixe-o ir — disse gentilmente a mulher.

— Quero brincar com ele — disse o menino.

Nathalie assentiu. Tinha de o deixar ir. Era isso que eles queriam o tempo todo, o que lhe tinham tentado explicar. Agora, Sam pertencia-lhes. Pertencia aos outros.

Lentamente, Nathalie foi soltando Sam. Deixou que o mar o levasse, deixou-o desaparecer sob a superfície para ser levado pelas correntes. Então deu um passo em frente e depois outro. Continuava a ouvir todas as vozes. Ouvia-as ao perto e ao longe, mas optou uma vez mais por ignorá-las. Queria seguir Sam e ser um deles. Que mais poderia fazer?

A voz da mulher era suplicante, mas a água já lhe tapava os ouvidos,

abafando todos os sons e substituindo-os por um rugido que Nathalie julgou ser o sangue a fluir-lhe pelo corpo. Avançou, sentindo as águas a fecharem-se sobre a cabeça e o ar a comprimir-lhe os pulmões.

Então, algo a arrastou para cima. A mulher era surpreendentemente forte. Puxou-a para a superfície e Nathalie sentiu a raiva crescer dentro dela. Por que não a deixavam acompanhar o filho? Debateu-se, mas a mulher recusou-se a largá-la e continuou a arrastá-la de volta para a vida.

Outro par de mãos agarrou-lhe o corpo e puxou-a para cima. A cabeça de Nathalie emergiu de repente e os pulmões encheram-se de ar. Soltou um grito que se ergueu em direção ao céu. Queria voltar para debaixo de água, mas em vez disso sentiu-se a ser arrastada para terra.

Então, a mulher e o garotinho desapareceram. Como Sam.

Nathalie sentiu que era erguida e levada. Desistiu. Finalmente a tinham encontrado.

A festa continuou durante toda a tarde e prolongou-se noite dentro. Todos gostaram muito da comida, que consideraram excelente, o vinho fluiu, os convidados de honra e os habitantes locais conviveram e fizeram-se novos amigos na pista de dança. Ou seja, um enorme sucesso.

Vivianne aproximou-se de Anders, que estava encostado ao corrimão, a observar os pares a dançar.

— Agora temos de nos ir embora.

Anders assentiu, mas algo na sua expressão fez com que Vivianne se sentisse mais desconfortável do que nunca.

— Anda — disse, puxando-o pela manga do casaco. Sem a olhar nos olhos, Anders virou-se e seguiu-a.

Vivianne escondera a mala num dos quartos que não estavam reservados aos hóspedes. Pegou nela e dirigiu-se para a porta, pronta para sair.

— Onde está a tua mala? Temos de sair daqui a dez minutos, senão podemos perder o avião. Anders não respondeu. Em vez disso, deixou-se cair sobre a cama e olhou para o chão.

— Anders? — Vivianne aferrava-se à pega da mala.

— Eu adoro-te — sussurrou Anders. Aquelas palavras deixaram-na logo aterrada.

— Temos de ir — repetiu Vivianne, embora soubesse no fundo do seu ser que o irmão não ia acompanhá-la. Ao longe ouviam-se os compassos da música. Vivianne pousou a mala no chão e sentou-se ao lado dele.

— Não posso. — Anders olhou para ela. Os olhos encheram-se de lágrimas.

— Que foi que fizeste? — Não queria ouvir a resposta, não queria saber que os seus piores receios se tinham tornado realidade. Mas não pôde deixar de fazer a

pergunta.

— O que foi que fiz? Valha-me Deus, não achas que fui eu quem...

Anders abanou a cabeça e começou a rir-se enquanto limpava as lágrimas com as costas da mão. — Meu Deus, Vivianne, claro que não!

Sentia-se imensamente aliviada, mas assim já não percebia o que se estava a passar.

— Então, por quê? — Vivianne pôs-lhe o braço em volta dos ombros e Anders inclinou a cabeça contra a dela. Aquilo evocava tantas memórias de todos os momentos em que tinham estado assim sentados, com as cabeças juntas.

— Tu sabes que te adoro.

— Sim, eu sei. — De repente, Vivianne compreendeu. Endireitou-se para poder vê-lo bem. Delicadamente, pegou-lhe o rosto com as mãos. — Meu querido irmão, apaixonaste-te por alguém?

— Não posso ir contigo — disse Anders, novamente com os olhos marejados de lágrimas. — Sei que prometemos um ao outro que íamos ficar sempre juntos. Mas vais ter de fazer esta viagem sem mim.

— Se tu estiveres feliz, então eu também estarei. É tão simples como isso. Vou sentir muito a tua falta, mas o que eu mais quero neste mundo é que tenhas a tua própria vida. — Vivianne sorriu. — Mas tens de dizer-me quem é ela. Senão não posso ir-me embora.

Anders mencionou um nome e Vivianne imaginou uma mulher que tinha trabalhado com o irmão no Projeto Badis. Voltou a sorrir.

— Tens bom gosto — disse, e depois ficou calada por um momento. — Vais ter muito que explicar e vais ser responsabilizado. Será que é boa ideia deixar-te entregue a tudo isso sozinho? Se quiseres eu fico.

Anders abanou a cabeça.

— Quer que vás. Aproveita o sol e diverte-te por mim também. Duvido que eu vá ver muita luz do dia por uns tempos, mas ela sabe de tudo e prometeu esperar por mim.

— E o dinheiro?

— É todo teu — respondeu Anders sem a mais pequena hesitação. — Não preciso de nenhum.

— Tens certeza? — Vivianne envolveu-lhe mais uma vez a cara com as mãos, como se tocá-lo fosse ajudá-la a recordar-se das suas feições familiares.

Anders abanou a cabeça e afastou-lhe as mãos.

— Tenho certeza. E agora tens de ir-te embora. O avião não vai esperar por ti.

Levantou-se e pegou na mala da irmã. Sem mais palavras, levou-a para o carro e pô-la no porta-bagagens. Ninguém os viu. O zumbido das vozes misturava-

se com a música e toda a gente estava concentrada em outras coisas.

Vivianne entrou no carro e sentou-se ao volante.

— Fizemos um bom trabalho, não foi? — perguntou a olhar para o Badis, que resplandecia na semiobscuridade.

— Um trabalho do cacete.

Por um momento, nenhum dos dois falou. Então, Vivianne tirou o anel de noivado e entregou-o a Anders.

— Toma. Devolve a Erling. Não é má pessoa. Espero que encontre alguém para dá-lo, um dia.

Anders guardou o anel no bolso das calças.

— Eu me certifico de que Erling o receba.

Olharam fixamente um para o outro em silêncio. Então, Vivianne fechou a porta e ligou o motor. Anders ficou ali durante muito tempo, observando-a a ir-se embora. Depois subiu lentamente as escadas do Badis. Decidira ser a última pessoa a deixar a festa.

ERLING COMEÇAVA A ENTRAR EM PÂNICO. Vivianne tinha desaparecido. Ninguém a vira desde a festa de sábado e o carro também tinha desaparecido. Algo devia ter acontecido.

Pegou mais uma vez no telefone e ligou para a delegacia.

— Já soube alguma coisa? — perguntou assim que Mellberg atendeu. Quando recebeu outra resposta negativa não se conseguiu controlar por mais tempo. — O que é que estão a fazer ao certo para encontrar a minha noiva? Estou convencido de que alguma coisa terrível lhe deve ter acontecido. Já dragaram a zona das docas? Sim, eu sei que o carro também desapareceu, mas e se alguém o tiver levado até o porto? E talvez com Vivianne lá dentro? — A voz de Erling subiu para um tom de falsete quando imaginou Vivianne presa no carro, incapaz de escapar enquanto a água a envolvia lentamente.

— Exijo que faça uso de todos os recursos possíveis para encontrá-la.

Erling atirou o telefone para o descanso. Uma tímida batida na porta fê-lo erguer os olhos. Gunilla enfiou a cabeça pela porta entreaberta e lançou-lhe um olhar assustado.

— Sim? — Erling só queria que o deixassem em paz. Tinha estado fora todo o domingo à procura de Vivianne e naquela manhã havia ido ao escritório apenas porque esperava que a noiva pudesse tentar ligar-lhe para ali.

— Telefonaram do banco. — A voz de Gunilla soou ainda mais ansiosa do que era habitual.

— Agora não tenho tempo para essas coisas — disse, fitando o telefone. Vivianne podia ligar a qualquer momento.

— É sobre a contabilidade do Badis. Há qualquer coisa que não está bem. Querem que lhes telefone.

— Já lhe disse que não tenho tempo para isso — retorquiu Erling. Para sua surpresa, Gunilla não arredava pé.

— Querem que lhes ligue e disseram que é urgente — insistiu Gunilla, regressando depois à sua secretária.

Com um suspiro, Erling pegou no telefone e ligou para a pessoa com quem costumava falar no banco.

— Fala Erling. Há algum problema?

Falou num tom impositivo. Queria que a chamada fosse o mais breve possível, para que a linha não estivesse ocupada se Vivianne telefonasse. Mal prestava atenção ao que o funcionário do banco dizia, mas de repente endireitou-se na cadeira.

— Não há dinheiro na conta? Como assim? É melhor voltar a verificar. Nós depositamos vários milhões de coroas e vão chegar fundos adicionais de Vivianne e Anders Berkelin esta semana. Eu sei que temos um grande número de fornecedores a quem é preciso pagar, mas na conta há dinheiro mais do que suficiente para isso — então, Erling ficou em silêncio e ouviu um pouco mais. — Tem certeza de que não se enganou?

Erling aliviou o colarinho da camisa. De repente estava com dificuldade em respirar. Quando desligou o telefone, os pensamentos começaram a girar-lhe na cabeça. O dinheiro tinha desaparecido. Vivianne sumira-se. Não era estúpido, conseguia somar dois mais dois. Mas não queria acreditar.

Tinha acabado de marcar os três primeiros dígitos do número de telefone da delegacia quando Anders apareceu à porta. Erling fitou-o. O irmão de Vivianne parecia abatido e exausto. De início, ficou simplesmente para ali, sem dizer uma palavra. Depois aproximou-se da secretária de Erling e estendeu a mão com a palma para cima. O sol que se filtrava pela janela incidiu sobre o objeto que Anders tinha na mão e projetou pequenos pontos de luz bruxuleantes na parede por detrás de Erling. Era o anel de noivado de Vivianne.

Nesse momento, todas as dúvidas na mente de Erling se dissiparam. Em transe, marcou os restantes dígitos do número da polícia de Tanumshede. Anders sentou-se numa cadeira à frente do presidente e esperou. O anel de noivado cintilava em cima da mesa.

NA QUARTA-FEIRA DE MANHÃ, Erica teve alta do hospital e pôde ir para casa. Afinal, o golpe na cabeça não era grave, porém, tendo em conta as lesões anteriores que sofrera no acidente de carro, os médicos decidiram mantê-la em observação por alguns dias por uma questão de segurança.

— Para com isso. Eu consigo andar sozinha. — Erica fulminou Patrik com o olhar. O marido estava a segurar-lhe o braço enquanto subiam os degraus até a porta de casa. — Tu ouviste o que eles disseram. Parece estar tudo bem. Não tenho nenhuma concussão, apenas alguns pontos.

Patrik abriu a porta.

— Sim, eu sei, mas... — calou-se quando viu o olhar que Erica lhe lançou.

— Quando é que as crianças vêm para casa? — Erica descalçou-se.

— A minha mãe traz os gêmeos por volta das duas e depois estava a pensar que podíamos ir buscar a Maja. Está com muitas saudades tuas.

— É tão querida — disse Erica, encaminhando-se para a cozinha. Parecia estranho estar em casa sem crianças à volta. Mal conseguia lembrar-se daquela sensação.

— Senta-te que eu faço-te um café — disse Patrik, passando pela mulher.

Erica estava prestes a protestar quando se apercebeu de que devia aproveitar aquela situação ao máximo. Sentou-se à mesa da cozinha e, com um suspiro de satisfação, apoiou os pés na cadeira ao lado.

— Sabes o que vai acontecer ao Badis? — Sentiu-se como se tivesse vivido numa redoma no hospital, por isso agora queria saber tudo o que tinha acontecido. Ainda não podia acreditar nos rumores que ouvira sobre Vivianne.

— O dinheiro e Vivianne desapareceram. — Patrik estava junto à bancada a preparar o café. — Encontramos o carro dela no aeroporto de Arlanda e estamos neste momento a verificar as listas de passageiros do fim de semana. Julgamos que viajou com um nome falso, por isso não vai ser fácil.

— E o dinheiro? Conseguem seguir-lhe o rastro? Patrik virou-se e abanou a cabeça.

— Também vai ser muito complicado. Pedimos ajuda à divisão de crimes económicos, em Gotemburgo, mas há maneiras de transferir fundos para fora do país que tornam extremamente difícil seguir o rastro do dinheiro. E deduzo que Vivianne planeou tudo isto muito bem.

— Que diz Anders? — Erica levantou-se para tirar alguma coisa do frigorífico.

— Senta-te, eu trago-te os bolos. — Patrik pegou num saco de bolos de

canela do congelador e pôs vários no micro-ondas. — Anders admitiu ter participado no esquema de desfalque, mas recusa-se a dizer-nos onde estão a irmã e o dinheiro.

— Porque é que Anders não se foi embora com Vivianne? — Erica sentou-se à mesa.

— Quem sabe? Talvez se tenha acovardado no último segundo e não quisesse passar o resto da vida fora da Suécia, no exílio.

— Hum, é uma possibilidade. — Erica fez uma pausa e depois perguntou: — Então, como é que Erling está a reagir? E o que é que vai acontecer ao Badis?

— Erling parece sobretudo... resignado. — Patrik serviu duas chávenas de café, tirou os bolos de canela do micro-ondas e pôs tudo na mesa da cozinha. — Quanto ao futuro do Badis, ninguém sabe ao certo qual será. Quase nenhum dos fornecedores ou empreiteiros foi pago. A questão é saber qual das opções ficará mais cara: fechar as portas ou continuar em funcionamento. Depois da festa de sábado, as reservas não param de chegar, por isso a autarquia pode tentar gerir o spa e esperar que seja rentável. Pelo menos, essa seria uma forma de recuperar parte do dinheiro. Acho que é possível que decidam manter o Badis aberto.

— Seria uma vergonha fechá-lo depois do excelente trabalho de remodelação que foi feito.

— Concordo — disse Patrik, dando uma grande dentada num bolo de canela.

— Como é que Matte soube que havia algo que não batia certo? Tu disseste que o marido de Annika não encontrou irregularidades. Parece estranho que ninguém da autarquia tenha tido sequer a mais pequena suspeita.

— De acordo com Anders, Mats não tinha certeza, mas começou a interrogar-se se não haveria alguma coisa errada. Na sexta-feira antes de ir ter com Nathalie à ilha, Mats passou no Badis e teve uma conversa com Anders. Fez uma data de perguntas. Por exemplo, queria saber porque é que havia tantas faturas de fornecedores por pagar. Também perguntou quando é que os fundos que Anders e Vivianne tinham prometido investir iam chegar. E de onde vinha o dinheiro. Mats queria os nomes dos contatos para poder verificar os fundos. Anders ficou bastante preocupado. Se Mats não tivesse sido morto, provavelmente teria descoberto o verdadeiro estado das finanças do Projeto Badis e exposto Anders e Vivianne como os vigaristas que são.

Erica assentiu. De repente fez um ar triste.

— Como está Nathalie?

— Vai ser avaliada por um psiquiatra forense e acho que há muito poucas probabilidades de ir parar à prisão. Provavelmente vai ser internada numa instituição psiquiátrica. Pelo menos era isso que devia acontecer.

— Porque é que fomos todos tão estúpidos? Porque é que não percebemos o que estava a acontecer?

— Erica pousou o bolo de canela. De repente tinha perdido o apetite.

— Como é que haveríamos de saber? Ninguém sabia que Sam estava morto.

— Mas como é que o menino morreu? — Erica engoliu em seco. Sentiu o estômago às voltas só de pensar em Nathalie a viver naquela casa durante mais de duas semanas enquanto o cadáver do filho se ia decompondo lentamente. Sentiu um misto de horror e compaixão.

— Não sabemos. E o mais certo é nunca virmos a saber. Mas falei com Konrad ontem à noite e descobriram que havia outra mulher que ia viajar para Itália com o marido de Nathalie e Sam. Falaram com a mulher e souberam que estava planeado que acompanhasse Wester, ao passo que Nathalie ia desaparecer de cena.

— E a mulher sabia como é que o marido de Nathalie estava a pensar fazer isso?

— Wester ia utilizar o facto de Nathalie ser dependente de cocaína para chantageá-la. Ameaçou Nathalie com a perda da custódia de Sam se não se afastasse voluntariamente.

— Que grade sacana!

— Isso é dizer pouco. O mais certo é ter confrontado Nathalie com o plano na noite anterior à partida para a Itália. A polícia encontrou dois tipos de sangue quando examinou a cama do casal. É provável que Sam tenha ido até o quarto e se tenha enfiado na cama com o pai. Assim, quando Nathalie crivou a cama e o marido de balas, bem... não sabia que o filho também lá estava.

— Imagina descobrir que matamos o nosso próprio filho.

— Não consigo pensar em nada pior. Provavelmente foi tão traumático para Nathalie que ela perdeu completamente a noção da realidade e recusou-se a aceitar que Sam estava morto.

Por um momento, nenhum deles falou. De repente, Erica parecia confusa.

— Mas porque é que a amante não chamou a polícia quando Wester não apareceu?

— Fredrik Wester não era exatamente conhecido por ser uma pessoa de confiança. Por isso, quando não apareceu, a mulher presumiu que ele a deixara. Segundo Konrad, deixou algumas mensagens furiosas no gravador de chamadas de Fredrik.

Erica já tinha avançado para outro assunto.

— Matte deve ter encontrado Sam.

— Sim. E a cocaína. As impressões digitais de Nathalie estão no saco e na porta do apartamento de Mats. Uma vez que não conseguimos falar com Nathalie, não sabemos ao certo, mas parece provável que Mats tenha descoberto que Sam estava morto e que também tenha encontrado a cocaína na madrugada de sábado. Depois terá obrigado Nathalie a vir a Fjällbacka para falar com a polícia.

— E Nathalie teve de matá-lo, de modo a proteger a sua crença ilusória de que Sam estava vivo.

— Sim. E isso custou a vida a Mats. — Patrik olhou pela janela. Também sentiu enorme compaixão por Nathalie, apesar de ter morto três pessoas, incluindo o próprio filho.

— Será que agora Nathalie já sabe?

— Disse aos médicos que agora Sam está com os espíritos em Gråskär. Disse que lhes devia ter dado ouvidos mais cedo e deixado o filho ir com eles. Por isso, acho que agora já sabe.

— O menino foi encontrado? — perguntou Erica, hesitante. Nem queria pensar no terrível estado em que o corpo da criança devia estar. Já tinha sido suficientemente mau ter sentido aquele cheiro pavoroso dentro da casa.

— Não. Desapareceu no mar.

— Como será que conseguia suportar o cheiro? — Erica quase ainda podia senti-lo nas narinas e apenas tinha lá estado pouco tempo. Nathalie tinha vivido com aquilo mais de duas semanas.

— A psique humana é estranha. Não é a primeira vez que alguém vive com um cadáver durante semanas, meses ou mesmo anos. A negação é uma força muito poderosa. — Patrik bebeu um pouco de café.

— Pobre criança — suspirou Erica. Depois de uma pausa, disse: — Achas que os rumores têm algum fundamento?

— Como assim?

— Então, aquilo que as pessoas dizem sobre Gråskär, ou Ilha dos Espíritos, que os mortos nunca deixam a ilha.

Patrik sorriu.

— Não. Agora deixaste-me preocupado. Espero que o golpe na cabeça não te tenha afetado o cérebro. É uma história da carochinha. Não passam de histórias de fantasmas. Nada mais do que isso.

— Talvez tenhas razão — disse Erica, embora não parecesse totalmente convencida. Pensava nos artigos de jornal que tinha mostrado a Nathalie, sobre o faroleiro e a família que tinham desaparecido da ilha sem deixar rastro. Talvez ainda lá estivessem.

Nathalie sentia-se tão estranhamente vazia por dentro. Sabia o que tinha feito, mas não sentia nada. Nem pena nem dor. Apenas o vazio.

Sam estava morto. Os médicos tinham tentado contar com todos os cuidados, mas Nathalie já sabia. No momento em que a água se fechou sobre a cabeça de Sam, compreendeu. As vozes tinham-na finalmente alcançado e feito com que o soltasse, convencendo-a de que seria melhor deixá-lo juntar-se a eles. Iriam cuidar bem dele. E estava feliz por lhes ter dado ouvidos.

Quando o barco a levou de Gråskär, virou-se para dar uma última olhadela à ilha e ao farol. Os mortos estavam de pé sobre as rochas, a olhar para ela. Sam estava com eles, ao lado da mulher. Do outro lado estava o filho. Dois garotinhos. Um moreno, o outro louro. Sam parecia feliz e, com o olhar, assegurou-lhe que estava bem. Nathalie ergueu a mão para acenar, mas depois baixou-a. Não podia suportar dizer-lhe adeus. Doía-lhe demasiado que Sam já não estivesse com ela. Agora fazia parte deles. De Gråskär.

O quarto onde estava era pequeno, mas luminoso. Havia uma cama e uma mesa. Passava a maior parte do tempo sentada na cama. Ocasionalmente era obrigada a falar com alguém, um homem ou uma mulher. Ambos lhe falavam com simpatia quando lhe faziam perguntas a que nem sempre era capaz de responder. Mas, com o passar dos dias, começou a ver as coisas mais claramente. Era como se tivesse estado a dormir e agora houvesse despertado. Lentamente, estava a ser forçada a distinguir entre o que tinha sido um pesadelo e o que era realidade.

A voz desdenhosa de Fredrik era real. Tinha-se divertido a deixá-la fazer as malas para irem para Itália para depois lhe dizer que ia sem ela. E que a outra mulher o ia acompanhar em seu lugar. Se Nathalie protestasse, Fredrik diria às autoridades que era viciada em cocaína e então perderia a custódia de Sam. Aos seus olhos, Nathalie não passava de uma mulher fraca. Descartável.

Mas Fredrik tinha-a subestimado. Nathalie foi até a cozinha e sentou-se no escuro, à espera que Fredrik se fosse deitar. O marido tinha uma vez mais tido o prazer de esmagá-la e de levar a melhor sobre ela. Dessa vez, porém, Fredrik cometera um erro grave. Nathalie podia ter sido fraca antes de Sam nascer, e ainda o era, até certo ponto. Mas o seu amor pelo filho tinha-a tornado mais forte do que Fredrik jamais seria capaz de entender. Nathalie sentou-se num dos bancos altos da cozinha, com as mãos repousando sobre o mármore frio da bancada, à espera que Fredrik adormecesse. Depois foi buscar a pistola dele, subiu as escadas e, com mão firme, disparou uma e outra vez para a cama. E soube-lhe bem. Aquilo parecia o mais acertado a fazer.

Só quando foi ao quarto de Sam e viu que a cama do filho estava vazia é que o pânico a dominou e uma névoa caiu lentamente sobre ela. Soube logo onde o filho devia estar. No entanto, quando levantou o cobertor e viu o seu pequeno corpo manchado de sangue, o choque foi tão grande que se deixou cair no tapete grosso. A névoa intensificou-se e, embora soubesse que estava a viver num sonho, ainda sentia que Sam estava vivo.

E também havia Matte. Agora lembrava-se de tudo. A noite que passaram juntos e a sensação do seu corpo contra o dela, tão familiar e tão imensamente agradável. Lembrava-se de como se sentira segura e de como um possível futuro se interligava ao passado que tinham partilhado, apagando tudo o que acontecera

entretanto.

Depois ouvira os ruídos no rés-do-chão. Acordou e descobriu que Matte se tinha ido embora. O calor do corpo dele ainda lá estava e Nathalie percebeu que Matte devia ter acabado de sair da cama. Envolveu-se num cobertor, desceu as escadas e viu o olhar de desapontamento dele. Tinha na mão o saco de cocaína. Nathalie pusera-o numa gaveta que afinal não fechou como devia ser. Queria explicar, mas as palavras não saíam. Não tinha qualquer desculpa e Matte jamais compreenderia aquilo.

Enrolada num cobertor e descalça no chão frio de madeira, Nathalie vira Matte a abrir a porta do quarto de Sam. Então, Matte virou-se e lançou-lhe um olhar assustado. Disse-lhe que se vestisse, porque tinham de ir a Fjällbacka pedir ajuda. Aconteceu tudo muito depressa e Nathalie fez tudo o que Matte lhe dissera. No sonho, no mundo que não era real, Nathalie tinha-se oposto com todas as suas forças a deixar Sam para trás na ilha. Mas nenhum dos dois dissera uma palavra enquanto atravessavam a baía no barco de Matte.

Quando chegaram a Fjällbacka, entraram no carro dele. A mente de Nathalie parecia estranhamente desprovida de qualquer pensamento além da preocupação com Sam. E do facto de mais uma vez estar a acontecer algo que o levaria para longe dela. Sem pensar, pegara na mala quando saíram de casa e levava-a com ela. Sentada no carro, Nathalie podia sentir o peso da pistola no interior.

Enquanto caminhavam em direção ao prédio de Matte, um zumbido insistente tinha começado a soar dentro da sua cabeça. No meio de uma névoa, viu Matte a atirar o saco de papel para um caixote do lixo. Já no vestíbulo do apartamento, enfiou a mão na mala e sentiu o aço frio nos dedos. Matte não se virara. Se o tivesse feito e se Nathalie o tivesse olhado nos olhos, talvez se conseguisse conter. Mas Matte estava a afastar-se, de costas voltadas para ela, e Nathalie ergueu a mão, empunhando a pistola com o dedo no gatilho. Um estampido ensurdecedor, um baque. E depois o silêncio absoluto.

Tinha de voltar para Sam. Não pensava em mais nada. Regressou ao cais, levou o barco de Matte até a ilha e a seguir deixou que se afastasse. Depois disso já não havia nada que a impedisse de estar outra vez com Sam. A névoa apoderou-se da sua mente. O resto do mundo desapareceu. Só restavam Sam e Gråskär, e a convicção de que tinham de sobreviver. Aquele era o seu único refúgio. Além disso, apenas restava o vazio.

Nathalie sentou-se na cama, olhando em frente. Imaginou Sam de mão dada com a mulher. Agora, eles iam tomar conta do filho. Haviam-lho prometido.

FJÄLLBACKA, 1875

— MAMÃE!

EMELIE INTERROMPEU INSTANTANEAMENTE O QUE FAZIA. DEIXOU A PANELA CAIR NO CHÃO E PRECIPITOU-SE PARA FORA DE CASA. O MEDO FLUTUAVA COMO UM PASSARINHO DENTRO DO SEU CORAÇÃO.

— GUSTAV, ONDE ESTÁS? — EMELIE OLHOU EM REDOR.

— MAMÃE, VEM CÁ!

EMELIE PERCEBIA AGORA QUE O FILHO A CHAMAVA DA PRAIA. LEVANTOU A PESADA SAIA DE LÃ E CORREU PELAS ROCHAS QUE FORMAVAM UMA CRISTA NO MEIO DA ILHA. DO ALTO DAS ROCHAS ELA O VIU. ESTAVA SENTADO À BEIRA-MAR SEGURANDO O PÉ E CHORAVA. EMELIE CORREU ATÉ O FILHO E AJOELHOU-SE A SEU LADO.

— DÓI — SOLUÇOU, APONTANDO PARA O PÉ. UM GRANDE PEDAÇO DE VIDRO DESPONTAVA DA SOLA.

— PRONTO... — DISSE, TENTANDO ACALMAR GUSTAV ENQUANTO PENSAVA NO QUE FAZER. O FRAGMENTO ESTAVA BEM ENTERRADO NA CARNE. DEVERIA RETIRÁ-LO AGORA OU ESPERAR ATÉ TER ALGO PARA COBRIR?

DECIDIU-SE RAPIDAMENTE.

— VAMOS VER TEU PAI. — EMELIE OLHOU PARA O FAROL. KARL TINHA IDO PARA LÁ ALGUMAS HORAS PARA AJUDAR JULIAN. NÃO COSTUMAVA PEDIR CONSELHOS AO MARIDO, MAS NÃO SABIA AO CERTO O QUE SE DEVIA FAZER NUMA SITUAÇÃO DAQUELAS.

PEGOU EM GUSTAV, QUE CONTINUAVA A CHORAR BABA E RANHO. LEVOU-O AO COLO COMO SE FOSSE UM BEBÊ E TEVE O CUIDADO DE VER ONDE PUNHA OS PÉS. NÃO ERA FÁCIL LEVÁ-LO ASSIM, AGORA QUE JÁ ESTAVA TÃO CRESCIDO.

AO SE APROXIMAREM DO FAROL, EMELIE CHAMOU KARL, MAS O MARIDO NÃO RESPONDEU. A PORTA ESTAVA ABERTA, PROVAVELMENTE PARA DEIXAR ENTRAR UM POUCO DE AR FRESCO. ÀS VEZES FICAVA UM CALOR INSUPORTÁVEL LÁ DENTRO, QUANDO O SOL ESTAVA MAIS FORTE E INCIDIA DIRETAMENTE NO FAROL.

— KARL! — CHAMOU OUTRA VEZ. — PODES VIR AQUI, POR FAVOR?

ERA NORMAL QUE KARL A IGNORASSE E EMELIE PERCEBEU QUE TERIA DE FAZER O ESFORÇO DE SUBIR AO FAROL PARA ENCONTRÁ-LO. NÃO PODIA LEVAR GUSTAV PELAS ESCADAS ÍNGREMES, POR ISSO POUSOU-O CUIDADOSAMENTE NO CHÃO, ACARICIANDO-LHE TERNAMENTE A FACE.

— VENHO JÁ. VOU LÁ ACIMA CHAMAR O TEU PAI.

O MENINO LANÇOU-LHE UM OLHAR ESPERANÇOSO E DEPOIS ENFIOU O POLEGAR NA BOCA.

EMELIE JÁ ESTAVA SEM FÔLEGO DEPOIS DE TER CARREGADO GUSTAV DESDE A COSTA E TENTOU RESPIRAR PAUSADAMENTE ENQUANTO SUBIA AS ESCADAS. NO PATAMAR, PAROU E ERGUEU OS OLHOS. DE INÍCIO NÃO CONSEGUIA COMPREENDER O QUE ESTAVA A VER. PORQUE É QUE OS DOIS HOMENS ESTAVAM DEITADOS NA CAMA? E PORQUE É QUE ESTAVAM COMPLETAMENTE NUS? EMELIE FICOU ALI ESPECADA, CONGELADA, E OLHOU. NENHUM DOS HOMENS A TINHA OUVIDO. ESTAVAM COMPLETAMENTE CONCENTRADOS UM NO OUTRO, NO SÍTIO PROIBIDO DOS SEUS CORPOS, E EMELIE VIU COM CRESCENTE ESPANTO QUE ESTAVAM ACARICIANDO UM AO OUTRO.

ARFOU EM BUSCA DE AR E, NESSE MOMENTO, KARL E JULIAN REPARARAM NELA. KARL ERGUEU OS OLHOS E, POR UM SEGUNDO, OS OLHOS DE AMBOS SE ENCONTRARAM.

— ESTÃO PECANDO! — AS PALAVRAS DA BÍBLIA ARDIAM DENTRO DELA. AS ESCRITURAS SAGRADAS PROIBIAM TAIS COISAS. KARL E JULIAN TRARIAM A DESGRAÇA E O OPRÓBRIO SOBRE SI MESMOS E TAMBÉM SOBRE ELA E GUSTAV. DEUS AMALDIÇOARIA TODOS OS HABITANTES DE GRÅSKÄR SE NÃO EXPIASSEM OS SEUS PECADOS.

KARL CONTINUAVA CALADO, MAS ERA COMO SE PUDESSE VER ATRAVÉS DELA E SOUBESSE O QUE EMELIE ESTAVA A PENSAR. OLHOU-A COM FRIEZA E EMELIE OUVIU OS ESPÍRITOS COMEÇAREM A SUSSURRAR. DISSERAM-LHE PARA FUGIR, MAS OS PÉS RECUSAVAM-SE A OBEDECER-LHE. ERA INCAPAZ DE MOVER-SE OU DE AFASTAR OS OLHOS DOS CORPOS SUADOS E NUS DE JULIAN E DO MARIDO.

AS VOZES SOARAM CADA VEZ MAIS ALTO E SENTIU QUE ALGUÉM A ACOTOVELAVA PARA A INCITAR A VOLTAR A MOVER-SE. DESCEU AS ESCADAS A CORRER E PEGOU EM GUSTAV, QUE SOLUÇAVA. COM UMA FORÇA QUE DESCONHECIA POSSUIR, EMELIE CORREU SEM SABER PARA ONDE ESTAVA A IR. OUVIU KARL E JULIAN NA SUA PEUGADA E SABIA QUE NÃO SERIA CAPAZ DE CORRER MAIS DEPRESSA

DO QUE ELES. A CASA NÃO SERIA UM REFÚGIO SEGURO. MESMO QUE CONSEGUISSSE ENTRAR E TRANCAR A PORTA, OS DOIS HOMENS PODERIAM FACILMENTE ARROMBÁ-LA OU ENTRAR POR UMA JANELA.

— EMELIE! PARA! — GRITOU KARL ATRÁS DELA.

UMA PARTE DELA QUERIA FAZER EXATAMENTE ISSO. PARAR E DESISTIR. E TÊ-LO-IA FEITO, SE APENAS TIVESSE DE PENSAR EM SI PRÓPRIA. MAS CONTINUOU POR CAUSA DE GUSTAV, QUE AGORA CHORAVA DE MEDO NOS SEUS BRAÇOS. EMELIE NÃO ACREDITAVA QUE O POUPARIAM. GUSTAV NUNCA SIGNIFICARA NADA PARA KARL. O MENINO SÓ EXISTIA PARA APLACAR O PAI DELE, PARA CONVENCÊ-LO DE QUE TUDO ERA COMO DEVERIA SER.

HÁ MUITO TEMPO QUE EMELIE NÃO PENSAVA EM EDITH, A SUA CONFIDENTE DURANTE OS ANOS QUE PASSARA NA QUINTA. DEVIA TER DADO OUVIDO AOS AVISOS DA AMIGA, MAS ERA JOVEM E INGÉNUA E NÃO QUERIA VER O QUE ERA CLARO COMO A ÁGUA PARA EDITH. JULIAN FORA O MOTIVO PELO QUAL KARL TINHA VOLTADO TÃO ABRUPTAMENTE DO FAROL PARA CASA E FORA FORÇADO A CASAR COM A PRIMEIRA RAPARIGA DISPONÍVEL. ATÉ UMA CRIADA DA QUINTA ERA SUFICIENTEMENTE BOA PARA SALVAR A REPUTAÇÃO DA FAMÍLIA. E TUDO TINHA SIDO ORGANIZADO DE ACORDO COM OS DESEJOS DOS PAIS DELE. O ESCÂNDALO PROVOCADO PELO FILHO MAIS NOVO NUNCA VIERA A LUME.

MAS KARL TINHA ENGANADO O PAI. NAS SUAS COSTAS HAVIA CONTRATADO JULIAN PARA SER SEU ASSISTENTE NA ILHA. DECIDIRA QUE VALIA A PENA CORRER O RISCO DE SOFRER NOVAMENTE O PESO DA IRA DO PAI. POR UM MOMENTO, EMELIE SENTIU PENA DE KARL, MAS DEPOIS OUVIU OS PASSOS DOS DOIS HOMENS SE APROXIMANDO E SE LEMBROU DE TODAS AS PALAVRAS DURAS E DAS AGRESSÕES, E DA NOITE EM QUE GUSTAV FORA CONCEBIDO. KARL NÃO PRECISARIA TÊ-LA TRATADO TÃO MAL., MAS POR JULIAN NÃO SENTIA UM PINGO DE COMPAIXÃO. JULIAN TINHA UM CORAÇÃO CRUEL E DIRIGIRA A ELATODO O SEU ÓDIO DESDE O INÍCIO.

NINGUÉM PODIA SALVÁ-LA AGORA, MAS OS PÉS DE EMELIE CONTINUAVAM A FAZÊ-LA AVANÇAR. SE ESTIVESSE APENAS A SER PERSEGUIDA POR KARL, TALVEZ HOUVESSE UMA ESPERANÇA DE TENTAR CHAMÁ-LO À RAZÃO. KARL JÁ FORA UMA PESSOA DIFERENTE, MAS TINHA MUDADO QUANDO SE VIRA FORÇADO A VIVER UMA MENTIRA. MAS JULIAN NUNCA A DEIXARIA ESCAPAR. DE REPENTE, TORNOU-SE MUITO CLARO PARA EMELIE QUE IRIA MORRER NAQUELA

ILHA. ELA E GUSTAV. NUNCA SAIRIAM DALI.

SENTIU UMA MÃO A ESTENDER-SE PARA ELA, VINDA DE TRÁS, QUASE A TOCANDO NO OMBRO. MAS AFASTOU-SE NO MOMENTO CERTO, COMO SE TIVESSE OLHOS NA PARTE DE TRÁS DA CABEÇA. OS ESPÍRITOS A ESTAVAM AJUDANDO. INSTARAM-NA A CORRER PARA A PRAIA, PARA O MAR QUE TINHA SIDO SEU INIMIGO DURANTE TANTO TEMPO. AGORA PERCEBIA QUE O MAR SERIA SUA SALVAÇÃO.

EMELIE CORREU PARA O MAR, CARREGANDO O FILHO NOS BRAÇOS. A ÁGUA SALPICOU-LHE AS PERNAS E, DEPOIS DE AVANÇAR UNS METROS, ERA IMPOSSÍVEL CORRER, E TEVE QUE DIMINUIR O RITMO E COMEÇAR A ANDAR. GUSTAV TINHA OS BRAÇOS EM VOLTA DE SEU PESCOÇO, MAS JÁ NÃO CHORAVA E NEM SEQUER PROTESTAVA, COMO SE COMPREENDESSE.

AO FUNDO, EMELIE OUVIU KARL E JULIAN ENTRANDO NA ÁGUA. TINHA ALGUNS METROS DE VANTAGEM E CONTINUOU A AVANÇAR. A ÁGUA JÁ BATIA EM SEU PEITO E SENTIA QUE O PÂNICO COMEÇAVA A DOMINÁ-LA. NÃO SABIA NADAR. MAS ENTÃO SENTIU QUE A ÁGUA A ABRAÇAVA, A ACOLHÊ-LA E A PROMETER SEGURANÇA.

ALGO A FEZ SE VIRAR. KARL E JULIAN ESTAVAM DENTRO DA ÁGUA A CURTA DISTÂNCIA E A FITAVAM. QUANDO VIRAM EMELIE PARAR, RECOMEÇARAM A AVANÇAR EM SUA DIREÇÃO. EMELIE COMEÇOU A RECUAR. A ÁGUA JÁ CHEGAVA NOS OMBROS DELA E REDUZIA O PESO DE GUSTAV. AS VOZES FALAVAM COM ELA, ACALMANDO-A, DIZENDO QUE TUDO FICARIA BEM. NENHUM MAL LHES ACONTECERIA. ERAM BEM-VINDOS E FICARIAM EM PAZ.

UMA ENORME SERENIDADE APODEROU-SE DE EMELIE. CONFIAVA NELAS. ELAS A ENVOLVIAM DE AMOR. ENTÃO, INSTARAM-NA A VIRAR-SE E CONTINUAR EM DIREÇÃO AO HORIZONTE SEM FIM. ÀS CEGAS, EMELIE OBEDECEU AOS QUE HAVIAM SIDO SEUS ÚNICOS AMIGOS NA ILHA. COM GUSTAV NOS BRAÇOS, DIRIGIU-SE COM ESFORÇO PARA ONDE SABIA QUE AS CORRENTES ERAM MAIS FORTES E O FUNDO DO MAR SE INCLINAVA ABRUPTAMENTE. KARL E JULIAN OS SEGUIAM, AVANÇANDO EM DIREÇÃO AO HORIZONTE E PESTANEJANDO POR CAUSA DO SOL, SEM TIRAR OS OLHOS DELES.

A ÚLTIMA COISA QUE EMELIE VIU ANTES DE A ÁGUA SE FECHAR SOBRE ELA E GUSTAV FOI KARL E JULIAN SENDO PUXADOS PARA O FUNDO PELAS CORRENTES. E TALVEZ POR OUTRA COISA. MAS TINHA CERTEZA DE QUE NUNCA MAIS VOLTARIA A VÊ-LOS. ELA E GUSTAV FICARIAM EM GRÅSKÄR, MAS AQUELES DOIS NÃO. SÓ HAVIA UM

LUGAR PARA KARL E JULIAN: O INFERNO.

FIM

Agradecimentos

Minha editora sueca, Karin Linge Nordh, e minha revisora, Matilda Lund, têm sido ambas de uma ajuda extraordinária, como é habitual. Nunca serei capaz de agradecer o suficiente pelo trabalho que tiveram. Todos os outros integrantes da Bokförlaget Forum também me apoiaram de inúmeras maneiras e mostraram entusiasmo incansável em relação ao livro.

A Nordin Agency representa-me de forma soberba na Suécia e no resto do mundo. Joakim Hansson assumiu a batuta da Bengt Nordin e continua a dirigir tudo de forma incrível. Também estou tremendamente feliz por Bengt continuar a estar presente na minha vida. Antes era o meu agente, agora é um amigo.

Nenhum dos meus livros teria sido escrito sem a ajuda que recebi para cuidar dos meus filhos. Como sempre, quero agradecer à minha mãe, Gunnel Läckberg, assim como ao meu ex-marido, e agora bom amigo, Micke Eriksson, que nunca hesita em ajudar. A minha ex-sogra e avó dos meus filhos, Mona Eriksson, também tem contribuído para o processo criativo com as suas deliciosas almôndegas suecas que, graças a Deus, ainda continuam a chegar a nossa casa.

Também quero agradecer a Emma e a Sunit Mehrotra por nos terem emprestado a sua casa maravilhosa durante uma semana no inverno passado. Escrevi muitas páginas de A Ilha dos Espíritos enquanto lá estávamos, com o sol a brilhar e a neve a reluzir lá fora, enquanto no interior o fogo crepitava na lareira. Agradeço também aos meus sogros, Agneta von Bahr e Jan Melin. As vossas atenções e o vosso apoio significaram muitíssimo durante a escrita deste livro.

Como sempre, a polícia de Tanumshede tem sido uma fonte de inspiração e todos me incentivaram entusiasticamente. O mesmo pode ser dito dos cidadãos de Fjällbacka, que continuam a adorar me ver espalhando cadáveres por toda a sua pequena cidade.

Christina Saliba e Hanna Jonasson Drotz, da Weber Shandwick, ofereceram novas ideias e sugestões, o que deu azo a uma colaboração estimulante. Também me ajudaram a concentrar-me no que é mais importante para mim: escrever.

Tive a ajuda de muitas pessoas para a investigação e a verificação dos factos que foram uma parte essencial deste livro. Gostaria de agradecer a todas elas, sobretudo a Anders Torevi, Karl-Allen Nordblom, Christine Fredriksen, Anna Jeffords e Maria Farm. Niklas Bernstone deu um contributo importante ao viajar

entre as ilhas para tirar a fotografia perfeita de um farol para a capa da edição sueca.

E os meus agradecimentos a todos os leitores do meu blog. Que grande fonte de energia positiva têm sido!

Obrigada aos meus amigos, que aturaram os intensos períodos de escrita em que quase desapareço da face da Terra. Por incrível que pareça, ainda lá estão quando saio da toca, algo que sem dúvida não mereço, já que às vezes passam meses sem uma única palavra minha. E os meus agradecimentos a Denise Rudberg, que tem sempre tempo para ouvir e incentivar — quer se trate das agruras da escrita ou de todos os outros assuntos que abordamos quase diariamente nas nossas conversas telefônicas.

Os meus livros e tudo o que acontece na minha vida como escritora não significariam nada sem meus filhos: Wille, Meja e Charlie. Nem sem meu maravilhoso Martin. É não só o meu amor, mas também o meu melhor amigo. Obrigada a todos por me apoiarem

Camilla Läckberg

Enskede, 29 de junho de 2009

www.camillalackberg.com

C

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1](#)

[FJÄLLBACKA, 1870](#)

[2](#)

[FJÄLLBACKA, 1870](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[FJÄLLBACKA, 1870](#)

[6](#)

[FJÄLLBACKA, 1870](#)

[7](#)

[FJÄLLBACKA, 1870](#)

[8](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[9](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[10](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[11](#)

[12](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[13](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[14](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[15](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[16](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[17](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[18](#)

[FJÄLLBACKA, 1871](#)

[19](#)

[FJÄLLBACKA, 1873](#)

[20](#)

[FJÄLLBACKA, 1875](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[FJÄLLBACKA, 1875](#)

[Agradecimentos](#)